

ANAIIS CINTERGEO 2019





- II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO
- VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES
- VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

Apresentação

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB, através dos Grupos de Pesquisa GEOTEC – Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade e GIPRES – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade, promoveram nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2019 o evento CINTERGEO – Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias que reuniu também, além da segunda edição do congresso, o VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES e o VII Encontro de Pesquisadores da Rádio – RÁDIO como eventos integrados. A articulação entre os três eventos teve o objetivo de promover reflexões e difundir práticas pedagógicas e de pesquisa relativas às intervenções na Educação, em especial, no que concerne às temáticas contemporâneas: Geotecnologias, Representações Sociais e Cartografia para escolares. Essa interlocução entre os Grupos de Pesquisa, seus professores, pesquisadores e comunidade científica visa aproximar a Universidade das ações e experiências promovidas na Educação Básica.

Nos dias 27 e 28 de maio o evento foi realizado no IAT – Instituto Anísio Teixeira; já no dia 29 de maio, as ações direcionadas aos pesquisadores juniores/estudantes da Educação Básica ocorreram no Colégio Estadual Polivalente do Cabula e no Colégio Estadual Governador Roberto Santos, em um evento especialmente voltado à apresentação de trabalhos desses pesquisadores: o VII Encontro de Pesquisadores da Rádio – os resumos dessas investigações também estão publicados nestes Anais.

A programação do evento buscou atender ao interesse de estudantes do ensino básico e superior, professores, pesquisadores e demais interessados em evidenciar a importância da educação e suas práticas no contexto contemporâneo. Essa programação contemplou apresentações orais de trabalhos (submetidos em formato de resumo ou resumo expandido a depender do evento integrado associado), pôsteres, palestras, apresentações culturais, entre outros. Um grupo selecionado de pesquisadores de instituições nacionais e internacionais – Portugal, México, e Chile – atendeu ao convite de participação e promoveu trocas de experiências com os pesquisadores locais, relacionadas ao entrelaçamento de suas investigações e a temática proposta desta edição do evento.

Organização CINTERGEO



Corpo Editorial e Expediente

Comitê Científico

II CINTERGEO

Prof. Msc. Antonio Carlos Fontes Atta (UNEB)
Prof. Msc. Andrea Ferreira Lago (UNEB)
Prof. Msc. Adelson Silva Da Costa (CPM-BA)
Prof. Dr. André Luiz Souza Da Silva (UNEB)
Prof^a Dr^a Fabiana dos Santos Nascimento (SMED-SSA)
Prof^a Msc. Gerusa Soares Pinheiro (UNEB)
Prof. Msc. Gilmário Gois de Souza (UFBA)
Prof. Msc. Inaiá Brandão Pereira (SEC-BA)
Prof. Dr. José Antônio Carneiro Leão (UNEB)
Prof^a Dr^a Josemeire Machado Dias (UNEB)
Prof^a Msc. Kátia Soane Santos Araújo (SMED-SSA)
Prof. Dr. Leandro Pessoa Vieira (SEC-BA)
Prof^a Dr^a Nilma Soares da Silva (UFMG)
Prof^a Msc. Patrícia de Almeida Moura (SMED-SSA)
Prof^a Msc. Regis Glauciane Santos De Souza (SMED-SSA)
Prof^a Msc. Rosângela Patrícia de Souza Moreira (IFBA)
Prof. Msc. Tarsis De Carvalho Santos (UNEB)

VI SIMCAES

Prof^a Msc. Naurelice Maia de Melo (UNEB)
Prof^a Msc. Nívia Bomfim Rodrigues (UNEB)
Prof. Msc. Nadilson Ribeiro De Siqueira (UNEB)
Prof^a Msc. Jeanne Lopes Santana (UNEB)
Prof^a Msc. Sílvia Letícia Costa Pereira Correia (SMED-SSA)
Prof^a Msc. Roberta Pereira Souza do Carmo (SMED-SSA)
Prof. Msc. Leandro Gileno Militão Nascimento (SMED-SSA)
Prof^a Dr^a Helaine Pereira de Souza (SMED-SSA)
Prof^a Msc. Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo (UNEB)
Prof^a Msc. Rosângela Bastos Oliveira (UNEB)

VII Encontro da RÁDIO

Prof^a Msc. Claudia Cavalcante Cedraz Caribé de Oliveira (SEC-BA)
Prof^a Esp. Cidicléia Gomes Da Silva Santos (CPM-BA)
Prof^a Msc. Rosângela Patrícia De Sousa Moreira (IFBA)
Prof^a Esp. Dayanne De Oliveira Azevedo (SMED-SSA)
Prof. Esp. Rêmuldo Veloso dos Santos (CPM-BA)
Prof^a Msc. Imaira Santa Rita Regis (SEC-BA)
Prof^a Msc. Maria Lívia Astolfo Coutinho (UNEB)



CINTERGEO
Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias
27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO
VI Simpósio de Cartografia para Escolares - SIMCAES
VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

Prof^a Msc. Priscila Lopes Nascimento (CPM-BA)
Prof. Msc. Osvaldo Henrique Oliveira de Jesus (SEC-BA)
Prof^a Msc. Nina Flora Miranda Lucas (SMED-SSA)
Prof. Msc. Esiel Pereira Santos (SEDUC-SFC)

Coordenação Geral do Evento

Prof^a Dr^a Fabiana dos Santos Nascimento (SMED-SSA)
Ana Vitória Paixão Silva (UNEB)

Organização (Coordenações de Comissões)

Prof. Andre Luiz Souza da Silva
Prof. Antonio Carlos Fontes Atta
Prof^a Gerusa Soares Pinheiro
Prof. Inaiá Brandão Pereira
Prof^a Josemeire Machado Dias
Prof^a Maria Auxiliadora Ribeiro Silva
Prof^a Patrícia De Almeida Moura
Prof^a Silvia Letícia Costa Pereira Correia
Natalícia Lima Barbosa

Periodicidade

O CINTERGEO é um evento bienal

Contato

GEOTEC
Grupo de Geotecnologias,
Educação e Contemporaneidade

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus I
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula – Salvador-BA
CEP 41.150-000
Prédio da Pós-Graduação em Educação – GEOTEC

E-mail: cintergeo@uneb.br

ISSN 2674-7227



NORMAS PARA A SUBMISSÃO DE RESUMO EXPANDIDO

Cada pesquisador poderá submeter até 2 trabalhos um como autor e o outro como coautor. Cada trabalho pode ter no máximo 1 autor e 2 coautores (até 3 nomes responsáveis pela autoria do trabalho). Para qualquer forma de participação deverá ser enviada no formato de **resumo expandido**, verificar modelo do arquivo (*template*) [no site do CINTERGEO](#), com a seguinte organização e apresentação:

1. O texto dos originais deve ser organizado em Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão, Conclusões e Referências.
2. O resumo expandido deverá ocupar, no mínimo, três e, no máximo, cinco laudas, incluindo Texto, Tabelas e/ou Figuras.
3. O texto deverá ser formatado para um tamanho de página A-4, com margens superior, inferior, esquerda e direita de 2,5 cm. Deve ser empregada fonte Time New Roman, corpo 12, exceto no título, e justificado. O espaçamento entre as linhas deverá ser 1,5.
4. As citações de artigos (referências) no texto devem seguir as normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.
5. Citações de trabalhos extraídos de Resumos e Abstracts, publicações no prelo e comunicação pessoal não são aceitas na elaboração do resumo expandido.
6. A nomenclatura científica deve ser citada segundo os critérios estabelecidos nos Códigos Internacionais em cada área. Unidades e medidas devem seguir o Sistema Internacional.
7. O texto deverá iniciar com o TÍTULO do trabalho em letras maiúsculas, utilizando fonte Times New Roman, corpo 14, em negrito, centralizado com, no máximo, 20 palavras.
8. Após duas linhas (espaços) do Título, devem aparecer os Nomes Completos dos Autores, separados por ponto e vírgula, em fonte Time New Roman, corpo 12, alinhados à direita e grafados somente com as primeiras letras maiúsculas. Fazer chamada (nota de rodapé) com número arábico sobrescrito para cada autor, após o último sobrenome, para indicar as instituições a qual está vinculada (universidades, centro, departamento, núcleos, laboratórios, grupos de pesquisa) e o endereço eletrônico (e-mail).
9. A seção **Resumo** deve ter no mínimo 100 (cem) e no máximo 250 (duzentas e cinquenta) palavras, com breves e concretas informações sobre a justificativa, os objetivos, métodos, resultados e conclusões do trabalho. Deverá ser iniciado imediatamente abaixo da palavra **Resumo**. Não deve conter referências bibliográficas. O Resumo deve ser apresentado com parágrafo único.
10. Logo após o **Resumo**, seguindo-se à expressão "Palavras-chave:" e, na mesma linha que ela, serão incluídas, no mínimo, três e, no máximo, cinco, expressões em português relacionadas ao tema do trabalho, separadas por ponto.

11. A seção **Introdução** deve ser breve e conter, no máximo, 1000 (um mil) palavras. Justificar o problema estudado de forma clara, utilizando-se revisão de literatura. O último parágrafo deve conter os objetivos do trabalho realizado.
12. A seção **Metodologia** deve ser concisa, mas suficientemente clara, de modo que o leitor entenda e possa reproduzir os procedimentos utilizados. Deve conter as referências da metodologia de estudo e/ou análises laboratoriais empregadas. Não deve exceder 1000 (um mil) palavras.
13. A seção **Resultados e Discussão** deve conter os dados obtidos, até o momento, podendo ser apresentados, também, na forma de Tabelas e/ou Figuras. A discussão dos resultados deve estar baseada e comparada com a literatura utilizada no trabalho de pesquisa, indicando sua relevância, vantagens e possíveis limitações.
14. **As Tabelas e/ou Figuras** (fotografias, gráficos, desenhos) devem ser elaboradas de forma a apresentar qualidade necessária à boa reprodução. Devem ser inseridas no texto e numeradas com algarismos arábicos. Nas Tabelas ou Quadros (sem negrito), o título deve ficar acima e nas Figuras (sem negrito), o título deve ficar abaixo. É recomendável evitar a apresentação dos mesmos dados na forma de Figuras e Tabelas.
15. A seção **Conclusões** deve ser elaborada com o verbo no presente do indicativo, em frases curtas, sem comentários adicionais (Resultados e Discussão), e com base nos objetivos e resultados do Resumo Expandido. Não deve exceder 200 (duzentas) palavras.
16. Na seção **Referências** devem ser listados apenas os trabalhos mencionados no texto, em ordem alfabética do sobrenome, pelo primeiro autor. Dois ou mais autores, separar por ponto e vírgula. Os títulos dos periódicos não devem ser abreviados. A ordem dos itens em cada referência deve obedecer às normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.



CINTERGEO
Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias
27, 28 e 29 de maio de 2019

- II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO
- VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES
- VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

NORMAS PARA A SUBMISSÃO DE RESUMOS SIMPLES

1. INSCRIÇÕES

As submissões de trabalhos são gratuitas e realizadas no site do Evento CINTERGEO. O pesquisador deve anexar o arquivo do trabalho em formato PDF, selecionando uma das formas de submissão – Comunicação Científica Nível I ou Comunicação Científica Nível II e determinando um dos eixos temáticos: Lugar e Dinâmicas Socioespaciais; História e Memória; Arte, Cultura e Sociedade; Processos Tecnológicos. Esta forma de resumo é destinada apenas aos Estudantes Pesquisadores da Educação Básica.

2. NORMAS

Os participantes deverão obedecer às normas descritas no Edital do Evento Encontro da RÁDIO 2019

2.1 Dos níveis de participação

- Nível I - Alunos do Ensino Fundamental I e II
- Nível II - Alunos do Ensino Médio

2.2 Das submissões

2.2.1 Norma para Submissão de Resumo Simples - todos os níveis.

O resumo deverá ser submetido por até 02 (dois) pesquisadores e apenas um orientador. Cada pesquisador poderá enviar até dois trabalhos.

a. Modelo de Resumo Simples - Nível I

O resumo em parágrafo único, contendo entre 350 a 500 palavras, sem recuo, título centralizado, 03 palavras chaves, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, margens 3 cm (todas). Os autores e seu orientador deverão ser identificados abaixo do título, e em nota de rodapé: a instituição, formação e o e-mail, conforme modelo disponibilizado no [site do Evento](#).

b. Modelo de Resumo Simples - Nível II

O resumo em parágrafo único, contendo entre 450 a 600 palavras, sem recuo, título centralizado, 03 palavras chaves, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, margens 3 cm (todas). Os autores e seu orientador deverão ser identificados abaixo do título, e em nota de rodapé: a instituição, formação e o e-mail, conforme modelo disponibilizado [no site do Evento](#).

Sumário

1	CINTERGEO – Dinâmicas socioespaciais e educação científica	11
1.1	As nuances da prática docente na Universidade: uma análise das tecnologias da informação e comunicação	12
1.2	Das geotecnologias à geografia das coisas	17
1.3	Educação científica como mobilizadora de processos tecnológicos na Educação Básica	22
1.4	Germinação de sementes e o método científico no ensino médio	28
2	CINTERGEO – Educação prá. pedag. inovadoras e (com)temporaneidade	33
2.1	A categoria região nas obras didáticas de geografia: uma análise a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	34
2.2	A educação em direitos humanos e sua inclusão nas diretrizes curriculares para a Educação Básica no estado da Bahia	39
2.3	A experiência de apresentar para o Ensino Fundamental I um universo em expansão através da narrativa transmidiática	44
2.4	A música e a temática da industrialização: experiências vivenciadas no PIBID no Território do Sisal	51
2.5	A urbanização e a linguagem musical: experiência formativa do PIBID no Território do Sisal	56
2.6	As crianças como pesquisadoras: um relato de experiência sobre uma prática inovadora na educação infantil	61
2.7	As tecnologias móveis e os processos educativos na Escola Hospitalar e Domiciliar	66
2.8	Desenvolvimento do agente inteligente: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental I	71
2.9	Educação 4.0: uma proposta de aprendizagem para o futuro	76
2.10	Educação científica e Base Nacional Comum Curricular: caminhos para a Educação Básica	81
2.11	Educação científica e o princípio da ética pela alteridade	86
2.12	Educação e poder: uma análise dos processos de objetivação e subjetivação a partir de vigiar e punir de Michel Foucault	91
2.13	Estratégias pedagógicas a partir do uso dos <i>mobiles-learning</i> em educação	96
2.14	Formação continuada como prática pedagógica inovadora no projeto Universidade para todos - UPT	101
2.15	Implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Ensino Fundamental II nos Colégios da Polícia Militar da Bahia	106
2.16	Integrar para inovar: os potenciais do multiletramento na Educação Básica	111
2.17	K-mat - o uso da tecnologia no ensino de matemática: uma breve reflexão	118
2.18	Ludicidade geografia escolar e linguagem musical: atuação do PIBIB a partir de intervenções em escolas públicas do Território do Sisal	123
2.19	Maya Andy e Josias: precursores de uma produção discente de quadrinhos no Ensino Fundamental II	128
2.20	O agente inteligente como potencial para o entendimento das dinâmicas socioespaciais: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental I	133
2.21	O aplicativo Photomath como apoio em processos formativos no ensino e aprendizado da matemática	138
2.22	O estágio supervisionado no ensino de geografia: experiências formativas e práticas cartográficas	143

2.23	O poder é de vocês: o uso do desenho animado Capitão Planeta como proposta para o ensino de química sobre chuva ácida	148
2.24	Percepção visual das cores em mapa temático	153
2.25	Processos tecnológicos e formação docente: caminhos para uma mediação pedagógica na educação no/do futuro	158
2.26	Promovendo o empoderamento da língua inglesa e das tecnologias na Educação Básica	163
2.27	Práticas pedagógicas inovadoras no projeto Universidade para Todos - UPT: possibilidade de acesso para estudantes dos meios populares ao Ensino Superior	168
2.28	Práticas pedagógicas nos Colégios da Polícia Militar da Bahia: desafios da interdisciplinaridade	173
2.29	Que comecem os jogos! a batalha (geo)cartográfica como artefato didático-pedagógico no ensino de geografia	178
2.30	Reflexões e práticas pedagógicas para o enfrentamento do racismo em ambiente escolar	183
2.31	Reflexões sobre a utilização dos softwares <i>Google Earth</i> e <i>Maps</i> no ensino de geografia no Ensino Fundamental II do Colégio Municipal José Prado Alves	188
2.32	Tecnologias e infâncias: contribuições para a construção de saberes das crianças do grupo 5 no contexto da creche	194
2.33	Uso do aplicativo Kahoot: uma ferramenta pedagógica para as aulas de química por intermediação tecnológica	200
2.34	Uso do Facebook no ensino de arte mediado por tecnologias	205
3	CINTERGEO – Espaço memória e (geo)tecnologias	210
3.1	+Lugar: integrando o Vicon SAGA com uma aplicação <i>mobile</i> híbrida	211
3.2	A formação identitária dos estudantes do Ensino Médio no Território do Recôncavo Baiano	216
3.3	Arquivo escolar digital e a democratização do acesso à informação	221
3.4	Criação de uma interface web para visualização de ortofoto do campus Centro Politécnico da UFPR	227
3.5	Desenvolvimento de aplicação geoespacial para consulta de rotas em mapa interativo na cidade de Curitiba (PR)	232
3.6	Inserção do mapeamento colaborativo na educação cartográfica em ambiente acadêmico	237
3.7	Ler e escrever na leitura e escrita do mundo: a convergência entre multiletramento e geotecnologias	242
3.8	Memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz: identidade e pertencimento de uma comunidade	247
3.9	Os "nós" da avaliação escolar: implicações de um processo formativo	254
3.10	Os mundos virtuais do Minecraft e o espaço da escola	259
3.11	Por dentro da cidade: um tour pedagógico na perspectiva do entendimento do lugar	265
4	RÁDIO – Arte cultura e sociedade	270
4.1	A influência da capoeira nas relações sociais dos jovens moradores da Timbalada SSA/BA	271
4.2	A música no ambiente escolar	272
4.3	As baianas de acarajé: um símbolo representativo da cultura de Salvador-BA	274
4.4	Automutilação entre os jovens da escola Robertinho	276
4.5	Baianidades - um olhar além do mesmo	277
4.6	Capoeira: a luta pela valorização	279
4.7	Cenário nacional de acesso ao curso de medicina	281
4.8	Depressão infanto juvenil: causas e consequências na vida social dos alunos da Robertinho	282
4.9	Dispositivos de resiliência dos estudantes da Robertinho diante os obstáculos da adolescência	283
4.10	Empoderamento feminino: uma discussão a partir de uma reflexão de raça	285

4.11	Escravidão no Brasil na atualidade: um estudo a partir da comunidade da Timbalada Salvador/BA	286
4.12	Intolerância religiosa: o debate sobre as crenças entre os estudantes da Robertinho	287
4.13	Lar Franciscano e Capela Santa Isabel: ambiente rico em cultura	289
4.14	Medicina veterinária: evolução e importância	291
4.15	Mãos que criam: o bairro do Jacaré e os trançados do artesanato	292
4.16	O alcoolismo na adolescência: uma análise entre os jovens de 13 a 17 anos por meio de aplicativo	294
4.17	O cyberbullying: a internet tocando terror no dia-a-dia dos estudantes da Robertinho	296
4.18	O desenvolvimento da consciência crítica a partir do interesse musical dos jovens da Timbalada SSA/BA	298
4.19	O Pelourinho sob o olhar da arte literária: capitães da areia	300
4.20	Uso do visagismo no desenho da imagem de personagens: um estudo aplicado ao teatro baiano	302
5	RÁDIO – História e memória	304
5.1	A fé as rezas e as ervas em Taperoá-BA	305
5.2	A importância do projeto da Rádio para a Educação Básica um relato do Colégio da Polícia Militar Unidade Lobato	307
5.3	A influência da cultura afro descendente no processo de identidade em Taperoá-BA a partir do samba de roda	309
5.4	Baianas de acarajé: histórias de luta e importância cultural	311
5.5		
5.6	Graer: as histórias e os desafios do policiamento aéreo	314
5.7	Igreja de São Francisco: uma análise do reflexo da sua história e memória na cidade de Salvador-BA	315
5.8	Movimento feminista no Brasil: luta por igualdade de oportunidades	317
5.9	O elevador Lacerda ligando os extremos de Salvador	318
5.10	O grupo Chegança e o reflexo da história e memória da cidade de Taperoá-BA	319
5.11	Polícia Militar da Bahia: há 194 anos construindo memórias	321
6	RÁDIO – Lugar e dinâmicas socioespaciais	322
6.1	A fundação Marcos Vampeta e seu trabalho na cidade de Nazaré-BA	323
6.2	A ocupação urbana em áreas de manguezais na comunidade da Graciosa em Taperoá-ba	325
6.3	As dificuldades no estudo da física por estudantes no Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar - Dendezeiros	327
6.4	Instrução de primeiros socorros na Educação Básica	329
6.5	Mudança do conteúdo programático na área de ciências da natureza nos anos finais do Fundamental e os impactos na educação científica	331
6.6	O hospital Ana Nery e sua busca histórica pela qualidade do serviço de saúde	333
6.7	O “lugar” da filosofia no IFBA Campus Valença	335
6.8	Olhares adolescentes e suas reflexões/provoações acerca da legalização do aborto no Brasil	337
6.9	Relato de duas pesquisadoras júnior do GEOTEC sobre a vivência e experiência em educação científica no CPM	339
6.10	Resumo-Nível-II Reforma do Ensino Médio	341
6.11	Sistema de trens do subúrbio: há 38 anos promovendo mobilidade à população de baixa renda de Salvador-BA	343
6.12	Um estudo de caso sobre índice de reprovações no 3o. ano do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar-Dendezeiros	345

7	RÁDIO – Processos tecnológicos	347
7.1	Importância da tecnologia na emissão de documentos dos cidadãos: uma análise na comunidade escolar CPM Lobato	348
7.2	Nanotecnologia: possibilidades de avanços tecnológicos mais poderosos	350
7.3	Paradoxos das tecnologias nos dias de hoje: oportunidades e educação a distância	352
8	SIMCAES – Representações socioespaciais ensino e aprendizagens significativas	354
8.1	A lei 10.639/03 nas pedagogias de favelas: perspectivas da educação em direitos humanos	355
8.2	Aprendizagem significativa e o PROERD: leituras possíveis de uma prática de educação para a paz e direitos humanos	360
8.3	Educação em museus: aspectos de cartografia para escolares desenvolvidas nas práticas pedagógicas	365
8.4	Encontros entre o brincar e a multiterritorialidade do espaço escola na Educação Infantil .	370
8.5	Práticas educativas das juventudes e a (re)construção do espaço social	375
8.6	Práticas emancipatórias para a descolonização dos saberes	380
8.7	Representações de ser adulto e ser criança a luz dos pais e filhos de uma escola particular do Município de Lauro de Freitas	386
8.8	Utilização do espaço escolar na educação infantil	392
9	SIMCAES – Representações socioespaciais educação e sustentabilidade	397
9.1	A tessitura da rede de pesquisa científica em regime de coautoria do GESTEC	398
9.2	Representações sociais dos Movimentos Sociais: os novos estigmas	404



Dinâmicas socioespaciais e
educação científica



AS NUANCES DA PRÁTICA DOCENTE NA UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Jiliane Quessia Dias Lopes¹
Jodielson da Silva Pereira²

Eixo – Dinâmicas Socioespaciais e Educação Científica
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

As nuances da prática docente na Universidade: uma análise das tecnologias da informação e comunicação, insere-se no âmbito das reflexões sobre os impactos que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), engendram na prática docente no processo de formação no Ensino Superior. Tendo em vista, os novos posicionamentos exigidos pela sociedade contemporânea, o presente estudo busca analisar a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática docente na Universidade. Dada a esta lógica, nasce a questão problematizadora: quais são as influências das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática docente na Universidade? O estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Diante das considerações desta pesquisa, percebe-se que os docentes enfrentam os desafios no âmbito do processo de formação no Ensino Superior, que diz respeito à mediação entre as TIC e a nova configuração da sociedade contemporânea, para o processo de construção do conhecimento na sala de aula da Universidade.

Palavras-chave: Docente. Universidade. Tecnologias.

Introdução

Ao decorrer da sociedade do século XXI, novas formas de comunicar, informar, sobretudo, aprender, ganham novos significados, no que diz respeito aos mecanismos tecnológicos em que circulam as informações e comunicações. Os artifícios das tecnologias, impactaram as relações sociais, exigindo modificações constantes no âmbito das rotinas pessoais e profissionais.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialista em Psicopedagogia Institucional - UNEB; E-mail: jillyk@hotmail.com

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Mestrando em Gestão em Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC); E-mail: jodielson.silva@hotmail.com

Neste sentido, a Universidade, instância em que se consolida a tríade do ensino, pesquisa e extensão, busca significados em que postula profissionais para atuar com novas competências e habilidades do século que tem como destaque, as tecnologias. O presente trabalho busca analisar a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática docente na Universidade. Em meio ao paralelo que faz referência à sociedade contemporânea e as práticas docentes, a pesquisa fundamenta-se na questão problematizadora: quais são as influências das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática docente na Universidade?

O estudo é de cunho bibliográfico de natureza qualitativa e fundamenta-se nos principais autores que trazem reflexões primordiais acerca do tema aqui proposto: Macedo e Hetkowsky (2009), Lévy (2010), Pimenta e Kenski (2011), Oliveira (2012), Moran (2013), Rios (2014), Nonato e Silva (2018), entre outros. Para melhor leitura, o estudo aborda as seguintes temáticas: o paradigma da sociedade atual paralelo à prática docente na Universidade, que rebusca significados acerca da sociedade contemporânea frente aos mecanismos do cenário educacional universitário; a Universidade frente aos desafios contemporâneos, que trazem reflexões no que diz respeito ao ensino superior diante das novas exigências sociais, e os impactos das tecnologias da informação e comunicação no processo de formação universitária, onde desperta a atenção para a importância da introdução inteligente dos recursos tecnológicos nas salas de aula da Universidade.

As propositivas aqui discutidas, fazem refletir “o uso ampliado das tecnologias da informação e comunicação” como de “grande impacto em nossas maneiras de ser, de pensar e agir” (Kenski 2011, p. 220). Assim, diante deste cenário, torna-se perceptível as mudanças repentinas nas relações sociais, de tal forma, que as transformações cotidianas indicam que estamos numa época jamais vista na história da humanidade.

Diante deste ensejo, analisamos teoricamente o decorrer da história educacional universitária e percebemos que a dinâmica metodológica na Universidade, foi alvo de muitas mudanças nos marcos cravados no contexto da sociedade brasileira. São identificados, avanços e retrocessos que despertaram e ainda cativam a atenção de vários pesquisadores. Dada a este sentido, o que justifica considerar as Universidades e seus fatores como objeto de pesquisa, é justamente, as transformações que no decorrer dos tempos, atualizam na sociedade e consequentemente, respalda na natureza universitária.

Neste viés, cabe-nos refletir as práticas de ensino como quesito necessário para trazer à tona metodologias que condizem com a formação plena do indivíduo para atuar na comunidade da informação e comunicação. Não obstante, é na Universidade que carece a

busca dos principais arcabouços que movem a sociedade contemporânea, potencializando as suas verdadeiras atribuições. Como diz Pimenta (2011, p. 164), “[...] o ensino universitário, por sua vez, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, ao seu papel na construção da sociedade”. Assim, Silva et al (2018, p.11) reforça, neste sentido, “a necessidade de uma alfabetização científica e tecnológica comprometida com a cidadania”.

Em vista disto, torna-se mais abrangente e desafiador o papel do professor na cultura educacional vigente, com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, surge novos espaços que promovem o conhecimento na Universidade. O docente é alvo da mediação do conhecimento posto nas mais diversas páginas dos espaços onde veiculam as informações.

Diante da realidade educacional que conecta o virtual, existe uma forte ligação entre docente e discente. De um lado, os discentes que anseiam pelo saber e que demonstra interesses no digital. E numa outra aba, o docente que traz consigo conteúdos fundamentais para o processo construtivo formativo profissional. Assim, as práticas, mediadas pelas TIC, entre docente e discente se configuram no devir da construção crítica do conhecimento.

Por fim, em busca de uma formação inovadora, faz-se necessário refletir onde centra a interrogação: no docente, no discente, na informação, na comunicação, ou neste conjunto que edifica a educação contemporânea?

Nessa conjuntura, objetivamos propor uma reflexão sobre os mecanismos que romperam as estruturas da sociedade contemporânea, tais como as TICs e suas características no âmbito da prática docente na Universidade.

Metodologia

“A pesquisa é um campo da práxis social” (MACEDO, 2009 p. 82). Sob este prisma, esta “deve satisfazer à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana” (MACEDO, 2009 p. 82).

Por óbvio, Moraes e Lima (2004, p. 136 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 04) “se refere a esse mesmo processo como ‘educar pela pesquisa’”. Segundo o mesmo, “na educação pela pesquisa, o professor transforma sua forma de considerar os alunos, vendo neles sujeitos autônomos, capazes de questionamento, argumentação e produção próprias”.

Nesse contexto, parafraseando Nonato (2018, p.14), e entendendo por “pesquisa a busca sistemática de solução de um problema ainda não resolvido ou resolvível”, metodologicamente, esta investigação é um estudo que assume as características básicas da pesquisa qualitativa fenomenológica.

Assim, optamos pela opção de pesquisa bibliográfica sobre o tema investigado, visando analisar os conteúdos e elaborar um referencial teórico que favoreça a alteração e o diálogo entre as informações obtidas, contribuindo para a discussão da temática proposta. Nessa busca pela interpretação dos sentidos dos significados, utilizamos também, nessa investigação a hermenêutica, que para SCHLEIERMACHER (1999, p. 14), “a hermenêutica é essencial para a compreensão do pensamento, mesmo daquele que se perfaz no plano ideal-formal”.

Resultados e Discussão

Os resultados apresentados dizem respeito ao estudo realizado mediante pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que nos permitiu constatar o crescente desafio enfrentado pelas academias de ensino, pesquisa e extensão em adequar-se aos paradigmas contemporâneos.

Kenski (2011, p.15) alertou que a “inexorável presença das tecnologias exige o reposicionamento da universidade e dos objetivos educacionais”, e perante essa afirmação, identificamos, também, o forte interesse e relevância pela temática, nos últimos dez anos, assim como os contrapontos frente aos dispositivos tecnológicos e as possibilidades de efetivação dessas práticas no processo de formação na Universidade.

Isto posto, e tendo consciência de que a produção científica só se viabiliza e se justifica quando vinculada ao projeto político e ao projeto existencial do pesquisador, os resultados da pesquisa apontam que a Universidade (e os docentes têm) tem um grande trabalho a realizar, que é a mediação entre a sociedade da informação e o sujeito aprendiz, a fim de possibilitar que pelo exercício da reflexão, obtenha a autocritica necessária à infindável construção do humano.

Conclusões

É fundamental o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática docente na Universidade. É necessário abordar os mecanismos tecnológicos na vertente facilitadora do ensino, pesquisa e extensão, pois refletir a cultura educacional atual é adentrar nos desafios que contemplam o desenvolvimento de novas competências e habilidades

acadêmicas, frente a uma nova e mutável realidade social, uma vez que, a alavanca transformadora da conjuntura social moderna, é o homem.

Em suma, é importante frisar que o conhecimento dissemina de forma horizontal, e o professor é a figura fundamental na dinâmica da mediação crítica formadora. Hoje, o principal veículo da comunicação e informação são dispositivos tecnológicos, para tanto, não justifica ignorar esses recursos quando o assunto é a construção do conhecimento na era moderna.

REFERÊNCIAS

HETKOWSKI, T. M. **Dialética interna Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores** IN: Educação e contemporaneidade : pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009 (p. 231-251).

KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente**. São Paulo: Papirus, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2013.

NONATO, E. R. S. **Caminhos da pesquisa-aplicação na pesquisa em educação**. In: PLOMP, Tjeerd. Pesquisa-aplicação em educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

OLIVEIRA, M. S. **A educação científica nas ciências humanas: experiências do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.) do IF Baiano, Campus Catu – BA**. In: Revista Liberato, Novo Hamburgo, v. 13, n. 19, p. 01-XX, jan./jun. 2012.

PIMENTA, S.G.; ALMEIDA, M.I. **Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

RIOS, V. S. **Os jogos eletrônicos como dispositivos mediadores: caminhos possíveis para formação de licenciandos no departamento de educação da UNEB – CAMPUS I**. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/?cat-trabalhos-academicos=gestec>. Acesso em: 30 nov 2018.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica - Arte e técnica da interpretação**. Trad. Celso Reni Braida. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SILVA, Nilma S.; FIUZA, Marcia. **A qualidade do ar: uma proposta de atividade investigativa com enfoque CTSA como possibilidade Alfabetização Científica**. Rio Branco: UFAC, XIX ENEQ, 2018.



DAS GEOTECNOLOGIAS À GEOGRAFIA DAS COISAS

Francisco Jorge de Oliveira Brito¹
Priscila Lopes Nascimento²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e Contemporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho apresenta o redimensionamento da categoria geotecnologias no contexto do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, núcleo de pesquisa vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC e Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, ambos no âmbito da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. As geotecnologias são apresentadas em articulação teórica ao pensamento geográfico, bem como analisada sob a resignificação da prática pedagógica mediada pela educação científica, pelas tecnologias da informação e da comunicação, pela geografia das coisas e pelas próprias geotecnologias, inclusive na sua faceta tecnicista. Este trabalho propõe tecer uma articulação epistemológica entre as geotecnologias e a geografia das coisas no âmbito da educação científica. A composição dessa tessitura teórica tem como foco a formação crítica de sujeitos/cidadãos, bem como, oportunizar possibilidades de aprendizagem significativa no âmbito das experiências relacionadas ao lugar, às histórias, aos sujeitos e, também, aos conteúdos. A proposição, especialmente no Brasil dos nossos dias, se alinha à demanda da educação pública na contemporaneidade, a qual tem o deve estar atenta aos que estão do lado de cá.

Palavras-chave: Geotecnologias. Geografia das coisas. Educação e contemporaneidade.

Introdução

As geotecnologias se apresentam como uma das categorias de ênfase do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, núcleo de pesquisa vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC e Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, ambos no âmbito da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Neste contexto, esta categoria vem sendo redimensionada ao longo da trajetória das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo, conforme Hetkowski (2010), Brito (2013, 2016), entre outros.

1 UNEB/IBGE; Geógrafo – Doutor em Educação e Contemporaneidade; cbrito@terra.com.br

2 UNEB/CPM-Lobato; Geógrafa – Mestranda GESTEC; lopes_pri@yahoo.com.br

Este trabalho denota o *start* de um esforço teórico para aproximar o entendimento das geotecnologias do espectro do Grupo, o qual perpassa um viés colaborativo-participativo com ampla atuação na educação básica, com a geografia, com as tecnologias da informação e da comunicação e com as próprias geotecnologias, em sua face mais tecnicista e, também, na sua potencial faceta transdisciplinar, visto que a pretensão é “reatar o diálogo entre diversas disciplinas e áreas científicas” (STRIEDER, 2011, p.143), bem como com os saberes e com cincum-mundo que preenche o espaço da vida imediata dos sujeitos.

As Geotecnologias

As geotecnologias são entendidas como a capacidade criativa e transformativa da humanidade em expressar, material ou imaterialmente, as “cousas” do mundo através de mapas, e se apresentam como inteligência geográfica (teoria) e como sistema de informações geográficas (método e técnica). Brito (2016, p.29-30) discorre sobre essa abordagem, entretanto emergimos, neste trabalho, com o sistema de informações geográficas antes apresentado como sistema geográfico de informação.

Essa nossa compreensão dos sistemas de informações geográficas suplanta o viés tecnicista computacionalmente apresentando em aplicações que fazem a correlação de bancos de dados de informações georreferenciadas e informações alfanuméricas, tais como os SIGs. Nosso entendimento vislumbra a possibilidade da organização da informação segundo um referencial locacional (GOMES, 2017, p.42), o qual, é, inclusive, retratado por este último autor na obra de Humboldt e, como deduzem alguns outros estudiosos, no Atlas de Ptolomeu, uma vez que a publicação inicial possivelmente não apresentava os mapas, os quais foram adicionados por geógrafos e cartógrafos bizantinos (BROTON, 2014).

Essa sistematização da informação geográfica possibilita a tal imaterialidade das geotecnologias, pois o atributo locacional opera, muitas vezes, na esfera cognitiva, ou seja, os sujeitos conhecem a localização das cousas, as quais podem ser analisadas, comparadas e correlacionadas. Daí a ideia de entender o mundo sob a mediação das geotecnologias.

Conforme Goodchild et al (2013, p.520-521), os sistemas de informações geográficas contribuem no enfrentamento dos grandes desafios da humanidade na definição e descrição do problema (o que, onde, quanto?), na análise e modelagem das inter-relações (por que? Que interdependências existem?), na comunicação dos resultados, na implementação de soluções e, na vertente que mais nos interessa, no ensino e na aprendizagem.

No contexto das nossas pesquisas, as geotecnologias mediam o entendimento do circum-mundo, ou seja, do mundo circundante, a partir da dimensão espacial do lugar. Vale ressaltar que o lugar é o território de origem e vivência imediata dos nossos pesquisadores e jovens pesquisadores, o qual, muitas vezes, é delimitado no entorno da escola ou nos bairros de residência; não é, portanto, isolado ou fechado, existe uma multiplicidade de cousas que permeiam o espaço, uma multiterritorialidade que possibilita a acomodação de diversas e adversas geometrias de poder. Simultaneamente se apresenta o sentido global do lugar, ou seja, as conexões, multiplicidades, multirreferencialidades, complexidades e abertura (universalidade) que esta dimensão estabelece com aquilo que acontece no espectro global e coexiste com as particularidades do mundo numa escala, geograficamente restrita e cartograficamente ampla e vice-versa que estabelece o ambiente da experiência humana imediata dos sujeitos, o tal lugar.

A teia do lugar é tecida e articulada “como uma construção socioespacial, edificada nas relações entre os indivíduos e a base territorial que se vive e sobrevive” (MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p.57); estas relações suplantam as necessidades antropológicas e os locais cognitivos, e estão, conforme as autoras assentadas na integração das ações, dos atores e das trocas (materiais e imateriais).

De imediato, esta importância delegada ao circum-mundo, bem como aos sujeitos da escola demandam uma pedagogia significativa, a qual invoca o entendimento do mundo pela sistematização das experiências e saberes em correlação à teorização (conteúdos) sob a mediação da educação científica, das geotecnologias e das tecnologias da informação e da comunicação.

Ressaltamos ainda, que a nossa compreensão de educação científica, conforme Risetete (2017, p.56) perpassa o desenvolvimento do raciocínio crítico e da tomada do conhecimento como uma das formas de “retirar” os sujeitos do processo de alienação; isto implica, direta ou indiretamente, na “formação de estudantes mais críticos e que consigam aplicar seu conhecimento para além das provas e exames escolares” (p.57).

A Geografia das Coisas

A Geografia das Coisas evidencia a capacidade e a necessidade dos sujeitos em sistematizar geograficamente as suas experiências do dia a dia; traduz-se nas explicações imediatas do circum-mundo que alicerçam a base do conhecimento geográfico que tem como condições a existência/ocorrência dos fenômenos e a sua localização. Evidenciamos, mais

uma vez, que essa sistematização do conhecimento a partir da localização é a característica da Geografia como uma forma de pensar (GOMES, 2017, p.21). A teorização ou a correlação aos conteúdos escolares, no contexto transdisciplinar, potencializa o entendimento do mundo.

A Geografia das Coisas se estabelece nos sujeitos, os quais observam, vivem e tecem possíveis explicações (saberes) às cousas do circum-mundo, no conhecimento que, além de desvendar a lógica da localização, desvenda também a lógica da existência e da ocorrência dos fenômenos, e nos aparatos técnicos que, naquilo que Brito (2013) denomina de Efeito Google, aceleram a demanda pela localização nos dias atuais.

Os mapas, no contexto do Efeito Google, nos localizam, ou seja, a partir desta localização contamos as nossas histórias e delimitamos o nosso lugar, uma referência à tríade sujeitos-lugares-histórias (BRITO, 2016, p.20), bem como não mais demonstram, simplesmente, a nossa posição. Cereda Junior (2015) correlaciona a potencialidade dos sujeitos em entender as cousas do mundo a partir da sua localização com a sua conexão e acesso à informação baseada nas aplicações em rede.

As publicações e participações nas redes sociais, por exemplo, consideram a localização do usuário através dos sistemas de posicionamentos por satélite. Da mesma forma, em especial aos conectados em suas contas do Google, há um “chamamento” a interagir com o “mundo” a partir, também, da sua localização.

Estritamente, o nosso interesse está voltado aos sujeitos das nossas pesquisas, ou seja, como os pesquisadores, jovens pesquisadores, professores e alunos podem se apropriar dessa estrutura e conjuntura geográfica no sentido de entender o mundo e, por conseguinte, numa outra alusão à educação científica, formar cidadãos mais críticos para a atuação na sociedade (SASSERON, 2008, p.12).

Considerações

Esmiuçamos assim as linhas gerais de articulação entre as geotecnologias e a geografia das coisas, as quais perpassam o entendimento do mundo mediado pelas tecnologias e pela educação científica na formação de sujeitos/cidadãos críticos, bem como vislumbram a re-significação da educação a partir da imbricação dos sujeitos, das cousas do mundo e dos conteúdos, como lastro teórico.

O viés do redimensionamento do conceito de geotecnologias e as tessituras aventadas denotam uma articulação ao pensamento geográfico, no qual a base de explicação e entendimento do mundo estão fundamentados na localização das cousas e fenômenos. Por

outro lado, oportuniza aos sujeitos das pesquisas e das escolas a possibilidade da inovação das práticas pedagógicas.

Cabe ressaltar que o Brasil dos nossos tempos demanda dos pesquisadores e profissionais da educação, mais do que nunca, ações pedagógicas alinhadas à contemporaneidade e em sintonia aos que estão, conforme Milton Santos (2006), do lado de cá.

REFERÊNCIAS

BRITO, F. J. de O. Análise crítica da cartografia: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. 2013.

BRITO, F. J. O. Tessituras teórico-metodológicas para a pesquisa em educação na contemporaneidade: fractais GEOTEC. In: Tânia Maria Hetkowisk; Maria Altina Ramos. (Org.). Tecnologias e processos inovadores na educação. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v. , p. 15-47.

BROTON, J. Uma história do mundo em doze mapas. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CEREDA JUNIOR, A. Inteligência Geográfica na Educação: Transformando o mundo por meio da integração tecnológica e geoespacial no processo de ensino-aprendizagem. Conhecimento Prático: Geografia, São Paulo: Editora Escala, p.30-31, jan. 2015, edição 58. Bimestral.

GOMES. P. C. da C. Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017

GOODCHILD, M. F. et ali. Sistemas e ciência da informação geográfica. Porto Alegre: Bookman, 2013.

HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.

MOREIRA, E. V., HESPANHOL, R. A. M. O lugar como construção social. In. Revista Formação, nº14 volume 2 – p.48-60 2007

RISSETTE, M. C. U. Pensamento espacial e raciocínio geográfico: uma proposta de indicadores para a alfabetização científica na educação geográfica. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo Programa de Pós-Graduação em Educação. São paulo: USP, 2017.

SANTOS, Milton. Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá. Documentário. Direção: Sylvio Tandler. Produção: Caliban Produções Cinematográficas. 2006. 1 DVD (90 min).

SASSERON, Lúcia Helena. Alfabetização Científica no Ensino Fundamental: Estrutura e Indicadores desse processo em sala de aula. São paulo: tese de Doutorado apresentada á faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2008.

STRIEDER. R. A ciência numa perspectiva transdisciplinar: o cenário da complexidade. In: Geografia e interfaces de conhecimento: debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. Londrina: Eduel, 2011.



EDUCAÇÃO CIENTÍFICA COMO MOBILIZADORA DE PROCESSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Kátia Soane Santos Araújo¹
Oswaldo Henrique Oliveira de Jesus²
Autor³

Eixo – Práticas Educativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O projeto “A rádio da escola na escola da rádio” é uma proposta educacional mobilizada pela Educação Científica, a qual articula estratégias teóricas, metodológicas e aplicada à educação básica, especificamente com alunos dos estados da Bahia e Sergipe. Nessa produção ressaltaremos a experiência de Educação Científica em consonância com os pressupostos do projeto, suscitando a mobilização, transformação e a tomada de consciência dos sujeitos partícipes, mediado pelas potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ao entendimento da história dos espaços baianos e sergipanos como patrimônio cultural do mundo e, desejosa de sentimentos de pertença pelos seus habitantes, moradores e viventes.

Palavras-chave: Educação Científica¹. Mobilização². Transformação³.

Introdução

A Educação na contemporaneidade vive um momento de crise, por não conseguir a partir de suas diretrizes e parâmetros oficiais, produzir sentindo as vivências e práticas in loco, intramuros da escola. Nesta perspectiva, buscar outras ações que ressignifiquem o espaço, a história do sujeito e suas relações, permitem a construção do conhecimento, através do processo de ensino e aprendizagem contínuo, criativo e contextualizado com as dinâmicas do lugar, oferecendo condições plenas para o ato de aprender significativo, através de um movimento único, sinuoso, oblíquo, transversalizado e balizado no saber-fazer durante todo o processo formativo educacional. O projeto “A rádio da escola na escola da rádio” é uma proposta de intervenção desenvolvida em espaços formais e não formais de educação, a Rádio ou o Rádio denota uma metáfora associadas ao compartilhamento das histórias e micro histórias inerentes

¹SMED/Salvador, Mestre em Educação. katiasoane@gmail.com

²SEC, Pedagogo; e-mailosvaldo295@hotmail.com

aos lugares e aos sujeitos das escolas públicas envolvidas na Pesquisa. O viés dos sujeitos, pesquisadores, professores e alunos da Rede Pública de Ensino, empreende a potencialidade de outro olhar ao lugar da vida cotidiana. A Rádio ou o Rádio valoriza e empodera os sujeitos pela sistematização e compartilhamento dos saberes e conhecimentos na perspectiva do entendimento do lugar, do lócus da vida cotidiana, das experiências e vivências imediatas. Essa pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB. cujo objetivo foi possibilitar aos sujeitos da educação, o redimensionamento do entendimento do Lugar, das Geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - à compreensão da história, memória, manifestações culturais e artísticas, mobilizando processos formativos através do exercício dialético, dialógico e investigativo nas Redes Públicas de Educação da Bahia e de Sergipe.

Metodologia

O projeto propõe o “engajamento”, através da imersão no contexto escolar, a fim da apropriação dos fatos e problemas, o entrelaçamento dos saberes, a partir do olhar sobre e/nos dados e seus significados, considerando a realidade dos sujeitos, seus anseios, suas relações, seus conceitos e crenças, permitindo buscar aprofundamentos epistemológicos (conhecimento e difusão) e práticos (experienciais e aplicados), sobretudo, no que tange as discussões e temáticas que requerem o entendimento sobre os processos constitutivos do sujeito, as quais objetivam a compreensão do agir para potencialmente transformar. Pois, Segundo Gatti (1999, p.66), o agir intencional requer outro tipo de conhecimento, conhecimento este diz respeito à relação/incorporação de teorias com/em práticas inovadoras e intencionais, com finalidades socialmente definidas.

Resultados e Discussão

A Projeto “A rádio da escola na escola da rádio”

O desdobramento desse trabalho encontra-se presente hoje, em 2019, em dez espaços formais de educação, com cerca de cento e cinquenta estudantes envolvidos diretamente com o projeto e em um espaço de educação não formal com trinta cinco partícipes, contudo vale ressaltar desde o período de implantação até o período vigente tivemos o quantitativo de aproximadamente 270 partícipes.

O lugar como ponto de partida

O espaço é um o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, concebido em sua totalidade (SANTOS, 1999, p. 63), discriminado como forma-conteúdo, uma hibridez resultante dos elementos que compõem a superfície terrestre e a relação do homem com os seus lugares. Assim, desde muito cedo o homem apreende a concepção de espaço e gradativamente segue aprimorando através de vivências e estudos dos mais simples até as mais complexas. O lugar, categoria basilar do Projeto da Rádio, é um conceito que se encontra presente no cotidiano das pessoas e nas discussões acadêmicas em suas distintas áreas e aplicações. O seu estudo e aprofundamento a partir da ciência geográfica, apresenta elementos que caminham desde a representatividade do sentimento de pertença ou sua negação, até o lugar como palco de transformações e interconexão ao mundo. Nessa visão, compreendemos que o lugar se apresenta como um leque de possibilidades que parte dos sujeitos, para uma compreensão geográfica no âmbito mais próximo das escalas de análise trabalhadas na Geografia. Através desta ciência é possível compreender não apenas o mundo (CALLAI, 2011), mas os vários mundos presentes nas mais diversas pessoas, nos mais variados lugares.

TIC e Geotecnologias redimensionando os saberes

Na sociedade contemporânea vivenciamos um contexto de estabelecimento de novas dinâmicas e demandas, nas quais os avanços técnicos, científicos e informacionais atuam como seus propulsores. Nesta conjuntura, podemos destacar as TDIC no que tange às mudanças empreendidas na velocidade dos fluxos das informações, bem como nas possibilidades de comunicação e compartilhamento de conhecimentos entre os sujeitos situados em diferentes espaços da superfície terrestre. A evidência de tais fatos pode ser constatada atualmente no sucesso das redes sociais, blogs, portais e em outros os conteúdos produzidos pelos sujeitos nesses espaços. Neste contexto, as tecnologias foram incorporadas no cotidiano dos sujeitos, provocando o redimensionamento de suas funções. A exemplo foi o desenvolvimento das geotecnologias agregadas às TDIC, o qual possibilitou a inserção de tais ferramentas no cotidiano das pessoas, permitindo o entrelaçamento entre as técnicas e a criatividade humana. A ferramenta Google Maps, o software Google Earth, as fotografias aéreas e imagens de satélites (utilizadas atualmente com maior frequência pela mídia) são potencializadas à medida que os meios de comunicação se desenvolveram, permitindo assim uma modificação quanto à utilização destes recursos, anteriormente restritos a profissionais especializados (como engenheiros, cartógrafos, geógrafos e etc.), ganharam novas funções que vão além daquelas voltadas para o planejamento, ordenamento e análise do espaço, estando suas potencialidades mais próximas do sujeito (atualmente já até presentes nos dispositivos móveis) e da compreensão social do espaço. (HETKOWSKI, 2010). Desta forma, surge a possibilidade de

desenvolver práticas de ensino que estabelecem uma compreensão mais aprimorada dos elementos do espaço geográfico e com potencial para ressignificar as relações com o espaço vivido e percebido pelos alunos, em um movimento que possibilita o estreitamento com o lugar, o bairro, os espaços de vivências desses sujeitos, compondo possibilidades favoráveis ao resgate da memória e da história destes espaços.

Educação Científica: entre saberes e conhecimento

O ser humano é um ente que sabe, e por saber, o ato de pesquisar está intrínseco ao ato de conhecer, e a ciência é uma forma de construir conhecimento sobre o mundo. A construção do conhecimento é uma singularidade da condição humana e assim sendo, a todo o momento, “[...] é necessário voltarmos às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, que só uma criança pode fazer, mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade”. (EINSTEIN, 1953, p.87). Dessa forma, a pesquisa é um princípio formativo, capaz de ressaltar a capacidade criativa e transformativa dos sujeitos, corroborando para o reencontro e reconstituição do sentido e do prazer de conhecer. Na certeza que educar é também pesquisar é que se destacam as reflexões acerca das questões sociais, história, memória, cultura dos lugares vividos e experienciados pelos partícipes desse projeto. Pois essa ação, também se caracteriza como potencial no fazer científico através das relações sociais e das conjecturas entre sujeito e lugar como fomento para a produção do conhecimento. Esse movimento pressupõe compreender a complexidade e as particularidades dos espaços urbanos; a necessidade da ampliação e difusão da ciência; a emergência do envolvimento de sujeitos-alunos no “fazer pesquisa” e “ser pesquisador”; a popularização da ciência através de parcerias. Diante desses argumentos é possível entender a importância da Educação Científica no entrelaçamento com a educação formal.

O projeto “Radio da Escola na Escola da Rádio” é uma intervenção que visa promover a inovação através da difusão da ciência e tecnologia, por meio do envolvimento de alunos da Educação Básica, no desenvolvimento de pesquisa. Assim, a perspectiva do Grupo GEOTEC/UNEB é possibilitar um entrelaçamento entre escola e comunidade na reconstituição da memória e da identidade das cidades onde o Projeto se faz presente: Salvador e Valença na Bahia, assim como em Aracaju e em Poço Verde, no estado de Sergipe. Nesse sentido, é salutar como as principais produções o envolvimento dos alunos da Educação Básica no fazer ciência e compreender a dinâmica e os processos do conhecimento científico e tecnológico. A partir da observação das ruas, bairros, cidades, abordando a história, a problemática e as múltiplas descrições, ancoradas pela utilização de ferramentas geotecnológicas, foram desenvolvidas pesquisas, organizadas da seguinte forma: (a) seleção das cidades, bairros e/ou ruas de acordo

com a moradia dos estudantes /pesquisadores localizados em pontos diversificados da Bahia; (b) estudo bibliográfico destes bairros e análise através do levantamento de materiais cartográficos (fotografias convencionais, imagens orbitais, mapas, fotografias aéreas); (c) trabalho de campo para o entendimento do espaço vivido e registro das observações através de entrevistas com antigos e novos moradores e história oral dos sujeitos, diários de campo, filmagens e fotografias das localidades pesquisadas; (d) utilização de programas como o Google Earth e ferramentas web como Google Maps, a fim de substanciar o entendimento da dinâmica dos bairros. Tais ações resultaram em trabalhos apresentados em eventos locais, estaduais e nacionais; a produção de vídeo documentário (Casulo), a publicação de uma revista semestral (Caleidoscópio: outro olhar sobre o lugar), a qual apresenta resumos e imagens dos espaços de pesquisa; e a implantação de uma rádio física; a construção de atlas escolar sobre a cidade de Poço Verde.

Conclusões

Nesse sentido, o Projeto da Rádio emerge e se descortina como alternativa para superar os pressupostos tradicionais que norteiam o processo educativo, pois educar e pesquisar são processos coincidentes e instituintes, formulados nas experiências vividas pelos sujeitos na dinâmica operante dos processos formativos, dentro e fora dos espaços da escola.

REFERÊNCIAS

BRITO, F.J.O. **Análise crítica da cartografia: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade. Tese de Doutorado.** Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.

CALLAI, H. C. Educação Geográfica: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Injuí, 2011.

EINSTEIN. R. S. Einstein. **On The Atomic Bomb Atlantic Monthly.** 1953.

FREIRE, P.; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GATTI, B. A. **Algumas Considerações sobre Procedimentos Metodológicos nas Pesquisas Educacionais.** Eccos Revista Científica, São Paulo, SP, p. 63-79, 1999.

HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?** In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.



GERMINAÇÃO DE SEMENTES E O MÉTODO CIENTÍFICO NO ENSINO MÉDIO

Naura Angélica da Silva¹
Karine Brandão Nunes Brasil²

Dinâmicas Socioespaciais e Educação Científica
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A Iniciação Científica no Ensino Médio se apoia primordialmente na busca intensiva da sociedade pelo conhecimento, melhoria da qualidade de vida e domínio das tecnologias. Nessa perspectiva, cria-se no aluno a necessidade de concluir esta modalidade de Ensino desenvolvendo atitudes, habilidades e valores na resolução de situações-problema, por meio do conhecimento científico e tecnológico. Este artigo apresenta a experiência do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista, uma escola pública estadual, que tem como objetivo promover a ampliação da jornada escolar e a diversificação do currículo dos estudantes, oferecendo cursos no turno oposto ao da escola Regular, na qual, utiliza a Iniciação Científica, aprendizagem criativa – mão na massa, como um dos recursos pedagógicos na produção do conhecimento do aluno. É relatada a experiência desde sua fase inicial, na qual são apresentadas as sequências didáticas aplicadas, o projeto de pesquisa desenvolvido, a partir do problema observado pelos alunos e o levantamento de hipóteses, bem como uma atividade mão na massa com a utilização de suculentas e cactos. O resultado da pesquisa e as produções dos alunos serão apresentados na Feira de Ciências do Centro Juvenil e submetido à Feira de Ciências e Matemática da Bahia (FECIBA), juntamente com outros trabalhos produzidos pelos alunos durante o ano letivo. A partir dessas metodologias, os alunos ampliam o acesso às temáticas científicas modernas e aplicam o método científico em suas indagações, dessa forma, conclui-se que as sequências didáticas e a pesquisa realizada contribuíram para Iniciação Científica dos alunos no Ensino Médio.

Palavras-chave: Iniciação Científica. Aprendizagem Criativa. Feira de Ciências.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); discente Ciências Biológicas; Estagiária Centro Juvenil de Ciência e Cultura; naura_angelica@hotmail.com.

² Centro Juvenil de Ciência e Cultura; Professora, Mestre em Genética, Biodiversidade e Conservação; Karine.brandao@nova.educacao.ba.gov.br.

Introdução

Os alunos da Educação Básica fazem parte de uma sociedade impactada pelo ritmo acelerado e um cotidiano cercado das novidades tecnológicas, que poderiam despertar seu interesse e curiosidade pela ciência. Entretanto, sua aprendizagem ainda é um desafio, pois depende de metodologias que valorizem e estimulem o saber científico, ultrapassando o ensino baseado em transmissão de informações, portanto, são necessários estudos significativos do ambiente, pertencimento, ação e ludicidade do estudante.

A Base Nacional Comum Curricular prevê a dimensão investigativa das Ciências da Natureza, aproximando os estudantes dos procedimentos e instrumentos de investigação, como, identificar problemas, propor e formular hipóteses, elaborar argumentos e explicações, planejar e realizar atividades experimentais, relatar, avaliar e comunicar conclusões e desenvolver ações de intervenção, a partir da análise de dados e informações temáticas da área (BRASIL, 2018).

Projetos de Iniciação Científica no Ensino Médio estimulam alunos a estudar conteúdos aplicados nas áreas de conhecimento de seu interesse e necessidade, a partir da observação de seu cotidiano, relacionando a aplicação da teoria e conceitos transmitidos de maneira expositiva em sala de aula (VINTURI *et al.*, 2014).

Para formação inicial dos alunos do Ensino Médio na investigação científica, são articuladas quatro ações básicas – explorar, investigar, resolver problemas e avaliar os resultados alcançados, com estímulo ao senso crítico e ação responsável e transformadora sobre o lugar em que vivem (ANDRADE *et al.*, 2014).

Acredita-se que estimular a Iniciação Científica no Ensino Médio, desperta no aluno o interesse pela ciência, estimulando-os a investigar sobre problemas locais e regionais, de maneira prática, lúdica e significativa, o que permite ampliar seus conhecimentos sobre determinado tema por meio da pesquisa e intervir na melhoria do seu espaço.

O Método Científico utilizado como ferramenta para o ensino proporciona conexões para outros métodos inovadores, como aprendizagem criativa ou “cultura maker” e mão na massa, uma vez que são construídos projetos a partir de propostas dos próprios alunos, do reaproveitamento de materiais e de componentes retirados de outras construções. Nesse processo, a concepção e a construção de algo acontecem no contexto da apropriação e aprendizagem de conceitos e experimentações científicas de maneira imperceptível para o aluno (VALENTE *et al.* 2018).

Portanto, o objetivo deste trabalho é relatar a aplicação do método científico e a aprendizagem criativa como ferramentas didáticas, realizadas por alunos do curso StudioPlanta do Centro Juvenil de Ciência e Cultura.

Metodologia

Esta investigação caracteriza-se como qualitativa com enfoque descritivo e foi desenvolvida com dezesseis alunos do curso StudioPlanta do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista. O curso tem carga horária de 30 horas, em 8 encontros das 8:00 as 12:00, aos sábados. As aulas são realizadas utilizando o método científico e aprendizagem criativa como metodologia. As atividades realizadas pelos alunos foram sobre germinação de sementes em diferentes condições e construção de terrário com suculentas e cactos.

Para a condução das atividades, a professora realizava uma discussão inicial contextualizando o tema. Na sequência, era apresentado um problema aos alunos, referente às discussões que ocorreram na introdução. A partir desse problema, os alunos levantavam suas hipóteses sobre cada variável, que eram discutidas em grupo para serem testadas através de experimentos. A turma foi dividida em 4 grupos que realizaram 10 experimentos em placa de petri para observar a germinação de feijão em diferentes condições: controle, na água, sem água, envolvido com papel alumínio, papel celofane azul, papel celofane vermelho, papel celofane verde, papel filme, caixa de sapato com um buraco na lateral oposta e de cabeça para baixo. Os alunos fotografaram, e durante a semana teriam que molhar e observar o desenvolvimento das sementes.

Depois da realização dos experimentos, realizou-se uma atividade “mão na massa”, na qual os alunos tiveram acesso a uma mesa de aprendizagem criativa e puderam construir terrário de suculentas e cactos a partir de vários materiais.

Para finalizar, na semana seguinte, a turma concluiu o experimento, tendo por base o problema investigado, as evidências observadas no confronto das hipóteses, os dados e as informações obtidas em textos da internet que tiveram acesso na escola.

Resultados e Discussão

A primeira atividade da sequência didática foi a exibição do episódio 1 do desenho Homem Aranha, disponível na Netflix, e solicitado aos alunos que identificassem atitudes de investigação científica no personagem que utiliza o Método Científico durante todo o desenho e observassem algum problema ou curiosidade onde se passava a história. Logo após a

discussão do desenho, foi realizada uma explanação com auxílio do projetor de slides sobre o método científico e germinação de sementes e em seguida foi realizada uma dinâmica para compreensão da importância das hipóteses.

Os alunos tiveram boa receptividade do desenho e além de identificarem os passos do método científico, discutiram diversas características da aranha, inclusive a característica que não inclui ela como um inseto. Apontaram também pesquisas realizadas com a teia, a partir de reportagens lidas em blogs na internet, como a utilização para construção civil.

A turma foi dividida em quatro grupos que receberam um roteiro do experimento de germinação de sementes em diferentes condições (figura 1) e levantaram hipóteses de cada experimento, nesse momento eles fizeram várias perguntas e acrescentaram três variáveis ao roteiro. Foi observado o interesse e a curiosidade dos alunos sobre os resultados dos experimentos.

No segundo momento da aula, eles buscaram terra na horta da escola e tiveram acesso a duas mesas de aprendizagem criativa (figura 2), uma com mudas de suculentas e cactos e outra com diversos materiais recicláveis, pedras coloridas, palitos de picolé, tinta e lançado um desafio para eles construírem um terrário (figura 3) que identificasse sua personalidade.. Os alunos buscaram recipientes recicláveis ao qual pudessem levar o terrário para casa, foi discutido também o custo e preço para venda desse material caso tivessem interesse em confeccionar arranjos para o dia das mães ou outras datadas festivas.

O objetivo da aula em estimular a criatividade e familiarizar os alunos com os passos do método científico foram alcançados.



Figura 1 - Experimentos germinação de sementes em diferentes condições



Figura 2 – Mesa de aprendizagem criativa



Figura 3 – Terrário de suculentas e cactos

Conclusões

Neste artigo, conclui-se que a aplicação e o desenvolvimento de sequências didáticas juntamente com a utilização do método científico proporcionam situações em que o aluno é atuante, construindo seu conhecimento e interagindo com suas próprias dúvidas e conhecimentos já adquiridos anteriormente, podendo extrair grandes aprendizagens do objeto em estudo e tirar suas conclusões e, por isso, tornando-se agente do seu aprendizado. Desse modo, além de facilitar a assimilação dos conteúdos científicos trabalhados, possibilita o diálogo entre o aluno e o mundo que o cerca, e direciona os valores construídos durante a formação escolar para a sociedade.

Referências

ABREU, João Vilhete Viegas de; REIS, Julio Cesar dos. **Robótica pedagógica no NIED: contribuições e perspectivas futuras**. In: VALENTE, José Armando; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis (Orgs.). Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir. Campinas: NIED, 2018, p. 391. Disponível em: <https://www.nied.unicamp.br/biblioteca/livros/>. Acesso em 18 de abril de 2019.

ANDRADE, Julia Pinheiro; SENNA, Célia Maria Piva Cabral. Bahia, Brasil: **vida, natureza e sociedade**. São Paulo: Geodinâmica, 2014. Livro do professor.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio**. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 10 abril 2019.

SPIDER-MAN. Primeira temporada, Colégio Horizonte-parte 2. Marvel, 2017.22 min. Série exibida pela Netflix. Acesso em 06 de abril de 2019.

VINTURI, Erik Flávio; VECCHI, Rodrigo de Oliveira; IGLESIAS, Aline; GHILARDI-LOPES, Natalia Pirani. **Sequências didáticas para promoção da alfabetização científica: relato de experiência com alunos do Ensino Médio**. Experiências em Ensino de Ciências, Porto Alegre: UFRGS, v. 9, n. 3, p. 11-25, dez. 2014. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID251/v9_n3_a2014.pdf>. Acesso em: 06 de abril de 2019.



Educação, práticas pedagógicas
inovadoras e
(com)temporaneidade



A CATEGORIA REGIÃO NAS OBRAS DIDÁTICAS DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)

Gilton Cruz dos Santos¹
Simone Santos de Oliveira²

Eixo – CINTERGEO – Comunicação Científica
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Trata-se de uma proposta de pesquisa inicial, de natureza básica, de abordagem qualitativa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia, cujo metodologia envolve análise de Obras Didáticas de Geografia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A problematização envolve o seguinte questionamento: - como a categoria região é abordada nos livros didáticos de Geografia dos anos finais do ensino fundamental do PNLD do triênio 2017 a 2019, adotadas em duas escolas públicas localizadas no município de Simões Filho, no Território de Identidade Metropolitano de Salvador? A intenção é investigar como a categoria região é abordada nos livros didáticos de Geografia dos anos finais do ensino fundamental do PNLD de 2017 a 2019, adotados no município de Simões Filho, intentando compreender como essas obras abordam a categoria região para discutir temáticas pertinentes à educação geográfica. Os objetivos específicos são: - abordar a região como uma das principais categorias de análise espacial e conceito fundante no ensino de Geografia; – historicizar o PNLD como uma importante política pública voltada para a educação básica e para o ensino de Geografia; – analisar os livros didáticos de Geografia dos anos finais do ensino fundamental do PNLD selecionados e utilizados por duas escolas da rede pública do município de Simões Filho, intentando elencar possíveis conteúdos abordados a partir da categoria região e quais abordagens são feitas nas obras analisadas. Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios e eventos acadêmicos, de modo a colaborar com futuras outras publicações didáticas.

Palavras-chave: Região. Livros didáticos de Geografia. PNLD.

¹Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrando da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET/UNEB) e professor da Educação Básica nas redes pública e privada. E-mail: gil.geografo@hotmail.com

²Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Ensino, em Metodologia do Ensino de Geografia e em Projetos Educacionais. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela UEFS. Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC-UNEB). Professora Assistente B do Curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da UNEB (Campus XI/Serrinha). Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Membro dos grupos de pesquisas GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral) e GEO(BIO)GRAFAR (Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET/UNEB). E-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br.

Introdução

A Geografia, devido à sua complexidade de conteúdos, tem o poder de dialogar com diversas áreas científicas, como a Sociologia, a História, a Antropologia, a Economia, a Arquitetura, entre outras. Essa interdisciplinaridade estimula o professor pesquisador a traçar linhas de pesquisas baseadas em conceitos, temas e fundamentos modernos que convergem para um processo multidisciplinar em que o componente curricular da Geografia se firma como Ciência. Nessa perspectiva, os objetos do conhecimento podem ser planejados no intuito de explicar os fenômenos do inter-relacionamento do homem com a natureza. O estudo de forma integrada proporciona um arcabouço teórico metodológico rico em informações sobre a área a ser analisada, bem como a sua potencialidade.

De acordo com Gomes (2000), através da categoria região é possível promover o encontro entre as ciências da natureza e as ciências humanas, o produto síntese de uma reflexão verdadeiramente geográfica. Tendo em vista os assuntos selecionados e contidos nos componentes curriculares de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, percebe-se que determinados processos territoriais e ambientais têm uma tendência específica, sendo que boa parte do processo de ensino e aprendizagem pode ser compreendido por meio da regionalização. Regionalizar passa a ser a tarefa de dividir o espaço segundo diferentes critérios que são devidamente explicitados e que variam segundo as intenções explicativas de cada trabalho (GOMES, 2000). Sob essa perspectiva, pode-se mencionar a importância do estudo da região que está intimamente relacionado a temas da Geografia Escolar, em escalas local e global.

A Geografia Escolar e a utilização dos livros didáticos nos anos finais do ensino fundamental são essenciais, pois através desse componente curricular o educando passa a despertar suas habilidades sensoriais de localização, como prevê a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). De acordo com Saviani (1989), o livro didático passa a ser o principal suporte para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, principalmente no tocante a comunicação que abrange quatro elementos fundamentais: transmissão, mensagem, receptor e meio. Sendo assim, o recurso em evidência tem que estar contextualizado de acordo com os acontecimentos atuais e propício à faixa etária do público ao qual se destina.

A decisão por esse tema surgiu a partir de uma análise do espaço escolar, no decorrer dos últimos dois anos, e observando as necessidades e dificuldades dos professores em busca de novos dispositivos didáticos e materiais paradidáticos, métodos para dinamizar suas aulas e atividades práticas. Assim, este trabalho é parte da pesquisa de mestrado, vinculada ao

PROET/UNEB/*Campus* I, cujo objetivo é analisar como a categoria região é abordada nas coleções didáticas aprovadas pelo PNLD, triênio 2017-2019 dos anos finais do ensino fundamental, implantados em duas escolas estaduais localizadas no município de Simões Filho – BA, no Território de Identidade da Região Metropolitana de Salvador.

Metodologia

O viés metodológico que sustenta o desenvolvimento deste estudo, intitulado “A categoria região nas obras didáticas de Geografia: uma análise a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 2006), descritiva, ancorada na análise dos seguintes documentos relacionados ao objeto desta investigação: livros didáticos aprovados no PNLD dos anos finais do ensino fundamental do triênio 2017-2019, utilizados em duas escolas da rede pública do município de Simões Filho-BA, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na BNCC - documentos oficiais.

No que tange à análise documental, ela será feita, sobretudo, a partir da produção textual (textos e atividades) e imagética (mapas, gráficos, infográficos, fotografias, dentre outras) que constituem os volumes de livros que compõem as duas coleções didáticas selecionadas, cujo *corpus* analítico se constituirá de algumas dimensões de análise para compreender como a categoria região é abordada nos respectivos livros didáticos de Geografia do PNLD, do triênio 2017-2019. As dimensões de análise serão assim constituídas: - a categoria região e os Parâmetros Curriculares Nacionais; - relações entre os conteúdos e as atividades das obras selecionadas e o desenvolvimento de competências e habilidades propostas pela BNCC para os anos finais do ensino fundamental; - a representação da categoria região nas diversas imagens (representações cartográficas, gráficos, fotografias, quadros e tabelas).

Resultados e Discussão

No PNLD, o procedimento de seleção do livro didático pelos docentes esbarra em dificuldades impostas por algumas secretarias estaduais. Os professores, as vezes, não têm autonomia de escolha do material e acabam utilizando um livro que não está de acordo com a proposta pedagógica da escola e com sua linha teórico-metodológica. Segundo Schäffer (2003), livro didático tem que estar de acordo com os objetivos traçados pelo professor em seu planejamento.

Os livros didáticos da Figura 1 integra a coleção “Geografia: Homem e Espaço”, de autoria de Elian Alabi Lucci, bacharel e licenciado em Geografia pela PUC de São Paulo e Anselmo Lazaro Branco, licenciado pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI), editado pela Saraiva e adotados pelo Colégio Estadual Polivalente de Aratu, de Simões Filho/BA.

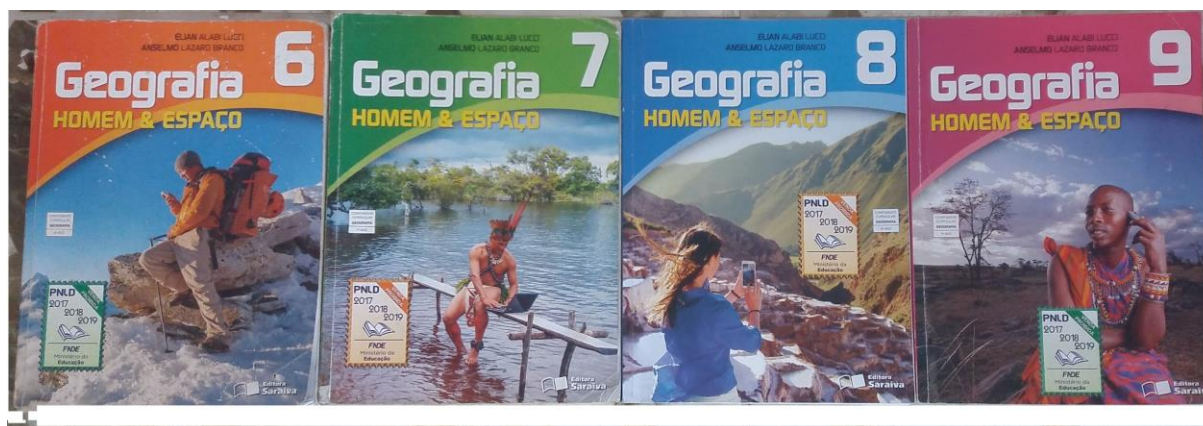


Figura 1 – Volumes da Coleção “Geografia: homem e Espaço” de autoria de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco, editora Saraiva.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No tocante à Figura 2, a coleção em evidência é “Expedições Geográficas”, de autoria de Melhem Adas, licenciado e bacharel em Geografia pela PUC-SP e Sergio Adas, doutor em Geografia pela USP, da editora Moderna, selecionada pela escola Centro Estadual de Educação Profissional em Serviços e Processos Industriais Irmã Dulce, também localizado em Simões Filho – BA.

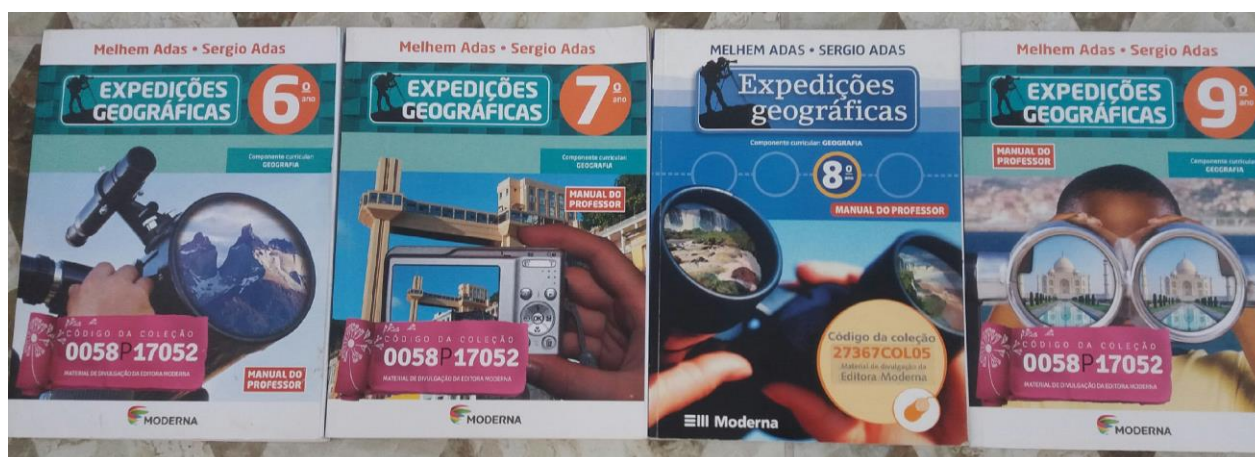


Figura 2 – Volumes da Coleção “Expedições geográficas” de autoria de Melhem Adas e Sergio Adas, editora Moderna.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

De acordo com Stefanello (2008, p. 86) “[...] o livro didático é, sem dúvida, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo de levar informações ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”. Desta forma, nota-se a importância da escolha desse tipo de material didático no processo de ensino-aprendizagem da educação geográfica, sobretudo porque as obras didáticas são constituídas de diversas linguagens (imagética, textual e cartográfica) e possibilita o desenvolvimento de várias habilidades a partir do estímulo do raciocínio geográfico ao articular os princípios da analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem dos fatos e fenômenos estudados pela Geografia, levando em consideração o nível de escolaridade dos estudantes.

A análise empreendida a partir dessas duas coleções de volumes de livros didáticos poderão contribuir para outras publicações, sobretudo no que concerne às questões que versam sobre a melhoria e a ampliação da abordagem da categoria região em futuras outras publicações, sobretudo didáticas.

Conclusões

O livro didático do PNLD se constitui como um importante recurso para as aulas de Geografia da Educação Básica, sobretudo porque abrange diversas linguagens (trechos de músicas, diferentes mapas temáticos, gráficos, infográficos, fotografias, tiras, histórias em quadrinho, dentre outras formas de linguagens) para abordar temas e conceitos da Geografia Escolar. A intenção desta pesquisa, ora apresentada ao PROET/UNEB, é contribuir com a ampliação das discussões que versam sobre região, como uma importante categoria geográfica a ser mais explorada nos livros didáticos e nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental II.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2006.
- GOMES, P.C. C. O conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, I.E. *et al.* (Org.). **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 49- 76.
- SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- SCHÄFFER, Otero Neiva. O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto. In: CASTROGIOVANNI, A. C *et al.* (Org.). **A geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 132 – 135.
- STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. Curitiba: IBPeX, 2008.



A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E SUA INCLUSÃO NAS DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DA BAHIA

Larissa Santos Silva¹
Imaira Santa Rita Regis²
Maria da Conceição Nascimento Marques³

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Os direitos humanos foram incluídos e receberam maior destaque nas Constituições dos Estados Soberanos após a Segunda Guerra Mundial. Cenário de muitas barbáries cometidas, como atentados contra a vida humana e violações expressas contra a dignidade da pessoa humana. Apesar de todo o decorrer histórico dos Direitos Humanos, da importância adotada pela Constituição da República Federativa do Brasil aos Direitos Humanos e Fundamentais, o estudo dos Direitos Humanos ainda não faz parte da diretriz curricular na educação básica, sendo esta incluída no ensino superior, em cursos específicos. Justifica-se a pesquisa para que seja demonstrada a necessidade de ser adotado e incluído nas matrizes curriculares da educação básica o ensino dos Direitos Humanos, haja vista que muitos dos cidadãos em formação demonstram desconhecer o conceito destas garantias e até mesmo a sua extensão no cotidiano. O objetivo da pesquisa é a difusão da importância da incorporação destas garantias fundamentais nas diretrizes escolares de formação do ensino básico. A metodologia aqui adotada foi à exploração oral, esta na qual foi realizada através de pesquisa com jovens em formação do ensino público de Salvador-BA, pesquisa bibliográfica e acesso a acervos. Após todas as entrevistas e pesquisas realizadas chegou-se à conclusão que há a necessidade urgente de inclusão dos Direitos Humanos como componente curricular do ensino básico.

Palavras-chave: Direitos humanos. Educação. Matriz Curricular.

¹Faculdade Metropolitana de Camaçari - FAMEC; Graduanda do curso de direito; Larissasilva01@outlook.com

²Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Professora Mestre em Geografia; imairaregirs@gmail.com.

³Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Professora em Ciências Sociais; marquesconceicao65@gmail.com.

Introdução

De acordo com André de Carvalho Ramos “Os direitos humanos consistem em um conjunto de direitos considerado indispensável para uma vida humana pautada na liberdade, igualdade e dignidade. Os direitos humanos são os direitos essenciais e indispensáveis à vida digna.” (2017, p.21). O Estado Brasileiro é signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que por virtude da formação do ordenamento jurídico adentrou a legislação brasileira com força de Emenda à Constituição. Ademais, dispõe o artigo 6º da Constituição Federal/88 com redação dada pela Emenda Constitucional nº 90/15, o que são determinados como direitos sociais: educação, saúde, alimentação, trabalho e outros, fazendo a ressalva que esta seção da Carta Magna é considerada cláusula pétrea, ou seja, não é permitida a sua edição por emenda, pois “[...] a luta por direitos sociais se resume hoje à luta pela retomada do crescimento [...]” (SINGER, 2012, p.260), que pode iniciar na escola, na formação integral das crianças e jovens.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH, 2003) estabelece ação no ensino formal, “essa ação teve como objetivo possibilitar à rede pública de ensino a inserção de uma perspectiva de educação centrada no respeito aos direitos humanos de modo a favorecer a formação da cidadania ativa” (SILVA e TAVARES, 2013, p. 51), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República que devem apoiar as Secretarias Estaduais de Educação no desenvolvimento de Planos de Ação de Educação em Direitos Humanos.

Em 30 de maio de 2012 foi publicada no Diário Oficial da União a resolução nº1 que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos por meio da qual o Presidente do Conselho Nacional de Educação, fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No artigo 2º da resolução nº 1 de 2012 estabelece-se a Educação em Direitos Humanos como um dos eixos fundamentais do direito à educação, posto que este “refere-se ao uso de concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas” (art.2º, resolução nº1/2012).

Outrossim, tendo em vista a necessidade de inclusão da educação em Direitos Humanos na educação básica, o Rio de Janeiro por meio do Plano Estadual de Direitos Humanos - PEEDH, lançado em 1996, com atualizações feitas no ano de 2002, dispõe no meio eletrônico a minuta para Contribuições da Sociedade.

Na proposta de número 19 requer o PEEDH (do Rio de Janeiro) proporcionar o ensino da Educação para Cidadania e dos Direitos Humanos “em toda a rede escolar, da Educação Básica ao Ensino Universitário.” (proposta 19, Plano Estadual de Direitos Humanos), assim como o Plano Estadual de Direitos Humanos do Rio de Janeiro, faz-se necessária a inclusão da educação em Direitos Humanos nas matrizes curriculares.

Esta pesquisa objetivou-se a demonstrar a necessidade da inclusão do estudo em direitos humanos nas diretrizes curriculares da educação básica, e a difusão da existência da resolução nº1 que instaura as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Metodologia

A metodologia aqui utilizada foi à pesquisa bibliográfica, análise de documentos e legislações brasileiras, através da busca da conceituação dos direitos humanos por teóricos do ramo do Direito atual, bem como, a busca pela historicidade dos Direitos Humanos e sua aplicabilidade nos Documentos Fundantes dos Estados Soberanos, resultando na produção de acervos. Foram necessárias pesquisas no ordenamento jurídico e nos Planos de Educação de estados diversos ao da Bahia a fim de complementação da fundamentação, e por fim, busca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ademais, haja vista o caráter da presente pesquisa, foram realizadas entrevistas com estudantes da educação básica de duas escolas públicas do Estado da Bahia, cidade de Salvador, na região do Subúrbio Ferroviário, para fins de uso e conclusões basilares da pesquisa, com uso do método da comparação e complementação entre a parte teórica e conceitual, com a realidade presenciada por muitos jovens do ensino básico.

Resultados e Discussão

Apesar da existência de documentos nacionais e estaduais que garantam a discussão sobre formação em Direitos Humanos, na prática não existem ações significativas, articuladas com o currículo que atinjam os estudantes na Educação Básica, tendo em vista que durante a pesquisa realizada com os jovens, um número notório de entrevistados demonstrou desconhecimento sobre o conceito de Direitos Humanos, bem como equivocadamente confundiam os Direitos Humanos com os Direitos e garantias Fundamentais, percebe-se que há uma lacuna na formação dos cidadãos desde o ensino básico e também, dos futuros representantes dos cidadãos que compõem a sociedade brasileira.

O resultado da pesquisa demonstra que posteriormente muitos destes jovens que desconhecem os Direitos Humanos, poderão ter seus direitos violados e por falta de

consciência da proteção jurídica que seus direitos possuem, deixarão de questionar, ou até mesmo, tutelar seus direitos a outros e “tratar da Educação em Direitos Humanos no Brasil é uma das exigências e urgências para que possamos ter uma formação mais humanizadora das pessoas e o fortalecimento dos regimes políticos democráticos na sociedade.” (SILVA e TAVARES, 2013, p. 50), a garantia dos direitos fortalece a democracia.

Com a investigação científica evidenciou-se a urgência da inclusão de uma matéria que retrate acerca do conceito básico do que são os direitos humanos, bem como, de todos os fatores históricos que levaram à adoção da defesa dos direitos humanos por diversas consequências, pois diversos cenários bárbaros ocorreram, em que se fez imprescindível aos Estados Soberanos tomarem posição.

O trabalho aqui feito demonstra também que apesar de haver Diretriz na educação em Direitos Humanos os estudantes das escolas que foram feitas as entrevistas demonstraram desconhecimento sobre o tema Direitos Humanos e a sua importância na educação, com isso certificam não há inclusão na base curricular do Estado da Bahia o ensino em Direitos Humanos. Portanto, diante deste cenário em que há a ausência de educação em Direitos Humanos é primordial a difusão da informação de que mediante a publicação feita no Diário Oficial da União a resolução nº1 de 30 de maio de 2012 em que, a União demonstrou que já cumpriu com seu papel de legislar uma norma geral no sistema jurídico a respeito da educação em Direitos Humanos, competindo aos Estados legislarem de maneira específica, a fim de atender as necessidades da Educação de seu Estado-Membro, conforme competência prevista no artigo 24, da Constituição Federal.

Conclusões

Após as pesquisas e entrevistas, conclui-se que é imprescindível a inclusão da educação em Direitos Humanos nas escolas. Em que se faz necessário o cumprimento da legislação que garanta a formação para vida e para convivência dos cidadãos, no seu exercício de direitos no cotidiano, como meio de organização política, social, econômica e cultural de todos os níveis da sociedade.

As escolas podem elaborar materiais didáticos com as questões relacionadas ao estudo de Direitos Humanos, através de leituras de documentos e legislações que assegurem os direitos, discussão sobre situações de violações dos direitos, levantamento de exclusões de minorias sociais, e outros conteúdos que signifiquem a reflexão e conscientização da educação em Direitos Humanos.

Portanto, conclui-se que é essencial que os cidadãos em formação sejam capazes de identificar e lutar pelos seus direitos fundamentais, o direito é resultado de ações políticas, para que não se repitam cenários de violações dos direitos humanos, é preciso criar condições para que haja a garantia desses direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**, Brasília Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1949)**. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

BRASIL. **Diário Oficial da União (2012)**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2012/05/30>>. Acesso em: 03 de abr. 2019.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2191-plano-nacional-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08 de abr. 2019.

BRASIL. **Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos (2002)**, minuta para contribuição da sociedade. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/pp/a_pdf/pedh_rj_propostas_ordenadas.pdf>. Acesso em: 08 abr 2019.

RAMOS, André de Carvalho. **Curso de Direitos Humanos**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

SILVA, Aida Maria Monteiro e TAVARES, Celma. Educação em direitos humanos no Brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites. In: **Revista Eletrônica Educação PUCRS**. v.36. n.1. Porto Alegre, p. 50-58, jan./abr. 2013. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12315/8740>>. Acesso em 13 abr. 2019.

SINGER, Paul. A cidadania para todos. In: PINSKY, Jaime e PINSKEY, Carla Bassanezy. **História da Cidadania**. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2012.



A EXPERIÊNCIA DE APRESENTAR, PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I, UM UNIVERSO EM EXPANSÃO ATRAVÉS DA NARRATIVA TRANSMIDIÁTICA

Danilo Sérgio Campos Dias¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O projeto Kimera Analógico - o emprego da narrativa transmidiática no Ensino Fundamental I, através da criação de um *board game* para um universo em expansão - desenvolveu-se durante o Mestrado Profissional em Educação (GESTEC/UNEB) e objetivou ampliar o letramento de estudantes do quarto ano da EM Álvaro da Franca Rocha, a partir do jogo-simulador Kimera - *Cidades Imaginárias*. Embora os jogos digitais sejam eficazes para a construção da aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento, muitas escolas da rede pública não possuem aporte tecnológico suficiente para oferecê-los aos estudantes, por isso, foi desenvolvido o Kimera Analógico, em uma perspectiva transmidiática, numa interlocução entre a narrativa do jogo e a coautoria dos estudantes-jogadores, quando relatam as aventuras vivenciadas no jogo, concebendo novas histórias. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, considerada mais adequada para situações educativas, por oportunizar a presença atuante do pesquisador, também sujeito do ato de pesquisar. Dentre os resultados alcançados, observou-se a apropriação dos estudantes das definições de lateralidade, direção, localização e orientação espacial, criação de personagens e desenvolvimento criativo na história. Conclui-se que o jogo, como símbolo de interação e socialização, pode ser utilizado para o desenvolvimento de aprendizagens atreladas ao caráter lúdico da atividade.

Palavras-chave: Narrativa transmidiática. Jogos modernos. Cartografia. Educação.

Introdução

O presente documento apresenta os processos de criação, desenvolvimento e aplicação do jogo analógico Kimera - A vingança de Kaos, objeto de estudo relacionado ao Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (UNEB), no período de 2017 a 2019. A proposta de um jogo analógico, quando o mundo virtual cresce em possibilidades, justifica-se com a necessidade da oferta de substituição das ferramentas digitais,

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Mestre em Educação; dannites@gmail.com.

em determinados contextos escolares, em virtude da pouca ou nenhuma possibilidade de utilização dessas estratégias. Entre as razões, citam-se a ausência ou ineficácia de laboratórios de informática; o pouco ou nenhum acesso à rede elétrica compatível para o uso de mais de uma plataforma ao mesmo tempo, entre outros imprevistos ligados ao cotidiano escolar, como, por exemplo, a simples falta de energia elétrica. A oportunidade de ampliação dos letramentos cartográficos aos estudantes, priorizada no jogo digital, é continuada na versão analógica, uma vez que o jogo é composto por missões e desafios cujas realizações dependem de conhecimentos de lateralidade, direção, localização, orientação espacial e elementos cartográficos.

Dando continuidade a uma narrativa que se apresenta ao jogador organizada em três partes (as duas primeiras são o jogo digital *Kimera - Cidades imaginárias* e a HQ *Antes do Kimera*², o Kit Kimera, produto oferecido aos estudantes e composto por um livro ilustrado, dois livros de atividades e um jogo analógico, apresenta uma nova oportunidade para que os estudantes-jogadores acompanhem as aventuras dos principais personagens, Belle e Luka, ao tempo que desenvolvem noções espaciais necessárias ao desenvolvimento das estratégias mais adequadas a fim de que os avatares movimentem-se sem riscos pelo tabuleiro. Nesse sentido, justifica-se a titulação transmidiática ao projeto, uma vez que os estudantes-jogadores terão a possibilidade de expandir as aventuras, alterando o que foi previsto, toda vez que iniciarem uma nova partida.

Na narrativa que antecede o que é apresentado ao estudante através do Kit Kimera, os gêmeos Belle e Luka encontram, no escritório do professor Daniel, seu pai desaparecido, uma bússola dourada e, manipulando-a, são levados ao Mundo de Kimera. Lá descobrem que seu pai está sendo aprisionado por Kaos, o irmão maligno do Rei Kimera. No jogo digital, embora os gêmeos consigam libertar o pai, o que leva o jogador ao final do jogo, o enredo oferece possibilidade de continuação: a Bússola Dourada brilha quando os meninos saem do escritório do professor Daniel. Esse detalhe cria um argumento para a continuidade da narrativa. E é nesse ponto que tem início o roteiro do livro ilustrado que serve como introdução para a aventura, seguida no jogo de tabuleiro.

No livro ilustrado, a Bússola Dourada cai do bolso de Belle, acidentalmente, durante uma aula de campo, no Dique do Tororó, abrindo um portal entre o Mundo de Kimera e a cidade de Salvador, possibilitando a promessa de vingança de Kaos. Esse evento faz a maioria da população desaparecer e modifica toda a rotina da cidade. Para fazer com que a

² Klab.geotec.uneb.br

cidade volte ao normal, os irmãos contam com a ajuda de dois novos protagonistas, Analu e Isack.

Dessa forma, a história do universo da franquia está sendo contada através de um fluxo contínuo cronológico, em plataformas midiáticas diferentes, ou seja, a narrativa do Kimera perpassa nos formatos de um jogo digital, de uma história em quadrinhos, de um livro ilustrado e de um *board game*. Para embasar essa teoria, busca-se Jenkins (2009), Ryan (2013) e Andrade (2015), no que se refere aos conceitos de Narrativas Transmidiáticas; Castellar (2017) para a abordagem sobre letramento cartográfico; Alves e Hetkowsky (2012) e Alves e Coutinho (2016) para o que se refere às tecnologias digitais, analógicas e a educação.

Configura-se como um trabalho produzido pela convergência transmidiática, que visa à transformação do que está posto, uma vez que o público para o qual se destina o produto é incentivado a procurar novas informações e, a partir delas, tem a liberdade de alterar ou não a história contada. A convergência também se expande, visto que a história tem possibilidade de ser extrapolada, pois a aventura de Belle, Analu, Luka e Isack pode sair do tabuleiro e alcançar outros formatos, sejam digitais ou não, em produções decorrentes da criatividade dos profissionais que apresentarem o jogo em suas salas de aula.

Como um protótipo, o jogo analógico foi apresentado para uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, no bairro da Engomadeira, em Salvador. Durante cinco encontros, os estudantes tiveram a oportunidade de participar de uma sequência didática que lhes possibilitou: conhecer o universo da franquia através da leitura do livro ilustrado, realizar as atividades propostas nos cadernos de atividades, jogar, avaliar o jogo e acrescentar a ele suas sugestões.

Dadas essas possibilidades ao estudante-jogador, configuraram-se os sete princípios centrais que asseguram ao projeto o caráter transmidiático (JENKINS, 2009), tendo nos princípios da continuidade e da multiplicidade aqueles que oferecem melhor exemplificação através do jogo Kimera Analógico: a continuidade na potencialidade dos fatos de uma história em transmídia prosseguirem enquanto narrativa em outro suporte; a multiplicidade devido ao prazer da audiência em ver a história ser contada a partir de diversos pontos de vista, inclusive considerando a capacidade do público para desenvolver a história do seu próprio.

Com o desenvolvimento desse estudo, objetivou-se, a partir da criação de um kit (livro ilustrado, livros de atividades e *board game*), possibilitar a ampliação do letramento cartográfico dos estudantes, para que se sentissem representados em um instrumento lúdico que pudesse ensiná-los a transitar em sua própria comunidade, utilizando-se, para isso, dos

conhecimentos cartográficos. Além disso, oferecer uma ferramenta de entretenimento e construção de aprendizagens significativas em diferentes áreas do conhecimento.

Metodologia

Com base nos estudos de Brandão (1999; 2006), foi utilizado o método pesquisa participante. Oito etapas envolveram o estudo do Kimera Analógico. As quatro primeiras relacionaram-se ao contato, sondagem e diagnose da situação com a comunidade escolar, às pesquisas sobre o jogo digital e sobre letramentos, em específico o cartográfico, uma possibilidade decorrente do jogo digital e uma necessidade comentada pela professora titular da turma e pelos próprios estudantes, em uma das rodas de conversa que introduziram o projeto. A quinta etapa refere-se ao desenvolvimento do Kit Kimera, a partir das dificuldades apresentadas pelos estudantes durante os encontros; nas etapas seguintes, os estudantes imergiram no kit, lendo, realizando, jogando, analisando e reestruturando o jogo.

A hipótese que desembocou na produção do kit buscava saber em que medida um jogo analógico que contivesse, em sua mecânica, elementos propícios ao desenvolvimento de habilidades de cartografia, poderia contribuir para a construção da aprendizagem geográfica dos estudantes, bem como no reconhecimento de si no espaço-lugar. Para isso, teve início a análise das outras mídias que compõem o universo Kimera: o jogo digital e a HQ, ao tempo que também o pesquisador buscava referências em jogos de diversos gêneros, a fim de estabelecer qual seria o mais adequado para o objetivo estabelecido e para o contexto de sala de aula; dentre eles, Hero Quest e Krosmaster Arena.

Disso decorreram a produção do livro ilustrado, que contém informações importantes para que o jogador compreenda a narrativa que inicia no livro e segue no tabuleiro, os dois cadernos de atividades, cujas propostas relacionam-se à reflexão e transformação das experiências vividas durante o jogo e no jogo em si.

Depois das rodas de conversa, o pesquisador socializou o livro ilustrado com os estudantes. Nele, a narrativa é interrompida no exato momento em que o vilão Kaos foge com a Bússola Dourada, um importante artefato que precisa ser recuperado pelos heróis da história e é nesse momento que inicia a parceria dos estudantes. Através do tabuleiro, eles desenvolvem estratégias de localização e orientação espacial, participam de missões e respondem à cartas-desafios sobre cartografia que os levam a colaborar com os personagens.

O jogo Kimera Analógico é um híbrido entre o RPG e o jogo de tabuleiro moderno. Para que seja oportunizado em sala de aula, onde, geralmente, há um número grande de estudantes, o que poderia inviabilizar o processo, o Kimera Analógico propõe a formação de

equipes, chamadas fã-clubes. Um estudante fica responsável pela manipulação do peão no tabuleiro, mas as missões e cartas-desafios ficam sob a responsabilidade de todo o seu fã-clubes. Assim, durante as rodadas, o game master (mestre orientador do jogo) pode ter uma melhor organização do ambiente e os estudantes não se frustram por não poderem participar das rodadas.

As propostas dos cadernos de atividades estão também relacionadas ao que os estudantes leram, ouviram e experienciaram durante sua participação no projeto. O Caderno I faz uma diagnose do que os participantes conhecem, já que tem por objetivo balizar quais são as necessidades dos estudantes acerca do conhecimento cartográfico. Isso se constitui num importante instrumento para o professor, que pode ressignificar as cartas-desafio do jogo, substituindo as existentes por outras que julgar que contemplam melhor a necessidade de sua turma. Já no Caderno 2, os estudantes-jogadores podem lembrar momentos do jogo, além de aplicar os conhecimentos construídos durante as jogadas, voltados para noções de lateralidade, orientação e localização espacial. A partir das respostas, o professor pode avaliar que aspectos do assunto precisam ser reconsiderados.

Resultados e Discussão

Os resultados alcançados com o projeto Kimera Analógico podem ser apresentados sob três aspectos: a proposta de ludicidade, a ampliação dos letramentos através do Kit Kimera e a constatação de que urge a ressignificação de práticas pedagógicas que considerem o desenvolvimento da competência leitora. Sobre o primeiro, observa-se a necessidade de oportunizar espaços e momentos nos quais a criança possa extravasar e *ser criança*, principalmente nessa etapa escolar e em comunidades onde a violência não permite o lazer em segurança. Nesse sentido, confirma-se o que Brougère (1998) traz sobre ludicidade, quando afirma que é a interação social que favorece a cultura geral, e nos oferece o entendimento de jogo não como uma oposição às coisas sérias, e que, embora seja uma atividade espontânea, está baseado em fundamentos culturais e por ele se constroem aprendizagens de diferentes naturezas: social, psíquica, cognitiva. Afirma-se aqui a pertinência da utilização dos jogos como importantes estratégias de aprendizagem.

Um segundo aspecto está relacionado à concepção de que os letramentos individuais são importantes colaboradores para o sucesso de um empreendimento coletivo, conforme avalia Tfouni (2010). Uma das características do Kimera Analógico é ser um jogo cooperativo. Isso indica que, para que o jogo se finalize, todos os jogadores precisam ter cumprido suas missões, o que requer a habilidade do grupo. Nesse contexto de interlocuções e

contribuições mútuas em prol de um mesmo objetivo, é importante ressaltar que no jogo Kimera Analógico, os letramentos individuais, aqui apresentados como os conhecimentos particulares de cada estudante-jogador, são os promotores da progressão das etapas do jogo e por consequência, do sucesso da equipe. É fundamental que as práticas pedagógicas considerem o caráter colaborativo das ações.

Um terceiro aspecto diz respeito às dificuldades de leitura e compreensão de textos, demonstradas maiores do que as dificuldades com o conteúdo geografia. Na maioria das vezes, os estudantes solicitaram intervenção para compreender o texto, a consigna do Caderno de Atividades ou mesmo das cartas-desafio. Há, nesse sentido, a emergência de um maior investimento no desenvolvimento da competência leitora em sala de aula.

Acredita-se que as abordagens precisam ser ressignificadas, a fim de que os estudantes tenham maior contato com a leitura e a compreensão dos textos, em todas as áreas do conhecimento.

Conclusões

A ampliação dos letramentos das crianças é responsabilidade da escola. Entretanto, ao cumpri-la, o espaço escolar não pode alienar-se das necessidades lúdicas que as crianças apresentam, principalmente, durante essa etapa escolar. Dessa forma, proporcionar experiências lúdicas a partir de plataformas que ofereçam a construção de aprendizagens ao tempo que divertem é uma opção didática que está ao alcance dos educadores.

No caso do Kimera Analógico, atesta-se a evolução dos estudantes quando interferem positivamente nas características do jogo, criando novos personagens, obstáculos e desafios; quando se reconhecem no espaço apresentado pela situação comunicativa (o Dique do Tororó), fazendo relações de localização e orientação espacial a partir dele ou quando são convidados a avaliar as etapas da sequência didática. A leitura de mapas e legendas, assim como a identificação com o espaço geográfico, geram a autonomia e a segurança quanto ao deslocamento do indivíduo em sua comunidade e fora dela e são importantes também no que diz respeito às relações de pertencimento do indivíduo com seu espaço, fatores importantes para o desenvolvimento integral do estudante, para além dos ensinamentos construídos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn; COUTINHO, Isa de Jesus. (Orgs.). *Jogos Digitais e aprendizagem: fundamentos para uma prática baseada em evidências*. Campinas, SP: Papirus, 2016.

ALVES, Lynn; HETKOWSKI, Tânia Maria, (Orgs.). *Tecnologias digitais e educação: novas (re) configurações técnicas, sociais e espaciais*. Salvador, EDUNEB, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. *A criança e a cultura lúdica*. *Revista Faculdade de Educação*. São Paulo, v.24, n.2, p.103-116, jul. - dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. *Cartografia escolar e o pensamento espacial: fortalecendo o conhecimento geográfico*. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan.- jun. 2017.

_____. *Letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de geografia nas séries iniciais*. 2017a. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org>>.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

RYAN, Marie-Laure. *Narrativa Transmídia e Transficcionalidade*. *Revista Celeuma*. n.03. 2013. pag. 104.

A MÚSICA E A TEMÁTICA DA INDUSTRIALIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO PIBID NO TERRITÓRIO DO SISAL

Adalberto de Souza Campos¹
Odete de Lima²
Adenilson Santos Matos³

Eixo – CINTERGEO – Educação, práticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade
Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este trabalho intenciona socializar as práticas experienciadas no I Ateliê de Educação Geográfica, a partir do subprojeto “Educação Geográfica: Diversas linguagens, Formação docente e Geografia Escolar”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), efetivadas com a turma do 2º ano B vespertino, do Colégio Estadual Professor Plínio Carneiro, situada na cidade de Barrocas-BA, no Território de Identidade do Sisal. O subprojeto proporcionou uma análise acerca da linguagem musical como dispositivo didático-pedagógico no ensino da Geografia e viabilizou processo de ensino-aprendizagem de temáticas da Geografia Escolar. A música é um dispositivo que potencializa o ensino de Geografia e foi a principal linguagem utilizada para mobilizar estudantes em sala de aula numa escola pública do Território do Sisal que aproximou os conteúdos curriculares aos cotidianos dos estudantes. Para nortear as ações foi estruturada uma sequência didática para definir o período de realização de ações do ateliê do subprojeto e seleção das músicas que seriam trabalhadas de acordo com o conteúdo curricular da industrialização, a partir do levantamento prévio dos ritmos musicais mais escutados pelos estudantes. Nessa perspectiva, foi possível trabalhar a temática de industrialização de forma lúdica, prazerosa e significativa com os estudantes da turma supracitada, tendo a linguagem musical como dispositivo didático-pedagógico eficaz e mobilizador para abordar tal temática.

Palavras-chave: PIBID de Geografia. Linguagem Musical. Industrialização. Território do Sisal.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha). Bolsista de Iniciação à Docência (ID) do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018) do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). E-mail: adalberto2601@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha). Bolsista de Iniciação à Docência (ID) do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018) do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). E-mail: limaodete5@gmail.com.

³ Licenciado em Geografia e em Sociologia. Professor da Educação Básica do município de Barrocas-BA. Bolsista Supervisor Voluntário do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018) do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). E-mail: adenilsoncabeca@yahoo.com.br.

Introdução: contextualizando o texto

O ensino de Geografia necessita de uma nova abordagem para se tornar mais atraente para os estudantes. Neste sentido, foi pensada a proposta da utilização da música como dispositivo didático-pedagógico para ensinar e aprender Geografia Escolar a partir das ações do ateliê do subprojeto do PIBID, pois as músicas fazem parte do cotidiano dos estudantes e elas podem potencializar o ensino de várias temáticas da Geografia na escola porque somos um povo que vive num país constituído por diferentes musicalidades.

Nesse contexto, Silva (2015, p. 20) argumenta que “A música brasileira sempre foi uma mistura de ritmos e gêneros, dando a ela uma riqueza de conteúdo que podem ser interpretados de diversas formas essa miscigenação da cultura sociocultural que forma o povo Brasileiro.”, pois a pluralidade cultural do país contribui para que a música brasileira seja reconhecida como uma das mais ricas do mundo e nada melhor que utilizá-la como dispositivo de ensino-aprendizagem para abordar temas e conceitos que compõem o currículo da Geografia Escolar, pois a música, como dispositivo de ensino, vem se evidenciando cada vez mais como artefato didático que potencializa o ensino, sobretudo de Geografia, promove a integração e a mobilização dos estudantes e facilita a aprendizagem geográfica.

A inserção da música nas aulas aparece fortemente nos debates acadêmicos, bem como nos documentos oficiais como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), trazendo à tona uma reflexão acerca de como essa linguagem, dispositivo didático-pedagógico, pode ser utilizado no processo de ensino, sobretudo de temas e conceitos da Geografia. Neste sentido, a música proporciona:

A incorporação progressiva de áreas de práticas e saberes novos a essa práxis, favorecendo o aumento do raio de escala das comparações, generalizações e sistematizações do conhecimento empírico leva a abstração a galgar níveis crescentes de universalidade cuja consequência é a transformação dos saberes na ciência geográfica. (MOREIRA, 2007, p. 25)

Moreira (2007, p.40) ainda ressalta ainda que a “[...] história dos homens é a história dos homens e dos espaços geográficos concretos vemos no espaço a própria história.”. Este autor enfatiza a importância de relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula perpassando pela realidade que os alunos vivem e os acontecimentos históricos do dia-a-dia. Com isso, as práticas de ensino de Geografia tradicional podem engessar o professor na evolução/criação de novos métodos de ensino, tornando a Geografia como uma disciplina desinteressante para os estudantes quando, na verdade, sabe-se que ela é uma disciplina muito

importante para a construção de um ser social crítico e político, essencial para entender o espaço onde vive e os processos geográficos que estão inseridos os sujeitos.

Este trabalho pretende socializar as práticas ancoradas na linguagem da música para ensinar e aprender Geografia na escola básica, desenvolvida a partir do I Ateliê de Educação Geográfica, uma das ações previstas no subprojeto “Educação Geográfica: Diversas linguagens, Formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vivenciadas com a turma do 2º ano B vespertino do Colégio Estadual Professor Plínio Carneiro, situada na cidade de Barrocas-BA, no Território de Identidade do Sisal da Bahia.

Dentre as ações vinculadas a este projeto estão os Ateliês de Educação Geográfica, os quais envolvem uma gama de atividades didáticas que possibilitam, a partir das diversas linguagens, a reflexão do/sobre o saber/fazer docente, a partir de estudos orientados e realização de práticas contemplando conteúdos, temas e temáticas da Geografia Escolar atreladas às músicas, ao cinema, às charges, os gráficos, infográficos, aos mapas, dentre outras linguagens, como dispositivos didáticos que proporcionam aprendizagens geográficas.

A questão problema que mobilizou o trabalho ora apresentado foi: - como abordar a temática da industrialização a partir da linguagem da música no ensino médio numa turma inserida de uma escola pública localizada no Território do Sisal da Bahia? Para responder a esta pergunta, foram planejadas ações didáticas ancoradas nas diversas linguagens, tendo a música como a principal, cujo objetivo primordial foi discutir a temática da industrialização a partir da linguagem musical, tendo em vista uma aprendizagem significativa.

A música como importante linguagem nas aulas de Geografia no Território do Sisal da Bahia: aspectos teórico-metodológicos

No âmbito escolar, a música pode ser utilizada como um importante dispositivo de ensino porque é de grande potencialidade didática, pois pode ajudar no processo de ampliação dos conhecimentos geográficos e tornar uma aula mais branda, divertida e contagiante, aproximando os estudantes e os conteúdos curriculares. Neste sentido,

Para que haja um melhor desempenho no ensino de geografia através de outros parâmetros, faz-se necessário que a escola esteja preparada para essa mudança. A música por si só, não se constitui em um recurso didático eficaz, para tanto [...] outros métodos referenciados como auxílio precisam ser incorporados a este e em conjunto venham transformar os modos como se ensina geografia nos dias atuais. (SILVA, 2015, p. 25)

De fato, o contexto atual requer um ensino que possibilite os estudantes articularem o vivido em seus cotidianos com os conteúdos curriculares. Neste sentido, as diversas linguagens se enquadram como importantes dispositivos didáticos para ensinar e aprender conceitos e conteúdos curriculares.

A música, por si só, é apenas mais um recurso didático-pedagógico, mas, a partir da intencionalidade do professor, se constitui como um importante dispositivo para trabalhar temáticas do currículo da Geografia Escolar, possibilitando outros modos de pensar a Geografia na escola básica porque possibilita a reflexão e a criticidade.

A utilização da música como dispositivo nas aulas de Geografia no Colégio Estadual Professor Plínio Carneiro, no município de Barrocas-BA, durante o I Ateliê de Educação Geográfica, teve como principal objetivo ampliar a discussão sobre industrialização nos países emergentes a fim de facilitar o processo de ensino-aprendizagem e assimilação dos conteúdos trabalhados pelos discentes, além de proporcionar a participação dos mesmos de forma mais direta na dinâmica da aula. As músicas trabalhadas no Ateliê foram de ritmos musicais diferentes, associadas com as temáticas das aulas realizadas pelo professor regente de forma lúdica alcançando a participação de todos os alunos presentes durante as aulas.

As ações do referido ateliê foram realizadas a partir de escutas, leituras e cantos musicais que traziam em sua essência problemáticas a serem correlacionadas à industrialização, possibilitando aos estudantes realizarem uma reflexão e análise sobre as questões ambientais, a partir de discussões que versavam sobre como a atividade industrial modifica o espaço, cuja abordagem era mediada pela atuação dos proprietários industriais, considerados agentes produtores do espaço. Além disso, as ações possibilitam, também, discutir os impactos socioespaciais advindos da instalação de indústrias, bem como o destino inadequado dos resíduos sólidos, os esgotos industriais, a poluição do solo, os recursos hídricos, a fauna e flora, cujas atividades possibilitaram a criação de paródias acerca do referido tema.

Conclusão

Vale ressaltar que o uso da música, considerada como importante linguagem para o ensino e a aprendizagem da Geografia contribuiu para uma maior compreensão dos estudantes, principalmente porque possibilitou a estes entenderem como as faces da industrialização atua no processo de ocupação dos espaços naturais, no entendimento das diferentes formas de relações que são estabelecidas entre o homem e o ambiente, seus desdobramentos políticos, sociais, culturais e econômicos, bem como na formação do sujeito

crítico e social, capaz de usar o conhecimento geográfico, sistematizado e apreendido, no seu cotidiano.

Assim, podemos afirmar que as atividades interventivas proporcionadas pelas ações do I Ateliê de Educação Geográfica, do subprojeto “Educação Geográfica: Diversas linguagens, Formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foram significativas e imprescindíveis para o processo de formação inicial dos bolsistas ID e os estudantes, pois a música se constituiu como um dispositivo didático-pedagógico, artefato didático, valioso no processo de ensino e de aprendizagem de temáticas que compõem o currículo escolar porque mobilizou os estudantes, promoveu aprendizagens geográficas, bem como os possibilitou a perceberem que a música e outras diversas linguagens precisam ser melhor exploradas no contexto da escola básica.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Rui. **O que é Geografia?** 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar.** Subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Colegiado do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI, Serrinha*, 2018, 13 p. (Digitalizado).

SILVA, Renágila Soares. **A importância da música nas aulas de geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia.** Renágila Soares da Silva. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia. Centro de Formação de Professores. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Cajazeiras, PB, 2015, 49 p.



A URBANIZAÇÃO E A LIGUAGEM MUSICAL: EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO PIBID NO TERRITÓRIO DO SISAL

Vitória Letícia de Jesus Sousa¹
vitoria-vivileticia@hotmail.com

Priscila Garcez²
pfscgarcez@gmail.com

Simone Santos de Oliveira³
ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

Eixo – CINTERGEO – Educação, práticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade
Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente trabalho resulta de intervenções realizadas pelos bolsistas de Iniciação à Docência-ID, vinculado à ação do Ateliê de Educação Geográfica proposto pelo subprojeto “Educação Geográfica: Diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar”, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com financiamento pela CAPES, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI*, tendo como *locus* de realização de práticas docentes a turma do 2º ano D do Ensino Médio, turno vespertino, do Colégio Estadual de Biritinga, localizado no município de Biritinga (BA). A intervenção teve como objetivo a utilização da música para abordar o conteúdo geográfico de urbanização e esta atividade possibilitou aos bolsistas perceberem como o uso das diversas linguagens, neste caso a música, pode mobilizar os estudantes e promover aprendizagem geográfica. A intervenção permitiu identificar o nível de criticidade dos discentes acerca das aulas de Geografia e analisar como a música, enquanto dispositivo didático-pedagógico utilizado pelo professor, contribui para o aprendizado do ensino dos conteúdos geográficos. Para realização do trabalho, fizemos uma pesquisa de cunho qualitativo a partir de

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha). Bolsista de Iniciação à Docência (ID) do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018) do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES).

² Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora de Geografia da Rede Básica de ensino público. Professora Bolsista Supervisora do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018) do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) vinculado ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha).

³ Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora Assistente do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha) e Professora Permanente do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET) da UNEB/Campus I/Salvador. Bolsista Coordenadora de Área do subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Pesquisadora dos grupos de pesquisa GRAFHO e Geo(bio)grafar/UNEB.

levantamentos bibliográficos e levantamentos de dados coletados através de questionários aplicados após as intervenções com letras de canções nas aulas de Geografia. As intervenções possibilitaram afirmar que a música é um importante dispositivo didático-pedagógico no ensino e aprendizagem de diversos conceitos e temas da Geografia escolar e elas proporcionaram um importante espaço-tempo de formação para os bolsistas ID e de supervisão do PIBID no Território do Sisal.

Palavras-chave: Urbanização. Música. PIBID.

Introdução

Este trabalho decorre de uma experiência docente vivenciada com a linguagem da música no âmbito do Ateliê de Educação Geográfica, uma das ações do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) intitulado “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018), cujo espaço de realização de atividades foi a turma do 2º ano D do ensino médio, turno vespertino, do Colégio Estadual de Biritinga, localizado no município de Biritinga, interior do estado da Bahia.

No contexto atual da educação, é necessário fazer o uso das diversas linguagens que possam encantar os estudantes e mobilizá-los para a aprendizagem geográfica, pois a música é considerada um dispositivo didático que possibilita transformar a sala de aula num espaço de aprendizagem colaborativa através das canções, desmistificação a Geografia como uma disciplina escolar memorética, pois é sabido que a música é uma linguagem que desperta várias sensações e sentimentos e está presente na sociedade desde o seu primórdio, utilizada em diversos momentos da vida como liturgias e cerimônias de nascimento, morte, casamento e em inúmeros outros momentos, sobretudo contribui para o melhoramento da cognição.

Por estar no cotidiano de todos, a música pode ser empregada na sala de aula como dispositivo que auxilia o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo geográfico, sendo ela um meio de aproximar os conteúdos escolares às vivências dos estudantes.

A linguagem musical pode ser usada em todos os níveis de ensino, porém, é muito usada na educação infantil, mas no ensino médio, a música é pouco aproveitada, podendo ser utilizada para melhorar a interpretação, aguçar a reflexão, a criticidade e contribuir com a interação dos estudantes na sala de aula, além de promover discussões de conteúdos diversos de modo espontâneo e de maneira desinibida.

Metodologia

A realização deste trabalho está pautada em experiências pedagógicas com a música, realizada no âmbito do PIBID, vinculado ao subprojeto “Educação Geográfica: Diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018), nos referenciais teóricos que abordam a temática e o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia, às discussões em grupo feitas nos momentos formativos promovidos pelos espaços de diálogos do subprojeto na universidade, nas observações e aplicação de questionário com estudantes da escola de Biritinga, parceira do subprojeto que vivenciaram a experiência de articular a música com o conteúdo de urbanização em sala de aula. As ações didáticas na escola decorreram das proposições do projeto didático-pedagógico “Geomusicando: cantando a urbanização” (SOUSA, COSTA; GARCEZ, 2018), no âmbito das ações do I Ateliê de Educação Geográfica do PIBID, o qual tinha a música como a principal linguagem e dispositivo didático-pedagógico para ensinar e aprender temáticas relacionadas à urbanização.

Nesse contexto, Pereira (2012, p. 92-93) assevera que “[...] cabe o professor fazer uma escolha criteriosa das músicas a serem trabalhadas com seus alunos em sala de aula, analisando a sua adequação com a temática em estudo [...]”. A partir disso fizemos algumas intervenções na turma do 2º Ano do colégio parceiro. A primeira delas foi o uso da música de MC G15 e Bruninho (A distância ta maltratando) e Edson Gomes (Criminalidade), as quais possibilitaram realizar uma discussão em sala atingindo o objetivo no qual os alunos tinham que identificar causas e consequências da urbanização. Ao final das atividades propostas, os estudantes foram orientados a expor suas interpretações e correlacionar a letra da música com o conteúdo curricular abordado, sobretudo a fazer uso de charges, fotografias, vídeos, cartazes, desenhos ou maquetes que representasse o conteúdo e a música definida para cada temática e no final apresentar para toda turma.

Resultados e Discussão

Foi a partir do trabalho realizado, utilizando a linguagem musical que ficou perceptível o quanto foi valioso e gratificante promover ações didáticas a partir de uma metodologia ativa. Neste sentido, afirmaram alguns estudantes da escola parceira do subprojeto:

- A linguagem musical fez com aprendemos e ao mesmo tempo nos divertimos. foi uma forma de aprendizado novo. (Estudante A. Questionário, CEB, 2018.)

- *Nós aprendemos a interpretar melhor as músicas e aprendemos muito, pois as músicas tinham a ver com o nosso contexto.* (Estudante B. Questionário, CEB, 2018.)

- *Por ser uma aula divertida facilitou, bastante o aprendizado deixando claro o conceito de urbanização.* (Estudante C. Questionário, CEB, 2018.)

Nesses excertos narrativos são evidenciadas a potencialidade da música como importante dispositivo didático-pedagógico capaz de mobilizar para a aprendizagem de temáticas e subtemáticas relacionadas à urbanização porque facilitou a abordagem dos conteúdos.

Quando questionados aos estudantes sobre de que forma que eles passaram a enxergar os conteúdos da Geografia a partir das intervenções pedagógicas com a linguagem musical, as narrativas evidenciaram que a música potencializou o ensino favorecendo e dinamizando o aprendizado dos estudantes, fazendo melhorar seus rendimentos escolares no componente curricular de Geografia. Neste sentido, pode-se afirmar que a música aproximou os estudantes dos conteúdos curriculares da Geografia, ajudou na compreensão do conteúdo, contribuiu para um novo olhar Geográfico porque possibilitou o professor assumir o papel de mediador da aprendizagem e promoveu o desenvolvimento do raciocínio crítico dos estudantes ao fazer uso da linguagem musical na abordagem do conteúdo de urbanização.

Conclusões

Tendo como ponto de partida a atividade realizada pelo PIBID no Colégio Estadual de Biritinga, ficou perceptível o quanto a utilização da música foi importante na abordagem do conteúdo de urbanização e como esta linguagem foi importante para a aprendizagem dos discentes. No entanto, ao utilizar a música, o professor precisa saber utilizá-la e articulá-la nas aulas quando for abordar temáticas que compõem o currículo da Geografia Escolar, de modo que as aulas não se tornem cansativas. Para isso, é preciso conhecer o perfil dos estudantes da turma e encontrar as melhores maneiras de abordar os conteúdos com a ajuda deste dispositivo de ensino pouco utilizado pelos docentes.

Assim, o uso da música no I Ateliê de Educação Geográfica possibilitou explorar temáticas da Geografia na escola e permitiu que os bolsistas de Iniciação à Docência do PIBID experienciassem momentos de regência e trocas de saberes e fazeres da Geografia Escolar com o professor supervisor, aproximando os conhecimentos específicos da área de Geografia com os conhecimentos pedagógicos, imprescindíveis para uma formação e prática

docente significativa, objetivando promover intervenções pedagógicas que proporcionassem interesse e a participação dos estudantes para aprenderem temáticas relacionadas à urbanização, conteúdo curricular que faz parte da Geografia Escolar.

REFERÊNCIAS

GOMES, Edson. **Criminalidade**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=P3xsBoI6fyc>>. Acesso em: 20 set. 2018.

MC G15 e MC Bruninho. **A distância ta maltratando**. (GR6 Filmes) DJ DG e Batidão Stronda. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BXTpedYsjyI>>. Acesso em: 20 set. 2018.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Educação Geográfica**: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar. Subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Colegiado do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI, Serrinha, 2018, 13 p. (Digitalizado).

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino da geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático-pedagógica. **Geografia Ensino & pesquisa**. vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012, p. 137-148.

SOUSA, Vitória Letícia de Jesus; COSTA, Maíra da Silva; GARCEZ, Priscila.

Geomusicando: Cantando a Urbanização. Projeto didático-pedagógico coordenado por Simone Santos de Oliveira e Jussara Fraga Portugal. I Ateliê de Educação Geográfica. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. UNEB: Serrinha, 2018, 12 p. (Digitalizado)



AS CRIANÇAS COMO PESQUISADORAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA PRÁTICA INOVADORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lílian Matos da Silva¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade –
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho compreende um relato de experiência desenvolvido num Centro Municipal de Educação Infantil, da cidade de Salvador, Bahia, com crianças de três a quatro anos de idade. Para além de uma descrição sobre um projeto inovador desenvolvido em âmbito educacional, este texto objetiva apresentar a criança como participante e pesquisadora ativa do seu mundo de vivências, questionando e investigando algo que lhe inquiete, trilhando o seu caminho autoral. Nesse processo, destaca-se uma prática inovadora desenvolvida a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, dos diálogos coletivos, dos questionamentos, da valorização em torno das vivências e do uso de uma tecnologia aprazível (Fotografia) para os sujeitos ativos, desenvolvendo uma pesquisa orientada por adultos, mas conduzida pelas crianças, destacando o fazer investigativo dos infantes.

Palavras-chave: Criança. Pesquisa. Vivências.

Introdução

A pesquisa, de uma forma sucinta, refere-se ao procedimento, ao meio pelo qual se obtém conhecimento sobre algo ou alguma coisa. Num sentido mais amplo, fazer pesquisa é “construir o que entendemos por ciência, ou seja, [...] elaborar um conjunto estruturado de conhecimentos que nos permita compreender em profundidade aquilo que, à primeira vista, o mundo das coisas e dos homens nos revela nebulosamente ou sob uma aparência caótica” (GATTI, 2007, p.10).

Numa visão cartesiana, associamos os adultos, professores, coordenadores e universitários (mestrandos e doutorandos) à figura do pesquisador. E como uma provocação, trago a seguinte problemática: podemos relacionar a criança ao ato de pesquisar enquanto

¹ Professora da Rede Municipal da cidade de Salvador, Bahia - SMED; Mestranda do Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologia aplicadas à Educação – GESTEC, da Universidade Estadual da Bahia - UNEB; matos_lilian@hotmail.com.

autora da ação investigativa? As crianças fazem pesquisa? Essa é uma questão que retrataremos nesse trabalho, destacando um relato de experiência que indica possibilidades, amplia a discussão, alicerçando proposições e afirmando que as crianças podem ser pesquisadoras.

Essas reflexões iniciais nos remetem ao importante diálogo sobre o necessário movimento para a desconstrução de concepções enraizadas e limitadoras sobre o ato de pesquisar. Para além, pensar a pesquisa como um processo investigativo que pressupõe estudar, analisar e experimentar fatos e fenômenos sobrepondo uma visão reducionista e superficial.

Nesse trabalho, relataremos duas propostas educativas que se entrelaçam e evidenciam o fazer pedagógico a partir do mundo de vivências, destacando as crianças enquanto pesquisadoras, apresentando os projetos cotidianos de uma instituição escolar da cidade de Salvador, Bahia, ressaltando as pesquisas orientadas por adultos, mas conduzidas pelas crianças a partir dos seus conhecimentos prévios, ampliando-os através de diálogos e de uma prática investigativa que objetive elucidar questões levantadas previamente em rodas pedagógicas.

Metodologia

O relato de experiência caracteriza-se como um estudo descritivo e de abordagem qualitativa na medida em que apresenta o trabalho e detalha os passos para a sua realização a partir de trocas simbólicas de interação. No que tange a esse estudo, elegemos a Pesquisa Ação enquanto metodologia que mais representa a nossa proposta por caracterizar-se enquanto uma rica estratégia que possibilita o aprimoramento do ensino oportunizado pelos professores e pesquisadores, pois a partir dela validamos as falas dos alunos, conhecemos as suas vivências e realizamos uma autocrítica em torno das práticas pedagógicas desenvolvidas no *locus* do estudo e, em decorrência, do aprendizado das crianças no espaço escolar.

O grupo no qual desenvolvemos essa atividade é composto por crianças de três a quatro anos de idade que frequentam integralmente o Centro Municipal de Educação Infantil Eliezer Audíface, localizado no bairro Luiz Anselmo, na cidade de Salvador, Bahia. A partir da história infantil “Os três porquinhos”, conversamos sobre as diversas moradias existentes, perpassando pelo tema que envolvia a localidade e as residências dos alunos. Durante as aulas, registrávamos as falas, propondo, concomitantemente, ações para sanarmos dúvidas e ampliarmos as discussões desenvolvidas em rodas pedagógicas. As informações resultaram em gráficos e compreendiam pesquisas realizadas em conjunto com as famílias, tal como o

preenchimento de questionários e o registro da criança, com a companhia de um adulto, das moradias da sua comunidade através do uso de máquinas digitais ou de aparelhos telefônicos.

Relato de experiência

A escola enquanto instituição formal de ensino processa um sistema de relações sociais, objetivando promover a construção coletiva do conhecimento. Nesse espaço, o fazer pesquisa educacional pressupõe dialogar com algo relativo aos seres humanos, resultando numa série de estudos que emergem da observação de uma gama de objetos e de um caminho a percorrer para tentarmos compreender a multiplicidade de atos (ensino e aprendizagem), funções e contextos presentes no espaço educacional.

Para a concepção contemporânea da sociologia da infância, os educadores devem estimular e validar as vozes das crianças a partir das suas vivências, compreendendo-as como “sujeitos sociais e históricos marcados pelas contradições da sociedade em que vivemos, ao mesmo tempo, em que, como atores sociais, têm condições de se contrapor, criticar e transgredir as ‘leis’ do mundo em que estão imersas” (KOERICH e MARTINS, 2005, p.8).

Esse mundo é o espaço organizado em forma de sociedade, e dentro dele há grupos que se constituem a partir de valores, conhecimentos e ideias que podem ser compreendidas a partir das realidades das quais fazem parte, dialogando sobre as diferentes culturas e as suas diversas concepções. De uma maneira genérica, podemos dizer que cultura é o que “caracteriza uma população humana” (SANTOS, 1987, p.19), isto é, apresenta-se enquanto resultante da produção do homem em sociedade, decorrente da sua complexa construção histórica.

Diante dessa percepção e corroborando com os estudos de Prado (1999, p. 5), nos questionamos se “criar cultura é essencialmente humano, as crianças pequeninhas também criam cultura?”. E para além, “se as relações sociais e a cultura das crianças em si merecem estudo, então quem é mais qualificado para pesquisar alguns aspectos de suas vidas do que as próprias crianças? [...] se crianças podem ser participantes ativos [...] também podem ser pesquisadores ativos?” (ALDERSON, 2005, p.6, *apud* JAMES & PROUT, 1997).

Nesse relato de experiência, ressaltamos a concepção de que as crianças produzem cultura infantil, destacando-a enquanto ser integrante da sociedade, vivenciando as suas culturas, incorporando-as, produzindo a cultura dos infantes e contribuindo para com as culturas adultas, apropriando-se, criativamente, sobre o mundo ao seu redor. Para além, retrataremos os pequenos enquanto sujeitos investigadores, curiosos e criativos. Isto é,

pesquisadores que partem de suas inquietações, iniciando um caminhar autoral em busca de informações e conhecimento sobre algo que se deseja compreender e aprender.

A primeira ação do projeto, que pode ser observada na Figura 1, se desenvolveu a partir do interesse da turma sobre uma temática destacada por eles em rodas de conversa: O lobo mau e a história dos três porquinhos. Vários aspectos foram trabalhados, perpassando desde a imaginação infantil até o retrato social da comunidade na qual os pequenos estão inseridos, retratando a criança enquanto pesquisadora através de uma prática inovadora que partiu do conhecimento prévio desse aluno, percorrendo pelo tema moradia, ampliando-o através de outros instrumentos metodológicos e do uso da fotografia enquanto um artefato antropológico e tecnológico de reconhecimento para dialogarmos acerca do lugar de vivência desses alunos, como podemos visualizar na Figura 2.

Nesse momento, se faz necessário ressaltar que nesse projeto evidenciamos práticas prazerosas às crianças, na medida em que o tema inicial fora escolhido por elas, os seguimentos foram destacados pelos sujeitos do processo, assim como o uso da fotografia elencada e do registro do cotidiano realizado pelos infantes enquanto uma prática aprazível que se organizou e se desenvolveu para contemplar os anseios e os questionamentos dos alunos. Assim, otimizamos ações que lhes eram significativas, tornando o fazer investigativo num momento lúdico e agradável.



Figura 1 – Rodas pedagógicas iniciais.
Fonte: autora do texto.



Figura 2 – Registros das áreas externa e interna das moradias dos alunos.
Fonte: autora do texto.

Conclusões

O desenvolvimento dessa prática pedagógica inovadora possibilita a compreensão de que os pequenos devem ser vistos como sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. Para além, conclui-se que as crianças podem ser pesquisadoras, apropriando-se de forma criativa sobre o mundo ao seu redor. Diante das observações, destaca-se que esse processo investigativo pode ocorrer em pares, com o grupo e também com a orientação de um adulto na medida em que o infante incorpora a sua cultura e a reproduz no mundo de faz de conta, bem como a elabora no momento em que (re) conhece de forma significativa, associando-a ao contexto ao seu redor.

Diante desse relato de experiência, observa-se que um projeto pode se desenvolver a partir do interesse do grupo, trilhando caminhos diversos, oportunizando a criança a autoria do trabalho, pesquisando ativamente alguns aspectos de suas vidas a partir dos seus conhecimentos prévios. O uso de estratégias mobilizadoras que aproximam os infantes do fazer investigativo se apresenta como um ponto muito importante, pois o uso da fotografia enquanto tecnologia abraçada pela turma como um artefato próximo e prazeroso pode oportunizar o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa aos olhos das crianças.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. **As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/Ago. 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília, Liber Livro Editora, 2007, 87 p.

Koerich, P., & Martins, T. **Desenvolver valores na primeira infância:** uma proposta de ação pedagógica. Revista Zero-a-seis, p. 1-14, janeiro/junho, 2005.

PRADO, Patrícia Dias. **As crianças pequenininhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche.** Pro-Posições, Vol. 10, N° 1, 28 de março de 1999.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo, Editora Brasiliense, 6 edição, 1987.



AS TECNOLOGIAS MÓVEIS E OS PROCESSOS EDUCATIVOS NA ESCOLA HOSPITALAR E DOMICILIAR

Cristiane Silva de Jesus¹
Mary Valda Souza Sales²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O texto apresentado versa sobre uma pesquisa em andamento, que está sendo realizada no curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O problema de pesquisa delineia-se da seguinte forma: Como os estudantes da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce compreendem e experienciam a inserção das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis nos seus processos educativos? O objetivo geral da investigação consiste em compreender o papel das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis nos processos educativos dos estudantes da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce a partir de suas narrativas, considerando as particularidades contextuais e clínicas inerentes a essa modalidade de atendimento educacional.

Palavras-chave: Tecnologias móveis. Processos educativos. Escola Hospitalar e Domiciliar.

Introdução

A realização de práticas educativas em espaços não convencionais de aprendizagem - extra muros das escolas regulares - constitui-se num desafio para os profissionais que escolhem exercer o seu ofício nesses ambientes.

Denominamos “*espaços não convencionais de aprendizagem*” todos os locais (pensando na estrutura física) que ofertam meios legais/oficiais de garantir a escolarização de pessoas que apresentam o desejo e/ou a necessidade de dar continuidade aos seus estudos nos locais onde se encontram como: hospitais, casas de apoio/casas lar, domicílios/residências,

¹UNEB / SMED. Pedagoga, psicóloga, especialista em Administração Pública, Gestão Educacional, Educação Especial e Inclusiva. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do grupo de pesquisa Formação, Tecnologias, Educação a Distância e Currículo (ForTEC). Professora na Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce (EMHDID). E-mail: cris.crikika@gmail.com.

²UNEB. Pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Supervisão Escolar/Empresarial – FEBA, mestre em Educação e Contemporaneidade – UNEB, doutora em educação – FAGED/UFBA. Professora Adjunta do Departamento de Educação (DEDC), Campus I, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), líder do grupo de pesquisa Formação, Tecnologias, Educação a Distância e Currículo (ForTEC), atuando na graduação e na pós-graduação e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC). E-mail: marysales@uneb.br.

abrigos, instituições socioeducativas para menores cerceados de liberdade, sistema penitenciário, entre outros.

A Constituição Federal (BRASIL,1988) assegura a educação enquanto “*dever do estado e direito de todos*”, esboçando desde essa época os primeiros rastros para a elaboração e posterior implementação da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL,1994). Em amplo sentido, *incluir* abrange oportunizar a todo cidadão (independente da condição de saúde, idade, gênero, etnia, situação judicial, etc) os mesmos direitos apregoados por lei.

A emergência da tecnologia em contextos educacionais formais e não-formais amplia as possibilidades potenciais de criatividade, de inovação, bem como a convergência entre saberes e fazeres cotidianos, pois os comportamentos acabam sendo condicionados aos meios de consolidação das redes que, na educação, apresentam como objetivo primeiro o acesso à informação para muitas pessoas.

As necessidades dos contextos de aprendizagem é que movimentam o chamado dos dispositivos móveis, dos aplicativos, não o contrário, porque a tecnologia não possui um fim em si mesma. Constitui-se em processo, não apenas nos instrumentos palpáveis para o desempenho de tarefas específicas. A partir dessa compreensão da tecnologia enquanto processo inerente à própria condição evolutiva da espécie humana, enquanto capacidade criadora, enquanto processo de intercambiamento, é possível pensar sobre a alteração das relações sociais condicionadas pelos próprios estudantes a partir da imersão no universo tecnológico no ambiente onde se encontram (hospital, casa de apoio, clínica ou domicílio).

O presente texto versa sobre uma pesquisa em andamento, que está sendo realizada no curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC - UNEB), pelas referidas autoras. O problema de pesquisa delinea-se da seguinte forma: Como os estudantes da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce compreendem e experienciam a inserção das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis nos seus processos educativos? O objetivo geral consiste em compreender o papel das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis nos processos educativos dos estudantes da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce (EMHDID) a partir de suas narrativas, considerando as particularidades contextuais e clínicas inerentes a essa modalidade de atendimento educacional, e os específicos são: identificar as tecnologias móveis (os dispositivos) inseridas no processo educativo da EMHDID; descrever o papel das tecnologias digitais móveis no processo educativo no contexto (lócus) da pesquisa; verificar as possíveis contribuições das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis no processo educativo dos estudantes da EMHDID a partir das suas narrativas.

Os sujeitos da investigação são estudantes atendidos em uma das classes da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce (EMHDID). São pacientes portadores de Insuficiência Renal Crônica que realizam hemodiálise em turnos de quatro horas, em dias alternados da semana, totalizando três atendimentos semanais, ininterruptamente, e também pacientes que realizam diálise peritoneal duas vezes por semana, por 24 horas seguidas, sendo todos/as alunos/as matriculados na EMHDID, ou seja, alunos considerados permanentes, oficialmente matriculados na rede municipal de ensino da cidade de Salvador.

O desenho teórico-metodológico dessa pesquisa sintetiza o atendimento escolar hospitalar realizado na cidade de Salvador - Bahia; conceitua os processos educativos, à luz da Teoria da Relação com o Saber proposta por Bernard Charlot, do Sociointeracionismo de Vygotsky. A compreensão dos processos educativos mediados pelas tecnologias móveis e pelas tecnologias digitais móveis e sua inserção no cotidiano da escola hospitalar, inspira-se nos estudos de Levy (2000), Santaella (2010, 2014), Castells (2003), Kenski (2013), Sales (2018) entre outros. A análise das narrativas dos estudantes em torno dos sentidos e significados dos processos educativos estão sustentados nos estudos de Clandinin (2015), Souza (2006) e Rios (2011).

Metodologia

Na condição de seres humanos, a ligação enquanto espécie se configura na própria constituição biológica e na estruturação do aparelho psíquico, na formatação das múltiplas formas dos relacionamentos socioafetivos, na imersão enquanto construtores/as e consumidores/as de cultura, na organização política a qual todos estamos submetidos, nas múltiplas possibilidades de comunicação (oral, escrita, imagética, gestual, entre outras), na subjetividade que nos torna seres individuais e únicos, marcados pelas possibilidades de desenvolvimento advindas dos processos educativos aos quais somos submetidos no decorrer das nossas trajetórias de vida. Partindo desses pressupostos, toda ação vincula-se a uma intenção. Na investigação que ora se apresenta, o primado qualitativo é a base de sustentação, visto que a pesquisa qualitativa significa um “ato criador vivo”, “uma obra construída” como afirma Galeffi (2009), com finalidade definida *a priori*, pois há intencionalidade nos seus atos,

[...] que perde o seu sentido se não encontrar ressonância em seu meio de atuação. [...] De nada adianta produzir pesquisa qualitativa sem que seus efeitos possam trazer modificações expressivas em seu meio de atuação. Uma pesquisa qualitativa, então, só faz sentido quando sua força constituída provoca mudanças no meio de sua atuação, seja através da simples leitura de publicações, seja pela assimilação metodológica de seus elementos

expressivos, que podem dar margem a novas formações conceituais, metodológicas e técnicas, seja simplesmente permitindo que grupos de pesquisa organizados encontrem motivos para prosseguir em suas investigações qualificadas, na maioria das vezes sem nenhuma implicação mais radical com a totalidade da vida. (p. 37-38).

A pesquisa em andamento, de abordagem qualitativa, inspira-se na pesquisa narrativa que é entendida como uma forma de compreender a experiência humana, tendo em vista que

...a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimento, porque se ancora nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento (SOUZA, 2006, p. 136).

De acordo com Clandinin e Connelly (2015), a pesquisa narrativa é um mergulho de muitas possibilidades, abre espaço para a voz dos sujeitos, para suas necessidades e desejos, para a apreciação de si mesmos e de seus processos, para a construção de sentido a partir das experiências. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado.

Aqui, a pesquisa intenciona dar lugar à fecundidade existente nas narrativas dos(as) estudantes hospitalizados, na busca de compreender o papel das tecnologias móveis e das tecnologias digitais móveis no processo de aprendizagem desses estudantes.

Os instrumentos eleitos para a colheita das informações e produção do texto da pesquisa são: a pesquisa documental, a entrevista aberta, a observação participante e o diário de campo, os quais se complementam no movimento de conhecer, acessar, investigar, construir, desenvolver a pesquisa no/com o campo e os sujeitos, compreendendo-os enquanto coautores em todo o processo.

Resultados e Discussão

O trabalho de campo encontra-se na fase inicial. A pesquisadora expôs, de forma sintética, a proposta da investigação para os 10 estudantes da classe selecionada, tendo adesão de 100% deles, com posterior leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os primeiros registros no diário de campo revelam que os dispositivos móveis estão presentes nas aulas como elementos mediadores nos atendimentos escolares.

As particularidades das histórias de vida dos estudantes, do acesso às tecnologias no cotidiano, da disponibilidade em desvelar suas potencialidades para a ampliação da sua relação com o saber e com o aprender são achados iniciais reveladores do sentido e do significado dessa pesquisa para os sujeitos envolvidos, para essa modalidade de atendimento educacional em especial.

Conclusões

O itinerário dessa investigação caminha no sentido do suprimento ou da minimização das “faltas” no contexto da Educação Inclusiva, especificamente do atendimento escolar hospitalar e domiciliar, do desejo de fomentar reflexões em torno de práticas educativas cada vez mais significativas entre educandos e educadores das classes hospitalares.

Diante da polivalência de funções das Tecnologias Digitais (TD) para o desenvolvimento do processo educativo, especialmente no contexto hospitalar e domiciliar, e de todas as mudanças implementadas na forma de ser e de viver das pessoas na sociedade contemporânea com o seu advento, nascem novas metodologias de ensino-aprendizagem e uma urgência: a inovação pedagógica. A recriação das formas de ensinar, com base nas práticas docentes já consolidadas, dialogando com os artefatos digitais móveis promove uma abertura de possibilidades criativas para as elaborações cognitivas dos/as estudantes e também dos/as professores/as, na medida em que abre-se a oportunidade de aprender no coletivo, no diálogo, na interconexão com todos/as que compõem a trama educativa, fomentando a curiosidade, desenvolvendo a criatividade e a capacidade de inovar, indispensáveis para a solução dos problemas/desafios emergentes no cotidiano da EMHDID.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Política Nacional de Educação Especial**. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. Brasília: 1994.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª edição revisada. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei et al (org). **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 13-74.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. In: SOUZA, E. C de; ABRAÃO, M. H. M. B. (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006 (p. 135 – 147).



DESENVOLVIMENTO DO AGENTE INTELIGENTE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Alessandro Silva Jesus¹
André Luiz Souza da Silva²
André Luiz de Andrade Rezende³

CINTERGEO – Educação, práticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o processo de desenvolvimento do Agente Inteligente, produto necessário para a pesquisa sobre seu potencial para entendimento das dinâmicas socioespaciais. Para tanto, a solução geotecnológica, viabiliza o aluno conversar com o amigo virtual, possibilitando responder perguntas sobre elementos do espaço geográfico, sendo uma forma alternativa de tutoria. O projeto faz parte do grupo de pesquisa GEOTEC (Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade) e o K-Lab – Laboratório Educacional, tem como objetivo a construção e melhorias de processos formativos e educacionais, através de elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, ações e processos tecnológicos, vivenciados na prática. Os pressupostos Metodológicos, explora a Pesquisa Colaborativa Aplicada, valorizando os processos participativos, incentivando a construção coletiva promovendo a troca de saberes e a construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Agente Inteligente, Base de Conhecimento, Dinâmicas Socioespaciais.

Introdução

A tecnologia de Agente Inteligente é um campo abrangente da Inteligente Artificial ou IA e nos últimos anos, tem se destacado, se tornando um importante assunto na área de ensino acadêmico e em aplicações comerciais, educacionais e industriais. Observa-se que o conceito de IA está pautada na compreensão do funcionamento do conhecimento humano, cujo interesse é fazer o computador pensar ou se comportar de forma inteligente. Segundo Rich (1993), o campo de estudo da IA é muito amplo, sendo necessário o envolvimento de outras

¹UNEB; Mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; sandroasj@hotmail.com.

²UFBA; Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas; betonnasi@gmail.com.

³UNEB; Doutor em Educação e Contemporaneidade; andre.luiz.rezende@gmail.com

áreas com o intuito de construir algum raciocínio no computador, assim como a capacidade de aprendizagem.

Diante do contexto apresentado, Rezende et al. 2016, define em seu artigo, como seria explorar a área de conhecimento da Inteligência Artificial no K-ágora, “um mecanismo similar ao chat, os alunos questionarão ao "Agente Inteligente" sobre temáticas relacionadas às dinâmicas socioespaciais”. Contribuindo assim, para a formulação da pergunta central desta pesquisa: Como o Agente Inteligente pode potencializar o entendimento das dinâmicas socioespaciais?

Deste modo, a pesquisa tem como objetivo geral apresentar o Agente Inteligente no artefato K-ágora, como potencial para o entendimento das dinâmicas socioespaciais, uma experiência com alunos de 9 a 12 anos, da Escola Municipal Antônio Euzébio, localizada no bairro do Cabula, na cidade de Salvador-BA. Para isso, foi utilizado a solução tecnológica do Agente Inteligente, implementado no artefato K-ágora, servindo como um recurso geotecnológico na prática pedagógica. O Agente Inteligente é composto por uma base de conhecimento, que aborda um diálogo natural e assuntos referentes a elementos do espaço geográfico. Para alcançar este objetivo, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Analisar e compreender o uso do artefato K-ágora no entendimento das dinâmicas socioespaciais; Desenvolver o Agente Inteligente com técnicas de Inteligência Artificial; Aplicar o Agente Inteligente com os alunos na Escola Municipal Antônio Euzébio.

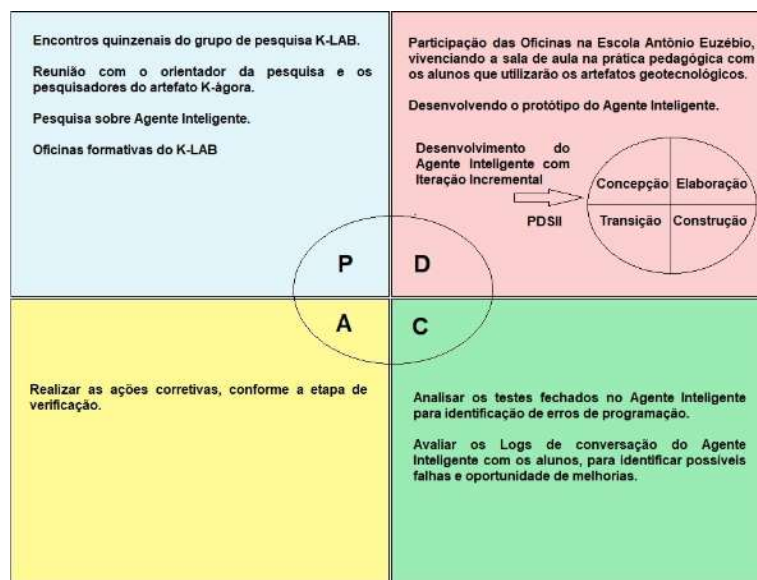
Neste sentido, o artigo pretende mostrar o processo de desenvolvimento do Agente Inteligente, esta etapa da pesquisa, só reforça que as ferramentas tecnológicas precisam ser desenvolvidas a partir da sala de aula, com o envolvimento das pessoas que realmente conhecem a realidade e dificuldades do ambiente.

Metodologia

Para aplicar a pesquisa, foi necessário desenvolver o Agente Inteligente, sendo fundamental o envolvimento e o trabalho colaborativo com os alunos e professores, importante para o nosso aprendizado na construção do produto e sua correta aplicabilidade na solução do problema. Além disso, utilizou-se como referência de aprendizado e experiência, o processo de desenvolvimento do artefato K-ágora. Com o uso do modelo de gestão de projeto PDCA (do inglês plan – planejar, do – executar, check – verificar e act– agir), também conhecido como ciclo PDCA ou ciclo de Deming, em homenagem ao seu idealizador William Edwards Deming, que apresentou em 1930 o ciclo aplicável sobre a administração da qualidade de produto ou

processo de forma contínua. Foi utilizado também no desenvolvimento do artefato K-ágora o método PDSII (Processo de Desenvolvimento de Software Iterativo Incremental), que contribui pela flexibilidade no desenvolvimento de programas computacionais. Na Figura 1 é possível ter uma visão macro do desenvolvimento do produto a partir dos métodos PDCA e PDSII.

Figura 1 – Adaptada pelo Autor com base na figura de Silva (2016)



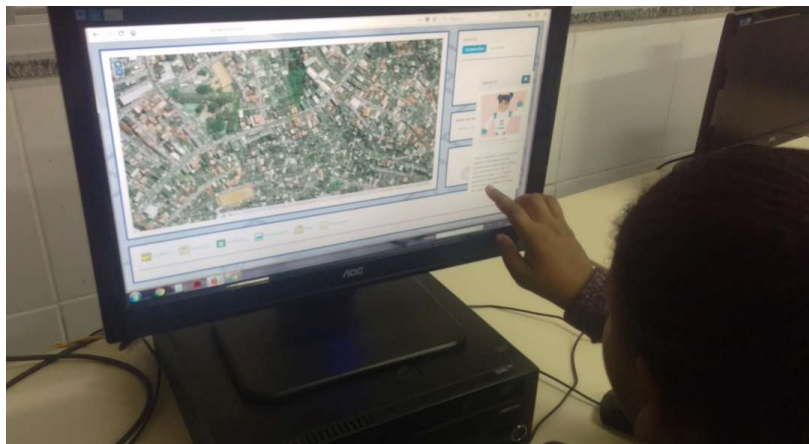
Fonte: Autor

O processo de construção do Agente Inteligente foi de forma cíclica e iterativa, conforme recomendação do PDSII e em cada nova versão, se seguia um conjunto de testes de simulação de possíveis diálogos para verificação do atendimento às funcionalidades previstas para aquela iteração do ciclo de desenvolvimento e evolução em geral.

Resultado e Discussões

A Figura 2 apresenta o Teste Beta, o primeiro contato do aluno com o Agente Inteligente, momento muito importante para ampliar a base de diálogos. Não basta que Agente Inteligente disponibilize conhecimentos voltados ao espaço geográfico, é necessário que tenha um diálogo próximo das crianças, para que ambos estejam envolvidos e crie um ambiente de confiança, como pode ser visto nos diálogos da aluna S.

Figura 2 – Primeiro contato o Agente Inteligente



Fonte: Autor

A aluna S, inicia seu diálogo com a amiga virtual, demonstrando felicidade em ver o personagem falando, sua atenção na leitura faz colocar o dedo na tela do monitor para seguir o parágrafo e não perder a sequência da leitura. Abaixo o primeiro diálogo com a amiga virtual.

Diálogo do Aluno S

Aluno: oi

Agente K: oooooii Qual seu nome?

Aluno: Aluna S

Agente K: Fala aí Aluna S, como posso te ajudar? Os professores me falaram que foram vocês alunos que ajudaram a me criar! Tô muuuuuuito feliz! :) :) :) Agora podemos conversar sobre a construção de cidades no mapa do K-Ágora.

Aluno: voce e uma robo?

Agente K: Sou a menina robô.

Aluno: onde voce estuda

Agente K: Estudo na Escola Antônio Euzébio.

Aluno: onde voce mora

Agente K: Moro no computador da escola, mas tenho superpoderes, e posso viajar pela rede de computadores em alta velocidade até o computador de sua casa.

Aluno: voce tem namorado

Agente K: Sou uma criança, só penso em brincar e estudar.

Algumas falas da aluna após conversar com a Agente K

- Professor, gostei muuuuuuito, ela falou comigo!
- Professor, ela agora é minha amiga!

Este primeiro contato possibilitou ver as reações dos alunos ao conversarem com a amiga virtual, reforçando a importância de trazer um diálogo próximo da criança. É possível perceber que o Agente Inteligente passou a ser uma amiga para o aluno, por conta de um diálogo com cumprimentos, saudações e uma estrutura de linguagem usada pelas crianças na *Internet*.

Conclusões

Com o surgimento das tecnologias digitais aplicadas na educação, novas mudanças surgem, criando possibilidades que podem despertar o interesse dos alunos. Entretanto, as ferramentas precisam ser desenvolvidas por especialistas que vivenciem a sala de aula com a participação das pessoas que utilizarão no seu dia-dia. Caso contrário, o fracasso da ferramenta já inicia em seu planejamento, ao chegar na execução, não terá a aceitação das pessoas, pelo fato da solução não resolver seus problemas ou não atender a realidade da sala de aula.

Este problema é visto no mercado em muitos produtos desenvolvidos para educação, é necessário a aproximação das empresas de tecnologia na sala de aula para desenvolver os produtos. Portanto, o Agente Inteligente surge da necessidade na sala de aula, alinhando seu desenvolvimento a participação e colaboração de pesquisadores, alunos e professores.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

REZENDE, A. L. A. ; SILVA, I. B. ; HETKOWISKI, T. M. ; Lucas, N.F.M. . **K-ágora para além do bits e bytes: do entendimento do espaço ao letramento cidadão junto aos alunos da rede pública da cidade de Salvador**. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação CONNEPI, 2016, Alagoas. K-ágora para além do bits e bytes: do entendimento do espaço ao letramento cidadão junto aos alunos da rede pública da cidade de Salvador, 2016.

RICH, Elaine, KNIGHT, Kevin. **Inteligência artificial**. 2. Ed. São Paulo: Makron, 1994. 722p.

RUSSELL, Stuart J. **Inteligência Artificial: tradução da segunda edição**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004.

SILVA, I. B. **K-ágora como proposição geotecnológica para entendimento das dinâmicas socioespaciais**. Relatório Técnico (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, 2016.



EDUCAÇÃO 4.0: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM PARA O FUTURO

Joanilson Sousa de Jesus¹

Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho foi construído a partir da aplicação de um projeto que propunha a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), a exemplo dos dispositivos móveis nas aulas de geografia das séries finais do ensino fundamental. O projeto foi desenvolvido em duas etapas: sendo a primeira uma oficina para orientações acerca do bom uso da internet como ferramenta de pesquisa; e a segunda por apresentar os conhecimentos adquiridos através da implementação de uma mídia digital. Ao final do trabalho, foi possível constatar um maior engajamento dos estudantes na apresentação do projeto quando comparado às demais formas tradicionais de apresentação, pois a proposta de ensino-aprendizagem estava em maior consonância com vivência cotidiana dos alunos.

Palavras-chave: Tecnologia. Ensino fundamental séries finais. Dispositivos móveis.

Introdução

A tecnologia vem sendo incorporada ao cotidiano da sociedade gradativamente; todavia, a partir da década de setenta do século passado com a Revolução 3.0, as mudanças tecnológicas passaram a ocorrer de maneira mais intensa. O espaço mundial tornou-se cada vez menor, não pelo seu tamanho físico, mas sim pela velocidade com que as informações e produtos passaram a circular na cadeia global. Segundo Schwab (2016), o crescimento e sofisticação dos *hardwares*, *software* e redes de computadores propiciaram transformações sociais e econômicas exponencialmente marcantes e levaram a um rompimento com a fase anterior da revolução e o surgimento da chamada Revolução 4.0, a qual o uso intensivo de tecnologias digitais atende a uma demanda e otimização de informações em tempo real.

¹Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC e Centro Educacional Império do Saber - CEIS; graduado em geografia e especialista em educação ambiental; joanilson@email.com.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) – conjunto de recursos tecnológicos utilizados de maneira integrada – foi a grande proporcionadora dessa ampla integração mundial com a utilização de inteligência artificial, robótica, telecomunicações dentre outros pilares que se tornaram presentes em diversas áreas, especialmente na educação.

Diante desse contexto, não dá mais para imaginar que as escolas estão numa “grande bolha”, uma vez que na vida moderna nenhum espaço permanece inalterado às mudanças advindas com as revoluções tecnológicas. Entretanto, deve-se considerar que essas não atingem a todos de forma homogênea; sendo assim, dentro de um mesmo ambiente, como a escola, pode-se encontrar um “lapso tecnológico” entre professor e alunos. Os educandos são os chamados nativos digitais e é comum entre eles o uso de dispositivos móveis – leitores de livros digitais, *smartphones*, *tablets* e *notebook*. Já os educadores, em geral, além de não conseguirem acompanhar com a mesma intensidade as mudanças advindas com as TIC's, trazem o discurso de que os dispositivos móveis atrapalham o ensino-aprendizagem.

Segundo Moreira, Martins e Santos,

[...] sob este ponto de vista, faz-se necessário que a escola assuma uma posição clara diante das novas tecnologias, abrindo seus espaços educativos para didaticamente promover a experimentação por parte dos alunos de tecnologias cada vez mais próximas da sua realidade; portanto, é concebível sua utilização enquanto ferramenta pedagógica como recurso facilitador ou não da aprendizagem; pois dependerá muito da ação educativa desenvolvida pelo professor com seus alunos perante o desafio de desmistificar o uso das mídias através de propostas pedagógicas inovadoras e interativas na democratização do saber [...] (MARTINS, MOREIRA e SANTOS, 2011, p. 4)

Destaca-se, em vista disso, um desafio a ser superado pelos docentes: utilizar as tecnologias para tornar as aulas mais dinâmicas e representativas para os estudantes; permitindo assim, por meio de práticas criativas, a utilização das tecnologias como ferramentas eficientes e proveitosas. Na mesma linha, Lobo e Maia (2015), propõem que o docente deve ter em mente que as TIC's não objetivam eliminar o uso de técnicas convencionais de ensino. Elas devem ser incorporadas ao processo educacional já existente.

As tecnologias devem funcionar como verdadeiras propostas inovadoras que remodelam as práticas educativas e trazendo vantagens e benefícios, uma vez que aumentam a possibilidade de recursos com diferentes abordagens pedagógicas e transforma-se em métodos bastante inovadores ao tornarem as atividades curriculares mais interativas, claras e eficazes.

O presente trabalho apresenta o resultado obtido com a utilização das TIC's na aplicação do Projeto Educação 4.0: uma proposta de aprendizagem para o futuro; desenvolvido com alunos dos quatro anos finais do ensino fundamental num escola privada, localizada no bairro de São Caetano, periferia de Salvador, durante segundo bimestre de 2019.

Metodologia

Segundo Gatti (2011), método não é algo abstrato, mas sim um ato vivo, concreto, que se revela nas ações, na organização e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa. O propósito desse artigo é apresentar uma pesquisa descritiva sobre a realização do projeto Educação 4.0: uma proposta de aprendizagem para o futuro realizada com 155 alunos do ensino fundamental nas séries finais. Para tantos, os estudantes foram convidados a participar do projeto expondo os resultados da compreensão dos conteúdos curriculares, previamente trabalhados em sala de aula durante o segundo bimestre do corrente ano letivo, através da utilização de algumas *ciberlinguagens*. A divisão da temática e mídia trabalhada ocorreu da seguinte maneira: 6º ano desenvolveu a temática litosfera e responsabilizaram-se pela gravação de vídeo aulas; o 7º ano trabalhou com as questões acerca da região nordeste e realizou a criação de uma página no Instagram; o 8º ano abordou tópicos relacionados aos Estados Unidos da América e sua influência no cenário mundial ficando responsável pela criação de um *blog*; já o 9º ano abordou as questões relacionadas às revoluções industriais e seus impactos na sociedade com a criação de podcasts. Além das mídias já citadas durante o andamento do projeto, foram utilizadas também plataforma gamificada para contextualização dos conteúdos e também o *Hangouts* como ferramenta de reuniões elucidarem dúvidas acerca do projeto. Após essa divisão, os alunos foram orientados a pesquisar e criarem materiais multimidiáticos de diferentes gêneros – charges, textos de jornais e revistas, vídeos, trechos de filmes, músicas – a apresentá-los nos canais midiáticos supracitados.

As execuções das propostas do projeto se deram em dois momentos, a saber:

1ª Etapa: Orientação e realização de pesquisas em diferentes fontes com o intuito de construir a responsabilidade e evitar o plágio ou passar adiante uma informação não verdadeira, *fake news*.

2ª Etapa: Cada turma recebeu temáticas específicas referentes aos assuntos trabalhados durante a unidade e dedicou-se a construção de sua mídia, interligando as aos conteúdos pedagógicos com o uso de variados gêneros textuais.

Resultados e Discussão

O projeto teve como ideias centrais: apresentar as TIC's como ferramenta pedagógica inovadora, motivar os estudantes a fazerem bom uso do dispositivo móvel e exemplificar possibilidades do uso das tecnologias disponíveis a serem utilizadas pelos professores dentro do contexto escolar.

A grande relevância dessa pesquisa consistiu-se em ações para diminuir o uso inadequado dos dispositivos móveis em momentos de aula e inserir as TIC's como ferramenta facilitadora de uma aprendizagem escolar contextualizada, criando um espaço de aprendizagem onde os alunos possam ter êxito na formação de uma cidadania digital.

Durante a realização do projeto, foi possível constatar que a grande maioria dos discentes possuía acesso à internet e dispositivos móveis. Diante disso, a utilização das TIC's foi mais produtiva, uma vez que os usuários já possuíam um conhecimento prévio das ferramentas utilizadas.

O uso integrado das novas tecnologias com o conteúdo programático amplia a autonomia dos estudantes, pois permite um maior engajamento dos alunos no processo, conforme pode ser visto nos relatos abaixo feitos por alguns alunos sobre a importância da tecnologia na sala de aula:

É uma forma mais lúdica de melhorar o aprendizado. A tecnologia como vídeo aula ajuda não dificulta [...] assim a tecnologia é boa para estudar, se usada corretamente [...]. R.S do 6º ano do ensino fundamental.²

Eu acho que é muito legal e diferente trazer essas tecnologias como o Kahoot como forma lúdica de aprendizagem, pois é uma forma diferente de tecnologia para fazer uma atividade que poderia ser realizada em caderno [...]. I.R do 7º ano do ensino fundamental.²

Eu acho muito legal o jeito de trabalhar com a tecnologia na sala de aula. É divertido e eu consigo me identificar mais quando tem esse tipo de dinâmica [...] nós alunos podemos mostrar as nossas habilidades e nosso estudo fica mais fácil e interessante [...]. A.S do 8º ano do ensino fundamental.²

As últimas experiências vivenciadas nas aulas foram muito satisfatórias e divertidas, uso de games introduziu uma nova forma de estudar na sala de aula e não deixando a mesma presa a livros [...] balanço geral sobre isso é que a turma gosta da tecnologia que foram introduzidas em nossa sala [...], pois contribuem muito em nosso aprendizado [...]. C.P aluno do 9º ano do ensino fundamental.²

A partir dos relatos, observa-se que grande parte dos alunos consegue ver uma boa relação entre o uso da tecnologia e a abordagem dos conteúdos dos componentes curriculares; reproduzindo assim, ideias de que a aprendizagem lhes atinge com maior facilidade, pois a ludicidade contribui para esse processo. Todavia é importante destacar que a principal dificuldade foi conduzir os estudantes a uma boa pesquisa dos materiais a serem trabalhados, pois embora tivessem acesso as TIC's, os mesmos desconheciam algumas ferramentas que lhes podiam ser úteis à aprendizagem.

Conclusões

Com base na análise e nos conhecimentos adquiridos durante a realização deste trabalho, concluir-se que as TIC's estão presentes no cotidiano social escolar. Diante disso,

² Entrevistas concedidas à Joailson Sousa de Jesus. Salvador – BA, mai. 2019.

pode-se afirmar que as tecnologias são ferramentas indispensáveis hoje para o professor aproximar as atividades pedagógicas à realidade dos alunos, pois contribuem para um uso crítico, consciente e responsável nesse novo cenário virtual e rompe com a o tabu de que os dispositivos móveis não contribuem para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

GATTI, Bernadete A. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Disponível em: <
<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/07.pdf>>. Acesso em: 11 mai. de 2019.

LOBO, Alex Sander Miranda; MAIA, Luiz Cláudio Gomes. **O uso das TIC's como ferramenta de ensino-aprendizagem no ensino superior**. Disponível em: <
http://www.luizmaia.com.br/docs/cad_geografia_tecnologia_ensino.pdf>, Acesso em: 08 mai. 2019.

MOREIRA, Romilson do Carmo; MARTINS, Alessandra Freire; SANTOS, Maria do Socorro Aguiar. **O uso do laboratório de informática como suporte pedagógico nas escolas públicas estaduais do ensino fundamental II na sede de Senhor do Bonfim-BA**. Disponível em: < <http://www.uneb.br/espcont/files/2011/12/ART-001200-12.pdf> >, Acesso em: 08 mai. 2019.

SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial**. 1 ed. São Paulo: Edipro, 2016.



EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Adelson Silva da Costa¹
Esiel Pereira Santos²
Andreia dos Santos Sousa³

Eixo–Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e Com-temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O Brasil já teve várias reformas em educação, mas a Lei 9.394/96, foi a mais significativa, essa Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), pretendeu-se trilhar novos caminhos para a educação básica e com isso a conquista de indicadores que nos colocassem entre as grandes potências em educação. Em 2017, elabora-se a Lei 13.415, polêmica lei de reforma da educação básica, esta pretende atualizar a antiga LDB e contemporaneizar os processos formativos no Brasil e, também atender as demandas nacionais e locais de produção de conhecimento. Assim ela se divide em Base Comum e a parte diversificada, as escolas teriam autonomia para trabalhar aspectos regionais e incorporá-lo a seu currículo (itinerários formativos). Muitas são as críticas a esta nova Lei. Mas o que desejamos neste trabalho não é polemizar, porém necessário se fez este preâmbulo para contextualizar nossa discussão. Objetivamos discutir a possibilidade da educação científica nesta estrutura curricular, possibilidades, bem como dialogar com experiências de educação científica na educação básica que são referências para a nossa assertiva. Para tal revisamos a literatura que aborda o tema, ainda vivenciamos uma atividade de educação científica na rede básica de Salvador que vem trazendo ótimos resultados. Nossa proposta encontra guarita na Pesquisa participante e na urgência de se discutir esta Reforma, a proposta de itinerário formativo e, como a educação científica pode ser um viés a novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Científica. Itinerário Formativo. Reforma.

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB); doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB); adelsongeotec@hotmail.com.

² Secretaria de Educação de São Francisco do Conde (SEDUC); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB); esiel@bol.com.br.

³ Professora da Rede Básica Estadual de Ensino; Licenciada em História e especialista em Gestão e Educação Ambiental; andreia.sohis@gmail.com.

Introdução

Estamos envoltos em mais uma reforma da educação básica, ao longo de sua história pós-colonial, o Brasil já passou por várias reformas em educação, sendo que a de 1996, Lei 9.394/96, foi a mais profunda, seguindo o lema da nova Constituição de 1998, essa Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), conhecida como cidadão, pois pretendia assegurar novos caminhos para a educação básica e com isso a conquista de indicadores que nos colocassem entre as potências em educação. No ano de 2017, elaborou-se a Lei 13.415, polêmica lei de reforma da educação básica, esta pretende atualizar a antiga LDB e contemporaneizar os processos formativos no Brasil e, também atender as demandas nacionais e locais de produção de conhecimento, assim ela se divide em Base Comum e a parte diversificada, onde as escolas teriam autonomia para trabalhar aspectos regionais e incorporá-lo a seu currículo.

Muitas são as polemicas e críticas a esta nova formatação escolar legalizada por Medida Provisória, mas o que desejamos neste trabalho não é polemizar mais, porém achamos necessário fazer este preambulo para contextualizar nossa discussão, porque pretendemos discutir o papel/caminho da educação científica nesta nova estrutura curricular, sua possibilidade, bem como dialogar com experiências de educação científica na educação básica que vem dando certo e são referências para a nossa assertiva. Para tal revisamos a literatura que aborda o tema, ainda vivenciamos algumas atividades de educação científica na rede básica de Salvador que vem trazendo ótimos resultados. Nossa proposta encontra guarita na urgência de se discutir esta Reforma, a proposta de itinerário formativo e, como a educação científica pode ser um potente viés a este novo mecanismo de processo ensino e aprendizagem.

Nós em outros estudos (SANTOS, COSTA, 2015; COSTA, 2017; SANTOS, 2017) já nos debruçamos em problematizar o que é educação científica em nossas experiências na Rede Pública do Estado da Bahia, são doze anos trabalhando com esta modalidade de ensino, muitos desafios superados, outros virão, mas aprendido, pensar em educação científica é propor a autonomia, a potência da criatividade e da curiosidade como elementos intrínsecos para a pesquisa científica na escola, precisamos alfabetizar e letrar (CHASSOT, 2002) nossos jovens para a interpretação dos signos científicos e com isso compreender a ciência e nossa sociedade, pois esta é configurada sobre a égide da ciência moderna.

Sem querer propor uma dicotomia entre os dois domínios, no presente artigo, caracteriza-se essa distinção adotando a mesma categorização que se vem usando para alfabetização e letramento nas ciências linguísticas e em educação. Para Magda Soares (1998), o termo alfabetização tem sido empregado com o sentido mais

restritivo de ação de ensinar a ler e a escrever; o termo letramento refere-se ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita” (p. 47). De acordo com essa conceituação, uma pessoa alfabetizada, que sabe ler e escrever, pode não ser letrada, caso não faça uso da prática social de leitura, ou seja, apesar de ler, não é capaz de compreender o significado de notícias de jornais, avisos, correspondências, ou não é capaz de escrever cartas e recados (SANTOS, 2007, p. 478).

Outras reflexões nos envolvem.

No entender de Freire (1987), a alfabetização não pode configurar-se como um jogo mecânico de juntar letras. Alfabetizar, muito mais do que ler palavras, deve propiciar a “*leitura do mundo*”. Leitura da palavra e “*leitura do mundo*” devem ser consideradas numa perspectiva dialética. Alfabetizar não é apenas repetir palavras, mas dizer a sua palavra. Neste sentido, entende-se que, para a compreensão crítica da dinâmica social contemporânea, crescentemente vinculada ao desenvolvimento científico-tecnológico, a problematização, a desmistificação de construções históricas realizadas sobre a atividade científico-tecnológica, consideradas pouco consistentes, aqui denominadas de mitos, como, por exemplo, a neutralidade da Ciência-Tecnologia (CT) ou o determinismo tecnológico, é fundamental (AULER, 2003, P. 71).

Quando se propõe uma reforma da educação, depois de tantas tentativas que não deram o resultado esperado, paira desconfiança e ceticismo. Mas estas são necessárias, pois os processos humanos, assim como seu criador devem ser ressignificados, deste modo deverá acontecer com a escola, sua pedagogia e didática. A Reforma em curso, propõe que em 2020, tenhamos concretizado o novo modelo escolar brasileiro, autores criticam dizendo que a Base não é currículo, acreditamos, mas é elemento deste, por isso devemos criticar com propostas que possam contribuir para o processo, por isso vislumbramos a educação científica como um dos mecanismos que podem potencializar esta renovação escolar. Onde estudantes possam se alfabetizar e por fim fazer uso deste na ação social em forma de letramento científico

Propõe a nova lei que tenhamos os denominados itinerários formativos que são possibilidades outras para se desenvolver potencialidades nos estudantes, levando em conta aspectos regionais e culturais em que a escola está inserida, são propostas de atividades que estão indicadas no site do Ministério da Educação (MEC), mas neste trabalho propomos discorrer, polemizar sobre a singularidade da educação científica na educação básica.

Os professores de todos os níveis precisam estar conscientes de que a ciência não é só um conjunto de conhecimentos, mas sim um paradigma pelo qual se vê o mundo. Para colocar o sistema educacional em novo patamar, próprio do novo século que se inicia, o professor deverá ser um orientador de seus alunos no processo da descoberta e da reflexão crítica. Logo, a pesquisa educacional precisa ser ampliada, pois as experiências educacionais nem sempre podem ser transportadas de uma realidade sociocultural para outra, exigindo que sejam estimuladas por investimentos apropriados. O desafio é criar um sistema educacional que explore a curiosidade das crianças e mantenha a sua motivação para apreender através da vida (ZACAN, 2000, p. 06).

Pensar em escola sem a perspectiva da emancipação dos sujeitos e da real autonomia destes naquele cotidiano é perpetuarmos o modelo tecnicista da escola moderna, pois ser contemporâneo em fazer educação é acreditar nas experiências dos sujeitos, nas suas vivências, em uma nova perspectiva para o uso e a compreensão das tecnologias e apostar em modelos inovadores para o processo ensino e aprendizagem.

Metodologia

Nosso caminho metodológico busca o viés da participação, da solidariedade da pesquisa intensamente participante, pois participamos como sujeitos da pesquisa e somos engajados na proposta de reformulação, via educação científica, do ensino médio e escola pública. Realizamos aprofundamento teórico acerca do tema reforma do ensino médio e educação científica, observamos e participamos mutuamente da construção de um projeto de educação científica no Colégio da Polícia Militar da Bahia, já praticando o novo caminho pedagógico proposto pela Reforma. Tais ações pautadas na solidariedade e participação mútua se fundamentam pela concepção de pesquisa-ação proposta por Michel Thiollent (2011), estrategicamente, no planejamento conjunto de ações a partir da identificação da problemática; da ação efetiva realizada a partir do planejamento proposto; e da autoavaliação dos resultados obtidos com as ações encaminhadas e melhoria do processo em continuidade.

Resultados e discussões

Nossa narrativa buscou interpretar pontos importantes da Reforma do Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que enviesam a proposta de se trabalhar com a educação científica na Base, através dos itinerários formativos, que são inovações no currículo que busca potencializar e despertar novas interpretações e ações para a ciência na educação básica. Nesta busca vislumbramos que a educação científica pode se tornar um viés para esta formatação curricular, bem como ressignificar à *práxis* docente, a ciência no cotidiano escolar, e o discente como capaz de fazer/produzir ciência e conhecimento na educação básica.

Conclusões

A Educação Científica no Ensino Básico surge como uma inegável oportunidade de transcendermos os espaços da escola para além da sala de aula, mobilizando jovens e professores a serem seduzidos e re-encantados por uma escola que atenda aos seus anseios e que possibilite a dialogicidade.

Desta forma, compreendemos Educação Científica como fuga ao currículo engessado, como possibilidade concreta de produção de conhecimentos na diversidade da escola pública.

Insistimos em afirmar que pensar e concretizar a utopia é dever de todos que acreditam em um mundo melhor, propondo alternativas para esta concretização entre pesquisadores/educadores. Esta pretensão nos leva a defender que a Educação Científica pode se constituir como um dos fundamentos para a escola que desejamos e que a sociedade anseia

REFERÊNCIAS

AULER, Décio. **Alfabetização Científico-tecnológica para que?** Rev. Ensaio. Belo Horizonte, v.03, n.02. P.122-134, jul-dez 2001. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL/MEC. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CHASSOT. Attico. **Alfabetização Científica: uma possibilidade para a inclusão social**. Revista Brasileira de Educação. Nº 21, set/2002, seção documentos, p.157-158.

COSTA, Adelson Silva da. **Vivências e Experiências de Educação Científica: saberes em construção nos Colégios da Polícia Militar em Salvador (BA)**, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2017.

SANTOS, Esiel Pereira. **Conceito-ação de Educação Científica e Ensino de Ciências no Contexto do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio no Colégio da Polícia Militar da Bahia - CPM Dendezeiros/Ba.** / Esiel Pereira Santos. -- Salvador, 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -PPGEDUC, 2017.

SANTOS, Esiel Pereira; COSTA, Adelson Silva da. **Desenvolvimento Cognitivo e Afetividade: relevâncias do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio e uso das Geotecnologias e TIC para uma Educação Científica**. In: V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas - V SENIEE, 2015, Francisco Beltrão. V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas - V SENIEE, 2015. v. 1.

SANTOS, W. L. P. Contextualização no Ensino de Ciências por meio de Temas CTS em uma Perspectiva Crítica. **Ciência & Ensino**, vol. 1, número especial, novembro de 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZANCAN, Glaci T. **Educação Científica: uma prioridade nacional**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2019.



EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E O PRINCÍPIO DA ÉTICA PELA ALTERIDADE

Esiel Pereira Santos¹
Adelson Silva da Costa²
Paulo Sérgio Rodrigues da Silva³

Eixo– Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente resumo pretende discutir questões básicas a respeito construção de uma Educação Científica com baseados na relação entre a Ciência e a Educação com fundamentos em uma ética pautada na noção de alteridade trazida pelo pensador Emmanuel Lévinas (2008, 2009, 2010). Consideramos de extrema relevância promoção da relação entre a ciência e a educação na construção de uma educação científica, em vista o progresso do pensamento, das técnicas, e do desenvolvimento humano que a ciência e a educação podem promover. Contudo, há de se considerar que muitos equívocos graves foram cometidos em nome de uma postura científicista e em nome de um suposto progresso. Por este motivo se faz importante discutir ética e o reconhecimento da diversidade e alteridade humana como fundamentos basilares para construção da dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave: Educação Científica. Ética. Alteridade.

Introdução

A discussão a respeito da Educação Científica precisa se afastar dos moldes da modernidade e, se aproximar cada vez mais das questões da contemporaneidade, tanto pelo viés antropológico, social, econômico e cultural, quanto pelas questões políticas e filosóficas. Essa necessidade evidencia-se tanto por uma questão de identificação de um determinado contexto (para além da mera localização no tempo e espaço), quanto por um avanço nas discussões por adoção de uma via alternativa (LIMA JR., 2015a). Também é lógico pensar

¹Secretaria de Educação de São Francisco do Conde (SEDUC); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB); esiel@bol.com.br.

²Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB); adelsongeotec@hotmail.com.

³Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Licenciado em Desenho e Plástica, e licenciado em Educação Física; blackpaulo71@gmail.com.

que uma discussão não se estabelece apenas por uma via comum de um único ponto de vista, mas pela ótica da alteridade (LÉVINAS, 2008, 2009, 2010), isto, pois, representa uma válida tentativa, não de síntese numa perspectiva hegeliana, mas pela coexistência e diversidade de caminhos a fim de buscar atender ao máximo as diversas necessidades humanas em sua complexidade (MORIN, 2007). Este posicionamento requer também uma postura ética, própria da qual é exigida pela conjuntura da contemporaneidade (SOUZA, 2004).

Desse modo adota-se para a presente discussão a noção de Ética na Contemporaneidade, conforme trata Souza (2004), cuja ética, em sua natureza mais fundamental, implica pensar o próprio humano em sua condição (humana), e suas diversas dimensões, antropológica; social; econômica; política; subjetiva; ecológica e, dentre tantas outras dimensões mais transversais, a dimensão da alteridade (SOUZA, 2004; LÉVINAS, 2008, 2009, 2010).

Discussão

A construção do conhecimento, dos saberes e práticas humanas não se fazem em sua totalidade por ações individuais do humano, mas, sobretudo, em sua dimensão coletiva, logo social e cultural. Arendt (2007) nos expõe sobre a *via ativa* e a condição humana, onde entre nascer e morrer (condições essenciais de qualquer humano), o “trabalho”, o “labor” e a “ação” garantem a sobrevivência tanto do indivíduo quanto da coletividade, sendo “o Homem” (no sentido de coletividade, por tanto inclui-se macho e fêmea) um animal social e político. Nessa condição da coletividade sem, no entanto, desconsiderar as dimensões subjetivas, reside a essência das elaborações humanas, essa condição de existir e lutar pela própria existência (sobrevivência), compreendendo o humano como um ser político e social (logo de contrários), e também cultural. Por tal, é importante reconhecer a alteridade no sentido coletivo, e a ética exige esse reconhecimento e, para além deste, a disposição para a convivência com as diferenças.

O sentido da alteridade na coletividade nos possibilita entender que a ciência não aparece como o suprassumo da humanidade, nem a dimensão mais nobre da existência humana (como muitas vezes insistiu-se e insistem em advogar como sendo), mas simplesmente como uma de suas dimensões, aliás, não é coerente para a discussão da ética a impregnação do juízo de valor, maior ou menor, entre as dimensões que alternam; pelo contrário, reconhecer a ciência como uma das dimensões do humano implica reconhecer outras dimensões - artística, cultural, religiosa, etc. - importantes, e negá-las (subjetivamente)

seria o mesmo que negar parte de si em sua própria condição humana, cujas diversas dimensões não se distinguem por uma abrupta ruptura, tão pouco uma elimina a outra, mas coexistem e dependem umas das outras.

Pensando no âmbito coletivo, podemos compreender que a vida humana, em sua dimensão mais ampla e complexa, ocorre por uma série diversa de contextos, saberes, práticas, (re)conhecimentos e (re)construções.

Também há que se considerar a alteridade em si mesma da ciência no que diz respeito aos contextos, às variações temporais-espaciais-circunstanciais, ou seja, deve-se considerar que existem diversos segmentos teóricos, epistêmicos, metodológicos em um mesmo campo temático. Observando as variações históricas, é possível notar que a própria ciência se mostra um fazer dinâmico, mutável diante das variações de paradigmas, conforme aponta Kuhn (2006).

Assim sendo, assumindo a alteridade essencial no fazer científico, cuja mudança de paradigmas consoante à mudança dos contextos requer de nós um esforço para a auto reelaboração constante, assim como aponta Mendonça (2012) a respeito do que podemos destacar a ciência como o resultado de elaborações humanas, e nesse sentido Lima Jr. (2005b) expõe sobre o próprio processo de elaboração do conhecimento na dimensão humana como algo *“criativo e aberto, de forma que o conhecimento é, necessariamente, transitório, parcial e insuficiente, simultaneamente revelador/velador, operado/operativo, signitivo/significativo e não verdadeiro em definitivo”* (p. 34).

Considerações finais

Reconhecendo esse aspecto, a Educação Científica e o Ensino de Ciências não podem se limitar à atuação com conteúdos, meras transposições didáticas, domínio de metodologias científicas ou a habilidade para a realização de pesquisas, é cultivar esse aspecto humano, essencial da ciência em sua alteridade em si, visto a importância da diversidade de campos, postulações, concepções, fundamentos, entre outros. Resumidamente significa implicar-se em um trabalho voltado para essa dimensão do humano, a dimensão científica e, nesse sentido reside à dimensão curricular dessa proposta, que deve considerar um aspecto fundamental a respeito do conhecimento humano. A segunda questão de fundamental importância em relação à comunidade científica é a sua própria relação com o mundo, o que exige o reconhecimento de uma alteridade mais ampliada. Muito embora a própria comunidade

científica seja diversa em si mesma, há nesse conjunto um sentido de unidade que se estabelece por inúmeras questões que são peculiares a esta própria comunidade. Essa noção de comunidade nos remete a dois sentidos, primeiro o de unidade (a comunidade em si) e; segundo, o de pluralidade no que tange à coexistência de muitas comunidades. Deste modo, a comunidade científica é apenas mais uma das muitas formas-permanências de um coletivo formado por um conjunto de características comuns que lhe confere um sentido de unidade, o que ocorre em outros arranjos de uma unidade formada por uma coletividade.

Aliar essa perspectiva com o sentido de alteridade se faz necessário para combater o cientificismo na compreensão moderna do termo, logo, uma supervalorização mais centrada em áreas do conhecimento como a física, química, biologia em detrimento de outras áreas como sociologia, antropologia, história, ou a supervalorização do que advém de apenas uma das dimensões do humano (a ciência) em sobreposição a outras (artístico, religioso, tradicionais e de práticas).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Hannah Arendt: tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

KUHN, Thomas S. **La estructura de las revoluciones científicas**. Buenos Aires. Fondo de Cultura Economica: 2006, 319 p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa (PT): Edições 70, 2008.

_____. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. **Ética e Infinito**. Lisboa (PT): Edições 70, 2010.

LIMA JR, Arnaud S. de. **Tecnologias Inteligentes e Educação**: currículo hipertextual. Rio de Janeiro: Quartet, 2005a.

_____. **Conhecimento humano**: a diversidade e a não-identidade. IN: PRETTO, Nelson De L. (Org). Tecnologia e Novas Educações. Salvador: EDUFBA, 2005b.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira. **O legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos**. Sci. stud. [online]. 2012, vol.10, n.3, pp. 535-560. ISSN 1678-3166.

MORIN, Edgar. ROGER, Emílio Ciurana. MOTTA Raúl. **Educar na era Planetária**. São Paulo: 2 ed. Cortez. Brasília-DF: UNESCO, 2007.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Ética como fundamento**: uma introdução à ética contemporânea, São Leopoldo, Editora Nova Harmonia, 2004.



EDUCAÇÃO E PODER: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DE VIGIAR E PUNIR DE MICHEL FOUCAULT

Samuel Cerqueira Melo¹
Wheliton Chiang Shung Moreira Ferreira²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho possui o objetivo de discutir os processos de governabilidade do sujeito através do contato social desenvolvido no universo educativo. Por seu caráter teórico-reflexivo, propõe-se a construção de uma revisão bibliográfica a partir dos elementos contidos em Michel Foucault. A abordagem qualitativa permitiu que cada conceituação fosse acompanhada de uma análise primordialmente interpretativa e crítica. Sobre o foco principal da discussão, ressalta-se a indicação da necessidade maior atenção para os disciplinamentos que constituem a educação. Compreende-se que as técnicas de controle e poder se sobrepõem à constituição do sujeito, afetando sua historicidade, a pluralidade que o compõe e sua maneira de se relacionar com o mundo. Como conclusões, constatou-se que a consciência destes processos pode contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade autônoma, auto-reflexiva, onde se estabeleçam formas genuínas de existir, em que cada sujeito possa desenvolver práticas de cuidados de si.

Palavras-chave: Educação. Governabilidade. Sujeito.

Introdução

Esta análise, sob a forma de revisão bibliográfica, pauta-se na compreensão dos processos educativos que constituem um perfil de indivíduo. São discutidos os possíveis conflitos oriundos da sobreposição de suas condições enquanto sujeito histórico ritual a partir da determinação dos disciplinamentos pertencentes no contexto educativo. Justifica-se, portanto, que a contribuição a partir destas reflexões podem trazer elementos importantes de

¹IFBA *campus* Valença. Licenciando em Computação. E-mail: samuelcomputacao.ifba@gmail.com.

²IFBA *campus* Valença. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano. E-mail: wheliton@hotmail.com.

ação em educação, assim como oportuniza-se uma maior possibilidade de criticidade na inserção das pessoas nos ambientes sociais em que se inserem.

São muitos os autores que concebem a educação a partir de práticas que proporcionam a produção de um sujeito autônomo, auto-reflexivo, um perfil de sujeito que seja capaz de desenvolver técnicas e práticas de cuidado de si. Dentre eles, traz-se Michel Foucault, em seu livro “Vigiar e Punir”, cuja concepção é a de que a educação seja mais um instrumento sócio-político das pessoas, na qual se estende uma perspectiva de manutenção de poderes disciplinares instalada ao longo da história e se mantém até o presente momento. Nesse sentido, a partir de teorias Foucaultianas, pretende-se aqui dissertar acerca de alguns elementos do universo educacional, que podem chegar a constituir um perfil de indivíduo coisificado, vindo a incidir na renúncia de seus valores, modos de vida e sua maneira de se relacionar com o mundo a partir de instrumentos de poder.

Neste sentido, aqui se tratam de mecanismos de subjetivação e mecanismos de objetivação que perpassam a existência moderna humana. Não haveria a elaboração de um sentido unívoco, mas, a partir da perspectiva do autor, é fundamental a compreensão desses dois sentidos para se pensar na constituição do sujeito moderno. Logo, pensar em mecanismos de objetivação é pensar na produção do indivíduo, da mesma forma que pensar nas formas de subjetivação é pensar em aspectos desta constituição. Pensando assim,

“Já se afirmou que tantos os processos de objetivação quanto os processos de subjetivação concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo, sendo que os primeiros o constituem enquanto objeto dócil e útil e o segundo enquanto sujeito. Pode-se então dizer que termo “sujeito” serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituindo a partir dos processos de subjetivação. Esses processos, justapostos aos processos de objetivação, explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito.”
(FONSECA, 2003 p. 23)

Dentro desse contexto, nossa instituição escolar se estabelece na sociedade do capitalismo, pesado como um instrumento científico de poder. Nela, a domesticidade dos indivíduos se dá a partir da transferência do conhecimento do professor para os alunos. Neste momento, não há pretensões de produzir sujeitos emancipados e reflexivos, não há espaço na sociedade do disciplinamento para as subjetividades heterônomas. Segundo Foucault, a prioridade é a produção de indivíduo a partir da repressão das singularidades, do controle minucioso dos detalhes do corpo, na definição sócio-espacial na qual o indivíduo deve se

portar, na hierarquização dos corpos. Enfim, todos esses elementos constituem um perfil de indivíduo que se fundamenta no universo educacional. Sendo assim, “a escola se torna um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino” (FOUCAULT, 2014, p. 162-163).

Nesse sentido, o que tipifica a modernidade industrial é uma espécie de economia de poder que está conectada aos processos de codificação e instrumentalização que coisifica e objetifica o indivíduo atuando diretamente na retirada, e, ao mesmo tempo, na produção das singularidades individuais. Esse adestramento consiste na sobreposição dos elementos históricos rituais que os sujeitos carregam consigo e na elaboração de ferramentas de controle que coloca o indivíduo em processo permanente de sujeição - logo, “a disciplina “fabrica indivíduos”; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício.” (FOUCAULT, p. 167.)

A seguir, apresenta-se o construto metodológico que define os caminhos de análise da constituição do sujeito no universo educacional apresentados em Foucault (2014), e de como esse ambiente governa a forma de vida dos indivíduos, indicando que estes processos incidem na busca e manutenção do poder.

Metodologia

É nessa perspectiva que o poder disciplinar se estabelece na modernidade a partir de mecanismos disciplinares: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. Esse tripé será exemplificado no quadro 1º a seguir:

Quadro 1 – Sistematização dos processos de disciplinamentos sociais em Foucault (2014).

Conceito	Definição
Vigilância hierárquica	A vigilância hierárquica é um dispositivo de poder que se estabelece pelo olhar. É um aparelho que consiste em ver sem ser visto; um poder que sujeita, produz e controla o corpo do indivíduo para utilizá-lo da maneira eficiente. Logo, todo o urbanismo é estruturado a partir de uma vigilância: os hospitais, os asilos, as prisões, as escolas; ou seja, a sistematização completa dessa vigilância que controla os corpos.
Sanção Normalizadora	Essa disciplina percorre pela coerção de conduta nos pequenos atos falhos do corpo que os indivíduos produzem. A normalização está conectada primordialmente com a vigilância, uma vez que, possibilita conhecer os atos sutis e minuciosos do corpo, do comportamento, das formas de conduta que se estabelece em qualquer lugar de aplicação desta tecnologia disciplinar.

Exame	O Exame é uma combinação ideal do que já conhecemos com vigilância e normalização. É uma disciplina que permite qualificar, classificar e punir. Este mecanismo consiste na elaboração de uma técnica ritualizada; colocando no âmago dos processos disciplinares a manifestação do sujeito enquanto objeto dos processos de objetivação que perpassam as relações de poder e saber. O exame é, também, um arquivo, cuja fonte se estabelece pelas minuciosas capitalizações do tempo, dos gestos, dos hábitos, da maneira de que os indivíduos atuam.
-------	--

Fonte: os autores.

O poder disciplinar consiste em não se apropriar, retirar; mas, sim, “adestrar”, para apoderar-se do sujeito ainda mais, produzindo, assim, um perfil dócil e útil. É desta maneira que Foucault descreve os disciplinamentos que compõem a modernidade. “Nessa atualidade aparece o indivíduo moderno, produto de uma tecnologia, constituído enquanto objeto de saber e resultado das relações de poder, marcado pela docilidade e utilidade que justificam o processo de sua constituição.” (FONSECA, 2003. p. 74)

A partir desta sequência analítica, compreende-se a educação na contemporaneidade como reflexo de ação do aparelho ideológico do Estado que forma o sujeito como ele “deve ser” (FOUCAULT, 2014, 163). Freitas (1995, p. 53) também constata esta realidade quando menciona o poder controlador da escola através de sua “estrutura organizacional - divisão de tarefas, distribuição do poder, seleção, organização dos conteúdos programáticos, definição de grades curriculares, horários, exames e seleção”.

Resultados e Discussão

São as distintas formas de subjetivação que proporcionam caminhos únicos pela estrada da vida do ser humano. De algum modo, esse processo é interrompido a partir dos poderes estruturantes que compõem a existência - seja a escola, a igreja, o quartel, a mídia, o ciberespaço, as relações familiares, as instituições, enfim, as relações de poder que caracterizam o presente momento, estão, cada vez mais, sincronizadas nas formas de produção das subjetividades individuais, entrando no campo da governamentalidade.

A educação enquanto instrumento científico de poder carrega elementos que molda as singularidades individuais: o quadriculamento, a hierarquização, a classificação, por exemplo, se instalam sob o corpo individual, na perspectiva de adestrar para utilizar, utilizar cada vez mais e melhor. A isto, Foucault define como microeconomia repressora das singularidades. Conceber a educação capitalista é não desvincular-lhe dos poderes estruturantes sociais. Nesta perspectiva, a educação torna-se mais um instrumento produtor de indivíduo e não de sujeito. Conforme o referido autor, a educação “na oficina, na escola, no exército, funciona como

repressora toda uma micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 2014. p. 175).”

Desenvolver práticas de cuidado de si, constituindo-se enquanto sujeito dono das próprias escolhas, com desejos próprios, de pensamentos autênticos, todos estes elementos orgânicos deveriam ser intrínsecos na constituição do sujeito moderno - a educação deveria ser um instrumento que conduzisse o sujeito ao caminho de si, a sua percepção genuína na existência da vida. Entretanto, a partir das análises até então aqui tecidas, indica-se que a tendência atual é a de que a educação tem como funcionalidade prioritária homogeneizar o que é de natureza heterogênea, no caso, a essência humana.

Conclusão

Este trabalho de investigação constatou ser um caminho metodológico relevante e que permitiu aos pesquisadores a análise reflexiva de elementos sobre a produção do corpo dócil e útil no universo educacional. A educação possui inúmeras ferramentas que, de algum modo, se interpõem no cotidiano dos sujeitos. Entretanto, é fundamental estar atento às formas de controle presentes na educação que, de maneira sutil, objetifica, instrumentaliza e coisifica as singularidades individuais, ignorando toda pluralidade que compõe a existência individual.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico**. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.



ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DO USO DOS MOBILES- LEARNING EM EDUCAÇÃO

Oswaldo Henrique Oliveira de Jesus¹
Kátia Soane Santos Araújo²

Eixo – Práticas Educativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre as potencialidades dos os *mobilis-learning* para a educação, para tanto buscou-se por meio de um referencial teórico compreender as potencialidades das TIC no contexto educacional, com fim a analisar o entrelaçamento com o ensino e a aprendizagem; uma vez que estas tecnologias se encontram presentes dentro e fora da escola. Nesta perspectiva, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, com um grupo de professores, visando compreender como o uso dessas ferramentas tecnológicas são potenciais para o desenvolvimento das ações pedagógicas escolares. A pesquisa ressaltou um arcabouço de interlocuções, a qual valida o uso de tais instrumentos, enfatizando o quanto são importantes e significativas outras linguagens em sala de aula, e como estes instrumentos podem tornar o ensino e o aprendizado mais dinâmico e prazeroso.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Tecnologia. Ensino aprendizagem.

Introdução

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são propulsoras de transformações sociais, sendo, conseqüentemente, dotadas de caráter educativo. Quanto a isso, Sancho e Hernandez (2006) destacam três efeitos que as TIC podem exercer na sociedade: a alteração de interesses; mudança do caráter dos símbolos e modificação da natureza da comunidade, permitindo às pessoas que vivem influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico se aperceberem como agentes desta mudança.

As TIC estão cada vez mais presentes em nosso dia-a-dia, ocupando espaços e posições, os quais, muitas vezes, são impossíveis pensar em se distanciar. Esses instrumentos, no âmbito educacional, devido as suas características específicas, são elementos materiais

¹SEC/BA, Pedagogo; e-mail: osvaldo295@hotmail.com.

²SMED/Salvador, Mestre em Educação. katiasoane@gmail.com

(instrumentos e técnicas) e imateriais (simbólicos e cognitivos) (HETKOWSKI, 2011) que influenciam crianças, jovens e adultos, tornando-se um elemento atrativo, criativo e propiciador da edificação de uma nova relação com a cultura e com a construção do conhecimento.

Desde os tempos primitivos as tecnologias vêm tomando forma e configurando outras possibilidades de conduzir a vida, onde o homem da caverna, inaugurou, - a partir da *arte* e do *fazer* - a evolução humana, permitindo ir a mundos nunca pensados. Atualmente, vivemos uma busca incansável por informações, a conexão é constante assim como a procura incessante por respostas rápidas e assertivas.

Nesse contexto, destacam-se os *mobiles-learning*, aprendizagem mobilizada pelos proveitos das inúmeras possibilidades das tecnologias móveis. Para Saccol (2010), o *m-learning* atua na aprendizagem por meio do uso dos dispositivos móveis e sem fio, o qual tem como característica fundamental “a mobilidade dos aprendizes, que podem estar fisicamente/geograficamente distantes uns dos outros e também de espaços formais de educação, tais como salas de aula, salas de formação, capacitação e treinamento ou local de trabalho”. Nesse sentido, aos poucos, estes instrumentos vêm ocupando os espaços educacionais e adentrando os contextos educacionais como possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, quanto a isso faz-se necessário refletir que.

“É preciso que as novas práticas pedagógicas comecem a subverter as ações tradicionais de reprodução de métodos que por si só, já não dão mais conta da dinâmica do processo educativo e que as “novas” formas precisam ser assumidas, tornando-se urgente a reflexão sobre a prática.” (ARAÚJO, et al. 2018, p.161)

Por meio dessa discussão, vale salientar as intenções pedagógicas objetivadas pelo professor, uma vez que uso dos dispositivos móveis é apenas um potencializador didático que favorece o desenvolvimento educacional e auxilia o professor a criar outras possibilidades de ensino. Nesse enfoque, a seguinte pesquisa tomou como objeto as potencialidades dos *mobiles-learning* em sala de aula com fim a entender se esses instrumentos mobilizam a aprendizagem dos alunos. Para tanto procuramos aprofundar o entendimento teórico acerca das tecnologias móveis, sobretudo compreender como essas possibilitam o ensino e aprendizagem em sala de aula.

Segundo Araújo (2018) a construção do saber está atrelada à relação que o sujeito faz com suas experiências, com a cultura e com o mundo em que vive e, nessa construção deve analisar as mudanças sociais e como elas repercutem na relação com o saber e com o fazer, valorizando as diversas linguagens e perspectivas à formação, nesse sentido as TIC estão cada

vez mais presentes na vida e no cotidiano das pessoas, mudando e transformando as formas de comunicação e interação.

Percebe-se que o uso frequente de aparelhos tecnológicos nos lugares, nos espaços, nas localidades tem-se utilizado cada vez mais, pois se constituem uma forma rápida de adquirir conhecimento e de levá-los aos indivíduos. A presença da tecnologia na sociedade vem transformando cada vez mais a maneira com que as pessoas buscam aprendizagem, conteúdos e interesse pelas coisas, além do desenvolvimento de interação entre as pessoas. É perceptível que o uso dos aparelhos móveis tem tomando uma dimensão imensurável, a qual indivíduos estão cada vez mais permitindo a procura por pesquisas através dos aplicativos.

“Para tanto, devemos ressaltar que o uso da tecnologia deve agregar valor ao processo de ensino aprendizagem e que as tecnologias móveis devem servir de suporte para uma educação continuada, fora dos muros da escola.” (ARAÚJO, et al. 2018, p.175).

Diante desta propositiva, faz-se necessário refletir sobre a imersão das TIC nas salas de aula, mais especificamente os mobiles-learning e como estes afetam o processo de ensino e aprendizagem.

Metodologia

De acordo com Gatti (2011) “o método nasce do embate de ideias, perspectivas, teorias, com a prática. Ele não é somente um conjunto de regras que ditam um caminho. É também um conjunto de crenças, valores e atitudes.” O propósito é apresentar a pesquisa de forma descritiva e exploratória, pois em contato com o sujeito permite ao pesquisador uma tempestade de ideias para sua fundamentação e construção, possibilitando uma identidade específica do sujeito a ser estudado. Pois, cabe aqui neste cenário de interlocuções, criar o perfil de como está sendo desenvolvido o uso das tecnologias móveis em sala de aula pelos educadores e educandos. Nessa busca, foi aplicado um questionário, com um grupo de dez professores e encaminhado através do Google drive. Além desta ação, realizamos entrevista, a qual permitiu ter um contato direto com alguns sujeitos para a construção desta análise.

Resultados e Discussão

A educação a partir de aparelhos tecnológicos tem sido uma realidade já consumada nas instituições escolares, a qual muitos dos educadores usam das TIC como instrumentos pedagógicos em suas aulas. “A prática docente restringe-se à distribuição deste saber. Para tanto, o trabalhador do ensino terá de ser previamente qualificado. Qualificado para poder executar as tarefas requeridas pela tecnologia educacional” (SANTOS 1992, p.13).

O uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula trouxe uma transformação para as práticas; atualmente há muitas queixas sobre o desconforto do uso de celular por parte alunos, estes muitas vezes se dispersam na conexão com suas redes sociais: facebook, youtube, Whatsapp, Instagram, twiter, dentre outros aplicativos. Porém o acesso à internet tem sido realizado com frequência, e os educadores questionam a participação e o interesse dos educandos pelo processo de ensino aprendizagem desenvolvido pela escola.

Nidelcoff (1990, p.9) diz que “o primeiro passo é “ver e compreender a realidade”, isto é, ajudar as crianças a descobrir a vida dos homens que as rodeiam e com os quais estão em contato.” O uso desacerbado de instrumentos móveis em sala deve propiciar ao educador uma observação apurada, a qual ele precisa adequar suas aulas aos interesses dos alunos propiciando atividades pedagógicas interativas tornando-as parte do meio.

A escola não oferece atrativo para alunos e o ensino, tradicionalmente, é fragmentado e não cabe nas aulas, apenas, o uso de livros didáticos. É preciso inovar, transformar a sala de aula em um ambiente atrativo para os alunos. Assim, o uso adequado das ferramentas tecnológicas em sala de aula permitirá aos educandos uma construção significativa da aprendizagem, pois o manuseio de aparelhos como celulares, tablets e computadores aguça muito mais a curiosidade dos estudantes.

“Falando em conjuntura atual, nos vem em mente as formas inovadoras de educação, utilizando das TDICs, onde a gamificação, a realidade aumentada e os chatterbots, por exemplo, são ferramentas que envolvem de forma prazerosa o estudante no processo de aprendizagem, levando mais facilmente à construção do conhecimento” (ARAÚJO e BARRETO 2018, p.25).

Essas linguagens motivam as aulas e as tornam significativas e próximas da realidade dos alunos. Vale ressaltar que o uso dos dispositivos móveis em atividades pedagógicas aproxima os alunos do professor, assim como os atrai para desenvolvimento das atividades, possivelmente encurta o tempo em sala de aula, permitindo aos aprendentes utilizar as ferramentas em qualquer lugar ou horário além de construírem novos grupos sociais e buscar novos espaços de estudos.

Assim, os professores que se afastam do mundo tecnológico e proíbem seus alunos de utilizarem das tecnologias móveis, - sobretudo o celular -, terminam afastando-se do conhecimento e da realidade de seus educandos e tornando-se fora das atualizações de uma sociedade a qual está conectado ao mundo virtual.

Conclusões

Por meio dessa investigação notou-se o avanço do uso das TIC nas salas de aula, pois, felizmente, algumas concepções vêm sendo mudadas; sobretudo o comportamento dos indivíduos aprendizes que compreendem as tecnologias móveis, por meio da redes digitais, potencial para aprendizagem, além de, ao mesmo tempo, ter auxiliado os professores a desenvolver estratégias de ensino aprendizagem inovadoras.

Os educadores mostraram que uso de alguns aparelhos tem sido ferramenta potencial no dia-a-dia da sala de aula, pois as suas atividades pedagógicas se desenvolvem, acompanhadas por um aparelho tecnológico, como o próprio celular dos alunos, conectado ou não a internet; o aparelho de som e os computadores, tornado as aulas bem mais significativas, e propiciando a construção do ensino. Ao utilizar dos instrumentos tecnológicos nas aulas e de dispositivos móveis, observa-se que as aulas se tornam inovadoras e atrativas para os alunos, pois possibilita aos estudantes ter como material didático um dos artifícios dos quais mais gostam de interagir; sendo assim os educadores incrementam suas aulas de forma mais interativa e com melhor qualidade permitindo aos alunos ir além do que foi proposto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kátia Soane Santos. **As tecnologias na educação: desafios e possibilidades nas práticas docentes** / Kátia Soane Santos, Rosângela Patrícia de Sousa Moreira(organizadoras) – Curitiba: CRV, 2018. 350 p.

GATTI, Bernadete A. **A Pesquisa em Educação: pontuando algumas questões metodológicas.** Disponível em: <https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2018/02/ALGUMAS-CONSIDERA%C3%87%C3%95ES-SOBRE-PROCEDIMENTOS-METODOL%C3%93GICOS-07.pdf>. Acesso em: 11 abril de 2011.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTOS, Oder José dos. **Pedagogia dos Conflitos Sociais** / Oder José dos Santos – Campinas, SP: Papyrus, 1992.



FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA NO PROJETO UNIVERSIDADE PARA TODOS - UPT

Ana Lucia Paranhos de Jesus¹
Ana Vitória da Paixão Silva²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Sem financiamento

Resumo

Um dos temas mais comentados ultimamente no campo educacional é acerca da formação continuada. Este processo que é permanente de aprendizagens e aperfeiçoamento dos saberes é uma ação que ocorre ao longo da vida profissional que tem como objetivo efetivar e promover aprendizagens significativas, criando novos ambientes de aprendizagem, dando novo significado às práticas pedagógicas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece a formação continuada dos professores como uma ação obrigatória nas escolas, logo, é importante e fundamental o seu trabalho nas instituições. A extensão como parte do processo formativo é uma importante ferramenta para a esfera pedagógica e desenvolvimento acadêmico dos estudantes e, nesse sentido, as possibilidades formativas oferecidas pelas instituições de ensino superior, a partir da sua tríade, pesquisa, ensino e extensão, fortalecem a extensão universitária na graduação e pós-graduação. Este artigo tem como objetivo apresentar uma experiência de formação continuada dentro do Projeto Universidade Para Todos – UPT, ação extensionista que vem contribuindo com o fortalecimento da inclusão social, cultural e educacional.

Palavras-chave: Extensão. Formação Continuada. Universidade.

Introdução

Por ser uma instituição educacional, a Universidade deve ofertar uma formação associada com os processos de investigação científica e desenvolvimento cultural, voltados à produção e intervenção do saber sistematizado, à reflexão, ao debate e à crítica acerca de temas demandados pela sociedade, como perspectiva para o crescimento do cidadão e desenvolvimento do seu futuro profissional, fomentando assim, a capacidade desse sujeito de

¹Universidade do Estado da Bahia; Pedagoga; GEOTEC, almota@uneb.br.

². Universidade do Estado da Bahia; Pedagoga; Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas á Educação; GEOTEC; avsilva@uneb.br

intervir na realidade em que vive. É com base neste cenário que a Universidade se fundamenta em três bases inter-relacionadas: ensino, pesquisa e extensão, sendo a extensão um elemento importante no processo de formação dos estudantes, pois permite a estes maior afinidade com os sujeitos do contexto de atuação, assim como, desenvolvimento de competências que permitirão obter melhor compreensão dos fenômenos, necessidades e problemas enfrentados na prática cotidiana. Libâneo, Oliveira e Toschi (2003) corroboram com este pensamento, ao afirmar que a educação superior tem o objetivo de “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, incentivando o trabalho de pesquisa e a investigação científica e promovendo a extensão” (p.259).

Nesse sentido, é relevante refletir sobre a importância que as experiências com projetos de extensão representam para o aluno da graduação no seu processo de aprendizagem e maturidade intelectual, contribuindo para uma formação mais autêntica e crítica, com vistas ao processo de inserção em outros espaços de formação. Nessa direção, o Projeto Universidade Para Todos (UPT) colabora na extensão da tríade formativa universitária.

O Projeto UPT é uma parceria da Secretaria de Educação do Estado da Bahia com as quatro Universidades Estaduais da Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e Universidade Estadual da Bahia – UNEB. A UPT tem como objetivo fortalecer a política de acesso ao nível superior de estudantes oriundos da Educação Básica, ensino médio da rede pública. Para desenvolvimento das ações do Projeto, são utilizados espaços das Universidades e escolas locais para atendimento a comunidade, no que concerne a aulas semanais das disciplinas presentes nos processos seletivos de ingresso ao ensino superior como: Português, Redação, Matemática, Física, Química, Biologia, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), História e Geografia com estudantes das próprias Universidades dos cursos supracitados, como professores a promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural, ensino e pesquisas geradas na Instituição.

Como regra do Projeto, apenas, alunos da graduação e pós-graduação em formação, de Universidades Públicas, podem concorrer ao edital para lecionar. Consideramos que, essas escolhas permitem aos alunos um processo ativo de formação e estreita laços entre universidade e sociedade, visando à produção de conhecimento e à interlocução das atividades acadêmicas de ensino e pesquisa atreladas a extensão. Essa ação concretiza uma prática de formação continuada que permite aos professores (alunos em formação) experiências de

popularização da ciência, construção de caminhos para dialogar com as questões sociais e o encontro de saberes acadêmicos e cotidianos, pois como afirma Oliveira “[...] o processo da formação inicial possa ser um espaço fértil e fecundo para unir fazeres e saberes, de forma reflexiva e instrumentalizar cada vez mais o educador como leitor e construtor da sua prática, da sua ação” (2004, p. 138).

Esses alunos, professores do projeto, participam de formações continuadas nas comunidades sob a orientação de professores especialistas que orientam nesse processo formativo, junto à coordenação e gestores de polo. Neste cenário em que a formação continuada se estabelece, as atividades e procedimentos utilizados na graduação abrem espaços para novas orientações, atividades e aprendizagens. Estes dois espaços formativos (inicial e continuada) complementam-se para fins de proporcionar o desenvolvimento profissional do professor.

Assim, a formação inicial e continuada, neste estudo tem como interlocutora, a extensão universitária, que permite aos alunos a renovação das suas práticas, a partir da relação entre teoria e prática, apropriados de um olhar reflexivo e escuta ativa aos sujeitos da comunidade, participantes desses projetos.

Metodologia

As pesquisadoras optaram como estratégia metodológica o uso da pesquisa bibliográfica como fonte inspiradora para qualificação da discussão em torno da importância da extensão universitária para o processo de formação continuada. Nessa perspectiva a partir de Marconi e Lakatos (2015), compreendemos que a pesquisa bibliográfica possibilita uma nova abordagem de um tema sob novo enfoque, que auxilia na construção de conhecimentos necessários a consolidação dos argumentos em torno do tema em estudo, possibilitando neste trabalho compreender a relevância de projetos de extensão no contexto da formação no ensino superior, assim como apresentou bases fundantes para estabelecer a relação experiências de extensão e formação continuada.

Resultados e Discussões

As instituições de ensino superior que possuem cursos de licenciatura tem a obrigatoriedade de ofertar a formação continuada de professores. Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a formação continuada é um tema debatido não somente nos cursos, bem

como é apresentado em pesquisas científicas e palestras. É a forma que os docentes e discentes possuem de ressignificar experiências e refletir sobre os processos de aprendizagem.

Dentro desse contexto, o projeto UPT reúne seus monitores e professores especialistas, quinzenalmente, para a formação continuada. Essa formação ocorre aos sábados, num ambiente profícuo a novas aprendizagens. Os estudantes de graduação e pós-graduação são convidados a trabalhar, refletir e sugerir acerca das problemáticas presentes no dia a dia, bem como, possibilita a estes sujeitos uma prática pedagógica que permite a autonomia, a criatividade, a inovação e a construção de sua identidade docente.

A formação continuada no projeto UPT é algo recente, pois só teve início no ano de 2014. Essa ação extensionista proporcionou aos alunos da graduação e pós-graduação uma aprendizagem significativa, e aos alunos da comunidade participantes um contato com as Instituições de Ensino Superior, a partir dos seus professores que não apenas lhe apresentam conteúdos, mas os incentiva e desperta o interesse em fazer parte de uma Universidade pública, gratuita e popular. Além do contato com a comunidade e aprimoramento da práxis, esses alunos, professores em formação, são acompanhados pelos gestores de Polo, que acompanham as aulas, apresentam a escola e contexto no qual estão inseridos, assim como dialogam sobre as atividades a serem desenvolvidas na turma.

O saber profissional, de acordo com Tardif (2000a) é aprendido na prática, pela experiência, em contato com a realidade do trabalho e com os demais atores sociais, no interior de um grande processo que é a socialização profissional.

Deste modo, a formação continuada passa a ser essencial no meio educacional como um processo que se prolonga por todos os momentos ao longo da carreira profissional e visa subsidiar os professores nos enfrentamentos de dificuldades e de desafios colocados no contexto educacional.

Assim, iremos apresentar os resultados parciais e esperados desta pesquisa, que se trata de um trabalho em desenvolvimento, no qual está ação de extensão promovida pela Universidade, colabora para o desenvolvimento reflexivo dos sujeitos inseridos no processo, a partir da socialização de conhecimentos adquiridos em suas experiências cotidianas em salas de aula, além de promover a formação de profissionais qualificados, oportuniza a produção e disseminação do saber, com objetivo de construir uma sociedade fundamentada na equidade social.

Conclusão

Para fortalecimento da tríade é necessário que se estabeleça entre os sujeitos a ampliação de bases metodológicas concernente com a realidade e com o espaço-lugar onde

estes vivem e relacionar suas perspectivas e possibilidades de visões de mundo, de profissão e de formação social, política, cultural e econômica. Dessa maneira, as reflexões propostas têm a intenção de apresentar a importância da extensão universitária, como parte da tríade do Ensino Superior para formação continuada dos estudantes da graduação e pós-graduação, no sentido de fortalecer a práxis dos estudantes e aproximá-los da sociedade na qual estão sendo formados para contribuir na formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Assim, as experiências com extensão vivenciadas na graduação ampliam os horizontes dos estudantes a buscarem a formação continuada como peça fundamental a sua qualificação profissional, proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver o trabalho pedagógico. De acordo com Mizukami (2003), a formação continuada “[...]busca novos caminhos de desenvolvimento, deixando de ser reciclagem, para tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade docente” (p. 28).

REFERÊNCIAS

- LAKATOS, E., MARCONI, M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LIBÂNEIO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHIN, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Atlas, 2003.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação.** São Carlos: EDUFSCar, 2003.
- OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. **Arquitetura da criação docente: A aula como ato criador.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/educacao-curriculo#dissertacoes-teses-defendidas>, acesso em 15 de fev de 2019
- TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.** Revista Brasileira de Educação. n. 13, Jan/Fev/ Mar/ Abr., 2000a.



IMPLANTAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC), ENSINO FUNDAMENTAL II, NOS COLÉGIOS DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA

Gilnar Couto de Oliveira¹
Cidicléia Gomes da Silva Santos²
Remulo Velloso dos Santos³

Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade.

Resumo

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que define o que toda criança e todo jovem brasileiro têm direito de aprender. A BNCC, que tem caráter normativo e obrigatório, servirá de referência para que as redes de ensino, públicas ou particulares, construam ou reformulem suas propostas curriculares, materiais pedagógicos, avaliações e políticas de formação de professores. A Base é um documento desafiador, pois requer a mudança de uma prática pedagógica conteudista, para uma prática questionadora e voltada para o desenvolvimento integral dos discentes. Todo o processo educacional visa o desenvolvimento de habilidades e competências para compreensão dos fenômenos sociais, o que possibilitará a interferência e/ou modificação da sociedade. Para implantação dessa proposta, é de suma importância o envolvimento de todo o corpo docente, coordenadores e diretores pedagógico e militar (Por se tratar de unidade educacional em convênio com a Secretaria da Educação) para estudo e conhecimento da BNCC, bem como dos documentos que embasam toda a proposta educacional.

Palavras-chave: Educação. Base Nacional Comum Curricular. Práticas pedagógicas.

Introdução

A Educação formal é o meio através do qual pode-se formar indivíduos participativos e conscientes dos seus direitos e deveres. Diante disso, faz-se necessária uma mudança significativa na prática educativa, que deve estar embasada no desenvolvimento de habilidades e competências que possibilitem o pleno exercício da cidadania, respeito pelos outros, desenvolvimento do espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como

¹Universidade do Estado da Bahia - UNEB; Pedagogia; oliveiragilnar2014@gmail.com.

²Universidade do Estado da Bahia - UNEB, mestranda em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, cidosi1@gmail.com

³Universidade do Estado da Bahia - UNEB, mestrando em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, remuloveloso@yahoo.com.br

referência os valores dos direitos humanos, de forma abrangente e igualitária, garantindo o desenvolvimento pleno de todos os estudantes, independente da rede de ensino na qual esteja inserido.

O presente resumo tem por finalidade demonstrar que o desafio principal para a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está na mudança da prática pedagógica dos docentes, o requer formação continuada dos profissionais envolvidos no processo, bem como a elaboração de um currículo cujas bases estejam fundadas no desenvolvimento de cidadãos interessados em atuar e modificar o contexto no qual está inserido. Todo o processo contou com a participação efetiva dos docentes, coordenadores pedagógicos, gestores pedagógico e militar das unidades da capital (Colégios da Polícia Militar Cajazeiras, Dendezeiros, Lobato, Luiz Tarquínio e Ribeira).

Ao final da primeira etapa do processo, foi confeccionado um documento, intitulado cartilha, com todos os objetos do conhecimento (conteúdo) a serem trabalhados durante o ano de 2019.

Para avaliação do processo serão realizados, durante o ano de 2019, novos encontros, momentos que servirão para discussão das principais dificuldades encontradas durante a implantação da BNCC, bem como as principais necessidades para a mudança efetiva da prática pedagógica, conseqüentemente alcançar melhor resultado do processo ensino-aprendizagem.

Metodologia

A metodologia aplicada durante o processo de implantação da BNCC nos Colégios da Polícia Militar da Bahia, Ensino Fundamental II, foi o estudo bibliográfico, tendo a BNCC como principal documento a ser analisado e compreendido pelos docentes, para mudança da prática pedagógica no processo-ensino aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e competências nos discentes, para efetivo exercício da cidadania.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

[...] é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Como a pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa, a utilização dessa metodologia justifica-se, principalmente, pela necessidade de se conhecer o novo documento

que norteará toda a Educação Básica nacional, como também pela necessidade de se conhecer as diversas possibilidades de inovação no processo ensino-aprendizagem voltado para o desenvolvimento integral dos discentes.

Resultados e Discussão

A BNCC é o documento que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio para garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes. Por isso, é de suma importância na promoção da igualdade no sistema educacional, colaborando para a formação integral e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

A Educação Integral pode ser entendida como:

[...] a opção por um projeto educativo integrado, em sintonia com a vida, as necessidades, possibilidades e interesses dos estudantes. Um projeto em que crianças, adolescentes e jovens são vistos como cidadãos de direitos em todas as suas dimensões. Não se trata apenas de seu desenvolvimento intelectual, mas também do físico, do cuidado com sua saúde, além do oferecimento de oportunidades para que desfrute e produza arte, conheça e valorize sua história e seu patrimônio cultural, tenha uma atitude responsável diante da natureza, aprenda a respeitar os direitos humanos e os das crianças e adolescentes, seja um cidadão criativo, empreendedor e participante, consciente de suas responsabilidades e direitos, capaz de ajudar o país e a humanidade a se tornarem cada vez mais justos e solidários, a respeitar as diferenças e a promover a convivência pacífica e fraterna entre todos. (MEC, 2015).

Ressalta-se, ainda, que esta proposta encontra suas bases nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

Art. 9º O currículo do Ensino Fundamental é entendido, nesta Resolução, como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes. (BRASIL, 2010).

Segundo a LDB, cabe ao Governo Federal “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum”.

A oficialização da BNCC estabeleceu para os sistemas e redes de ensino do país o desafio de implementar a BNCC até o início de 2020. Diante disso, levando-se em consideração a autonomia dos Colégios da Polícia Militar da Bahia, a rede assumiu o desafio

de dar o primeiro passo, iniciando nas unidades sob sua coordenação o processo de implantação da base, no Ensino Fundamental II. Para tanto, foram realizados encontros pontuais com os docentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem do 6º ao 9º anos, para estudo e compreensão dos documentos que norteiam a BNCC, com vistas à implantação do processo durante o ano de 2019.

Nesse período, foram discutidas diversas teorias acerca de uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento integral dos discentes, dentre os principais teóricos, podemos destacar Freire (2005), para o qual a escola e a educação devem proporcionar aos homens e às mulheres o “ser mais”. Freire (2005) defende que a concepção e a prática “bancária” de educação levam ao desconhecimento dos homens e das mulheres como seres históricos, enquanto a educação problematizadora parte justamente do caráter histórico e da historicidade destes.

A Educação Integral deve investir em seu compromisso com os conhecimentos que possibilitam a compreensão da realidade e a sua transformação. Como acentua Felício (2012, p. 05):

[...] a educação integral deve ser capaz de responder a uma multiplicidade de exigências, ao mesmo tempo em que deve objetivar a construção de relações na direção do aperfeiçoamento humano, o que comporta na oferta de possibilidades para que o indivíduo possa evoluir, plenamente, em todas as suas dimensões (cognitiva, corpórea, social, cultural, psicológica, afetiva, econômica, ética, estética, entre outras).

Finalizando o processo, após as discussões e estudos sobre o tema, os docentes, por área do conhecimento e por disciplina, separaram, por série e unidade didática, os objetos do conhecimento (conteúdos) propostos pela BNCC, agregando aqueles que julgaram pertinentes e indispensáveis para cada ano, levando-se em consideração a realidade da comunidade escolar.

Todo o material produzido pelos docentes, foi agrupado por área do conhecimento, para confecção de uma cartilha, que servirá de base para os trabalhos a serem desenvolvidos durante o ano de 2019, no tocante ao processo de implantação da BNCC, cuja discussão para reavaliação das práticas acontecerão em novos encontros em 2019.

Tabela 1 –Conhecendo a BNCC:

PROCESSO	PERÍODO (em 2018)
1º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	15,16 e 17//05/2018
2º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	21, 22 e 23/08/2018
3º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	16, 17 e 18/10/2018
1ª Reunião com a Coordenação Pedagógica	22/05/2018
2ª Reunião com a Coordenação Pedagógica	07/08/2018
Reunião com Diretores Pedagógicos	23/08/2018, 20/09/2018 12 e 13/12/2018

Reunião com Diretores Militares	05/12/2018
---------------------------------	------------

Fonte: Coordenação dos Colégios da Polícia Militar – CCPM

Tabela 2 – Avaliando o Processo de Implantação da BNCC:

PROCESSO	PERÍODO (em 2019)
1º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	14, 15 e 16/05/2019
2º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	16, 17 e 18/07/2019
3º Encontro: Atividade Complementar Coletiva – Corpo Docente	22, 23 e 24/10/2019
1º Reunião com a Coordenação Pedagógica	26/02/2019
2º Reunião com a Coordenação Pedagógica	24/04/2019
Reunião com Diretores Pedagógicos	21/02/2019, 11/04/2019 e 02/05/2019
Reunião com Diretores Militares	09/04/2019

Fonte: Coordenação dos Colégios da Polícia Militar - CCPM

Conclusões

O processo iniciado pela Rede CPM visou instrumentalizar os docentes sobre a Base Nacional Comum Curricular, com vistas a uma melhor atuação na prática pedagógica diária, bem como na compreensão da importância de um processo educacional inovador no que diz respeito à formação de um indivíduo capaz de compreender os fenômenos sociais, podendo interferir para melhorar/modificar a sociedade, exercendo, de fato, sua cidadania.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 dez. 2010.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos. Análise curricular da escola de tempo integral na perspectiva da educação integral. Revista e- Curriculum, São Paulo, v.8, n.1, p. 1- 18, abril, 2012.

FREIRE, PAULO. Pedagogia do oprimido. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MEC. Educação integral. Disponível em: <http://educacaointegral.mec.gov.br/>. Acesso em 01 maio. 2019.



INTEGRAR PARA INOVAR: OS POTENCIAIS DO MULTILETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Antonio Carlos Fontes Atta¹
Tânia Maria Hetkowski²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho é um ensaio sobre a concepção de iniciativas que fomentem o *multiletramento entrelaçado* ao âmbito do ecossistema educacional instituído pelas ações e investigações na Educação Básica do grupo de pesquisas GEOTEC/UNEB, mediado pelo redimensionamento do modelo colaborativo dos projetos articuladores que estruturam o grupo³. Partindo da pesquisa exploratória e documental das formas de atuação e dos resultados das agendas de dois projetos articuladores desse grupo, associadas ao pensamento de autores que discutem a premência atual de formas diversificadas de letramento, demonstramos epistemologicamente que o referido ecossistema já existe de forma seminal nas ações do grupo, mas que pode ser reorganizado para evoluir, inovar e potencializar resultados relacionados com o letramento múltiplo, ou multiletramento, integrado aos sujeitos da Educação Básica, conduzindo-os à processos formativos mais completos, ricos e que instituem cidadãos mais bem-preparados para a vida na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Multiletramento. Educação Básica. Educação Científica. Tecnologias da Informação e Comunicação.

Introdução

O desenvolvimento da pesquisa científica, quando analisado de forma mais abrangente, produz resultados que podem ser valorados sob perspectivas diversas. O alcance dos objetivos definidos e a consequente produção de conhecimento novo é a vertente mais óbvia, usual e esperada em um primeiro plano. Entretanto, sem a presença do pesquisador como sujeito e agente ativo em todas as fases do processo, que busca estruturar seu objeto de pesquisa a partir de uma inquietação motivadora inicial, que define ou desenvolve uma metodologia mais

¹Doutorando do PPGEduC da Universidade do Estado Bahia – UNEB, Docente do DCET – I da UNEB; atta@uneb.br.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Docente do PPGEduC da UNEB; hetk@uol.com.br.

³ Referimo-nos mais especificamente aos projetos A Rádio da Escola na Escola da Rádio e K-Lab – Laboratório de Projetos, Processos Educacionais e Tecnológicos.

adequada para cada caso, que dimensiona e se embrenha em seu campo, e, dentro dele, em seu *locus* de pesquisa, que analisa, à luz do método escolhido, os dados coletados, produzindo e disseminando o almejado conhecimento a partir das suas conclusões sobre os experimentos levados a cabo ao longo do processo, nenhuma pesquisa científica seria bem sucedida. Por isso, a formação do pesquisador e o seu avanço qualitativo, a cada ciclo investigativo, como ser que desenvolve olhares outros sobre o objeto e que descortina facetas não imediatas deste, a partir de uma percepção mais crítica da realidade, é também uma perspectiva válida à contribuição da pesquisa científica.

A formação do pesquisador, sobretudo na área das ciências sociais, que há muito aboliu os métodos positivistas fortemente presentes ciências naturais como único e principal caminho para a pesquisa sobre o pensar, sentir e agir humanos (GATTI e ANDRÉ, 2010, p. 29-30), requer doses acentuadas de profissionalização, estudo, paixão, dedicação e colaboração. Nessa formação, a iniciação certamente desempenha papel relevante; assim, Chassot (CHASSOT, 2003), partindo da premissa que a ciência pode ser considerada *uma linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural*, apresenta uma analogia entre o desenvolvimento da compreensão dos fenômenos naturais e sociais e o processo de aprendizagem de leitura e escrita de uma língua, cujo domínio e proficiência da complexidade inerente a estas habilidades, também não são obtidos de forma imediata; recursão interessante apresenta essa associação, porque o próprio desenvolvimento do lidar com a ciência impõe o domínio prévio e proficiente de técnicas de leitura e interpretação de textos e de escrita rigorosa em uma determinada língua. Essa relação entre os dois tipos de letramento é mais profundamente analisada em (NORRIS e PHILLIPS, 2003) que defendem a tese que a leitura e a escrita (o letramento), para além da habilidade de reconhecer palavras e localizar informações, não devem ser tratadas como simples ferramentas de registro e transmissão de informação, ou seja, que sua relação com a ciência não é apenas de ordem funcional. Para Chassot (CHASSOT, 2003) ainda, promover a compreensão da ciência, a partir de processos de alfabetização científica⁴ constituídos em espaços de aprendizagem formal, como a escola, contribui para que o estudante não só possa entender, controlar e prever as transformações que ocorrem na natureza e no meio social no qual ele (com)vive, como também permite que possa atuar de modo que tais transformações conduzam a uma melhor qualidade de vida.

No Brasil, ainda que não exista uma política educacional que vise o fomento da Educação Científica na educação básica de modo mais formalizado e abrangente, existem

⁴ Termo que a literatura especializada também associa com *letramento científico* ou *cultura científica*.

iniciativas distintas nesse sentido, muitas delas associadas a sociedades científicas e a Programas de Pós-graduação com orientação para a pesquisa na área do Ensino de Ciências (ROITMAN, 2005, p. 122-125). Revisões bibliográficas sobre o processo de desenvolvimento da alfabetização ou educação científica foram apresentadas por (CRUZ, SANTOS e SANTOS, 2017) e (SASSERON e CARVALHO, 2011) que buscam demonstrar a convergência entre as diversas classificações e propostas.

Aliado aos dois tipos de letramento correlacionados anteriormente, o funcional e o científico, na sociedade pós-industrial há um outro tipo de letramento que não se impõe como educação formal, mas que é implícita e explicitamente demandado ao cidadão nos países desenvolvidos e nos que pretendem ser: o letramento digital. Sem formas claras ainda para a sua avaliação, (ROMANI, 2012) o apresenta como um dos princípios básicos para a conceitualização do que o autor denomina *competências digitais* e o define como:

Ser digitalmente letrado envolve usar tecnologias para informação e conhecimento, para acessar, recuperar, armazenar, organizar, gerir, sintetizar, integrar, apresentar, partilhar, trocar e comunicar em múltiplos formatos, textuais ou multimídia. Combinam-se pensamento crítico, criativo e inovador, potencializados pelas competências em gestão da informação. Letramento digital também implica compreender que a gestão e partilha de novos produtos informacionais pode ser enriquecida pelas redes de colaboração (p. 857).

Defende-se neste trabalho, portanto, a necessidade do entrelaçamento dos três tipos de letramento na formação de um estudante que se anseia estar mais bem-preparado para responder competentemente aos desafios da vida em sociedade na atualidade, capaz de obter e produzir conhecimento com significado, desenvolvendo consciência crítica, analítica, criativa, inovadora e ética.

O grupo de pesquisas em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, ou mais especificamente seus projetos articuladores, A Rádio da Escola na Escola da Rádio e K-Lab – Laboratório de Projetos, Processos Educacionais e Tecnológicos, capacitam-se a tecer esse entrelaçamento em função das suas histórias, das suas vocações científicas, dos seus focos na Educação Básica, das suas práticas no binômio tecnologia-formação e dos seus processos colaborativos em outras vertentes. Neste texto buscamos apresentar as bases conceituais e metodológicas que sustentam o potencial inovador da proposta de colaboração entre esses dois projetos articuladores, visando iniciativas educacionais que integrem os três letramentos revisados.

Metodologia

A proposta de fomento a iniciativas do *multiletramento entrelaçado*, por si só, se justifica ao considerarmos seus objetivos educacionais e seu potencial pedagógico. No entanto, para demonstrar a premissa de que o GEOTEC já reúne de forma seminal as condições necessárias à implementação de iniciativas nesse sentido, realizamos estudos exploratórios e documentais, tomando como referencial o percurso histórico e as produções de dois dos seus projetos articuladores, Rádio e K-Lab. Vale ressaltar que a interseção dessas condições é fundamental para a tessitura do entrelaçamento de letramentos proposto, mas que não se trata de convergências trivialmente alcançáveis.

No cerne do projeto da Rádio está a mobilização de processos formativos pela aplicação da Educação Científica nas redes públicas de ensino dos Estados da Bahia e Sergipe. De forma compilada, (BRITO, ARAÚJO e MOREIRA, 2017, p. 31) contextualizam que o projeto apresenta como propositiva possibilitar aos sujeitos, partícipes do processo educativo, a valorização e ressignificação das interações histórico-sociais, culturais e ambientais, pela construção de laços entre sujeito – lugar – mundo, numa perspectiva dialógica e investigativa, trazendo como base o entendimento das geotecnologias e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC como prerrogativas de suas ações. Com o objetivo de compreender como essa propositiva se concretiza, com um olhar particularizado sobre os processos da educação científica (ou letramento científico), buscamos fazer a análise de conteúdo e classificar os resumos dos trabalhos do Projeto da Rádio, apresentados nas duas últimas edições (a V e a VI) do evento Encontro de Pesquisadores da Rádio e consolidados sob a forma de caderno de resumos ou Anais do evento. Nessa pesquisa exploratória foram estudados 83 (oitenta e três) trabalhos, dos quais apenas 3 (três) possuíam indicação explícita de que o autor principal não era estudante da educação básica⁵; os trabalhos foram classificados, entre outras categorias, por eixo temático (usando as definições de eixos constituintes do próprio projeto da Rádio), por objetivos e metodologia de investigação adotada, por escola, por série e nível de ensino do autor principal (fundamental I, II ou médio) e por estado (Bahia ou Sergipe). A partir da análise de conteúdo e dos objetivos/metodologia de investigação desses resumos teceremos mais adiante algumas discussões relacionadas à nossa proposta e sobre como os achados coadunam com a mesma.

⁵ Em 2 (dois) desses 3(três) casos o autor principal era um professor e, no restante, um aluno de graduação. Consideramos para efeito da análise neste ensaio os projetos cujo autor principal era estudante da Educação Básica.

O K-Lab, por sua vez, é um laboratório educacional que busca a construção e qualificação de processos formativos e educacionais, por meio da elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, práticas e processos tecnológicos. A existência do laboratório pauta-se pelo desenvolvimento de pesquisas que operam sobre um modelo multireferencial e colaborativo, entendendo-o como ponto crucial para o imbricamento entre teoria e prática (DIAS, NASCIMENTO, *et al.*, 2017, p. 677). A pesquisa documental sobre as ações do laboratório demonstrou que processos tecnológicos e suas possibilidades nos atos educativos constituem um princípio axial desse projeto articulador. Para alcançar suas metas de projetos, o laboratório subdivide-se internamente em grupos colaborativos de pesquisadores concentrados por temas de interesse; para efeito deste trabalho destacamos dois deles: o grupo cooperativo de Educação e Tecnologias e o grupo de Multiletramento e Geotecnologias. O primeiro grupo pauta-se pela reflexão e elaboração/execução de projetos que promovam sinergias entre suas duas áreas componentes, com foco na inovação com significado para a evolução efetiva da primeira delas, a exemplo do que está proposto neste ensaio. O segundo grupo, por sua vez, entre seus objetivos enfatiza a contribuição com a apropriação de habilidades tecnológicas nos distintos espaços educativos e com a reflexão sobre o uso de tecnologias digitais para qualificar as ações destes sujeitos na sociedade contemporânea. Colocam-se ambos os grupos, portanto, alinhados com as expectativas levantadas neste trabalho.

Resultados e Discussão

A investigação exploratória classificou menos de 10% (dez por cento) dos trabalhos como associados ao eixo de Processos Tecnológicos entre os projetos apresentados nos encontros da Rádio nas suas duas últimas edições⁶. Isso aponta para um grande potencial de introdução das TIC na grande maioria restante dos trabalhos, alavancada por iniciativas de enriquecimento do letramento funcional e do letramento digital, ambos com significado. Tais iniciativas conduzirão, também, à indenidade do projeto da Rádio que, como visto, *traz a utilização das TIC como prerrogativas de suas ações*. O K-Lab, como projeto articulador irmão dentro do GEOTEC e, sobretudo, devido ao seu histórico e princípios de atuação, reúne as competências para orientar o encaminhamento dessas proposições, de modo a garantir que o

⁶ Essa associação foi feita no âmbito da pesquisa exploratória e considerou nessa categoria apenas trabalhos cujo produto final contivesse componentes tecnológicos (vídeo, e-book, atlas, etc); o simples uso ou aplicação de artefatos tecnológicos ao longo do projeto não se configurou condição necessária para associá-lo ao eixo temático de Processos Tecnológicos.

letramento digital ao qual nos referimos neste texto não resulte no simples uso de artefatos tecnológicos, zelando para que, ao cabo, sejam produzidas experiências de aprendizado ricas e motivadoras, que sirvam de base em um crescendo de iniciativas audaciosas envolvendo as TIC – produzindo, assim, um ciclo virtuoso que retroalimenta e potencializa as formações dos sujeitos da educação.

Pelo exposto, a proposta aqui apresentada efetivamente alinha-se com o pensamento de Chassot (CHASSOT, 2003), Norris (NORRIS e PHILLIPS, 2003) e Romani (ROMANI, 2012), visto que desvela uma camada evolutiva do ecossistema de base de pesquisas que já existe (com produção de resultados mensuráveis) nos projetos do GEOTEC e que pode (e deve) ser redimensionado a partir do potencial colaborativo dos projetos articuladores desse grupo de pesquisas, com foco em iniciativas inovadoras que produzam melhorias nos resultados da Educação Básica, paralelamente às operações da educação formal.

Conclusões

A tese implicada neste ensaio é a de que iniciativas que promovam o entrelaçamento das três classes de letramento (funcional, científico e digital), contribuem para a formação de cidadãos mais bem-preparados, capacitados e competentes para lidarem com os desafios de ordem social, acadêmica e profissional, os quais são colocados a esses sujeitos na sociedade atual, transformando-os em seres mais críticos, cognitivamente preparados à descoberta de novos saberes, criativos, colaborativos, éticos e aptos à atuação protagonista nesse mundo interconectado em acelerada transformação no qual (com)vivemos. Entretanto, reunir as condições para que a trama de tais letramentos possa ocorrer com isonomia e êxito não é trivial. Mostramos que o ecossistema de projetos já desenvolvidos no GEOTEC/UNEB, sustentados pelo tripé atuação na Educação Básica / Educação Científica (investigações da Rádio) / Processos Tecnológicos (produções do K-Lab), institui um ambiente fértil à profusão de iniciativas inovadoras que alavancam os resultados de formação dos estudantes das Redes Públicas de Ensino, promovendo concomitantemente a formação continuada dos professores que atuam nos seus diversos níveis. Assim, resta-nos seguir adiante e conceber colaborativamente tais iniciativas.

REFERÊNCIAS

BRITO, F. J. D. O.; ARAÚJO, K. S. S.; MOREIRA, R. P. D. S. O projeto da Rádio da Escola na Escola da Rádio: redimensionando saberes na educação básica. In: PEREIRA, I. B.; ARAÚJO, K. S. S.; SANTOS, T. D. C. **Entre Lugares: ensaios sobre geotecnologias, educação e contemporaneidade**. Curitiba: CRV, v. 1, 2017. p. 31-45.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2003. 89-100.

CRUZ, M. H. D.; SANTOS, R. V. D.; SANTOS, E. P. **Atividade de pesquisa no ensino médio: a educação científica no espaço da ICJR**. Anais do XIII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação. Curitiba: [s.n.]. 2017. p. 8754-8770.

DIAS, J. M. et al. **A concretização do K-LAB e sua perspectiva educacional**. XIII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação. Curitiba: [s.n.]. 2017. p. 670-682.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. - **Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010. p. 29-38.

NORRIS, S. P.; PHILLIPS, L. M. How literacy in its fundamental sense is central to scientific literacy. **Wiley Online Library - Science Education, Vol.87, Ed. 2, Pag. 224-240**, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/sce.10066>>. Acesso em: 10 abril 2019.

ROITMAN, I. Ciência para os jovens: falar menos e fazer mais. In: WERTHEIN, J.; CUNHA, C. D.; ORG. **Educação Científica e Desenvolvimento: o que pensam os cientistas**. Brasília: [s.n.], 2005. p. 119-127.

ROMANI, C. Trends for 21st century education. **Cadernos de Pesquisa, São Paulo , v. 42, n. 147, p. 848-867**, 2012. ISSN 0100-1574 (versão impressa). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742012000300011>>. Acesso em: 15 Abril 2019.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. D. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, Março 2011. 59-77.



K-MAT – O USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO DE MATEMÁTICA: UMA BREVE REFLEXÃO

Samira Souza Feitosa¹
Maria Livia Astolfo Coutinho²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Neste trabalho, propomos uma breve reflexão sobre o uso da tecnologia para o ensino de matemática, dentro do projeto K-Mat/K-Lab pertencente ao grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, que atua no contexto de uma sociedade em constante transformação. Para isto apresentou-se o conceito de tecnologia, a relação com o ensino da matemática procurando investigar qual o papel do professor diante desta nova sociedade. Sem a intenção de esgotar o contexto, algumas questões são problematizadas com o objetivo de levantar discussões acerca do uso da tecnologia e a forma como esta vem sendo utilizada na práxis da sala de aula, de forma que possa auxiliar e incentivar os profissionais da área de matemática a usarem a tecnologia como processo humano e criativo.

Palavras-chave: Tecnologia. Ensino de Matemática. Papel do Professor.

Introdução

Atualmente a escola precisa garantir aos seus alunos a aquisição de novos conhecimentos, valores, atitudes e o desenvolvimento de suas habilidades e competências³ que permitam a estes, a inserção nesta sociedade que está em permanente processo de transformação.

¹Universidade do Estado da Bahia; Mestranda em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; samfeitosa@hotmail.com.

²Universidade do Estado da Bahia; Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social; marialivia@uneb.br

³ Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – a “competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2017, p. 8).

Nesse contexto, a educação não pode continuar a mesma, muito menos a educação⁴ que corresponde ao ensino de matemática. Mudar é preciso. Então como transformar a educação do passado, que ainda vigora nos dias atuais, em uma educação onde as metodologias e estratégias de ensino são diferenciadas e que contemplem o “novo” homem do século XXI? Não há uma resposta pronta à esta pergunta, mas algumas considerações e reflexões, sobre o ensino de matemática, podem ser feitas afim de ajudar o professor na sua prática em sala de aula.

Partindo deste pressuposto que apresentamos o projeto K-Mat⁵, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculado aos programas de Pós-graduação Educação e Contemporaneidade – PPGEduc e Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação – GESTEC, ambos pertencentes a Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Assim, o K-Mat tem por objetivo promover processos educativos e formativos com perspectiva de inovação pedagógica e tecnológica na área de matemática através do desenvolvimento de intervenções pedagógicas e da criação de espaços colaborativos de discussões que agregue o ensino de matemática ao uso das tecnologias e de outros elementos que fazem parte do cotidiano da escola.

Neste sentido, partindo das ações do K-Mat, percebemos que uma das estratégias para tornar as aulas de matemáticas em práticas bem-sucedidas e inovadoras é a inserção das tecnologias no ambiente escolar. Geralmente, associa-se o conceito de tecnologia ao uso do computador, no entanto, ao falar em tecnologias, devemos pensar num conceito e numa aplicabilidade mais ampla. Desta forma entende-se tecnologia como:

[...] um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas de seu contexto, superando-as (LIMA JUNIOR, 2005, p. 15).

Referente à relação entre a tecnologia e ao ensino:

[...] a única chance que o homem tem para conseguir acompanhar o movimento do mundo é adaptar-se à complexidade que os avanços tecnológicos impõem a todos, indistintamente. Este é também o duplo desafio para a educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios (KENSKI, 2012, p. 18).

Diante disso, devemos refletir de que forma as tecnologias estão sendo usadas no ensino de matemática. O que vemos atualmente são o mesmo modelo do século passado: aulas

⁴ Considera-se neste trabalho o conceito de educação segundo D’Ambrósio (2012, p. 63) “como uma estratégia da sociedade para facilitar que cada indivíduo atinja o seu potencial e para estimular cada indivíduo a colaborar com outros em ações comuns na busca do bem comum.”

⁵ http://klab.geotec.uneb.br/?page_id=1653

expositivas, uso do quadro, caderno e livro didático, alunos sentados em fileiras. Quando os professores “inovam” sua prática, o fazem usando recursos audiovisuais acreditando que o uso destes recursos os tornam inovadores. Se pararmos para analisar, a forma de ensinar não mudou, os alunos continuam a receber o conteúdo de forma pronta, sem participação ativa e reflexiva em sala de aula.

Algumas questões a serem pensadas: como fazer o ensino de matemática de maneira diferenciada, onde todos os envolvidos no processo participem? Quais as estratégias pedagógicas podem ser utilizadas para desenvolver habilidades e competências nos alunos, de forma que o conhecimento seja produzido, compreendido e relacionado ao cotidiano de cada um? Nesse sentido, o projeto K-Mat faz-se importante uma vez que busca desenvolver diversas estratégias e práticas pedagógicas no contexto curricular de matemática, com a intenção de modificar e ressignificar o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o processo de mediação pedagógica é basilar quando busca conhecer cada aluno e traçar estratégias que promovam um aprendizado efetivo. Segundo D’Ambrosio,

O professor que insistir no seu papel de fonte e transmissor de conhecimento está fadado a ser dispensado pelos alunos, pela escola e pela sociedade em geral. O novo papel do professor será o de gerenciar, de facilitar o processo de aprendizagem e, naturalmente, de interagir com o aluno na produção e na crítica de novos conhecimentos [...] (D’AMBROSIO, 2012, p. 73).

Ou seja, o papel do professor de matemática é utilizar recursos e estratégias que permita que o aluno seja agente do processo fazendo com que a relação de ensino e aprendizado seja construído e não transmitido.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é levantar questionamentos acerca do uso da tecnologia no ensino de matemática, como a mesma está sendo utilizada em sala de aula e qual é o papel do professor diante de um contexto social, onde a construção do conhecimento deve estar pautada em um processo de mediação e não de transmissão.

Metodologia

Optamos, neste trabalho, fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema proposto. Segundo Gil (2008, pg. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Desta forma, procuramos fazer leituras de material impresso (livros) e meios eletrônicos que pudessem promover o aprofundamento das questões levantadas, além da correlação das categorias teóricas com o projeto K-Mat/K-Lab – GEOTEC.

Resultados e Discussão

É fundamental pensar a tecnologia para além de uma simples inovação nas formas de ensinar e aprender, especialmente em relação ao ensino de matemática. O desafio vai para além de criar novas estratégias de ensino. Pensar tecnologia como processo humano e criativo, onde o imaterial é tão importante quanto o material, pode, de fato, promover um ensino satisfatório, com significado e sentido para os alunos, construindo conhecimento que contribua para uma transformação dos sujeitos envolvidos no processo de educar em matemática.

Desta forma, é necessário ressignificar o papel do professor na construção do conhecimento matemático. O professor precisa sair do papel de detentor do saber para o papel de facilitador/mediador dentro do processo de ensino-aprendizagem mediando o conhecimento que não é único nem muito menos pronto e acabado, uma vez que, como diz Paulo Freire (2016, p. 24) “ensinar não é transferir conhecimento”, e o uso das tecnologias pode ajudar o professor neste processo de mediar este conhecimento produzido em sala de aula, uma vez que:

O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos. Professor e aluno formam “equipes de trabalho” e passam a ser parceiros de um mesmo processo de construção e aprofundamento do conhecimento: aproveitar o interesse natural dos jovens estudantes pelas tecnologias e utilizá-las para transformar a sala de aula em espaço de aprendizagem ativa e de reflexão coletiva; capacitar os alunos não apenas para lidar com as novas exigências do mundo do trabalho, mas, principalmente, para a produção e manipulação das informações e para o posicionamento crítico diante dessa nova realidade (KENSKI, 2012, p. 103).

Sendo assim, o Ensino de Matemática na contemporaneidade não pode desprezar o sujeito como mero receptor de informações, pois enquanto sujeito, busca a livre associação para ressignificar o saber, criar os links de correlação e apreensão das informações, criando o conhecimento na aplicação. Nessa perspectiva, as ações de pesquisa aplicada do K-Mat/K-Lab – GEOTEC/UNEB, construídos na horizontalidade entre professores e alunos, apresentam-se como elementos de mobilização no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos de matemática quando traz as relações das dinâmicas socioespaciais à sala de aula, como pontes que interliga a educação ao desenvolvimento do ser humano.

Conclusões

Na sociedade contemporânea, a tecnologia, como estratégia pedagógica, é uma realidade que pode trazer inúmeros benefícios no âmbito educacional, uma vez que pode proporcionar novas formas de ensinar e aprender, que são exigências de uma sociedade em

constante transformação, onde o conhecimento deve ser construído afim de fomentar nos alunos posturas críticas e reflexivas.

Aliar tecnologias à novas estratégias no ensino de matemática podem promover aprendizagens efetivas onde o papel do professor é primordial, uma vez que ele deixa de ser o detentor do saber e passar a ser um mediador na construção coletiva do conhecimento.

Não há a intenção de se esgotar a discussão, mas de trazer algumas reflexões que possam auxiliar e incentivar os profissionais da área de matemática a usar a tecnologia como processo humano e criativo, afim de que as aulas de matemática possam ter de fato práticas inovadoras, onde o ato de ensinar e de aprender seja feito de forma colaborativa entre os sujeitos envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> . Acesso em: 18 de abril de 2019.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 23. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de. **Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet; Juazeiro (BA): FUNDEF, 2005.



LUDICIDADE, GEOGRAFIA ESCOLAR E LINGUAGEM MUSICAL: ATUAÇÃO DO PIBID A PARTIR DE INTERVENÇÕES EM ESCOLAS PÚBLICAS DO TERRITÓRIO DO SISAL

Larissa de Oliveira Lima¹
Juliana Araújo Santos²
Bruna da Silva Mota³

Eixo - CINTERGEO - Educação, práticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade
Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente trabalho é decorrente da ação do Subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar” (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2018), do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura do departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI, Serrinha, realizada em uma turma do ensino médio do Centro Educacional 30 de Junho, unidade escolar da rede pública de ensino localizada no município de Serrinha-Ba, no território de Identidade do Sisal. Buscou-se neste trabalho discorrer sobre as experiências interventivas do PIBID realizada na turma da terceira série do ensino médio do turno noturno, no âmbito das ações decorrentes do I Ateliê de Educação Geográfica, o qual esteve alicerçado no uso da música como dispositivo didático-pedagógico para ensinar e aprender temas e conceitos da Geografia. Este I ateliê realizado sob coordenação das professoras Simone Santos de Oliveira e Jussara Fraga Portugal, coordenadoras de área do referido subprojeto, demonstrou que o ensino e a aprendizagem geográfica podem ser muito mais prazerosos e significativos quando ancorado no uso da linguagem musical, sendo esta capaz de tornar o ambiente de sala de aula mais atraente, uma vez que auxilia na construção de uma aprendizagem significativa a partir de procedimentos didáticos que articulam os conteúdos curriculares da Geografia com a ludicidade e a arte, bem como relacionadas às diferentes realidades em que estão inseridos os estudantes da educação básica.

Palavras-chave: Música, Ensino de Geografia, PIBID.

Introdução

A Geografia é uma ciência social e seus temas de debate estão presentes no cotidiano de todos os discentes. Tal ciência se consolida como um meio eficaz de auxiliar na compreensão

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB); licencianda em Geografia; larissaooliveira201510@bol.com.br.

² Centro Educacional 30 de Junho; mestre em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-graduação em Modelagem (PPGM) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); juliiana_uefs23@hotmail.com.

³ Universidade do Estado da Bahia (UNEB); licencianda em Geografia; brunamota96@outlook.com

do espaço e das relações entre o homem e a sociedade, possibilitando que se tenha maior entendimento das relações sociais e sua dinâmica na constante construção de novos espaços geográficos.

Pensando no processo de ensino aprendizagem em diferentes áreas e como processo dinâmico, Moraes e Castellar (2018, p.423) afirmam que:

Faz muitos anos que a literatura científica relacionada às diferentes áreas do conhecimento e ao campo educacional colocam sérias resistências à crença de que todo aprendizado é interativo e de que os alunos são potenciais ativos de aprendizagem pelo simples fato de ouvirem explicações que lhes sejam fornecidas.

Coadunando com as autoras, a ideia centra-se em um aprendizado onde o estudante não seja apenas ouvinte, mas interaja, participe, seja protagonista em sala de aula, e a partir daí a compreensão dos temas apresentados se daria de forma mais sólida, autônoma e imbuída de maior significado. Porém, cabe salientar que na realidade educacional vivenciada, tomando como base as diferenças estruturais e de perfil dos estudantes nos diferentes anos e turnos de ensino, o engajamento que se busca em sala de aula nem sempre é alcançado da forma que se espera.

Tendo em vista as tendências e os dilemas do ensino de Geografia na escola pública, destacando a dinâmica peculiar das turmas do ensino noturno e a importância do papel da ludicidade em sala de aula, o presente trabalho buscou discorrer sobre a experiência de intervenção em uma turma do ensino médio do turno noturno do Centro Educacional 30 de Junho, escola parceira do PIBID e vinculada à rede pública estadual, situada na cidade de Serrinha-Ba, cujas atividades pedagógicas foram desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ligado ao Subprojeto “Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia escolar “ (OLIVEIRA; PORTUGAL; 2018).

O objetivo central das atividades desenvolvidas nesta etapa do projeto junto à escola parceira centrou-se em mostrar a possibilidade de se trabalhar a Geografia escolar atrelada à linguagem musical, usando esta como dispositivo didático pedagógico. Nesse sentido, priorizou-se estabelecer uma articulação entre conteúdos geográficos e músicas de estilos e épocas diversas, porém com a preocupação de trazer elementos contemporâneos a fim de atrair com mais eficiência a atenção dos educandos do ensino médio do turno noturno de uma escola da rede pública de ensino do Território do Sisal.

Metodologia

As atividades do PIBID tiveram início no Centro Educacional 30 de Junho no segundo semestre de 2018, a partir de observações na sala de aula, o que facilitou a aproximação com o alunado, conhecendo o contexto no qual os mesmos estão inseridos, entendendo o comportamento e como respondiam ao conteúdo que estava sendo trabalhado em sala de aula, o qual se intitulava “Crescimento populacional: tendências e dilemas”, este conteúdo foi utilizado como eixo para a realização da intervenção.

Iniciou-se a organização da primeira intervenção, onde o tema central foi Demografia, que em função do seu potencial de transversalidade, permitiu uma análise acerca de diferentes temáticas como: desigualdade social e seu reflexo nos altos índices de mortalidade, desigualdade de gênero, impactos da entrada da mulher no mercado de trabalho. A partir destes temas e como forma de subsidiar a discussão sobre os mesmos, foram selecionadas diferentes músicas, a citar:

- Música 1 - “Sociedade falida”, de Edson Gomes, interpretada pelo mesmo, onde se trabalhou o conteúdo atrelado a um vídeo, dando destaque para os debates de temáticas como as consequências causadas pela má distribuição de renda, que acarreta os problemas de acessibilidade para as classes menos favorecidas e a marginalização. Foi realizado debates onde os alunos expuseram suas opiniões e percepções sobre a problemática abordada, além da análise da relação da música com o conteúdo que estava sendo trabalhado.

Música 2 - “Aquilo que era mulher”, interpretada pelo cantor Zeca Pagodinho traz a mulher como um ser submisso ao homem, devendo satisfazer sempre suas vontades e servi-lo dentro de casa. Esta letra foi utilizada para fazer uma reflexão sobre qual é o papel da mulher na sociedade e como esta imagem a elas imposta reflete uma sociedade machista. Esta letra permitiu que os estudantes expusessem suas opiniões e críticas ao problema abordado.

- Música 3 - “Pode se soltar”, interpretada pelo cantor Jerry Smith, esta música foi trabalhada na intenção de refletir criticamente como a mulher está sendo vista e tratada pela sociedade, a qual na maioria das vezes exalta seu corpo como um objeto sexual. Esta música possibilitou uma análise e discussão sobre os problemas sociais que rondam as mulheres como a violência, o assédio, a desigualdade de gênero, dentre outras questões pertinentes.

A segunda intervenção foi realizada no dia 13 de novembro de 2018 pautada no assunto Migrações, onde se buscou analisar problemas associados aos deslocamentos populacionais em diferentes escalas. Destarte, como realizada na primeira intervenção foi feita uma seleção de músicas que seriam utilizadas para abordagem dos problemas sociais como xenofobia, as

barreiras impostas aos migrantes pelos países mais ricos e a marginalização de imigrantes provenientes de países mais pobres. Para tanto, foi escolhida a música “A distância tá me Maltratando”, interpretada pelo cantor Mc G15, a qual dá destaque aos problemas sociais como desemprego e a condição de vida do migrante nas cidades grandes (metrópoles). A partir da análise da letra da música foi requerido à turma que se dividissem em grupos para elaboração de uma poesia, texto ou cordel que tratasse sobre o que foi trabalhado em aula.

Resultados e Discussão

O uso da música aos conteúdos geográficos possibilitou que os alunos participassem de forma mais efetiva das aulas, expondo suas percepções e sendo autônomos na execução das atividades solicitadas. Foi proposto aos estudantes que eles construíssem um slogan que serviria de campanha publicitária na escola trazendo análises acerca de problemas sociais debatidos em sala, como a marginalização, papel da mulher na sociedade, violência contra a mulher, má distribuição de renda. A ideia era que eles fizessem criações a partir da resposta ou complemento às seguintes frases “chega de...” ou “eu não aceito mais...” os slogans foram produzidos em cartazes com imagens, desenhos, gráficos e fotos e os mesmos apresentaram suas produções de forma oral.

A participação dos educandos também se efetivou no seminário de socialização das atividades executadas, onde os mesmos compartilharam suas experiências e aprendizagens através de exposição de fotografias, textos, cordéis, cartazes, dando a sua opinião acerca das atividades desenvolvidas, destacando a contribuição destas para sua formação. O desenvolvimento das atividades demonstrou que estar em sala de aula se apresenta sempre como um desafio, atrair a atenção do aluno, tornar significativo o conteúdo a ser explicitado, tudo isso requer do professor estratégias e o delineamento de um planejamento que respeite as particularidades das turmas e as demandas impostas pela sociedade. Desta forma, cabe ao professor procurar inovar sua metodologia de ensino levando em consideração as mudanças da sociedade contemporânea, fazendo mediação dos conteúdos de forma reflexiva e crítica sabendo que é possível utilizar diversos dispositivos didático-pedagógicos para inovar e qualificar sua prática pedagógica, e sem dúvida a linguagem musical para o ensino de temáticas da Geografia, permite que haja desenvolvimento de uma prática pedagógica construtiva e crítica, auxiliando assim no processo de ensino-aprendizagem.

Conclusões

Este trabalho traz reflexões acerca das atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID, e conclui-se como esse programa é importante para os estudantes de licenciatura, uma vez que possibilita a inserção dos mesmos no ambiente escolar de sala de aula, contribuindo de forma expressiva para a formação do discente, assim como para o fortalecimento da educação básica, através da parceria estabelecida entre universidade e escola pública. Auxiliando os alunos secundaristas a estarem mais próximos daquilo que é discutido no âmbito das licenciaturas no ensino superior e se perceberam como sujeitos capazes de adentrar esses espaço, tido ainda hoje, como espaços ocupados por uma minoria privilegiada.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga Portugal. **Educação Geográfica: diversas linguagens, formação docente e Geografia Escolar**. Subprojeto do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Curso de Licenciatura em Geografia. UNEB, Campus XI, Serrinha, 13 p. (Digitalizado)

MORAES, Jerusa & CASTELLAR, Sonia. **Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos**, São Paulo v.17, n.2, p.422-436, 2018. Acesso em: 28 de Jan 2019

FILHO, Jessé Gomes da Silva (Zeca Pagodinho). **Aquilo que era mulher**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kjgi5VXfBug>>. Acesso em: 3 de out.2018

SMITH, Jerry. **Pode se soltar**. São Paulo, 2017. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=XwuR8RKvOI0>>. Acesso em: 3 de out.2018

GOMES, Edson. **Sociedade falida**. Salvador, 1995. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=0K_fpAIO_MU>. Acesso em: 3 de out.2018

CARDOSO, Richardson (mc Bruninho). **A distância tá maltratando**. São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BXTpedYsjyI> > . Acesso em: 3 de out.2018.



MAYA, ANDY E JOSIAS: PRECURSORES DE UMA PRODUÇÃO DISCENTE DE QUADRINHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Mateus Sampaio de Sousa¹
André Luiz Sousa da Silva²

Eixo – Educação, praticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade

Resumo

A linguagem dos Quadrinhos ganha importância no meio acadêmico, a partir do resgate pelo Ministério da Educação, através da LDB/1996, que sinalizava a necessidade de utilização de outras linguagens, no ensino básico, abrindo caminho à utilização das HQs, como recurso didático. A partir do entendimento das histórias em quadrinhos como arte, do processo criativo da produção de HQ, que sua utilização destaca-se em ambiente escolar. Pretendeu-se envolver os alunos do Colégio Militar de Salvador/EB numa proposta de construção de conhecimento histórico em sala de aula, através da criação de personagens para uma história em quadrinhos para utilização no ensino, construídas por meio de ações participativas em uma sequência didática, com objetivos de tentar desenvolver um recurso didático-pedagógico para novas produções de HQ, nas aulas de História, observando possibilidade de desenvolvimento do aluno, em seu próprio processo de construção de conhecimento, além da conclusão de objetos de estudo do trabalho deste pesquisador.

Palavras-chave: Educação. História em quadrinhos. Praticas educativas inovadoras.

Introdução

Até a segunda metade do séc. XX, as histórias em quadrinhos (HQs) eram consideradas leitura antagônica e prejudicial ao aprendizado do aluno, sendo repreendida por professores e pais. Essa discussão nada mais era do que um discurso vazio e acrítico para contornar um desconhecimento sobre o assunto.

Essa forma de linguagem ganha espaço nos EUA em ambiente acadêmico, principalmente com a classificação da HQ em Arte Sequencial, na qual os quadrinhos mesclam os recursos de imagem e escrita (EISNER, 2010) e paralelamente no Brasil, a conceituação dos quadrinhos como História Em Imagens, devido ao destaque gráfico na narrativa quadrinística

¹CMS/EB; Especialista em Educação Inclusiva e Especial pela FASG.; sgtmateus1@hotmail.com.

²UNEB; Pós-Doutor em Ciências da Comunicação pela USP; betonnasi@gmail.com.

(CAGNIN,2014). Sua amplitude de usos ganha notoriedade com as publicações das obras sobre os quadrinhos, utilizando como recurso as próprias HQ (McCLOUD,1995), consolidando assim, os quadrinhos como recurso pedagógico, que pode ser aplicado também na educação.

No Brasil, a partir das proposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), foi aberto o caminho para a diversificação no uso de linguagens na educação, dentre elas as HQs. O uso dessa linguagem torna-se objeto de exploração de suas potencialidades para além de aulas agradáveis, sendo utilizadas também, para transmissão e discussão de temáticas em sala de aula. (VERGUEIRO e RAMOS, 2009).

Foi a partir de algumas questões que emergiram de um período de efervescência no cenário nacional das HQs como parte dos livros didáticos, disponibilização de obras ao ensino fundamental e médio, além de sua presença do ENEM (RAMOS, 2016) que as discussões no âmbito da utilização de histórias em quadrinhos, ganharam força nas últimas décadas.

Estimulado pela legislação vigente, principalmente a LDBEN/96 e fomentadas por debates acadêmicos, a linguagem das HQs vem sendo discutida amplamente, na busca de um melhor entendimento das principais dificuldades do uso das histórias em quadrinhos nas salas de aula pelos professores da educação básica e ensino superior.

Frente a esses pressupostos, a pesquisa ora apresentada tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas em aula eletiva com alunos do Colégio Militar de Salvador (CMS/EB), aplicada com metodologia participativa, na qual procurou-se a utilização da linguagem dos Quadrinhos para construir personagens para construção de um enredo para uma história em quadrinhos para utilização no ensino.

Metodologia

O Programa de Eletivas do Colégio Militar de Salvador/EB disponibilizou, a partir do projeto deste pesquisador em desenvolvimento¹ na Universidade Estadual da Bahia, um quadro de aulas eletivas denominado “Oficina de HQ” para os alunos do ensino fundamental II, de agosto a outubro de 2018, onde foi realizada a proposta de trabalho. A escolha destes grupos pautou-se na vontade dos estudantes do CMS/EB, na faixa etária lócus (treze a quinze anos) e no interesse de divulgação dos trabalhos produzidos pelos pesquisados.

Observou-se que, faz-se necessário para trabalhar com Quadrinhos em sala de aula, é fundamental “uma alfabetização necessária” (VERGUEIRO, 2004), tendo em vista a falta de

¹ Pesquisa de mestrado profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia: Era Uma Vez...Brasil: as histórias em quadrinhos como proposta metodológica para construção de conhecimento histórico pelos discentes do ensino fundamental.

conhecimentos prévios referentes ao tema, dificultar, desta forma, a compreensão dos elementos constitutivos da linguagem, o que pode acarretar no uso incorreto da linguagem, que precariza sua utilização no ensino.

A metodologia abordada baseou-se em uma ação colaborativa entre professor e alunos, com intervenções pontuais, no qual foram utilizadas dinâmicas específicas para uma maior compreensão elementos oriundos das HQs, buscando um maior envolvimento dos alunos. Os temas abordados no decorrer dos encontros foram organizados de maneira complementar, apresentando os assuntos de forma didática e observando a compreensão do conteúdo pelos alunos, através de uma sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004).

No primeiro ciclo (seis encontros de noventa minutos), foi trabalhada a temática: “O que são Quadrinhos? ”, por meio de slides, apresentando possíveis propostas de produção de história em quadrinhos para utilização na disciplina de História. Em seguida foi apresentado as características e elementos constitutivos de Quadrinhos, caracterização de personagem, finalizando foi apresentado por vídeo, uma proposta de roteirização de quadrinhos.

No segundo ciclo (quatro encontros), apresentou-se as possibilidades de personagens para o universo ficcional e decidiu-se pela criação de personagens, na realidade do aluno de um Colégio Militar (CM). Na sequência, os alunos desenvolveram as características de seus personagens, num trabalho em grupo. A única intervenção direta do professor nesse processo criativo discente foi a definição de uma característica para cada personagem: responsabilidade; curiosidade; e “sabe-tudo”. Os alunos atenderam a expectativa do trabalho criando a Maya; Andy ou Anderson; e Josias, respectivamente (Figura 1).



Figura 1 – Personagens criados pelos discentes da eletiva “Oficina de HQ” para construção de quadrinhos.
Fonte: Elaborada pelo autor

Por fim, o terceiro ciclo (quatro encontros) foi marcado pela criação de uma história em quadrinhos para apresentação das personagens criadas pelos estudantes, que logrou êxito com a entrega das histórias no último encontro da disciplina eletiva. Foi nesse momento, os alunos aplicaram técnicas aprendidas no primeiro ciclo para desenvolvimento das histórias, a partir de roteiro, esboço e arte final.

Resultados e Discussão

Ao finalizar o projeto percebeu-se que, através da criação de vínculo com os alunos em aula, permite uma maior aceitação das propostas metodológicas utilizadas. No desenvolvimento das ações percebeu-se que os alunos se empenharam na produção de seus personagens e histórias, isto foi perceptível mediante as discussões sobre os personagens e histórias, o que proporciona um melhor aprendizado. Sendo que, a expectativa de produção de histórias em quadrinhos discentes, com objeto específico, destacou um maior interesse sobre o projeto.

Perante estudo encontrado na literatura notou-se que o conhecimento da linguagem das histórias em quadrinhos, anterior ao início dos trabalhos, tornou-se fundamental na compreensão da construção das propostas de trabalho. Faz, portanto, necessária para a decodificação da linguagem pelos alunos (VERGUEIRO, 2014).

Logo, as atividades de produção de conhecimento discente, inclusive com Quadrinhos, merecem destaque e planejamento, no intuito de promover propostas didáticas, as quais possibilitem aos alunos colocar em prática os aspectos da linguagem já internalizados, e aos que ainda não dominam, possibilita-lhes compreender melhor o conteúdo trabalhado pelo professor. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004).

Sendo que um dos motivos que impulsionou o desenvolvimento deste trabalho com os alunos, deve-se ao fato de que ações transcorrerem de forma participativa, buscando “uma pedagogia da autonomia, centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, respeitosa da liberdade” (FREIRE, 2018), pois o estímulo ao desenvolvimento do trabalho discente, aplicado através de práticas pedagógicas inovadoras, como a construção de quadrinhos, que destacam o aluno em seu processo de aprendizagem, tende a apresentar bons resultados, tanto na produção criativa dos alunos, como nas próprias percepções que os discentes têm (ou não) de seu potencial. (ANDRAUS, 2013).

Com isso, nota-se que ações participativas beneficiam a todos e que ao se trabalhar com a produção de um universo de quadrinhos, visa-se tornar os sujeitos autônomos e aptos a buscarem melhorias na qualidade de vida, dentro e fora do ambiente escolar, pois a “criação de universos faz parte da experiência humana e pode ser sistematizada em processos educacionais que estimulem a criatividade, a autoria, o autoconhecimento, a reflexão crítica e a formação de cidadãos.” (SANTOS NETO e SILVA, 2013).

Conclusões

Ao finalizar as aulas eletivas denota-se a percepção de que o desafio apresentado aos alunos, surtiram efeito na vida destes alunos, pois muitas vezes ficou visível a necessidade que

estes tinham de busca de informações relacionadas ao ensino para os auxiliarem na construção dos personagens e histórias em quadrinhos, que fossem verossímeis aos fins de seus trabalhos. Além do fato, que muitas das orientações transmitidas, de maneira lúdica, eram naturalizadas no processo criativo de roteirização e finalização, o que os estimulava a desenvolverem o aperfeiçoamento do aprendizado adquirido, através da apresentação da história de seu personagem.

Os trabalhos da pesquisa mostraram-se satisfatórios, pois o envolvimento dos alunos na construção das histórias em quadrinhos, contribuiu tanto para a aprendizagem do aluno, quanto para o desencadeamento da finalização dos personagens do objeto de estudo, assim como, para a construção da primeira revista em quadrinhos com fins educacionais, que se apresenta como base para a proposta metodológica em desenvolvimento por este pesquisador.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, G. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos. In: NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (Orgs.) **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. 1ª. Ed. São Paulo: Criativo, 2013.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial – linguagem e semiótica**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014.

DOLZ, J.; e SCHNEUWLY, B. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Helena Rodrigues e Gláís SALES CORDEIRO. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. Tradução de Luís Carlos Borges e Alexandre Boide. 4ªed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 56ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2018.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos: a arte invisível**. Tradução de Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (Orgs.) **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. 1ª. Ed. São Paulo: Criativo, 2013.

VERGUEIRO, *et al* (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. E-book

VERGUEIRO, W.; e RAMOS, P. (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009. E-book



O AGENTE INTELIGENTE COMO POTENCIAL PARA O ENTENDIMENTO DAS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Alessandro Silva Jesus¹
André Luiz Souza da Silva²
André Luiz de Andrade Rezende³

CINTERGEO – Educação, práticas pedagógicas inovadoras e (com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o Agente Inteligente como potencial para o entendimento das dinâmicas socioespaciais. Para tanto, a solução viabiliza o aluno conversar com o amigo virtual, possibilitando responder perguntas sobre elementos do espaço geográfico, sendo uma forma alternativa de tutoria. As intervenções foram realizadas em práticas pedagógicas, proporcionando ao professor um recurso geotecnológico que pode contribuir para uma aula mais dinâmica, envolvente e motivadora. O projeto faz parte do grupo de pesquisa GEOTEC (Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade) e o K-Lab – Laboratório Educacional, tem como objetivo a construção e melhorias de processos formativos e educacionais, através de elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, ações e processos tecnológicos, vivenciados na prática. Os pressupostos Metodológicos, explora a Pesquisa Colaborativa Aplicada, valorizando os processos participativos, incentivando a construção coletiva promovendo a troca de saberes e a construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Agente Inteligente, Prática Pedagógica, Dinâmicas Socioespaciais.

Introdução

Os avanços das tecnologias digitais e as transformações da sociedade, despertam outros olhares para o campo da educação, com a necessidade de novas práticas pedagógicas na sala de aula, utilizando estas tecnologias como recursos de busca de informação e construção do novo conhecimento, através das interações e relações entres os sujeitos envolvidos.

¹UNEB; Mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; sandroasj@hotmail.com.

²UFBA; Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas; betonnasi@gmail.com.

³ UNEB; Doutor em Educação e Contemporaneidade; andre.luiz.rezende@gmail.com

Portanto, o potencial dessas ferramentas tecnológicas, contribuem para novas ações na sala de aula, proporcionando transformações no saber fazer dos professores em relação às suas práticas pedagógicas.

Diante do contexto apresentado, Rezende et al. 2016, define em seu artigo, como seria explorar a área de conhecimento da Inteligência Artificial no K-ágora, “um mecanismo similar ao chat, os alunos questionarão ao "Agente Inteligente" sobre temáticas relacionadas às dinâmicas socioespaciais”. Contribuindo assim, para a formulação da pergunta central desta pesquisa: Como o Agente Inteligente pode potencializar o entendimento das dinâmicas socioespaciais?

Deste modo, a pesquisa tem como objetivo geral apresentar o Agente Inteligente como potencial para o entendimento das dinâmicas socioespaciais, uma experiência com alunos de 9 a 12 anos, da Escola Municipal Antônio Euzébio, localizada no bairro do Cabula, na cidade de Salvador-BA. Para isso, será utilizado o Agente Inteligente com uma base de conhecimento, que aborda um diálogo natural e assuntos referentes a elementos do espaço geográfico, implementado ao artefato K-ágora, servindo como mais um recurso geotecnológico na prática pedagógica. Para alcançar este objetivo, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Analisar e compreender o uso do artefato K-ágora no entendimento das dinâmicas socioespaciais; Desenvolver o Agente Inteligente com técnicas de Inteligência Artificial; Aplicar o Agente Inteligente com os alunos na Escola Municipal Antônio Euzébio; Apresentar as potencialidades do agente inteligente no entendimento das dinâmicas socioespaciais.

Neste sentido, o artigo pretende mostrar o potencial do Agente Inteligente, proporcionando ao professor um recurso geotecnológico que pode contribuir para uma aula mais dinâmica, envolvente e motivadora, despertando assim, o interesse dos alunos e possibilitando uma aprendizagem mais significativa com sentido para a vida do aluno, a partir da valorização das dinâmicas socioespaciais em relação ao lugar na cidade (bairro, rua) de Salvador (BA).

Metodologia

O processo de investigação teve como propósito compreender o potencial do Agente Inteligente no entendimento das dinâmicas socioespaciais, junto aos alunos do 4º ano da Escola Municipal Antônio Euzébio, na cidade de Salvador (BA). Foi escolhida a Metodologia Colaborativa Aplicada, fundamental para o desenvolvimento do projeto. Várias pesquisas dos grupos do GEOTEC já utilizam a metodologia colaborativa, demonstrando que

vem sendo bastante difundida e utilizada. Sua definição está dividida como: Colaborativa, grupo de pesquisadores com saberes de áreas de conhecimento de sua especialidade, proporcionando diálogos que possibilitam a construção do conhecimento através de perspectivas distintas; Aplicada, o uso do conhecimento como solução na resolução do problema existente, além do aprendizado com o sujeito na construção e melhoria da solução.

Segundo Brandão (1999), a relação pensada e planejada que se estabelece com o sujeito, constitui o outro como alguém que carrega intrinsecamente valores social e cultural, não pode distanciar o sujeito do objeto, como pensado na pesquisa tradicional. Entretanto, com base na crítica direcionada à pesquisa tradicional, é concretizado na pesquisa colaborativa na aproximação do sujeito e objeto. Além disso, possibilita o envolvimento de outros pesquisadores com saberes distintos, que não fazem parte da mesma estrutura social, trazendo diferentes visões e percepções do mundo, o que enriquece a pesquisa com a diversidade dos olhares.

Resultado e Discussões

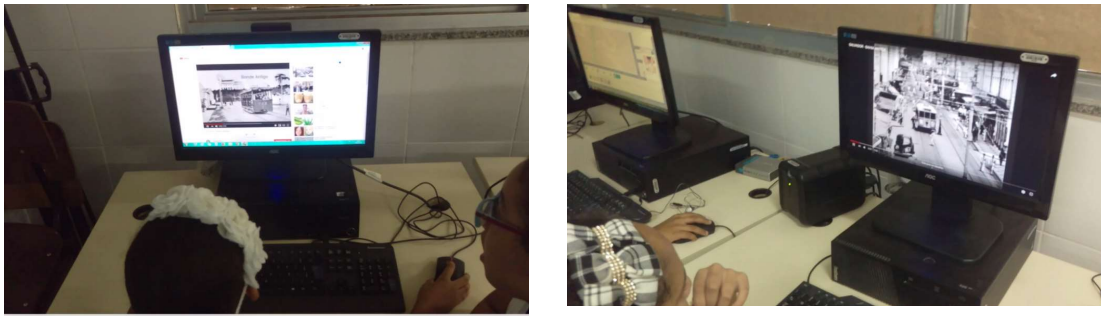
Em um dos vários momentos do Agente Inteligente na prática pedagógica, foi lançada a pergunta aos alunos, vocês sabem quais os meios de transporte na cidade? Então os alunos começam a falar: avião, carro, ônibus, bonde. Estranhamos a aluna C falar em bonde, então perguntamos: como seria o bonde? O aluno V, respondeu dizendo que é um ônibus pequenininho sem portas e as pessoas seguram numa barra de ferro. Os alunos naquele momento estavam entusiasmados com a aula, então lançamos a pergunta: será que a amiga virtual sabe o que é bonde? Logo em seguida os alunos realizam a pergunta para a amiga virtual. Como pode ser visto na Figuras 1, os alunos estão assistindo ao vídeo com fotos antigas do bonde, retratado nos principais bairros históricos de Salvador, despertando a curiosidade dos alunos.

Pergunta do aluno:

Aluno: O QUE É BONDE

Amigo Virtual Teste: Você já viu um bonde? Sabe o que é? O bonde é um meio de transporte que circulava pelas ruas das principais cidades brasileiras. Os bondes mais antigos eram puxados por animais. Com a chegada da eletricidade, os bondes passaram a ser movidos pela energia que circulava em cabos elétricos. Vamos olhar o vídeo com fotos da antiga salvador com o bonde, click no Vídeo.

Figura 1 – Vídeo sobre o Bonde



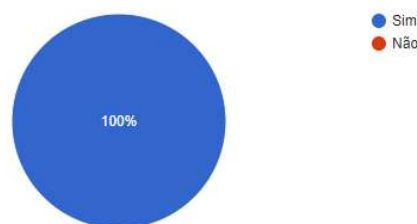
Fonte: Autor

Os encontros realizados na escola com a aplicação do Agente Inteligente, produziram um volume significativo de dados para análise da pesquisa, materializados em vídeos, fotos e diálogos com o Agente Inteligente. Ao final dos encontros, foi aplicada a pesquisa com os alunos, e 100% deles gostaram de conversar com a Amiga Virtual, além disso, os alunos responderam os seguintes motivos pela escolha:

- Ela é inteligente;
- É inteligente e legal;
- Gostei porque ela me ajudou;
- Ela sabe quase tudo;
- É legal e engraçada, porque ela é muito legal e também muito linda e eu sempre quis conversar com uma robô;

Figura 2 – Avaliação dos alunos referente ao Agente Inteligente

Gostou de conversar com a Amiga Virtual (Agente K)?
10 responses



Fonte: Autor

O resultado da figura 2, associado aos motivos que levaram a dizer que gostaram de conversar com a Agente Inteligente, contribui para a pesquisa, sendo possível verificar que os alunos aprendem ao interagir com o agente e com os colegas da turma. Além disso, percebeu

que os alunos estavam motivados com as dicas passadas pelo agente, aumentando o interesse pela aula.

Conclusões

Com o surgimento das tecnologias digitais aplicadas na educação, novas mudanças surgem, criando possibilidades que podem despertar o interesse dos alunos na busca pela informação e construção de novos conhecimentos, no caso específico desta pesquisa, está relacionado ao ensino da Cartografia e da Geografia. Neste sentido, surge o potencial do Agente Inteligente integrado ao K-ágora, aplicado na prática pedagógica, proporcionando ao professor um recurso geotecnológico, com possibilidades de ressignificar suas atividades didáticas, metodológicas e afetivas com seus alunos, podendo contribuir para uma aula mais dinâmica, envolvente e motivadora.

Ficou evidenciado na pesquisa, que as crianças e professores precisam ter uma rotina de aula com o uso das tecnologias digitais, transformar em rotina diária ou semanal, assim como, está presente na vida da sociedade. É necessário rever a grade curricular das instituições, o laboratório de informática precisa ser melhor aproveitado, visando aproximar e contextualizar as práticas pedagógicas à realidade destes alunos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

REZENDE, A. L. A. ; SILVA, I. B. ; HETKOWISKI, T. M. ; Lucas, N.F.M. . **K-ágora para além do bits e bytes: do entendimento do espaço ao letramento cidadão junto aos alunos da rede pública da cidade de Salvador**. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação CONNEPI, 2016, Alagoas. K-ágora para além do bits e bytes: do entendimento do espaço ao letramento cidadão junto aos alunos da rede pública da cidade de Salvador, 2016.

RICH, Elaine, KNIGHT, Kevin. **Inteligência artificial**. 2. Ed. São Paulo: Makron, 1994. 722p.

RUSSELL, Stuart J. **Inteligência Artificial: tradução da segunda edição**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004.



O APLICATIVO PHOTOMATH COMO APOIO EM PROCESSOS FORMATIVOS NO ENSINO E APRENDIZADO DA MATEMÁTICA

Maria Lívia Astolfo Coutinho¹
Samira Souza Feitosa²
Gerusa Soares Pinheiro³

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras, (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre os possíveis benefícios da utilização do aplicativo Photomath como apoio ao processo de ensino-aprendizagem em aulas de Matemática. Para tanto, a partir da experiência das autoras com o aplicativo e de revisão bibliográfica, optou-se por uma pesquisa exploratória, com a análise de um exemplo de atividade que pode ser aplicada a estudantes do 9º ano com o intuito de estimular a compreensão do uso do aplicativo, objetivando refletir sobre algumas potencialidades do Photomath que podem contribuir para os processos formativos no ensino e aprendizado da matemática e que poderão ser verificadas em pesquisa futura. Neste contexto, foi necessário fazer uma breve discussão sobre a popularização dos *Smartphones* e a necessidade de diversificar as metodologias de ensino, incluindo práticas inovadoras, que tragam mais ludicidade as atividades pedagógicas transformando o processo de aprendizagem mais prazeroso.

Palavras-chave: Educação Matemática. *Smartphone*. Aplicativo Photomath.

Introdução

A difusão do uso de tecnologias móveis em diversos setores da sociedade, tais como notebooks, tablets e *Smartphones* conectados à internet, trouxe uma nova perspectiva às escolas. Em especial, o uso dos *Smartphones* em sala de aula, que pode ser visto de forma negativa ao desviar a atenção dos estudantes, mas poderia ser transformado em aliado no processo de ensino-aprendizado. Para tanto, é necessário dar-lhe funcionalidade em prol de uma

¹Universidade do Estado da Bahia; Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social; marialivia@uneb.br

²Universidade do Estado da Bahia; Mestranda em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; samfeitosa@hotmail.com

³ Universidade do Estado da Bahia; Doutoranda em Educação e Contemporaneidade; geupinheiro@gmail.com

aprendizagem significativa⁴. Para (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2018, p. 82): “Nos dias de hoje, a noção de ensino e aprendizagem baseada na utilização de telefones celulares assume diferentes tendências nas perspectivas nacionais e internacionais [...]”.

Nesse sentido, é interessante pensar em práticas inovadoras que agreguem o uso do celular na práxis de sala de aula, por exemplo: atividades que utilizem aplicativos matemáticos para *Smartphones*, como o Photomath⁵, objeto de intencionalidade neste trabalho.

RAMOS (2016) considera um dissenso que a ludicidade na educação seja inversamente proporcional a faixa etária do estudante, ou seja, quanto menor a idade, mais atividades lúdicas e inovadoras, quanto maior a idade, menores são as reflexões e práticas criativas, lúdicas. Assim, pode-se fazer algumas indagações:

Quanto ainda precisamos caminhar para compreender que o lúdico deve estar presente nas situações de aprendizagem? Que a escola deve se constituir em um espaço de prazer? Que devemos nos aproximar do universo semiótico dos nossos alunos? (ALVES, 2014, p. 108).

Considerando que aliar tecnologia às estratégias de ensino pode trazer mais ludicidade ao ensino da matemática, proporcionando atividades mais prazerosas, para definir nosso problema indagamos: “De que forma o uso do aplicativo Photomath pode contribuir para o processo formativo no ensino e aprendizado da Matemática?”

Com o intuito de responder ao problema proposto, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as potencialidades do aplicativo Photomath no apoio aos processos formativos no ensino e aprendizado da matemática.

Metodologia

Para atingir o objetivo deste trabalho utilizou-se a pesquisa exploratória, que segundo Gil (2007, p. 41), proporciona maior familiaridade com o problema, sendo que, na maior parte dos casos, essa pesquisa envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. (Gil, 2008, p. 27).

⁴ Entendemos aprendizagem significativa, conforme Cândia e Silveira, como “aquela que faz sentido para o aluno aprendiz (o ser que aprende), de modo que novas informações serão apreendidas significativamente se, ao chegarem ao plano cognitivo, interagirem e fundearem-se aos conceitos relevantes já existentes na estrutura mental do aluno, ancorando, subsequentemente, a nova aprendizagem” (2014, pág. 85).

⁵ <https://www.photomath.net/pt/>

Como visto, a pesquisa exploratória tem como uma de suas características a análise de exemplos. Portanto, pretende-se agora explorar o aplicativo Photomath, descrevendo-o e apresentando um exemplo de atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula, o que levará a compreensão do potencial deste aplicativo em processos formativos na práxis escolar.

O Photomath é um aplicativo disponível para os sistemas IOS e Android, cuja função é resolver problemas matemáticos através da captura da imagem impressa ou manuscrita com a câmera do *Smartphone*, sendo possível também editar ou digitar usando sua própria calculadora. A conexão com a internet é necessária apenas no momento da instalação, depois pode funcionar *offline*.

O aplicativo aborda conteúdos que vão da educação básica à graduação, mas para exemplificar seu uso e explorar suas potencialidades, a Figura 1 apresenta uma proposta de atividade para estudantes do 9º ano, abordando o conteúdo “Função Quadrática” já estudado em sala de aula.

Para melhor compreensão apresentaremos esta proposta por etapas: 1ª Etapa: Solicitar dos estudantes que baixem o aplicativo Photomath fora da escola, caso não haja rede disponível para eles na escola; 2ª Etapa: Dividir a turma em grupos de cinco estudantes; 3ª Etapa: Distribuir a atividade (Figura 1); 4ª Etapa: Orientar os estudantes sobre o uso do aplicativo; 5ª Etapa: Acompanhar cada grupo, orientando-os para a solução da atividade.

Atividade em grupo – Função quadrática.

Lembre-se que uma função quadrática é escrita na forma $f(x) = ax^2 + bx + c$, com $a \neq 0$.

Observe o gráfico das funções usando Photomath e responda:

a) $f(x) = x^2 - 3x + 2$	b) $f(x) = 9 - x^2$	c) $f(x) = x^2 + x + 2$
d) $f(x) = x^2 - 2x + 1$	e) $f(x) = -2x^2 + 6x - 4$	f) $f(x) = -x^2 - x - 1$

- 1) Observe que em todos os casos o gráfico é uma parábola. Quais destas parábolas tem concavidade voltada para cima (CVC) e quais tem concavidade voltada para baixo (CVB)? Qual dos seus coeficientes (a, b, ou c) está relacionado com a concavidade da parábola, de que forma?
- 2) Verifique o cálculo das raízes da equação do segundo grau associada (interseção com o eixo Ox), apresentado pelo aplicativo, e identifique o valor do discriminante Δ em cada caso. Qual a relação de Δ com o número de raízes? Lembre-se que $x = \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2a}$.
- 3) Identifique em cada gráfico, a interseção da parábola com o eixo Oy. Qual dos coeficientes (a, b, ou c) está associado a essa interseção?

Figura 1 – Proposta de atividade em grupo
Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, na Figura 2, é possível acompanhar quatro telas do *Smartphone*, mostrando a resolução exibida pelo Photomath para a alternativa “a” da atividade proposta na Figura 1. O passo a passo de cada etapa visível na Figura 2 pode ser detalhado clicando na seta ao lado.

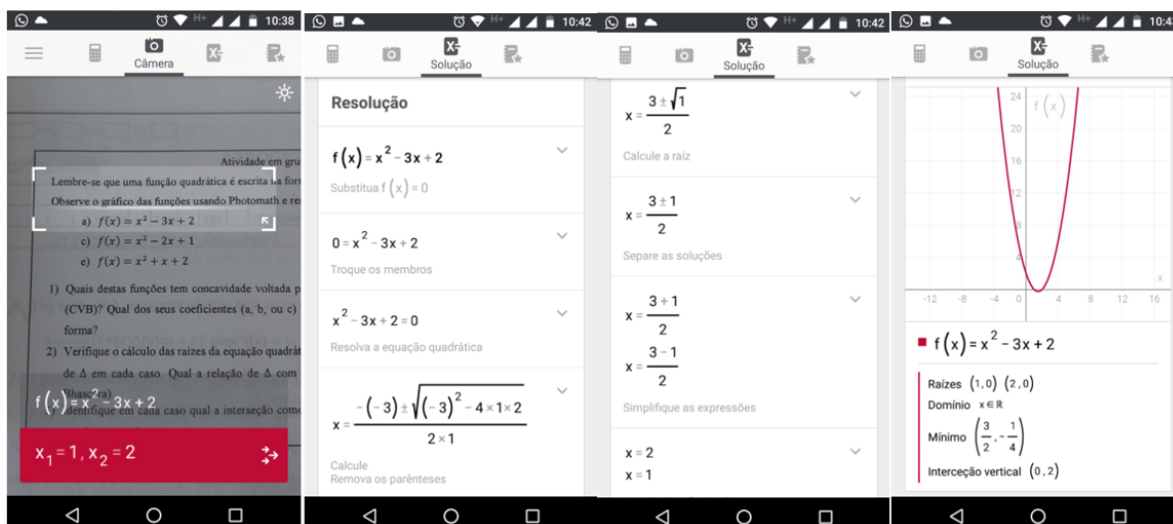


Figura 2 – Resolução apresentada pelo Photomath para a primeira alternativa
 Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após conclusão da atividade e discussão dos resultados com os estudantes, como sugestão, o professor pode estimular que eles criem exemplos de funções quadráticas como tarefa de casa, explorando seus resultados e experimentando a captura de imagem do aplicativo com sua própria caligrafia, o que poderia estimular no estudante a escrita matemática na forma correta e usual.

Resultados e Discussão

Com a realização de atividades dessa natureza, espera-se que o estudante desenvolva seu potencial investigativo, devido a interface do aplicativo Photomath que proporciona a análise de resultados, associações entre gráficos de funções com os seus modelos matemático, entre outras conjecturas que poderão ser feitas com conceitos aprendidos, atendendo assim uma proposta pedagógica.

No Quadro 1, apresentamos uma síntese de algumas potencialidades do Photomath que podem contribuir para o processo formativo no ensino e aprendizado da matemática.

Quadro 1. Potencialidades do aplicativo Photomath.

Potencialidades do Photomath	Justificativa
Caráter lúdico.	Uso do aplicativo por meio do <i>smartphone</i> , dispositivo largamente utilizado, proporcionando assim uma estratégia de ensino próxima à realidade dos estudantes.
Estimular a capacidade investigativa do estudante.	Com a resolução do exercício de forma imediata pelo aplicativo os estudantes podem explorar vários exemplos e elaborar conclusões a partir da análise dos resultados.
Facilitar o aprendizado através da análise de resultados e do erro.	A apresentação das resoluções passo a passo possibilita que o estudante analise os resultados, conclua, identifique e verifique os erros, evitando não mais cometê-los.

Valorizar a escrita matemática.	Estimula o estudante a usar corretamente a notação matemática, para que a captura de imagem do aplicativo leia corretamente seu manuscrito.
---------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conclusões

O uso de tecnologias móveis, em particular *Smartphones*, está cada vez mais presente no cotidiano dos estudantes. Associada a essa realidade, a necessidade de tornar o aprendizado da matemática mais acessível e interessante através das estratégias de ensino, o uso de aplicativos matemáticos, em particular o Photomath, apresenta-se como uma proposta de práticas inovadoras utilizando um meio de fácil acesso, manuseio e intimidade dos estudantes que é o *Smartphone*.

A partir da experiência das autoras com o aplicativo e da atividade proposta, este trabalho possibilita levantar algumas potencialidades do uso do aplicativo Photomath nas aulas de matemática, apresentadas no Quadro 1, que podem contribuir para o processo formativo no ensino e aprendizado da matemática. Não há intenção de esgotar o tema, mas de desenvolver uma breve reflexão. O número de pesquisas que exploram experiências pedagógicas com o uso de aplicativos matemáticos em sala de aula ainda é tímido, fomentando nosso interesse em desenvolver uma futura pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **A cultura lúdica e cultura digital: Interfaces possíveis.** Revista Entre ideias, Salvador, v. 3, n. 2, p. 101-112. 2014.

BORBA, Marcelo; SILVA, Ricardo; GADANIDIS, George. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: Sala de aula e internet em movimento.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

CANDIDO, Francisca Francineide; SILVEIRA, Selena Maria Penaforte. **Inovação Pedagógica: novas formas de relacionamento e atuação na aprendizagem significativa.** In: Sebastião Valdemir Mourão. (Org.). Mensagem: Revista do Conselho de Educação do Ceará. 1. ed. Fortaleza, 2014, v. 19, p. 84-111.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RAMOS, Rosemary. **Os jogos digitais e a gamificação no ensino superior: interfaces entre ludicidade, tecnologia e aprendizagem.** In: HETKOWSKI, Tânia; SANTOS, Tarsis; CORREIA, Sílvia (Orgs.). Diálogos e Interloquções: experiências e práticas pedagógicas na América Latina. Curitiba: CRV, 2016, p. 95-109.



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E PRÁTICAS CARTOGRÁFICAS

Daiane da Paixão de Jesus Dias¹
Danielle de Santana França²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade

Resumo

O presente texto tem como objetivo apresentar as reflexões construídas por meio do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II, no curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*, com incentivo a formação docente e suas metodologias aplicadas em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvidas por meio de observações e práticas realizadas por intermédio da regência. Nosso intuito é dialogar com as experiências e desafios deste estágio, aproximando os conteúdos curriculares trabalhados em sala com a realidade dos alunos, por intermédio do conhecimento de seu espaço de vivência, tendo como aporte o uso da linguagem gráfica nas produções de gráficos de barra. O estágio mencionado foi realizado em uma turma de 7º ano do Fundamental, no Colégio Municipal de Biritinga, localizada no município de Biritinga, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia. Quanto aos resultados adquiridos através das produções gráficas no espaço escolar foi fundamental para a formação docente, possibilitando o convívio no ambiente escolar e a construção da identidade do aluno, por ter adquirido conhecimento de seu espaço de vivência.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino-aprendizagem. Linguagem gráfica.

Introdução

O presente trabalho intenciona apresentar as experiências vivenciadas no âmbito do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II, no curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*, tendo sido realizado em dupla na turma de 7º ano B do Ensino Fundamental, no Colégio Municipal de Biritinga,

¹Universidade do Estado da Bahia – Campus XI; Graduanda do 7º semestre de Geografia; daianedapaixao@hotmail.com

²Universidade do Estado da Bahia – Campus XI; Graduanda do 7º semestre de Geografia; francadanny343@gmail.com

localizada na Rua Presidente Médici, município de Biritinga, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia.

O estágio supervisionado tem fundamental importância para o processo de formação do graduando, possibilitando-o vivenciar os desafios que serão enfrentados no exercício da docência. “Sua finalidade é colaborar no processo de formação dos educadores, para que estes, ao compreender e analisar os espaços de sua atuação, possam proceder a uma inserção profissional crítica, transformadora e criativa.” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 219). O estágio proporciona aos futuros professores um conhecimento teórico e prático, promovendo um desenvolvimento em sua área de atuação profissional, além de experimentar o ambiente escolar e à docência com observações e práticas pedagógicas na sala de aula.

Diante disso, buscamos apresentar aos alunos a importância do recurso gráfico no processo de ensino-aprendizagem, onde os mesmos pudessem assimilar que a linguagem gráfica por ser um elemento da estatística, podem ser utilizados por outras ciências, na medida em que haja uma compreensão das informações através dos dados da representação gráfica inserida nos livros didáticos e expostos durante nossas práticas.

O gráfico é tido, muitas vezes, apenas como uma representação da Estatística, ao ser utilizado para quantificar diferentes pesquisas integrando imagem e informação em uma comunicação rápida, no entanto, o uso de gráficos é pouco aplicado no ensino de Geografia, tanto pelo livro didático, quanto por professores e alunos. Sobre essas questões, dispõe Silva (2008)

As Representações Gráficas há muito tempo são usadas pela disciplina geográfica, mas nem sempre proporcionam resultados satisfatórios. Isso é decorrente, entre diversas razões, do uso de metodologias inadequadas para o ensino-aprendizagem. (p.2).

Reiteramos as contribuições de Silva (2008) ao destacar o quanto é importante pensar o uso dos recursos gráficos atrelados a metodologias que possam ressaltar o potencial dessas atividades. Desse modo, a linguagem gráfica por ser um recurso muito comum, e ter a comunicação visual muito rápida, devido as formas e cores tem uma grande relevância na vida escolar do aluno, sendo um recurso de suma importância para os procedimentos e métodos de ensino.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir da regência vivenciada no Estágio Supervisionado em Geografia II, o qual possibilitou ao licenciado a inserção do contato direto

com questões práticas e teóricas no espaço escolar, desenvolvido no Ensino Fundamental II no Colégio Municipal de Biritinga.

O desenvolvimento ocorreu por observações, aulas teóricas e práticas, com a utilização de recursos pedagógicos, como: data show, livro didático, papel milimetrado, lápis e régua. O percurso se deu pela realização de aulas teóricas sobre os temas: População e trabalho: mulheres, crianças e idosos; Brasil: a diversidade cultural e os afro-brasileiros; A urbanização brasileira em questão, foram utilizadas 8 horas/aulas, através de aulas expositivas, dialogadas em sala e atividades de construção de gráficos de barra utilizando papel milimetrado, usando como base dados populacionais do Brasil e de Biritinga/Bahia. Primeiro realizamos a exposição introdutória sobre gráficos mostrando a importância e uso dos mesmos, destacando o conteúdo do livro didático “A urbanização brasileira” e dados pesquisados sobre a cidade de Biritinga.

Utilizamos o livro didático do 7º ano de Adas Melhem, Expedições Geográficas, 2015, no qual trabalhamos o percurso: População e trabalho: mulheres, crianças e idosos, com objetivo de analisar a relação entre população e trabalho com ênfase nos setores de produção, as aulas foram expostas e dialogadas, através de conversas informais, exemplos simples, depois dos estudos as intervenções práticas começaram a serem desenvolvidas com as produções de gráficos de barra. Com essas construções gráficas foi possível perceber uma maior relação ensino-aprendizagem sobre os temas trabalhados, as aprendizagens foram significativas e o aprendizado da aula despertou uma verdadeira reflexão nos alunos.

Resultados e Discussão

A apropriação da linguagem gráfica como artefato didático-pedagógico no ensino de Geografia, através da produção de gráficos, permitiu aos alunos repensarem o seu cotidiano e, muito mais, que apenas interpretarem os gráficos, produzirem esses materiais a partir de suas concepções e experiências. Foi possível perceber que, esta atividade trouxe mais dinamicidade as aulas e maior interesse dos alunos pelo conteúdo curricular abordado.

Mesmo diante do potencial dos gráficos para o ensino, ainda há certo receio dos professores na utilização deste artefato na sala de aula. Sobre esta temática, Lemos (2002) aborda que

Existe uma deficiência por parte dos professores no que diz respeito ao ensino de gráficos, em particular dos gráficos de barras, muito utilizados nos livros didáticos, isso ocorre devido a sua pouca experiência e familiaridade em utilizar os gráficos como recurso em suas aulas. (p.2).

A ausência do uso de gráficos em sala de aula, como aponta Lemos (2002) é decorrente da falta de experiência com estes recursos na formação do professor, se configurando enquanto um desafio. No entanto, segundo Freitas (s/d), os gráficos são recursos visuais utilizados para leitura de informações sobre aspectos e processos naturais, sociais e econômicos, representados através de formas geométricas de maneira exata, permitindo uma visão mais concreta dos distintos contextos da realidade.

Conclusões

Diante das ações desenvolvidas para a realização deste trabalho podemos perceber o quanto as aprendizagens construídas neste percurso foram significativas. Enquanto regentes em formação, procuramos estabelecer diferentes olhares sobre o processo formativo do professor de Geografia, fundamentando exercícios voltados à vivência dos alunos. O objetivo de mostrar como o recurso gráfico pode ser utilizado de forma simples, mas explicativa, tornando as aulas de Geografia mais prazerosas, despertando nos mesmos a curiosidade de aprender mais.

Para Martins (*apud* BARRREIRO; GEBRAN, 2006), a prática docente deve ser pensada e planejada para que tenha uma reflexão e problematização no cotidiano escolar. Desse modo, a autora enfatiza que

[...] a Prática de Ensino deve propiciar ao aluno não apenas a vivência em sala de aula, como também o contato com a dinâmica escolar nos seus mais diferentes aspectos, garantindo e permitindo a interação teórico-prática. A partir de observação, relatórios, investigações e análise do espaço escolar e da sala de aula, esse processo ultrapassa a situação da dinâmica ensino-aprendizagem, favorecendo os espaços de reflexão e o desenvolvimento de ações coletivas e integradoras. Propõe-se que a organização da prática de Ensino perpassa toda a formação profissional do futuro professor, tendo como referência básica tanto a proposta pedagógica da escola na qual o futuro docente é supervisionado, quanto os conteúdos a serem ensinados e as políticas educacionais formulados em nível nacional e regional. (p.91)

É a partir da prática que podemos conhecer os diferentes meios de ensino-aprendizagem, os quais estarão presentes por toda a carreira docente do futuro professor, um excelente profissional se forma com base nas suas práticas diárias.

As atividades feitas concretizaram o que foi pensado e os conteúdos teve uma grande relevância nos recursos utilizados com os gráficos, os desenvolvimentos das atividades ficaram claras havendo uma vontade e o esforço para o aprendizado.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

FREITAS, E. **Mapas e Gráficos**: Geografia Geral, Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/os-mapas-os-graficos.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

LEMOS, M. P. F. **Alunos de Pedagogia Analisando Atividades de Interpretação de Gráficos de Barra**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002. 198f.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 6. Ed. São Paulo: Cortez. 2011.

SILVA, A. F. A. **Literatura e Interpretação de Mapas e Gráficos**: uma estratégia na prática cartográfica, 2008. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_aparecida_fatima_alves.pdf>. Acesso em 27 abr. 2019



O PODER É DE VOCÊS: O USO DO DESENHO ANIMADO CAPITÃO PLANETA COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE QUÍMICA SOBRE CHUVA ÁCIDA

Weverton Santos de Jesus¹
Elisânia Santana de Oliveira²

Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de ação didática com o desenho animado Capitão Planeta como dispositivo para a construção de conhecimentos químicos acerca da chuva ácida e para a contextualização conteúdo Químico funções inorgânicas: ácidos, bases, sais e óxidos. A proposta de ensino contou com a participação de 25 estudantes do 1º Ano do Ensino Médio do Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, Campus Nossa Senhora da Glória. A abordagem foi feita no início do terceiro bimestre do respectivo curso, em duas aulas regulares da grade curricular de Química, sendo dividida em três momentos: levantamento das concepções alternativas dos estudantes sobre combustíveis fósseis, apresentação do episódio “chuva ácida” e resolução do questionário “O poder é de vocês”.

Palavras-chave: Chuva Ácida. Capitão Planeta. Ensino de Química.

Introdução

A abordagem do ensino de química durante muito tempo, nas mais diversas instituições de ensino, foi concebida de maneira tradicional e neutra, pautada no desenvolvimento de conteúdos descontextualizados que deveriam ser incansavelmente memorizados e reproduzidos pelos alunos. Neste modelo, denominado de *transmissão-recepção*, o professor é o agente ativo do processo já que passa a maior parte do tempo procurando transmitir um conjunto de conhecimentos prontos e supostamente verdadeiros, para as mentes vazias dos alunos que assumem uma postura passiva na sala de aula (MALDANER, 2006; MIZUKAMI, 1986; SANTOS; SCHNETZLER, 2003).

Atualmente, se propõe em um ensino de química capaz de promover mudanças sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas, um processo de ensino e aprendizagem que ultrapasse barreiras impostas pela sala de aula e que leve em consideração a *contextualização*

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe/Campus Nossa Senhora da Glória; Doutor em Educação; weverton.santos@ifs.edu.br

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe/Campus Itabaiana; Mestre em Matemática; elisania.santana@ifs.edu.br

e a *formação cidadã* do indivíduo. A abordagem do movimento *Ciência, Tecnologia e Sociedade* (CTS) no ensino de Química contribui para a inserção de temas sociocientíficos, como o engajamento em ações sociais responsáveis, questões controversas de natureza ética e problemas ambientais contemporâneos (SANTOS, 2011). Além disso, promovem a formação de cidadãos capazes de propor soluções para os problemas sociais presentes no seu cotidiano.

Os temas sociocientíficos auxiliam na contextualização do conteúdo químico e oportunizam discussões de aspectos sociais relevantes na sala de aula, os quais exigem a participação e um posicionamento crítico dos estudantes. A abordagem sobre chuva ácida, por exemplo, contempla a inclusão de estratégias pedagógicas que, ampliam as possibilidades de aprendizagem sobre *ácidos, bases, sais e óxidos*, tornando a construção de conhecimentos científicos sobre *funções inorgânicas* mais atrativo e sujeito à tomada de decisão por parte dos discentes.

O desenho animado Capitão Planeta foi criado por Ted Turner, fundador do canal a cabo Cartoon Network. Com o título original, *Captain Planet And The Planeteers*, o desenho estreou em 15 de Setembro de 1990 na emissora americana TBS, e teve seu último episódio exibido em 11 de Maio de 1996, totalizando 113 episódios, divididos em 6 temporadas³. No arco dos episódios, cinco jovens de diferentes regiões do globo, denominados de protetores, são orientados por *Gaia*, o espírito da Terra, sendo que, cada um desses jovens possui um anel mágico, que reunidos invocam o Capitão Planeta. Assim, o africano *Kwame*, é o detentor do anel da terra; o americano *Wheeler*, do anel do fogo; a soviética *Linka*, do anel do ar; a asiática *Gi*, do anel da água; e o sul americano *Ma-TI*, do anel do coração.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de ação didática com o desenho animado Capitão Planeta como dispositivo para a construção de conhecimentos químicos acerca da chuva ácida e para a contextualização conteúdo Químico *funções inorgânicas: ácidos, bases, sais e óxidos*.

Metodologia

A ação didática contou com a participação de 25 estudantes do 1º Ano do Ensino Médio do Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, Campus Nossa Senhora da Glória. A abordagem foi feita no início do

³ 1ª Temporada (Episódios de 1 a 26), 2ª Temporada (Episódios de 27 a 52), 3ª Temporada (Episódios de 53 a 65), 4ª Temporada (Episódios de 66 a 78), 5ª Temporada (Episódios de 88 a 100) e 6ª Temporada (Episódios de 101 a 113).

terceiro bimestre do respectivo curso, em duas aulas regulares da grade curricular de Química, sendo dividida em três momentos: levantamento das concepções alternativas dos estudantes sobre combustíveis fósseis, apresentação do episódio “chuva ácida” e resolução do questionário “O poder é de vocês”

Inicialmente, os alunos foram apresentados a duas questões elaboradas na plataforma on-line Mentimeter⁴: *O que você entende por combustíveis fósseis? Cite exemplos de combustíveis fósseis?* Na primeira pergunta, a resposta poderia ser uma frase ou até mesmo a única palavra. E na segunda, cada estudante poderia mencionar até três exemplos. Contudo, as duas perguntas foram elaboradas no sentido de compreender inicialmente quais ideias os discentes possuíam sobre os combustíveis fósseis, cuja combustão dessa fonte energética está diretamente ligada a formação da chuva ácida. As respostas dos alunos foram agrupadas em nuvens de palavras.

Após o primeiro momento, foi exibido o episódio Chuva Ácida (2º episódio da série animada do Capitão Planeta). Com aproximadamente, 23 minutos e 10 segundos, o episódio retrata o desafio dos protetores e do Capitão Planeta em impedir que o horrendo vilão Verminoso Skumm produza uma chuva ácida mortal, a partir da queima de carvão mineral em uma fábrica abandonada. Nesse capítulo, são apresentadas os terríveis efeitos da chuva ácida ao meio ambiente e aos seres humanos, bem como, ações que podem ser tomadas para evitar e neutralizar a acidez proveniente da mesma.

Assim sendo, ao término do episódio, os discentes responderam ao questionário “O poder é de vocês” elaborado no *Formulários Google*. Cada estudante, recebeu um link por meio do aplicativo *Whatsapp*, para acesso ao mesmo. O questionário foi produzido no sentido de caracterizar o perfil dos participantes, e, principalmente de identificar os possíveis saberes dos discentes sobre: as causas e consequências da chuva ácida na natureza e na vida dos seres vivos, as possibilidades químicas de neutralização da acidez, e o pensamento crítico e a tomada de posição dos futuros técnicos em agropecuária frente as emergências ecológicas da contemporaneidade. É importante ressaltar, que os alunos responderam aos questionários do Mentimeter e do Formulário Google, com auxílio de seus respectivos smartphones.

Resultados e Discussão

No tocante a nuvens de palavras construídas no primeiro momento da ação didática, observa-se que na figura 1, o termo petróleo destaca-se como o elemento de maior frequência.

⁴ <https://www.mentimeter.com/>

No entanto, apesar dessa mistura ser uma forma importante de combustível fóssil, ela não se mostra propriamente dita como um conceito abrangente. Ao passo que, “*organismos mortos*”, “*sedimentos de seres mortos*” e “*recursos não renováveis*” parecem fundamentar melhor a compressão sobre esta fonte energética. Já os exemplos de combustíveis fósseis, figura 2, *petróleo* (e seus derivados *gasolina* e *óleo diesel*), *gás natural* e *carvão mineral*, sobressaltam na nuvem e conferem um entendimento claro da turma investigada sobre as principais fontes de energia dessa matriz energética.



Figura 1 – Nuvem de palavras acerca da questão “O que você entende por combustíveis fósseis?”
 Fonte: Dados dos respondentes submetidos a plataforma Mentimeter.

Figura 2 – Nuvem de palavras acerca da questão “Cite exemplos de combustíveis fósseis?”
 Fonte: Dados dos respondentes submetidos a plataforma Mentimeter.

Na análise das repostas inseridas no questionário “O poder é de vocês”, os alunos foram unânimes ao apontarem que a queima do carvão mineral produzia óxidos de enxofre que em contato com o ar geravam a chuva ácida.

Porque o vilão estava queimando carvão e liberando a fumaça poluída (com enxofre) no ar, entrando em contato com a atmosfera, formando nuvens contendo a chuva ácida. (A13).

A queima do carvão produz um alto teor de enxofre, que junto com a evaporação da água entra em contato com a poluição, condensa e precipita, com isso o pH da água se eleva assim deixando a corrosiva (A19).

A mortandade de peixes e outros animais, a destruição de florestas e vegetações, a poluição das águas, a corrosão de construções e o aparecimento de doenças associadas ao sistema respiratório e digestivo devido a contaminação de alimentos, são os principais efeitos da chuva ácida ao meio ambiente e a vida humana. Outro importante aspecto apresentado pelos alunos no questionário, foi a noção de neutralização da acidez da chuva, que se estende ao conhecimento sobre Reação Química entre ácido e base.

Ele usou o Carbonato de cálcio. Porque quando se junta uma base com um ácido, tem-se uma reação química que gera sal e água (A8).

O capitão planeta utilizou a substância carbonato de cálcio pois tal substância é base, com a quantidade certa de base "misturado" com um ácido pode-se neutralizar formando água e sal (A9).

No questionário, os discentes também mencionaram algumas “*emergências ecológicas*” que estão presentes em sua região, bem como alternativas para minimizar seus efeitos.

As queimadas recentes com o propósito de plantar ou utilizar a área é um problema ambiental que pode ser minimizado através da sabedoria, aquela área com vegetação pode se associar com outros tipos de plantas deixando o ambiente ecologicamente equilibrado. A crescente liberação dos gases na atmosfera (liberados por carros, ônibus, fábricas) acaba sendo um grande problema, um meio de minimizar tal problema seria evitar o uso de combustíveis fósseis (A11).

Acho que uma das maiores "emergência ecológica" seria o desmatamento da vegetação nativa, e a falta de atenção com a destinação do lixo. Uma possível solução para o desmatamento, seria a maior fiscalização de determinadas áreas, afinal já existe uma lei que proíbe a derrubada de árvores, ela só necessita ser imposta. E uma possível solução para reciclagem seria proporcionar um maior incentivo à população realizar a separação dos diferentes tipos de lixo, incentivar a reutilização de alguns materiais e etc (A14).

Conclusões

A ação didática proposta com desenho animado Capitão Planeta procurou explorar a relação entre *Ensino, Química e Tecnologia* tendo em vista os conhecimentos necessários ao processo formativo dos estudantes em agropecuária. Nesse contexto, a partir do tema sociocientífico chuva ácida, acredita-se ter contribuído para a contextualização do conteúdo químico sobre funções inorgânicas, e, essencialmente para o desenvolvimento da capacidade de aprender, observar, raciocinar e relacionar, atitudes essas, primordiais à formação cidadã.

REFERÊNCIAS

MALDANER, Otávio Aloísio. **Formação inicial e continuada de professores de Química**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo, E.P.U., 1986.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira Significados da educação científica com enfoque CTS. In. _____; AULER, D. (Orgs.). **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas**. Brasília: Editora universidade de Brasília. 2011.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira; SCHNETZLER, Roselli. Pacheco. **Educação em Química: compromisso com a cidadania**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.



PERCEPÇÃO VISUAL DAS CORES EM MAPA TEMÁTICO

Niédja Sodré de Ara jo¹
Amanda Pereira Antunes²
Luciene Stamato Delazari³

Eixo – Educa o, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Resumo

O estudo da percep o da cor corresponde a uma tarefa necessária na elabora o de produtos cartográficos, por exemplo, os mapas coropléticos. Este trabalho apresenta resultados sobre a percep o de 20 estudantes de gradua o com visão normal de cores. Os participantes analisaram dois mapas de temperatura média da Austrália com gamas cromáticas diferentes. A partir dos questionários, verificou-se que um mapa com temperaturas divergentes possui uma melhor percep o quando representado com cores quentes e frias, entretanto, um mapa com temperaturas semelhantes   melhor interpretado com gama sequencial composta por cores quentes apenas ou cores frias.

Palavras-chave: Mapa Coroplético. Cores. Percep o.

Introdu o

Conforme Silveira (2011), o estudo da percep o da cor corresponde a uma tarefa múltipla, interdisciplinar e complexa. Pode ocorrer semelhança na percep o para diferentes pessoas, mas existem diferenças sutis que devem ser consideradas na elabora o de produtos visuais. A cor não possui existência material para os aspectos físicos e fisiológicos da percep o, ou seja, para as sensa es visuais percebidas pelo estímulo da luz através dos órgãos receptores (olhos). Neste sentido, a autora supracitada menciona que a percep o cromática diferencia-se da sensa o cromática, porque, nesta considera-se o momento em que a luz

¹Universidade Federal do Paraná; Geógrafa, Doutoranda no Programa de Pós-Gradua o em Ciências Geodésicas da Universidade Federal do Paraná; niedja.geo@gmail.com

²Universidade Federal do Paraná; Eng. Cartógrafa e Agrimensora, Doutoranda no Programa de Pós-Gradua o em Ciências Geodésicas da Universidade Federal do Paraná; amanda_antuness@yahoo.com.br

³Universidade Federal do Paraná; Eng. Cartógrafa, Profa. Dra. no Programa de Pós-Gradua o em Ciências Geodésicas da Universidade Federal do Paraná; luciene@ufpr.br

existente alcança os olhos seguida da codificação fisiológica do fluxo luminoso, mas, quando esse código fisiológico é interpretado culturalmente, então, o fenômeno denomina-se percepção cromática ou percepção da cor, originada da comunicação entre os seres humanos.

Os aspectos culturais simbólicos da percepção cromática são importantes na realização dos projetos, visto que, ao ignorar-se a inserção da interpretação cultural da cor, o processo de entendimento da construção simbólica do mundo visual torna-se ineficiente (SILVEIRA, 2011). Conforme Pedrosa (2010), a percepção distingue-se por três parâmetros básicos da cor: matiz (comprimento de onda), valor (luminosidade ou brilho) e croma (saturação ou pureza da cor). Para este autor, a percepção é mais complexa do que a sensação da cor, porque, os aspectos psicológicos alteram substancialmente aquilo que se vê, enquanto na sensação considera-se a interação entre a luz, o alvo e os olhos.

A cor geratriz ou cor primária são aquelas que combinadas entre si originam qualquer cor do espectro visível. As cores aditivas primárias: vermelho (R), verde (G) e azul-violetado (B) originam o branco por síntese aditiva e as secundárias: magenta, amarelo e ciano. Todas essas são definidas como cor-luz, utilizadas, por exemplo, na visualização de imagens em telas digitais. Enquanto as cores-pigmento ou cores-tinta têm como primárias o vermelho, o amarelo e o azul que juntas produzem o cinza-neutro por síntese subtrativa e combinadas em dupla foram as secundárias e estas combinadas com qualquer outra formam as terciárias, completando-se o círculo cromático (Pedrosa, 2010). As cores podem parecer quentes ou frias a depender da gama cromática (esquema de cores) e a relação estabelecida entre elas. A princípio, consideram-se quentes o vermelho, o amarelo e as suas cores derivadas e consideram-se frias o azul, o verde e as demais predominadas por elas (Pedrosa, 2010). Conforme Robinson (1952), geralmente a variável gráfica visual cor é utilizada em mapas temáticos com associação lógica dos elementos mapeados, por exemplo, oceano em azul ou altas temperaturas em vermelho. Assim, a cor pode ser utilizada em mapa coroplético por comumente representar valores numéricos de fenômenos espaciais em área geográfica definida por limites políticos ou outros (DENT, 1985).

Deste modo, como a percepção das cores quentes e frias pode interferir na interpretação de um mapa de temperatura por pessoas com visão normal de cores? Assim, este trabalho apresenta resultados sobre as percepções de alunos do curso de Engenharia Cartográfica e de Agrimensura da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sobre duas gamas cromáticas utilizadas em dois mapas de temperatura média da Austrália.

Metodologia

Escolheu-se a Austrália como área de estudo para esta pesquisa por ser um território pouco explorado no âmbito escolar e universitário brasileiro, buscando-se evitar inferências baseadas em conhecimentos prévios sobre o tema que pudesse invalidar a percepção das cores. Realizou-se o *download* de um mapa no formato PNG com o tema temperatura média da Austrália no site *Map of World* com dados do *Source Australian Bureau of Meteorology* na escala aproximada de 1: 28.200.000. Esta imagem foi adicionada no *software Corel Draw* onde foram projetados dois modelos de mapas em um projeto com extensão de tamanho A4 com o norte invertido para sul, para que usuário não fizesse associação do clima da área de estudo com o clima do Brasil, por exemplo.

Em virtude do território da Austrália possuir vários arquipélagos em seu entorno, para fins didáticos, estes foram generalizados por agregação durante a vetorização das feições de interesse. O mapa originalmente apresentava 10 classes variando de 3° até 30 C°, entretanto, estas foram reagrupadas em quatro regiões: entre 3° e 15°C; entre 15.1° e 21°C; entre 21.1° e 24°C; e, entre 24.1° e 30°C, para reduzir a complexidade de informações para o usuário.

Para a seleção das duas gamas cromáticas (esquemas de cores), utilizou-se a teoria das cores quentes e frias e a ferramenta *web Color Brewer* proposta por Cynthia Brewer, com diversas sugestões de esquemas para mapas temáticos. Os mapas elaborados (Figura 1) não apresentam o nome da área de estudo no título, nem legenda sobre o tema, nem orientação do norte e foram denominados de Mapa de temperatura A e Mapa de temperatura B. O primeiro foi elaborado com cores quentes e frias de natureza divergente: quentes (vermelho escuro e laranja claro) para temperatura acima de 21° e frias (azul claro e azul escuro) para abaixo de 21° C. O mapa B foi elaborado com gama sequencial, cuja relação de luminosidade e matiz representam cores quentes (vermelho e laranja) para temperaturas superiores a 21°C e as cores terciárias (amarelo escuro e amarelo claro) em intervalos inferiores a 21°C para verificar se os tons amarelos poderiam ser interpretados como cores frias em contraste com o vermelho e o laranja. Embora os mapas apresentassem quatro intervalos de temperatura, no questionário *online* sobre percepção, foram apresentadas seis opções de intervalos para avaliar se haveria associação entre cores frias com baixas temperaturas e cores quentes com altas temperaturas.

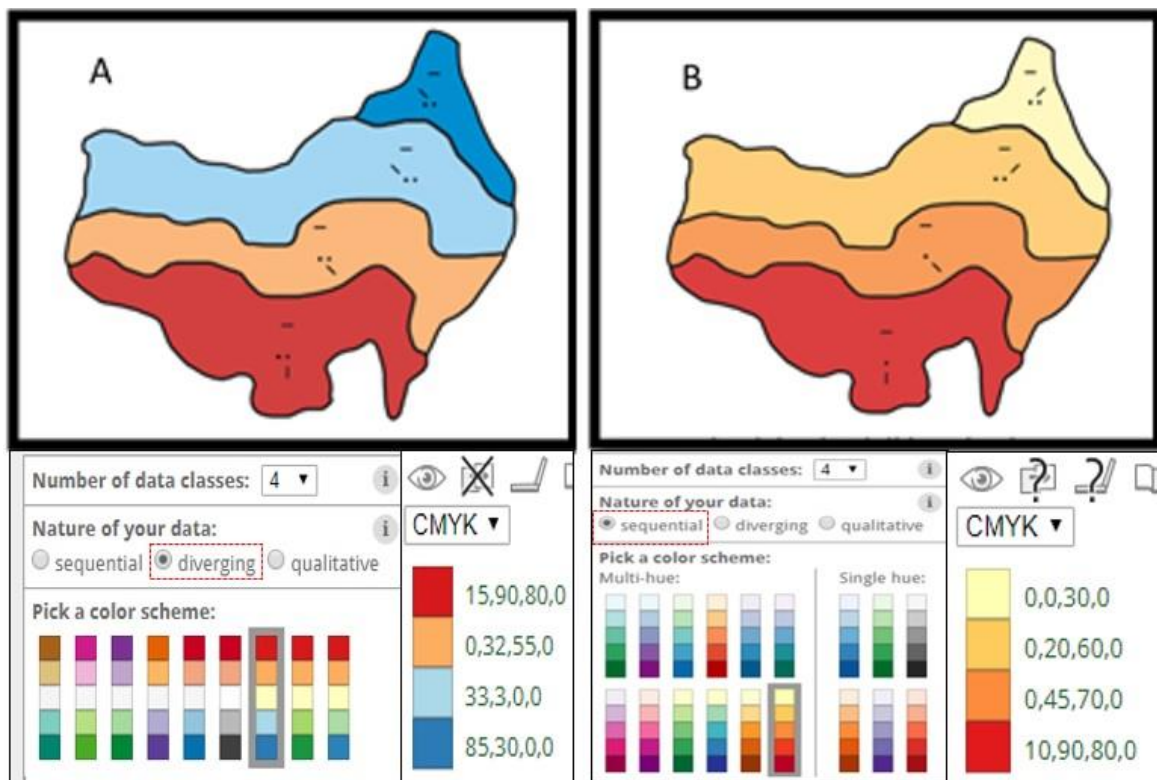


Figura 1 – Mapas de Temperatura A e B, ambos com códigos See Color e gama cromática do Color Brewer. Fonte: As autoras, 2019.

Para investigar futuramente a percepção das cores em mapas temáticos acessíveis para pessoas cegas, adicionaram-se no centro de cada região os códigos táteis das suas respectivas cores obtidos do Sistema de Código de Cores See Color, proposto por Sandra Marchi, baseado nas cores-pigmento e no sistema Braille. A partir do questionário com 14 questões, aplicado junto aos 20 alunos do sétimo período em Engenharia Cartográfica da UFPR, com visão normal de cores, avaliou-se a usabilidade das gamas cromáticas dos mapas e a percepção das cores na comunicação da sensação térmica e da ordem térmica do fenômeno estudado.

Resultados e Discussão

Em relação às regiões com sensação térmica considerada fria e muito fria as cores preferenciais dos usuários foram: azul, azul claro, azul escuro e branco; as preferidas para região com sensação amena foram: amarelo, amarelo claro, amarelo escuro e laranja claro; e, para as regiões quente ou muito quente as cores preferidas foram: vermelho, vermelho claro, vermelho escuro e laranja, escolhidas a partir de uma lista com 13 sugestões de cores. Apesar de nenhum participante conhecer o sistema See Color, três das quatro cores do mapa A foram denominadas igualmente ao significado dos códigos por 72% dos usuários, com exceção do vermelho escuro

que foi denominado como vermelho. Todos os usuários concordaram que as regiões frias estão na porção superior do mapa A, corroborando com a proposta da gama de cores divergentes. Considerando as cores do mapa A, a terceira classe (entre 21.1° e 24°C) obteve o maior percentual (55%) de acerto com intervalo corresponde à cor laranja claro. Sobre o mapa B, todas as cores foram denominadas igualmente ao significado dos códigos See Color. Os usuários estabeleceram uma sequência coerente para os intervalos de temperatura, entretanto, apenas 10% inferiram que as regiões frias (em tons amarelos) estão na parte superior do mapa. Aproximadamente 60% ficaram mais satisfeitos com o mapa A e 65% preferiram a sua gama cromática, todavia, sobre a ordem térmica 55% preferiram a do mapa B.

Conclusões

Em relação ao Mapa A as cores frias ficaram em destaque em relação às cores quentes, em função da mudança de matiz do tom azul para o tom vermelho. Porém, no Mapa B a percepção das cores pareceu quente para todas as regiões em função da gama cromática variar principalmente em luminosidade e discretamente no matiz, deste modo, recomenda-se novos testes com variação apenas em luminosidade para verificar se a intensidade do brilho será associada às cores frias. Para ressaltar o fenômeno de temperatura em áreas com características divergentes, recomenda-se o uso da gama similar à do mapa A, combinando-se cores quentes e frias. Para representar a temperatura de regiões com intervalos próximos, recomenda-se o uso de cores análogas (vizinhas no círculo cromático) ou com variação de luminosidade em um mesmo matiz. No próximo trabalho, os mapas A e B serão reproduzidos em alto relevo para o estudo da percepção das cores por pessoas cegas.

REFERÊNCIAS

DENT, Borden. **Principles of Thematic Map Design**. Ann Arbor: Addison-Wesley Publishing Company, 1985.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

ROBINSON, Arthur Howard. **The look of maps: an examination of cartographic design**. Madison: University of Wisconsin Press, 1952.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à Teoria da Cor**. Curitiba: UTFPR, 2011.

PROCESSOS TECNOLÓGICOS E FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS PARA UMA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO NO/DO FUTURO.

Nívea Maria Portugal Gaeschlin¹
José Antonio Carneiro Leão²
Tarsis de Carvalho Santos³

Resumo

O texto apresenta uma perspectiva sobre processos tecnológicos na educação e contemporaneidade e sua influência na mediação pedagógica docente. Nesse sentido, objetiva-se discutir as perspectivas e possibilidade do redimensionamento e uso dos processos tecnológicos na sala de aula a partir da percepção e atuação do docente. Portanto, partimos da seguinte questão norteadora: Qual o papel do professor frente a uma educação tecnopedagógica? Assim, relatamos uma experiência realizada na disciplina de Gestão e Tecnologia na Educação, do curso de pós-graduação do Programa de Mestrado de Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, na Universidade do Estado da Bahia. A metodologia utilizada está ancorada na pesquisa aplicada por seu caráter interventivo, imersivo e colaborativo, representadas nos encontros formativos com grupos focais com o intuito de analisar a percepção dos docentes sobre a compreensão acerca das Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC, nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Processos Tecnológicos, Formação Docente, Prática Pedagógica.

Introdução

A Tecnologia na contemporaneidade é dimensionada numa perspectiva em que os processos humanos impulsionam seu desenvolvimento, ou seja, são devido às atividades humanas criativa, diante das necessidades de satisfazer seus desejos, desejos esses frutos dos contextos de vivência em sociedade onde os processos tecnológicos são criados. Nessa concepção é a criação, o modo de ser e pensar humano que subsidia tais engenhos tecnológicos. “É a atividade criativa constitutiva da condição humana a base

¹ Discente do Programa de Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), membro do subprojeto RedePub História e Memória. Professora da Educação Básica no Município de Dias d'Ávila. niveagaeschlin@gmail.com

² Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE)-DCH-1, Professor do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologia aplicada Á Educação (GESTEC)/ UNEB. zeleao63@gmail.com

³ Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – PPGEduc/UNEB, Bolsista CAPES DS, tarcavalho@uneb.br

dos diferentes processos tecnológicos que emergem em contextos socioculturais e históricos da humanidade.” (LIMA JR, 2005, pág. 15). Essa visão chamada de tecnogênese vem contrapor o entendimento de tecnologia como resultado da tecnociência, no contexto sociohistórico do industrialismo e da sociedade capitalista (LIMA JR, 2005,pág 15), onde a tecnologia é que determina a forma de agir, de pensar e realizar do ser humano e aponta que é a subjetividade dos sujeitos que implica diretamente na acepção da tecnologia e sua base de funcionamento, permitindo que novas dinâmicas alternativas na política e história da sociedade aconteçam.

A partir dessa significação aos processos tecnológicos, pensar na (auto) formação dos docentes é perceber que ele- o docente- é o agente ativo de modificação, transformação do contexto social, político, cultural e de si mesmo, nos seus espaços de convivência e principalmente em sala de aula e não um mero técnico que opera máquinas, softwars e programas. O docente instaura ou pode instaurar uma nova dinâmica, uma nova abertura de entendimento sobre como essa concepção anteriormente apresentada pode/deve ser utilizada para superação de conceitos, práticas e ideologias do não uso das tecnologias por representar mecanicismo, tecnicismo e processos capitalistas. Não só, mais também em paralelo um processo de reinstauração da identidade profissional, pois, a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas (NÓVOA, 1995, p.25).

O domínio teórico, simbólico e dos significados dessa interpretação apoiará nas reavaliações de sua vida pessoal, social, profissional, religiosa levando a perceber, por que a juventude atual “idolatra” a tecnologia, visando à assistência de suas necessidades, a inserção do mesmo a outros mundos, sem o qual não haveria possibilidade de participar, dar opiniões, agir em movimentos culturais, políticos, questionar, sugerir, apoiar causas, conhecer e aplicar tendências de moda, comércio e de profissionalização. Tudo isso com o propósito de compor e participar de uma sociedade que tenta a todo custo mantê-la fora das decisões políticas e econômicas. Para tanto, se faz necessário saber, conhecer e entender como os docentes percebem o uso da TIC no seu cotidiano escolar e por que os fazem assim; faz-se necessário formação/autoformação aos docentes para uso da tecnologia (TIC) disponível nas escolas, oferecendo suporte, ou buscando o próprio suporte, principalmente para reflexão sobre a conveniência no uso da mesma na prática pedagógica. É relevante

perceber que é a prática docente a mola-mestra que impulsiona melhores procedimentos e resultados com a utilização de suportes, instrumentos ou recursos como as tecnologias utilizando os saberes aprendidos anteriormente e ampliando com novos saberes. É a Convergência Tecnopedagógica, campo fecundo de articulação entre tecnologias e prática pedagógica (RIBEIRO, 2015 p. 31) que, unindo experiências vivenciadas, saberes e conhecimentos adquiridos no desenvolvimento de artefatos, estratégias e processos pedagógicos ou administrativos oportunizando mudança para práticas mais efetivas.

No entanto, esse encaminhamento poderá/deverá se dar através das formações iniciais, que poderão ocorrer nas Universidades com as graduações em Educação, nas formações continuadas (pós-graduações) promovidas pelas Universidades, prefeituras e secretarias dos Estados, assim como nas autoformações nos grupos de discussão e pesquisa entre os próprios docentes. A formação docente sobre os processos tecnológicos nessa perspectiva e a implicação da mesma, poderá instrumentar os docentes sobre a importância do seu papel na sociedade contemporânea e instrumentar melhor os discentes, jovens e adultos como utilizar as tecnologias da informação e comunicação como uma democracia tecnológica e humanização na produtividade na base de processo. Nesse sentido, o uso das tecnologias da Informação e comunicação (TIC), poderá potencializar a prática pedagógica do docente, como instrumentos, recursos que ampliam a visibilidade de seu trabalho, ou seja, sua prática, divulgando suas ideias e realizações, apresentando os debates temáticos sobre política, filosofia, ação pedagógica, sobre a condição humana e profissional diante dos contextos viventes e, com isso estar mais próximos de seus discentes e comunidades escolares. Isso é possibilitar ser visto por outros ideais, não apenas por postagens “felizes” e “imóveis” do facebook. É assumir postura e compromisso com a própria formação e ao melhor uso para prática pedagógica.

Metodologia

As estratégias foram realizadas num curso de pós-graduação stricto sensu, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), nas aulas da disciplina de Gestão e Tecnologias na Educação, tendo como apoio a pesquisa aplicada, no intuito de mergulhar em conceitos pré-definidos, gerando encontros com debates, que

estimulassem a reflexão sobre o que conhecia, a expansão de conhecimento sobre os temas, oportunizando a modificação em concepções/visões dos discentes, levando a entendimento de redimensionamento de suas práticas profissionais, quanto aos temas discutidos. As etapas de trabalho foram divididas onde em subgrupos com 5 participantes do curso foram realizadas as leituras individuais de textos referendados e específicos sobre o assunto de técnicas e processos tecnológicos. Posteriormente realizou-se discussões de entendimentos e interpretações nos subgrupos, levando a uma exploração mais detalhada e contextualizada as práticas individuais de cada membro. Em seguida os pontos mais discutidos eram aprofundados, principalmente a perspectiva sobre a tecnogênese, suas implicações e contraditórios, trazendo ao grupo o entendimento no uso que poderá ser dado aos processos tecnológicos na sua práxis pedagógica. Além das leituras e debates, também foram realizados fichamentos de 03 (três) referenciais teóricos e registro da memória sobre a importância de rever o projeto de mestrado de cada integrante, para perceber como os processos tecnológicos poderão auxiliar nas fundamentações, nas dinâmicas de pesquisa e apresentações de resultados de cada projeto.

Resultados e discussões

As discussões realizadas amadureceram a concepção que maior parte dos integrantes do grupo tinha sobre os processos tecnológicos e através do conceito da tecnogênese, o grupo em formação, que é na sua maioria docentes da Educação Básica, obteve uma outra forma de avaliação e juízo sobre o assunto, percebendo que seu papel de praticante, de forma consciente, pode representar relevância social, transgredindo alguns padrões estabelecidos. Os integrantes do curso perceberam que o uso das TIC na escola, poderá auxiliar na melhoria de tomada de decisões, atualização da prática em sala, estimulação aos alunos, aumentando a participação nas aulas, possibilidade de melhoria nos processos gestores, administrativos e pedagógicos. É o uso da TIC a favor da redução da inércia, da desigualdade e para aumento da capacitação, informação e conhecimentos de todos que usufruem. Também ficou claro a alta relevância em ações formativas para ressignificação do sentido da prática pedagógica, já que, é o docente o agente de realização de modificações e inovações no cotidiano escolar. É o seu fazer, sua criatividade, diante das necessidades que direciona o funcionamento e a criação de

processos tecnológicos para as realidades educacionais, fora disso, todo esse aparato é só mais um artefato.

Considerações Finais

Apresento a tecnogênese que defende a subjetividade, a criatividade, a necessidade humana nas esperas política, econômicas, sociais, artísticas, esportivas e outras como base para o desenvolvimento dos processos tecnológicos na contemporaneidade, mostrando a relevância do docente no seu fazer cotidiano, de modo articulados, contrapondo a visão tecnicista, maquinista, capitalista que dita regras e comportamentos. Apresento a convergência tecnopedagógica, a utilização de saberes, conhecimentos adquiridos, experiências vivenciadas, que aliados a conhecimentos tecnológicos, resulta em artefatos (jogos, robôs, máquinas) criados com o objetivos de ressignificação das práticas pedagógicas. Considero e enfatizo a importância de encontros formativos para docentes, pois, por esse intermédio, podem ocorrer mudanças de pensamentos, entendimentos e ações sobre a práxis e principalmente que é a ação pedagógica do docente, o cerne central para mudanças na educação escolar. As propostas de melhoria e mudanças nas escolas devem girar em torno de um fazer pedagógico cada vez mais efetivo. Através dessa experiência, fortaleço meu intuito em pesquisar formação docente, pois como diz o título é um dos caminhos para uma mediação pedagógica na educação do/ no futuro.

Referência

LIMA JR. Arnoud S. de. **As Interpretações da tecnologia na Contemporaneidade: por uma tecnogênese dos processos tecnológicos.** 2005.

LIMA JR. Arnoud S. de. **Tecnologias Inteligentes e Educação:** Currículo hipertextual. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

RIBEIRO, Lorena B. da R.. **Robótica Pedagógica Livre:** possibilidades criativas e novas perspectivas tecnopedagógicas. IX Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. Anais Completos online. ISSN 1982-3657. São Cristóvão: UFS, 2015.



TÍTULO: PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Albene Cássia Dantas Gama Teixeira¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade

Resumo

O presente resumo de caráter reflexivo da prática aplicada, objetiva proporcionar reflexões críticas das fragilidades encontradas no campo do inglês bem como, apresentar sugestões plausíveis que venham cobrir as lacunas promovidas no âmbito educacional da escola pública. A proposta relatada foi baseada na produção de um portfólio de atividades complementar ao conteúdo programático da disciplina, usando como suporte pedagógico os dispositivos tecnológicos dentro de uma proposta metodológica que intervém positivamente na superação das dificuldades apresentadas em turmas de 6º ano do ensino básico, onde a problemática consiste na heterogeneidade de conhecimentos entre as turmas pesquisadas. A execução da proposta de interação veio a colaborar significativamente com a autoestima dos alunos, permitindo a motivação acerca do inglês na rotina escolar.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Motivação. Superação.

Introdução

A língua inglesa considerada a língua franca do mundo globalizado, passou a ser uma ferramenta de grande relevância na esfera acadêmica e profissional no Brasil. Sendo a língua utilizada como o principal veículo de comunicação propagada em todo o mundo, ela necessita ser ofertada a sociedade brasileira de forma a capacitar os cidadãos a competir de forma igualitária em uma concorrência justa, que no atual contexto social, exige conhecimento e fluência dessa língua como requisito básico nas pré-seleções das diversas áreas do conhecimento do mercado nacional e internacional. Pensando na língua inglesa como uma das formas de inclusão social e na superação de dificuldades no ensino público, a proposta apresentada foi motivada por experiências em sala de aula com turmas de 6º ano da educação básica, onde alguns são alunos provenientes da zona rural. Nesse cenário, foi possível diagnosticar dificuldades no ensino aprendizagem da Língua Inglesa, por haver um choque

¹Professora de inglês - SEDUC Municipal de Conceição do Jacuípe- BA; Licenciada em Letra: Português/Inglês; Especializada em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa; Certificada pela CAPES no TOEFL ITP 2017/2019; Ex-Aluna especial das disciplinas (GTE025) PPDHE e (GTE034) EAD do programa de pós-graduação em Gestão e Tecnologias Aplicada a Educação/GESTEC/UNEB; Ouvinte dos grupos de estudo GEOTEC e K-LAB/UNEB; e-mail: albenecassia@gmail.com.

cultural que classificou as turmas em dois pólos, isto é, de um lado há alunos com aquisição vocabular da língua, provenientes de escolas básicas do município, que adotaram o Inglês como componente curricular em sua proposta pedagógica e do outro, alunos de escolas da zona rural como também escolas de municípios vizinhos que não aderiram a essa proposta. Essa heterogeneidade decorrente das lacunas agenciadas pelo sistema da educação pública reflete em sala de aula, mediante as dificuldades de interação e desenvolvimento das atividades propostas à disciplina de inglês pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC para o 6º ano, promovendo dessa forma, desinteresse e baixa auto-estima em relação ao Inglês.

De acordo com o professor Diógenes (2010, p.142), “se a experiência com o ensino da língua estrangeira na educação básica é ausente, é o curso de idiomas que se torna a referência material e experiencial da aprendizagem de inglês”. Levando em consideração que a realidade de cursos independentes de idiomas atinge a uma determinada camada social brasileira, fica a exclusão imposta à maioria dos alunos da escola pública, por não ter acesso a esse ensino. Em relação à desigualdade de conhecimentos o professor Diógenes, (2010, p.120), afirma que:

“A língua inglesa tem assumido papéis importantes, o que a faz reconhecida e utilizada em praticamente qualquer lugar do mundo. Contudo, é necessário que se tenha em mente os aspectos negativos sobre essa hegemonia, principalmente no que diz respeito a sua função elitista, visto que beneficia uma determinada camada social, promovendo, assim, uma grande desigualdade sociocultural”.

Analisando as mudanças relacionadas à educação, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, Lei nº 13.415/2017 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de inglês no currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, alterando a LDB de 1996 Art. 26 inciso 5, que estabelecia a obrigatoriedade do ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna a partir da 5ª série, de acordo as possibilidades da instituição escolar, percebe-se que, continua a permanência excludente do ensino de inglês no seguimento do 1º ao 5º ano do ensino básico. Essa lacuna da LDB, permitir as Secretarias de Educação – SEDUC a opção de ofertar parcialmente uma iniciação a esse ensino ou não ofertar o Inglês nas séries iniciais do ensino básico, dessa forma, promovendo defasagens sequenciadas nas séries do ensino básico - 6º ao 9º ano e Ensino Médio.

O objetivo da pesquisa foi elaborar um modelo de atividades, o qual foi denominado de Portfólio, para as turmas de 6º ano das séries finais do Ensino Básico, na expectativa de proporcionar suporte pedagógico complementar aos conteúdos já pré-estabelecidos pela

BNCC trazendo aos alunos motivação na aquisição de novos conhecimentos do inglês e das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs.

Metodologia

A Proposta de Interação se deu por meio da observação em uma escola pública do município de Conceição do Jacuípe BA, onde foi diagnosticada dificuldades de aprendizagem com alunos que não vivenciaram experiências com inglês nas séries iniciais do ensino básico em relação aos demais colegas que já trouxeram essa bagagem vocabular para a sala de aula.

Inicialmente foi solicitada mediante termo de autorização à direção da escola pesquisa com as turmas de 6º ano, objetivando formar hipóteses sobre a análise dos resultados e desenvolver conhecimentos envolvendo aplicabilidade prática para beneficiar os alunos em dificuldades. Depois, foi realizada pesquisa por meio de questionários para coleta de dados visando buscar o número de alunos que não vivenciaram experiência com o inglês anteriormente. A partir dessas observações, foi aplicada uma avaliação diagnóstica visando identificar o grau de conhecimento da classe onde os alunos diagnosticados com maiores dificuldades, foram submetidos à atividade de intervenção didática. Também foi relatada a coordenação pedagógica da escola acerca da problemática encontrada e posteriormente foram selecionadas atividades para a confecção do Portfólio.

A elaboração da proposta extracurricular se deu por meio de materiais selecionados pelo professor de inglês e revisado pela coordenadora da disciplina. Após análise, o material foi encaminhado à direção da escola para a confecção do portfólio que é utilizado atualmente como uma das etapas avaliativa do ano letivo. O complemento da proposta foi realizado no laboratório da escola, inicialmente com os exercícios e jogos interativos on-line disponíveis os quais, causaram desinteresse a boa parte da turma pela demanda vocabular ofertada. Dessa forma foi pensado na função da tecnologia como socialização do conteúdo trabalhado em classe e a interação com as plataformas digitais, como Quiz produzidos na Microsoft PowerPoint e nas plataformas on-line free que permitem a elaboração de atividades interativas adaptadas pelo autor às necessidades dos alunos pesquisados.

O presente estudo foi resultado de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que visou reconhecer melhor a problemática, elaborar hipóteses e aprimorar idéias, bem como, promover interações pedagógicas e tecnológicas, que contribuíram com a superação de dificuldades, elevação da auto estima e maior confiabilidade as turmas de 6º ano, no processo de aquisição do inglês.

Resultados e Discussão

A relevância do projeto foi fundamental para o desenvolvimento pedagógico e social das turmas de 6º ano da escola pesquisada, diante das possibilidades de capacitar os alunos a desenvolverem suas habilidades, proporcionando suporte na aquisição da língua estrangeira auxiliada por meio do Portfólio e dos recursos tecnológicos disponíveis na escola. Mediante o posto, se evidencia que a educação precisa estar pautada na realidade social do aluno, dispensando atenção aos menos favorecidos, visando tanto o crescimento interpessoal, como também seu bem estar em sala de aula sem a pretensão de apenas tentar encaixá-los no sistema educacional.

Percebe-se que a lacuna da LDB, Lei nº 13.415/2017, onde exclui o ensino de inglês das séries iniciais da educação básica (1º ao 5º ano) promove prejuízos nessa etapa de vida escolar para o ensino aprendizagem de língua Inglesa em nossa sociedade. Daí a necessidade de se intervir de forma coerente na realidade social do ensino público, não permitindo que a educação vigente, se torne a única acessível ao educando e desanime o professor de realizar práticas pedagógicas para mudar esse contexto atual. Dessa forma o professor de inglês não deve culpar o sistema ou vitimar o aluno em transição das séries iniciais da educação básica para o 6º ano e deixá-los a deriva nas aulas de inglês. Em consonância a esse pensamento Freire (2010, p.103) afirma que “É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feito” que busco superar com ele”. O professor que promove o diferencial na educação é aquele que abraça seu trabalho por prazer, que percebe seu aluno individualmente, que adentra a sala de aula porque é seu trabalho e não apenas para cumprir sua carga horária. Ainda de acordo Freire (2010, p.103) “Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos da minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos”. É necessária uma educação cuja missão promova não somente a aprovação do sistema educacional, mas também ofereça conteúdos e metodologias de aprendizagem mediada por profissionais capacitados em suas respectivas áreas e em compasso com a realidade.

As limitações pertinentes a execução do plano de ação, foram recorrentes ao número restrito de impressão dos portfólios como também a utilização de atividades dos mecanismos digitais disponíveis on-line, onde os alunos demonstraram falta de interesse pela demanda de exercícios e vocabulários disponíveis, e alguns ainda, por falta de prática no manuseio das máquinas. Em decorrência dessas limitações e buscando solucionar a questão das impressões

de atividades como também, a preservação do meio ambiente foi proposto atividades e jogos produzidos na Microsoft PowerPoint e Quis interativos nas plataformas digitais online free.

Conclusões

A pesquisa aponta que o conteúdo curricular referente às séries iniciais do ensino básico (1º ao 5º ano) promove motivação entre as turmas de 6º ano, ampliando a competência vocabular e a intimidade com o inglês em sala de aula. Diante dos resultados obtidos, percebe-se a necessidade de alternativas extras curriculares como suporte pedagógico para superar as lacunas decorrentes do inglês no ensino público. O projeto almeja colaborar no processo evolutivo do educando na educação básica por meio da língua inglesa e do acesso aos dispositivos tecnológicos, pensando na educação básica como uma das formas de acesso ao ensino superior e ao desenvolvimento interpessoal e social do cidadão.

REFERÊNCIAS

A Língua Inglesa na Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Disponível em:
<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/ingles/bncc>>. Acesso em: 12 de abr. 2019

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Disponível em:
<http://www.abnt.org.br/normas-tecnicas/normas-abnt>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em:
<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2019.

LIMA, Diógenes Candido de. **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas** / Diógenes Cândido de Lima (Org.). Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010, p.120, 142.



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NO PROJETO UNIVERSIDADE PARA TODOS- UPT: POSSIBILIDADE DE ACESSO PARA ESTUDANTES DOS MEIOS POPULARES AO ENSINO SUPERIOR

Ana Vitória da Paixão Silva¹
Marcelo Cunha Nascimento²
Lídia Boaventura Pimenta³

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Sem financiamento

Resumo

As discussões acerca das práticas pedagógicas inovadoras vêm ganhando repercussões no cenário educacional. Tendo em vista que essas ações, já consolidadas por docentes, possuem uma fonte de aprendizagem numa perspectiva de mudança e de inovação, este relato de experiência teve como objetivo socializar projeto de intervenção em turmas do curso Universidade Para Todos (UPT), que promoveu a oportunidade de vivenciarem uma prática pedagógica inovadora. Tornando-os protagonistas deste fluxo, potencializando o desempenho desses alunos do ensino médio para além da sala de aula com a troca de conhecimentos entre eles e os monitores, fomentando caminhos dinâmicos e debates de conceitos e conflitos sociais, através de uma ação chamada pelos pesquisadores deste artigo, de Giro de Notícias. Foi adotada como metodologia a pesquisa participante, com plena participação do sujeito. Assim, este trabalho propõe reflexão quanto a mudanças na prática pedagógica do curso UPT, as quais visam oportunizar aos estudantes dos meios populares a possibilidade de acesso ao ensino superior.

Palavras-chave: Inovação- Educação- UPT- Protagonismo.

Introdução

No cenário da educação superior, observa-se que algumas ações, tais como: cursos pré-vestibulares gratuitos, sistema de cotas, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema de Seleção Simplificada (SISU), Programa Universidade para Todos (PROUNI), foram criadas com o intuito de oportunizar à população de baixa renda o acesso às instituições públicas, resultado de pauta de discussões com o objetivo de instituir políticas que amenizasse este problema social. Neste contexto, especificamente, no estado da Bahia, em 2004, através do Decreto nº 9.419, foi criado pelo Governo estadual, o projeto Universidade Para Todos (UPT). Coordenado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em parceira com as Universidades

¹Universidade do Estado da Bahia; Pedagoga, Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; GEOTEC; avsilva@uneb.br.

²Universidade do Estado da Bahia; Administrador, Mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; EDUREG; mcunha@uneb.br.

³Universidade do Estado da Bahia; Administradora, Doutora em Educação, EDUREG, lpimenta@uneb.br

Estaduais: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade do Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

O mencionado projeto tem como objetivo democratizar o acesso ao ensino superior, melhorando a condição de competitividade do aluno, fortalecendo assim a política de acesso à Universidade para alunos concluintes e ou egressos de escolas públicas de ensino médio, com a oferta de curso presencial, com carga horária de 20 horas semanais, preparando-os para os processos seletivos de ingresso nas instituições de educação superior. Integram também o Projeto UPT projetos complementares, como seminários, oficinas, simulados e orientação vocacional. A participação no projeto dos alunos do ensino médio ou aqueles que já tenham concluído tem início com o processo de inscrições através do site da Secretaria de Educação do estado da Bahia. O requisito é estar em curso ou apresentar o certificado e histórico de conclusão do ensino médio.

A estrutura do Projeto UPT, no âmbito de cada universidade, é composta coordenação geral, coordenação de polo, equipe de apoio administrativo e de serviços gerais em cada estabelecimento onde as turmas são instaladas, seja nas escolas estaduais ou nos campi das universidades. Registre-se que cabe às instituições universitárias organizar e promover o processo seletivo, por meio de editais, dos monitores (estudantes de graduação ou pós-graduação), gestores de polo (servidores técnicos administrativos), professores especialistas (docentes da instituição) e supervisores (servidores técnicos administrativos).

Desta forma, o gestor do polo tem a atribuição de integrar equipe, efetuar os registros concernentes aos alunos, acompanhar o desempenho destes, frequência e evasão, disponibilizar materiais, supervisionar, bem como tem a missão de garantir a motivação dos cursistas no sentido de mantê-los assíduos no curso no projeto.

Observa-se que gestor de polo exerce a função de gestor em ambiente educacional. Segundo Silva (2009), o gestor educacional por meio de uma gestão participativa tem o desafio de provocar mudanças nas práticas pedagógicas que garantam a qualidade da educação ofertada visando atingir as metas estabelecidas, construindo a identidade da escola e respeitando a identidade dos sujeitos que dela fazem parte.

Face o exposto, os autores deste artigo, por atuarem como gestor de polo UPT há 10 anos e inquietos com o crescente número de evasão no curso, perceberam que as mesmas ocorriam após um mês de aula e posteriormente ao ENEM. Nasce então a inquietação e questionamento quanto às razões para um aluno de baixa renda abandonar uma oportunidade de crescimento, de realização de um sonho de estudar na Universidade? De ser um profissional

com uma graduação? Surge o interesse de propor ação de intervenção cujo objetivo consiste em estimular, motivar e fidelizar esses estudantes ao projeto UPT.

Conforme Castro (2005), “cursinhos populares são ações políticas de atores engajados em projetos e ações que têm como eixo a transformação social da realidade por meio da preparação e do incentivo às classes populares a ingressarem no ensino superior gratuito”.

Dentro desse contexto, se torna imprescindível motivar, incentivar e apoiar os alunos, a desenvolverem a criatividade, o senso crítico e reflexivo, tornando-os verdadeiros protagonistas juvenis.

O termo protagonismo juvenil, em seu sentido atual, indica o ator principal, ou seja, o agente de uma ação, seja ele um jovem ou um adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social (COSTA, 2000, p.20).

Enfatiza-se que o uso da expressão “protagonismo juvenil” é justamente para estimular a participação dos jovens em todas ou quase todas as fases da prática educativa, além de contribuir com o desenvolvimento pessoal, das comunidades em que os mesmos fazem parte, colaborando na construção da sua perspectiva e de sua autonomia (COSTA, 2000).

Desta forma, a proposta de intervenção em discussão tem o objetivo de proporcionar aos cursistas do projeto UPT a oportunidade de serem os protagonistas deste Pré-vestibular, potencializar o desempenho desses estudantes para além da sala de aula com a troca de conhecimentos entre eles e os professores, fomentar caminhos dinâmicos e debates de conceitos e conflitos sociais, através de uma prática inovadora, aqui denominada pelos pesquisadores de “Giro de Notícias”.

Metodologia

A estratégia metodológica escolhida compreende a Pesquisa Participante, com enfoque da investigação social por meio da qual se busca plena participação do pesquisador e da comunidade, na análise da própria realidade. O pesquisador assume o ponto de vista da produção popular de conhecimento, que atribui a premissa de que a população pesquisada é capaz de compreender e modificar sua realidade (o que, na prática, transforma elementos da população pesquisada em pesquisadores, detentores de conhecimento necessário para a realização do estudo, capacitados a controlar o processo de investigação), democratizando, dessa forma, a produção do conhecimento e embasando a pesquisa numa concepção ética (CHIZZOTTI, 2006). As etapas metodológicas que fizeram parte deste trabalho foram: primeiramente, elaborar o projeto de intervenção composto, cujas etapas consistiram na realização de duas palestras motivacionais, de um Workshop, com a abordagem das profissões

e de um balcão de sugestões de temas que fossem do interesse dos estudantes, a partir da indicação de temáticas de maior frequência no cotidiano da sociedade, polêmicas e que envolvessem os direitos humanos. Estes requisitos foram direcionados em atenção à probabilidade de temas da redação no ENEM.

Resultados e Discussão

Como primeira ação, aconteceram duas palestras motivacionais no intuito de fortalecer os estudantes do curso UPT e os monitores. Foram convidados dois psicólogos e um psicopedagogo, para conversar acerca de desafios, escolhas e consequências positivas e negativas a vida do ser humano. Na semana seguinte, dando continuidade ao plano de intervenção, foi realizado o Workshop das Profissões, através de alguns *stands* divididos da seguinte forma: área da Saúde, área de Ciências Exatas e da Terra, área de Humanas, incluindo também a Educação.

Nesses *stands* estavam alunos egressos da UPT que cursam o ensino superior em instituições públicas, os quais expressaram os motivos que levaram a escolha do curso, as perspectivas futuras, além de incentivar os alunos, uma vez que os primeiros também já foram alunos estudantes do curso UPT e hoje estão no caminho da realização do sonho de ter uma profissão e a graduação. Durante a ação foi evidenciado aos estudantes sobre as disciplinas e o peso cobrado pelo processo seletivo vestibular para cada curso e técnicas de estudo que poderiam adaptar para obter maior rendimento. A terceira ação consistiu em envolver os monitores e os cem alunos na nova prática pedagógica. Foi apresentado o Giro de Notícias e seu objetivo, que é fazer do aluno UPT o protagonista na sala de aula. Após a explanação, foi elaborado o cronograma de apresentações, os temas que deveriam fazer um *link* entre duas disciplinas e a divisão das equipes totalizando em 15. Na oportunidade, foi ressaltado aos alunos que era de responsabilidade total e integral deles a pesquisa acerca do tema, a elaboração dos slides e a escolha sobre a metodologia utilizada para apresentarem à turma. Várias possibilidades de apresentação foram sugeridas, a exemplo de dança, poesia, composição de música, teatro, enfim, a escolha ficaria ao encargo da equipe selecionada para apresentação. Contudo, todos os alunos deveriam entregar na próxima aula uma redação com 30 linhas, apresentando uma proposta de intervenção sobre a sugestão de ações que possibilitem contribuir positivamente em amenizar ou solucionar os problemas na sociedade, detalhes da execução dessas ações, indicação dos agentes ou instituições sociais responsáveis, além, de considerar os direitos humanos e a diversidade sociocultural, coerente com a realidade do aluno e sua comunidade.

As apresentações foram através de comunicação oral e slides, trouxeram a ludicidade para fortalecer os conteúdos, através de apresentações com paródias, peças teatrais, jogral, poesias e músicas de autoria. A motivação, disposição, colaboração e responsabilidade dos alunos do projeto UPT, aumentaram significativamente, conforme monitoramento realizado pelos monitores do projeto, pelos pesquisadores, bem como, pelos próprios alunos que perceberam maior facilidade em desenvolver os temas de redações, assim como, confessaram que se sentem mais seguros em debater sobre qualquer temática que envolva a reflexão, a criticidade e o senso comum.

Os resultados do ENEM, SISU, PROUNI e processo seletivo vestibular da UNEB confirmaram essa afirmação, posto que dos 100 estudantes que participaram dessa prática pedagógica inovadora no curso UPT em 2018, 66 estudantes foram aprovados em instituições públicas, nos cursos sonhados e desejados (UPT/UNEB, 2018).

Conclusões

O Giro de Notícias assume uma dimensão inovadora no curso UPT, rompendo a reprodução automática do processo ensino e aprendizagem, transgredindo o modelo tradicional de aulas em cursos preparatórios para vestibulares, abrindo espaço para a inovação com ênfase nas mudanças sociais, políticas, tecnológicas e econômicas, além das demandas dessa geração de estudantes. Possibilitou, ainda, visibilidade à classe popular, como sujeitos históricos, politicamente ativos no processo de transformação social, buscando inovar no processo acesso à educação, direito de todos, na busca pela universalização do acesso ao Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

CASTRO, C. A. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COSTA, A.C.G.. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

SILVA, Eliene Pereira da; **A importância do gestor educacional na instituição escolar**. Revista Conteúdo Capivari v. 1 n. 2 São Paulo. p. 67- 83.jul./dez 2009.

UPT/UNEB, Relatório da Coordenação Geral do projeto Universidade Para Todos, 2018.



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS COLÉGIOS DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA: DESAFIOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Cidicléia Gomes da Silva Santos¹
Rêmulo Veloso dos Santos²
Oswaldo Henrique Oliveira de Jesus³

Eixo—Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo refere-se a um estudo de caso com base nas Práticas Pedagógicas desenvolvidas com os professores dos Colégios da Polícia Militar da Bahia, a partir da aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental e Médio, tendo a interdisciplinaridade como caminho para o trabalho do professor. Um olhar para o desenvolvimento de práticas voltadas para a construção da autonomia de professores e estudantes da Educação Básica, recriando e ressignificando o fazer pedagógico. Uma reflexão sobre a seguinte indagação: como o trabalho interdisciplinar poderá proporcionar um maior encantamento pela aprendizagem? Não há pretensão em indicar modelos, mas socializar uma possibilidade de inovação pedagógica, através do trabalho interdisciplinar, que mesmo diante dos dilemas educacionais, vem se revelando como boas práticas educativas, no momento em que promove uma interação, um movimento entre os professores das áreas do conhecimento, a fim de realizar um diálogo que possibilite o trabalho pedagógico com base na referida proposta. A discussão terá como base metodológica o estudo de caso e a revisão de literatura com aporte teórico em autores como Hetkowski, Pombo, Morin, dentre outros.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Interdisciplinaridade. BNCC.

Introdução

A partir da autonomia que nos dá a Lei n.º 9.394/96 (LDB), através do seu Art 15: “Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público”, a promulgação da Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que traz mudanças significativas para o Ensino Médio no Brasil, bem como a homologação em 2017 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e, por fim, a partir da experiência e vivência, a gestão, juntamente com a comunidade escolar dos Colégios

¹Universidade do Estado da Bahia, cidosni1@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia, remuloveloso@yahoo.com.br

³ Universidade do Estado da Bahia, ohjesus80@gmail.com

da Polícia Militar da Bahia (Rede CPM), percebeu que era necessário a redefinição do currículo do ensino médio e fez a opção por quatro itinerários formativos, sendo eles (ciências humanas, ciências da natureza, matemática e linguagens) organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância e as possibilidades da Rede CPM.

Sendo assim, buscando proporcionar o protagonismo do processo educativo também ao estudante, construindo uma aprendizagem significativa, na qual o conteúdo tenha relação com a vida dele, foi utilizada como estratégia de ensino, a pesquisa aplicada. Desta forma, foram construídas as ementas das seguintes disciplinas: Práticas integradoras e Pesquisa aplicada, Elementar, Projeto de Vida, Filosofia e Fundamentos Sociais do Trabalho, Educação Física Aplicada, Redação científica, Matemática Aplicada às Ciências da Natureza, possibilitando o caráter interdisciplinar das referidas disciplinas.

A necessidade do desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, é bem recorrente nas Atividades Complementares - ACs¹ realizadas na Rede, principalmente quando se trata da avaliação prova por área de conhecimento². No entanto, percebe-se alguns equívocos ao caracterizar uma avaliação interdisciplinar como apenas um ajuntamento de disciplinas, no qual questões em blocos de disciplinas de juntam e dão o caráter interdisciplinar da avaliação. Contudo, há ainda uma das principais fragilidades nesse processo que é a falta de comunicação entre os professores das disciplinas na tentativa de possibilitar os caminhos para o trabalho interdisciplinar.

Diante disso, um dos primeiros desafios para implementação da proposta curricular é entender os conceitos de “interdisciplinaridade”, “multidisciplinaridade” e “transdisciplinaridade”, por serem polissêmicos e imprecisos como pontua Morin (2002, p.115). Neste caso analisaremos a multi, pluri e a interdisciplinaridade.

Dessa forma entende-se por multidisciplinar um modelo fragmentado em que há justaposição de disciplinas diversas, sem relação aparente entre si e sem apresentar a totalidade do conhecimento e pluridisciplinar como modelo em que justapõem disciplinas mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento, formando-se áreas de estudo com conteúdos afins ou coordenação de área, com menor fragmentação.

No final do século passado, objetivando superar a fragmentação de cunho positivista e propondo um diálogo entre as diversas disciplinas surge uma nova forma de pensamento, a

¹Estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394/96), a AC é o espaço/tempo para o diálogo, as vivências, a reflexão e a socialização das práticas pedagógicas e curriculares que orientam o planejamento, a avaliação e o acompanhamento à escola, garantindo aos educandos e educandas um percurso educativo digno e sem interrupções.

² Avaliação da Rede CPM que é realizada por área de conhecimento a partir de um tema norteador, visando a interdisciplinaridade.

interdisciplinaridade. O termo interdisciplinaridade deriva da palavra primitiva disciplinar (que diz respeito à disciplina) por prefixação (inter-ação recíproca, comum) e sufixação (dade-qualidade, estado ou resultado da ação). Já disciplina refere-se à ordem conveniente a um funcionamento regular. Significa também “matéria (campo de conhecimento determinado que se destaca para fins de estudo) tratada didaticamente, com ênfase na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades intelectuais”. Para Pombo (1993), por exemplo, interdisciplinaridade seria:

qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino/aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos. (POMBO, 1993, p.13)

E, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, pelos professores e pelos alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p. 88).

Apesar dos diversos conceitos, interdisciplinar propõe ações coordenadas e orientadas para objetivos bem definidos buscando uma articulação das atividades docentes, mas tendo foco na construção do conhecimento pelo estudante. Para não se tornar um “mix” de disciplinas se fará necessário rever o fazer pedagógico de tal forma que o estudante perceba que cada conteúdo faz parte de uma totalidade.

[...] as mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tente a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos) (MORIN, 2000, p.40-41).

Sendo assim, pensar o trabalho pedagógico consiste em conceber a aprendizagem com o olhar para o todo e nunca de forma fragmentada. É preciso diálogo entre as disciplinas a fim de proporcionar um trabalho mais comunicativo e interativo. Dessa forma o objetivo do trabalho realizado com os professores da Rede CPM é socializar uma possibilidade de inovação pedagógica, que como afirma Hetkowski (2014), deve envolver, de forma colaborativa, toda a comunidade escolar na descoberta, conquista e possibilidades de ações significativas para a escola, bairro, cidade e para a vida de cada ser humano. Um trabalho interdisciplinar, que mesmo diante dos dilemas educacionais, vem se revelando como boas práticas educativas, no momento em que promove uma interação, um movimento entre os professores das áreas do

conhecimento, a fim de realizar um diálogo que possibilite o trabalho pedagógico com base na referida proposta.

Metodologia

O desenvolvimento desse estudo foi revelando-se como um estudo de caso, por possibilitar a pesquisa a casos concretos. Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo possui uma abordagem de pesquisa qualitativa, que não se resume a mensuração dos dados, mas busca realizar [...] uma investigação empírica que analisa um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (Yin, 2001, p.32).

Sendo assim este estudo de caso tem como sujeitos os professores e sua formação para o trabalho com a interdisciplinaridade na Rede CPM. Em reunião nas AC, professores e coordenadores pedagógicos, com a mediação de um formador com expertise na área da Interdisciplinaridade, realizam trabalhos e participam de oficinas a fim de produzirem material e propostas para o trabalho em sala de aula. Vale ressaltar que surge o movimento de revisão das propostas de avaliação e dos projetos a partir do trabalho com a interdisciplinaridade.

Resultados e Discussão

As questões que motivaram esse estudo dão conta de que o trabalho com interdisciplinaridade aos poucos conduz o professor a ter um olhar de ressignificação sobre sua prática no momento em que acontece um movimento para revisão dos planos, avaliações e projetos. A revisão da literatura demonstrou que as práticas pedagógicas precisam está em constante inovação para dar conta do processo educativo e cada vez mais os processos colaborativos de construção do conhecimento tem grande relevância.

Os resultados e as questões que nortearam este estudo de caso apontam para uma nova dinâmica no processo de ensinar e aprender nos CPM. A mudança curricular com o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar e novas formas de avaliação, a partir da construção processual dos professores, nos remete a um novo marco na construção de uma proposta pedagógica, onde há autonomia e participação. Sendo assim, o professor pode ressignificar a sua prática utilizando o trabalho com a interdisciplinaridade, fazendo com que haja mudanças concretas em sua atuação e o encantamento pelo trabalho interdisciplinar, promovendo assim aulas diferenciadas, e com novos olhares para a parte da avaliação.

Conclusões

Estes resultados ainda são primários. Somente com a continuidade deste trabalho, e a verificação dos entraves e impactos, é que poderemos definir esta proposta como validada. A interdisciplinaridade já é consolidada enquanto caminho de trabalho, porém o que precisa-se é observar como ela se dá na prática. Na formação do profissional da educação é entender que o fazer interdisciplinar é um processo contínuo, desafiador e que necessita de desapego ao domínio da sua área de conhecimento.

Dessa forma, é salutar pensar o trabalho interdisciplinar como um caminho, pois se trata de uma proposta pedagógica inovadora para a educação básica e que traz novas formas de pensar a aquisição do conhecimento como um todo e não fragmentado.

Os resultados deste processo na Rede CPM se constituem enquanto maior envolvimento de professores e alunos para reconstrução do fazer pedagógico, participação efetiva em formação por parte dos professores, atenção dos pais com relação ao que a escola está propondo para a educação escolar de seus filhos e um engajamento da coordenação e da gestão escolar.

Trabalhos nesse sentido deverão ser ampliados para que novos autores que corroborem com a temática, compartilhem suas experiências e mostrem a dinamicidade do fazer escolar. Mas, compreendendo que o processo de construção de novas práticas precisa envolver todos os sujeitos. Com isso novos caminhos precisam ser apontados para ajustes da proposta e adequação a cada público e cada espaço em que ela se constitua enquanto prática, levando em consideração que deve existir uma linearidade neste processo e participação de todos.

Referências

- BRASIL/MEC. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996;
- YIN, Robert K. – **Estudo de Caso – Planejamento e Método**. Trad. Daniel Grossi. 2ª Ed. Porto Alegre. Bookman, 2001;
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002;
- POMBO, Olga. **O Conceito de Interdisciplinaridade e Conceitos Afins**. IN: POMBO, Olga;
- HETKOWSKI, T.M. **Práticas pedagógicas inovadoras e TIC: uma parceria entre universidade e rede pública de ensino**. Disponível em: http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/27.%20PR%C3%81TICAS%20PEDAG%C3%93GICAS%20INOVADORAS%20E%20TIC_.pdf Acesso em: 05 Maio 2018.



QUE COMECEM OS JOGOS! A BATALHA (GEO)CARTOGRÁFICA COMO ARTEFATO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Manuela Evangelista da Silva¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade

Resumo

A Cartografia é uma ciência que atrelada ao ensino de Geografia constrói e potencializa o raciocínio geográfico através dos artefatos didático-pedagógicos por ela fornecidos. Assim, estes escritos intencionam apresentar as experiências formativas vivenciadas no âmbito do estágio profissional pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual de Bandiaçu, distrito de Bandiaçu, município de Conceição do Coité, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia. A prática pedagógica evidenciada é a batalha (geo)cartográfica, construída com o intuito de problematizar a compreensão e a aprendizagem do conteúdo sobre o sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –, o qual é considerado pelos alunos como um conceito abstrato, por se tratar do estudo de linhas imaginárias. A utilização deste jogo potencializou a aprendizagem dos alunos ao dinamizar e promover uma maior interação na sala de aula e, permitir a compreensão desta localização dos pontos através da junção das letras e números, os quais correspondem respectivamente à longitude e latitude.

Palavras-chave: Cartografia. Ensino de Geografia. Batalha (geo)cartográfica.

Aperte o play! Notas introdutórias

A Cartografia é uma ciência que está atrelada à Geografia, principalmente, no que tange à produção de artefatos que permitem o mapeamento, a análise e uma autonomia no espaço geográfico. Neste sentido, a que se considerar a Cartografia não somente enquanto conteúdo, mas como uma linguagem, “por ser uma forma de representar análises geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos [...]” (CAVALCANTI, 2002, p. 39) em diversas escalas.

No ambiente escolar, a Cartografia é um procedimento metodológico, conteúdo curricular e uma linguagem, permitindo por parte do aluno a “apropriação do espaço habitado a partir de noções de localização, lateralidade, abstração e compreensão dos fenômenos que

¹ Licenciada em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB / Campus XI). Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro do grupo de Pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores – Geo(BIO)grafar. Email: manuelaevangelista9@gmail.com.

ocorrem nas distintas escalas” (SILVA *et al* 2016, p. 63), potencializando a formação do sujeito e a construção de uma leitura de mundo que o permita maior autonomia.

Faz-se necessário uma apropriação dos artefatos didático-pedagógicos fornecidos pela Cartografia, a fim de construir um raciocínio geográfico, cujo percurso esteja atrelado a uma educação (geo)cartográfica, desde o início do processo de escolarização do aluno, permitindo uma formação autônoma e fornecendo as bases para uma compreensão mais global e crítica do espaço geográfico. (SILVA *et al* 2016)

É importante que sejam construídos no transcurso da formação escolar do sujeito noções básicas de localização, associadas à lateralidade e a identificação de pontos no espaço por meio de coordenadas geográficas. Portanto, a Geografia deve possibilitar ao aluno, no contexto da sala de aula, as bases para a compreensão dos fatos e fenômenos geográficos enquanto interação da ação do ser humano, mediante o trabalho, as técnicas e tecnologias construídas ao longo da história. (CALLAI, 2002)

Diante dessa premissa, é que este escrito objetiva apresentar as experiências formativas no âmbito da docência, enquanto estagiária pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). A prática pedagógica cujas vivências são narradas e refletidas neste trabalho está ancorada na apropriação metodológica da ciência cartográfica, através da construção de uma batalha (geo)cartográfica², tendo sido desenvolvida em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual de Bandiaçu, localizado no distrito de Bandiaçu, município de Conceição do Coité, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia.

Conforme as proposições de Lima (*et al*, 2016) pode-se evidenciar o potencial da linguagem cartográfica para a construção de uma leitura de mundo crítica pelo aluno, sendo permeada pelos símbolos, signos e significados dos elementos cartográficos. Por isso, a apropriação pedagógica da batalha (geo)cartográfica, enquanto dispositivo didático-pedagógico no ensino de Geografia, teve por objetivo auxiliar e potencializar as aprendizagens do sistema de coordenadas – latitude e longitude –.

Percurso metodológico: ação-reflexão-ação

A metodologia utilizada para a construção da prática em questão é de cunho qualitativo por assegurar que esta seja uma trajetória cuja ação se configura enquanto uma intervenção no processo de construção de uma aprendizagem significativa no contexto da sala de aula. Anterior à realização do jogo foram ministradas 6 horas/aula no intuito de abordar as

² Esta atividade é uma recriação do jogo Batalha Naval, utilizado em programas para o público infante-juvenil, dada as inúmeras possibilidades de dinamicidade através deste, tendo sido apropriado com um cunho pedagógico.

(trans)formações no espaço geográfico, tendo como dispositivo didático-pedagógico a utilização de imagens da Praça da Matriz da cidade de Conceição do Coité, a fim de analisar como as atividades econômicas e o crescimento urbano se configuraram no decorrer das últimas décadas.

Além disso, foram realizadas algumas aulas no pátio do colégio para identificar possíveis noções de lateralidade e orientação no espaço pelos alunos. Nesta atividade, notou-se que, a maioria dos alunos possuía dificuldade para se localizar utilizando os pontos cardeais e colaterais, fato que influenciou na compreensão do sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –.

As práticas anteriores foram diagnósticas e nortearam a intervenção pedagógica a partir da batalha (geo)cartográfica. Este jogo foi construído em uma placa de isopor, no qual as linhas horizontais (paralelos) e as linhas verticais (meridianos) foram construídas com o auxílio de um piloto marcador de papel. As fichas foram recortadas em formato de cubo em E.V.A (emborrachado) azul e afixadas no isopor com alfinetes coloridos.

Nestas fichas foram coladas, após impressão, imagens de bombas, pequenas embarcações e navios; sendo que cada vez que uma bomba fosse encontrada o grupo não pontuava, as pequenas embarcações valiam 10 pontos e os navios 20 pontos. Para a realização do jogo, a turma foi dividida em dois grupos, explicando aos alunos o objetivo da atividade e que as letras que representavam a longitude e, os números, a latitude deveriam ser unidos para formar um ponto que abriria uma das fichas.

Venceria o grupo que mais pontuasse, no entanto, a avaliação da atividade contemplaria, também, a cooperação entre os participantes, buscando integrar os membros na atividade desenvolvida, cabendo ao líder de cada grupo contornar possíveis situações de desentendimento, permitindo com que todos jogassem.

Discussão e resultados: a batalha (geo)cartográfica no ensino do sistema de coordenadas

O espaço geográfico é dinâmico e interativo, ao materializar a interação sociedade e natureza, à medida que, é (trans)formado diariamente. Portanto, “o espaço é histórico-social, resultado do processo cumulativo do modo como cada sociedade, em determinado tempo histórico, imprime suas marcas [...]” (PORTUGAL; SILVA; LIMA, 2016, p. 87), permitindo que estas ações constituam de modo particular, a identidade cultural, de cada sujeito, a partir do lugar que lhe é próprio.

Desse modo, “[...] o aluno deve ser capaz de compreender as relações estabelecidas entre o homem, enquanto indivíduo e ser social, e a natureza, se concebendo, também, como

um agente transformador desse espaço.” (BARROS; LIMA; PORTUGAL, 2016, p. 34) No entanto, para que estas competências e habilidades sejam construídas é imprescindível a mediação por parte do professor, no intuito de possibilitar noções espaciais (alfabetização cartográfica) que garantam a autonomia de um sujeito que modifica seu espaço de vivência, através dos conhecimentos, saberes e noções cartográficas de que dispõe.

É imprescindível que a prática pedagógica do professor no ensino de Geografia esteja aliada a construção do raciocínio geográfico e da consciência espacial, através da apropriação de artefatos didático-pedagógicos que norteiem este processo. Sendo a abordagem dos saberes cartográficos no âmbito da Geografia o componente curricular e na escola que melhor permite a articulação entre os conteúdos e a vida cotidiana, através de recursos lúdico-interativos (PINHEIRO; SANTOS; RIBEIRO FILHO, 2013), é que foi utilizada a batalha (geo)cartográfica, enquanto um jogo que possibilitou a compreensão do conteúdo sobre sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –.

Conforme a compreensão de Moura; Oliveira; Matos (2015, p. 2), “a utilização de jogos adaptados à compreensão de conteúdos complexos”, a exemplo das coordenadas geográficas, já que, tratamos de linhas imaginárias, “[...] contribui de forma a dinamizar e facilitar a identificação” e abstração dos conceitos trabalhados na sala de aula, auxiliando nas noções de localização por meio dos pontos indicados no jogo.

Ainda, segundo estes autores, “o jogo foi adaptado especificamente para atender a necessidade de trabalhar com os alunos o sistema de coordenadas geográficas” (MOURA; OLIVEIRA; MATOS, 2015, p. 2), permitindo que os sujeitos tenham autonomia ao identificar os pontos no jogo, construindo um raciocínio geográfico e consciência espacial que, através dos símbolos, signos e seus significados retratados através da representação de pequenas embarcações e navios correlacionam a importância do sistema de coordenadas geográficas, cuja apreensão possibilita a aprendizagem necessária para ler o mundo em que vivem.

Game Over! Considerações finais

Os jogos são vistos de forma negativa, em algumas situações, por promoverem uma competição exagerada. No entanto, a intenção pedagógica apresentada desde o início da explicação da atividade fez com que os alunos exercessem não somente a autonomia na construção da aprendizagem, evidenciando uma cooperação e um espírito de trabalho em grupo, quando debatiam e criavam estratégias para que a junção das coordenadas possibilitasse com maior exatidão o encontro dos símbolos com maior pontuação.

Portanto, fica evidente o quanto a utilização de jogos no ensino de Geografia, enquanto artefatos didático-pedagógicos auxiliam as aprendizagens, dinamizam as aulas e permitem ao aluno conceber a Cartografia a partir de suas práticas cotidianas e não como uma ciência estática somente atrelada à produção de mapas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Alana Cerqueira de Oliveira; LIMA, Maristela Rocha; PORTUGAL, Jussara Fraga. **A linguagem cartográfica no ensino de Geografia:** uma experiência de formação no contexto do PIBID. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 33-38.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para estudar o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia, práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. p. 83-134.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

LIMA, Naiara da Silva; OLIVEIRA, Gilcélia Silva de; ARAÚJO, Maria Madalena Mota de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **A Cartografia na sala de aula:** experiência no PIBID no Sertão do Sisal. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 71-78.

MOURA, Jefferson Aparecido Martins de; OLIVEIRA, Maria Dione do Nascimento; MATOS, Gisele Alves de. Batalha naval: o lúdico no ensino e aprendizagem do sistema de coordenadas geográficas no primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Argelce Carvalho Santos da Mota em Pirapora-MG. In: ANAIS DO 9º FEPEG – FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO, 2015, Montes Claros. *Anais...* Centro Universitário Professor Darcy Ribeiro, Montes Claros, 2015. p. 1-4.

PINHEIRO, Igor de Araújo; SANTOS, Valéria de Sousa; RIBEIRO FILHO, Francisco Gomes. **Brincar de Geografia:** o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Revista Equador (UFPI), vol. 2, nº 2, jul/dez, 2013. p. 25-41.

PORTUGAL, Jussara Fraga; SILVA, Manuela Evangelista da; LIMA, Maristela Rocha. O PIBID de Geografia no Sertão do Sisal: cartografia escolar, práticas de formação e aprendizagens geográficas. In: HAGE, Maria do Socorro Castro (Org.). **PIBID:** experiências inovadoras do diálogo entre a universidade e a educação básica. Curitiba: CRV, 2016. p. 87-102.

SILVA, Manuela Evangelista da; JESUS, Vanessa Lima de; LIMA, Maristela Rocha; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Ensinar e aprender Cartografia:** a educação cartográfica no cotidiano escolar. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 61-68.



REFLEXÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENFRENTAMENTO DO RACISMO EM AMBIENTE ESCOLAR.

Fábio Adrian Teixeira dos Santos e Santos¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho se propõe a desencadear reflexões sobre a relação entre o fazer docente e o racismo vivenciados no ambiente escolar. Assim, objetivou-se identificar práticas pedagógicas que auxiliem o professor no enfrentamento do racismo dentro da escola. Foi realizada, inicialmente pesquisa bibliográfica e documental, que buscou apresentar, um breve histórico de como o racismo se estruturou na sociedade brasileira e como ainda se manifesta nas diversas instituições sociais, sobretudo na escola. Em seguida, são propostas algumas ações de enfrentamento, concluindo-se que para além das práticas pedagógicas direcionadas, é preciso que o educador, em sua convivência diária com os educandos, dissemine e estimule valores como o respeito e a diversidade, seja ela étnica, ou de qualquer razão.

Palavras-chave: Racismo. Escola. Educador. Práticas Pedagógicas

Introdução

De acordo com o Instituto brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no último censo realizado em 2016, cerca de 55% da população brasileira se auto declarou preta (8,2%) ou parda (46,7%)². Essa maior representação no contingente populacional não apresenta correspondência direta quando o assunto é distribuição de renda e qualidade nas condições de vida. Pelo contrário, a população negra brasileira é a mais acometida pelos índices de homicídio. As principais vítimas de mortes violentas tem como perfil: homem, jovem, negro e de baixa escolaridade. Sobre a renda mensal, se comparado níveis de escolaridades equivalentes, os negros ganham menos em relação aos brancos³. Esses poucos exemplos revelam que a

¹Discente do curso de Licenciatura em Geografia, no Instituto Federal da Bahia (IFBA) vinculado ao grupo de pesquisa LABFINVAS – Laboratório de Finanças, Valoração de Ativos e Sustentabilidade. Graduado em Administração pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: fabio.adrian.teixeira@gmail.com.

² Pesquisa disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em 22/03/2019.

desigualdade social histórica do país, perpassa sobretudo pela questão racial, como aponta Fernandes (1972) e Munanga (2016).

Historicamente, o Brasil, como colônia da metrópole portuguesa foi um dos países no mundo que mais “importaram” negros do continente africano para serem escravizados. Durante muito tempo as versões oficiais nos livros didáticos abordaram a “libertação” desses escravizados, como uma atitude benevolente da monarquia. Porém, um olhar crítico e menos eurocêntrico, revela que a abolição da escravatura se constituiu em uma necessidade por exigências internacionais, e também como aponta os movimentos negros por ações dos próprios negros, que se articulavam em movimentos, promovendo fugas e revoltas em defesa de liberdade para seu povo, conforme sinaliza Schwarcz (2012). Após cerca de trezentos anos de escravidão, os negros recém libertos foram abandonados à própria sorte, sem nenhum tipo de reparo ou indenização pelos anos de submissão. Sem posse de terras, muitos continuavam a trabalhar nas fazendas e outros se direcionavam às cidades, para trabalharem no comércio ambulante, com atividades artesanais e vivenciando as condições mais precárias de vida. Essa realidade brasileira fundamentada na desigualdade e na escravização foi estruturante e se reflete na sociedade até os dias atuais.

Nesse sentido, de acordo com Trindade (1994), a escola como instituição social, não fica isenta de reproduzir em seu espaço, mecanismos e práticas que reforçam essas distorções construídas ao longo da história do país. O ambiente escolar é portanto *locus* de muitos conflitos e questões que envolve o preconceito de cor, conforme aponta Alves (2012). As situações de racismo vivenciadas por docentes e discentes no cotidiano escolar brasileiro é tema que preocupa os educadores e pesquisadores interessados em promover uma educação igualitária e reparadora, principalmente após a implantação da lei 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história da cultura afro-brasileira de forma interdisciplinar.

Porém, como destaca Gomes (2011), os próprios professores formadores apresentam desconhecimento diante dos processos educativos desenvolvidos pela comunidade negra, bem como sobre as peculiaridades das formas de inserção dos negros no decorrer da educação no Brasil. Demonstrando o quanto essas pautas raciais estão em ampla discussão na sociedade brasileira, sob tudo nos aspectos educacionais. Esse trabalho, se propõe então identificar ações pedagógicas ao enfrentamento ao racismo em ambiente escolar, a partir da reflexão sobre o fazer docente.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se inicialmente uma pesquisa

exploratória, de natureza documental e bibliográfica. Como fonte de consultas foram utilizados artigos científicos, teses, dissertações. Obtidos por meio da consulta à base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da plataforma SCIELO. A partir da pesquisa exploratória buscou-se conhecer os principais autores, conceitos e resultados alcançados a partir de pesquisas já desenvolvidas.

Resultados e Discussão

Conforme aponta Fernandes(1972), a formação histórica do Brasil a partir da colonização, foi baseada em princípios escravistas, mercantilista e de caráter eurocêntrico. Esses pilares formadores da estrutura social ainda se manifestam na realidade brasileira. Embora durante muito tempo tenha se propagado o discurso de democracia racial, Fernandes (1972), aponta que a ausência de conflitos abertos inter-raciais, não descaracteriza a presença de preconceito de cor, afirmando que a situação de preconceito racial está presente em toda estrutura social brasileira.

Através de processos de mudança psicossocial e sociocultural reais e sob aspectos profundos e irreversíveis, subsiste uma larga parte da herança cultural, como se o brasileiro se condenasse, na esfera das relações raciais, a repetir o passado no presente. Esse mecanismo adaptativo só se tornou possível porque as transformações da estrutura da sociedade, apesar da extinção da escravidão e da universalização do trabalho livre, não afetaram de modo intenso, contínuo e extenso o padrão tradicionalista de acomodação racial e ao ordem racial que ele presumia. (FERNANDES, 1972, pg.11)

Essa realidade histórica tormentosa aparece nos mais variados espaços sociais, entre eles, a escola. De acordo com Apple (2003), em determinadas sociedades os modelos de educação tendem a ratificar muitas das desigualdades que caracterizam fortemente a sociedade. A escola, portanto pode se constituir em um ambiente potencializador ou combativo de práticas discriminatórias e excludentes. Alves (2012), ressalta que a manifestação do preconceitos de cor em ambiente escolar é frequente, comprometedora da aprendizagem e se configura de variadas formas como: apelidos e piadas depreciativas, isolamento, chegando até agressões físicas.

Diante dessa problemática, o educador no seu fazer docente, mas do que apresentar conteúdos a respeito da temática racial, deve estimular no espaço educacional, ações voltadas para valorização das diferenças e respeito as diversidades, sejam elas étnicas ou não. A partir de uma perspectiva crítica- reflexiva é necessário apresentar como se constituiu a formação histórica do país e orientar os alunos em seu convívio a repensar suas condutas, incluindo nesse contexto as práticas discriminatórias dentro e fora da escola. Nesse sentido destaca-se algumas possibilidades de ações pedagógicas que podem auxiliar o educador nesse sentido:

- Exibição de filmes com enfoque na temática racial e roda de conversa sobre a compreensão dos alunos referente as relações sociais estabelecidas no filme.
- Apresentar aos alunos personalidades negras que contribuíram para construção histórica do país. Desmistificando a passividade do negro diante das situações de opressão vivenciadas historicamente (Gomes e Munanga, 2004)
- Convidar lideranças de movimentos negros da cidade, até da própria comunidade para debates e/ou relatos de experiências no ambiente escolar.
- Analisar em conjunto com os estudantes letras de música que abordem a temática racial e a realidade da desigualdade brasileira.
- Promover exposições na própria escola a partir de recortes de revistas e jornais, selecionados pelos próprios alunos sobre a temática racial.
- Promover oficinas e amostras que aproximem os alunos do legado da cultura africana,
- Destacar a partir de exemplos em sala que muitas comidas, danças, palavras tem influência direta do legado africano na composição da cultura brasileira.

É necessário pontuar que o êxito das ações pedagógicas está aliada a postura cotidiana do educador, e não apenas restrita a iniciativas pontuais e isoladas. Como destaca Rosseto (2010), baseada em pensamentos de Maturana, O fazer docente não se limita a elaboração de uma atividade ou ação, mas interliga-se aos valores que o educador propaga e como eles se manifestam no conviver.

[...]faz-se necessário (ao professor) abandonar as maneiras de olhar já incorporadas em nós como pensamentos habituais, suspender os pensamentos condicionados culturalmente e exercita o olhar e a escuta da experiência em toda sua expressão, abertos ao espaço para o conhecimento da experiência e da conduta (ROSSETO,2010, pg. 14).

Para Maturana (2003), o ensinar/aprender compreende as diversas dimensões do humano de forma integrada, e que uma real transformação estrutural perpassa pela reflexão da premissa: “o que estou fazendo com o outro?”. Para ele, mais do que abordar o conteúdo e implementar ações, é preciso que o professor no seu proceder diário entenda que a educação implica educar para valores como: respeito, solidariedade, justiça, que devem ser vivenciados no cotidiano. O autor enfatiza que o professor deve questionar suas próprias condutas e seus pensamentos para poder influenciar. Só assim, o seu “fazer” pode ter sentido. Se um docente age em sua vivência de maneira discriminatória ou os ignora os atos racistas no seu ambiente escolar, como é possível promover ações pedagógicas, pautada no fortalecimento do respeito? Por isso, é preciso refletir criticamente as condutas e interligar o “ser” docente ao “fazer” docente. Assim, como defende Maturana, a educação cumprirá seu papel fundamental na

ressignificação de uma sociedade que foi fundamentada historicamente em princípios excludentes e discriminatórios.

Conclusões

Como pode ser destacado ao longo deste trabalho, a formação da sociedade brasileira foi ancorada em princípios de subjugação e exclusão, essas disparidades se manifestam atualmente em diversos espaços sociais. A escola portanto, como intuição social primária, não fica imune aos tensionamentos e embates que envolvem a questão racial atualmente. Nesse sentido, torna-se importante o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem e reforcem o papel do negro e o legado da cultura africana na construção da identidade brasileira. As ações direcionadas podem se constituir em uma importante estratégia de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar, ao mesmo que estimula a reflexão-crítica sobre as versões oficiais da história. Enquanto docente é preciso combater as situações de preconceito e orientar os educandos no desenvolvimento de uma postura de valorização e respeito a diversidade étnico-racial. Assim ficou evidenciado que as práticas pedagógicas se tornam significativas no enfrentamento ao racismo quando refletem os valores que o educador manifesta e expõe em sua convivência diária no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cynthia Cristina de Souza. **O racismo na escola e o combate com ações**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), UEPB. Guarabira, 2012.

APPLE, Michael W. **Educando à Direita**. Ed. 1. São Paulo. Cortez. 2003. pg. 303.

FERNANDES, F. **O Negro no mundo do Branco**. Ed. 6, São Paulo, Difus, 1972. pg. 141.

GOMES, Nilma Lima. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. *In*: FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges. **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

MATURANA, R. Humberto. Et. Al. (Orgs.). **Conversando com Maturana de educación**. **Málaga**: Ediciones Aljibe, S. L., 2003.

ROSSETO. Elisabeth. **A contribuição do Pensamento de Maturana para a Educação**. Revista de Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2010. V.5.n. 10.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário**: cor e aça na sociabilidade brasileira. Ed. 1 São Paulo. ClaroEnigma, 2012. pg. 147.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **O Racismo no cotidiano escolar**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.



UTILIZAÇÃO DO GOOGLE EARTH E MAPS NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II DO COLÉGIO MUNICIPAL JOSÉ PRADO ALVES

Jeissinaldo de Carvalho Macedo¹

Eixo – II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologia

Resumo

É sabido que desde o surgimento dos recursos tecnológicos, estes tornaram-se peças fundamentais para a nossa vida, diante disso, observa-se que a nossa sociedade está cada vez mais inserida nas mídias sociais, diante da real situação surge um grande desafio para o educador competir com tais recursos e apreender a atenção dos alunos em sala de aula, assim, o objetivo deste trabalho foi investigar sobre o uso dos softwares Google Earth e do Google Maps como recurso metodológicos para o ensino de Geografia no Colégio Municipal José Prado Alves, no distrito de Lages do batata no município de Jacobina – Bahia. O procedimento metodológico baseia-se numa pesquisa qualitativa, inicialmente realizou-se uma consulta bibliográfica sobre a temática e posteriormente foi aplicado um questionário aos professores que lecionam a disciplina de geografia na referida unidade. Diante disso, sabe-se que é de suma importância que os professores utilizem os recursos tecnológicos, pois possibilita que o aluno construa conhecimento tanto do local quando do global com auxílio desses programas, todavia, é um grande desafio para as unidades escolares, haja visto que a grande maioria ainda sofrem com as carências de recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Ensino- geografia- tecnologias- desafios.

Introdução

Desde a revolução técnica científica, nota-se que os avanços tecnológicos estão disseminado por todo o globo, diante disso, observa-se que a nossa sociedade vive em uma era tecnológica onde os meios digitais estão presentes no dia a dia, vale ressaltar que a internet tornou- se uma importante ferramenta para a comunicação, entretenimento e também para o trabalho, tanto pessoal quanto escolar, e com isso surge o grande desafio para os educadores, utilizar tais tecnologias e englobá-las no ensino, em especial o de geografia.

Cabe ressaltar que, os alunos já chegam ao ambiente escolar engajados nesse processo digital, Sanches 2008, acredita que essas novas tecnologias educacionais sejam a saída para apreender a atenção dos alunos no modelo de escola do mundo atual, pois favorece aos professores mais um recurso metodológico para que os alunos possam construir conhecimento, de uma forma mais prática e também dinâmica, rompendo assim com os modelos de ensino pautados na pedagogia tradicional.

Sabe-se que o Google earth é um software que utiliza- se de imagens de satélites de altas resoluções de quase todas as partes do planeta e com isso, podemos analisar diversos fatores que estão engajados nos conteúdos de geografia. Nele podemos trabalhar desde a interpretação

¹Professor da rede estadual de Educação do Estado da Bahia, graduado em Geografia Pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; e-mail. jcmacedo@outlook.com

de imagem de satélites, trabalhando com o sensoriamento remoto e fotointerpretação, até o reconhecimento de certa área selecionada, além disso, podemos analisar questões relacionadas a urbanização, degradação ambiental, coordenadas geográficas, geologia e geomorfologias entre outros. Nesse sentido, Tanan; Silva (2016, p. 4), apresenta que: “O Google Earth, começa a ser disponibilizado a partir de 2005, quando a empresa Google, passou a oferecê-lo como ferramenta, cuja, funcionalidade é torná-lo um navegador geográfico”.

O objetivo do presente trabalho é discutir a utilização dos softwares, Google Earth e Maps, e qual a sua real funcionalidade e como podemos aliar ao ensino da geografia, tendo como campo de estudo os professores de geografia do Colégio Municipal José Prado Alves, situado na Rua Quintino Alves s/nº no Distrito de Lages do Batata na cidade de Jacobina- Bahia, analisando as propostas pedagógicas dos docentes e como os mesmos trabalham com os softwares citados anteriormente.

Para galgarmos nosso objetivo, partimos da seguinte problemática: como os professores de geografia utilizam os google Earth e Maps em suas aulas e quais os desafios e manobras para contornar as situações adversas que encontra-se no ambiente escolar. Numa visão generalizada, Saviani (1983), afirma que o papel da escola, resume a formar cidadãos, ampliando esse contexto chega-se ao fato de dar aos alunos os ensinamentos de que eles necessitam para viver e trabalhar neste mundo de evolução, bem como orientá-los para a vida.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada no colégio Municipal José Prado Alves situado na Rua Quintino Alves, s/nº no distrito de Lages do Batata- Jacobina- Bahia. Como base, esta pesquisa fundamenta-se numa abordagem metodológica qualitativa, que é aquela que busca alcançar a essência do objeto a ser investigado, cabe pontuar que, realizamos pesquisas bibliográficas para confrontar com a realidade pesquisada. Além disso, foi aplicado um questionário composto por 5 perguntas abertas, o qual foi respondido pelos docentes da referida unidade de ensino citada anteriormente, e as respostas e as análises seguem a seguir.

Resultados e Discussão

Compreende-se que é de fundamental importância que o professor de geografia trabalhe com esses programas, indispensáveis em plena era digital e inseridos no cotidiano dos alunos para que assim possa desenvolver aulas dinâmicas que facilitarão o processo de ensino e de aprendizagem. Participaram da pesquisa 4 docentes que ministram as aulas de geografia distribuídos nos três turnos nas turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II. Diante

desse cenário permeado por recursos tecnológicos, qual sua opinião sobre inserção desses recursos no ensino? Obtivemos as seguintes respostas:

Professor 1 *Na minha opinião é de grande importância que o professor esteja antenado para estar inserindo nas suas aulas, pois favorece que aluno fique mais atento*; Professor 2 *Vejo as tecnologias como aliadas no ensino, assim podemos apreender mais as visões dos alunos*; Professor 3 *Eu vejo que nos dias atuais e de grande importância esse recurso metodológico, pois os alunos veem nesse processo desde criança vivendo a era digital e nos educadores, e instituição escolar, não devemos ficar à margem dessa evolução, pois como disse FREIRE temos que trabalhar com cotidiano de nosso alunos*; Professor 4: *É muito bom pois favorece que os alunos vejam que um simples celular que eles tem na mão pode servir de aprendizagem*

Diante do exposto pelos docentes pode-se perceber que todos reconhecem a importância de inserir no ensino os recursos tecnológicos nesse sentido, Tanan e Silva (2016) afirma que:

Portanto, podemos destacar o uso das novas tecnologias como um dos instrumentos na formação e construção de habilidades para o mercado de trabalho, formando o aluno cidadão a ser capaz de interpretar, de atuar, de decidir, de criticar e de compreender as relações sociais, econômicas, ambientais e políticas da sociedade. (TANAN ; SILVA, 2016, p. 2)

O segundo questionamento foi quais recursos tecnológicos usam em sala, nota-se que há inúmeros meios que os docentes utilizam em suas aulas, como é apresentado a seguir: Professor 1: *Uso mais o Datashow*; Professor 2 *Eu uso o Datashow, os notebook, o laboratório de informática, o celulares dos alunos haja visto que a maioria dos alunos tem celulares e com acesso à internet.*; Professor 3: *Uso mais o Datashow, o laboratório de informática e também já utilizei o espaço o INFOCENTRO, que é lugar que há vários computadores, mantido pelo município para que a população tenha acesso a internet forma gratuita*; Professor 4: *Só Datashow.*

Diante do que foi apresentado anteriormente, nota-se que todos os docentes utilizam em suas práticas metodológicas em salas da aula algum recurso tecnológico, uns mais outros menos, assim, percebe-se que os professores estão a cada dia mais inserindo os recursos tecnológicos em suas aulas. Nessa perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacional – PCNs , aponta que a utilização de materiais diversificados como “jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta” (BRASIL,1997, p.67).

O terceiro questionamento foi se os professor já conheciam o Google Maps e Earth, a respostas foram unânimes, todos conheciam o programa e que o mesmo é muito rico para as explorações de conteúdos geográficos, além disso, um dos professor relatou que “*com a celeridade que as tecnologias avançam, temos que estar a cada dia tentando competir com o computador, celulares, tabletes, etc. com seus programas*” relato do Professor A, assim, Castells (1999, p.21) diz que “a revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado”.

O quarto questionamento foi como os professores utilizam os referidos softwares no ensino de geografia. Professor 1: *Nas minhas aulas eu nunca utilizei, pois salas são lotadas e laboratório de informática é pequeno*; Professor 2: *Eu desenvolvi um projeto com os alunos nos quais participavam num turno oposto e trabalhei com google terra e mapas, foi muito proveitoso, trabalhei com questão de escalas, mapas, também analisamos problemas ambientais, trabalhei com pouco da fotointerpretação, analisamos o crescimento da nossa cidade entre outros assuntos*; Professor 3: *Vivemos com muitos problemas no cotidiano escolar, mas temos que saber lidar com elas, no meu caso eu uso o Datashow em meu notebook particular e durante a aula acesso o google maps pra trabalhar com cartografia e o terra pra ter noção de espacialidades, escalas trabalhar a base cartográfica com meus alunos e o resultado é fantástico víamos nos olhos dos alunos um brilho em estar ali trabalhando em frente ao computador*; Professor4: *Conheço uso pra fins particulares mas nunca trabalhei com esses programas na sala pois leciono só turno noturno o período de aula é menor e os alunos são mais velhos não conseguem acompanhar essas tecnologias*

Aos analisarmos as respostas dos docentes notamos que dois foram enfáticos em problemas para inserir o google Earth e maps nas aulas de geografia. É sabido que há diversos problemas, desde infraestrutura até formação continuada, para os docentes trabalharem com tais recursos, todavia, é uma ferramenta que auxilia o professor no ensino e também dinamiza a aprendizagem do aluno. Cabe ressaltar também que dois professores relataram suas práticas com esses programas de formas exitosas, que mesmo diante das adversidades, foram superadas e propiciou uma prática pedagógica inovadora, nesse sentido Moura (2006), relata sobre as possibilidades de conteúdos que podemos trabalhar com esses softwares, relatando que a partir deles podemos visualizar:

[...] fenômenos geográficos de qualquer parte do mundo. As fotografias, feitas a partir de satélites, tornam a visualização quase que concreta, o que pode auxiliar a aprendizagem da Geografia e a efetivação do uso da linguagem cartográfica. A ferramenta permite o uso de coordenadas geográficas na busca de localidades e possibilita o trabalho com localizações, uma das características do ensino da Geografia (MOURA, 2009, p.6)

Assim, nota-se que a partir desses programas podemos trabalhar uma gama de conteúdos geográficos de uma forma mais dinâmica e menos cansativas além de apreender mais a atenção dos alunos pois estamos lidando com programas que eles convivem no cotidiano.

A quinta pergunta era sobre as dificuldades enfrentadas para trabalhar com esses softwares em sala,

Professor 1 *São muitos mas, desde a rebeldias dos alunos até problemas estruturais, temos laboratório pequenos e com poucos computadores além de ser concorrido para achar uma vaga*; Professor 2: *O nosso colégio dispõe de 15 computadores, todavia com acesso à internet só temos 10, assim um dos maiores problemas que enfrentamos é o quantitativo de computadores poucos pois nossas turmas são em medias de 30 a 35 alunos, mas isso não nos impede de desempenhar o nosso trabalho temos 2 datashow que pode ser utilizado para mostrarmos e trabalharmos com esses softwares no auditório ou até mesmo nas salas de aulas, basta termos um pouquinho de esforços que tudo dá certo*; Professor 3: *Como já falei anteriormente na terceira pergunta vivemos com muitos problemas no cotidiano escolar, mas temos que saber lidar com elas, na escola temos um baixo números de computadores à internet as vezes é muito lenta, espaço do laboratório ainda é pequeno se consideramos as nossas*

turmas, mas podemos sim fazer um trabalho como já foi relatado antes as nossas práticas que com jeitinho sempre dá certo, basta um pequeno esforço para que possamos contribuir de forma significativa para que nossos alunos tenham uma formação mais dinâmica; Professor4: Se formos elencar todos os problemas passaríamos o tempo escrevendo, pois o problema nas escolas não é só estrutural mas também é de gestão, participação popular entre outros, mas sobre computadores acho que maior problema e número deles por aluno que é irrisório.

Diante das falas dos professores observa-se que há opiniões divergentes, aqueles que diante de todos os problemas conseguem desenvolver uma prática metodológica utilizando esses dois programas e outros pontuam que os laboratórios de informática das escolas públicas estão sucateados, materiais defasados, sem manutenção, poucos computadores para o quantitativo de alunos, entre outros problemas que impossibilitam o desenvolvimento de uma prática envolvendo esses programas.

CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho, observa-se que o uso dos softwares, google Earth e google maps nas aulas de geografia, ocorrem de forma pontual, além disso, alguns problemas foram evidenciados, como o sucateamento de laboratórios de informática, entre outros. Nesse sentido, na unidade pesquisada, concluímos que alguns docentes tem uma visão pra trabalhar com as tecnologias em sala de aula, todavia, encontram alguns desafios a serem contornados, como a falta de computadores, acesso à internet incipiente, infraestrutura e logística entre outros.

Assim, com esta pesquisa não pretendemos esgotar as discussões sobre temática, haja visto que, esse conhecimento perpassa por inúmeros fenômenos que podem ser estudados, como as materializações das práticas com uso dos referidos programas nas aulas de geografia, investigar mais sobre o déficit tecnológico que há na educação e também os avanços ocorrido, dentre outros. Portanto, entendemos que há necessidades de outros estudos que possam estar analisando e refletindo as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e as mudanças necessárias para acompanhar da evolução tecnológica enquanto instrumento para ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** Tradução Roneide Venâncio Majer. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MOURA, L. M. C.; FILIZOLA, R. **Uso de linguagem cartográfica no ensino de Geografia: os mapas e atlas digitais na sala de aula.** Disponível em : <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1017-4.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2017.

SANCHES, V. J. C. **Tecnologia para inovações na didática do ensino: um estudo de caso: Lousa Eletrônica**. 2008. Disponível em:

<<http://www2.dc.uel.br/nourau/document/?down=742>> . Acesso em: 12 abr. 2017.

TANAN, K. C. R; SILVA, G. R. **O uso do Google Earth e do Google Maps nas aulas de geografia**. In: XVIII Encontro Nacional de geógrafos, São Luís do Maranhão, MA, 2016.



TECNOLOGIAS E INFÂNCIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES DAS CRIANÇAS DO GRUPO 5 NO CONTEXTO DA CRECHE

Sheila Carine Souza Santos ¹; Mary Valda Souza Sales ²

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e Com (temporaneidade).
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho aborda a relação das tecnologias com a infância e, busca apresentar essa relação a partir das narrativas de aprendizagens de crianças no contexto da creche, o qual surgiu como inquietação oriunda de minha própria prática e experiência como docente de crianças pequenas no contexto da Sociedade da Informação. Tem como problema: como as tecnologias disponíveis no contexto escolar contribuem para a construção de saberes na creche? Para tanto, defini o seguinte objetivo geral: analisar a relação entre tecnologias e infâncias (a partir das narrativas infantis) como contribuição na construção de saberes na infância no contexto escolar da creche. Já, os objetivos específicos são: Mapear o cotidiano escolar na construção de saberes das crianças do grupo 5; Observar no cotidiano das crianças como se dá a inserção e uso das tecnologias no contexto educativo na construção dos seus saberes; Verificar, a partir das narrativas das crianças, como se dá a relação entre construção de saberes e tecnologias no cotidiano escolar. Dialogamos com Levy, Hetkowsky, Junior, Sarmento, Cruz, Coscarelli, Macedo, Flick, dentre outros e a metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, com o Estudo de Caso como método, no qual os dispositivos da observação participante, pesquisa documental, narrativas infantis e diário multimodal são recursos de produção dos dados. Pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Tecnologias; Infâncias; Narrativas Infantis;

Introdução

Grande parte do nosso comportamento é motivado pelo contexto social que transitamos e que hoje é influenciado pela globalização, vez que surge daí a nossa relação com as tecnologias, principalmente no contexto educativo com crianças pequenas. Com as crianças não poderia ser diferente. Elas crescem em um contexto onde a informação está disponível para muitas pessoas e em todos os lugares, podendo ser usadas a qualquer momento, inclusive na escola e em outros contextos educativos. Sendo assim, apresento este trabalho, informando que este Projeto de pesquisa foi apresentado ao Programa de pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, como pré-requisito para o meu Exame de

¹ Universidade do Estado da Bahia: sheilacarine77@gmail.com

² Universidade do Estado da Bahia: maryssales@gmail.com

qualificação para o Mestrado.

A criança é um sujeito histórico, social e de direitos que se desenvolve através das relações que vai tecendo com adultos e outras crianças. Mesmo antes de chegar à escola ela já passou por muitas aprendizagens, seja na igreja, com a sua família, nos parques públicos, na sua comunidade e em tantos outros espaços que frequenta. Enquanto sujeito de direitos as crianças produzem sentidos e significados sobre o mundo que as cerca, sendo sujeitos ativos que produzem conhecimento, sendo capazes de construir cultura a partir da sua existência, se constituindo assim atores no desenvolvimento da própria vida.

Essa criança contemporânea que estamos falando está inserida em um mundo no qual a presença das tecnologias se fazem presentes em praticamente todos os espaços sociais que ocupa, fazendo parte do seu dia a dia. Certamente, mesmo aquela criança que não tem um contato direto com as tecnologias, sendo elas digitais ou não - *tablet*, computador, *smartphone*, vídeo game - já as utilizou ou as conheceu, pois muitos destes dispositivos tornaram-se presentes nos lares destes sujeitos e no cotidiano social de alguma forma.

Primeiramente, é necessário fazer uma reflexão sobre a emergência tecnológica e a educação. A tecnologia é inerente ao ser humano que a cria e a recria (LIMA JUNIOR, 2004) dentro da sociedade, considerando que tudo o que o ser humano transforma e é utilizado para facilitar a sua vida é tecnologia. Nesta perspectiva, o ser humano modifica a sua realidade, transformando-se e construindo a todo o momento conhecimento. Tecnologia tem haver com criatividade e transformação e, do ponto de vista educacional, independente ou não da utilização de aparatos tecnológicos, o que realmente importa é a perspectiva de criação e transformação, como assevera Lima Junior (2004) ao afirmar que a presença dos recursos tecnológicos em contexto educativos é indispensável mas, somente se eles sejam explorados e entendidos com ênfase na criatividade e metamorfose.

Sendo assim, torna-se relevante para a educação infantil que se conheça, a partir do olhar das crianças, as influências das tecnologias para a construção de saberes e estes processos de criação e transformações de contextos e, para tanto, vamos ouvi-las, registrar as suas narrativas. Tecnologia no sentido inerente, que faz parte da condição humana.

Nesta perspectiva, a intenção deste estudo surgiu a partir de minha implicação profissional enquanto professora em uma unidade escolar que no ano de 2015, tornou-se um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Alguns professores desta Unidade Escolar se queixavam que tinham poucos recursos didáticos à sua disposição para trabalharem nas suas aulas. Sempre gostei de aliar alguns aparatos tecnológicos (rádio, *notebook*, lousa interativa, jogos eletrônicos) ao processo educativo pois, constitui-se em mais uma forma de desenvolver

e possibilitar a construção do conhecimento para as crianças. Porém, durante os meus anos de trabalho neste local, percebi que mesmo existindo um laboratório de informática e alguns recursos das tecnologias de informação e comunicação (TIC), elas não eram utilizadas pelos professores da escola.

Isso me deixa bastante inquieta, pois a maioria dessas tecnologias são artefatos comuns na vida destas crianças deste espaço escolar. Nesse sentido questiono: se esta criança do século XXI já utiliza estes aparatos tecnológicos em outros espaços sociais quais seriam então os motivos para não utilizá-los no âmbito escolar? E porque então não proporcionar a estas crianças o direito de opinar sobre a construção dos seus saberes a partir da presença das Tecnologias no processo educativo na creche.

Surge então o meu problema de pesquisa que é: como as tecnologias disponíveis no contexto escolar contribuem para a construção de saberes na creche? O objetivo geral da investigação é analisar a relação entre tecnologias e infâncias (a partir das narrativas infantis) como contribuição na construção de saberes na infância no contexto escolar da creche. E os objetivos específicos são: Mapear o cotidiano escolar na construção de saberes das crianças do grupo 5; Observar no cotidiano das crianças como se dá a inserção e uso das tecnologias no contexto educativo na construção dos seus saberes; Verificar, a partir das narrativas das crianças, como se dá a relação entre construção de saberes e tecnologias no cotidiano escolar;

Metodologia

A pesquisa que será realizada está relacionada ao direito das crianças de serem protagonistas de suas histórias e a relação direta dessas com o que a sociedade contemporânea apresenta como questões do cotidiano, que é a vivência experienciada com as tecnologias. Hoje em dia, é bastante comum existirem pesquisas nas quais a voz das crianças sejam escutadas e percebidas pelos adultos. Esta criança invisível em outros tempos, hoje é um sujeito legítimo de direitos, produtores de cultura, sentidos e significados.

A abordagem de pesquisa que orienta esse estudo é a qualitativa, pois está permeada pelas vozes das crianças como protagonistas do próprio processo educativo, expressando a relação direta entre aprendizagem e tecnologia, possibilitando descrições detalhadas que poderão ocorrer durante o percurso do trabalho. Flick (2009) no traz que “A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (p. 37), como é o caso em tela. Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa me permitirá observar e interpretar

aspectos mais complexos desta relação da criança com a tecnologia, a partir da sua voz, atitudes, observações e hábitos.

O método utilizado será o estudo de caso para o desenvolvimento do trabalho pois, apesar de estar inserido num contexto maior (uma creche pública municipal) terá o objeto bem definido e delimitado (uma sala de aula). Yin (2001) nos afirma que: “O estudo de caso é uma investigação empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real [...]”. (p.32).

A fim de alcançar os objetivos propostos para a pesquisa, trarei alguns instrumentos que serão utilizados para a produção de dados e busca por informações: observação participante, análise documental e narrativas infantis.

A observação participante é um dos instrumentos mais comuns utilizados na pesquisa qualitativa e um dos mais importantes, pois através deste recurso farei a minha imersão total no campo de pesquisa, apesar de já fazer parte do contexto da creche, mas não da sala de aula que será o lócus do trabalho. Flick (2009) nos informa que:

Na observação participante, até mais do que em outros métodos qualitativos, torna-se crucial obter, na medida do possível, uma perspectiva interna sobre o campo estudado e, ao mesmo tempo, sistematizar o status de estranho. Apenas ao atingir essa sistematização, será possível o pesquisador perceber o particular naquilo que for cotidiano e rotineiro no campo. (p. 210).

Em outro momento farei uma pesquisa documental que é relevante nesse estudo de caso, portanto, torna-se imprescindível para o estudo pois, envolve uma creche pública municipal na qual eu exerço minha atividade profissional, onde estes documentos poderão me trazer informações que possam me amparar na coleta dos dados por intermédio da observação participante ou das narrativas infantis. Macedo (2004) nos afirma que: “Ademais, os documentos têm a vantagem de ser fontes relativamente estáveis da pesquisa, o que facilita sobremaneira o trabalho do pesquisador interessado na qualidade das práticas humanas e com a fugacidade destas”. (p.170)

Utilizarei outro instrumento para a coleta dos dados que serão as narrativas, as quais contribuirão para saber, a partir das crianças, como se dá a relação aprendizagem e tecnologia no cotidiano escolar. A narrativa que venho propor neste estudo esta intimamente ligada à infância: são as narrativas infantis. Se a criança tem a sua própria voz, e que esta deva ser legitimada, nada mais democrático que se privilegiar as narrativas infantis no contexto escolar para compreender o objeto no qual propus este estudo: narrativas de aprendizagens

significativas com as tecnologias no âmbito escolar da creche. Passeggi, Rocha e Conti nos afirmam que:

Não é pois sem razão que tomamos em nossos estudos as narrativas de crianças como uma forma característica do seu modo de pensar, uma vez que ela tende a se colocar sempre no centro da história para entender o que acontece ao seu redor e o que lhe acontece. (PASSEGGI, ROCHA e CONTI, 2016, p. 49).

Outro instrumento que será utilizado para esta pesquisa será o diário de campo que servirá como um suporte para registros diários que acontecerão no campo, registrando as narrativas das crianças, tornando-se assim um hábito de escrita e reflexão para o pesquisador sobre os acontecimentos da sua pesquisa.

Os sujeitos participantes da pesquisa serão uma turma de crianças que têm 5 anos de idade: Grupo 5. São 17 crianças com idades entre 4 anos e 10 meses a 5 anos de idade, onde a grande maioria está no Cmei desde os 2 anos de idade. A pesquisa será realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil Abrigo do Salvador, localizado no bairro de Brotas, na cidade de Salvador/Bahia.

Resultados e Discussão

Após a qualificação, irei ao campo para a coleta e produção dos dados e informações, posteriormente, a análise dos mesmos para tentar responder ao questionamento que me motivou a pesquisar a relação entre as infâncias e as tecnologias no âmbito escolar da creche, a partir das vivências e narrativas das crianças.

Conclusões

A partir dos estudos e diálogos realizados para a qualificação e após declarar os caminhos que pretendo trilhar nesta pesquisa, o desenho do estudo ainda está em construção, contando assim com as valiosas inserções da banca, a respeito das minhas inquietações (principalmente em questões como cibercultura digital, participação da criança da primeira infância na construção do currículo, relação criança e tecnologia no âmbito escolar) para assim, trilhar um caminho que me ajude a desenvolver a minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI: Carla Viana (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CRUZ, Silvia Helena Vieira Cruz (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira (Org.). **A escola vista pelas crianças**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2008.

HETKOWSKY, Tânia Maria; BONETT, Lindomar; ALMEIDA; Nizan Pereira. **Inclusaosociodigital: da teoria a prática**. Curitiba: Imprensa oficial, 2010. P. 05-24

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2001.

LIMA JR, Arnaud de Souza Lima. **Tecnologias Intelectuais e Educação: explicitando o princípio proposicional/ hipertextual como metáfora para educação e o currículo**. Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I. Salvador: v.13, n.22, p.401-416, jul/dez.2004

MACEDO, Roberto Sidnei; AZEVADO, Omar Barbosa. **Infâncias – devir e currículo: a afirmação das crianças à (aprendizagem) formação**. Ilhéus, BA: Editus, 2013

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas/ Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel**. Salvador: EDUFBA, 2009

_____. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MARQUES, Mario Osorio. **A escola no computador: linguagens Rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho**. Revista Perspectiva. Florianópolis: v. 23, n. 01, p. 17-40. Jun/Jul 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001



USO DO APLICATIVO KAHOOT: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA AS AULAS DE QUÍMICA POR INTERMEDIÇÃO TECNOLÓGICA

Tânia Cristina Mamede Costa¹
Iêda Pinheiro da Silva Oliveira²
Leticia Machado dos Santos³

Eixo –Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade.

Resumo

A Química como componente curricular do Ensino Médio, pertencente a área de Ciências da Natureza, requer muitas estratégias para a construção do conhecimento, e uma das formas para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como aproximar o aluno do cotidiano com o que se aprende nas aulas convencionais, é fazer uso de outros recursos que permitam a contextualização, aproximando a teoria da prática tornando as aulas mais significativas, além de facilitar a aprendizagem. Desta forma, o presente trabalho, apresenta como objetivos: descrever uma experiência prática, fazendo uso do Kahoot na aula de Química junto as turmas da 1ª série do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec); fazer uso do Kahoot como estratégia motivacional para facilitar a compreensão de alguns conceitos químicos, a exemplo de dos modelos atômicos. O trabalho apresentou evidências de que o uso dos recursos tecnológicos, a exemplo do Kahoot pode estar associado com o processo de ensino e aprendizagem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo, através do estudo de caso.

Palavras-chave: Aprendizagem. Kahoot. Química. Recursos Tecnológicos.

Introdução

A Química como componente curricular da área de Ciências da Natureza e suas tecnologias, é responsável por contemplar seus conhecimentos específicos e da área, também

¹Secretaria De Educação do Estado da Bahia; Especialista em Ciências da Natureza e Matemática e suas Tecnologias para professor do Ensino Médio. - UNB; taniaemitec399@gmail.com.br.

²Secretaria De Educação do Estado da Bahia; Mestre em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial - SENAI/CIMATEC; iedapsoliveira@gmail.com.

³Secretaria De Educação do Estado da Bahia; Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social - FVC; lmachado.ead@gmail.com.

investiga e identifica os fenômenos, além de participar do desenvolvimento científico e tecnológico com importantes contribuições de alcance econômico, social e ambiental, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2002).

Na contemporaneidade, o ensino de Química, vem passando por diversas transformações sociais, do dinamismo das ciências e a inserção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), em que ministrar aulas de Química tornou-se um desafio para os docentes, fazendo com que o uso dos recursos tecnológicos, se torna uma das possibilidades de construção do processo de uma aprendizagem significativa junto ao estudantes, de forma participativa, interativa e ativa, como uma estratégia motivadora.

Assim, a ampliação do acesso às tecnologias móveis na sociedade, principalmente pelos estudantes, vem promovendo mudanças no modo de produção e no compartilhamento do conhecimento, pois apresenta muitas possibilidades que motivam esses estudantes, como o fato da mobilidade dos dispositivos, o acesso rápido aos recursos e em qualquer lugar (MELO; NEVES, 2014).

Diante deste panorama, o desenvolvimento de aulas criativas, dinâmicas e que promovam a construção do conhecimento tornou-se um dos maiores desafios dos docentes na atualidade. A criação e uso de estratégias para atingir essa finalidade torna-se relevante para todos os envolvidos no processo educativo, nesse sentido a utilização de atividades lúdicas nas aulas de Química pode trazer resultados positivos no processo de ensinar e aprender, justificando a escolha da temática. Nesse sentido, que surgiu o interesse em trabalhar com o *softthere* livre *Kahoot* junto aos estudantes da 1ª série do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec) durante as aulas de Química.

O EMITec é uma modalidade educativa da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, que atende a jovens e adultos que, prioritariamente, moram em localidades distantes ou de difícil acesso em relação a centros de ensino e aprendizagem, onde não há oferta do Ensino Médio (BAHIA, 2011). , tem como público alvo, estudantes da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio que não concluíram a educação básica, apresentando uma metodologia que faz uso de características inerentes a Educação a Distância (EaD), porém contando com aulas diárias, ao vivo teletransmitidas por *videostreaming*, além da presença de um mediador para a realização das atividades presenciais, individuais e em grupo.

A transmissão das aulas acontecem em sala/estúdio, em tempo real, de forma síncrona. Didaticamente cada aula é dividida em três tempos: exposição que corresponde ao momento de expor o conteúdo; produção que é o momento dos estudantes resolver exercícios e atividades relativas ao conteúdo trabalhado na aula; e interação que é o momento do docente

interagir diretamente com o estudante, retirando possíveis dúvidas, e respostas das atividades realizadas. Vale ressaltar, que o uso do Kahoot foi usado no momento de produção.

Kahoot consiste em:

[...] uma plataforma de aprendizado baseada em jogos de diferentes modalidades, incluindo um *quiz game* disponível no site <https://kahoot.com/>, no qual podem ser adicionadas perguntas pelo professor e, essas são convertidas em um jogo com pontuação, interação e ranqueamento [...]. (DELLOS,2015; COSTA *et al.*,2017 apud SANDE; SANDE, 2018, p. 172)

De acordo com o referido *site*, o termo *Kahoot* refere-se a uma brincadeira com a expressão inglesa *in cahoots*, ou ‘em conluio’. Foi criado na Noruega, em 2013 e está ganhando espaço nas escolas de vários países. É um aplicativo projetado para sondagens e avaliação da aprendizagem no qual é possível realizar a criação de questionários ou pesquisas que poderão ser respondidas pelos estudantes que estiverem conectado à Internet por meio de dispositivos móveis - *tablet* ou *smartphone* – ou, ainda, em computadores, possibilitando introduzir na sala de aula uma aprendizagem baseada na gamificação, proporcionando assim, estimular e engajar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, segundo Carvalho (2015), permitindo aos mesmos, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e também uma aprendizagem mais lúdica, significativa e atraente.

Desta forma, este trabalho tem como objetivos: descrever uma experiência prática, fazendo uso do Kahoot na aula de Química junto as turmas da 1ª série do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec); como estratégia motivacional para facilitar a compreensão de alguns conceitos químicos, a exemplo de modelos atômicos.

Metodologia

O recurso *Kahoot* foi aplicado no segundo momento da aula de Química, denominado “Momento de Produção”. Destaca-se que no planejamento dessa aula deve-se organizar as ações de todos que estarão envolvidos na aula, no caso específico, o mediador, docente, estudantes e colaboradores do estúdio de aula.

Para a aplicação do *quiz-game Kahoot* foi iniciado com o cadastro das localidades – equipe formada por estudantes - mediante a disponibilização do código de acesso (PIN) (Fig. 1) e as perguntas foram elaboradas e editadas no Kahoot relacionadas ao conteúdo da aula. O aplicativo foi acessado primeiramente pelo docente que em seguida, fez as orientações

utilizando *slides*, e os mediadores das diversas localidades postavam suas dúvidas via *chat*.

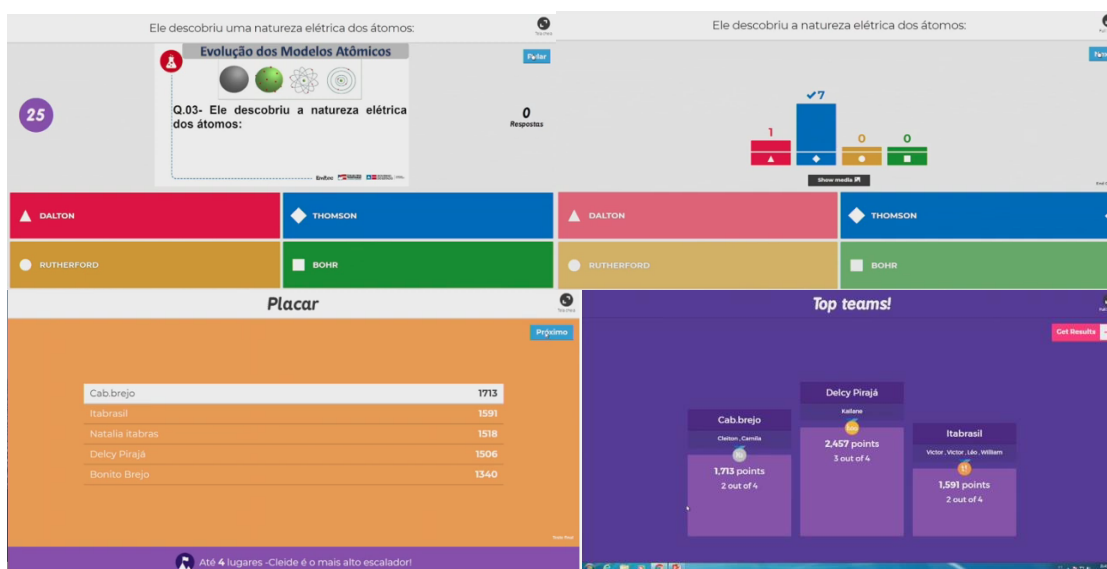
Na sequência o jogo foi iniciado com a utilização de 4 questões sobre os modelos atômicos.

Fig.1- Momento de orientações gerais para acesso ao jogo Fig.2 -Tela de participantes da atividade



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Fig.3-Tela básica do kahoot durante uma pergunta e após as respostas dos participantes.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Resultados e Discussão

A aplicação do “quiz” Kahoot na forma de atividade no momento de produção da aula de Química demonstrou que houve uma participação diferenciada dos grupos participantes, conforme mostra o trecho do *chat*:

17:07:35 < D19livraiguatemiS06> BLZ.
17:07:54 < N02brotasbomjesusS01> MANDA MAIS
17:08:55 < D21barramilagresS01> não conseguimos!
17:09:03 < N02brotasbomjesusS01> MAIS UMA
17:09:12 < N02brotasbomjesusS01> OS ALUNOS
ADOOOORRRRAAM
17:09:15 < D19livraiguatemiS06> CONSEGUIMOS TODOS.
17:09:22 < D19livraiguatemiS06> GOSTAMOS.

17:09:33 < N02brotasbomjesusS01> ADORARAM
17:09:50 < N02brotasbomjesusS01> ESSE JOGO FOI TOPPPP

Observou-se que em cada grupo havia muita motivação e atratividade e que cada equipe demonstrava seus sentimentos em função dos resultados alcançados, ratificado por Carvalho (2015).

Ao final da aplicação do jogo, o kahoot fornece os resultados dos grupos participantes que podem ser salvos ou serem exportados, apresentando o resumo de desempenho dos grupos participantes.

CONCLUSÕES

Foi possível observar que o elemento motivação predominou na aplicação da atividade gamificada e na participação ativa dos estudantes durante a aula de Química.

Além disso, percebeu-se que a inserção das tecnologias educacionais digitais, contribui de forma ativa e efetiva para uma aprendizagem significativa, desde que o professor saiba trabalhar a intencionalidade pedagógica nesse cenário digital que encanta os estudantes, principalmente os da faixa etária que cursam o ensino médio.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Projeto Político Pedagógico do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica do Estado da Bahia. Salvador/BA:SEC/BA. 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC, SEC, 2002.
- CARVALHO, L. F. S. **Utilização de Dispositivos Móveis na aprendizagem da Matemática no 3º Ciclo**. Dissertação de Mestrado em Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. Universidade Portucalense. Departamento de Inovação, Ciência e Tecnologia. 2015. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/bitstream/11328/1272/1/TMTICE%2011.pdf>
Acesso em: mar/2019.
- D. SANDE; D. SANDE. **Uso do kahoot como ferramenta de avaliação e ensino--aprendizagem no ensino de microbiologia industrial**. HOLOS, Ano 34, v. 1, 2018, p. 170-179.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- Melo, R. S.; Neves, B. G.B. (2014). Aplicativos Educacionais Livres para Mobile Learning. Revista Tecnologias na Educação. Ano 6 - Número/vol.10. em: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art3-ano6-vol10-julho2014.pdf>. Acesso em: junho/2018.
- Moreira, M. A. **Aprendizagem significativa crítica**. Atas do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, pp 33-45, com o título original de Aprendizagem significativa subversiva, 2000.



USO DO FACEBOOK NO ENSINO DE ARTE MEDIADO POR TECNOLOGIAS

Claudia Cavalcante Cedraz Caribé de Oliveira ¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O ensino mediado por tecnologias apresenta diversas peculiaridades, exigindo dos profissionais envolvidos uma atualização constante em relação às tecnologias digitais e novas metodologias de aprendizagem, dentro desta perspectiva propomos o uso das redes sociais para aumentar os espaços pedagógicos no componente Arte. Este texto apresenta o uso do Facebook dentro da perspectiva de ampliar discussões, socializar produções, compartilhar informações sobre Arte. Através da observação participante e dentro da abordagem de uma pesquisa aplicada, foram realizadas observações e enquetes procurando utilizar a rede social para aumentar o tempo pedagógico nesta nova modalidade de ensino. Como resultado, percebemos uma ampliação das interações dentro desta rede, ultrapassando as fronteiras do componente curricular e abarcando outras áreas e atividades do EMITEc, apontando o uso do Facebook como possibilidade inovadora no ensino de Arte mediado por tecnologias.

Palavras-chave: Arte. Facebook. Mediação Tecnológica. EMITEc.

Introdução

O Emitec é um centro escolar criado pelo Governo do Estado da Bahia que utiliza a mediação tecnológica para atender o artigo 10^a da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional. O ensino mediado por tecnologia se caracteriza por transmitir aulas ao vivo para alunos no interior do estado em localidades de difícil acesso. Assistidos por um professor/mediador, estes alunos acompanham as aulas transmitidas de um estúdio localizado na capital do estado, a cidade de Salvador. Nesta modalidade de ensino os alunos acompanham diariamente as aulas, em horários regulares de segunda a sexta feira. São oferecidas aulas de todos os componentes regulares da grade curricular do Ensino Médio.

¹Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação. claudia.caribe@nova.educacao.ba.gov.br.

O ensino de Arte no Emitec é amparado na metodologia triangular proposta por BARBOSA (2012, 2009) que entende a construção do conhecimento em Artes a partir da interlocução de três eixos: a história, o conhecimento dos códigos e a experimentação. Dentro desta perspectiva a realização de atividades práticas é essencial, através da produção de objetos artísticos sejam eles uma dança, música, pintura ou vídeo, o sujeito se mostra, se constrói nas inter-relações pessoais e coletivas, estabelecendo relações entre o mundo natural e o imaginário. (FRANGE, 2012). Daí a necessidade de contemplar não apenas o conhecimento das produções artísticas através do conhecimento da história da arte, mas de propor e acompanhar atividades práticas, desta necessidade surgiu o grupo no Facebook.

Metodologia

Na atualidade é muito importante ao profissional da educação refletir sobre sua prática e propor novas mediações. Manter-se imerso no mundo em que vive, incorporando as mudanças sociais e tecnológicas no seu cotidiano é uma necessidade do profissional desta área. Na proposição de uma pesquisa aplicada a imersão no cotidiano escolar vivenciando os sucessos e as dificuldades do processo pedagógico são uma prerrogativa. Como professora de Arte no EMITec surgiu o questionamento: Seria possível ampliar o espaço pedagógico das aulas de Artes? A partir desta pergunta começamos a pesquisar possibilidades dentro do ambiente virtual.

Nossa primeira ação foi investigar as possibilidades no AVA do Emitec, propondo intervenções neste ambiente percebemos que existia uma limitação de espaço para troca de imagens, o que é muito importante na metodologia utilizada nas aulas de Arte. Diante disto fomos buscar nas redes sociais outras possibilidades de ampliar esta interação. Conhecer o espaço que se pretende intervir é de fundamental importância no sucesso de qualquer intervenção. Nesta perspectiva a imersão do professor nas redes sociais como usuário ativo, facilita a utilização das redes no processo de ensino,

Acreditamos, portanto, que é importante que o professor tenha tempo e oportunidades de familiarização com as TIC e redes sociais, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso mais adequados ao processo de ensino e da aprendizagem de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível. (LOPES; SANTOS, 2014, p. 285-286).

Sem esta familiaridade com o universo digital e conseqüentemente com as redes sociais, será difícil pensar e propor atividades utilizando de maneira efetiva o mundo virtual. No caso

da nossa pesquisa, a familiaridade com algumas redes sociais, permitiu a identificação de uma que atendesse as demandas pretendidas.

Resultados e Discussão

Para encontrar uma rede foi necessário estabelecer critérios para a seleção, estes foram: permitir o compartilhamento de imagens e informações por alunos e mediadores, possibilitar comentários nas imagens e apresentar uma interface familiar, com estes objetivos em mente chegamos ao Facebook.

As redes sociais como o Facebook têm o potencial de aumentar a frequência e diversificação de trabalhos colaborativos entre os estudantes e mesmo entre docentes e investigadores. Particularmente para o Ensino a Distância, onde um dos problemas é o isolamento dos estudantes, levando por vezes a desistirem dos seus estudos. Estas redes poderão contribuir de forma positiva pelo seu lado social e por possibilitarem um contacto frequente e próximo quer com colegas, ou docentes, mas também com especialistas, criando a sensação de pertença a uma comunidade e potenciando a integração ao mesmo tempo que a partilha e a colaboração. (MESSIAS E MORGADO, 2014, p. 419).

Em 2015 foi criado o grupo fechado Arte Emitec, destinado inicialmente apenas a compartilhar as produções realizadas em sala de aula. Em abril de 2019 o grupo contava com 1.954 membros, destes, 1.131 eram membros ativos que comentavam, compartilhavam, publicavam ou reagiam às postagens.

Diante do envolvimento do grupo, pensamos em ampliar as interações via Facebook, buscando novas estratégias para promover uma aprendizagem mais significativa. Procurando suporte teórico para ampliar as interações através desta rede social encontramos diversos autores que propõem a utilização do Facebook ora como estratégia pedagógica, outros como ampliações do tempo escolar, há ainda os que propõe o uso como possibilidade de imersão na cultura digital que está posta socialmente há algum tempo.

Destas interlocuções destacamos o pensamento de Amante, que dialoga com a proposta do trabalho pedagógico em Arte, ao pontuar que

O Facebook permite a auto expressão através do perfil, ao mesmo tempo em que favorece múltiplas oportunidades para compartilhar informações sobre a própria cultura, gostos, redes de amizade, filiação política, e outros aspectos que contribuem para a construção quer da identidade, quer das relações com os outros, desempenhando um papel importante em manter e desenvolver o capital social, podendo ainda ter reflexos nos contextos educacionais, independentemente da utilização específica destas ferramentas como espaços de aprendizagem formal. (AMANTE, 2014, p. 40).

Se através do Facebook é possível o compartilhamento de si através da divulgação de suas histórias, lugares e memórias, é imprescindível que este sujeito se reconheça enquanto

produtor e divulgador da cultura, nesta perspectiva é através da educação em Arte que este movimento pode acontecer.

No grupo hoje, além de apresentar as produções das aulas práticas, os alunos compartilham produções artísticas pessoais e o resultado de outras atividades desenvolvidas no Emitec que não guardam afinidade com artes, a exemplo da caminhada realizada pela equipe de Educação Física. É interessante perceber o envolvimento do aluno nas interações do grupo, e lembramos de Lopes e Santos (2014), as autoras entendem que as estratégias que emergem no Facebook possibilitam um diálogo entre os membros do grupo, permitindo que todos se expressem, criando alternativas de aprendizagem uns com os outros. E os outros é todo o grupo formado por professores de Arte, mediadores, alunos e ex-alunos, que permanecem no grupo após concluírem sua formação.

Além do compartilhamento de suas produções artísticas propostas durante as aulas, esta rede serviu para possibilitar outras trocas, de informações, socialização de resultados, compartilhamento de afetos. Este tipo de interação não prevista, espontânea e um pouco descontextualizada, mas que reflete este sujeito que está em outro espaço, mas que compartilha o espaço virtual, nos faz lembrar o texto de Fialho e Shimazaki, que afirmam,

Os alunos abandonam a posição passiva de receptores de conteúdos, característica dos modelos conservadores, para a posição de construtores do conhecimento, correspondendo às propostas de um paradigma inovador e mais voltado para a complexidade do mundo atual. (2014, p. 354).

Uma das exigências educacionais na atualidade é promover novas formas de interação no mundo, incluindo o ambiente digital neste contexto. A criação de um grupo fechado no Facebook vem de encontro a estas demandas do mundo contemporâneo. Compreendemos que a simples criação de um grupo no Facebook não habilita este estudante a condição de sujeito crítico e reflexivo, mas é uma iniciativa primeira que deve servir de estímulo a construções pedagógicas outras por parte dos professores para promover outras inferências neste ambiente.

Conclusões

O Facebook se apresenta como uma possibilidade muito interessante para ampliar as interações pedagógicas no ensino de arte mediado por tecnologias, ele apresenta a possibilidade de compartilhar, comentar e curtir as produções práticas realizadas em salas de aula. Esta rede social se apresentou, também, como um espaço para os estudantes compartilharem outras atividades desenvolvidas no Emitec com outros professores. Neste espaço é possível

proporcionar a interação entre os estudantes de localidades diferentes, oportunizando trocas culturais e estimulando a expressão de diversas habilidades artísticas.

O objetivo do artigo foi apresentar o Facebook como possibilidade de ampliação do espaço pedagógico dos alunos no ensino mediado por tecnologia onde a distância e as relações pessoais não acontecem presencialmente. Se o uso do Facebook nas interações pedagógicas em diversos níveis de ensino não é em si uma novidade, no ensino de arte mediado por tecnologia ele é uma construção e uma inovação, objeto de uma pesquisa aplicada em desenvolvimento. Neste levantamento inicial compreendemos as possibilidades interativas do Facebook, como em toda pesquisa aplicada a resposta a um problema não significa o fim da pesquisa, mas aponta novas perguntas e conduz a novas possibilidades pedagógicas.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades contributos da investigação. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

BARBOSA, A. M. A Imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, A. M. (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIALHO, Neusa; SHIMAZAKI, Neide. A Face educacional do Facebook um relato de experiência Patrícia Torres. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 349-364.

FRANGE, L. B. P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, A. M. (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 37 - 51.

LOPES, Maria Cristina; SANTOS, Rosimeire. Misturar, inventar, acreditar possibilidades de formação continuada no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 275-292.

MESSIAS, Inês; MORGADO, Lina. Facebook + LMS cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 403-428.



Espaço, memória e
(geo)tecnologias



+LUGAR: INTEGRANDO O VICON SAGA COM UMA APLICAÇÃO MOBILE HÍBRIDA

Murilo Guerreiro Arouca¹
Isa Beatriz da Cruz Neves²
Ricardo Lustosa Brito³

Eixo – Espaço, Memória e (Geo) Tecnologias
Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Na atual conjuntura, o desenvolvimento tecnológico possibilitou a convergência da cartografia para o espaço no âmbito digital, permitindo o seu aprimoramento e evolução de forma surpreendente. Nesse panorama, o mapeamento participativo pode ser facultado a população de forma ainda mais eficiente, pois, em detrimento dos componentes tecnológicos incorporados aos dispositivos móveis, tornou-se muito mais fácil coletar dados geográficos por meio desses artefatos. Destaca-se a oportunidade de aliar as mecânicas da gamificação, como também, aplicações voltadas a interfaces específicas, à plataforma Vicon SAGA. Dessa forma, o presente resumo tem como objetivo apresentar uma nova metodologia destinada a realização do mapeamento participativo, contemplando todo o processo de coleta de dados.

Palavras-chave: Mapeamento participativo. Cartografia. Gamificação. Dispositivos Móveis.

Introdução

Em virtude do advento da cartografia digital, as características que envolvem a palavra mapeamento ganharam novos contornos, de modo que, atualmente é possível realizar esse processo por meio de diversas formas extremamente dinâmicas. Rocha (2002, p.15) afirma que uma das características da cartografia digital é a não apresentação de limites da quantidade de informações a serem registradas. Desse modo, o mapeamento participativo ou mapeamento colaborativo se projeta como mais uma forma de alcançar esse objetivo.

Com o surgimento da vertente do mapeamento participativo na década de 80, tornou-se possível transpor fronteiras que até então não eram desbravadas. Dessa forma, pessoas que não estão diretamente vinculadas a núcleos e instituições de pesquisa também podem ajudar a

¹UCSal; Graduando em Engenharia de Software; murilo.arouca@ucsal.edu.br.

²UFBA; Doutorado em Educação e Contemporaneidade; isabeatrizneves@gmail.com.

³UFBA; Doutorado em Ciência Animal Nos Trópicos; lustosaricardo@gmail.com.

mapear os espaços nos quais elas estão inseridas. “Logo, nos estudos cartográficos, tem-se um ramo aplicado para o mapeamento com foco social, estabelecendo uma ponte entre as técnicas de construção do geógrafo e as pessoas que fazem parte da área a ser estudada, caracterizando assim o mapeamento participativo” (ARAÚJO; ANJOS; ROCHA-FILHO, 2017, p.129).

A tecnologia digital tem desempenhado um papel fundamental na difusão e aprimoramento da cartografia, de modo que, ela deixou de ser apenas fundamental no âmbito da representação gráfica e também passou a ser essencial no que tange a coleta e armazenamento dos dados geográficos. Mediante esse conceito, alguns softwares foram desenvolvidos com a finalidade de simplificar essas atividades. De acordo com Souza; Ferreira; Rodrigues (2004, p.137), “Se o progresso tecnológico, por um lado, facilitou o desenvolvimento desses sistemas, também permitiu aperfeiçoar os mecanismos de aquisição de dados georeferenciados.”

A plataforma Vicon SAGA (Vigilância e Controle), desenvolvida na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), no Laboratório de Geoprocessamento da UFRJ – LAGEOP/UFRJ, é um SIG (Sistema de Informação Geográfica), software livre, que pode ser empregado não apenas no que diz respeito ao armazenamento, como também, no processo da coleta dos dados geográficos. Disponível nas versões Web e Mobile a plataforma se destaca pela multiplicidade de opções voltadas a coleta e armazenamento de dados. A confecção das fichas de coleta são customizáveis, facultando grande autonomia para os pesquisadores. É importante ressaltar que, assim como é possível armazenar os dados geográficos e outras informações em formato de texto, também é possível o armazenamento de arquivos de mídia, como imagens de diferentes formatos e exporta-los de diferentes formas.

Silva e Marino (2011, p.3) consideram que o Vicon SAGA oportuniza diferentes linhas para aplicação, “Estas linhas abrangem desde a gestão de recursos de uma propriedade rural, catalogando todos os eventos e entidades nela ocorrentes e os relacionando para fins de previsões financeiras, até aplicações pedagógicas e de administração escolar.”

Embora as características elencadas acima por si só, já demonstrem algumas potencialidades e os recursos do Vicon SAGA, a plataforma ainda disponibiliza uma *Application Programming Interface* (API). Em tese, uma API é um conjunto de padrões criados pelos desenvolvedores de um software, sendo destinada a quem deseja utilizar os seus serviços sem necessariamente ter que os desenvolver.

Tendo em vista a oportunidade concedida pela disponibilização dessa API e a possibilidade de realização da coleta de dados para o mapeamento participativo, um grupo multirreferencial de pesquisadores e desenvolvedores do Instituto de Humanidades, Artes e

Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA), do Instituto de Saúde Coletiva (ISC/UFBA), de Engenharia de Software (UCSAL) e de Design (UNEB) propuseram o desenvolvimento do +Lugar, um aplicativo multiplataforma que pretende fomentar o mapeamento participativo com o emprego do conceito da gamificação para promover o engajamento e o compromisso do seu usuários em ajudar a melhorar o ambiente em que estão inseridos, objetivando primordialmente a saúde coletiva e o controle de zoonoses.

Esse aplicativo para dispositivos móveis integra toda a parte da estrutura de criação das fichas de coleta e armazenamento de dados do Vicon SAGA, entretanto, possui uma interface específica e outros componentes inerentes ao conceito de gamificação e requisitos de acessibilidade. A concepção dessa aplicação surgiu a partir da necessidade de uma interface e mecânicas específicas para a coleta dos dados a serem mapeados, de forma que, as mecânicas de gamificação, bem como, questões voltadas a acessibilidade, foram consideradas indispensáveis durante a elaboração do projeto.

Metodologia

Para a construção dessa aplicação foi empregado o modelo de desenvolvimento mobile híbrido. Silva; Pires; Neto (2015, p.3) detalham que, "Aplicações "híbridas" consistem em uma categoria especial de aplicações web que ampliam o ambiente do aplicativo baseado na Web através da utilização de APIs nativas da plataforma disponível em um determinado dispositivo." Dessa forma, o ionic framework foi utilizado como plataforma de desenvolvimento juntamente com o *Integrated Development Environment* (IDE) Visual Code. O *Hypertext Markup Language* (HTML) e o *Cascading Style Sheets* (CSS) foram as linguagens de marcação empregadas para o desenvolvimento *front-end* aliadas a linguagem de programação *TypeScript*. A estrutura do *back-end* da aplicação foi facultada por meio da API disponibilizada pelo Vicon SAGA, de forma que, foram realizadas todas as edições necessárias para que fosse possível a coleta de dados e ajustes de interface das fichas no aplicativo +Lugar.

A implementação da API do Google Maps foi realizada para a obtenção da latitude e longitude do usuário, bem como, o Vicon SAGA utiliza a mesma ferramenta para este fim. Dessa forma, toda dinâmica de interface e mecânica de coleta de dados são realizados no aplicativo +Lugar, que ao realizar a integração com o Vicon SAGA, por meio de sua API, realiza todo o processo de persistência dos dados geográficos no SIG.

Resultados e Discussão

Conforme a apresentação dos primeiros protótipos, sobreveio a aderência do ISC como um grande aliado do projeto, resultante dessa parceria, a aplicação ganhou uma nova vertente voltada a pesquisadores e instituições. Dessa forma, hoje existe uma seção específica apenas para projetos de mapeamento vinculados a instituições, por exemplo, o projeto Comunidade em Ação contra Zoonoses e para o Ambiente (CAZA) do ISC, projeto esse que assim como outros projetos da mesma seção requerem credenciais de acesso, diferentemente da seção principal, que é aberta e destinada ao público em geral.

Com previsão de publicação e distribuição gratuita nas duas maiores lojas de aplicativos digitais (App Store e Play Store) no início do mês de maio de 2019. O aplicativo já se encontra em fase de testes, com um projeto piloto em três comunidades localizadas no subúrbio ferroviário da cidade de Salvador, onde sua utilização é facultada para os jovens dessas comunidades que integram o projeto CAZA do ISC. Abaixo estão dispostos os prints da tela principal do App em um smartphone Android.



Figura 1 – Tela principal
Fonte: Aplicativo +Lugar (2019).



Figura 2 – Seção institucional
Fonte: Aplicativo +Lugar (2019).

Conclusões

Conforme podemos observar no que foi descrito acima, o Vicon SAGA é uma plataforma que se destaca no que tange ao armazenamento de dados geográficos, desse modo, podemos utilizá-la na realização do mapeamento participativo de forma extremamente eficaz. Por meio do estudo realizado, percebe-se que a utilização do Vicon SAGA é facultada de diferentes formas, de modo que, o seu banco de dados geográfico pode ser integrado com outras aplicações, compostas por diversas interfaces e mecânicas que são capazes de intermediar o acesso dos usuários a essa plataforma. Por meio da criação e integração dessas aplicações com

o Vicon SAGA, é possível realizar o mapeamento participativo de forma lúdica, com interfaces específicas e utilização de mecânicas e conceitos da gamificação para provocar o engajamento dos seus respectivos usuários. Desse modo, o +Lugar se utiliza da capacidade de armazenamento e mecânicas de persistência de dados geográficos facultada pelo SIG. Como também, entrega uma ferramenta personalizada, intuitiva e gamificada que propõe o mapeamento participativo voltado a zoonoses e saúde coletiva de forma lúdica e dinâmica. A competência de se destinar tanto a população de modo geral quanto a pesquisadores vinculados a instituições evidencia a flexibilidade possibilitada por essa abordagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Franciele Eunice; ANJOS, Rafael Silva; ROCHA-FILHO, Gilson Brandão. **Mapeamento Participativo: Conceitos, Métodos e Aplicações**. Bol. geogr., Maringá, v. 35, n. 2, p. 128-140, 2017

ROCHA, Ronaldo dos Santos da. **Exatidão Cartográfica para as Cartas Digitais Urbanas**. 2002. 126f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SILVA, Jorge Xavier da; MARINO, Tiago Badre. **A Geografia no Apoio à Decisão em Situações de Emergência**. Revista Geográfica de América Central, Costa Rica, Vol. 2, p. 1-14, julho, 2011

SILVA, Leandro Luquetti B.; PIRES, Daniel Facciolo; NETO, Silvio Carvalho. **Desenvolvimento de aplicações para dispositivos móveis: tipos e exemplo de aplicação na plataforma IOS**. Franca/SP, 2015.

SOUZA, Luiz Humberto de Freitas; FERREIRA, Ivone Luzia.; RODRIGUES, Silvio Carlos. **Cartografia Digital Aplicada ao Mapeamento Geomorfológico**. Sociedade e Natureza, Uberlândia, v. 16, n. 30, p.133-144, jun. 2004.



A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO BAIANO

Leandro Oliveira de Menezes¹
Simone Santos de Oliveira²

Eixo – CINTERGEO – Comunicação Científica
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Trata-se de uma proposta de pesquisa inicial, de natureza básica, de abordagem qualitativa, ancorada nos princípios teórico-metodológico da (auto)biografia, tendo a entrevista narrativa e o questionário semiestruturado como dispositivos de recolha de informações, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia. A problemática é: - como o ensino de História pode contribuir com a formação identitária dos estudantes do ensino médio das escolas localizadas no Território de Identidade do Recôncavo Baiano? A intenção primordial é investigar como o ensino de História, nos municípios de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix, contribui para a formação identitária dos estudantes do ensino médio que vivem no Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Além disso, intenta-se, também, discutir a importância da categoria Território para o ensino de História; conhecer quatro unidades escolares públicas que oferecem o ensino médio nos municípios de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix para analisar a relação entre o ensino de História e a construção da identidade dos sujeitos que vivem no Território do Recôncavo Baiano; caracterizar as unidades escolares, campo empírico, e os colaboradores da pesquisa empreendida no Território de Identidade do Recôncavo Baiano para analisar como o ensino de História contribui para a formação identitária dos estudantes do ensino médio que vivem no Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Os resultados da pesquisa serão

¹ Autor. Licenciado em História e Bacharel em Administração, ambos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e MBA em Administração e Qualidade. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia (PROET/UNEB). E-mail: 4menezes@gmail.com.

² Orientadora. Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Ensino, em Metodologia do Ensino de Geografia e em Projetos Educacionais. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela UEFS. Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB). Professora Assistente B do Curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da UNEB (*Campus XI/Serrinha*). Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Membro dos grupos de pesquisas GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral) e GEO(BIO)GRAFAR (Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET/UNEB). E-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br.

divulgados em meios e eventos acadêmicos, de modo a colaborar com a ampliação sobre as questões que versam sobre a identidade dos sujeitos do território investigado.

Palavras-chave: Ensino de História. Identidade. Território de Identidade do Recôncavo Baiano.

Introdução

Território e identidade não são palavras tão fáceis de conceituar, tendo em vista que diversos são os campos do saber que se debruçam sobre eles na busca por lhes compreender e estudar os seus desdobramentos. A Geografia, a História, a Psicologia, a Sociologia são algumas dessas áreas. Afora as dificuldades conceituais, é cabível relacioná-los, reconhecendo que estão imbricados, sobretudo, por só existirem devido à existência e relações humanas.

O processo de apropriação dos espaços pelos sujeitos cria territórios (HAESBAERT, 2004). Os sujeitos ao nascerem, em um determinado país, em uma determinada região, usufruem de territórios que extrapolam o espaço meramente político, pois interferem em sua exposição a uma determinada cultura, dotada de certa capacidade econômica, e por suas características inatas vincula-se emocionalmente a estes territórios dos quais faz parte. Esta trajetória de exposições a territórios e as relações sociais que vivencia neles contribuem com a formação identitária dos sujeitos. Posteriormente, com o passar dos anos e a aproximação da vida adulta, vai fazendo escolhas, cada vez mais conscientes, proporcionando a vinculação a outros territórios.

Milton Santos (2007a; 2007b; 2014) contribuiu significativamente com essa discussão, tendo em vista que também se negava a ver o território apenas por seus contornos físicos, e denunciava, em suas obras, o território como um espaço ressignificado pelos seres humanos e, no sistema capitalista, estes espaços se tornam fonte de exclusão social.

Não distante destas discussões está o debate sobre formação identitária. Compreende-se que a identidade é o que torna os sujeitos diferentes, ao menos psicologicamente, e ela é fruto da cultura a que foi apresentada/inserida, das experiências que viveu e das relações que estabeleceu com outros sujeitos ao longo da vida nos lugares vividos num determinado território. Ou seja, as relações que os sujeitos estabelecem nos lugares que constituem um determinado território interferem na construção identitária, e posteriormente conduz o sujeito a outros tantos territórios.

Neste sentido, a escolha do objeto desta pesquisa é justificada não somente pela importância acadêmica em ampliar tal discussão, mas, sobretudo porque a discussão identitária

perpassa pelas questões e temáticas que fazem parte do currículo escolar do componente de História na escola básica e pode contribuir com a formação identitária de jovens durante seus processos de escolarização, pois as discussões promovidas por esta disciplina no âmbito escolar contribuem com a formação dos sujeitos, na medida em que apresenta temáticas que envolvem a sociedade, os problemas sociais, as formas de enfrentamentos, em diferentes tempos históricos, e possibilita a compreensão sobre fontes históricas, rupturas e permanências, ou seja, promove a alfabetização histórica (LEE, 2006).

Estudar o Recôncavo Baiano (BAHIA, 2015), mais precisamente as cidades de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix, decorreu das discussões vinculadas ao Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Regional Sustentável, da Faculdade Adventista da Bahia, pois o grupo vem estudando os quatro municípios, de modo a arregimentar argumentos que favoreçam um trabalho conjunto deles a respeito das possibilidades endógenas de desenvolvimento. Os conceitos discutidos pelo grupo perpassam por estas questões, dentre outras, como a do pertencimento, da participação social, do engajamento político, da economia criativa, e do desenvolvimento territorial endógeno. O grupo alimenta uma proposta de pesquisa associada a extensão, pois propõe que as discussões necessitam quebrar as barreiras da universidade e ir em busca do melhoramento das condições de existência do seu entorno. Não só desejam incentivar a articulação política entre estes municípios, como a criação de um selo que caracteriza a produção local, entre outras ações. Portanto, pesquisar a temática voltada para a identidade dos sujeitos da região é demonstrar respeito por esta localidade tão importante para a história do país e do estado, mas que vem perdendo prestígio ao longo dos anos. Desse modo, justifica-se a intenção de investigar a relação entre o ensino de história, a formação identitária e o recôncavo baiano.

A intenção primordial da pesquisa vinculada ao PROET/UNEB é investigar como o ensino de História, nos municípios de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix, contribui para a formação identitária dos estudantes do ensino médio que vivem no Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Além disso, intenta-se, também, discutir a importância da categoria Território para o ensino de História; conhecer quatro unidades escolares públicas que oferecem o ensino médio nos municípios de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix para analisar a relação entre o ensino de História e a construção da identidade dos sujeitos que vivem no Território do Recôncavo Baiano; caracterizar as unidades escolares, campo empírico, e os colaboradores da pesquisa empreendida no Território de Identidade do Recôncavo Baiano e analisar como o ensino de História contribui para a formação identitária dos estudantes do ensino médio que vivem no Território de Identidade do Recôncavo Baiano.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, explicativa, do tipo estudo de caso, ancorada nos princípios do método (auto)biográfico, cujo campo empírico é o Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Importa destacar que o estudo (auto)biográfico é um método que respeita as singularidades de cada sujeito, pois permite que as histórias pessoais surjam de modo natural, na sequência e formato escolhidos pelo contador, respeitando as situações vividas (SOUZA, 2014).

O campo empírico deste estudo envolve 4 escolas localizadas no Território de Identidade do Recôncavo Baiano, mais precisamente nos municípios de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba e São Félix, cujos colaboradores serão 4 professoras(es) que lecionam a disciplina História e 8 estudantes vinculados às escolas públicas de ensino médio destes municípios.

Como dispositivo de recolha de informações, optou-se pela entrevista narrativa, com uso de gravador digital, por ser um tipo de entrevista extremamente rico para o pesquisador, tendo em vista que a percepção sobre o momento da narrativa concedida também é um dado importante a ser analisado pelo pesquisador.

Para fins de organização da análise e, posteriormente da escrita, o método a ser utilizado é o da análise compreensiva-interpretativa em três tempos – Tempo I, Tempo II e Tempo III (SOUZA, 2006; OLIVEIRA, 2017). No primeiro tempo focar-se-á em localizar na narrativa informações que contribuam para traçar o perfil dos colaboradores da pesquisa; no segundo tempo, a busca é por identificar nos relatos trechos que se relacionem às dimensões de análise; e, por fim, no terceiro tempo uma análise mais aprofundada sobre os conteúdos apresentados e as relações entre as frases.

Resultados e Discussão

A presente pesquisa ainda está em fase preliminar, tanto nas leituras mais aprofundadas de fundamentação teórica, quanto no aguardando do retorno do comitê de ética, para então, definitivamente ter acesso aos colaboradores da pesquisa. Portanto, ainda não possui dados a serem apresentados, mas acredita-se que os colaboradores poderão apresentar, em suas narrativas, uma concepção zonal de território (HAESBAERT, 2004) e uma compreensão acerca da relação da formação identitária e o ensino de história.

Conclusões

Acredita-se que as pesquisas nesta área possam contribuir com a ampliação das discussões teóricas acerca do objeto desta investigação e do método (auto)biográfico, bem como para reflexões curriculares sobre o ensino de História na formação identitária dos sujeitos que vivem no Território de Identidade do Recôncavo Baiano. Dessa forma, iniciar as entrevistas é condição imprescindível para não só alcançar os objetivos desta pesquisa, mas também conhecer as histórias de vida dos colaboradores que vivem neste recorte do território baiano.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Planejamento (SEPLAN). **Política territorial do Estado da Bahia**. 2015. Disponível em: http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/PUBLICACOES_TERRITORIAIS/Historico_da_Politica_Territorial_da_Bahia.pdf. Acesso em: 30 abr. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. In: **Educar**. Curitiba: UFPR, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5543/4057>. Acesso em: 30 abr. 2019.

OLIVEIRA, Simone Santos de. **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação**. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: USP, 6ª ed., 2ª reimp., 2014.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: USP, 2007a.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação**. v. 39, n. 1, jan/abril, 2014, p. 39-50

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Conhecimento de si**. Estágio e narrativas de formação de professores. Salvador-Ba: UNEB, 2006.



ARQUIVO ESCOLAR DIGITAL E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO

Antônia Reis Barbosa¹
Itayara Cunha D'Santiago²
José Antônio Carneiro Leão³

Eixo – História e Memória
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

No movimento de democratização da informação em favor do desenvolvimento do uso de tecnologias da comunicação e informação (TIC) em processos pedagógicos, as escolas públicas podem se valer de documentos orientadores das práticas de um lugar, transformando-os em documentos digitais e/ou virtuais para difusão de conhecimento e saberes dos professores da rede pública de ensino. Na era pós-custodial, o arquivo escolar digital se configura, como dispositivo, para digitalização dos planos de trabalho, criando repositórios com intuito não apenas de guarda, mas também para difundir práticas pedagógicas, de modo a ampliar as redes sociais de interesses, em múltiplas interconexões, tecendo ideias e valores, com o espaço de memória e história de um lugar. Diante disso, o objetivo desse estudo foi de tabordar os aspectos estratégicos da digitalização e virtualização dos documentos do Colégio Estadual Governador Lomanto Jr. (CEGLJ). Para a realização do artigo, ele debruçou-se em pesquisa aplicada de abordagem qualitativa, com procedimento metodológico a partir de estudo de caso, pesquisa bibliográfica e documental, além de sites do âmbito governamentais que tratam do acesso à informação. Ao longo do processo de pesquisa percebe-se a necessidade de se criar uma cultura digital no CEGLJ para fomentar o acesso da comunidade escolar à internet e às tecnologias digitais.

Palavras-chave: Arquivo Escolar. Era pós-custodial. Documento. Democratização do Acesso à Informação.

¹Professora do CEGLJ; Licenciada em História; Espc. Ed. À Distância; Mestranda GESTEC; reisantonia@hotmail.com

²Professora do CEGLJ; Pedagoga, Licenciada em Letras e Bchl em Direito; itayara2006@yahoo.com.br

³Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) – DCH1; Professor do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). UNEB. zeleao63@gmail.com

Introdução

O presente documento é resultado de estudo que se iniciou a partir da pesquisa de dissertação de mestrado pertencente ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC, onde trata da importância do arquivo escolar como lugar de memória e de história do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior (CEGLJ). Lugar ao qual estamos vinculadas ao exercício da docência como servidora pública estadual. Contudo, na contemporaneidade, era das tecnologias da informação e comunicações (TIC), frente ao movimento crescente em favor da democratização ao acesso à informação, principalmente nos contextos da organização pública, apresenta-se neste recorte, o estudo acerca da relevância do arquivo digital na era pós-custodial⁴. (DUARTE, 2013)

Segundo o Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ (1997) documentos públicos devem ser disponibilizados ao público. No caso da escola, os documentos são: livros de registro de atas de reuniões da associação de pais e professores, de visitas, de reuniões pedagógicas. Atas de conselhos de classe, de convocação de pais e professores, de advertência, atas finais de aprovação e reprovação de alunos, dentre outros documentos, tais como Projeto Político Pedagógico, livro de tomo de bens, dentre outros. Sendo assim, o arquivo escolar digital torna-se mais um canal de informação e formação de redes a partir da interconexão com a sociedade, pela possibilidade de disponibilizar a todos que desejem acesso livre à produção de documentos resultantes de práticas pedagógicas e processos administrativos de um lugar, que neste estudo trata-se do CEGLJ.

A relevância deste dispositivo⁵ está na necessidade de a escola fazer parte desse movimento de democratização da informação, fomentando o acesso da comunidade escolar à internet e às tecnologias digitais, na trilha da virtualização dos ambientes de aprendizagem. A urgência em digitalizar documentos escolares, já produzidos e, criar a cultura de produzir documentos virtuais, na condição de escola pública democrática, conduz às práticas e processos pedagógicos de acesso livre inserindo a escola na cultura digital. Tal movimento deve acontecer através da aquisição e desenvolvimento de competências para a sociedade digital e, portanto a emergência da criação de arquivos digitais, não apenas como repositório

⁴ Novo paradigma emergente, apelidado de científico-informacional, implica uma alteração profunda de perspectiva, muda o objeto de estudo e de trabalho do “documento” para a “informação”, convoca metodologias de investigação adequadas ao estudo de um fenômeno humano e social (a informação),

⁵ Dispositivo consiste numa rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, tais como: o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; e a relação entre discurso e a prática, as ideias e as ações, atitudes e comportamentos. É “um conjunto resolutamente heterogêneo incluindo discurso, instituições, organizações ou arranjos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas (...) eis os elementos do dispositivo. O dispositivo em si mesmo é a *rede que se estabelece entre esses elementos*.”

de guarda da memória, mas como dispositivo (FOUCAULT, 2016) de saberes e práticas pedagógicas próprias de um lugar, garantindo a sobrevivência dos valores locais, da memória e da história representativa de um lugar, rompendo com a pasteurização e homogeneização das práticas pedagógicas, no contexto da globalização, a partir do percurso que pode ser igual a todos, do que ocorre entre as pessoas, podendo ser igual ou de diferentes percepções, e o que fica incorporado em cada um, o que pode vir a ser singular (LEÃO, 2016).

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é de apresentar possibilidades de documentos que os levem a sua digitalização e virtualização, a partir da experiência do CEGLJ, com a apresentação de métodos e procedimentos ao adotar a cultura digital como uma prática do cotidiano escolar. Tal fenômeno tem imposto às nações reordenar a sociedade a partir dessa forma de se comunicar e estabelecer relações com o outro e com o mundo, partindo da prerrogativa dos Direitos Humanos na qual, todos possam vivenciar a cultura das redes sociais e da internet para poder criar, acessar, utilizar, compartilhar informações e produzir conhecimento, tornando-se desafio que se impõe a todas as sociedades democráticas articuladas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC) como projeto base para o desenvolvimento.

Metodologia

A perspectiva de concepção metodológica dialética concebe a epistemologia nesse estudo de caso entendida a partir da realidade em permanente movimento, de realidade histórica sempre mutante, nunca estática ou uniforme, devido às tensões que exercem as contradições entre seus elementos afetando diretamente no cotidiano escolar. Pela sua natureza a pesquisa é de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. A análise de dados foi desenvolvida a partir de BARDIN (1977, p. 119) após sistematização dos documentos. Este autor aborda que uma boa análise depende da categorização adequada dos elementos em estudo.

Segundo RABELLO (2018) todo documento contém valor social e institucional, e considera ao menos 11 (onze) caminhos que podem se intercruzar, para análise documental. Contudo, para este estudo apenas foi considerado os pré-requisitos: a institucionalidade; cultura material; práticas informacionais e; organização do conhecimento. Portanto a construção metodológica contempla algumas etapas: sistematização dos documentos; captura de imagens; conversão dos documentos ou imagens em arquivos TIF, PDF ou JPG; Indexação (ordenar) e por fim; Arquivar em plataforma digital.

Em relação aos documentos considerados permanentes, quais sejam, os de valor histórico, probatório e informativo, eles devem ser preservados, como: Prontuário de alunos; Prontuário de docentes, de equipe técnico-pedagógica, de funcionários, documentos pessoais de identificação, currículo, documentos que comprovem a formação - certificado de conclusão, histórico escolar e diploma; Atas dos resultados finais de avaliação; Livros de termos de visita; Publicações no Diário Oficial sobre a escola; Livros de atas de matrícula, ocorrências com alunos, equivalência de estudos, registro de certificados expedidos, conselhos de classe/série/ano; Regimentos, planos de cursos e planos escolares aprovados; Registros de controle de frequência de docentes e funcionários.

Resultado e Discussão

Através desse processo de digitalização de documentos contidos em arquivo do CEGEJ e sua disponibilização ao público através da digitalização é possível estudar as diversas realidades das práticas e processos pedagógicos a partir de documentos encontrados. Assim, arquivo escolar digital responde ao paradigma pós-custodial quando não se restringe à custódia dos documentos, ou seja, sua guarda, dando ênfase também a difusão da informação sistematizada a partir de classificação, ordenação e descrição. Espera-se a preservação dos documentos existentes; a economia de espaço; agilidade na consulta. Além de simultaneidade de acesso e compartilhamento da Informação.

O grande desafio das escolas na era das TIC, além de se inserir na rede a partir de novos paradigmas refletindo sobre seus processos e práticas educativas, é garantir acesso à informação, à memória e a história do lugar, confirmando-se como espaço democrático de formação de cidadãos críticos e reflexivos. “é preciso que sejam sistematizadas e refletidas as experiências concretas e os métodos experimentados, para que se possa refletir e ampliar nossas concepções de educação na era da informação” (SOUZA, 1999, p.44).

Sendo a educação, um dos elementos fundamentais, na democratização do acesso ao meio digital de informação e comunicação, há que se criar um movimento nas escolas públicas para fortalecer a cultura digital na comunidade escolar, como condição para a democratização do acesso. É preciso estimular a criação de redes de interesses, que se desdobra em múltiplas interconexões tecendo fluxos de intercâmbio de ideias, valores, fortalecendo a sociedade em rede que cada vez mais dependente das interações, dos compartilhamentos e inovações para seu desenvolvimento. A difusão do conhecimento e a inserção da escola na rede como elemento essencial para o desenvolvimento de tecnologias sociais no que diz respeito à preservação e difusão das memórias, o arquivo digital torna-se

este dispositivo, de interação de práticas pedagógicas ao criar novos espaços de socialização de aprendizagens onde a interação, a comunicação e a colaboração surgem como fatores-chave de utilização. A escola, portanto, apresenta identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição, na sua multidimensionalidade, assumindo o arquivo escolar digital papel significativo na construção dessa memória escolar que segundo MOGARRO (2005) a escrita, como materialidade documental, tem uma posição de grande centralidade no cotidiano escolar - na gestão administrativa, nas relações pedagógicas, na construção de saberes, nas relações sociais, estando presente em toda a vida da instituição.

Conclusão

Hoje, é uma questão de cidadania e direitos humanos, conhecer e ter acesso aos conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por órgãos e instituições de caráter público e privado. A escola, sendo um espaço público educativo formal, atende a procedimentos e rotinas de caráter didático-pedagógico e administrativo, que registra o cotidiano escolar, e, portanto, deve garantir que seus documentos sejam preservados e disponibilizados livremente através de arquivo digital. Esse dispositivo, porém, amplia a perspectiva da difusão de saberes e práticas de um lugar ao tornar público, facilitando o acesso àqueles que desejam a compreensão e aprofundamento das práticas do CEGEJ, construindo novas narrativas e possibilidades pedagógicas.

Por conseguinte, a ressignificação faz do espaço / tempo / ação escolar e sua função das TIC faz emergir do lugar, das demandas locais e dos sujeitos que compõem sua história, processos educativos a partir da tríade sujeito-história-lugar. O que faz mobilizar as tecnologias sociais, que consistem na interação entre saberes da sociedade e da comunidade acadêmica, visando à inclusão social, atendendo a características peculiares de cada local. Assim, cumpre o papel da escola, visto que, ao apresentar a escola como microcosmos, com formas e modos específicos de organização e funcionamento, ela representa e constitui as contradições do sistema educativo.

Diante do exposto, pode-se dizer que nos arquivos das instituições escolares é possível encontrar documentos de diversos tipos e registros de caráter administrativo, pedagógico e histórico, documentos esses de valor inestimável, como: álbuns de fotografias, relatórios, prontuários de alunos e professores entre outros, que permitem a compreensão do processo de ensino, da cultura escolar e, conseqüentemente tornando-se fontes de informações fundamentais para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

GATTI, B.A. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. In: RBPAAE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

BARDIN, Laurance. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Zeny. **Arquivos, bibliotecas e museus à luz da era pós-custodial**. Salvador: EDUFBA, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber** – Introdução de António Fernando Cascais. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2016.

LEÃO, José Antônio Carneiro. **Trilhas do Belo na Corpografia de Dinâmicas Socioculturais em Igatu**. Salvador: Geotec, 2016.

MOGARRO, M. J. **Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória**. *Pro-Posições*, v. 16, p. 103 – 116, jan./abr. 2005.

RABELLO, Rodrigo. **Documento e institucionalidades: dimensões epistemológica e política**. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, vol. 23, núm. 51, janeiro-abril, 2018, pp. 138-156. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, Marcio Vieira de **Mídia e conhecimento: a educação na era da informação**. In: *Revista Vozes & Diálogo*, nr.3, Itajaí: UNIVALI, 1999.



CRIAÇÃO DE UMA INTERFACE WEB PARA VISUALIZAÇÃO DE ORTOFOTO DO CAMPUS CENTRO POLITÉCNICO DA UFPR

Marciano da Costa Lima¹
Luciene Stamato Delazari²
Silvana Philippi Camboim³

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Este trabalho discorre sobre o desenvolvimento de uma interface *web* para visualização de duas ortofotos do Campus Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Para que a exibição dos dados ocorresse de forma fluida, devido ao volume de dados de cada ortofoto, realizou-se a formação de pirâmides com diversos níveis de camadas reamostradas, sendo a sua exibição manipulada pelo gerenciador de geoserviços Geoserver. O uso desta metodologia diminuiu o volume de tráfego no servidor *web* e causou menos custo operacional ao navegador com a exibição dos dados. Este trabalho foi desenvolvido no segundo semestre de 2018 durante a disciplina Desenvolvimento de Aplicações Geoespaciais, no programa de Pós Graduação de Ciências Geodésicas (PPGCG) da UFPR, com a proposta de aprimorar o aprendizado de novas tecnologias com uso de *software* livre e aberto, no âmbito das geociências.

Palavras-chave: Pirâmide Raster. Geoserver. Interface *WEB*.

Introdução

Dentre os produtos para utilização de dados geoespaciais, destacam-se os mapas elaborados com o uso de arquivos no formato vetorial e matricial. Pelas suas características, arquivos vetoriais são de fácil manipulação utilizando-se um banco de dados, o que possibilita seu armazenamento em tamanho reduzido. Para aplicações *web*, estes não costumam apresentar problemas, pois o volume de tráfego de dados e o custo computacional na sua utilização são baixos. O mesmo não ocorre quando se trata de dados matriciais, também denominado *Raster*.

1Universidade Federal do Paraná; Eng. Agrimensor e Cartógrafo, mestrando do PPGCG; marcianodacostalima@gmail.com.

2Universidade Federal do Paraná; Eng. Cartógrafa, professora Dra. do PPGCG; luciene@ufpr.br.

3Universidade Federal do Paraná; Eng. Cartógrafa, professora Dra. do PPGCG; silvanacamboim@gmail.com..

Dados geoespaciais no formato *Raster* são formados por uma matriz de *pixels*, os quais contêm valores que representam uma condição da área coberta por estes. O tamanho de um arquivo *Raster* é proporcional a quantidade de *pixel* armazenada, isto é, quanto maior for o volume de dados, maior será o tamanho do arquivo. E quando se trata de tráfego de dados *web*, este grande volume de dados pode ocasionar problemas de transferência.

Para contornar o problema de tráfego *web* e custo computacional com o uso de arquivos *Raster*, a maioria dos *softwares* de Sistema de Informação Geográfica (SIG) utiliza-se do recurso de pirâmides (NEILD, 2002). Uma pirâmide *Raster* corresponde a subdivisão de um único arquivo *Raster* em diversos níveis e *Tiles*. Uma *Tile* refere-se a um bloco de uma imagem *Raster*. Cada nível de uma pirâmide *Raster* é formada por um mosaico das *Tiles* que formam uma nova imagem resultante de reamostragens da imagem original, a fim de se obter níveis de menor detalhamento e conseqüentemente menor tamanho de armazenamento (figura 1). Para criação das pirâmides *Raster* deste trabalho utilizou-se uma extensão da biblioteca GDAL em Python.

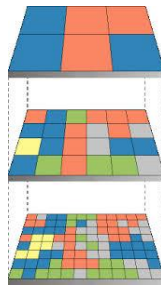


Figura 1 - Esquema de realização de pirâmide *Raster*

Fonte: NEILD, 2002

O uso de aplicações *web* para gerenciamento de dados geoespaciais tem se tornado uma tendência pelo conforto e comodidade que a *web* proporciona (MENEGUETTE, 2012). Para o acesso a dados geoespaciais é comum o uso de geoserviços *web*. Estes geoserviços possuem a capacidade de administrar os dados, permitindo seu armazenamento, visualização, edição e obtenção. A *Open Geospatial Consortium* (OGC) definiu vários tipos de geoserviços para acessar dados geoespaciais, dentre estes, o *Web Feature Services* (WFS) e o *Web Map Services* (WMS). O primeiro realiza o acesso direto aos dados - e permite ler, escrever e atualizar seus recursos. Já o segundo realiza a transformação dos dados em um formato final de visualização (vetorial ou matricial) (OGC, 2019).

Para este trabalho, utilizou-se o servidor de geoserviços Geoserver (<<http://geoserver.org>>). O Geoserver é um software livre que permite aos usuários visualizar e editar dados geoespaciais, integrando diversos repositórios de dados geográficos com

simplicidade e alta performance, possibilitando grande flexibilidade na criação de mapas *web* e compartilhamento de dados (GEOSERVER, 2018). Ele utiliza os geoserviços WMS e WFS, além de outros. O Geoserver permite acesso ao banco de dados, e possibilita criar camadas (*layers*) de visualização dos dados geoespaciais para disponibilizar em formato de geoserviços.

A importância deste trabalho se deve à importância da visualização de dados *Raster* e a grande demanda por parte de usuários para a disponibilidade destes dados. Deste modo, esta pesquisa contribui em facilitar a visualização e a distribuição destes dados. Para isto, criou-se uma interface *web* para visualização dos dados geoespaciais e criação das pirâmides *Raster*. Utilizou-se a linguagem Python com HTML e JavaScript, com o uso do Geoserver para dispor os geoserviços necessários.

Metodologia

A principal biblioteca de manipulação de dados *Raster* existente atualmente é a GDAL, disponível em diversas linguagens e utilizada neste trabalho. Uma extensão da biblioteca GDAL para a criação de pirâmides *Raster* é a GDAL_RETILE. Esta extensão possui um conjunto de definições que são necessários para a execução da função e criação das *Tiles* da Pirâmide desejada. Dentre estes, podemos destacar: i) o método de reamostragem das *Tiles*; ii) número de níveis da pirâmide; iii) tamanho de *pixels* das *Tiles*; iv) projeção da imagem; e, v) formato da imagem resultante.

Observa-se que quanto maior a imagem original, a utilização de poucos *pixels* para as *Tiles* gera uma quantidade muito grande de *Tiles* geradas, o que pode ocasionar aumento no custo computacional do servidor para gerenciar as pirâmides. Entretanto, um número grande de *pixels* por *Tiles* ocasiona grande volume de tráfego de dados, o que pode ocasionar lentidão no acesso pelo usuário dos dados. Com o propósito de determinar-se a quantidade de níveis a ser utilizada para a criação da pirâmide, utilizou-se uma equação disponível no tutorial do Geoserver (2018): $\text{Log}(n^\circ \text{ de } \textit{pixels} \text{ da imagem}) / \text{Log}(2) - \text{Log}(n^\circ \text{ de } \textit{pixel} \text{ da } \textit{Tile}) / \text{Log}(2)$. Nesta equação, o valor do número de *pixels* da imagem original deve ser o maior em relação ao retângulo envolvente da imagem, isto é, em uma imagem de 18800 por 2000 *pixels*, o valor a ser utilizado é 18800. Por fim, quando necessário, deve-se arredondar o resultado para a escolha do número de níveis total da pirâmide.

Neste trabalho, utilizou-se o Geoserver versão 2.14 para gerenciar as pirâmides criadas e dispor os geoserviços. Por padrão, o Geoserver não possui a função de gerenciar dados

Raster como pirâmides, sendo que para esta finalidade, instalou-se a extensão ImagePyramid, disponibilizada na própria página oficial do Geoserver, devendo-se apenas atentar-se para a versão específica do Geoserver a qual está sendo utilizada. Após criada a conexão com o diretório das pirâmides desejadas, publicou-se a camada (*layer*) para exibição pelo geoserviço WMS.

Resultados e Discussão

Neste trabalho, criou-se uma pirâmide da imagem “mosaico_ufpr_5cm.tif”, sendo esta uma ortofoto do campus Centro Politécnico da UFPR com resolução de 5 cm e aproximadamente 800Mb de tamanho. Para esta pirâmide estabeleceu-se pela equação proposta (GEOSERVER, 2018) o parâmetro de 5 níveis, com *Tiles* de 256 de comprimento por 256 de largura, com tamanho de 128 *pixel* por *Tile* e reamostragem bilinear. Também criou-se uma pirâmide da imagem “mosaico_ufpr_15cm.tif”, sendo esta uma ortofoto do campus Centro Politécnico da UFPR com resolução de 15 cm e aproximadamente . 100Mb. Para esta nova pirâmide estabeleceu-se também os parâmetros de 5 níveis, mesma projeção e reamostragem, com mudança nas *Tiles* de 512 de comprimento por 512 de largura e com tamanho de 256 *pixel* por *Tile*. Estes valores foram definidos por meio da equação descrita na documentação do Geoserver e testes de desempenho realizados com outros valores de forma empírica.

Após a criação das pirâmides e devida publicação das camadas no Geoserver, estruturou-se a interface *web* para exibição dos resultados (Figura 2).



Figura 2 - Vista geral da interface *Web* criada

Fonte: Os autores

Conclusões

Este trabalho realizou a criação de pirâmides *Raster* e sua visualização por meio de uma interface web e geoserviço WMS. Observou-se que, para melhor eficiência com imagens de tamanho elevado, como no caso da imagem de 5 cm de resolução e 800 MB, o uso dos parâmetros de criação desta pirâmide diferem dos parâmetros utilizados para a pirâmide criada a partir da imagem menor, com resolução de 15 cm e 100 MB. Recomenda-se testes com diversos parâmetros de criação de pirâmides, a fim de que se alcance uma alternativa que atenda as configurações de processamento do servidor de geoserviço e da velocidade de transmissão da conexão que se deseja atender, de forma mais eficiente ao usuário.

REFERÊNCIAS

GEOSERVER. **Tutoria Geoserver: Storing a coverage in a JDBC database.** Disponível em: <https://docs.geoserver.org/latest/en/user/tutorials/imagemosaic-jdbc/imagemosaic-jdbc_tutorial.html>. Acesso em: 18 out. 2018.

MENEGUETTE, Arlete Aparecida Correia. Cartografia no século 21: revisitando conceitos e definições. **Geografia e Pesquisa**, v. 6, n. 1, 2012.

NEILD, James. **Raster Data Management with ArcSDE.** 2002. Disponível em: <https://www.esri.com/news/arcuser/0702/over_arcsde1of2.html>. Acesso em: 07 nov. 2018.

OGC. **Open Geospatial Consortium.** Disponível em: <<http://www.opengeospatial.org/standards>>. Acesso em: 05 abr. 2019.



DESENVOLVIMENTO DE APLICAÇÃO GEOESPACIAL PARA CONSULTA DE ROTAS EM MAPA INTERATIVO NA CIDADE DE CURITIBA (PR)

Luciene Stamato Delazari¹
Niédja Sodré de Araújo²
Marciano da Costa Lima³

Eixo – Espaço, memória e (geo) tecnologias.

Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CNPq)

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido durante uma disciplina de pós-graduação em Ciências Geodésicas da Universidade Federal do Paraná e apresenta uma proposta de solução geográfica para consulta espacial de locais de votação a partir de mapa interativo em ambiente *web*. Assim, o objetivo é possibilitar ao usuário a visualização cartográfica de rota para o seu deslocamento com origem no endereço informado e destino na zona e seção eleitoral desejada, sendo a cidade de Curitiba (PR) a área de estudo. A programação foi desenvolvida utilizando-se a linguagem Python, relacionando-se com o banco de dados *PostgreSQL*, o servidor *Geoserver* e publicação do mapa interativo via *Leaflet* utilizando-se a base de dados do *Open Street Map*. Os resultados demonstram que o mapa interativo otimiza a consulta espacial para o eleitor sobre o seu local de votação.

Palavras-chave: Consulta espacial. Linguagem Python. Mapa Interativo.

Introdução

À medida que a ciência e a tecnologia avançam, novas soluções geográficas são propostas para atender as necessidades de usuários distintos para finalidades específicas. Na área de fotogrametria, por exemplo, destacam-se os *softwares* para processamento de imagens orbitais, na geodésia os *softwares* para processamento de dados gravimétricos, dados enviados por satélites, dentre outros, e na área cartografia destacam-se os Sistemas de Informação

¹Universidade Federal do Paraná; Eng. Cartógrafa, Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas; luciene@ufpr.br

²Universidade Federal do Paraná; Geógrafa; Doutoranda em Ciências Geodésicas; niedja.geo@gmail.com

³Universidade Federal do Paraná; Eng. Agrimensor e Cartógrafo; Mestrando em Ciências Geodésicas; marcianodacostalima@gmail.com

Geográfica (SIG), geoportais para exibição de mapas, plataformas *web* para interação do usuário com mapas colaborativos, aplicativos e sites de localização espacial, etc. Em 1989 o pesquisador Guido Van Hossun, matemático pela Universidade de Amsterdam, desenvolveu uma linguagem pensada para resolver o problema da programação ABC, originando-se assim a linguagem Python, com comandos de simples compreensão (SILVA, 2017). Esta linguagem pode ser acessada gratuitamente e utilizada em qualquer sistema operacional devido ao empenho da *Python Foundation* e dos inúmeros colaboradores em expandir a quantidade de programadores em Python pelo mundo (Meneses, 2010).

Neste contexto, é possível programar-se consultas de localização geográfica para interesse de um usuário eleitor, visto que, no título eleitoral são informados apenas o número da seção e da zona eleitoral como dados relativos ao local de votação, ficando ao interesse do eleitor acessar a página do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) para buscar o nome do seu colégio eleitoral e posteriormente localizá-lo em mapas na internet ou em outros meios. Deste modo, durante a disciplina “Desenvolvimento de Aplicações Geoespaciais” do Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) desenvolveu-se uma proposta para solucionar o seguinte problema: sabendo-se que no título eleitoral do cidadão não consta o endereço do seu local de votação, qual solução geoespacial poderia otimizar esta busca conhecendo-se apenas a zona e a seção eleitoral? Assim, o objetivo geral deste trabalho é apresentar uma proposta de programação para mapa interativo no qual o usuário possa explorar sugestões de rota da sua localização até a seção eleitoral desejada, tendo a cidade de Curitiba no Paraná como área de estudo.

Metodologia

Os *softwares* utilizados nesta pesquisa possuem código aberto, livre e gratuito que estão em constante atualização pela comunidade de desenvolvedores, sem custos para a instituição, para o programador ou para o usuário. Realizou-se o *download* dos arquivos vetoriais em formato *shapefile* de divisa de bairros (primitiva gráfica área) e locais de votação (primitiva gráfica ponto) no portal do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Em um local de votação pode haver uma ou várias seções eleitorais dependendo da sua capacidade física, porém, nos atributos do arquivo vetorial não há informações sobre as seções eleitorais. Deste modo, localizou-se na Fundação de Ação Social de Curitiba (FAS) uma tabela de autoria do TRE-PR informando as seções de cada local de votação com os seus respectivos códigos. Estes dados foram unidos à camada vetorial de locais de votação no *software* QGIS e

criou-se um banco de dados espacial *PostgreSQL* onde as camadas vetoriais foram adicionadas. Utilizou-se o servidor *Geoserver* para disponibilizar um *layout* de visualização das camadas do banco de dados. Os códigos programados neste trabalho foram realizados no ambiente de desenvolvimento *Atom* que permite a execução de aplicações em linguagem Python. O banco de dados foi acessado por intermédio da biblioteca em Python *PSYCO2PG* e utilizou-se a biblioteca *Leaflet* para renderizar o mapa *web* utilizando em conjunto com a base de dados do *Open Street Map* - repositório livre de informação geográfica mundial. O *Leaflet* é uma biblioteca *JavaScript* de código aberto para mapas interativos, ou seja, mapas que processam os comandos realizados pelo usuário em dispositivos móveis ou em desktop (LEAFLET, 2018).

Conforme Araújo *et. al* (2014) a geocodificação trata-se de um facilitador capaz de transformar um conjunto de textos de determinado lugar em coordenadas geodésicas, considerando-se logradouros, números, bairros, cep, cidade, estado, país, dentre outros. Deste modo, o processamento da geocodificação ocorre por meio do módulo *geopy.geocoders* pertencente a uma biblioteca de linguagem Python que auxilia como buscador de dados em bases cartográficas *web* disponíveis, como a do *Google Maps* e do *Open Street Map*

Neste contexto criou-se marcadores nos endereços informados pelo usuário sobre a base do *Open Street Map* que utiliza como referência os arruamentos e numerações presentes nesta base e a localização espacial da camada que contém as colunas de zona e seção eleitoral. A consulta da localização do usuário é possível por meio da função da biblioteca *Nominatim* vinculada à biblioteca *geopy.geocoders* quando o usuário informa, por exemplo, o nome de uma rua e um número de edificação. Para realização da rota como um vetor dinâmico indicando ao trajeto de destino utilizou-se a função “*L.Routing.control*” da biblioteca *Leaflet Routing Machine*. A programação desenvolvida também incluiu a função “*L.tileLayer.wms*” que possibilitou a inserção das *layers* “Bairros” e “Todas as Seções” disponibilizados pelo *Geoserver* com o objetivo de possibilitar ao usuário a visualização completa das informações sobre o tema.

Resultados e Discussão

O município de Curitiba possui 4015 seções eleitorais distribuídas em 411 locais de votação em dez zonas regionais: 1, 2, 3, 4, 145, 174, 175, 176, 177, 178. Durante o processo de união entre a tabela de atributos da camada vetorial de locais de votação (411 no total) do TRE com o a tabela que contém os códigos das seções eleitorais de Curitiba (4015 no total), verificou-se que os dados alfanuméricos contidos na camada vetorial contêm maior quantidade

de locais de votação do que na tabela que contém os números das seções eleitorais disponibilizada pela FAS. Deste modo, após realização da união, verificou-se que 25 locais de votação não estão contidos na lista compartilhada pela Fundação de Ação Social da Prefeitura de Curitiba.

Esta incompatibilidade seria solucionada se nos atributos da camada vetorial de pontos compartilhada pelo TRE existissem todos os números das seções eleitorais associados ao seu respectivo local de votação, entretanto, nos seus atributos constam apenas os códigos das zonas e os códigos dos endereços dos locais de votação. Realizando-se um teste da aplicação com a consulta sobre o local de votação, se usuário informar uma zona, por exemplo número 3, e uma seção existente no banco de dados, por exemplo seção 300, além do seu endereço contendo o nome da rua acrescida de uma vírgula mais a numeração de uma edificação será apresentado um mapa do *Open Street Map* (Figura 1) sugerindo uma rota entre a localização do usuário e o seu local de votação com marcadores na cor azul e uma janela lateral informando o trajeto, a distância e o tempo estimado, bem como a possibilidade de habilitar-se ou desabilitar-se a camada de Bairros com limites preto e a camada de todas as seções com pontos vermelhos.

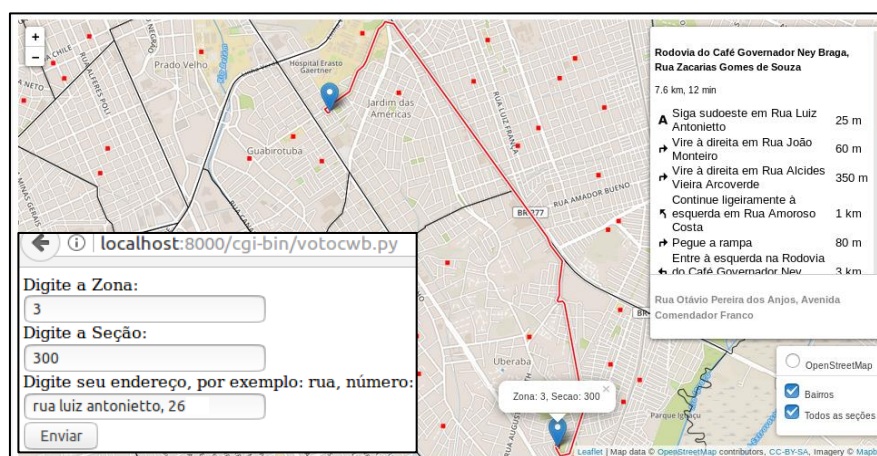


Figura 1 – Rota para o local de votação desejado a partir dos dados informados. Elaboração: Os autores, 2018.

Conclui-se que o mapa interativo pode otimizar a consulta do eleitor sobre o seu local de votação de forma mais prática do que se buscasse a mesma informação no site do TRE-PR. O código do mapa interativo nomeado “VOTOCWB” pode ser encontrado na página do GitHub vinculado à conta denominada *niedja12* para acesso de demais interessados. Esta programação pode ser melhorada para permitir a entrada e saída de áudio para atender ao interesse de usuários cegos por meio de bibliotecas sintetizadoras de voz e pode ser implementado na *web* a partir de um servidor.

Ressalta-se a importância de dados espaciais de interesse público estarem atualizados, completos e compartilhados, por exemplo, na plataforma da Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE) quando de responsabilidade de órgãos públicos. Assim, pesquisadores e demais interessados da área de geotecnologias poderão propor diferentes soluções de análises geográficas por meio de linguagens de programação.

Conclusões

A pesquisa realizada apresentou uma proposta de programação para otimizar a consulta do eleitor sobre o seu local de votação de forma simples e prática, utilizando linguagem Python e bibliotecas necessárias para renderização de mapa interativo em ambiente *web*. Com base na área de estudo, estima-se que os dados vetoriais de locais de votação dos municípios brasileiros poderiam ser melhor explorados em mapas na *web* se estes fossem disponibilizados na INDE, com as seções e os locais de votação completos na tabela de atributos, visando melhorar o acesso à informação para a comunidade interessada. Recomenda-se a realização de testes com usuários para avaliar a usabilidade do mapa interativo e sugere-se que posteriormente este seja implementado nos sites dos TRE's brasileiros para acesso em dispositivos móveis ou desktop, visto que, os locais de votação podem ser alterados com tempo e os mapas interativos podem auxiliar os eleitores a localizarem-se geograficamente com mais praticidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. L.; CANDEIA, B. A.; SILVA, N. O.; VALDEVINO, D. S.; AZEVEDO, J. J. M.; **Geocodificação de endereços e espacialização de dados através do módulo geopy/phyton e do quantum GIS, aplicado ao sistema de alunos ingressantes no IFPB – Campus João Pessoa, nos anos de 2004, 2009 e 2014.** Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Cartografia e XXVI Expositocarta, SBC, Rio de Janeiro - RJ, p. 1243-1246, nov., 2017.

LEAFLET. **Uma biblioteca de mapas interativos.** Disponível em < <https://leafletjs.com/>>. 2018. Acesso em: 05 out. 2018.

SILVA, Danilo Morais da. **Python: história e ascendência.** Revista Programar. 2017. Disponível em< <https://www.revista-programar.info/artigos/python-historia-e-ascendencia/> > Acesso em: 21 nov. 2018

MENEZES, Nilo Ney Coutinho. **Introdução à programação com Python: algoritmos e lógica de programação para iniciantes.** São Paulo: Novatec Editora, 2010.



INSERÇÃO DO MAPEAMENTO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO CARTOGRÁFICA EM AMBIENTE ACADÊMICO

Elias Nasr Naim Elias¹
Daniel Ferreira de Oliveira²
Vivian de Oliveira Fernandes³

Educação e Geotecnologias

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Resumo

O presente trabalho consiste em apresentar as aplicabilidades da plataforma de mapeamento colaborativo do OpenStreetMap (OSM) de forma a obter informações para a aplicação multidisciplinar em ambientes acadêmicos. A escolha do OSM foi dada devido a abrangente quantidade de contribuidores cadastrados e, que interagem constantemente com a mesma (abundância de dados). A partir de uma atividade realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA) com estudantes de diferentes áreas, foram realizadas tarefas básicas na plataforma quanto a edição, armazenamento e obtenção dos dados, além uma breve conceituação do potencial destes dados. Ao final, realizou-se uma mensuração das características dos participantes em relação a atividade e as possibilidades de aplicação em suas pesquisas. Conclui-se que o potencial dos dados do OSM está relacionado a finalidade designada para o mesmo, o publico alvo e o conhecimento referente a plataforma.

Palavras-chave: Informação Geográfica Voluntária. OpenStreetMap. Multidisciplinar.

Introdução

Na década de 1990, houve o crescimento do uso e disseminação da informação espacial e de acordo com os estudos abordados para fins cartográficos, atrelados ao desenvolvimento das tecnologias que regem a informação, conseguiram-se fazer representações em meio digital na tela dos computadores. O surgimento da internet, por ser uma ferramenta tecnológica, permite construir redes de informações em diversas partes do mundo, viabilizando a disseminação de produtos oriundos de cartografia.

¹Universidade Federal do Paraná; Engenheiro Agrimensor e Cartografo; elias_naim2008@hotmail.com.

²Universidade Federal da Bahia; Graduando em Engenharia de Agrimensura e Cartográfica; daniel.foliveira@outlook.com.

³Universidade Federal da Bahia; Engenheira Cartografa; vivian.fernandes@ufba.br.

Os intensos avanços tecnológicos computacionais já descritos, fizeram com que os usuários de produtos cartográficos, além da visualização, fossem produtores e disseminadores de tais informações. Tal processo tornou-se possível a partir do estabelecimento do conceito de *web 2.0*, criado por O'Reilly (2007).

Diante desta vertente, surge o conceito das informações Geográficas Voluntárias ou em inglês abreviados pela sigla VGI - *Volunteered Geographic Information*, que diante do conceito de *web 2.0* são sistemas com as características descritas onde os mapas que até então eram elaborados por usuários com determinada formação técnica em cartografia, passam a ser constituídos por indivíduos que tenham acesso a um computador com acesso à *internet* permitindo com que os usuários desta ferramenta colem e publiquem informações geográficas e até mesmo validem as informações postadas por outros usuários (GOODCHILD, 2007).

Atualmente os dados provenientes de plataformas VGI são armazenados e abastecidos em plataformas *online* que permitem aos usuários realizar tais operações. Apesar da eficiência com a qual estes produtos estão dispostos e a constante atualização das informações com a qual os indivíduos realizam as alterações no cenário geográfico, as fontes de dados VGI são caracterizadas por fontes que não caracterizam uma cartografia de referência, uma vez que não são fornecidos parâmetros de qualidade cartográfica nos produtos desta fonte de dados.

A plataforma *online* VGI do OSM foi estabelecida no ano de 2004 por Steve Coast. A sua criação teve com intuito a formulação de um sistema *web* de mapas livres que viabilizassem ao usuário a criação, visualização e distribuição de dados geográficos livremente.

A principal motivação para a criação do OSM por Steve Coast ocorreu devido a identificação de restrições no uso e obtenção de determinadas informações da base cartografia de referência europeia *Ordnance Survey* (CHILTON, 2011).

Dados estatísticos da plataforma OSM trouxeram à tona a maturidade com a qual a ferramenta é vista diante dos usuários colaboradores de forma geral, uma vez que em 2019, a quantidade de colaboradores cadastrados é de 5.138.027 pessoas, além das feições que ultrapassam 550 milhões de elementos representados na plataforma, por sua vez, de acordo com Bravo & Sluter (2016) em dezembro de 2005 a referida plataforma contava com cerca de 1000 usuários cadastrados.

Visto a era da *web 2.0* apresentada e a disseminação do OSM em nível mundial, este trabalho objetivou-se a relacionar as características principais da referida plataforma com as aplicabilidades em usuários acadêmicos por meio de evidências constatadas a partir de uma atividade realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA) para estudantes de diversos cursos. É válido ressaltar também, que esta pesquisa tem o intuito de abordar a importância dos

dados abertos para estudantes e servidores em Universidades, no intuito de viabilizar a realização de pesquisas.

Metodologia

Conforme citado na introdução, esta pesquisa está relacionada com a identificação da importância da utilização de dados oriundos de plataformas de mapeamento colaborativo em ambientes acadêmicos. A partir de uma atividade de extensão realizada na UFBA, foi possível montar a oficina de Noções de mapeamento colaborativo e aplicações práticas na plataforma *online* do OSM.

A primeira etapa da atividade consistiu em apresentar aos participantes pesquisas e resultados obtidos referentes a qualidade de informações geográficas voluntárias do OSM em Salvador-BA. Estes resultados estão relacionados com a expansão urbana do município.

Partindo-se do pressuposto que nem todos os participantes tiveram acesso ao OSM, inicialmente identificou-se qual a formação acadêmica dos mesmos e foi realizada uma contextualização inicial da forma de acesso a plataforma, navegação, identificação, criação de conta, edição e obtenção de elementos. Além disso, foram descritos benefícios da obtenção destas informações. A figura 1 exibe o *layout* inicial e de visualização dos elementos contidos na plataforma ao acessar o site www.openstreetmap.org;



Figura 1 – *Layout* de visualização dos elementos ao acessar a plataforma do OSM
Fonte: Os autores.

A partir da identificação inicial dos elementos contidos na plataforma, orientou-se que os participantes realizassem a prática de inserção de novas informações no OSM de acordo com a escolha das primitivas geométricas de ponto, linha e polígono, conforme mostra a figura 2.

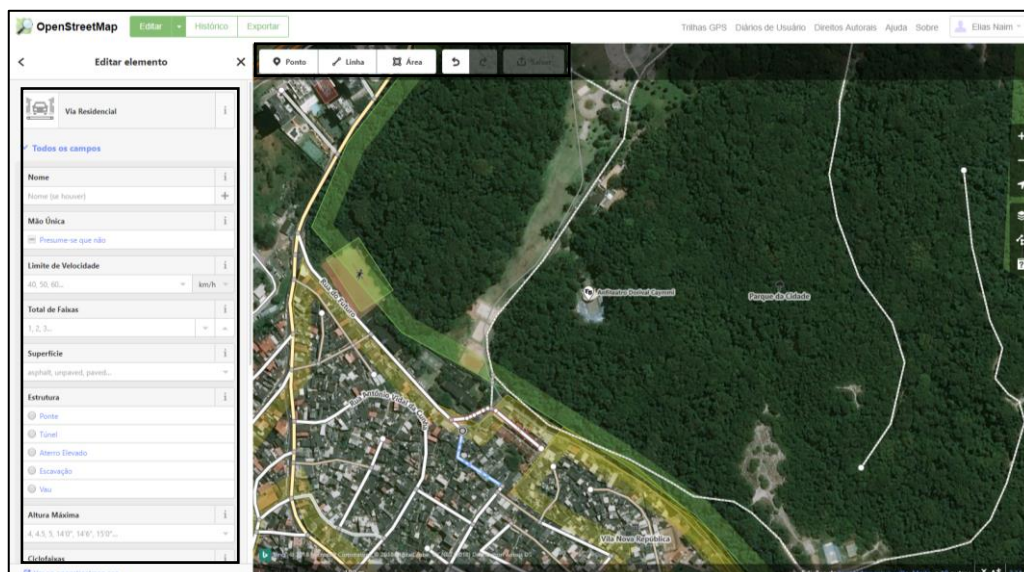


Figura 2 – Inserção de novos elementos na plataforma do OSM.
Fonte: Os autores.

Ao final, solicitou-se que os participantes relatassem os benefícios em utilizar estas informações em suas pesquisas em âmbito acadêmico. Permitiu-se assim, evidenciar o quanto plataformas de mapeamento colaborativo podem auxiliar de forma multidisciplinar em atividades e obtenção de dados.

Resultados e Discussão

A atividade contou com participantes dos cursos de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia Agrônoma, Geografia, Matemática, Sociologia e Ciências da Computação. Os estudantes dos cursos de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Geografia e Engenharia Agrônoma apresentaram maior familiaridade com o manuseio de informações geográficas devido ao fato de cursarem disciplinas correlatas e perceberam a aplicabilidade dos dados do OSM na geração e complemento de bases cartográficas oficiais. Os mesmos abordaram questões relacionadas com a falta de bases cartográficas atualizadas no Brasil. Tal característica converge com o mapeamento mais recente de Salvador-BA, elaborado no ano de 2006.

Os estudantes de Sociologia enxergaram o potencial da ferramenta na avaliação de aspectos socioeconômicos do município, uma vez que regiões com maior contribuição podem representar áreas onde a dinâmica é maior e caberia um estudo de convergência quanto as análises do poder aquisitivo através de uma subdivisão por bairros. Uma estudante apontou já utilizar a base do OSM para representar características sociais nos bairros de Salvador-BA, mas não conhecia as aplicabilidades da plataforma até então.

Os estudantes de Matemática e Ciências da Computação não conheciam a plataforma e as suas aplicabilidades até então.

Conclusões

A atividade realizada permitiu evidenciar as aplicabilidades da plataforma OSM para a comunidade da UFBA e apresentar soluções relacionadas as suas atividades acadêmicas. Conforme descrito nos resultados, os VGI têm potencial em serem utilizados em âmbito multidisciplinar desde que sejam delimitados os seus principais interesses e que a qualidade dos mesmos seja conhecida.

É válido ressaltar que esta pesquisa é o estágio inicial das próximas atividades que pretendem-se realizar no intuito de avaliar o potencial do OSM para as mais diversas áreas do conhecimento, bem como de que sirvam como complemento para o mapeamento oficial.

REFERÊNCIAS

BRAVO, J.V.M.; SLUTER, C.R. **Um estudo comparativo dos símbolos gráficos empregados na representação de estradas & caminhos e de informações turísticas em mapas do Ordnance Survey e do OpenStreetMap.** In: Revista Brasileira de Cartografia. 2016.

CHILTON, S. **OS and OpenStreetMap.** Sheetlines, vol. 91, 2011. pp. 20-27

GOODCHILD, M. F. **“Foreword.”** In Principles of Modeling Uncertainties in Spatial Data and Spatial Analyses. CRC Press, 2010.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software.** Communications & Strategies, vol.65, n.1, 2007.



LER E ESCREVER NA LEITURA E ESCRITA DO MUNDO: A CONVERGÊNCIA ENTRE MULTILETRAMENTO E GEOTECNOLOGIAS

Fabiana dos Santos Nascimento¹

Inaiá Brandão Pereira²

Arianne de Oliveira Lima³

Eixo – Espaço, Memória e (Geo)tecnologias
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O escopo desse trabalho abarca uma parte das ações do Laboratório de Projetos e Processos Educacionais e Tecnológicos – K-Lab que objetiva a construção e qualificação de processos formativos, por meio da elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, práticas e processos tecnológicos. O K-Lab é um dos projetos articuladores do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, da Universidade do Estado da Bahia, que vem, através destes, ampliando suas ações de pesquisa aplicada na Educação Básica. Diante disso, este resumo, tem a pretensão de demonstrar alguns dos resultados relativos as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Cooperativo em Multiletramento e Geotecnologias, um núcleo integrante do referido laboratório. A pesquisa aqui elucidada é de natureza aplicada e colaborativa e permeia ações e possibilidades no que concerne as práticas sociais de leitura e escrita, em um processo de conhecimento espacial e geotecnológico.

Palavras-chave: Multiletramento. Geotecnologia. Pesquisa Aplicada.

Introdução

A atualidade é caracterizada por formas outras de comunicação, onde os meios habituais de transmissão de informação vêm sendo redimensionados. A diversidade cultural e linguística, assim como o advento das TIC e das redes sociais vem potencializando a comunicação e tornando-a cada vez mais difundida.

Assim, o multiletramento surge como a possibilidade de articulação de diferentes linguagens, evidenciadas nas formas contemporâneas de consumir, produzir e reproduzir informação. O multiletramento considera elementos não formais da nossa língua, valorizando

¹Rede Municipal de Educação de Salvador; Doutora em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC/UNEB; fabi30_nascimento@hotmail.com.

²Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Doutorando em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC/UNEB; inaiabrandao18@gmail.com.

³Graduada em Pedagogia - UNEB, Especialista em Psicopedagogia – UNIFACS, pedagogiarianne@gmail.com.

práticas sociais de leitura e escrita do mundo, cujo contexto e as novas formas de interação, difundidas, principalmente, por meio da vivência cotidiana do virtual, são potenciais ao processo contínuo de aprendizagem “das línguas” ou linguagens que constituem um sistema comunicativo. Dessa forma, este texto trata da possibilidade de articulação entre as diferentes práticas e meios de leitura e sua relação com o espaço, por intermédio das Geotecnologias. Essas ações são realizadas pelo Grupo Cooperativo em Multiletramento e Geotecnologias, vinculado ao Laboratório de Projetos e Processos Educacionais e Tecnológicos - K-Lab, um dos projetos articuladores do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC/UNEB.

O Laboratório objetiva desenvolver pesquisas, por meio da produção de tecnologias e processos formativos, baseados nos princípios da multirreferencialidade e colaboração, para o entendimento de dinâmicas socioespaciais. Por conseguinte, o Grupo Cooperativo supracitado visa analisar as potencialidades das Geotecnologias e do Multiletramento na constituição de práticas pedagógicas e discussões epistêmico-metodológicas. A execução desses objetivos, ocorre por meio da exploração do referencial teórico sobre multiletramentos e geotecnologias, bem como suas práticas por intermédio da pesquisa.

Metodologia

A metodologia utilizada nesse trabalho, está relacionada aos pressupostos do K-Lab, fundamentando-se em uma pesquisa de natureza aplicada e colaborativa, onde a relação entre teoria e prática, a promoção de ações e intervenções junto as escolas parceiras, são facetas basilares na constituição de um movimento de pesquisa e formação. A criação dos Grupos Cooperativos por temas, onde seus partícipes se organizam a partir de temáticas de interesse, busca permitir um diálogo entre as áreas formativas, assim como uma troca contínua de saberes e expertises, objetivos essenciais em investigações baseadas na colaboração.

Ao realizar uma pesquisa que traz consigo a marca da colaboratividade nos surpreende logo de início. O caminho é outro. [...]. Esta inteligência distribuída por toda parte implica que todos sabem alguma coisa, independentemente de sua situação econômica, cultural, social ou geográfica [...]. (PASCHOAL, 2008, p. 986).

O intuito comum aos pesquisadores do K-Lab, está relacionado ao movimento de promover ações para/com/nas escolas parceiras, retroalimentando as pesquisas dentro do laboratório e viabilizando um intercâmbio de ideias e experiências baseadas na parceria entre escola e universidade. Sendo assim, as etapas desta pesquisa são: Revisão bibliográfica, fundamentação teórica acerca das Geotecnologias, Multiletramento e a relação entre as práticas de leitura e escrita e o espaço; Planejamentos de ações junto à unidade escolar, articulando

conteúdos e propostas pedagógicas da instituição com os temática de Multiletramento e Geotecnologias e; Desenvolvimento de ações pedagógicas com os estudantes.

Resultados e Discussão

O avanço das TIC, bem como as mudanças nas formas de ensinar e aprender vem possibilitando reflexões outras acerca de novas práticas de letramento. Diante disso, surge o conceito de multiletramento compreendido como “um processo dinâmico, construído socialmente em um determinado tempo e cultura.” (BAULER, 2011, p. 44). Desse modo, a utilização de linguagens contemporâneas como imagens, sons, games, vídeos, charges, cartuns, propagandas, infográficos, site, blogs, etc, constituem a multimodalidade da realidade de leitura e escrita na contemporaneidade.

o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p.13)

Dessa maneira, é vital que a escola amplie o letramento às práticas de culturas locais e compreenda a leitura e escrita como práticas sociais, usadas para agir no mundo globalizado, onde uma diversidade linguística, cultural e social precisa ser valorizada na sala de aula e fora dela, com vistas a estimular os alunos envolvidos nesse processo a ensaiar outras formas de aprender, considerando seu contexto e o que está disponível para os mesmos.

Nesse contexto “multiletrado”, as tecnologias digitais causam uma ampliação, ao incrementar a capacidade dos indivíduos em estabelecer outras formas de comunicação, em que extrapolam as percepções fundamentadas na linguagem textual e verbal. Por esse motivo os mapas, a cartografia, croquis, mapas mentais e as demais Geotecnologias também constituem essas possibilidades do sujeito “multiletrado”, uma vez que a inserção desses conhecimentos transcendem o espaço escolar, fazem parte da necessidade humana de se localizar e expressar suas relações no e com os diferentes espaços que vivem, e estão presentes de diversas formas nas práticas sociais, desde os mapas rabiscados no papel à utilização dos mapas digitais agregados ao Sistema de Posicionamento Global (GPS – Sigla em inglês), presentes em plataformas online e em redes sociais digitais.

Assim, o entendimento da concepção de Geotecnologias, basilar neste trabalho, corrobora com as possibilidades de multiletramento, uma vez que entendemos que a “[...]geotecnologia representa a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana. [...]”. (HETKWOSKI, 2010, p.6).

A multiplicidade das Geotecnologias, se materializa em uma dimensão material, correspondente às técnicas e instrumentos geotecnológicos (Mapas, Imagens de Satélites, Croquis, SIG, Fotografias Aéreas, etc.) e, a dimensão imaterial, concebida pelos processos cognitivos e simbólicos. (PEREIRA, 2015). Tais tecnologias estão intimamente relacionadas as dinâmicas socioespaciais, pois constituem-se como necessidade de expressar a espacialidade existente nas relações sociais, além de potencializar a construção de um “pensamento ou conhecimento espacial”. Destarte, podemos falar de multiletramentos geotecnológicos, considerando as conjunturas latentes, existentes na utilização dessas geotecnologias e nas formas como estão e podem estar presentes nas práticas dos indivíduos. Fato que amplia possibilidades à construção de práticas educativas fundamentas nas “linguagens multimodais”.

Diante dessas concepções, foram realizadas ações da pesquisa em parceria com a Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, durante os anos de 2016 e 2017, tendo como público principal alunos do 4º e 5º ano, na faixa etária entre 08 e 15 anos. Para composição deste trabalho, destacaremos alguns encontros formativos, que dentre as suas finalidades, pretendiam potencializar as expressões das crianças em relação aos espaços vividos, fundamentado nos princípios do multiletramento, em sua diversidade de linguagens, em especial, as (geo)tecnologias.

O primeiro bloco de atividades a ser destacado, é denominado “A cidade que tenho... a cidade que desejo”, e objetivou compreender os diferentes aspectos que envolvem os problemas urbanos, utilizando métodos, estratégias e elementos de jogos para tratar de situações do cotidiano, além de técnicas de gamificação, na exploração da linguagem escrita, imagética e musical e o confronto de fatos da realidade vivenciada pelos participantes.

Iniciamos a formação com uma sensibilização, utilizando um vídeo sobre o processo de urbanização e o surgimento dos problemas de uma cidade. Os desafios foram: indicar qual problema urbano estava sendo representado pelas imagens apresentadas; apontar soluções possíveis para os problemas sorteados para cada equipe e; elaborar um painel representando o problema urbano delineado em um dos clips musicais exibidos (Calibre – Paralamas do Sucesso/ Alagados – Gilberto Gil/ Firme e Forte – Psirico/ Xote Ecológico – Luíz Gonzaga). O ranking das atividades permitiu a premiação de uma equipe. Por fim, discutimos sobre as atividades, detectando problemas e soluções, refletindo sobre o papel de cada um na urbanização.

O segundo conjunto de atividades, denominado “Mapeando nosso Bairro”, objetivou uma associação entre as diferentes Geotecnologias, destacando as noções cartográficas e seus potenciais ao entendimento das dinâmicas socioespaciais existentes no bairro dos estudantes.

Sendo assim, foram desenvolvidas as seguintes atividades: disponibilização de imagens de satélites, para identificação da localização das casas dos alunos e lugares nas proximidades da escola, identificando sua posição a partir da utilização dos pontos cardeais; Entrega de post it com 4 cores, para indicação de diferentes elementos da paisagem existentes no bairro, de forma categorizada, utilizando uma cor para cada tipo de elemento da paisagem; Por fim, solicitamos aos alunos o preenchimento de uma legenda indicando a quantidade de objetos destacados, de acordo com cada categoria. Essas atividades foram uma parte das ações realizadas e resultaram na ampliação do repertório de leitura e escrita das turmas, pois demonstraram que essas práticas excedem as palavras e perpassam a própria vida.

Conclusões

A criação do Grupo Cooperativo em Multiletramento e Geotecnologias possibilitou a constituição de dinâmicas importantes ao engajamento das ações do K-Lab no viés da pesquisa aplicada. As experiências narradas representam uma pequena parte das ações e possibilidades que permeiam o processo de letramento dos sujeitos numa perspectiva diversa, agregadora e que considera as práticas sociais de leitura e escrita como potencializadoras à valorização do lugar, dos conhecimentos espaciais e das geotecnologias, no contexto das TIC.

REFERÊNCIAS

BAULER, Claudia Vaz. Multiletramentos na era digital: uma reflexão crítica para a educação. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, n. 13, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input0>. Acesso em 11 nov. 2018.

HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

PASCHOAL, Sônia Barreto de Novaes. Por uma metodologia colaborativa para a pesquisa em mediação cultural. In: II Encontro da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura. Bauru, 2008, Anais... Bauru – SP: UNESP, 2008.

PEREIRA, Inaiá Brandão. Educação geográfica e geotecnologias: construindo estratégias à compreensão do lugar no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Salvador, 2015. 183f

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; ALMEIDA, MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



MEMÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO DE UMA COMUNIDADE

César Mustafa Tanajura¹; Francisco Jorge de Oliveira Brito²

Resumo

Esse trabalho surge a partir da inquietação e questionamento que se dá quando ocorre a percepção do desleixo, proposital ou não, com as memórias de uma escola, em comunidade periférica de Salvador e as consequências disso. Nesse sentido, surge a questão que norteia essa pesquisa: como, a partir da memória de um lugar, de uma escola e dos seus alunos, é possível criar uma relação identitária, um sentimento de pertencimento e uma percepção crítica sobre a sociedade em que estão inseridos? O trabalho intenta compreender os elementos que compõem a memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, conjuntamente com os alunos do segmento educacional de Jovens e Adultos e da comunidade escolar em geral, do espaço social do Bairro da Paz, integrando proposta do REDEPUB, projeto do Grupo de Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculada à Universidade do Estado da Bahia. Para isso buscamos identificar os elementos de memória, nos relatos dos membros da comunidade, através de atividades provocativas realizadas durante os anos letivos de 2016/2017, de pesquisas em arquivos e nas narrativas coletadas nesse espaço social. Registramos de forma participativa com a comunidade escolar, o processo de afirmação da cidadania a partir da percepção da relação entre memória, sujeitos e escola. Construímos instrumentos para difundir as memórias da comunidade por meio de publicação de vídeos, atividades e textos, elaborados coletiva e individualmente, de caráter político educacional em meio virtual.

Palavras-chave: EJA. Memória. Pertencimento. Identidade.

Introdução

A inquietação e questionamento que surge nesse trabalho tem seu início no mesmo momento em que tomamos contato com relatos de memórias de um povo sobre seu lugar, de uma história tão rica e ao mesmo tempo tão destinada a invisibilidade pelas vias oficiais e sociedade em geral, como é comum nas comunidades periféricas.

Norteamos essa pesquisa a partir do seguinte questionamento: “como podemos despertar e preservar a memória da escola e dos seus alunos, principalmente os da EJA, criando uma relação identitária e um sentimento de pertencimento, não a instituição que os abriga, mas a

¹ SEC-BA; Mestre em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação; cesartanajura@gmail.com

² UNEB; Doutorado em Educação e Contemporaneidade; ccbrito@terra.com.br

condição de humanidade, muitas vezes negada nas camadas da população onde a desigualdade é a regra?”.

O projeto busca compreender os elementos da memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz a partir da visão de alunos do segmento educacional de Jovens e Adultos (EJA) e da comunidade escolar em geral, do espaço social do Bairro da Paz, integrando proposta do REDEPUB, projeto do Grupo de Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculada a Universidade do Estado da Bahia.

A unidade escolar fica situada no Bairro da Paz, antiga invasão das Malvinas, situada na Av. Paralela, área de eminente crescimento urbano e desenvolvimento de condomínios de alto padrão, criando um contraste e uma tensão social devido à convivência de extremos de classes sociais.

Trabalhamos no sentido de identificar os elementos de memória nos relatos dos membros da comunidade através de atividades provocativas realizadas no período entre 2017 e 2018 e nas narrativas coletadas nesse espaço social. Registramos esses relatos dos alunos, professores, servidores e comunidade local vinculados a unidade da Rede Pública selecionada utilizando as TIC's, marcando o processo de construção da cidadania a partir da relação entre os sujeitos, escola e lugar. Além dos relatos orais coletados buscamos informações sobre a constituição do bairro em jornais da época e trabalhos acadêmicos relacionados.

O nosso produto, o blog <https://portalbairrodapaz.blogspot.com/>, tem por objetivo difundir as memórias da comunidade escolar determinada por meio de um memorial vídeo-documento resgatando a importância da escola como patrimônio de toda comunidade e estabelecendo vínculos entre suas identidades sociais e culturais.

O nosso objetivo geral é compreender os elementos da memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, a partir da visão de alunos do segmento educacional de Jovens e Adultos e da comunidade escolar em geral, do espaço social que estão inseridos, integrando proposta do REDEPUB, projeto do Grupo de Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculada a Universidade do Estado da Bahia. Identificar os elementos de memória, nos relatos dos membros da comunidade, através de atividades provocativas realizadas no período determinado e nas narrativas coletadas nesse espaço social. E a partir daí registrar as narrativas dos alunos, professores, servidores e comunidade local, vinculados a Escola Nova do Bairro da Paz utilizando as TIC's, marcando o processo de construção da cidadania a partir da relação entre os sujeitos, escola e lugar. E ainda, coletivizar as memórias da comunidade escolar coletadas, determinada por meio de um memorial vídeo-documento,

resgatando a importância da escola como patrimônio de toda comunidade e estabelecendo vínculos entre suas identidades sociais e culturais.

Metodologia

A nossa metodologia de trabalho segue a forma do nosso grupo de pesquisa que é a participativa-colaborativa, por ser uma característica que melhor responde as nossas necessidades. E nos proporciona a imersão e mobilização das práticas in loco aproximando o pesquisador e universidade da comunidade e da escola abrindo espaço para sonhos e projetos futuros e universalizando a academia para aqueles que a viam como um lugar distante e até mesmo impossível. Essa prática nos permite conhecer e viver o cotidiano da escola, entender suas mazelas e aprender com seus valores.

O pesquisador aqui não aparece como um ser dotado de superpoderes ou de poções mágicas capazes de livrar a escola e seus partícipes de todo o mal, mas de integrar-se a ela buscando e experimentando juntos as perspectivas e ações de mudança. A comunidade e a universidade trabalham como agentes idealizadores e transformadores da realidade da instituição escolar.

Resultados e Discussão

Com esse trabalho percebemos resultados que alcançaram os envolvidos no processo da pesquisa: para a comunidade, o entendimento do papel da escola em questão na vida das pessoas e como processo integrante da luta que os primeiros moradores tiveram que travar para se estabelecer ali, os discursos de luta, resistência e empoderamento foram percebidos mais fortemente nos contatos que se seguiram ao trabalho; para a Universidade, a aproximação do conhecimento científico com a comunidade local, colaborando na formação de futuros pesquisadores, inclusive com a formação do grupo de pesquisadores júniores da EJA, que passaram a integrar o grupo de pesquisa A Rádio na Escolha da Rádio, integrante do Geotec/Uneb – é a primeira vez que esse grupo recebe pesquisadores do segmento da Educação de Jovens e Adultos; para a instituição, um registro de sua memória que servirá como base para elaboração de documentos e para a própria formação dos seus futuros educandos; para os educandos, a elevação da autoestima a partir da construção de um documentário com relato dos sujeitos envolvidos e o reforço de uma autoimagem positiva.

Conclusões

Em todos os momentos do nosso trabalho é perceptível que existe muito orgulho do bairro e da sua história. Os estudantes reproduzem os casos como um mantra, uma forma de se convencer dos seus heróis e não deixar cair no esquecimento a sua coragem e determinação. Essa percepção os levam a querer lutar para minorar as questões de segurança, saúde, lazer e educação que são tão relegadas pelas autoridades governamentais.

Nosso trabalho, de certa forma, colaborou com a reprodução desse sentimento e percepção. As memórias foram evocadas e eram estimuladas a fazer-se presente e como um novelo de lã quanto mais se puxava mais linha aparecia, uma história puxava outra.

Trabalhar com memória nos oportunizou entender a diversidade e a complexidade do ser humano. A história oral nos remete a particularidades que são importantes para cada indivíduo. O saber ouvir e o exercício da observação tem que ser treinado cotidianamente no pesquisador. E ainda contribui com a percepção de uma identidade positiva e leva os indivíduos a quererem afirmar essa identidade. Não que as pessoas do Bairro da Paz já não possuam autoestima, mas possibilita reforçar essa corrente do bem. A percepção de uma identidade diferente daquela que existe no senso comum tem que ser afirmada cotidianamente e acredito que esse trabalho colaborou nesse sentido. Em diversos momentos isso ficou perceptível.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **O Alfabetismo juvenil: inserção educacional, cultural e profissional. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho.** 2016. Disponível em http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf. Acessado em 13/06/2017.

ALCANTARA, Débora Menezes. **Das Malvinas ao Bairro da Paz.** 2005, 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, UFBA. Salvador, 2005.

ALVES, Nilda. **A narrativa como método na história do cotidiano escolar.** Disponível em: www.bibliotecadomunicipalpublico.com.br. Acessado em 13/06/2017. BLOCH, MARC. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador;** Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Os arquivos escolares como fonte para a história da educação.** Revista Brasileira de História da Educação n° 10 jul./dez. 2005. P 193 – 220.

BRITO, F. J. O.. **Tessituras teórico-metodológicas para a pesquisa em educação na contemporaneidade: fractais GEOTEC**. In: Tânia Maria Hetkowski; Maria Altina Ramos. (Org.). *Tecnologias e processos inovadores na educação*. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v., p. 15-47.

BRITO, F. J. O.; HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologias: possibilidades de inclusão sócio-espacial**. In: BONETI, L. W.; ALMEIDA, N. P.; HETKOWSKI, T. M. *Inclusão social: da teoria à prática*. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010.

CARVALHO, IMM., and PEREIRA, GC., orgs. **Como anda Salvador e sua região metropolitana** [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2008. 228 p. ISBN 85-232-0393-1. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acessado em : 9/06/2017

CORREIA, Marcelo Amorim e LAGE, Creuza Santos. **Bairro da Paz: Da sobrevivência à resistência**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP, Departamento de Geografia, 20-26 de março de 2005. Disponível: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/13.pdf> Acessado em 19/06/2017

CORREIA, Marcelo Amorim, **A (re)produção de Mussurunga e do Bairro da Paz na Avenida Luís Viana Filho (Paralela), Salvador-BA**. Salvador, 2007. 153 f. : il. + Anexos. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17802>. Acessado em 19/06/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos – Teoria, Prática e Proposta**. 12. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GARCIA, Ricardo Silva. **Portal REDEPUB: história das escolas da rede pública do Estado da Bahia. Trabalho de Conclusão de Curso**. Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues e NASCIMENTO, Denise Aparecida do. **Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa**. IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/8-Favela-espaco-e-sujeito-Ipotesi-152.pdf>> Acessado em 13/06/2017.

GUTIÉRREZ, Antônio Garcia. **Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia**. *TransInformação*, Campinas, 18(2):103-112, maio/ago., 2006. Disponível em <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/672>> Acessado em 13/06/2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HETKOWSKI, Tânia Maria. **Práticas pedagógicas inovadoras e TIC: Uma parceria entre Universidade e rede pública de ensino**. Disponível em

http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/27.%20PR%C3%81TICAS%20PEDAG%C3%93GICAS%20INOVADORAS%20E%20TIC_.pdf , acessado em 13/06/2017.

HITA, Maria Gabriela e DUCCINI, Luciana. **Da Guerra à Paz: o nascimento de um ator social no contexto da “nova pobreza” urbana em Salvador da Bahia.** CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 281-297, Maio/Ago. 2007 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v20n50/v20n50a07.pdf>> acessado 13/06/2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

Orwell, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

LE GOFF, Jacques et al. **A nova história.** Tradução Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

MATOS, Ana Cristina e DANTAS, Raymundo. **Comunidade do Bairro da Paz: uma experiência brasileira de combate à pobreza.** Revista Angolana de Sociologia [Online], 9 |. Disponível em. URL : <http://ras.revues.org/481> ; Acessado em 19/06/2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.1974

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Por uma História prazerosa e consequente.** In KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2004.

SANTANA, Dorival Aparecido de. **A escola como lugar de memórias e de identidades: um estudo a partir de escritos de alunos do ensino médio do Colégio E. N. S. de Lourdes – Londrina/PR.2013-2014.** 2016. 332 fls. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

SANTOS, Tarsis de Carvalho. **Sobre a égide da memória: as tecnologias da informação e comunicação na preservação da história das escolas da Rede Pública de Ensino /** Tarsis de Carvalho Santos. – Salvador, 2016. 111f.

SANTOS, T. C. ; CORREIA, S. L. C. P. . **GEOTEC e REDEPUB: Uma Colaboração Entre as Escolas da Rede Pública de Ensino de Salvador e a Universidade.** In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão, 2015, Rio de Janeiro. Anais Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação. Rio de Janeiro: Realize Editora, 2015.

----- **RedePub: Processos Tecnológicos e Inovadores à valorização das Histórias e Memórias das Escolas da Rede Pública de Salvador/Ba.** In: XIIIº Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba. XIIIº Congresso Nacional de Educação, 2017.

SILVA, Jailson de Souza e (ORG.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique; **Dicionário de conceitos históricos:** São Paulo, 2006.

SOARES, Antonio Mateus de C. **Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador-BA.** UFMG, Geografias. Disponível em URL: <http://www.igc.ufmg.br/portaldeperiodicos/index.php/geografias/article/view/482> acessado em 19/06/2017.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, SALVADOR-BA. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/salvador_ba#idh Acesso em : 06/03/2018.

CONFIRA A TAXA DE ANALFABETISMO NO SEU MUNICÍPIO. Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=salvador/BA-Confira-a-taxa-de-analfabetismo-no-seu-municipio>. Acesso em: 06/03/2018.

PAINEL DE INFORMAÇÕES: DADOS SOCIOECONÔMICOS POR BAIROS E PREFEITURAS-BAIRRO DO MUNICÍPIO DE SALVADOR. Disponível em: http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf . Acesso em : 06/03/2018.

PLANO MUNICIPAL DE SAÚDE 2014-2017. Disponível em : http://www.saude.salvador.ba.gov.br/arquivos/astec/pms_2014_2017_versao_preliminar.pdf. Acesso em : 06/03/2018.



OS ÕNÓSõ DA AVALIAÇÃO ESCOLAR: IMPLICAÇÕES DE UM PROCESSO FORMATIVO

Jaqueleide Souza de Lima¹
Barbara Maria Trindade da Costa²
José Antônio Carneiro Leão³

Eixo ó Espaço, Memória e (Geo)Tecnologias
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este estudo visa descrever o desenvolvimento de ações pedagógicas realizadas em turmas de alfabetização do município de Dias d'Ávila, durante o ano letivo de 2018. Neste contexto, como se evidenciam olhares sobre o ato de avaliar e mudanças de ações/práticas pedagógicas a partir de reflexões realizadas ao longo de um percurso letivo que proporcionaram momentos de encontros formativos. A metodologia implica na observação de sujeitos locais interagindo em suas teias de ãnósõ (alunos e professores), tendo em vista o contexto histórico e repertórios de cada envolvido no processo de alfabetização de crianças em Dias D'Ávila, a partir do instrumento de avaliação aplicada via Programa Federal do MEC. Os resultados possibilitaram discussões sobre a aplicação de instrumentos avaliativos de larga escala e a necessidade de se avaliar a partir das vivências e pertinências de cada escola, espaço de localização e experiências próprias das crianças e dos profissionais envolvidos no processo.

Palavras-chave: Avaliação. Práxis pedagógica. História e memória.

Introdução

Os fios das histórias de vida das pessoas, como produtos dos espaços vividos, se entrelaçam e se confundem, formando uma única teia de fatos que dão origem a uma história, seja de um bairro, de uma comunidade, de uma cidade ou mesmo de práticas pedagógicas que constituem a memória de uma instituição e essa teia contribui na composição de um Sistema. Estabelecemos critérios conscientes ou inconscientes, muitas vezes, para as mais diversas práticas cotidianas, dos quais atribuímos um valor a situações na sociedade, comparamos, escolhemos, interferimos no espaço, intervimos nas ações estabelecidas, mudamos atitudes e

¹Universidade do Estado da Bahia; mestranda do Programa GESTEC; leide.educ@hotmail.com .

² Universidade Católica do Salvador; Licenciada em Educação Física, trindade_barbara@hotmail.com

³Universidade do Estado da Bahia; Professor doutor em educação; e-mail: jleao@uneb.br

pensamentos. Enfim, formulamos regras, critérios e escalas de valores para muito do que nos rodeia. A isso chamamos de avaliação, processo necessário e indispensável em todas as áreas da vida do indivíduo. A avaliação das aprendizagens escolares é, portanto, imprescindível para redimensionamentos e reorientações pedagógicas a fim de auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem (LUCKESI, 2002, p. 174).

Gadotti (1984) faz um paralelo entre o ato de educar e o mundo em que vivemos, deixando claro que a prática pedagógica cotidiana precisa ser refletida e modificada ao tempo que nos envolvemos e nos comprometemos com ela. Assim, avaliar, nesses termos, sendo um ato educativo, é um dos nós no contexto escolar. Pois, via de regra, esses critérios partem de definições de documentos oficiais que gestam a organização da sala de aula. Porém, como seres sociais, produtos desse espaço vivido, definimos nossa maneira de avaliação a partir de nossos posicionamentos pessoais, da forma pela qual aprendemos e como fomos avaliados, ou mesmo pelo entendimento de que esta evidencia o erro diante de ensinamentos inquestionáveis.

Os nós alusivos às amarras que prendem a compreensão do ato de avaliar a equívocos e contradições ameaçadoras e autoritárias, que transformam a avaliação em decisões sociais de reprovação e seletividade de estudantes, que em sua maioria são de classes populares, (HOFFMANN, 2013). Nós pronome pessoal do caso reto. Pessoa diretamente engajada no/do/pelo discurso. Profissionais da educação, imbuídos de difusos entendimentos sobre esse momento escolar tão crucial.

Neste contexto compartilhamos uma experiência que proporcionou momentos formativos denominados Diálogos Pedagógicos e geraram discussões sobre o caráter amplo e generalizado da percepção de Avaliação e, sobretudo de avaliações externas, aplicadas em larga escala, formatadas para atender ao país e, na maioria das vezes, com uma matriz pré-definida que não considera a realidade, experiências daquele grupo de educandos e seu currículo e ainda, a necessidade de registro das práticas pedagógicas de modo que propicie a memória de ações específicas para a melhoria das condições de oferta de um ensino mais aproximado com as necessidades apresentadas pelos sujeitos desse processo avaliativo. Foram desenvolvidas intermediações nos momentos de Atividades Complementares (Planejamentos dos professores na escola) e encontros formativos pela SEDUC com grupos de interesses para a consolidação das ações planejadas em sala de aula para posterior análise dos resultados dos estudantes envolvidos.

Metodologia

A referida ação foi desenvolvida durante o ano de 2018, (entre os meses de maio e novembro) em turmas do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) da Rede Pública do município de Dias d'Ávila, região metropolitana de Salvador. A partir da constatação da dificuldade de leitura e escrita dos estudantes, através de instrumentos de avaliação aplicada via Programa Federal do MEC sob a Portaria 142 de 22 de fevereiro de 2018 (MEC/2018). Esses instrumentos foram testes cognitivos que avaliaram habilidades dos estudantes de cada ano/série de acordo com matrizes referenciais estabelecidas pelo próprio Programa, alinhadas à Base Nacional Comum Curricular, em implantação no País.

Ainda que por força dessa Portaria (MEC/2018), *que traça estratégia de fortalecimento e apoio às unidades escolares com turmas no processo de alfabetização, disponibilizando õprofessoras assistentes de alfabetizaçãõ para dar suporte pedagógico a estudantes com dificuldades de aprendizagem*, é que tenha havido a necessidade do engajamento em tal atividade, foi fundamental e necessária à ampliação do olhar da secretaria municipal de educação para as dificuldades apresentadas pelos estudantes que tiveram um resultado não satisfatório nessas avaliações. Para tanto, foi traçado um plano de intervenção municipal para dar suporte às escolas nesse processo e, nas unidades escolares, foram desenvolvidas ações pedagógicas a partir das necessidades reveladas pelos educandos.

Assim, a partir de um olhar endógeno, que mobilizou toda equipe escolar, SEDUC/Dias d'Ávila e as professoras assistentes foram possíveis momentos de reflexão sobre os resultados das avaliações diagnósticas aplicadas via MEC, com a apresentação desses por escola e da rede municipal como um todo, o que proporcionou detectar situações pertinentes à realidade dessas instituições, gerando documentos de análises que apresentaram uma fotografia da rede municipal, de cada escola, de cada turma e de cada estudante, considerando as habilidades avaliadas e alinhando as matrizes referenciais à proposta curricular municipal. Desse modo, cada escola, em seus momentos de planejamento, fez um diagnóstico do processo de aprendizagem e níveis conceituais de cada turma e estudante, possibilitando o trabalho que seria desenvolvido pelas professoras assistentes bem como pela própria equipe escolar.

Todo esse percurso formativo de õDiálogos Pedagógicosõ culminou em um encontro com todas as escolas, professoras, gestores escolares, coordenadores pedagógicos, professoras assistentes, com a presença de pais e estudantes para apresentação dos resultados sistematizados e ponderação de pontos que contribuiriam com a melhoria dos índices bem como de questões que dificultaram o processo interno de aprendizagem. Assim, foi possível o

compartilhamento de experiências que foram originadas da práxis pedagógica dos profissionais envolvidos.

Resultados e Discussão

Ao longo desse percurso, das discussões que aconteciam no interior das escolas entre pares (professoras alfabetizadoras e professoras assistentes de alfabetização) e em favor do estudante, ações de intervenções foram se materializando e gerando reflexões do ato de avaliar como possibilidade de utilização do *õerroö* (representado pelas habilidades não alcançadas pelos estudantes nas avaliações diagnósticas) como meio para a construção/consolidação do conhecimento. Baseados nos princípios alfabéticos discutidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) e por Soares (1998), essas ações foram planejadas tendo o espaço escolar, bem como seu entorno, como fomentador de aprendizagens.

O trabalho foi subsidiado por *õDiálogos Pedagógicosö* em encontros formativos com as professoras assistentes de alfabetização, onde foram discutidos a (des) validação dos resultados em função de, as habilidades da matriz da primeira avaliação serem diferentes da matriz municipal evidenciando a necessidade de alinhamentos para atender às necessidades específicas apresentadas pelos estudantes. Assim, conceitos diferentes e, em alguns casos, equivocados permearam os discursos sobre avaliação e uma proposta de ação-reflexão-ação foi tomando espaço trazendo à baila a práxis pedagógica do ato avaliativo.

A tabela abaixo apresenta os resultados das Avaliações aplicadas aos estudantes, que apontaram na Diagnóstica Inicial um índice insatisfatório de aprendizagem, principalmente do 2º ano, em Língua Portuguesa. Esses resultados são apresentados com base no indicador de percentual de estudantes por níveis de desempenho (que compreende *nível 1*- 0 a 60% de acertos, *nível 2* ó60% a 80% de acertos e *nível 3* ó 80% a 100% de acertos) e foram analisados pela Rede Pública Municipal considerando o Nível 3 como o desejável.

Tabela 1- Resultados das Avaliações Diagnósticas

LINGUA PORTUGUESA							
1º ano	ADI	ADP	ADS	2º ano	ADI	ADP	ADS
Nível 1	24.1%	9.9%	12.4%	Nível 1	46.1%	19.4%	11.3%
Nível 2	30.1%	31.7%	25.2%	Nível 2	33.7%	27.5%	21.8%
Nível 3	45.8%	58.4%	62.3%	Nível 3	20.2%	53.1%	66.9%

Fonte: <https://maisalfabetizacao.caeddigital.net/>

Assim, inquietações surgidas nesse processo serviram de conteúdos registrados e abordados nos encontros formativos com as professoras assistentes de alfabetização, onde foram discutidas algumas propostas para uma organização pedagógica que levassem em conta

a aproximação do estudante com as dificuldades apresentadas por eles e permitissem procedimentos que os conduzissem a patamares mais elevados de aprendizagens.

Hoffman (2013) aponta que o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo e conduzi-lo... à formulação e reformulação de hipóteses de tal modo, é preciso esse contato dos envolvidos no ato avaliativo para o entendimento do que e como deve, pode e precisa ser avaliado ponderando que essa ação envolve um processo abstrato de cognição. Avaliar não apenas por que é uma imposição do sistema nem para controle do aprender, mas para dar significado a esse processo de cognição e, principalmente à prática diária do professor.

Conclusões

É perceptível o olhar ainda difuso que temos sobre o ato de avaliar. Subsiste o entendimento intrinsecamente ligado às concepções de quem avalia. Considerando que o Programa aqui abordado possibilitou uma análise de testes cognitivos, construídos a partir de matrizes referenciais pensadas para público a nível nacional, mas que permite discussões sobre a necessidade de se vivenciar o ato avaliativo a partir dos que enlaçam o entendimento dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Não é nossa pretensão alcançar a totalidade de sujeitos desse processo no entendimento de que a avaliação escolar não deve categorizar nem somente classificar, mas queremos fomentar uma reflexão a partir de um olhar voltado para as realidades de cada unidade escolar e das experiências pedagógicas realizadas para o desenvolvimento de aprendizagens mais significativas para os estudantes.

REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emília. **Apresentando a psicogênese da língua escrita**. 4º. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 1984.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e desafio ó Uma perspectiva construtivista**. 43ed. Porto Alegre, Mediação, 2013.
- LUCKESI, C.C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOARES, Magda, **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.



OS MUNDOS VIRTUAIS DO MINECRAFT E O ESPAÇO DA ESCOLA

Leandro Coelho Correia¹
Tânia Maria Hetkowski²

Eixo – Espaço, Memória e (Geo)Tecnologias
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Existe uma relação marcante entre a compreensão do espaço com seus desdobramentos sociais e a constituição do ser cidadão e, conseqüentemente, reflexões acerca do espaço e cidadania devem ser iniciadas na escola, pela sua contribuição para a formação do indivíduo como ser cidadão e como produtor de agenciamentos sócio espaciais. As geotecnologias são reconhecidas como potenciais à reflexão sobre o espaço da/na escola, através de práticas pedagógicas inovadoras entre alunos e professores. Assim, este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo avaliar o potencial geotecnológico do jogo digital Minecraft. Através de uma abordagem participante o Minecraft foi utilizado para discutir, com alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental, conceitos de localização, orientação espacial, lugar, território e transformação sócio espacial. A etapa de análise de dados da pesquisa se encontra em andamento, mas os resultados aqui apresentados já permitem afirmar o potencial geotecnológico do Minecraft.

Palavras-chave: Minecraft. Mundos Virtuais. Geotecnologias.

Introdução

A percepção do espaço começa, para cada um de nós, nos primeiros momentos de nossa vida, através das percepções que temos do nosso corpo e evolui para o reconhecimento de objetos e ações, com relações espaciais cada vez mais complexas e, posteriormente, para a compreensão da produção do espaço com seus desdobramentos sociais. Santos (2007) argumenta que caminhar rumo a uma consciência crítica sobre o espaço é de fundamental importância para a formação do cidadão e o resgate de um modelo cívico baseado em uma visão comum do mundo e da sociedade. A escola ocupa uma posição estratégica e singular nesse contexto, por ser um espaço de formação cultural, se constituindo como lugar não

¹ UNEB; lccorreia@uneb.br

² UNEB; hetk@uol.com.br

neutro de formação, envolvendo relações complexas entre diferentes sujeitos (alunos, professores, gestores).

O Laboratório de Projetos, Processos Educacionais e Tecnológicos (K-LAB), um projeto articulador do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), relacionado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), reconhece a importância de uma discussão ampla sobre o espaço na escola, buscando o fortalecimento da tríade universidade-escola-comunidade, através do desenvolvimento de pesquisas e práticas pedagógicas baseadas na utilização das geotecnologias.

Nesse sentido, os estudos do K-LAB envolvem o Minecraft como um jogo digital baseado em blocos³ e construído a partir dos conceitos de mundos virtuais (CASTRONOVA, 2001) e jogos de mundo aberto ou *sandbox* (SQUIRE, 2008), com grandes contribuições em contextos sociais e educacionais, neste caso, junto as escolas do município de Salvador/BA, objetivando investigar o potencial geotecnológico do Minecraft e sua capacidade de promover/mediar reflexões sobre o espaço geográfico.

A fase de campo da pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Pública do Município de Salvador/BA e os resultados obtidos até o momento reafirmam o potencial do jogo pesquisado. Desta forma, analisaremos e descreveremos, neste ensaio, os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento.

Metodologia

A abordagem metodológica desta pesquisa está fundamentada na pesquisa participante (BRANDAO, 2006), pela sua contribuição para a construção de uma visão de ciência crítica, transformadora e socialmente contextualizada. O histórico de pesquisas realizadas pelo K-LAB (NASCIMENTO, 2013; REZENDE, 2015) utilizando a abordagem participante reforça nossa opção. O trabalho foi realizado em uma escola onde o GEOTEC possui um histórico de pesquisas bem sucedidas. Os sujeitos foram estudantes de três turmas do ensino fundamental, sendo duas do 4º ano e uma do 5º ano, totalizando 96 crianças com idades variando de 9 a 11 anos.

Foram realizados 36 encontros formativos. As crianças participaram utilizando *tablets* da própria escola, com o Minecraft instalado. Os *tablets* foram conectados através de dois roteadores WiFi (sem a necessidade de acesso à Internet). Os mundos virtuais do Minecraft

³ De forma similar aos blocos de montar, todo o cenário do Minecraft é formado por uma composição de blocos, que podem ser modificados pelo jogador.

foram compartilhados com todos os participantes do encontro e exibidos através de um projetor. O pesquisador também atuou como jogador, conectado ao mesmo mundo virtual dos alunos. A visão do pesquisador no jogo foi exibida no projetor para os demais participantes. Os alunos de cada turma foram divididos em dois grupos, de forma que o número máximo de participantes por encontro fosse pequeno (média de 15 alunos). A participação dos estudantes nos encontros foi voluntária.

Foram definidas cinco categorias de análise que permitiram estabelecer uma relação entre a experiência proporcionada pelo Minecraft e o seu potencial geotecnológico: elementos do espaço geográfico natural - a relação entre o sujeito e os elementos materiais presentes na natureza e representados no jogo; localização e orientação espacial - a capacidade de se localizar através de mapas, coordenadas geográficas e estabelecer pontos de referência; lugar - o espaço dotado de significado e carga simbólica; território: a projeção espacial de uma relação de poder, uma relação social especializada; transformação - o comportamento inerentemente humano de constituir dinamicamente o espaço a partir de modificações (construções, manufatura).

Os encontros formativos foram baseados em cinco temas (Busca aos Biomas, Meu Canto, Caça ao Tesouro, Nossa Escola e Nossa Vila) com o objetivo de estimular comportamentos relacionados às categorias de análise.

Resultados e Discussão

Foram realizados 36 encontros formativos durante o segundo semestre de 2018. Somados, os registros de áudio e capturas vídeo totalizam mais de 40 horas. Dos encontros previstos, foram realizados 6 com o tema “Busca aos Biomas”, 12 com o tema “Meu Canto”, 6 com o tema “Caça ao Tesouro”, 8 com o tema “Nossa Escola” e 2 com o tema “Nossa Vila”.

Os encontros formativos apresentaram evidências relacionadas às categorias de análise. Começando pela identificação de elementos do espaço geográfico natural, ponto chave do encontro “Busca aos Biomas”, expressões de surpresa, admiração, frustração ou apreensão marcaram as relações dos participantes com os ciclos de dia e noite, as mudanças no tempo e a satisfação de encontrar um novo bioma no jogo e relatar para toda a turma.

No primeiro encontro formativo da pesquisa os participantes vivenciaram a descoberta do espaço no mundo virtual, reproduzindo o comportamento descrito por Almeida e Passini (2015) para nossa jornada pessoal de descoberta do espaço durante a infância. A necessidade de reconhecimento do seu próprio personagem foi o ponto de partida, seguido de

uma atitude de observação dos objetos à sua volta, em um processo de descentralização que permitiu uma posterior exploração do mundo virtual.

A categoria “localização e orientação espacial” se apresentou nesse momento. Os alunos partiam em busca dos biomas e estabeleciam pontos de referência que lhes permitissem um reagrupamento posterior. Um mapa, fornecido pelo próprio jogo, permitiu que os alunos percebessem a localização dos demais jogadores e realizassem reagrupamentos por iniciativa própria ou por solicitação dos pesquisadores.

Os comportamentos apresentados dialogam com Almeida e Passini (2015) no que diz respeito ao processo de reconstrução constante do espaço que a criança realiza na busca de uma concepção espacial mais ampla. Os encontros do tema “Nossa Escola” trouxeram contribuições adicionais à categoria “localização e orientação espacial” por esse ter sido o único tema que abordou, de forma mandatária, a representação, dentro do mundo virtual, de objetos do mundo real, nesse caso, as edificações da escola. A busca de uma representação coerente, a partir de medidas coletadas pelos próprios alunos em passeios pela escola, permitiu o exercício de projeção e redução, duas habilidades apontadas por Almeida e Passini (2005) como fundamentais para a construção de representações cartográficas.

As categorias “Lugar” e “Território” ficaram evidenciadas nos encontros do tema “Meu Canto”. Casas em árvores, superconstruções e uma mansão exclusiva para cães são alguns exemplos produzidos durante os encontros, capturando dentro do jogo expectativas e frustrações dos participantes.

O conceito de lugar como um espaço dotado de significado e carga simbólica (SOUZA, 2016) fica evidente nas representações e no discurso dos alunos. As discussões de natureza territorial surgiram no estabelecimento da vizinhança. Apesar dos mundos de Minecraft possuírem uma ampla área para construção, alguns participantes decidiram estabelecer suas construções adjacentes à construção de outro aluno. Essa atitude, que indicou uma possível necessidade de afirmação territorial, gerou discussões importantes entre os participantes, pautadas na legitimação ou não das construções realizadas.

O conceito de território aqui está coerente com Souza (2016) como a projeção social de uma relação de poder e as discussões sobre território durante os encontros tiveram como consequência, de um lado, comportamentos de ruptura (alunos que se afastaram para realizar suas construções em outro espaço) e, de outro, comportamentos de cooperação e solidariedade.

Apesar da categoria “Transformação” ter apresentado evidências em todos os encontros, os temas “Caça ao Tesouro” e “Nossa Vila” se destacaram nessa categoria. Como

esses temas tinham como objetivo transformações específicas solicitadas pelo pesquisador, os participantes tiveram a oportunidade de compreender e exercitar o complexo sistema de progressão oferecido pelo Minecraft para a realização de construções mais sofisticadas. Os encontros envolveram a busca de matéria-prima e a construção de objetos úteis no jogo (ferramentas, armaduras, armas, baús, camas, etc) a partir de um processo de transformação em mesas de trabalho e fornos. A progressão de blocos do jogo, a necessidade dos instrumentos e os processos de transformação foram discutidos com os alunos ao longo dos encontros, permitindo uma reflexão sobre o trabalho e a produção do espaço (SANTOS, 2007).

Conclusões

Embora a fase de análise dos dados coletados não tenha sido plenamente concluída, percebemos, preliminarmente, que há conjunto amplo de evidências que reafirmam a hipótese de que o Minecraft possui um grande potencial geotecnológico, através da demonstração de resultados coerentes com todas categorias de análise escolhidas, desenvolvidas nos encontros formativos com os alunos. Os resultados desta pesquisa apontam para desdobramentos que permitem uma exploração em profundidade de cada uma das categorias de análise e promovam a utilização do Minecraft, no contexto das geotecnologias, em sala de aula, de maneira mais sistemática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela; PASSINI, Elza. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015. ISBN: 9788585134471.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação na pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da américa latina. In: BRANDAO, C; STRECK, D. (org.). Pesquisa participante: **A partilha do saber**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2006. p. 17–54.

NASCIMENTO, Fabiana. **Educação cartográfica e itinerários do espaço: tecendo vias e práticas à concepção do jogo-simulador Kimera**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, 2013.

REZENDE, André Luiz Andrade. **Jogo-simulador Kimera como proposição geotecnológica para o entendimento do espaço**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo (EDUSP), 2007. ISBN: 9788531409714.

SOUZA, Marcelo de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Socio-Espacial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. ISBN: 9788528617320.

SQUIRE, Kurt. Open-ended video games : a model for developing learning for the interactive age. In: SALEN, K. (Ed.). **The ecology of games: connecting youth, games, and learning**. Cambridge: MIT Press, 2008. p. 167–198. ISBN 9780262693646.



POR DENTRO DA CIDADE: UM TOUR PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DO ENTENDIMENTO DO LUGAR

Monica Clara Xavier Lima Carvalho¹

Anne Alves Silva²

José Antônio Carneiro Leão³

Eixo: Espaço, Memória e (Geo) Tecnologias
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Promover o entendimento do lugar deve ser uma das mais recentes empreitadas da educação na contemporaneidade. A escola é um lugar multifacetado, constituído pelas diversidades e diferenças dos sujeitos, nele se destacam os profissionais da escola, alunos e famílias. A educação atual tem sido cobrada a uma nova postura pedagógica na formação do sujeito. As aprendizagens dos alunos necessitam perpassar pelos saberes das coisas que lhe são mais próximas, mas muitas vezes esses saberes não são discutidos e confrontados em sala de aula, pois também fogem ao conhecimento de muitos professores. E como forma de aproximar os professores dos locais de vivências dos alunos, o movimento de conhecer a cidade, por meio de um tour pedagógico, como processo geotecnológico da inventividade humana, se faz oportuno tendo em vista o conhecimento dos bairros onde as escolas e os alunos estão situados, bem como, a história da comunidade de diferentes pontos da cidade. O Passeio Pedagógico apresenta-se como um importante instrumento de possibilidade de conhecimento do(s) o(s) lugar(es). Para tanto, a construção de um roteiro pedagógico geografizando a cidade mostra-se imprescindível à concretude desta ação.

Palavras-chave: Geotecnologia. Passeio Pedagógico. Lugar.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação /GESTEC/UNEB-BA; Especialista em Gestão com Ênfase em Coordenação Pedagógica; Especialista no Atendimento Educacional Especializado-AEE; Pedagoga; monicaclarax@gmail.com.

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação /GESTEC/UNEB-BA; Especialista em Gestão Pública, Especialista em Gestão Empresarial, MKT, Gestão de Pessoas; annealves.ssa@gmail.com.

³Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Doutor em Educação, Mestre em Gestão de Políticas Públicas; zeleo63@gmail.com

Introdução

Na atual conjuntura da educação brasileira pode-se considerar como novo paradigma educacional a formação do ser humano integral. Este modelo de sujeito, contemporâneo, não se fragmenta na sua essência, mostra-se por inteiro. E nesta perspectiva, a escola necessita ressignificar suas práticas no sentido de construir uma via de ligação entre o saber e o fazer de toda comunidade escolar.

A formação do ser humano integral consiste em conhecer a realidade a qual o sujeito faz parte. De acordo com Charlot (2013, p. 165), “Cada um de nós tem uma história que é, ao mesmo tempo, uma história social e uma história singular”. Nesse sentido, entende-se que esta é uma missão um tanto cara às práticas escolares, pois muitas vezes os profissionais da escola, principalmente os professores, têm pouco conhecimento da história de vida de seus alunos, e em muitos casos, da vida da escola. O que coloca estes profissionais como meros executores de funções, ou tarefeiros, uma vez que a sociedade lhes obriga a uma rotina de trabalho exaustiva.

Pensar a formação humana integral é antes de tudo reconhecer os diferentes sujeitos que habitam as escolas, assim, crianças, adolescentes e adultos trazem diferentes experiências e expectativas de vidas e que não são tão diferentes dos professores e demais profissionais da escola. Mas como é possível conhecer esses sujeitos, os alunos, quando a comunidade escolar, ou seja, os professores desconhecem ou conhecem pouco o seu ambiente de trabalho e a comunidade local?

É cada vez mais urgente a necessidade de a escola aproximar os saberes da realidade local, a esta questão Charlot (2013, p. 180) deixa claro que não se deve esquecer que a “educação não é somente humanização e subjetivação: é também socialização”. Logo, o “ato de ensino-aprendizagem depende igualmente, das estruturas e relações sociais”.

O objeto desta pesquisa é a cidade como recurso pedagógico na construção do sentimento de pertença dos sujeitos com o lugar. A intenção é aproximar os(as) professores(as) da realidade das escolas e da cidade. Para tanto, foi realizada como atividade de reconhecimento do espaço geográfico da cidade, o Passeio Pedagógico, como uma ação mobilizada pela Gerência de Projetos apoiada pelo programa de Formação Continuada da rede pública municipal de Dias d’Ávila.

O Passeio Pedagógico configura-se como um importante movimento de inclusão social ao possibilitar a exploração do espaço geográfico da cidade que pode envolver diferentes técnicas de exploração, e o meio digital, para Brito e Hetkowski (2010) permite a construção

de uma compreensão acerca do espaço geográfico fortalecendo os enlaces de pertencimento, de conhecimento e de cidadania (BRITO e HETKOWSKI, 2010, p.61). Além do Passeio Pedagógico, os(as) professores(as) também podem contar com um mapa físico da cidade produzido, cuidadosamente, no final do segundo semestre de 2018, pela gerência de projeto, como proposta de instrumentalizá-los no que tange o estudo da cidade, dos bairros, das áreas vegetativas e hídricas, localizando as escolas em diferentes áreas.

Entender a geografia da cidade, através das disposições dos bairros, se configura como um espaço enquanto “produção humana, o espaço construído e transformado pelo homem e que contém, portanto, as ideias, a política, a cultura e os interesses socioeconômicos dos grupos humanos que o constituem” (LIMA JUNIOR e MARINHO, 2010, p.26).

A escola é compreendida como lugar das vivências, do ensino/aprendizagens e da ocupação espacial, como salienta Cavalcanti, “a noção de lateralidade e o desenvolvimento das habilidades de descentralização e reversibilidade são pré-requisitos para a aprendizagem dos pontos cardeais [...]”, que são extremamente necessários quando se deseja se orientar por meio de mapa físico, virtual ou mental. (CAVALCANTI, 2016, p. 96).

A geografia por meio das (geo)tecnologias tem sido, nas últimas décadas, uma forte referência aos estudos do lugar, que está para além do aspecto físico, o olhar que se tem é o das relações humanas em que estão imbricados a ela sentimentos e sentidos.

Metodologia

Para o entendimento do lugar, foi idealizada pela equipe técnica da Seduc, representada pela Gerência de Projetos e a Coordenação de Formação como parte do processo formativo docente de Dias d’Ávila, um Passeio Pedagógico com os(as) professores(as) das escolas públicas municipais. A metodologia adotada visa viabilizar, dentre outras coisas, o desenvolvimento do concurso de redação da rede municipal relacionando à ideia de pertença do aluno com a cidade.

O método adotado ao entendimento do lugar é aqui compreendido a partir da visão contemporânea explicitada por Pádua (2002, p. 28) a partir de Morin (1989, p. 35) que diz ser o método: “um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. [...] Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, histórico e demográfico”.

Sendo assim, o Passeio Pedagógico pretendeu envolver todos os professores da rede pública municipal de ensino considerando as modalidades de educação infantil, ensino fundamental e EJA-Educação de Jovem e Adulto do diurno, prevendo um público de mais de

trezentos professores(as). Nesse sentido, cada professor(a) em suas mais diferentes disciplinas e campos de atuação podem realizar, por meio da transposição didática, os conhecimentos adquiridos em relação ao lugar.

O caminho a ser percorrido teve como base um roteiro de visitas em que estavam contempladas as escolas nos bairros e pontos estratégicos da cidade. Durante o percurso os(as) professores(as) foram informados(as) sobre a localidade, sobre o que viram, e em outros realizaram visitas em *lócus*. No campo da visitação, os professores foram recepcionados por pessoas da comunidade atual, ou que já foram no passado, no sentido de compartilhar informações pertinentes ao local.

Resultados e Discussão

Tendo em vista o conhecimento da cidade na perspectiva do entendimento do lugar, o Passeio Pedagógico foi elaborado a partir de um roteiro dos pontos mais significativos da cidade tendo como referências básicas as escolas de educação infantil creche e pré-escola e ensino fundamental de 1º ao 9º ano e EJA diurno. Foram construídos 11 (onze) roteiros que ainda estarão sendo utilizados no período de 23 a 25 de abril de 2019. Espera-se envolver nesta ação um público de mais de (300) trezentos professores da rede pública.

Os roteiros contemplam bairros da área urbana, rural e de assentamento. Em cada localidade específica possui um grupo, um(a) morador(a) local que interage com os alunos informando sobre fatos históricos da cidade. Ver modelo de um dos roteiros abaixo:

Tabela 1- Roteiro de Passeio Pedagógico de Professores da Rede Pública Municipal de Dias d'Ávila, 2019.

ROTEIRO N° 04	
1- Lessa Ribeiro – Escola Prof. Luiz Sande (Saída)	8- Praça do Rio Imbassay – Local do banho
2- Lama Preta – Escola Cândida Marques	9- Curva do S
3- BA 093 – Escola Claudionor Simões	10- Rua da Mangueira
4- Entroncamento – Laura Folly e Creche São Francisco	11- Linha do trem
5- Concórdia: Escola Maria Santiago Bacelar	12- CRECHE DEUS MENINO (Parada obrigatória)
6- Concórdia – Escola José Ferreira Veloso	13- Prefeitura (destino final)
7- Imbassay – Escola Florêncio Borges	

Fonte: Gerência de Projetos e Coordenação de Formação - SEDUC, 2019

O quadro acima possui um público específico de professores do ensino fundamental dos anos finais (6º ao 9º ano), como forma de compartilhar experiências de universos distintos. Cada roteiro é destinado a um tipo de público com paradas pontuais em partes significativas da cidade. Sendo que, no roteiro acima, o ponto principal de visitação é a creche Deus Menino.

Esta é a forma de os professores “geografizarem” o espaço da cidade e de construírem elementos vivenciados a partir do Passeio Pedagógico que lhes proporcionam embasamento para fomentar discussões em sala de aula e ajudar os alunos a entenderem sua relação com a cidade, o bairro e a escola e com isso poderem se relacionar com a escrita da proposta da redação. Ao realizar tal ação, o aluno estará produzindo texto ao tempo que conhece e reflete sobre o espaço que vive, tendo em vista o senso crítico sobre os elementos que o cercam.

Considerações Finais

A idealização do Passeio Pedagógico permite concluir que é possível construir elementos de entendimento do lugar a partir do olhar sensível ao local de trabalho e do entorno. É importante que os(as) professores(as) ao longo de sua práxis possam desenvolver este olhar e a escuta sensível do lugar de sua atuação prática. A construção dos roteiros pedagógicos de conhecimento e reconhecimento de parte da cidade dará aos professores subsídios para o enriquecimento na sala de aula de discussões de temas que possibilitem a reflexão sobre aspectos políticos, econômicos e sociais da cidade e dos espaços de vivências dos alunos. Com isso os professores estarão fomentando em seus alunos o senso crítico que é essencial à formação do cidadão com vistas à sua atuação prática.

REFERÊNCIAS

BRITO, Francisco Jorge de Oliveira, HETKOWSKI, Tânia Maria. Geotecnologias: Possibilidades de Inclusão Sócio-espacial. In: Boneti, LINDOMAR Wessler, ALMEIDA, Nizan Pereira, HETKOWSKI, Tânia Maria. **Inclusão Sociodigital: Da Teoria à Prática**. Curitiba, PR, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Eografia, Escolar e Construção de Conhecimento**. 18. ed. Campinas: SP: Papirus, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares, MARINHO, Ana Glória da Silva. **A exploração das Geotecnologias no Espaço Geográfico: política de sentidos e o jogo de poder**. In: Boneti, LINDOMAR Wessler, ALMEIDA, Nizan Pereira, HETKOWSKI, Tânia Maria. **Inclusão Sociodigital: Da Teoria à Prática**. Curitiba, PR, 2010.

PÁDUA, Elisabete Matallo de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 8. ed. Campinas: SP: Papirus, 2002.



A rádio d
na escola

Arte, cultura e sociedade



A INFLUÊNCIA DA CAPOEIRA NAS RELAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS MORADORES DA TIMBALADA SSA/BA

Cailane Nascimento dos Santos¹
Kátia Soane Santos Araújo²

A comunidade da Timbalada, situada na cidade de Salvador/BA, é um corpo social, localizado em uma região periférica, onde a maioria dos moradores são negros, pobres e com baixa escolaridade, entretanto é uma região tipicamente expressiva, sobretudo no que se refere as manifestações culturais. Em uma pesquisa realizada (SANTOS, 2018) constatamos uma distância entre aquilo que é entendido como cultura e a compreensão das manifestações ocorridas nesse local por seus moradores. Na pesquisa foi possível identificar que muitos deles tem envolvimento direto com algum tipo de expressão artística, mas não consideram a mesma como um aspecto cultural. Por ser um local de muitos negros e está envolto as ações da cultura baiana, a Timbalada já apresenta até por meio do seu nome a representatividade do povo negro, como: a ginga, o molejo, a fé, entre outras expressões tão próprias da nossa cultura. Para esse projeto de pesquisa destacamos a capoeira como estratégia para o desenvolvimento das relações sociais entre os moradores jovens dessa comunidade. A capoeira é definida por Trindade (2005) como um “misto afro-brasileiro de luta e dança, é uma manifestação cultural bastante característica do Brasil”. Na Timbalada, a capoeira é uma cultura que influencia as crianças, jovens e adultos. É uma espécie de divertimento que contamina alguns moradores, no entanto muitos deles veem essa arte, apenas, como uma forma de defesa pessoal para resolver situações de conflitos e não identifica a capoeira como uma forma de cultura ou uma herança da ancestralidade de um povo que é tão importante para o desenvolvimento local. Isto porque, a capoeira ajuda os jovens a se interessar, pelos costumes que foram deixados pelos povos negros, além de levar esses jovens a interagirem com outros jovens, principalmente na retirada desses das ruas e das influências da marginalidade, uma vez que parte do grupo é tomada por ela. Dessa forma, esse projeto de pesquisa tem como objetivo: verificar como a capoeira influencia as relações sociais dos jovens moradores da Timbalada e a sua repercussão para qualidade de vida. Para tanto, esse projeto será desenvolvido a partir do entendimento das heranças culturais do povo negro, mais especificamente a capoeira. Para compreensão das relações sociais entre os jovens e a capoeira serão realizadas entrevistas com os moradores e posteriormente confrontaremos esses dados com a finalidade de obter o propósito dessa pesquisa.

Palavras chave: Capoeira. Timbalada. Herança.

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, cailanne.nascimento@hotmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



A MÚSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Italo Peruna Rodrigues¹
Rafael de Sousa Almeida²
Andréia dos Santos Sousa³

Vivemos em uma sociedade em que a música esta presente intrinsecamente no cotidiano. O namoro, lazer, esporte, cultos religiosos entre outras atividades são regidas pela música. Deve ser considerada também a importante tarefa de contribuir para externar nossos sentimentos e emoções, assim não podemos vê-la apenas com uma função de entretenimento. Algumas pesquisas colocam que existem benefícios intelectuais para aqueles que praticam música, já que induz o prolongamento de neurônios e a ampliação de conexões entre eles. Então começamos a pensar sobre a necessidade de trabalhar mais a musicalização dentro do ambiente escolar, assim além das atividades escolares serem mais prazerosas, poderia potencializar o desenvolvimento intelectual dos alunos. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de apresentar a possível importância do ensino de música dentro do ambiente escolar, tendo em vista que os estudantes que tocam algum instrumento, vem demonstrando aumento em seu desempenho. A pesquisa foi realizada com estudantes do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros, Salvador-Bahia, considerando que nesta escola possui uma banda de musica constituída por alunos. Utilizamos os métodos qualitativos e quantitativos. Em um primeiro momento houve a necessidade de nivelamento do conteúdo, assim foi feita uma revisão de literatura; para realização da pesquisa de campo utilizou-se um questionário contendo 8 (oito) perguntas objetivas de múltipla escolha com a finalidade de reconhecer um possível desenvolvimento que os entrevistados poderiam ter adquirido após o início de aulas de música. A participação dos entrevistados obedeceu ao critério de serem alunos do CPM e estarem participando da banda de musica, ou de já terem participado dela. Em posse dos questionários aplicados, foi realizada a tabulação dos dados e a construção e análise dos gráficos. Foram entrevistados 32 (trinta e dois) alunos. 100% (cem) dos alunos afirmam que o ensino da música é essencial nas escolas. Quanto ao aumento de seu desempenho escolar, 94% (noventa e quatro) destes alunos relatam que apresentaram alguma melhora, apenas 6% (seis) não apresentaram melhora no desempenho. Percebemos também que a relação social dos entrevistados aumentou em 100% (cem), assim como a sua autoestima o qual 87% (oitenta e sete) dos entrevistados dizem que aumentou consideravelmente. Quando perguntados sobre o aumento de seus níveis intelectuais 62% (sessenta e dois) responderam que houve uma melhora, 31% (trinta e um)

¹ Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, italoperuna123@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, ra908493@gmail.com

³ Colégio da Polícia Militar, Professora da educação básica (Orientadora), Graduada em História, Especialista em Educação Ambiental, andrea.sohis@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

responderam que ela talvez pode ter ocorrido e 7% (sete) responderam que não houve melhora. Com esses dados pode-se perceber que, pelo menos na maioria dos entrevistados, há sim uma melhora tanto intelectual ou de desempenho quanto no campo social e psicológico, de modo que visam a música como importante auxílio para o desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar. Ao longo dessa pesquisa nós conseguimos compreender de fato as influências e consequências que a música e sua prática proporciona para o estágio de desenvoltura das pessoas. Assim achamos que as escolas deveriam de certa forma terem o devido suporte e condição de se aperfeiçoar no ensino e prática musical com intuito de proporcionar uma melhor formação dos seus respectivos alunos em qualquer faixa de idade, visando sempre os fatores de desempenho no campo social e psicológico. Esperamos que com esse resultado favorável, as escolas tentem adquirir recursos para ter estrutura adequada para ensino e prática de música, para que seus respectivos alunos possam obter melhora em seu desenvolvimento.

Palavras chave: Música. Escola. Desempenho.



AS BAIANAS DE ACARAJÉ: UM SÍMBOLO REPRESENTATIVO DA CULTURA DE SALVADOR-BA

Louise Victoria Marques Prado¹
Clesialane Santana Pereira²
Imaira Santa Rita Regis³

Salvador tem um leque cultural muito diversificado por ter sido a primeira capital do Brasil, recebendo assim diferentes povos durante a colonização. Nesse contexto, temos como herança cultural a capoeira, os cultos religiosos de matriz africana, comidas com dendê, o samba, entre outros. Contudo, aqui daremos ênfase às baianas de acarajé por acreditar que as mesmas, ao longo do tempo, tornaram-se um símbolo representativo para a cidade. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é mostrar a importância cultural das baianas de acarajé na cidade de Salvador/BA. Além de buscar identificar o papel das mesmas na cidade de Salvador; mostrar o acarajé enquanto fonte de renda; e relatar o acarajé como representação da cultura afro brasileira. O acarajé, inicialmente chamado de acará (oferenda do Candomblé), foi trazido ao Brasil pelas pessoas escravizadas durante o comércio atlântico de escravos. O método de trabalho aqui desenvolvido foi a pesquisa de campo, com entrevistas à representante do Memorial das Baianas de Acarajé e com baianas que se encontravam nas mediações do Pelourinho, além da pesquisa bibliográfica. Durante a pesquisa de campo ao Memorial, perceberam-se espaços expositivos e de documentação, mostrando aos visitantes a evolução da profissão da baiana de acarajé e estimulando a preservação da herança e tradições dos mais de 300 anos de ofício das baianas de acarajé. Sendo uma especialidade gastronômica das culinárias africana e afro-brasileira, o acarajé é um bolinho feito de massa de feijão-fradinho, cebola e sal, frito em azeite de dendê. No início, a comercialização do acarajé era realizada pelas escravas de ganho- as ganhadeiras- mulheres que trabalhavam nas ruas para seus patrões, vendendo em tabuleiros seus quitutes. As mesmas ficavam com parte do dinheiro arrecadado nas vendas, sustentando sua família e posteriormente comprando a sua liberdade, do marido e dos filhos. Apesar de sua comercialização realizar-se no contexto profano, não devemos desassociar da religião de matriz africana, o Candomblé. As baianas devem estar obrigatoriamente padronizadas com sua vestimenta, composta por torso, fios de contas, bata, saia de tecido, e o tabuleiro de madeira contendo apenas as comidas tradicionais do ofício, de acordo com o decreto N° 26.804/2015. Por conta da venda indiscriminada do acarajé por evangélicos, substituindo a denominação tradicional por “acarajé de Jesus”, tornou-se necessário ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o

¹ Colégio da Polícia Militar de Salvador – Unidade Lobato, Aluna do 2º ano do Ensino Médio, louseprado@yahoo.com.

² Colégio da Polícia Militar de Salvador – Unidade Lobato, Aluna do 1º ano do ensino médio, spereirapop@gmail.com.

³ Colégio Polícia Militar de Salvador – Unidade Lobato, Professora mestre em Geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

registro do “Ofício da Baiana do Acarajé” como Patrimônio Nacional, no ano de 2004, pela sua importância cultural e histórica. É a baiana de acarajé que apresenta Salvador, as tradições e sabores da cidade, logo a figura das baianas de acarajé é representação simbólica da cidade. Com sua simpatia e imagem própria, as baianas trazem a memória histórica e afetiva, tornando-se monumentos vivos. Diante dos dados analisados, percebe-se que as baianas de acarajé mantêm viva uma tradição ancestral. Após a abolição da escravatura e até os dias atuais, com finalidade religiosa ou comercial, o acarajé continua sendo o meio de vida de muitas mulheres e até homens que se intitulam Baianos de acarajé, sendo à base do sustento de muitas famílias, sendo um ofício passado de geração a geração e permitindo também que assumam seus múltiplos papéis como chefe de família, mães e devotas religiosas.

Palavras chave: Cultura. Baiana de acarajé. Cidade de Salvador.



AUTOMUTILAÇÃO ENTRE OS JOVENS DA ESCOLA ROBERTINHO

Júlia Maltez¹

Kátia Soane Santos Araújo²

A automutilação é um comportamento de autodestruição oriundo de um desejo de se punir que pode ser inconsciente e consciente e apresenta grande impacto na vida do indivíduo. Segundo Isabel e Macedo (2017) a “automutilação, trata-se da descarga direta de uma tensão insuportável na ordem do corpo, na medida em que não se encontrou uma via possível para que a dor pudesse ser traduzida em palavras”. Uma das formas mais comuns de automutilação é a utilização de um objeto afiado para cortar o próprio corpo. No entanto, existem diferentes formas que os jovens usam para se automutilar, como: queimaduras, arranhões, cortes profundos ou beber algum tipo de substância tóxica. A automutilação está diretamente ligada ao suicídio, mas o suicídio, em alguns casos, não tem a ver com a automutilação, no entanto, de acordo com Isabel e Macedo (2017) há “testemunhos de jovens que se automutilam e que permitem constatar que não há relação deste comportamento com o suicídio”, demonstrando uma relação íntima com a dor. Na Escola Municipal Governador Roberto Santos, situado no bairro do Cabula, Salvador/BA nos últimos anos vem ocorrendo um fenômeno constante entre os adolescentes com faixa etária de 12 a 16 anos que auto se mutilam. Alguns alunos relatam que fato está relacionado aos conflitos da adolescência, a violência, a pobreza e a desigualdade social, fatores presentes e comuns a vida desses jovens. Entretanto, a automutilação significa agressividade e por conta disso é importante um olhar cuidadoso sobre esse problema, principalmente na escola que é um local onde as questões sociais e psicológicas dos alunos impactam no seu principal objetivo: a educação, o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo: descrever os fatores que levam os jovens, estudantes da escola Robertinho, a automutilarem-se. Para, a partir desse propósito, discutir sobre o tema “Automutilação” e analisar, com base nos dados, os conflitos dessa faixa etária por meio da análise desse problema, para que com isso se constitua uma rede de apoio que envolva alunos, professores, pais e comunidade. Como metodologia levantaremos as referências sobre o assunto; convidaremos profissionais da área de psicologia para debates; realizaremos entrevistas e questionários com os estudantes que se automutilam-se ou não, com a finalidade de compreender como essa questão acontece na escola e propor possíveis soluções.

Palavras chave: automutilação. Estudantes. Robertinho.

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



BAIANIDADES – UM OLHAR ALÉM DO MESMO

Leandro Vinicius Buhaten da Silva¹
Janile S. Rodrigues de Jesus²

Este trabalho estrutura, de maneira coerente, toda a elucidação feita acerca do termo Baianidade que serviu de base para a produção de um documentário apresentado no CONNEPI (Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação). Justifica-se pela existência de múltiplas facetas que deturpam a verdadeira identidade sociocultural baiana pois com tanta pluralidade de sentidos e objetivos diferentes para se caracterizar o povo baiano, e conseqüentemente o termo Baianidade, qual seria o fio que liga esse sentimento de pertencimento a todos aqueles que se consideram baianos? Será que somente é necessário nascer na Bahia ou deve haver algum sentimento ou característica comum a todos? E, tão importante quanto, será que a imagem construída pela mídia e seus artistas consagrados acerca do termo Baianidade é a mesma que seu próprio povo (da Bahia) acredita? Este artigo justifica-se, então, pela necessidade existente em esclarecer dentro das percepções obtidas o que é estereótipo, o que é construção influenciada e o que é plena Baianidade visto que esta possui diversas vertentes a depender do interesse de quem enxerga. O principal objetivo deste artigo é entender se a imagem que os baianos têm sobre a Baianidade se iguala à imagem que foi construída pela mídia e a imagem dos seus artistas consagrados. Como objetivos necessários para alcançar o objetivo principal, deve-se saber como as pessoas percebem o termo Baianidade, o que os artistas consagrados falam sobre o termo e quais as palavras/características que remetem à Bahia para os baianos. Para se alcançar estes objetivos, utilizamos uma metodologia de pesquisa baseada em dois momentos: as pesquisas exploratórias e as entrevistas. Foram feitas pesquisas exploratórias sobre as percepções da mídia e de artistas consagrados que retratam a Bahia em suas obras para se entender os processos que fundamentam as construções sociais em torno da Baianidade e explorar os efeitos destas construções sociais promovidos a longo prazo; além disto, foram realizadas entrevistas com questionamentos acerca da percepção pessoal dos aspectos que moldam a identidade baiana como tradições, cultura e modo de viver para entender a percepção que as massas possuem sobre o tema, isto em locais icônicos de Salvador como o Pelourinho e o Mercado Modelo, mas também no nosso campus do IFBA e no centro de Simões Filho por ser a cidade na qual localiza-se o nosso campus; foram entrevistados os residentes da Bahia - tanto os baianos quanto os não-baianos - e turistas brasileiros e estrangeiros garantindo, assim, uma variedade de opiniões necessária para melhores resultados. Como resultado dos estudos, constatou-se que a definição da Baianidade é estruturada como o enaltecimento dos elementos fundamentais que formam um cidadão baiano; numa heurística simples, é a personificação do cidadão baiano. Nas entrevistas, absorvemos diversas informações, inclusive, as diversas facetas da Baianidade. Pelo estudo exploratório, afirma-se com

¹ Instituto Federal da Bahia; Técnico em Eletromecânica pelo IFBA; leandro17buhaten@gmail.com

² Instituto Federal da Bahia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Pós-graduanda em Neurociências, Bacharela em Administração pelo IFBA. Docente do IFBA; janilerodrigues@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

propriedade que a Baianidade pode ser vista em dois contextos - a Baianidade Clássica e a Baianidade Atual - que convergem cada vez mais mesclando-se de tal maneira a dificultar seu entendimento, justificativa a qual deu voz para esta pesquisa. De fato, existe uma percepção midiática que transpõe a Bahia como um estado turístico, ressaltando a presença de belas praias e pontos históricos, povo e culturas exóticas, seduzindo os turistas com a ideia que mais lhe encantar. Como também de fato, existe uma percepção dos artistas em retratar a Bahia como terra de múltiplos prazeres, como forma de enaltecer o território. Por fim, salienta-se que a Bahia é plural e não detém uma única Baianidade.

Palavras chave: Baianidades. Mídia. Percepção.



CAPOEIRA: A LUTA PELA VALORIZAÇÃO

Layse Marques de Souza¹
Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

A capoeiragem que é o conjunto das características da capoeira formado pela dança, música, cultura, história e a arte marcial em si, passou a ser marginalizada desde o seu nascimento no século XVI na época do Brasil colônia, dessa forma podemos ver nos dias atuais o reflexo dessa marginalização na sociedade e conseqüentemente na desvalorização desse Patrimônio Cultural da Humanidade – tombada em 2008. Tendo em vista que isso também ocorre na sociedade Valenciana onde há preconceitos, má remuneração aos mestres, falta de espaços para o desenvolvimento dos aprendizes, intolerância religiosa e outros fatores que negativam essa expressão cultural brasileira, compreendemos que já é tempo de valorizar aqueles que lutam para manter viva a cultura e os saberes da capoeira. Esse projeto de pesquisa pretende identificar os mestres de capoeira na cidade de Valença-Ba e suas lutas em busca de reconhecimento e espaço cultural. Além disso, buscaremos identificar os preconceitos sofridos e reafirmar a resistência das mulheres que lutam para conseguir o seu espaço na capoeira, visto que na arte é predominante a presença masculina, e a imagem feminina é sempre vista como algo inusitado, diferente. Para realizar esses objetivos, alguns procedimentos metodológicos perpassam em estar presente nos encontros dos grupos, frequentando as rodas de capoeira na cidade acompanhando de perto a dificuldade para mantê-la. Na oportunidade, serão realizados diálogos e entrevistas com os mestres de capoeiras e alguns aprendizes, pois esses representam os agentes principais da investigativa. Também serão aplicados questionários e ocorrerão filmagens dos eventos, visando registrar as narrativas e momentos ímpares durante o trabalho. A partir da necessidade de uma forma de combate contra a repressão dos senhores de engenho que proibiam qualquer tipo de treinamento, surgiu a arte marcial disfarçada de dança, a capoeira. Desde então temos a capoeira como sinônimo de luta e resistência, bem como instrumento que evita a perda da identidade cultural em nosso país através das músicas que contam a história do seu surgimento até às revoltas em que ela fora utilizada, dos instrumentos tradicionais e dos movimentos corporais que remetem as origens dos escravizados. Por outro lado temos a capoeira como forma de instrumento social de inclusão, interação e empoderamento acolhendo aos jovens e ensinando como se portar diante da sociedade, pregando o respeito e aumentando a auto-estima dos mesmos, juntamente a temos como forma de atividade física, melhorando a saúde com a diminuição do estresse, da manutenção do corpo e da saúde mental. Entretanto, apesar dos diversos benefícios, percebe-se um quantitativo de pessoas que deixam a

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, estudante, laymrqs7@gmail.com

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, Professora-orientadora, e-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

transparecer a falta de conhecimento da capoeira como forma de melhoria e desenvolvimento social, cultural, educacional e de saúde acentuando ainda mais os preconceitos em nosso país e desvalorizando uma arte que está presente em nossa sociedade desde cinco séculos atrás. São muitos os esforços e as dedicações dos mestres para erguer a capoeira na cidade de Valença-Ba tentando trazer a maior quantidade possível de jovens para participar do movimento e receber apoio da prefeitura municipal e das instituições de ensino, superando a exclusão da arte e persistindo ao longos dos anos.

Palavras chave: Capoeira. Luta. Resistência



CENÁRIO NACIONAL DE ACESSO AO CURSO DE MEDICINA

Enzo Rosa Reis¹
Rêmulo Veloso dos Santos²

A medicina é uma carreira muito procurada atualmente por pessoas de todo o país devido a uma alta procura e pouca oferta de profissionais formados em áreas na medicina, milhares de brasileiros querem se formar doutores e médicos. A função principal do médico é pesquisar as doenças e suas causas para poder posteriormente combatê-las e curá-las. A medicina trabalha com a manutenção e a restauração da saúde, basicamente ela lida com a prevenção e cura das doenças humanas, um profissional da medicina investiga a natureza e as causas das doenças. Sabendo disso, a atividade diária de um médico é: realizar diagnósticos, solicitar exames, prescrever doses e períodos de uso dos medicamentos, atuar em programas de esclarecimento e prevenção de doenças, prescrever regimes alimentares, realizar cirurgias. A atuação de um médico também depende de sua área de especialização, é preciso fazer o curso de bacharelado em medicina que dura em média cerca de seis anos. Isso para se tornar um médico, caso a pessoa deseje se especializar em alguma área específica o médico formado deverá fazer uma residência médica ou especialização reconhecida pelo Conselho Federal. Após os primeiros seis anos de formação se formam os clínicos gerais que depois escolhem suas especializações por residência médica ou um curso que seja reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina por mais dois anos. Diante do exposto objetivamos com esse projeto de pesquisa realizar um relatório que evidencie dados estatísticos sobre a oferta e a procura dos cursos de medicina na Brasil, vislumbrando ajudar estudantes interessados no referido curso. Sabendo que o curso de medicina é um dos mais disputados e concorridos nos vestibulares e exige dos estudantes o investimento em horas de estudo, como objetivo específico esperamos identificar a procura pelo referido curso em nossa unidade escolar, o CPM Luíz Tarquínio. Construiremos o relatório a partir de dados levantados através de órgãos e instituto renomados, a exemplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como realizaremos entrevistas com os estudantes da 2ª série do Ensino Médio do CPM Luíz Tarquínio, buscando identificar se a busca pelo referido curso também é grande na nossa unidade escolar e o que levaram a escolha do referido curso. Apesar das dificuldades do dia a dia em um hospital, em um consultório ou nos mais diversos desafios enfrentados durante a carreira, o médico certamente sempre encontrará espaço de atuação profissional.

Palavras chave: Medicina. Vestibular. Carreira

¹ Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, remuloveloso@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual da Bahia - UNEB, mestrando em Educação pelo Programa de pós graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, remuloveloso@yahoo.com.br.



DEPRESSÃO INFANTO JUVENIL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA VIDA SOCIAL DOS ALUNOS DA ROBERTINHO

Larissa Brito Nascimento¹
Kátia Soane Santos Araújo²

Toda criança ou adolescente possui deveres e direitos, lei determinada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (1990). Esse documento é um exemplo do empenho dos movimentos sociais na luta pela qualidade de vida das pessoas nessa fase humana. Segundo a constituição brasileira (BRASIL, 1988) "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde[...]". Contudo, em um rápido olhar é perceptível que a prioridade não está sendo priorizada, sobretudo, no que se refere ao direito à vida e a saúde. Estudos prestados pela Oficina de Psicologia revelaram que 2% das crianças sofrem com depressão, número esse que tende a aumentar durante adolescência, chegando a 10%. Numa análise diagnóstica da depressão entre crianças e adolescentes, 50% destes possuem tal doença. As causas da depressão podem ser diferentes e variadas, entre elas destacam-se: bullying, abuso sexual, maus tratos, perda de entes queridos, adaptações, e até mesmo a depressão hereditária, que está ligada a vulnerabilidade biológica hereditária. Os sintomas da depressão na infância podem ser: ansiedade, culpa, medo e tristeza prolongada. Durante a adolescência os sintomas podem ser um pouco diferentes, sendo: problemas de memória, concentração, ganho ou perda de peso, insônia, alterações de humor etc. A depressão pode ser associada a tristeza, mas há uma grande diferença entre ambos. A tristeza pode ser desencadeada no dia-a-dia do cotidiano, mas não se prolonga por longo período. A depressão pode piorar dia após dia, ocasionando estados diferentes, e problemáticas futuras, pode-se definir depressão como distúrbio mental, mas é uma doença tratável e que pode ser curada. No espaço escolar os casos de estudantes depressivos têm aumentado nos últimos anos, os principais fatores são: sentimentos de sobrecarga, problemáticas familiares, desadaptação ao grupo de amigos, orientação sexual e baixa autoestima. Nesse sentido, esse projeto de pesquisa busca responder a seguinte pergunta: Quais as causas e as consequências da depressão na vida social dos jovens estudantes? Como campo investigativo determina-se a Escola Municipal Governador Roberto Santos, denominada carinhosamente pelos alunos, professores e comunidade como Robertinho, localizada no bairro do Cabula, Salvador/BA, onde é notória a presença de alunos que possuem depressão, automutilação ao corpo, e até mesmo, ações e/ou pensamentos suicidas. Pretende-se por meio dessa investigação analisar as causas e consequências da depressão na vida dos estudantes, apontando aspectos da doença e os possíveis mecanismos de superação. Para tanto serão estudadas bibliografias sobre o tema e entrevistas com alunos com finalidade de compreender tal questão.

Palavras chave: Depressão. Estudantes. Espaço Escolar.

¹Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



DISPOSITIVOS DE RESILIÊNCIA, DOS ESTUDANTES DA ROBERTINHO, DIANTE OS OBSTÁCULOS DA ADOLESCÊNCIA

Maria Júlia Sousa Brito de Jesus¹
Kátia Soane Santos Araújo²

Resiliência é a capacidade que a pessoa desenvolve, diante dos desafios da vida. É a competência em lidar com os problemas, adaptar-se as mudanças, superar os obstáculos ou resistir à pressão das situações adversas, como: choque, estresse ou algum tipo de evento traumático, sem entrar em conflito psicológico, emocional ou físico. É a habilidade em encontrar soluções estratégicas para enfrentar e/ou superar as adversidades. Essa aptidão não pertence a todos. Na atualidade é constante o número de pessoas que apresenta algum tipo de transtorno emocional por não conseguir lidar com os problemas do dia-a-dia. Segundo Tavares (2010), “as depressões e suas variadas formas e classificações ocupam lugar de destaque nos dias de hoje. Devido ao aumento de diagnósticos referentes a esses estados afetivos, tornou-se comum ouvirmos sempre que alguém sofre desse “mal do século””. Esse mal, como posto pelo autor, não atinge apenas um grupo específico, ou seja, a depressão está presente nos diferentes grupos sociais: em homens ou mulheres, em jovens ou adultos, em brancos, negros, índios ou qualquer que seja a raça se constituindo como o mal do século. E, sendo presente em diferentes contextos, questiona-se sobre os dispositivos de superação desenvolvido pelo depressivo, sobretudo na adolescência que é uma fase da vida, em que os problemas tomam uma dimensão maior que outras, uma vez que essa etapa é “caracterizada por mudanças, pelo conflito, pois o adolescente não sabe direito quem ele é, percebe que deixa de ser criança, mas não sabe bem o que está se tornando, pois ainda não é um adulto. É uma fase de experimentação. Tudo para um adolescente tem tamanhos exagerados; seus problemas são únicos e insolúveis e geralmente incompreendidos pelos adultos” (SOUZA, 2018). Na Escola Municipal Governador Roberto Santos – Robertinho, os adolescentes são como quaisquer outros: impulsivos, divertidos, indecisos e se acham os donos da verdade. Acreditam que ninguém está os entendendo, mas estão sempre aprendendo coisas novas e se inovando, eles sabem muito e ao mesmo tempo tão pouco. A Robertinho não é uma das melhores escolas, mas também não é uma das piores, sua estrutura necessita melhorar, no entanto temos os gestores e os professores que são bem legais, pois quando os alunos estão com problemas eles tentam ajudar de alguma forma. Os estudantes estão sempre passando por conflitos emocionais, porém são muitos exagerados pensam que tudo é o fim do mundo. Dessa forma, esse projeto de pesquisa tem como objetivo analisar os dispositivos de resiliência, desenvolvidos pelos estudantes dessa escola, diante dos obstáculos da adolescência. Como estratégia de pesquisa estudaremos sobre o conceito de adolescência e resiliência e faremos questionários e entrevistas com estudantes do

¹ Escola Estadual Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com.

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

Ensino Fundamental II com propósito de compreender a problemática e as vias de superação.

Palavras chave: Resiliência. Adolescente. Escola.



EMPODERAMENTO FEMININO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE UMA REFLEXÃO DE RAÇA

Valdevino Souza da Silva¹
Kátia Soane Santos Araújo²

A mulher gradativamente vem conquistando o seu espaço, sendo reconhecida como lhe é de direito. Hoje, a mulher está deixando de ocupar um espaço secundário na sociedade e a cada dia vem protagonizando um lugar de excelência, alcançando cargos muitas vezes superiores aos dos homens. Uma vez que, historicamente, o gênero feminino teve negado a inserção social e a garantia dos direitos comuns entre homens e mulheres, sendo reconhecida, apenas, pela competência da maternidade e da habilidade com os afazeres domésticos. Contudo, na atualidade, esse cenário vem se modificando, isto porque a cada dia a mulher se empodera e luta pela garantia dos seus direitos. O empoderamento é uma ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais. Esta consciência possibilita a aquisição da emancipação individual e da consciência coletiva. O empoderamento devolve o poder e a dignidade a quem desejar o estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino. Nesse contexto, está o conceito do empoderamento social, que se resume em dar poder a uma comunidade e fazer com que tudo seja mais democrático que a população em geral. O empoderamento social deve ser entendido como um processo pelo qual podem acontecer transformações nas relações sociais, políticas, culturais, econômicas e de poder. Um outro sentido para empoderamento é o seu termo em inglês “empowerment” que pode ser traduzido como “delegação de autoridade”, que consiste numa abordagem a projetos de trabalho que se baseiam na delegação de poderes de decisão, autonomia e participação dos funcionários na administração das empresas. É um conceito que também é conhecido como “empoderamento das mulheres” consiste na concepção do poder das mulheres como forma de exigir equidade de gênero nos variados tipos de atividades sociais de modo democrático e responsável. O empoderamento feminino é também um desafio as relações patriarcais em relação ao poder dominante do homem, principalmente no que se refere a mulher negra que além de ter questões referentes ao gênero tem também em relação a raça, ou seja, duplamente teve seus direitos negados. Dessa forma, esse projeto de pesquisa tem como pergunta geradora: Como se constitui o empoderamento feminino das mulheres negras? Essa pesquisa objetiva compreender a construção do empoderamento feminino das negras e como metodologia estudaremos em artigos e livros sobre a luta e as conquistas das mulheres na atualidade, principalmente das mulheres negras. Para ampliar o repertório de dados faremos um questionário com 10 (dez) mulheres negras trabalhadoras, com a finalidade de conhecer as suas histórias.

Palavras chave: Mulher. Empoderamento. Negra.

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com.

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



ESCRAVIDÃO NO BRASIL NA ATUALIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DA COMUNIDADE DA TIMBALADA SALVADOR/BA

Alícia da Paixão Santos ¹
Kátia Soane Santos Araújo²

O Brasil tem uma herança histórica no que se refere ao trabalho escravo. Dos índios aos negros africanos nossa história acusa exemplos de exploração e abuso da mão-de-obra de pessoas em condições de desigualdade social. Por muito tempo, o povo negro vivenciou as maldades do processo de escravidão, no entanto essa situação, de forma diferente, ainda acontece nos tempos atuais em muitos lugares e com diferentes raças, demonstrando que muito pouco tem sido feito para promover a igualdade de oportunidade para o povo brasileiro. É comum observar em reportagens, exemplos de pessoas que trabalham “duro” e não recebem dignamente pelo que fazem ou trocam os seus serviços por comida ou por outro item básico de sobrevivência, ou seja, trabalham sem receber dignamente. No Brasil, a maioria desse grupo social é composto pelo povo negro, que por conta do processo civilizatório e da falta de políticas continuam excluídos do desenvolvimento do país, vivendo uma condição de miséria. No entanto, o problema da escravidão, no Brasil, é ainda mais grave e alcança diversos grupos. Segundo Rocha e Brandão (2013) “O trabalho escravo atinge, principalmente, o trabalhador no meio rural, em diferentes atividades, em especial aquelas ligadas à pecuária, à produção de carvão, à extração do látex e de madeira, à produção de cana de açúcar, dentre outras. Devido à natureza oculta e à dificuldade de acesso às localidades onde ocorre a exploração, é difícil mensurar, com exatidão, quantos trabalhadores estão, neste momento, escravizados”. Entretanto, na comunidade da Timbalada, no bairro do Cabula em uma região central de Salvador/Bahia é possível identificar situações semelhantes com o escravismo, o que nos levam a questionar: Como se configura o trabalho escravo na atualidade? Nesse sentido, essa proposta de pesquisa tem como objetivo discutir sobre as condições de vida de pessoas que vivem em situação de escravidão, sobretudo no que se refere a exploração servil, gerada pelo processo de exploração do povo negro que ocasionou a desigualdade social do nosso país. Essa pesquisa será um estudo bibliográfico por meio do aprofundamento das temáticas: História do Brasil e o Processo de Escravidão, posteriormente realizaremos entrevistas com pessoas em situação de escravidão, moradores da comunidade da Timbalada e por fim analisaremos as fontes.

Palavras chave: Escravidão. Atualidade. Desigualdade.

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: O DEBATE SOBRE AS CRENÇAS ENTRE OS ESTUDANTES DA ROBERTINHO

Alessandra Lima Meneses¹
Kátia Soane Santos Araújo²

A intolerância é compreendida como a falta de aceitação do outro e da diversidade, um processo que se refere às atitudes mentais das pessoas, que na maioria das vezes, se caracteriza como a ausência de habilidade e vontade de aprender, reconhecer e respeitar as diferenças e/ou crenças dos demais. Essa atitude está relacionada ao respeito e a aceitação, uma vez que as pessoas são diferentes, logo os interesses, as crenças e as escolhas seguem o mesmo caminho. A intolerância religiosa relaciona-se a não aceitação de outra divindade que não seja a mesma de um grupo religioso e/ou pessoa. Essa inflexibilidade pode causar vários problemas, principalmente a agressividade e o desrespeito, tornando-se um fator de discriminação, constituídas por meio de palavras ofensivas e desrespeitosas ou até mesmo agressões físicas e/ou patrimoniais aos instrumentos de fé. A fé está relacionada à vontade e a liberdade das pessoas a escolherem suas crenças e/ou religiões, no entanto identificamos pessoas que humilham, agridem e discriminam crenças que são diferentes das suas. Esse ato é considerado como violação dos direitos humanos e é reconhecido como crime, denominado como “crime de ódio” e este pode até mesmo levar a prisão os ofensores, no entanto é muito comum encontrar pessoas e ou religiões que não toleram as demais. Na escola é frequente encontrar jovens e até mesmo crianças que usam do bullying para discriminar o colega por conta da sua escolha religiosa. Na Robertinho, escola localizada no bairro do Cabula Salvador/BA, existem alunos, que na maioria das vezes, não aceitam as crenças ou religiões dos outros, pois acreditam que só sua é que faz referência a Deus que acredita que este seja o pleno, no entanto respeitar a religião e/ou crença do próximo é fundamental. Segundo Carvalho (2018), tal atitude se manifesta desde as críticas em âmbito privado, as piadas agressões verbais e físicas, ataques aos locais de culto e até assassinatos”. Assim, de acordo a esse mesmo autor, deve-se lembrar que a palavra intolerância vem do verbo tolerar, ou seja: aceitar e conviver. No Brasil, a discriminação é crime e desde 2007 e celebra-se o dia “Dia Nacional de Combate a intolerância Religiosa” em 21 de janeiro. A chave para combater a intolerância religiosa é o conhecimento e o respeito, afinal, mesmo que uma pessoa não concorde com uma crença ela tem o dever de respeitá-la. Nesse sentido, essa proposta de pesquisa tem como objetivo analisar os fatores que provocam a intolerância religiosa entre os estudantes da Robertinho a fim de combater suas causas. Para tanto, estudaremos sobre o sentido de religião em livros e artigos e realizaremos entrevistas com

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

alunos com a finalidade de compreender essa questão tão comum em nossa escola e na vida.

Palavras chave: Intolerância. Religião. Estudantes.



LAR FRANCISCANO E CAPELA SANTA ISABEL: AMBIENTE RICO EM CULTURA E HISTÓRIA

Raíssa Evangelista dos Santos¹
Priscila Lopes Nascimento²

Fundado em 1848, por membros da Ordem 3a de São Francisco, o Lar Franciscano e Capela Santa Isabel é um dos pontos turísticos da cidade de Salvador. O lar está localizado no bairro da Saúde, com entrada voltada para a Baixa dos Sapateiros e, apesar de fazer parte do centro da cidade e ser um patrimônio cultural e histórico, não é conhecido por muitos soteropolitanos e turistas que passam diversas vezes em frente a sua encantadora fachada. Assim, este trabalho tem como intuito relatar o contexto cultural e histórico do Lar Franciscano e Capela Santa Isabel para a cidade de Salvador-BA. Visando alcançar este fim, adotou-se a metodologia qualitativa e o método da oralidade, com o uso de entrevistas e aplicação de questionários. Os objetivos específicos consistem em denotar a importância cultural que há no Lar Franciscano e Capela Santa Isabel e expor o valor histórico do Lar Franciscano e Capela Santa Isabel. Inaugurada no dia 23 de dezembro de 1879, a Capela Santa Isabel passou por reformas entre os anos de 1977 a 1980, ela ainda é utilizada por moradores e pessoas que visitam o lar. A partir das saídas de campo constatou-se que o por todos os salões e cômodos do Lar Franciscano encontram-se móveis antigos que exibem o estilo neoclássico do lugar, seu jardim localizado no centro do lar, com quatro belas esculturas de mármore representando as estações do ano e o piso do saguão em lioz colorido retratam imensa beleza. A escadaria de mármore italiano dá um ar de pompa à linda fachada. O Lar é um dos melhores exemplos de arquitetura civil do século XIX na Bahia, a planta é do tenente-coronel do Corpo de Engenheiros Militares do Império João Bloem, a construção do conjunto arquitetônico atual foi iniciada em 1848 e inaugurada em 1860, incluindo Capela de Santa Isabel. O imóvel, tombado em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), tem 170 anos e pertence à Ordem 3a de São Francisco da Bahia, uma irmandade católica. Em 2017, foi promovida a requalificação da fachada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), a obra teve como grande objetivo integrar o trabalho de conservação e manutenção da área externa do imóvel. As saídas de campo nos levaram a conclusão que o imóvel contém 105 quartos (suítes) espaçosos. O lar foi construído para abrigar especificamente os membros da irmandade, como as freiras e padres da Ordem 3a. Entretanto, nos dias atuais não é mais necessário fazer parte da ordem para ser morador do lugar, isso ocorreu por conta da grande demanda da população, hoje em dia são mais de 83 moradores que vivem no lar. O Lar sustenta-se com a soma das mensalidades dos idosos, que são moradores da casa, com a ajuda da Ordem 3a e parte dos recursos do cemitério da própria ordem, além disso o Lar promove festivais que visam a

¹ Colégio da Polícia Militar - CPM-Lobato, Estudante do 2º ano do Ensino Médio, E-mail: raisevangelista@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar - CPM-Lobato, Professora da Educação Básica, E-mail: lopes_pri@yahoo.com.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

arrecadação de fundos. A instituição dispõe de enfermaria, refeitório, sala com aparelhos de fisioterapia (que no momento está sendo reformada). Ademais, o Lar Franciscano é um grande exemplo para outros lares de idosos, sendo um dos melhores e mais procurados do estado da Bahia, pela sua infraestrutura e qualidade. Os idosos não se sentem sozinhos pois têm a companhia de outros moradores, de funcionários, recebem visitas de seus familiares e amigos, além de ter sua saúde monitorada por enfermeiros. Na ocasião da visita foi possível perceber a tranquilidade e felicidade dos moradores que experimentam uma rotina cheia de cuidados e de eventos, nada monótona.

Palavras chave: Lar Franciscano. Capela Santa Isabel. Patrimônio histórico-cultural.



MEDICINA VETERINÁRIA: EVOLUÇÃO E IMPORTÂNCIA

Marco Túlio da Silva Filho¹
Rêmulo Veloso dos Santos²

Pode-se considerar que a medicina veterinária surgiu na mesma época em que o ser humano domesticou os primeiros animais, contudo, cronologicamente falando, esse marco data de cerca de 4000 a.C. através de registros encontrados no Papiro de Kahoun. É certo que em cada continente, o surgimento e evolução da “arte de curar animais” têm sua história, o que vem sendo aprimorado até os dias atuais, sempre na perspectiva de trazer benefícios não só para os animais (principal centro da atenção), mas também para os seres humanos. Contudo, considerando que naquela época a espécie equídea era uma das que tinha maior utilidade, a denominação do “profissional” que curava animais fora definida, na Grécia (século VI a.C.), com base nessa espécie, o qual passou a ser chamado de hipiatra (do grego *hippos* = horse + *iatros* = médico). Em Roma, a denominação desse “profissional” era *Veterinarii* e que, por sua vez, tem etimologia diferente (do latim *Vetus* = velho, idoso), o que surgiu com base na quantidade de equinos oriundos do exército romano e que ficavam velhos, necessitando de tratamento especial. Outras denominações descritas ao longo da história foram *Medicus equarius* (médico dos cavalos), *Mulomedicus* (médico das mulas) e *Medicus iumentarius* (médico do gado), mas não se consolidaram. Esta pesquisa objetiva trazer a história da medicina veterinária evidenciando sua importância para sociedade a partir de uma revisão bibliográfica. Atualmente, políticas públicas de reconhecimento e divulgação da presença indispensável do médico veterinário nas mais diversas linhas de produção e inspeção de alimentos de origem animal, ovos, leite, pescado e mel, bem como na preparação de produtos com qualidade e seguros à saúde, incluindo aí a sua importante atuação em barreiras sanitárias de controle de trânsito animal seja ela em âmbito municipal, estadual ou internacional, são fundamentais no que diz respeito à informação que a sociedade precisa para compreender que, no dia a dia, cada alimento que se faz presente em nossa mesa, foi devidamente inspecionado por um profissional médico veterinário. Nessa perspectiva, a abrangência de atuação desse profissional vai além do que se pensa ainda hoje em determinados segmentos da sociedade, tendo, inclusive, justificativas plausíveis para incluí-lo nas áreas de vigilância epidemiológica e ambiental. Todavia, para que isso seja devidamente consolidado e reconhecido, faz-se necessário a reformulação da *práxis* do ensino, bem como a reestruturação das matrizes curriculares, na perspectiva de romper com a visão hospitalocêntrica do acadêmico em medicina veterinária, mostrando-lhes a amplitude de áreas de atuação, que inclusive encontram-se carentes desses profissionais, como uma forma de suprir, futuramente, essa demanda nos campos de trabalho, fortalecendo cada vez mais a sua presença nesses segmentos. A fragilidade no processo de formação e a ausência de políticas voltadas a esse aspecto contribuem para que campos de atuação específicos do médico veterinário acabem sendo aquinhoados por profissionais de outras áreas de formação e conhecimento.

Palavras chave: Medicina.Veterinária. História.

¹ Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, remuloveloso@yahoo.com.br

² Universidade Estadual da Bahia - UNEB, mestrando em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, remuloveloso@yahoo.com.br



MÃOS QUE CRIAM: O BAIRRO DO JACARÉ E OS TRANÇADOS DO ARTESANATO

Rebeca Palma Menezes¹
Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

O bairro do Jacaré localizado na cidade de Valença, na região do Baixo Sul da Bahia, tem como atividade de destaque, o artesanato local, o qual é caracterizado pela confecção de utensílios variados através da trançagem da palha. Contudo, empiricamente, se percebe que a prática é pouco valorizada pela própria sociedade valenciana, principalmente por não haver nenhuma manifestação do poder público em alocar os artesões em espaço apropriado para divulgação dos produtos. Neste sentido, essa pesquisa tem como proposta promover a valorização do artesanato no bairro do Jacaré, como atividade de grande importância na economia local, cultural e histórica. Ao definirmos artesanato, podemos caracterizá-lo como um trabalho manual que se utiliza da matéria-prima em sua forma natural, podendo ser manifestado de maneira variada, mas sempre levando em conta a expressão do artesão de cada região, mostrando assim, a sua maneira de materialização de cada peça produzida, sendo que esse trabalho geralmente é de caráter familiar e repassando, assim, de geração em geração, por vezes, realizado em seus próprios lares. Trazendo um pouco de história, não podemos esquecer que, através da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, o artesanato passou a ser colocado em segundo plano na sociedade, e períodos subsequentes até os reflexos de uma sociedade industrial e capitalista (a qual reserva ao trabalho manual, baixo retorno), sendo esse o maior desafio para os artesões contemporâneos, que muitas vezes dependem deste meio de produção econômica para o sustento da família. No Brasil, os índios são os artesões mais antigos, pois utilizavam a pintura natural, cestaria e cerâmica, métodos que foram transmitidos através de gerações e incorporados por outras culturas no processo de miscigenação do povo brasileiro. Essa mistura do “como fazer” se apresenta marcante nas peças produzidas pelos artesões do bairro do Jacaré, que assim como outros tipos de artesanato, ainda resiste neste mundo industrializado. Nesse sentido, serão analisadas as contribuições dessa arte para o turismo da região, bem como sua influência na economia valenciana, os procedimentos de uso e preservação dos recursos naturais do lugar, a exemplo das palhas que fazem parte do artesanato da nossa área de estudo. Contudo, devido aos aspectos envolvidos pelo próprio desconhecimento do que há de cultural na cidade, poucas pessoas sabem sobre a história, a origem ou contribuições dessa arte manual, não sendo, assim, reconhecida e valorizada como deveria. Buscando enriquecer nossas discussões e para melhor embasamento do tema, a abordagem metodológica está sendo feita por meio de aplicações de questionários, realização de entrevistas e registros fotográficos, mas, sobretudo, apoiada na oralidade dos agentes envolvidos diretamente nessa investigação.

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Valença. Estudante do curso técnico em informática. E-mail: becca.2002m@gmail.com.

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Valença. Professora / Orientadora, Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br.

As discussões dessa pesquisa estão em andamento, mas, nas impressões iniciais já ficam claras a importância cultural e econômica dessa atividade desenvolvida por famílias humildes num bairro periférico da cidade de Valença, que ao longo de gerações, construiu histórias e deixaram suas marcas registradas em artigos que ganharam diferentes destinos com os turistas que por ali passaram. Uma arte manual que ao longo dos anos, vem resignificando a maneira de olhar e perceber esse trabalho rico em seus detalhes, cheio de criatividade e saberes ímpares, expressos pelas mãos de homens e mulheres que, revelam seus valores e principalmente, suas perspectivas de vida e desejo de dias melhores através de cada trançado.

Palavras chave: Palha. Artesanato. Cultura.



O ALCOOLISMO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE ENTRE JOVENS DE 13 A 17 ANOS POR MEIO DE APLICATIVO

Isaias Oliveira Santos de Jesus¹
Lavínia de Souza Moreira²
Imaira Santa Rita Regis³

Os adolescentes passam por uma fase que as modificações psicológicas e físicas são comuns, o que faz com que o jovem em plena formação, principalmente, de caráter, passe por diversas emoções, problemas, dúvidas, indecisões aprendizados e curiosidades. Dentre essa última perpassa o álcool, que causa muitos efeitos negativos, podendo estes serem desastrosos para a saúde, afetando a memória, causando falta de concentração, juntamente com problemas psíquicos, como mania de perseguição e agressividade excessiva. Além disso, o uso excessivo do álcool pode contribuir para introdução no mundo das drogas ilícitas, uma vez que a curiosidade do álcool já foi saciada. Devido a essa situação, o álcool não é permitido para menores de 18 anos, pois, jovens dessa faixa etária, não estão preparados, nem fisicamente, nem psicologicamente a beber, devido à facilidade de dependência. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral conscientizar os jovens sobre o perigo do alcoolismo para sua formação enquanto cidadão; e como objetivos específicos: explicar para os adolescentes os contratempos que a bebida pode trazer para sua vida acadêmica, além de alertar os pais e/ou responsáveis dos Jovens sobre os riscos da bebida alcoólica na adolescência. Assim visando alcançar este fim, adotou-se a metodologia quantitativa com aplicação de questionários a jovens entre 13 a 17 anos e a pesquisa bibliográfica. Entretanto, buscando ampliar o número de entrevistados para obter uma maior quantidade de opiniões a respeito do tema em pauta, fez-se uso tecnológico a partir do aplicativo Instagram, que é uma rede social de fotos onde oferece a opção de enquete com resultado em tempo real. Quando foi constatado que 91% dos entrevistados conhecem adolescentes que bebem e apenas 9% não conhecem ninguém com essa atitude, 75% já viram adolescentes bêbados, sendo que 25% já ficaram completamente alcoolizados, 92% ajudariam algum jovem bêbado e 93% não bebem com frequência. Tivemos resultados bastante alarmantes, porque ficou evidente que esse assunto, não é muito abordado, e nem recebe a devida atenção. Esses adolescentes geralmente ingerem o álcool pela busca da autoafirmação, por incentivo dos colegas, por desafio ou simplesmente por brincadeiras e etc. Os pais nessa fase da vida do filho deveriam estar mais atentos para essa questão, promovendo o diálogo em torno do tema em questão, mas muitos deles, não dão a devida atenção, e são nesses momentos de invigilância que

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 1º ano do ensino médio, isaiaoliver101@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 1º ano do ensino médio, laviniasmoreira@gmail.com.

³ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, professora mestre em geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

pode ocorrer o alcoolismo na adolescência, sendo que os pais geralmente são os últimos, a saber, quando acontece algo de grave ou quando o filho chega embriagado em casa, então, para evitar que cada vez mais os jovens se envolvam com as bebidas alcoólicas, as atitudes de prevenção se tornam tão importantes quanto as ações de contenção do alcoolismo. Diante das informações coletadas, percebe-se a importância da prevenção e conscientização dos riscos do álcool na adolescência para os jovens entre 13 á 17 anos, necessitando do apoio familiar, de um ambiente saudável com orientações que previna e evite o contato desses jovens com as bebidas alcoólicas combatendo a má influência de amigos e da sociedade sobre o consumo do álcool, para que tenham uma adolescência mais saudável e sem trauma.

Palavras chave: Alcoolismo. Adolescência. Aplicativo.



O CYBERBULLYING: A INTERNET TOCANDO TERROR NO DIA-A-DIA DOS ESTUDANTES DA ROBERTINHO

Júlio César de Oliveira Santos¹
Kátia Soane Santos Araújo²

A discussão sobre *bullying* e suas consequências estão presentes em vários contextos, quer seja na escola, na família e/ou simplesmente nos grupos de amigos. De um habitual comentário até uma intensa difamação, o *bullying* se faz presente nas vidas dos jovens sem que eles mesmo identifiquem as suas consequências. Segundo Santos (2018) o *bullying* se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia. Na escola é comum os casos de *bullying*, uma vez que as brincadeiras de mau gosto fazem parte das relações entre os jovens, entretanto no que se refere a psicologia, o *bullying* escolar, de acordo com Crochík (2012), “tem sido definido como a hostilidade de um aluno mais velho ou mais forte, ou grupo de alunos, intencionalmente e com frequência, dirigida a um mesmo aluno, podendo gerar diversas consequências psíquicas” e por conta disso deve-se ter uma atenção especial com relação a ele e não compreendê-lo como apenas uma “brincadeira de criança”. Segundo a psicologia existem diferentes tipos de *bullying*, expressados em ações verbais e/ou físicas, no entanto com a inserção da internet e a expansão das redes sociais outra forma de agressão chega à vida dos jovens, o *cyberbullying*. *Cyberbullying* é um tipo de *bullying* praticado pelas Redes Sociais em páginas e aplicativos como: *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter*, *Orkut*, *E-mail*, *Instagram* e *YouTube*, onde a “perturbação” é constante e de forma abrangente, pois a “zueira” se expande para além dos muros da escola, ocasionando sérias consequências como: tristeza, angústia, depressão, atitudes agressivas e até mesmo o suicídio. Na Escola Municipal Governador Roberto Santos localizada na cidade de Salvador-Ba existem todas as espécies de *bullying*, isto porque a escola é uma instituição de grande porte e acolhe estudantes de diferentes realidades e a “zueira” é comum entre os estudantes. No entanto, nos últimos anos o *Cyberbullying* vem tomando forma e ferindo um grande número de estudantes, criando com isso uma questão geradora dessa intenção de pesquisa: Como *Cyberbullying* se perpetua entre os alunos da Robertinho? Nesse sentido, este projeto tem como objetivo compreender como é praticado o *Cyberbullying* dentro da escola, visando entender o comportamento dos estudantes e reconhecer os principais motivos que levam os estudantes a esse tipo de comportamento, nocivo para quem sofre a ação e para quem o pratica. Dessa forma, essa pesquisa será um Estudo de Caso, onde se pretende compreender o problema apresentado, para tanto serão estudadas algumas bibliografias que apresentem explicações sobre o tema. Para o

¹ Escola Municipal Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, geotecrobertinho@gmail.com

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

conhecimento da realidade vivida serão feitas entrevistas com estudantes com a finalidade de compreender as implicações do *Cyberbullying* na vida desses jovens.

Palavras chave: *Bullying*. *Cyberbullying*. Escola.



O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA A PARTIR DO INTERESSE MUSICAL DOS JOVENS DA TIMBALADA SSA/BA

Williams Martins de Oliveira¹
Kátia Soane Santos Araújo²

Em meio às transformações sociais, destacam-se as inovações tecnológicas e científicas e com elas a necessidade social de desenvolver o senso crítico, no entanto esse movimento deve ser constante, uma vez que as transformações acontecem de forma rápida e influencia e/ou até mesmo muda os estilos, as formas e os modos de conduzir e viver a vida. Contudo, a criticidade da população diante desses fatores está cada vez menor, principalmente devido aos baixos índices de alfabetização e escolaridade que ressoam no panorama educacional brasileiro. No entanto, o que se destaca é o (des) interesse dos jovens pela busca do conhecimento, principalmente os da camada mais carente da população, cuja vivência com o ambiente letrado é bastante reduzido ou quicá inexistente, pois o que se percebe, em partes, é que não há nenhuma excitação para o desenvolvimento e/ou aprimoramento do saber, conseqüentemente dificultando a produtividade do indivíduo em relação ao mundo em que vive e com os processos políticos os quais estão inseridos. Pesquisas apontam que um dos maiores desejos de parte da população é alfabetizar-se, principalmente os adultos ou até mesmos os idosos, pessoas que no tempo “ideal” de escolaridade não conseguiram aprender a ler, a escrever e em alguns casos a letrar-se, isto por conta de fatores externos como: o trabalho, o acesso à escola, a pobreza, a desigualdade social entre outras questões que os obrigaram a estarem ausentes da escola. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, cerca de 29% da população não sabem ler e escrever, quantitativo muito alto para um país em desenvolvimento. A alfabetização é uma etapa fundamental no desenvolvimento educacional e social do indivíduo, contudo, só a leitura e a escrita não comportam as demandas sociais da atualidade e o letramento é um elemento chave para construção de uma sociedade mais crítica. Isto porque, para os profissionais da educação, o indivíduo letrado não é só aquele que conduz as funções da leitura e escrita, mas, sim aquele capaz de dominá-la em seu cotidiano, desde modo uma pessoa letrada consegue ir além das funções básicas, compreendendo os mais diferentes contextos. Pois, quando um indivíduo, usa das suas capacidades de questionamentos: debater, duvidar e questionar, ele quebra cultura do conformismo, e busca ir além do seu conhecimento prévio. O letramento tem a perspectiva que se amplia o que se sabe, indo além do uso dos elementos pedagógicos. Com base nessa compreensão destaca-se a música como estratégia para desenvolvimento da criticidade, uma vez que essa arte é uma ferramenta universal, permeada por prazer e sentimentos, além de favorecer o desenvolvimento crítico dos indivíduos para além da realidade que os rodeiam. Assim, sendo os jovens consumidores de muitos estilos musicais, esse projeto de pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento da consciência crítica a partir do interesse

¹ Escola Estadual Governador Roberto Santos, Estudante da Educação Básica, williamscosta.85314@gmail.com.

² SMED/Salvador, Professora/Pesquisadora, katiasoane@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

musical dos jovens moradores da Timbalada Salvador/BA, para uma possível libertação, como objetivos específicos compreender o conceito de letramento; Aprofundar o entendimento do processo de favelização; e, investigar os interesses musicais e a sua relação com a criticidade. Para tanto, será aprofundado os conceitos de alfabetização, letramento e música como estratégia de conscientização; Serão realizados questionários com jovens da faixa etária de 14 a 24 anos, com a finalidade de compreender como esse processo vem acontecendo na comunidade da Timbalada, no bairro do Cabula Salvador/BA e por fim confrontaremos as bases conceituais com os dados obtidos.

Palavras chave: Letramento. Alfabetização. Música.



O PELOURINHO SOB O OLHAR DA ARTE LITERÁRIA: CAPITÃES DA AREIA

Luís Gustavo Dórea de Souza¹
Priscila Lopes Nascimento²

O Pelourinho é um dos bairros mais famosos da cidade de Salvador. Localiza-se no Centro Histórico da cidade, área que abrange as ruas que vão do Terreiro de Jesus até o Largo do Pelourinho. O mesmo possui um conjunto arquitetônico colonial barroco brasileiro preservado e integrante do Patrimônio Histórico da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). Este trabalho tem como objetivo difundir o Pelourinho enquanto espaço cultural e histórico da cidade de Salvador, através da obra literária *Capitães da Areia*. Os objetivos específicos consistem em comprovar a importância histórica do Pelourinho e estabelecer a importância do bairro para constituição do próprio livro. Quanto à metodologia, o trabalho fez uso de pesquisas bibliográficas e de campo, com entrevista ao responsável pela Fundação Casa de Jorge Amado. Existem diversas obras literárias que têm como palco o bairro do Pelourinho, dentre elas: Tereza Batista, *Capitães da Areia*, Suor. Entretanto, neste trabalho destaca-se a obra *Capitães da Areia*, onde a mesma traz o Pelourinho enquanto cenário de suas histórias. O fato da cidade de Salvador iniciar sua história nesta região foi marcante para a criação dos romances do escritor. Seu interesse pelo Pelourinho confunde-se também com sua própria emancipação, já que aos 15 anos ele morou sozinho no bairro. No prefácio da obra em questão, ele afirma: “Fiz com que a ação deste romance se passasse num daqueles casarões da Ladeira do Pelourinho e fiz de propósito: não só porque num daqueles casarões (onde morei) conheci a maior parte dos personagens como porque me parece que só neste ambiente me poderia o romance e os personagens do romance tomar tons de revolta diante da sua angustiante miséria[...]”. Assim, em 1937, Jorge Amado publicou *Capitães da Areia* onde relata as aventuras dos meninos de rua que se mantêm através do furto e da malandragem. Estes moravam numa casa abandonada, perto da praia. O grupo era composto por cerca de 100 crianças, coordenadas por Pedro Bala: filho de um grevista morto a balas. Os meninos corriam através das ruas do Pelourinho, descendo as ladeiras com a intenção de fugir das perseguições policiais. Portanto, o livro é denominado como uma obra de denúncia, devido ao seu conteúdo crítico em chamar a atenção do leitor para o descaso das entidades públicas e governantes com o abandono de crianças. Estas crianças praticavam pequenos delitos para sobreviver e o Pelourinho era inserido no contexto político e econômico que representava o bairro antigamente, sendo hoje um polo turístico e cultural. Diante das análises feitas, percebe-se a importância do bairro para constituição da arte literária enquanto espaço cultural e histórico da cidade de Salvador.

¹ Colégio da Polícia Militar - CPM-Lobato, Estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II. souzaluisgustavo676@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar - CPM-Lobato, Professora da Educação Básica. lopes_pri@yahoo.com.br



CINTERGEO

*Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias*

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

Palavras chave: Pelourinho. Obras literárias. Capitães da Areia.



USO DO VISAGISMO NO DESENHO DA IMAGEM DE PERSONAGENS: UM ESTUDO APLICADO AO TEATRO BAIANO

Rafaela Batista¹
Leandro Vinicius Buhaten da Silva²
Janile S. Rodrigues de Jesus³

No contexto contemporâneo das artes visuais, como o cinema e o teatro, o que encontramos de mais recorrente é a caracterização e personificação dos personagens que encantam nosso imaginário e nos provocam euforia, criando relações de afeto ou ódio que demonstram uma profundidade maior do que apenas um enredo com a intenção de nos entreter. Para isto, existe um conjunto de técnicas que ajuda a promover tal profundidade, através da expressão da linguagem visual dos personagens, conhecido como Visagismo. A palavra é provinda do francês *visage* - significa “rostro”- e, de acordo com os registros encontrados, o termo foi criado pelo maquiador e cabeleireiro Fernand Aubry que se fundamenta na criação de uma imagem pessoal através da individualização, isto é, não usar estilos, padrões ou modismos, tendo como finalidade expressar a beleza de uma pessoa de maneira única e particular, podendo inclusive ser moldada para exprimir uma linguagem visual do indivíduo diferente daquela que é percebida. Dentre os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, ressalta-se o estudo para conhecer o Visagismo - muito utilizado na área da beleza e nas artes cênicas - e entender a maneira como é explorado e aplicado ao desenho da imagem de personagens, especificamente no âmbito do teatro baiano. Assim, a metodologia foi dividida em duas etapas: a primeira foi a análise bibliográfica para aprofundamento do termo, utilizando a leitura de diversos textos e materiais de pesquisa que pairam sobre alguns tópicos de suma importância dentro do tema. Por conseguinte, como segunda etapa da metodologia deste estudo, estão sendo implementadas pesquisas de campo em instituições, companhias e escolas de teatro nos bairros de Salvador e região metropolitana nas quais os profissionais (diretores, produtores, atores e artistas em geral) são entrevistados para falar a respeito da produção das peças e a maneira como o Visagismo se faz presente na construção do desenho dos personagens. As entrevistas estão em andamento e já é possível perceber como a prática está sendo difundida dentro do teatro baiano e vive intrínseco ao trabalho dos produtores, mesmo que de forma empírica. No TCA, por exemplo, a ideia dos papéis é concebida e idealizada no ator ou na atriz, utilizando suas próprias técnicas, e são encaminhadas a outros ‘setores’ do teatro que se encarregam da produção do figurino para caracterização. Na escola de teatro da UFBA, foi possível entender como o Visagismo se aplica na escolha dos artistas escalados para cada personagem, baseado na fisionomia e nos traços do indivíduo. A importância deste

¹ Instituto Federal da Bahia, Técnica em Mecânica pelo IFBA; batistarafa01@gmail.com.

² Instituto Federal da Bahia; Técnico em Eletromecânica pelo IFBA; leandro17buhaten@gmail.com.

³ Instituto Federal da Bahia, Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Pós-Graduanda em Neurociências, Bacharela em Administração pelo IFBA. Docente do IFBA, janilerodrigues@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

estudo é refletida na valorização das ferramentas e técnicas utilizadas no teatro baiano, no intuito de exibir a construção da produção existente por trás das apresentações que elucidam o imaginário do público, criando vantagem ao colocar o ambiente teatral em voga, como contraponto ao crescente espaço do cinema dentre os jovens e crianças. Portanto, após o término das entrevistas, esta pesquisa também pretende analisar a forma como a linguagem visual dos personagens é criada a partir do uso do Visagismo, e a percepção dessa linguagem por parte do público. Nesse sentido, também se torna possível a investigação da sua utilização como sustentação e fundamento em estudos subsequentes imersos no mesmo tema ou que sejam relativos, para posterior disseminação.

Palavras chave: Visagismo. Teatro. Personificação.



A rádio d
na escola

História e memória



A FÉ, AS REZAS E AS ERVAS EM TAPEROÁ-BA

Julia Stefany de Jesus Vilas Boas¹
Rosangela Patrícia de Sousa Moreira²

As rezadeiras possuem sua dinâmica de vida em comunidades tradicionais e em espaços rurais, tendo como instrumento a utilização das folhas medicinais: a aroeira, aluman e “folha de toda dor” que servem para febre como também para dor de dente, assim como o corana, que é utilizado na reza, e na remoção de pragas como pulga, a folha da cidreira que ajuda no relaxamento assim como do capim santo. E ainda temos da mesma forma, exemplos como o alecrim que auxilia no tratamento da depressão, e assa peixe, utilizada para questões como pneumonia e dor no estômago. Há também cultura dos banhos de folha ou flores que afastam o mal olhado, utilizando o jasmim da vargem, arruda, alecrim, fedegoso, pião roxo, carqueja, vassourinha santa, patchouli, espada de Ogum, manjeriço e aroeira. Em vista disso, esta pesquisa objetiva mostrar a eficiência para fins medicinais contrastando com a história do local. Usando como objetivos específicos a identificação das ervas existentes no local, a análise da procura por partes dos moradores e ressaltar a relação de identidade por parte dos moradores. Sendo assim, percebe-se que as folhas são de grande importância para a saúde, sobretudo, aquelas ervas consideradas apropriadas para chás, sendo utilizadas principalmente no dia a dia das pessoas que residem em espaços rurais, por não ter muito acesso ou recursos financeiros relacionados a farmácias. Vale ressaltar o poder das folhas para a medicina tradicional, sendo utilizadas pela sociedade, antes mesmo de se tornar urbana, servindo de base para classificação e desenvolvimento da própria medicina moderna, ou seja, o uso das folhas se configura como protagonista em todo o processo na busca da cura de enfermidades, tendo a prática da reza, dos chás e da efusão para banhos como verdadeiras vertentes. No mundo contemporâneo, mesmo com o avanço da ciência e tecnologia, é perceptível a obstinação dos costumes e saberes sobre a crença nas folhas. Quem nunca tomou recorreu a um chá de boldo para findar com a dor, ou mesmo buscou o sumo de mastruz para curar uma gripe? Qual a importância das folhas medicinais para o cotidiano dos taperoenses? Esses questionamentos podem ser respondidos historicamente pelos indígenas e negros que recorriam ao poder das folhas, como uma ferramenta medicinal e religiosa segundo o depoimento de alguns pesquisadores antropológicos, que também ressalta que essa prática proporciona um desenvolvimento do “saber médico”, muito importante para o contexto da atualidade. Mesmo assim, a medicina mais avançada pode acarretar na perda desta atividade, com os remédios de eficácia mais rápida, causando uma menor procura pela ervas. Desta maneira, existe um temor que com os avanços na área da saúde, podem acarretar na diminuição ou extinção desta prática milenar realizada e ensinada pelas rezadeiras e

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Valença. Estudante do curso Técnico em Guia em Turismo Regional. E-mail: juli9940vibo@gmail.com

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Valença. Professora / Orientadora. Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares - SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

peças mais velhas. Para tanto, a metodologia que será aplicada utilizará o conhecimento empírico, com a ajuda dos questionários, o auxílio de artigos científicos para melhor embasamento das discussões propostas, bem como o registro de imagens. Com os resultados preliminares, é perceptível observar que as folhas, mesmo na atualidade, são utilizadas em qualquer campo, seja religioso, medicinal ou espiritual, reafirmando sua relevância para a sociedade. Restando apenas catalogar quais são as ervas manuseadas neste meio, sobretudo no distrito de Graciosa que é uma comunidade quilombola e pesqueira, e Camuruji, onde está o balneário do município, localizada em Taperoá, município do Baixo Sul da Bahia.

Palavras chave: Fé. Ancestralidade. Medicina Tradicional



A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DA RÁDIO PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR – UNIDADE LOBATO

Camila Miranda Menezes Correia¹

Ludmila Soledade Teixeira²

Imaira Santa Rita Regis³

Este relato de experiência tem como base o projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” que está vinculado ao Grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus I, Salvador – BA. Em parceria com as escolas públicas no ano de 2013, o projeto alcançou o Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade II Lobato (CPM-Lobato), localizado no Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador/BA. Desde então, alunos do ensino fundamental II e ensino médio se debruçam na educação científica e desenvolvem pesquisas embasadas nos conceitos de memória, história, lugar e geotecnologia. A cada início de ano letivo abrem-se novas inscrições para os alunos que desejam participar do projeto de iniciação científica. Os encontros são realizados semanalmente nos turnos opostos das aulas, sendo um encontro semanal e os demais encontros virtuais. Esses são momentos ímpares em que os alunos da Rádio são envolvidos pela educação colaborativa, pois, em diversos momentos, desde a escolha do tema, na elaboração dos objetivos, das entrevistas e questionários a serem aplicados no lócus de pesquisa, até na própria saída de campo, todos os pesquisadores juniores são estimulados a contribuir com a pesquisa do colega. Assim, torna-se relevante trazer a tona práticas pedagógicas como essa que dinamizam e potencializam o processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral relatar os benefícios do projeto da Rádio na vida dos estudantes da educação básica no colégio CPM-Lobato, e como objetivo específico descrever de que forma o projeto da Rádio continua atuando na vida cotidiana e acadêmica dos egressos. Deste modo, visando alcançar este fim, adotou-se a metodologia da pesquisa de campo, através do método da oralidade, com aplicação de questionários a alunos que participaram do projeto em questão no CPM-Lobato desde o nono ano do ensino fundamental II até o terceiro ano do ensino médio entre os anos 2014 a 2018. Com o 1º questionamento buscou-se saber quais motivos os levaram a participar do projeto da rádio, as respostas foram diversas passando por sentimento de curiosidade até a busca pelo conhecimento; no 2º questionamento os egressos expuseram como era sua relação com o projeto: onde as respostas passaram pela esfera do emocional ao racional; 3º questionamento - quais conhecimentos adquiridos você levou para a sua vida pessoal, acadêmica e profissional:

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 3º ano do ensino médio, camila2002correia@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 3º ano do ensino médio, milasoledade@gmail.com.

³ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, professora mestre em geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



aqui foi destacada a importância da ABNT, o desenvolvimento de competências relacionadas à escrita e ao comportamental; o 4º questionamento: de que maneira o projeto da rádio lhe auxiliou no ingresso a universidade, a qual os alunos alegaram o auxílio no desenvolvimento da visão crítica e reflexiva; no 5º - e último - questionamento procurou-se entender como a pesquisa realizada no projeto da Rádio a partir das saídas de campo e das pesquisas bibliográficas ampliaram suas perspectivas sobre o entendimento do conceito de lugar, memória, história e geotecnologias, principalmente no âmbito da nossa cidade: as respostas foram quase que unânimes, pois os mesmos afirmaram que se aprende mais quando saímos da teoria e vamos para prática; Além de terem relatado que a realização da pesquisa científica ajudou a construir opiniões fundamentadas acerca da realidade de Salvador, contribuindo, assim para ampliar a visão de mundo. Mediante as colocações feitas pelos egressos, conclui-se que o presente relato possibilitou descrever sobre a importância da pesquisa científica na educação básica, pois esta promove uma aprendizagem mais dinâmica onde o conhecimento é construído através da interação e não simplesmente pela transferência de conteúdo.

Palavra chave: Projeto da Rádio. Pesquisa científica. Educação Básica.



A INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRO DESCENDENTE NO PROCESSO DE IDENTIDADE EM TAPEROÁ-BA A PARTIR DO SAMBA DE RODA

Gislane Santos Conceição¹

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

O samba de roda é algo muito característico da nossa cultura e trás consigo uma grande ancestralidade, sendo herança de escravizados que foram trazidos da Angola e do Congo, fruto da diáspora no qual foram lhes tirado tudo, deixando apenas resquícios da identidade étnica e cultural. Na pacata cidade de Taperoá, localizada na região do Baixo Sul da Bahia, em algumas comunidades tradicionais quilombolas como Lamego e Graciosa, o samba de roda se faz presente como parte da sua tradição, lazer e cultura dando ênfase ao próprio significado do termo africano samba: “cabriolar, brincar ou se divertir”. Em vista disso esta investigação tem como pauta analisar de que maneira o samba de roda influencia no processo de identidade desses indivíduos e, sobretudo, nos aproxima da nossa ancestralidade, catalogando as histórias que tornaram possível o surgimento da manifestação no local, percebendo a relação de identificação por parte dos indivíduos e entendendo a importância da preservação do samba de roda, a partir de um contato direto com nossa herança cultural. Posto que o samba de roda é característico de comunidades tradicionais, o seu surgimento nesses locais sempre foram acompanhados de casos e prosas que envolvem uma relação de pertencimento, os nossos ancestrais e essencialmente união. Na comunidade do Lamego, o samba de roda é conhecido por todos os moradores, composto em sua maioria por mulheres negras, as quais relatam que o início dessa prática cultural surgiu a partir do trabalho manual nas casas de farinha - uma atividade tradicional comum na cidade de Taperoá, que possui grande importância cultural e econômica naquela sociedade, com um exercício com etapas duradouras, cansativas, porém gratificantes - onde entre as atividades, os trabalhadores entoavam cantigas, ou especificamente músicas para sambar, acompanhadas de batuques e de um gingado único que herdaram dos seus antepassados. Através do que parecia brincadeira, um momento de descontração, era possível se entreter em meio à execução de um serviço, tornar o trabalho mais leve, satisfatório e trazer à tona toda ancestralidade que, aos poucos estão se esvaindo com o passar do tempo. Já na comunidade da Graciosa, o samba de roda muitas vezes ganha destaque em festividades locais, também interligadas com suas raízes, seja por homenagear os orixás (as divindades que representam os elementos da natureza e que são exclusivamente de origem africana, fazendo parte do candomblé), ou, em eventos que se remetem à luta do povo preto e a resistência a partir dos mutirões realizados nas

¹ IFBA-Campus Valença. Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado em Guia de turismo Regional. E-mail: gislanesantosc@gmail.com

² IFBA-Campus Valença. Professora e Pesquisadora, Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares - SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

áreas da comunidade. A partir desta perspectiva, como procedimento metodológico, afim de encontrar respostas a nossa inquietação, serão levantadas fontes bibliográficas para melhor elucidação dos fatos históricos culturais, através de discussões que versem sobre a nossa linha de investigação. Outro método está na aplicação de questionários quantitativos e qualitativos, com cunho de coletar, via a oralidade, aspectos das memórias do povo desses lugares, bem como o registro de imagens e vídeos como forma de perpetuamento visual da investigação. Com o início desse trabalho científico percebe-se a importância da realização e permanência do samba de roda como parte da identidade na cidade de Taperoá, como método de inclusão e conhecimento, no seguimento à cultura daqueles que os antecederam, principalmente nas comunidades tradicionais que continuam a manter viva a história e identidade cultural, frente a um mundo moderno, que aos poucos caminha a subjugar o que não é tecnológico.

Palavras-chave: Samba de roda. Ancestralidade. Afro descendência.



BAIANAS DE ACARAJÉ: HISTÓRIAS DE LUTA E IMPORTÂNCIA CULTURAL

Júlia Vitória Luz de Santana¹
Ágatha Cristina Gomes Santana²
Rêmulo Veloso dos Santos³

Passeando pelas ruas de Salvador e muitas outras cidades brasileiras, encontramos mulheres vestidas em meio a todo o charme afro-brasileiro, simpatia e carisma, trazendo em si lindos turbantes e colares de conta. Sentadas em seus tabuleiros, vendendo iguarias das culinárias africana e afro-brasileira, são elas: as baianas de acarajé. Mulheres, em grande maioria negras, com fortes traços religiosos de matrizes africanas, tiveram sua profissão regularizada pelos governos públicos. Elas são figuras típicas do nosso país, e é bem comum que sejam as primeiras pessoas que os turistas possuem contato ao chegar a Salvador, elas apresentam a cultura, a culinária e os pontos turísticos da capital baiana. Esta pesquisa tem como objetivo trazer o conhecimento do contexto histórico e da importância que as baianas de acarajé possuem para a cultura brasileira e principalmente baiana. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas as baianas da localidade do Pelourinho e as que se encontram no Memorial das Baianas. No ano de 2012, foram classificadas como Patrimônio Histórico Imaterial da Bahia e foi instituído o registro de Ofício das Baianas de Acarajé no Livro dos Sabores. Assim também o dia 25 de novembro é dedicado a essas profissionais. Inicialmente, devido a característica dos ritos do Candomblé aos quais as baianas se situam com forte identidade nesse meio religioso, as iguarias eram oferendas aos orixás: o acarajé para Iansã e o abará, para Xangô, depois foram utilizadas como modo de conseguir alforria e logo após, as baianas viram estas iguarias como fonte de renda e começaram a comercializá-las. O acarajé composto de feijão fradinho, cebola e sal fritos no azeite e o abará um bolinho de feijão-fradinho moído, cozido em banho-maria e embrulhado em folha de bananeira. Segundo registros da primeira metade do século XX, anos 40 e 30, as famílias ficavam esperando, às sete horas da noite, a mulher do acarajé passar, e era uma espécie de cerimônia (...), porque sua voz era especialmente aguda e alta para anunciar de longe ‘Iê acarajé, iê abará’; aí o povo se preparava, pegava o dinheiro, ia às portas. Esse acarajé e esse abará iam às portas, como se come ainda na Costa d’África. As histórias de vida das baianas de acarajé apresentam muitos pontos em comum. Em geral provenientes de estratos mais baixos das camadas médias da sociedade da Bahia, iniciam-se na atividade por instrução de suas mães e avós, ofício das baianas de acarajé, ou ainda, de outras baianas, pois o ofício atualmente é organizado nos moldes de pequenas

¹Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 1º ano do Ensino Médio, eu.juliajubs0210@gmail.com

²Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 1º ano do Ensino Médio, gomesagatha3098@gmail.com

³Universidade do Estado da Bahia, mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação, Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação – GESTEC, remuloveloso@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

empresas domésticas e realiza-se como estratégia de sobrevivência ou de complementação de renda familiar. A pesquisa revelou que a importância das baianas de acarajé estão para além das questões culturais. Elas representam a força da mulher, a luta, a garra e muitas são as principais responsáveis pelo sustento das famílias.

Palavras chave: História. Baianas de acarajé. Cultura.



GRAER: AS HISTÓRIAS E OS DESAFIOS DO POLÍCIAMENTO AÉREO

Vitor Guimarães Neri¹
Cidicléia Gomes da Silva Santos²

O Grupamento Aéreo da Polícia Militar da Bahia – mais conhecido como GRAER tem origem em 2002, quando um voluntário de oficiais da PMBA iniciou a elaboração de uma proposta de implantação de unidade aérea na referida Corporação. Com o acolhimento do projeto “GRAER” pelo comando da PMBA e Governo do Estado da Bahia, foram estabelecidos critérios meritocráticos para definir os integrantes do seu quadro técnico e adotado processo seletivo para 04 (quatro) funções técnicas: piloto, mecânico de aeronaves, tripulantes operacionais e operadores de apoio de solo. Assim, em 08 de novembro de 2006, através da Lei Estadual n.º 10.403/2006, foi criado e inaugurado o GRAER, tendo como primeiro comandante da unidade e um dos fundadores o, então, Major PM Lázaro Raimundo Oliveira Monteiro, ora Coronel PM, piloto de helicóptero. O GRAER, tem a sua base localizada no bairro de São Cristóvão e atua em ocorrências que envolve afogamentos, acidentes de trânsito, remoção aero médica, transporte de órgãos, apoio em incêndios florestais, apoio em eventos, como o Carnaval além de oferecer importante apoio a ocorrências policiais de alta complexidade, como assaltos, fuga de presídios, policiamento preventivo, e até auxílio em situações envolvendo o tráfico de drogas, como a localização de plantações de maconha, dentre outros. O objetivo dessa pesquisa é conhecer a história do GRAER e como esse tipo de policiamento vem colaborando com a prevenção da ordem pública no estado da Bahia. Para isso os objetivos específicos foram analisar os dados estatísticos relacionados a atuação do Grupamento, relacionar as principais áreas de atuação e identificar as principais dificuldades encontradas pelos policiais que atuam neste tipo de policiamento. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo à Base da Unidade, seguida de entrevista a alguns policiais que ali desenvolvem o seu trabalho. O GRAER na Bahia tem uma enorme importância, pois em mais de 12 anos de existência, salvou mais de 500 vidas com suporte de aeronaves, além das vidas salvas, o grupamento já contabiliza mais de 15 mil horas de voo. O GRAER também realiza várias palestras pelo Brasil, discutindo sobre segurança pública e compartilhando as experiências inerentes ao serviço policial aéreo.

Palavras chave: GRAER. História. Policiamento aéreo.

¹ Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, rosaliagmrs012@hotmail.com

² Universidade Estadual da Bahia - UNEB, mestranda em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, cidosi1@gmail.com.



IGREJA DE SÃO FRANCISCO: UMA ANÁLISE DO REFLEXO DA SUA HISTÓRIA E MEMÓRIA NA CIDADE DE SALVADOR-BA

João Paulo Costa Amambay de Oliveira¹
Imaira Santa Rita Regis²

A Igreja e Convento de São Francisco, fundada no século XVIII está localizada no Largo do Cruzeiro de São Francisco no Centro Histórico de Salvador- BA. Sendo um dos primeiros conventos brasileiros de origem franciscana e também considerada uma das 7 maravilhas portuguesas no mundo, além de ser uma das mais significativas e importantes obras do estilo barroco no Brasil, é decorada com ouro e por isso é conhecida como “Igreja de Ouro”. Logo se torna instigante entender a relação dessa magnitude com a cidade de Salvador. Assim essa pesquisa foi realizada tendo como objetivo geral investigar a história e importância da Igreja de São Francisco para com a cidade de Salvador; e como objetivo específico destacar os reflexos do grande número de visitas ocorridas na igreja e das ações sociais realizadas pela mesma. No período colonial, a primeira missa a ser realizada foi feita por um sacerdote franciscano, em Olinda-PE, mesmo local onde foi fundado o primeiro convento. Com o passar do tempo grande quantidade de religiosos de origem franciscana vieram ao Brasil, principalmente para a Bahia em busca de exercer sua fé. Aqui o método de pesquisa utilizado foi a oralidade por meio de entrevista com o Frei encarregado em transmitir informações sobre a igreja. Nesse contexto observou-se que a igreja é quase uma parada obrigatória para os turistas em decorrência do grande número de visitas, pois em média, pela igreja passam 300 pessoas por dia em período de alta estação, dentre essas pessoa encaixam-se turistas e fiéis. A Igreja é aberta para expressar a fé, muito embora para visitas turísticas, tem um pequeno valor a ser pago, necessário para poder custear as despesas da mesma. Atualmente a Igreja conta com um projeto social, conhecido como Movimento do Povo de Rua, que visa ajudar moradores de rua com cuidados desde um banho, assistência médica até retirada de documentação caso seja necessário. Antigamente essa colaboração se estendia também com alimentação, porém por ausência de logística necessária essa ajuda foi cessada. Esse movimento é extremamente importante, pois reduz a quantidade de sem tetos nas ruas de um dos principais pontos turísticos de Salvador. Ainda no contexto social tem a pastoral da criança, do idoso e da família, que também são obras sociais realizadas pela igreja. Diante dos dados encontrados percebe-se que a Igreja e Convento de São Francisco tem um papel importante para a cidade de Salvador por conta da sua história e memória e ações sociais que trazem reflexos positivos respectivamente para o turismo e para a população carente de Salvador.

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 9º ano do ensino fundamental II, joaoamambay2019@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, professora mestre em geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



CINTERGEO

*Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias*

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

Palavras chave: São Francisco. História. Memória.



MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL: LUTA POR IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Melanie Fabiana Teles Santos¹
Cidicléia Gomes da Silva Santos²

Esse movimento surgiu no século XIX com a luta pela educação feminina, direito de voto e abolição dos escravos. Atualmente, existem várias organizações do direito das mulheres, há organizações específicas de feministas negras, indígenas, homossexuais, transexuais, dentre outras. Inclusive, existem movimentos de mulheres que são contra o feminismo. Os movimentos feministas são movimentos políticos, que tem como principal objetivo, alcançar a igualdade entre os gêneros, garantindo a participação ativa na sociedade. Além disso, os movimentos feministas são também movimentos intelectuais, que através de teorias e pesquisas buscam provar que não existem diferenças entre a capacidade de homens e mulheres. O valor da mulher e a ideia de que ela não merecia os mesmos direitos veio principalmente com a evolução do capitalismo. Essa pesquisa tem por objetivo conhecer o contexto histórico em que surge o Movimento feminista no Brasil e sua influência na luta pelos direitos das mulheres. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, da Universidade Federal da Bahia, seguida de entrevistas a algumas ativistas do movimento, bem como referências bibliográficas sobre o tema. A palavra feminismo surgiu somente no final do século XIX junto com o iluminismo e os ideais de “liberdade”, fraternidade e igualdade. É sabido que o movimento feminista tem aumentado no mundo todo, e as mulheres ainda recebem menores salários, e algumas vezes cargas de trabalho maiores. São vítimas de violência doméstica, física e psicológica. Muitas vezes não tem direito de escolha sobre sua vida ou nem sobre seu próprio corpo. No Afeganistão, quase 80% das mulheres são obrigadas a se casarem contra sua vontade, e no Paquistão elas chegam a ganhar salários até 82% mais baixos do que dos homens, mesmo realizando a mesma função. Na Índia, por exemplo, o alto número de estupros tem chamado atenção do mundo todo, dando ênfase a impunidade para quem comete o crime. Muitas vezes os culpados são inocentados e as mulheres consideradas culpadas. Neste sentido, o Movimento Feminista tem papel fundamental na luta contra essas desigualdades de gênero, pois as mulheres possuem o mesmo potencial para crescimento que os homens, o que os diferenciam são as oportunidades oferecidas de forma desigual. É importante salientar que o movimento feminista, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não luta pela supremacia da mulher na sociedade, mas somente busca por algo extremamente justo, direitos iguais aos concedidos aos homens.

Palavras chave: Movimento Feminista. Conquistas. Igualdade

¹ Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, melaniefabiana.200406@gmail.com

² Universidade Estadual da Bahia - UNEB, mestrandia em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, cidosni1@gmail.com



O ELEVADOR LACERDA LIGANDO OS EXTREMOS DE SALVADOR

Marília Souza Carvalho Santos¹
Imaira Santa Rita Regis²

O processo de mobilização urbana da cidade de Salvador-BA passou por várias transformações ao longo dos anos. Contudo, mesmo com o incremento de novos meios de transporte na Cidade, a exemplo do metrô, o Elevador Lacerda localizado na Praça Tomé de Souza, no centro de Salvador, continua sendo bastante utilizado por turistas e, principalmente, pelos soteropolitanos, por conta da questão custo benefício. Nesse contexto, esse trabalho tem por objetivo mostrar a importância histórica do Elevador Lacerda para a cidade de Salvador e no cotidiano dos frequentadores. O Elevador Lacerda foi idealizado pelos irmãos Antônio de Lacerda e Augusto Frederico de Lacerda, que tinha como objetivo facilitar o transporte de mercadorias, que antes eram feitos através de guindastes, e também para o deslocamento da população, e com isso acelerar o progresso que acontecia ao sul da cidade. O elevador possui atualmente 72 metros de altura, e foi inicialmente inaugurado em 1873, com apenas uma torre e dois elevadores, e com capacidade para 32 pessoas no total, e, hoje em dia tem 4 cabines com capacidade para 128 pessoas ao todo. O método aqui utilizado foi a pesquisa de campo seguido de entrevistas realizadas aos usuários do Elevador Lacerda. Durante a pesquisa de campo, observou-se que cada cabine de elevador só comporta 28 pessoas a depender do peso, e que em média, passam cerca de 10.800.000 pessoas por ano por ali, no qual o fluxo de transeuntes pode se intensificar, principalmente, durante épocas festivas, e também quando desembarcam navios naquela área, o que favorece uma grande diversidade cultural nos seus arredores, a exemplo de capoeiristas, pequenas bandas, pintores, escultores, dançarinos, artesãos e mulheres com roupas típicas de baiana. O Elevador tem uma vista panorâmica do Forte São Marcelo e do Mercado Modelo, que também são pontos turísticos, por conta da sua história. Ainda como o resultado das entrevistas, constatou-se que mais de 80% dos entrevistados utilizam o elevador mais de três vezes na semana, mas que ainda assim utilizam-se do transporte rodoviário para complementar o seu percurso diário. Após todas as pesquisas e entrevistas chegamos à conclusão que as pessoas utilizam muito o Elevador Lacerda para se deslocarem de um extremo a outro na cidade, estando assim o mesmo presente no dia a dia de uma grande parcela da população. Entretanto, essas pessoas não conhecem a importância histórica do Elevador Lacerda para a cidade de Salvador.

Palavras chave: História. Elevador Lacerda. Cidade de Salvador.

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade II Lobato, Estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, souzamarilia961@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade II Lobato, Professora Mestre em Geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



O GRUPO CHEGANÇA E O REFLEXO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CIDADE DE TAPEROÁ-BA

Bruna Souza Santos¹

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

O grupo cultural Chegança, teve como grande colaborador o natural poeta Osmar Pinheiro, o qual trouxe em 2006 a marujada (nome recebido pelo fato de representarem navegantes que irão ao mar) de volta para a cultura de Taperoá-Ba, uma vez que, o grupo havia parado com as apresentações desde 1980. A apresentação é composta por dança, cantigas e batuques que representam a história da cidade de Taperoá, e a luta dos cristãos pelo batismo dos Mouros. Sendo que os eventos geralmente acontecem em frente às igrejas, simbolizando que uma embarcação de madeira é montada para o desenvolvimento das jornadas, pois alegam que as lutas entre os mouros e os portugueses no período da invasão dos muçulmanos na Península Ibérica. Deste modo, este estudo tem como ideia central compreender a relevância do grupo Chegança, levando em conta que esse é um patrimônio cultural da cidade para povo taperoense, e por isso os membros apresentam o contexto histórico do lugar. Sabendo-se que os encontros ou apresentações dos componentes são mais presentes em épocas festivas da cidade, como a festa do padroeiro São Brás, aniversário da cidade, apresentações culturais locais, dentre outras ocasiões festivas, nas quais presenteiam o público com a história do padroeiro da cidade, história das navegações, pois o nome Chegança vem de “chegar” e história dos mestres (que são os membros mais velhos do grupo), que lutaram ou continuam lutando por maior visibilidade dessa atividade cultural. Sendo assim, vale ressaltar que todas essas apresentações são expressas através da música com rimas acompanhadas do toque do pandeiro. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é pautado em promover a preservação da história contada por aqueles agentes culturais, para que se mantenha viva a identidade da própria cultura da cidade. Para isso, buscaremos ao longo da investigativa, enaltecer a cultura da cidade de Taperoá contada através do relato das apresentações desse grupo, ao passo de demonstrar a importância das marujadas como forma de herança histórica, já que a tradição é passada de pai para filho. Estes apresentam a história e memória de Taperoá embaladas através de suas rimas e batuques. No caminhar metodológico, para além do acompanhamento do grupo em algumas de suas apresentações, o levantamento bibliográfico acerca da temática que envolva grupos culturais regionais possibilitará uma melhor compreensão da proposta aqui presente. Paralelo a isso, ações como aplicação de questionários e entrevistas, reforçarão a parte viva dessa pesquisa, pois ouvir a comunidade e os agentes envolvidos na Chegança consistirá no arcabouço das memórias vivas de nosso trabalho. Nesse

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia - *Campus* Valença. Estudante do curso técnico em informática. E-mail.: brunasantana1900@gmail.com

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia- *Campus* Valença, Professora /Orientadora. Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares - SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

sentido, supõe-se que os integrantes bem como o público (população taperoense), por sua vez, contam a história dos acontecimentos que marcaram a identidade cultural da cidade, respectivamente, seja através de suas rimas ou pela própria história oral do lugar. Isso porque, a memória contada por membros antigos do grupo ou da comunidade, possibilita o entendimento do passado histórico do lugar aos jovens nativos, bem como aos visitantes da cidade, ressaltando para esses, os fatos inerentes ao espaço vivido e experienciado pelos mestres da marujada. Visto isso, buscamos ao final deste processo investigativo, chamarmos a atenção da comunidade em geral para o grupo Chegança, pois esse se embasa na história contada pelas pessoas mais velhas que a guardou em sua memória, e através das manifestações culturais, elas ganham vida e movimento, promovendo um espetáculo de sons, cores, ritmos e emoções, transbordando história e cultura pelas ruas de Taperoá, contando um pouco de tudo e de todos que representam uma pequena cidade ao sul da Bahia.

Palavras chave: História. Memória. Cultura.



POLÍCIA MILITAR DA BAHIA: HÁ 194 ANOS CONSTRUINDO MEMÓRIAS

Nelson Rubens Palhares Guimarães Carvalho¹
Rêmulo Veloso dos Santos²

“Das primeiras a surgir no Brasil”. Este trecho da Canção Força Invicta, hino da Polícia Militar da Bahia – PMBA revela há quanto tempo esta Instituição faz parte da vida de baianos. A PMBA foi criada oficialmente em 17 de fevereiro de 1825, pelo então imperador da época Dom Pedro I, pelo motivo do desmanche das tropas dos corpos encarregados da época. Provisoriamente foi criado o "Corpo de Polícia da Bahia" em 1 de janeiro de 1825, com o 1º comandante Major Manoel Joaquim Pinto Paca, esta “tropa provisória” composta apenas por 238 homens no primeiro efetivo oficializou a Polícia Militar. Atualmente já com seus quase dois séculos (194 anos) de existência, tem como seu objetivo principal a execução, com exclusividade, do policiamento ostensivo fardado com vistas à preservação da Ordem Pública. Sua ação é tipicamente preventiva, ou seja, atua no sentido de evitar que ocorra o delito, sendo o órgão principal da segurança pública na Bahia. O objetivo dessa pesquisa é resgatar lembranças das pessoas em relação a PMBA, possibilitando a construção do registro da memória e história da referida Instituição na vida das pessoas entrevistadas. Para isso foi desenvolvido como instrumento um questionário com perguntas relacionadas às experiências que as pessoas já tiveram com a PMBA e o que para elas ficaram na memória. Além de uma pesquisa de campo à Ouvidoria da PMBA para conhecer o que o comando da Instituição recebe de elogios, denúncias ou críticas. É sabido que para dar conta da missão de manter a ordem pública a Polícia Militar conta com grandes funcionários/combatentes altamente treinados para intervir em qualquer que seja a situação necessitada pela população, desde poluição sonora, agressão a mulher, atentados com bombas, assaltos a bancos, dentre outros, e essas ações são entendidas pelas pessoas de formas diferentes. A PMBA está dividida em Batalhões (que abrangem a segurança e a ordem de áreas maiores como cidades de interior a grandes bairros da capital) e as CIPM (Companhias Independentes, que tem uma atuação mais próxima da comunidade por abrangerem áreas menores com efetivos menores). Após essa pesquisa constatou-se que a PMBA, apesar de muitos problemas enfrentados, ainda é vista pelos baianos como uma Instituição de respeito e que sem ela os problemas sociais seriam bem piores. As pessoas que falam negativamente da Polícia demonstram uma falta de conhecimento e muitos preconceitos em relação a Instituição. Percebemos também com a pesquisa que outros trabalhos precisam ser desenvolvidos para possibilitar outros olhares sobre a PMBA, tendo em vista o grande esforço que há entre os seus servidores para prestar um serviço de qualidade a população baiana, mesmo com o risco da própria vida, revelando-se em muitos depoimentos como verdadeiros e verdadeiras “heróis de farda”.

Palavras chave: PMBA. História. Memória.

¹ Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II, nelsonrpgc@gmail.com

² Universidade Estadual da Bahia - UNEB, mestrando em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, remuloveloso@yahoo.com.br.



A rádio d
na escola

Lugar e dinâmicas
socioespaciais



A FUNDAÇÃO MARCOS VAMPETA E SEU TRABALHO NA CIDADE DE NAZARÉ -BA

Emanuely Maria Andrade de Oliveira¹
Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

Nazaré é uma cidade que está localizada no centro sul do Recôncavo Baiano, as margens do Rio Jaguaripe, pela grande produção de farinha de mandioca, se tornou conhecida pelo codinome de “Nazaré das Farinhas”, entretanto muitas pessoas a chama de Terra Morena, homenageando assim os seus moradores. No ano de 2000, no auge do seu sucesso como jogador de futebol, Marcos André Batista dos Santos, popularmente conhecido como Vampeta, atrai a atenção dos meios de comunicação por seu talento futebolístico, e na oportunidade, aproveita todas as oportunidades para demonstrar seu amor à Terra Morena. Como morador e apaixonado por sua cidade, emanou o desejo em contribuir para o desenvolvimento da cultura e esportes em Nazaré, assim como apoiar programas de atendimento a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Assim resolveu criar um projeto que contribuísse para o crescimento social dos moradores, desenvolvendo-o com o apoio de alguns colaboradores, em especial senhora Elizabete Alves. Nasce então, a Fundação Marcos Vampeta, a qual carrega o seu nome e possui como principal missão, incentivar a prática do desporto e rememorar as manifestações culturais do Município, além de promover oportunidades de desenvolvimento bio-psico-social para crianças e adolescentes em situação de pobreza e exclusão, possibilitando a transformação da sua realidade, mostrando as possibilidades do desenvolvimento de um trabalho inovador, capaz de contribuir, efetivamente, para a transformação da atual situação cultural e social de Nazaré. Ao longo desses anos a Fundação Marcos Vampeta vem trabalhando com um diferencial, trazendo a educação através da música, tornando o aprendizado mais lúdico, fácil e atrativo, a exemplo da utilização de baldes velhos, latões de tinta e materiais recicláveis, eles fazem música e apresentam para a comunidade em datas comemorativas, como Semana Santa (durante a Feira de Caxixis), aniversário da cidade no mês de Novembro, dentre outras datas festivas. Mesmo sendo nomeado com nome de um importante jogador de futebol brasileiro, funcionando e transformando a vida de várias crianças e adolescentes há 19 anos, a instituição parece está sendo esquecida e, dentre os próprios nazarenos, a sua valorização não é visível. Atualmente, a Fundação tem seu funcionamento comprometido pela falta de doações, se encontrando com poucos recursos para sua manutenção, e deixando o temor sobre o risco de fechar as portas e deixar a população juvenil da cidade sem os devidos e já históricos amparos. Nessa linha de discussão e apresentação, a presente proposta de investigação visa ao longo do processo demonstrar para comunidade nazarena, a importância e os feitos realizados pela Fundação Marcos Vampeta e as problemáticas de seu fechamento. Dentre os aspectos metodológicos, a

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFBA *Campus* Valença. Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado em Informática. E-mail.: emanuely.aoliveira@gmail.com.

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFBA *Campus* Valença. Professora e Pesquisadora. Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares - SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

investigativa será pautada, sobretudo, na escuta sensível da população assistida, bem como ouvirá outros agentes sociais que se fazem presente direta ou indiretamente na situação em tela. Nossa proposta vislumbra ao seu final, potencializar ações que culminem em doações e maior valorização daquela instituição que há quase duas décadas, vem trabalhando para o bem estar social das futuras gerações da bela Terra Morena. Essa pesquisa ainda se encontra em fase de conclusão, o que nos reserva afirmar certamente o destino que foi traçado para nosso objeto de investigação.

Palavras chave: Educação. Inclusão. Cultura.



A OCUPAÇÃO URBANA EM ÁREAS DE MANGUEZAIS NA COMUNIDADE DA GRACIOSA EM TAPEROÁ-BA

Willian Anderson Rosa Campos¹
Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

O manguezal é um ecossistema costeiro que fica em transição entre a terra e o mar, em regiões tropicais e subtropicais do mundo, existem apenas três espécies de manguezais, o mangue vermelho, o mangue preto e o mangue branco. O Brasil apresenta a maior área de manguezal do mundo com cerca de 25,000 km² de 100,000 km², abrigando assim, uma fauna bastante diversificada representada por molusco, crustáceos, anfíbios, mariscos e mamíferos gerando uma fonte de renda com a captura e venda dessas espécies. A presente investigação acontece na comunidade da Graciosa, localizada no Baixo Sul da Bahia, exatamente na divisa entre as cidades de Valença e Taperoá. Contudo, a comunidade está geograficamente, situada no final da cidade de Taperoá, havendo uma separação entre um pequeno povoado que pertence a outra cidade de Valença. Porém, toda demanda como estudo, trabalho, compras ou pagamento de dívida, é feita na cidade vizinha, visto que o centro de Taperoá fica muito distante. Cabe ressaltar que Graciosa é uma das 53 (cinquenta e três) comunidades remanescentes de quilombolas da Bahia, as quais já foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FPC), que luta para manter os costumes e cultura dos seus antepassados, pelos seus direitos como povos desprovidos no passado. A localidade tem sua economia baseada na pesca e mariscagem de espécies como aratu, caranguejo, siri, ostra, camarão e peixes. Os pescados de maior destaque estão entre o robalo, tainha e pescada. Além de abrigar uma fauna exuberante, a comunidade abriga também uma quantidade significativa de pessoas onde, na verdade, deveria estar sendo preservado o seu mangue, o qual foi em vários pontos distintos, entulhado para construção de moradias. Com o processo de urbanização acelerado, as cidades acabam crescendo e assim várias famílias em vulnerabilidade socioeconômica, por não ter acesso a moradia e sustentabilidade de seus entes, acabam adentrando nos manguezais, mudando a paisagem natural, contribuindo para degradação do solo, do rio e para o sumiço de algumas espécies marinhas, além das condições precárias de muitas construções ali feitas, pois com falta de saneamento básico, todos os detritos ganham como destino a maré. Em vista ao exposto, esse estudo tem como objetivo central compreender quais reais motivações levaram alguns moradores da comunidade da Graciosa erguerem algumas casas sobre áreas de manguezais ou proximidades. Logo, considerando a complexidade dos fatores envolvidos na problemática abordada, esse estudo terá como meios metodológicos para realização do trabalho, leituras de artigos para compreensão do problema. Outros métodos serão a aplicação de questionários e entrevistas de modo quantitativo e qualitativo, como instrumento de auxílio para a coleta de dados para pesquisa, além de

¹ IFBA-Campus Valença. Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado em Informática. E-mail: willian.campos211@gmail.com

² IFBA-Campus Valença. Professora e Pesquisadora. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



registro de imagens, para a materialização do estudo. Então, para alcançar o resultado esperado, será ainda necessário elencar os motivos de algumas pessoas da comunidade da Graciosa estarem fazendo sua casa em cima do ecossistema manguezal, enaltecer a importância do mangue para o equilíbrio ambiental e para os moradores do povoado, e assim, verificar o processo de formação de moradias nessas áreas. Tendo em vista as problemáticas citadas, com o início dessa pesquisa científica, pondera-se a concluir quais os reais problemas acarretaram os moradores desses imóveis estarem sobre uma área sensível, causando a degradação do meio ambiente e a poluição visual, sabendo que é totalmente importante para esses moradores e para preservação dos manguezais na comunidade da Graciosa.

Palavras chave: Manguezal. Moradia. Vulnerabilidade.



AS DIFICULDADES NO ESTUDO DA FÍSICA POR ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR - DENDEZEIROS

Maria Victoria Caboclo Novais Chagas¹
Maria da Conceição Nascimento Marques²

A Física é uma disciplina que explica fenômenos, acontecimentos e várias outras ações que ocorrem no nosso cotidiano. Na Educação Básica da rede estadual da Bahia os assuntos de Física estão presentes no 9º ano, ensino fundamental, séries finais junto com conteúdos de Biologia e Química, diluídos na disciplina de Ciências e em todo Ensino Médio nos três anos. A Física faz parte do currículo escolar oficial e é de grande importância, conforme se observa no decorrer da história da humanidade. Grandes nomes surgiram nesse campo e na condição de Ciência ela está dividida em duas partes: Física clássica e Física moderna, explanando as principais obras e descobertas humanas. Na escola ela está na Área de Ciências da Natureza e suas tecnologias, apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de forma inovadora, ao propor aos professores a utilização de ferramentas que levem o estudante a entender a relação entre o que o docente ensina em sala e os fenômenos que ocorrem no cotidiano, através da aproximação entre os conteúdos abordados no currículo e a realidade discente, essa proposta oferece grandes contribuições no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dessa disciplina no Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros, em Salvador, Bahia. O objetivo geral da pesquisa é identificar as dificuldades encontradas no componente curricular de física, pelos estudantes no ensino médio do Colégio da Polícia Militar – Dendezeiros e os objetivos específicos relacionar as dificuldades encontradas na produção de conhecimento em sala de aula e elencar as possíveis soluções sugeridas por professores e estudantes para esses problemas. A metodologia escolhida foi de cunho qualitativo, através de questionários com perguntas abertas, entrevistas, observações e leitura de documentos legais sobre o Ensino Médio e autores que discutem a importância do ensino da Física, assim estudantes e professores puderam expor os obstáculos encontrados e propostas para a problemática. Com base nas informações colhidas, alguns problemas foram elencados e vistos como os mais críticos e algumas alternativas como forma de solucionar os bloqueios encontrados, de grande relevância para a valorização da disciplina Física no Ensino Médio. A pesquisa realizada apresenta um resultado surpreendente em relação aos estudantes que afirmaram gostar de estudar Física, porém sentem dificuldades no aprendizado dos conteúdos, devido à limitação da linguagem matemática necessária para o estudo da Física, por conta de deficiências na disciplina de Matemática desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Outra dificuldade relatada pelos estudantes também é o grande distanciamento entre o que é lecionado dentro de sala e o mundo exterior, quanto à estrutura é deficiente por falta de condições de manutenção de laboratório equipado, além do distanciamento entre professor e aluno dentro da sala de aula. Em razão desses

¹Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, estudante Ensino Médio, bisculim@gmail.com.

²Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, professora Ensino Médio, orientadora, marquesconceicao65@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

motivos os alunos se sentem desmotivados e conseqüentemente aprofundam as dificuldades. Uma possível solução sugerida pelos jovens é relacionar o conhecimento científico da Física e o dia-a-dia, o cotidiano dos estudantes. Na sala de aula os professores poderiam fazer uso de experimentos e no laboratório construir as aulas práticas, para motivação do aprendizado e maior compreensão da disciplina, além de fazer a interdisciplinaridade com outros componentes curriculares.

Palavras chave: Motivação. Ensino. Física.



INSTRUÇÃO DE PRIMEIROS SOCORROS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lourdes Maria Santos Monteiro Sousa ¹
Juan Dantas Carvalho ²
Andréia dos Santos Sousa ³

A principal finalidade dos primeiros socorros é realizar o atendimento inicial de emergência a fim de preservar ao máximo a vida e preparar a vítima para o atendimento especializado. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de ressaltar a importância do ensino periódico destes procedimentos em ambientes escolares, tendo em vista que alunos, professores e funcionários demonstram-se despreparados para oferecer suporte em situação de emergência. Trata-se de uma pesquisa realizada com alunos do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – CPM - Unidade Dendezeiros, no município de Salvador-Bahia. Para execução deste estudo definimos que na metodologia deveria constar métodos qualitativos e quantitativos. Em um primeiro momento houve a necessidade de revisão bibliográfica objetivando domínio e nivelamento do conteúdo; Para realização da pesquisa utilizou-se um questionário contendo perguntas objetivas de múltipla escolha com a finalidade de conhecer possíveis limitações que os alunos poderiam ter sobre os procedimentos de urgência e emergência. A participação dos alunos se deu de forma opcional a partir da conscientização da importância de expressar sua opinião para melhorar o colégio, assim evita-se que coleta de dados possa gerar informações mascaradas, obedecemos apenas o critério de serem alunos do CPM cursando o Ensino Médio. Em posse dos questionários aplicados, foi realizada a tabulação dos dados e a construção dos gráficos assim como a sua análise. Foram entrevistados 60 alunos. 95% afirmam terem presenciado algum colega sentindo-se mal e apenas 25% acreditam que conseguiriam prestar um atendimento satisfatório. Todos os entrevistados consideram essencial o conhecimento de primeiros socorros por parte dos corpos discente e docente, e aproximadamente 65% destes alunos sentem vontade de assistir ao menos uma instrução sobre primeiros socorros. Em 1998 o Governo Federal elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que tem o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais do ensino, em uma de suas diretrizes é ressaltada a importância de conhecer e cuidar do próprio corpo, estimulando a adoção de hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. Vinte anos depois, em outubro de 2018, o Governo Federal

¹ Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, lmariasmsousa713@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, juandantas02@gmail.com

³ Colégio da Polícia Militar, Professora da educação básica (orientadora), Graduada em História, Especialista em Educação Ambiental, andrea.sohis@gmail.com



sanciona a Lei de nº 13.722, que considera obrigatória a instrução de primeiros socorros a professores e funcionários das redes de ensino público e privado. Apenas 20% desses estudantes apresentavam um conhecimento prévio sobre a lei supracitada, e apenas 25% acreditam que a escola demonstra a devida preparação para aderir à nova exigência. Verifica-se que 55% sentem dificuldade (pelo corpo docente e pelos funcionários) de atendimento para com o aluno. Considerando o cotidiano do ambiente escolar, certamente podem ocorrer acidentes, uma atitude inadequada pode agravar a situação, mesmo sendo um ato de solidariedade sem más intenções. Crianças e adolescentes são capazes de avisar e ajudar em diferentes situações, desde que tenham a orientação adequada, sendo necessário um constante aprendizado para que possam se familiarizar com as técnicas corretas realizadas em alguns procedimentos de emergências, que apesar de simples podem contribuir para salvar uma vida. Estender seu conhecimento aos primeiros socorros é algo essencial para sua vida, todo colégio poderia proporcionar essa oportunidade de forma periódica. Esperamos que nossa pesquisa possa conscientizar os gestores das escolas sobre a importância da periodicidade de instrução de primeiros socorros. Este estudos tem como objetivos específicos: Analisar o nível de conhecimento dos estudantes sobre primeiros socorros; Demonstrar que é possível enriquecer o currículo escolar com atividades sobre primeiros socorros; e Incentivar aos alunos, professores e funcionários a adoção de posturas e hábitos que valorizem a vida.

Palavras chave: Primeiros Socorros. Escola. Prevenção



MUDANÇA DE CONTEÚDO PROGRAMÁTICO NA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

Rosângela dos Santos da Silva Dias¹
Maria da Conceição Nascimento Marques²

Ao longo do ensino fundamental, a área de ciências da Natureza tem um compromisso com o desenvolvimento da educação científica isto é, a capacidade de compreender o mundo e também de transformá-lo. Na Educação Básica as disciplinas Biologia, Química e Física, compõem a área de Ciências da Natureza, presentes no 9º ano do Fundamental. Os professores de Ciências precisam alinhar os conteúdos às novas exigências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que incentiva a pesquisa científica na Educação Básica. O objetivo geral da pesquisa é compreender a nova organização dos conteúdos exigidos em Ciências da Natureza do 9º ano e a relevância da mudança para a produção científica dos estudantes da Educação Básica. Um dos objetivos específicos é identificar as dificuldades encontradas na escola para implementação da proposta e o outro objetivo é relacionar as possíveis soluções entre os professores para enfrentamento das dificuldades encontradas. A Base Nacional apresenta desafios, como o de incluir investigação no processo de aprendizagem, trabalhar com educação científica e sistematização de conhecimento com as habilidades desenvolvidas pelo estudante ano a ano. O ensino de Ciências alinhado à Base será feito em torno de três unidades temáticas, com objetivo de facilitar a construção dos conceitos gradativamente e com complexidade maior ao longo do tempo, conforme avança a maturidade dos alunos. O percurso metodológico utilizado foi o da Pesquisa Qualitativa, através de questionário com perguntas abertas, para professores, leitura de textos científicos sobre educação científica e mudanças curriculares, análise do documento da BNCC, observações dos espaços da escola. Investir na educação científica é a peça chave para a formação de uma sociedade democrática, economicamente produtiva, mais humana e sustentável. O aprendizado de Ciências não decorre apenas da curiosidade, ao desenvolver a capacidade de fazer uso social daquilo que se aprende modifica-se o espaço no qual o jovem vive. A partir do momento em que o estudante produz seu próprio conhecimento e desenvolve os conteúdos de forma científica passa a ser um colaborador no processo pedagógico. Os professores da área de Ciências da Natureza no Colégio da Polícia Militar - Dendezeiros consideraram relevante a inserção da educação científica na escola, porque o desenvolvimento da pesquisa motiva uma transformação social efetiva, porém apresenta desafios, como a falta de recursos necessários, inclusive laboratório equipado que não é disponibilizado nas escolas públicas de um modo geral, além da dificuldade em orientar os jovens da educação básica que não estão habituados ainda com esse tipo de formação, esse será o primeiro contato do estudante com a pesquisa, evidentemente se o jovem for

¹Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, estudante Ensino Médio, rosangeladias355@gmail.com.

²Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, professora Ensino Médio, orientadora, marquesconceicao65@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

bem orientado, provavelmente continuará a fazer outras pesquisas e depois será orientador de outra geração de estudantes pesquisadores. Outra dificuldade apresentada é falta de interesse do jovem pelo aprofundamento nos estudos, que deve ser aguçado logo nos anos iniciais do Fundamental, pois atualmente os alunos não têm contato com a pesquisa científica. Uma alternativa para melhorar esse cenário é a relação professor-aluno, onde o professor motiva o aluno a pensar, a discutir, a instigar, a pesquisar e o aluno passa a ter prazer em aprofundar a amizade com o saber, desenvolvendo algumas características fundamentais para sua vida. Esses estudantes serão cidadãos mais críticos e mais conscientes e a escola terá uma educação científica mais significativa.

Palavras chave: Educação. Pesquisa. Mudança.



O HOSPITAL ANA NERY E SUA BUSCA HISTÓRICA PELA QUALIDADE DO SERVIÇO DE SAÚDE (RESUMO SIMPLES NÍVEL II)

Autor ¹: Alana Ferreira Costa
Autor²: Caio Roberto Santos Dias
Orientador³: Adelson Silva da Costa

Esta pesquisa pretende resgatar a historiografia do Hospital Ana Nery, que fica localizado na cidade de Salvador. Referência no atendimento das doenças cardíacas, que atende uma demanda significativa da sociedade baiana, inclusive pessoas de baixa renda. Diante do exposto faz-se necessário nesta escrita contar um pouco da história da personagem Ana Néri (1814-1880), a qual dá-se o nome ao hospital. Ana Nery foi a pioneira da enfermagem no Brasil, prestou serviços voluntários nos hospitais Militares de Assunção, Corrientes e Humaitá, durante a Guerra do Paraguai. Ana Justina Ferreira Néri nasceu em Vila de Cachoeira do Paraguaçu, Bahia, no dia 13 de dezembro de 1814. Com 51 anos, foi incorporada no décimo batalhão de voluntários. Ela começou seu trabalho nos hospitais de Corrientes, onde havia nessa época, cerca de seis mil soldados internados e algumas poucas freiras vicentinas realizando os trabalhos de enfermagem. Ana faleceu no dia 20 de maio de 1880, no Rio de Janeiro. A primeira escola oficial de enfermagem de alto padrão, foi fundada por Carlos Chagas em 1923 no Brasil, e em 1926 recebeu o nome de Ana Néri, em homenagem a primeira enfermeira brasileira, ainda em sua homenagem, foi decretado que em 20 de maio é comemorado o dia do enfermeiro. Em 1964, foi inaugurado o Hospital Ana Nery, com o objetivo de promover melhorias, com ações de promoção e prevenção, em suas diferentes áreas de atuação, localizado no bairro da Caixa D'água, Salvador/Ba. Este importante monumento público chega ao século XXI, com diversas especializações médicas, milhares de atendimentos, sendo que sua maior especialidade é a área do coração e das enfermidades cardiovasculares, onde desponta como referência nestes tipos de problemas de saúde. Bom salientar que por ser um hospital público ali são atendidos uma grande parcela da população pobre (baixa renda) de Salvador e do estado da Bahia.

¹ Colégio da Polícia Militar. Estudante do 2 ano do Ensino Médio. Caio_roberto08@outlook.com

² Colégio da Polícia Militar. Estudante do 1 ano do Ensino Médio. aalanaferreira@bol.com.br

³ Colégio Da Polícia Militar. Professor Mestre, em Educação. adelsongeotec@hotmail.com



Assim, vislumbramos a importância desta pesquisa ao propor o debate acerca da importância dos hospitais públicos no Brasil, que mesmo com as dificuldades orçamentárias despontam no século XXI como referência em diversas áreas médicas que os habilitam a ousarem procedimentos diversos. Bom dizer que este hospital é, também, escola médica e de saúde coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde os futuros médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde fazem ali seus estágios, residenciais e especialização, enfim um lócus interessante de pesquisa médica. Os problemas cardíacos são um grande desafio para a medicina contemporânea, fatores como idade, peso, raça, nível social, são preponderantes para a incidência ou não de problemas do coração, temos também outros indicadores como hábitos alimentares, uso excessivo de fumo, álcool ou drogas ilícitas como provocadores de doenças cardíacas, sendo este hospital centro de pesquisa que o qualifica para tal empreitada. Para tal estamos realizando pesquisa bibliográfica sobre o tema, ainda realizamos entrevistas com profissionais de saúde que trabalham no hospital, bem como pacientes, ex-pacientes que narraram a importância deste hospital para a Bahia. Dessa forma esclarecemos que o objeto desta pesquisa nasce da imersão dos autores desta narrativa, que são alunos do Ensino Médio, do Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM), que mantem há 10 anos uma parceria com o Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) objetivando a inserção do jovem da escola pública no mundo da pesquisa científica, através da compreensão da sua cidade, dos processos tecnológicos e do lugar de pertencimento destes jovens

Palavras-chaves: Ana Nery. Hospital. Saúde.



O “LUGAR” DA FILOSOFIA NO IFBA *CAMPUS* VALENÇA

Edmilson Viana de Santana¹

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira²

A filosofia foi a originadora do pensamento racional, desconfiando do mito na Grécia Antiga e tendo Sócrates como seu primeiro praticante. Sua definição ainda é muito problemática, pois muitos não a admitem como ciência, apesar de não condenar seus rigorosos métodos, como os paradigmas da lógica ou o método de Descartes para a resolução de problemas. Hoje estamos na era da informação e num mundo globalizado, com a maioria dos lugares do mundo conectados entre si graças a evolução das tecnologias da comunicação, de acordo com o sociólogo Anthony Giddens, e o “lugar” do pensamento filosófico nesse momento tem sido muito discutido em diversos contextos. A importância da reflexão guiada pelos paradigmas dessa área se envereda, por exemplo, pela política, estética, justiça e educação. Essa última tem como objetivo essencial realizar o processo de formação dos indivíduos da nossa sociedade, tendo um importante espaço na construção de uma sociedade mais justa e sustentável, o que é uma das metas instituídas pela ONU. Ela se realiza principalmente por meio de instituições como a escola, onde é chamada de formal e dividida em várias partes, duas sendo particularmente importantes para a juventude: o ensino fundamental e o ensino médio, que darão às crianças e adolescentes uma experiência que definirá como se relacionarão com o mundo. O que se deseja analisar nesse trabalho é a realização e importância da filosofia no ensino médio, em particular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia no campus Valença, considerando as experiências que os alunos e professores têm nesse processo. Esse tipo de investigação pode revelar nuances do ato de ensinar e do de aprender, como dificuldades na apresentação do conteúdo, escolha da linguagem utilizada em sala, visualização das reflexões em seu dia a dia, entre outras percepções que são relevantes para o professor, aluno, diretor, ou seja, toda a comunidade ligada à educação, permitindo tanto entender como aprimorar métodos e concepções. Através da pesquisa bibliográfica, de entrevistas e questionários, tanto com perguntas descritivas quanto com objetivas, com discentes e docentes e da observação de eventos ou grupos que, como o Primeiro Simpósio Multi e Transdisciplinar de Pesquisa na Educação Integrada do IFBA Valença, envolvam reflexões ou produções filosóficas, pretende-se compreender os processos de ensino e aprendizagem da filosofia a partir da perspectiva do aluno e do professor e discutir a importância da matéria e dos projetos para a formação dos estudantes. Durante o desenvolvimento da pesquisa a perspectiva inicialmente adotada sobre a importância da filosofia nesse contexto é a de que ela tem o papel de fundamentar e orientar o caminho do estudante no pensamento crítico, mas essa se mostrou uma perspectiva a ser

¹ IFBA *campus*-Valença, estudante do curso técnico em informática na modalidade integrado, juniorlet1@hotmail.com.

² IFBA *campus*-Valença, Professora / Orientadora. Mestre em Educação. E-mail: patriciamoreira@ifba.edu.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

considerada perigosa, de acordo com o livro “Filosofia no Ensino Médio: Temas, Problemas e Propostas”. Podemos considerar que o pensamento crítico é componente de toda matéria do ensino médio brasileiro, tornando o argumento do pensamento crítico inválido. Atualmente passa-se a considerar a filosofia uma forma de exercer o pensamento crítico, acompanhada pela ciência e pela arte, e tendo sua presença na escola alicerçada em propiciar ao estudante um contato com todas as formas de reflexão, sendo ela uma fundamentalmente conceitual. Dois dos seus principais desafios de realização são a superação da linguagem complexa de seus textos e conceitos e a manutenção do exercício do seu estudo histórico, da sua construção prática e da criatividade de cada estudante. Essas duas complicações podem levar o ensino da filosofia a se distanciar do que ela essencialmente é para si mesma e do que ela deve representar para o estudante: uma forma de refletir baseando-se em conceitos.

Palavras chave: Educação. Filosofia. Ensino Médio.



OLHARES ADOLESCENTES E SUAS REFLEXÕES/PROVOCAÇÕES ACERCA DA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO NO BRASIL (NÍVEL II)

Gleyce Kelly Lima¹
Thaise Marcelle Sales Cerqueira²
Adelson Silva da Costa³

Em muitos países do ocidente o aborto já é legalizado em diversos casos e possibilidades, inovações que são acolhidas em algumas legislações democráticas. Por esse motivo há uma grande discussão mundial acerca do tema e da sua liberalização, são clamores dos movimentos feministas e outros seguimentos sociais de defesa do direito da mulher. No Brasil, o aborto é considerado um crime; porém a legislação permite que seja realizado apenas em casos de estupro, risco à vida da mãe ou, anencefalia. A maioria da população brasileira se posiciona contra o aborto, por considerar assim como previsto na lei, que é um crime contra a vida. Aqueles que são a favor defendem os direitos individuais da mulher de decidir sobre o próprio corpo. Há também quem defenda a legalização do aborto como tema de saúde pública. Contudo, apesar de serem considerados como jovens imaturos e que ainda não viveram o suficiente para argumentar sobre assuntos relevantes a vida cotidiana, a opinião dos adolescentes tem sido cada vez mais levada em consideração quando o assunto é legalização do aborto, haja vista que, o Brasil tem 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos, diz relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). O índice brasileiro está acima da média latino-americana, estimada em 65,5. No mundo, a média é de 46 nascimentos a cada mil. Muitas gravidezes de adolescentes e jovens não foram planejadas e são indesejadas; inúmeros casos decorrem de abusos e violência sexual ou resultam de uniões conjugais precoces, geralmente com homens mais velhos. Ao engravidar, voluntaria ou involuntariamente, essas adolescentes têm seus projetos de vida alterados, o que pode contribuir para o abandono escolar e a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão. Existe grande esforço por parte da população considerada pró escolha de tornar legal o aborto no Brasil como escolha da gestante, sendo um dos argumentos utilizados o de que manter a prática ilegal não evita que o aborto seja realizado, mas faz com que as mulheres recorram a meios alternativos e inseguros de fazê-lo. A legalização do aborto seria uma forma de evitar o alto índice de mortes maternas decorrentes de abortos inseguros principalmente em populações mais pobres, defende os que empunham a bandeira da legalização. Ainda há uma discussão religiosa, pois nossa tradição judaico-cristã condena veementemente o aborto e toda prática de pôr fim a uma vida que não seja pelas mãos divinas, polêmicas à parte, almejamos compreender a legislação atual sobre a proibição do aborto no Brasil bem como o que pensam/dizem as adolescentes sobre esta problemática. Para tal nos

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia. Estudante do Ensino Médio. gleycee109@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar da Bahia. Estudante do Ensino Médio. th.salescerqueia@gmail.com

³ Colégio da Polícia Militar da Bahia. Professor Mestre-Orientador. adelsongeotec@hotmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

debruçamos na leitura de referenciais teóricos que discutem o tema, realizaremos entrevistas com adolescentes buscando suas narrativas acerca desta questão social que as afetam, como já descrito neste texto, entrevistas com profissionais da área do Direito, buscando compreender como está sendo interpretada esta Lei e sua possível alteração, assim como educadores e psicólogos. Diante de tais argumentos visamos construir um importante trabalho de pesquisa, pois este trabalho tem como pesquisadoras alunas/adolescentes do projeto de Iniciação científica Júnior do Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM), em parceria com o Grupo de Pesquisa Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC) do departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Palavras chave: Aborto. Direito. Saúde.



RELATO DE DUAS PESQUISADORAS JÚNIOR DO GEOTEC SOBRE A VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO CPM (RESUMO SIMPLES – NÍVEL II)

¹ Mércia Maria Ribeiro dos Santos ¹
Ellen Nascimento de Souza ²
Adelson Silva da Costa ³

Desde o ano de 2017 somos pesquisadoras junior do Grupo de Geotecnologias Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ao longo destes anos abordamos algumas temáticas sociais de grande importância em nossa sociedade contemporânea. Discutimos sobre o significado e a evolução da tecnologia ao longo dos anos e, de que maneira esta se apresenta no âmbito educacional com o intuito de melhorar a educação nas universidades, foi feita uma observação nas matrizes curriculares dos cursos de medicina e direito, estes considerados cursos tradicionais e bases primordiais de uma sociedade bem estruturada, apontamos a relação entre esses dois cursos e de que maneira estes relacionam-se na sociedade, a fim de conhecê-los de maneira mais profunda e apresentá-los às pessoas que são céticas com relação ao avanço da tecnologia e das vantagens que esta apresenta em uma sociedade que vive em profundo desenvolvimento, pois a vinda da era tecnológica trouxe diversas formas de se enxergar e conhecer o mundo e o outro. Em tempos onde a tecnologia é usada para fazer o mal, é preciso citar e apresentar argumentos e fatos que mostrem o tanto que a mesma se faz presente em nosso dia a dia e, por fim a forma que ela auxilia na conclusão de nossas atividades diárias e tarefas a longo prazo. Neste trilhar, produz-se significativos aprendizados e nos faz ver a escola, a ciência e a educação com outros olhares e sentimentalidades, um misto de angústia, decepção, alegria e prazer, pois ao mesmo tempo que nos decepcionávamos com a escola e a forma como ela faz educação na sua modalidade formal, fomos contempladas na sua informalidade através do GEOTEC, aprendemos muito, desenvolvemos a escrita, oralidade, perdemos o medo do outro e de seu olhar crítico, buscamos compreender que a ciência não era algo dos “deuses” que estava tão longe dos pobres mortais da educação básica, mas que sim poderíamos ter acesso a ela e produzir com ela na escola pública, esta tão criticada e abandonada, temos seguido, agora próximos a conclusão do Ensino médio brota em nosso ser um misto de alegria, saudade e tristeza, não seremos mais estudantes do GEOTEC no CPM, mas é válido e gratificante o aprendizado, desejamos imensamente voltar, assim que ingressarmos na universidade pública, para colaborar com as ações do GEOTEC na escola pública, pois aprendemos a valorizar e acreditar nesta proposta interinstitucional. Assim, nossa proposta é narrar, dialogar com a comunidade acadêmica sobre a importância de estar no GEOTEC, nossas experiências e vivências na Educação Científica. Para tal revisitaremos nossos referenciais teóricos, nossas abordagens de Pesquisa e os objetos que investigamos, pois é nosso dever socializar e difundir este significativo aprendizado. Esta pesquisa encerra-se um ciclo de três anos no CPM, como estudante do Ensino Médio e

¹ Colégio da Polícia Militar. Estudante da 3 série do Ensino Médio. merciamarib@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar. Estudante da 3 série do Ensino Médio. ellendesouza2014@hotmail.com

³ Colégio da Polícia Militar. Professor Mestre em Educação. adelsongeotec@hotmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

nesse tempo pesquisadora junior do GEOTEC, como narrado. Agora novos caminhos se abrem, pois estamos desejando ingressar na universidade nos cursos de medicina e direito, que apresentaram uma grande evolução diante do surgimento da tecnologia. Dando prosseguimento a esta singular vida acadêmica e científica.

Palavras chave: RELATO DE EXPERIÊNCIA. CPM. GEOTEC.



A REFORMA DO ENSINO MÉDIO SOB O OLHAR DO ESTUDANTE

Fernanda Silva dos Santos Costa¹
Eloah Santana Nunes²
Andréia dos Santos Sousa³

Na gestão do ex presidente Michel Temer foi sancionada, a reforma do ensino médio. O texto, que foi aprovado no dia 8 fevereiro de 2017, foi inicialmente colocado em vigor como Medida Provisória. Esta reforma flexibilizou o conteúdo escolar que será lecionado aos estudantes, nela é alterado a distribuição do conteúdo das treze matérias tradicionais ao longo do ensino médio, valoriza o ensino técnico e estimula a ampliação de instituições de ensino de tempo integral. Todo o conteúdo que será ensinado vai constar dentro de uma das seguintes áreas, denominadas de itinerários formativos: matemática e suas tecnologias, linguagens e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas e formação técnica e profissional. Os colégios não serão obrigados a oferecer aos estudantes todas as cinco áreas, porém deverão ofertar pelo menos um dos itinerários. Ressalta-se que o aluno poderá, optar por se concentrar em uma das cinco áreas mencionadas acima, caso a escola disponibilize todas as opções. No ano de 2018 os Colégios da Polícia Militar - CPM foram utilizados como pioneiros para o funcionamento do sistema inovador, no entanto professores e alunos encontraram desafios nesta implementação, tendo em vista que o sentimento inicial era que o colégio não previa de estruturas para acolher todos os pré-requisitos no roteiro enviado pela secretária de educação. Com o objetivo de verificar o conhecimento sobre a nova reforma e a adaptação dos alunos, realizamos uma pesquisa com estudantes do primeiro ano do ensino médio, foi necessário realizar uma delimitação do espaço e escolhemos o CPM- unidade Dendezeiros, Salvador- Bahia. Na metodologia utilizamos dois métodos: quantitativo e qualitativo. O emprego da quantificação tanto na coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, tornou-se fundamental para evitar conflitos dos dados gerados. Assim, no primeiro semestre do ano de 2018, aplicamos 40 questionários tendo como público alvo estudantes matriculados em todas as quatro áreas, Exatas, Humanas, Linguagens e Natureza. Podemos verificar que 64% acreditam que a mudança do novo ensino médio é necessária, visto que existe um anseio de que o ensino médio melhore para atender as expectativas uma melhor formação para atender um mercado de trabalho cada vez mais concorrido. Apesar do desejo de mudança 58 % acreditam que mesmo com esta reforma a qualidade da educação brasileira não melhoraria, pois é

¹ Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, costafernanda2003@gmail.com

² Colégio da Polícia Militar, Estudante da educação básica, 2º ano do Ensino Médio, esternunes531@gmail.com

³ Colégio da Polícia Militar, Professora da educação básica (Orientadora), Graduada em História, Especialista em Educação Ambiental, andrea.sohis@gmail.com



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

necessário mais que leis para que isto ocorra, é necessário investimentos e uma gestão responsável para que estes investimentos realmente cheguem nas escolas. Com o anseio que esta reforma contribua para o ENEM, 53% dos alunos afirmaram que preferem permanecer com o andamento da reforma já que esperam por um bom resultado. Quando indagados, se tivessem o poder de decisão sobre manter o novo método ou voltar as antigas diretrizes para o ensino médio observamos que 60 % dos alunos afirmam não serem capazes de decidir qual método de ensino é melhor. Era clara a apreensão sobre a possibilidade da não adaptação dos alunos. Os critérios para se estabelecerem causou um grande impacto, tendo em vista que os mesmos temiam ter dificuldades para se organizarem com 22 matérias. Por conseguinte torna-se de extrema necessidade o alinhamento aos próximos colégios com a diretrizes que a reforma define, estas necessitam ser minuciosamente estudadas e a cima de tudo moldada de forma que respeite as estruturas do colégio. As palestras informativas para alunos, pais e mestres reduziram o índice de incompreensão logo que os mesmo estarão preparados ao conhecer o roteiro de funcionamento. A adaptação do turno integral, como também a disponibilidade de biblioteca, laboratórios e salas de informáticas são essenciais para o desenvolvimento das práticas itinerárias.

Palavras chave: Reforma. Ensino Médio. Estudante



SISTEMA DE TRENS DO SUBÚRBIO: HÁ 38 ANOS PROMOVEDO MOBILIDADE À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA DE SALVADOR-BA (RESUMO SIMPLES – NÍVEL II)

Marcelle Bianca Bittencourt¹
Priscila Lopes Nascimento²

O Sistema de Trens do Subúrbio de Salvador é composto por uma linha única que liga o bairro da Calçada a Paripe. Os trilhos possuem trajeto de aproximadamente 13,5 km, contendo 10 estações, sendo elas: Paripe, Coutos, Periperi, Praia Grande, Escada, Itacaranha, Almeida Brandão, Lobato, Santa Luzia e Calçada. Em 1860 foi inaugurada a ferrovia que ligava Salvador a Alagoinhas, mas, com o passar do tempo foram ocorrendo várias reformas, com aumento e diminuição de trechos, somente entre os anos de 1981 e 1982 que a via dupla foi permanentemente reconstruída, atuando até os dias de hoje. Assim, esta pesquisa visa demonstrar a importância do sistema ferroviário para a mobilidade dos moradores de Salvador-BA, mostrando suas qualidades, benefícios, limitações e possíveis melhorias sugeridas pelos próprios usuários. Para este fim, o método escolhido foi a oralidade, com aplicação de entrevistas a populares que por ali passavam. As estações do sistema de trens são frequentadas principalmente por pessoas de baixa renda, isso se deve ao fato de cortar boa parte do Subúrbio e devido ao baixo preço da passagem, fixado em R\$0,50 desde setembro de 2002, ainda dando direito à meia passagem para os estudantes. O trem atrai aproximadamente 60.000 passageiros/dia e em seu itinerário percorre os trilhos em uma velocidade média de 35km/h, perfazendo 25 minutos para completar o trajeto. Portanto, esse meio de transporte acaba sendo uma ótima opção por ser mais rápido quando comparado a outros meios como o ônibus, e assim evita engarrafamentos. Contudo, na ocasião da visita de campo foi possível listar diversas fontes de descontentamentos por parte dos usuários quando reclamavam do longo tempo de espera, normalmente de 40 minutos a 1h, do número insuficiente de trens, da estrutura precária no interior de alguns vagões, dos bancos duros, quebrados ou com lixo acumulado. Outro fator de insatisfação foram as janelas quebradas que, na ocasião das chuvas, permitem que os bancos molhem, além da suspensão do serviço quando há intensificação das mesmas, deixando os usuários a mercê do transporte rodoviário e dos engarrafamentos. Ao longo das entrevistas, muitos passageiros falaram sobre a sensação de segurança que experimentam quando estão nas instalações da estação da Calçada ou dentro do próprio trem. Alguns disseram que conseguem utilizar o celular com tranquilidade, atitude que não reproduzem nos ônibus, já que apenas nos trens e estações vêm muitos seguranças. Quanto à possíveis

¹ CPM-LOBATO, estudante do ensino médio, mrcllbittencourt@gmail.com.

² CPM-LOBATO, mestranda em educação, lopes_pri@yahoo.com.br.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

melhorias, há esperanças com a implantação do VLT (Sistema de Veículos Leves sobre Trilhos). Esse transporte ligará o bairro do Comércio, em Salvador, até o município de Simões Filho, com aproximadamente 20km de extensão e 22 estações, serviço este que fará parte da integração (transporte intermodal) com o metrô e ônibus, com atual passagem de R\$4,00 inteira e R\$2,00 a meia, válida para estudantes. De acordo com a CTB (Companhia de Transporte do Estado da Bahia), que administra o sistema férreo, suas obras serão iniciadas até agosto deste ano (2019). Foi constatado que, apesar de toda a insatisfação relatada pelos usuários do sistema de trens, esse transporte tem sido de grande importância para a mobilidade urbana da população do subúrbio, trazendo benefícios que perpassam principalmente pelo custo, tempo de deslocamento e segurança, mostrando-se bastante eficaz.

Palavras chave: Trem. Subúrbio. Mobilidade.



UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÍNDICE DE REPROVAÇÕES NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR - DENDEZEIROS

Isadora Santos Portela¹

Maria da Conceição Nascimento Marques²

O terceiro ano do Ensino Médio é o último do ciclo final da Educação Básica, que inclui os níveis fundamental e médio, é uma revisão dos conteúdos apreendidos e neste mesmo ano os estudantes decidem as carreiras profissionais para exercerem futuramente. Os discentes da rede estadual do Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros, enfrentam muitas reprovações no 3º ano, principalmente nas disciplinas de Ciências da Natureza. Havia um número alto de reprovação em vários anos seguidos, até que em 2017 ocorreu uma queda nos índices que ficou em torno de 25% de estudantes reprovados, este dado foi fornecido pela Unidade de Desenvolvimento Educacional (UDE), setor responsável por matrículas e estatísticas do desempenho docente. O objetivo geral da pesquisa é compreender o motivo que leva a uma alta taxa de reprovação no ano final da Educação Básica e especificamente identificar as causas que levam esses estudantes a terem mais dificuldades com a área de Ciências da Natureza, bem como explicar o que levou o ano de 2017 a ser o de menor reprovação, pedagogicamente encontrar novas estratégias de estudo para que os anos anteriores façam preparação também com o objetivo de alcançar êxito da aprovação no 3º ano. A metodologia aplicada para essa pesquisa foi um estudo de caso, onde percebe-se a singularidade do fenômeno observado, daí foram aplicados questionários qualitativos e quantitativos com perguntas direcionadas aos estudantes que foram reprovados em 2017, assim como os coordenadores pedagógicos e professores da área de Ciências da Natureza do 3º ano, nos quais apresentaram seus respectivos pontos de vista sobre a problemática investigada. Uma das observações a ser feita que se destacou na pesquisa é a pressão psicológica que os estudantes sofrem por representarem os discentes mais antigos do colégio e terem que decidir sobre os rumos acadêmicos e profissionais. Os estudantes relacionam alguns motivos que atrapalham o desenvolvimento do aprendizado, entre eles os problemas pessoais que são levados para sala de aula e a sobrecarga de assuntos em um curto espaço de tempo, fator de pressão e de desgaste físico e emocional, que leva ao abandono e a reprovação. A instituição escolar, junto à família, precisa observar e reavaliar novas estratégias de ensino, com metodologias pedagógicas que se adequem a esta realidade para que a reprovação não continue alta no último ano do Ensino Médio. Esta pesquisa integra as ações do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com o Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM), que busca através da pesquisa científica trazer novos horizontes e olhares para processos de aprendizagem na educação básica, pois potencializa a curiosidade, a

¹Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, estudante Ensino Médio, isaportela03@hotmail.com.

²Colégio da Polícia Militar Dendezeiros, professora Ensino Médio, orientadora, marquesconceicao65@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e
Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

criatividade e o desejo do discente em aprender e investigar objetos de pesquisa referentes ao lugar em que se encontram neste ciclo escolar.

Palavras chave: Educação. Reprovação. Ensino Médio. Ciências da Natureza.



A rádio d
na escola

Processos tecnológicos



A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NA EMISSÃO DE DOCUMENTOS DOS CIDADÃOS: UMA ANÁLISE NA COMUNIDADE ESCOLAR CPM LOBATO

Letícia Santos Silva¹

Caíque Matheus Rosado Santos²

Imaira Santa Rita Regis³

O processo de emissão de documentos de identificação aos cidadãos foi se renovando/atualizando ao longo dos anos, para tanto o sistema vem contando com a inserção da tecnologia, que proporciona vários benefícios para a sociedade em geral, principalmente no pré-requisito do acesso pelo modo digital a variados tipos de documentação, o que faz com que a cada dia que passe esse serviço torne-se mais eficiente. Entretanto, no período que antecedeu a última eleição do ano de 2018, para Presidente, Senador, Deputados e Governadores, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), com o intuito de reduzir as fraudes eleitorais, convocou os eleitores a realizarem a troca ou retirarem a primeira via dos seus títulos de eleitor com uma nova versão que permitiu a identificação por meio da biometria. Assim, torna-se relevante pesquisar como o uso da tecnologia vem contribuindo na aquisição da documentação pessoal, a exemplo da carteira de identidade (RG), da carteira de habilitação (CNH), cadastro de pessoal física (CPF), dentre outros. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral mostrar a importância da inserção da tecnologia na emissão de documentos de identificação para os cidadãos ao longo do processo histórico; e como objetivos específicos: investigar quais os impactos de uma documentação digital na vida dos cidadãos, além de analisar a dinâmica da emissão de documentos através dos integrantes da comunidade escolar do colégio da Polícia Militar - Unidade Lobato (CPM-Lobato). Deste modo, visando alcançar este fim, adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica e de campo, esta última através do método da oralidade, com aplicação de questionários a três segmentos do CPM-Lobato: funcionários administrativos, professores e alunos do terceiro ano do ensino médio. Quando esses foram questionados inicialmente a respeito da idade com a qual emitiram pela primeira vez o RG ou CPF, observou-se uma mudança nesse processo, porque os funcionários administrativos e os professores quase que em sua totalidade obtiveram a sua primeira identificação com 18 anos, enquanto que os alunos, em média, adquiriam as documentações citadas entre 10 e 12 anos de idade, em decorrência das exigências na matrícula escolar. Em seguida, os entrevistados expuseram suas opiniões em relação a qual forma consideram que a tecnologia da informação contribuiu positivamente para emissão do documento de identificação, e as respostas foram: a tecnologia trouxe eficiência e rapidez ao serviço, devido ao avanço

¹ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 1º ano do ensino médio, leti010270@gmail.com.

² Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, estudante do 1º ano do ensino médio, rosadocaíque@gmail.com.

³ Colégio da Polícia Militar da Bahia – unidade Lobato, professora mestre em geografia, imairaregisrgs@gmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

tecnológico tudo ficou mais prático já que no passado era feito tudo manualmente, a possibilidade do agendamento para fazer um documento torna o processo mais ágil. Como o último questionamento se buscou saber a respeito da satisfação dos entrevistados quanto a troca do título de eleitor para versão biométrica e os entrevistados afirmaram que a iniciativa foi excelente, porque o documento estaria sempre á mão, diminuindo a possibilidade de extravio e facilitaria a recuperação caso acontecesse. A troca gerou, no dia das eleições, rapidez e praticidade; além de vir com foto, o que exclui a obrigatoriedade de levar outro documento que comprove quem realmente é o eleitor dono do título. Com o resultado das entrevistas constatou-se um dado interessante, pois muito embora os entrevistados tivessem idades variadas as respostas mantiveram um mesmo padrão em relação a abordagem do tema em questão. Diante das informações coletadas, percebe-se que as pessoas independentemente da idade tem total convicção da importância da inserção da tecnologia para a viabilidade de emissão dos documentos de identificação do cidadão ao longo do processo histórico.

Palavras chave: Cidadão. Documentação de identificação. Tecnologia.



NANOTECNOLOGIA: POSSIBILIDADES DE AVANÇOS TECNOLÓGICOS MAIS PODEROSOS

Jean Victor Ribeiro dos Santos¹
Rêmulo Velloso dos Santos²

A nanotecnologia é uma ciência que se dedica ao estudo da manipulação da matéria numa escala atômica e molecular lidando com estruturas entre 1 e 1000 nanômetros. Pode ser utilizada em diferentes áreas como, a medicina, eletrônica, ciência da computação, física, química, biologia e engenharia dos materiais. Pioneiro na área de computação quântica, o físico americano Richard Feynman (1918 - 1988) nasceu há 100 anos em Nova York. Precursor nos estudos sobre o controle e manipulação da matéria em escala atômica, introduziu o conceito de nanotecnologia em conjunto com os seus trabalhos na área de física teórica. Sem utilizar, porém, o prefixo "nano", Feynman defendeu em seus trabalhos que não existia nenhum obstáculo teórico à construção de pequenos dispositivos compostos por elementos muito pequenos - no limite da composição átomo a átomo - e abriu as portas para o desenvolvimento de aparelhos cada vez menores e mais poderosos. Richard Phillips Feynman sugeriu a manipulação de átomos em escala nanométrica (um nanômetro equivalente a um bilionésimo de metro) em 1959, durante uma palestra intitulada "Há mais espaços lá embaixo". Naquela época, o americano analisava a produção de componentes eletrônicos nas menores dimensões imagináveis. Anos depois, Feynman foi também um dos primeiros cientistas a estudar os limites da física quântica nos processos usados por computadores, contribuindo para o desenvolvimento da computação quântica. O princípio básico da nanotecnologia é a construção de estruturas e novos materiais a partir dos átomos. É uma área promissora, mas que dá apenas seus primeiros passos, mostrando, contudo, resultados surpreendentes (na produção de semicondutores, nanocompositos, biomateriais, chips, entre outros). O objetivo dessa pesquisa é possibilitar o entendimento da nanotecnologia, tendo em vista ser uma demanda tecnológica crescente no mundo, mas pouco divulgada no Brasil. Os objetivos específicos consistem em discutir o tema com pesquisadores da área, nas redes sociais e formar grupos de estudos para socialização das pesquisas. A metodologia utilizada está sendo a pesquisa bibliográfica disponibilizada na internet, bem como a criação de rodas de conversa, proporcionando debates sobre o tema. Criada no Japão, a nanotecnologia busca inovar invenções, aprimorando-as e proporcionando uma melhor vida ao homem. O objetivo principal não é chegar a um controle preciso e individual dos átomos, mas elaborar estruturas estáveis com eles. Um dos instrumentos utilizados para exploração de materiais nessa escala é o Microscópio Eletrônico de Varredura (MEV) e o Microscópio de Varredura por Tunelamento (STM), que permite a observação de átomos e moléculas ao nível atômico. Existe muito debate nas implicações futuras da nanotecnologia, pois os desafios são semelhantes aos de desenvolvimentos de novas tecnologias, incluindo

¹Colégio da Polícia Militar – Unidade Luiz Tarquínio, estudante da 1ª série do Ensino Médio, jeanvictorribeiro2015@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia - UNEB, mestrando em Educação pelo Programa de pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, remuloveloso@yahoo.com.br



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

questões sobre a toxicidade e impactos ambientais dos nanomateriais, e os efeitos potenciais na economia global, assim como a especulação sobre cenários apocalípticos, (doomsdayscenarios). Essas questões levaram ao debate entre grupos e governos a respeito de uma regulação sobre nanotecnologia. Nos grupos menos favorecidos essa discussão ainda é praticamente desconhecida, contudo se efetivada a nanotecnologia afetará a vida de todos os brasileiros de forma positiva e também negativa com as questões da poluição.

Palavras chave:Nanotecnologia.Átomos.Avanço tecnológico.



PARADOXOS DAS TECNOLOGIAS NOS DIAS DE HOJE: OPORTUNIDADES E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Autora: Jessica Santos de Jesus¹

Orientador: Wheliton Chiang Shung Moreira Ferreira²

O presente trabalho analisa a discrepância da sociedade brasileira contemporânea, que traz em seu discurso a necessidade de utilização das novas tecnologias em seus contextos, mas também não oferece condições para sua implementação. A partir desta realidade, objetiva-se entender a Educação a Distância (EAD) como uma modalidade de ensino que oferece oportunidades àquelas pessoas que, devido a circunstâncias específicas, não conseguiram completar o ensino formal. Como objetivos específicos, pretende-se apontar a EAD como uma solução para a inclusão social, assim como indicar a necessidade do Governo e as instituições relacionadas oferecerem condições para o acesso. A fundamentação principal deste estudo baseia-se no princípio de Oliveira (2017), livro “Educação a distância e tecnologia digital: interação, atitude e aprendizagem”, que traz a necessidade do foco da EAD na qualidade das interações, nas oportunidades oferecidas e na disposição em aprender e interagir. O simples aumento do número de acessos, de mensagens e de registros, segundo o autor, não garantiria o sucesso desta modalidade de ensino. A metodologia que permeia este trabalho foi baseada no levantamento documental de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da organização Population Reference Bureau (PRB), procurando-se uma delimitação do panorama da EAD no Brasil atual. Como indicador da qualidade da EAD, buscou-se a compreensão dos estudos de caso de Oliveira (idem). Ressalta-se a natureza da abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa, sendo que dados de estatísticas, censos e gráficos serviram de base para as interpretações e entendimentos da autora e do orientador desta pesquisa. Como resultados iniciais, destacam-se os números da PRB e do IBGE. Constatou-se que, da população brasileira de 209,4 milhões de habitantes, cerca de 116 milhões contam com acesso à internet. Seria uma realidade favorável, se não houvesse tanta discrepância entre o acesso à conexão e a disseminação e valorização significativa da EAD. A partir das leituras realizadas e dos casos analisados, conclui-se que a EAD, além de trazer formação para pessoas na forma de cursos superiores, como já é feito atualmente, poderia também ser aplicado em comunidades que ainda não têm acesso à internet e nem ao ensino básico e superior, que muitas vezes não é vista como parte de um todo. A falha desta modalidade não está nela em si, e sim, nas políticas públicas e na falta de recursos e projetos que darão assistência ao aluno que queira ingressar em um curso online. Para a consolidação da EAD no Brasil hoje, é necessária uma discussão veemente com a sociedade, de forma que se perceba como, de fato, ela seja significativa e atenda a sua demanda. Ainda, reconhece-se a importância de investimento em redes para que o acesso não continue restrito a poucos privilegiados, tal

¹ Instituto Federal da Bahia *campus* Valença, aluna do curso de Ensino Integrado em Informática, santosjessica1607@gmail.com.

² Instituto Federal da Bahia *campus* Valença, Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, wheliton@hotmail.com.



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias

27, 28 e 29 de maio de 2019

II Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias - CINTERGEO

VI Simpósio de Cartografia para Escolares – SIMCAES

VII Encontro de Pesquisadores da Rádio - RÁDIO

como está atualmente. Para a continuação deste estudo, sugere-se que outros indicadores possam ser analisados, além da análise de mais estudos de caso sobre o mesmo tema. Especialmente os que versam sobre a implementação da EAD por instituições públicas e privadas. Também é recomendado que se observem as nuances das estatísticas de acesso a internet, especialmente a delimitação do público que ela atinge no Brasil atualmente. Em tempo, cabe informar que o estudo atual se encontra em progresso.

Palavras-chave: Ensino a Distância. Tecnologias. Oportunidades.



Representações socioespaciais,
ensino e aprendizagens
significativas

A LEI 10.639/03 NAS PEDAGOGIAS DE FAVELAS: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Marcelo de Jesus Arouca¹
Ana Cristina Leal Ribeiro²
Nivia Bomfim Queiroz Rodrigues³

SIMCAES – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens Significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da Lei 10.639/03 para a educação em espaços favelares. A partir dos diálogos entre a lei e a educação em direitos humanos (EDH), se apresenta como uma revisão bibliográfica utilizando como metodologia o estudo documental. Aqui são considerados documentos, textos e leis. As discussões construídas no percurso dessa escrita possibilitaram afirmar que a Lei 10.639/03, as Pedagogias de Favelas e EDH são indispensáveis ferramentas para a construção de saberes e fazeres solidários em espaços favelares.

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Pedagogias de Favelas. Educação em Direitos Humanos.

As discussões que permeiam os direitos e garantias fundamentais dos sujeitos estão sob ameaça no Brasil atual. As relações de poder que historicamente entrelaçam os pensamentos de direita e conservadores têm assumido novas proporções com a ascensão do atual governo brasileiro, rechaçando, excluindo e fragilizando ainda mais discussões importantes para a construção de uma sociedade menos excludente. A defesa da meritocracia e por outro lado o desmonte de instituições educacionais que fomentam pesquisas e defendem incondicionalmente o acesso de todos independente da sua orientação sexual, pertencimento étnico, religião, condição socioeconômica etc. A Lei 10.639 de 2003 representa importante ferramenta de promoção da Educação em Direitos Humanos (EDH), embora sancionada em 2003, deve ser pensada enquanto forma de resistência para uma educação libertadora no

¹ Universidade do Estado da Bahia; Mestrando em Educação e Contemporaneidade; maismarceleza@gmail.com

² Universidade Federal da Bahia; Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades; ana.clribeiro@yahoo.com.br

³ Universidade do Estado da Bahia; Doutoranda em Educação e Contemporaneidade; nbqr2006@yahoo.com.br

contexto das Pedagogias de Favelas, uma vez que, as periferias, as favelas têm majoritariamente negros e negras.

A Lei 10.639/03 compõe o rol das políticas de ações afirmativas que são importantes instrumentos de reparação e luta pela equidade social em um mundo que produz desigualdades ao passo que mantém privilégios de poucos. Segundo Wedderburn (2005), as políticas afirmativas têm seu início ao final da primeira guerra mundial (1914-1918), propagando-se pelo mundo, em diferentes contextos. O que culmina no questionamento contundente de contextos de exclusão, subjugação e violência tomando como referência a diversidade

A lei 10.639/03 é uma importante conquista para a população negra e insere na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – 9.394/96, e conseqüentemente nos currículos escolares, a temática afrodescendente de forma afirmativa e positiva. Tornando obrigatório o trabalho em sala de aula da história da população negra africana e afrobrasileira e sua contribuição na formação do povo brasileiro.

Neste sentido se faz importante compreender a relevância da lei 10.639/03 e a questão da EDH para as escolas que atendem comunidades de favela e suas contribuições para os processos de ensino e de aprendizagem. Com o objetivo de discutir a importância desta lei para a educação em espaços favelares, o presente trabalho se apresenta como uma revisão bibliográfica. Para tanto, será apresentado um breve histórico das políticas afirmativas, elementos constitutivos e característicos das favelas bem como um diálogo entre a lei supracitada, a EDH e as Pedagogias de Favelas como instrumentos para o desenvolvimento pedagógico nestas comunidades.

As favelas no Brasil são espaços em que as camadas mais pobres e com características étnico-raciais negras que foram prejudicadas com o sistema econômico e político buscam condições de habitar e viver na cidade. O Estado, não por omissão, mas por meio da exclusão e negação da necessária assistência aos cidadãos mais pobres, propiciou os processos de favelização no Brasil. Assim é pela necessidade de sobrevivência que, segundo Maricato (1982) a população mais pobre se une, ajudando-se mutuamente. A pesquisadora afirma que “a solidariedade quando existe, é uma determinante para a sobrevivência” (MARICATO, 1982, p. 73) assim a autoconstrução passa a ser uma estratégia se deve à falta de suporte do Estado que atua em benefício de setores privilegiados da sociedade.

A autoconstrução é identificada pelo observatório de Favelas (SILVA et al, 2009) como um elemento presente na composição das favelas. Silva et al (2009) apresentam quatro

perfis que caracterizam as favelas, e que estão em acordo com as discussões trazidas no presente trabalho. De acordo com o perfil sócio urbanístico, as favelas têm suas construções fora dos padrões do Estado, com predominâncias de edificações autoconstruídas. O perfil socioeconômico da favela é um território com carências no mercado formal, especialmente no imobiliário, financeiro e no setor de serviços. O perfil sociopolítico evidencia a precariedade dos serviços públicos e a falta de políticas públicas. O quarto perfil apresentado por Silva et al (2009) é o sociocultural, trazendo a diversidade cultural presente nas favelas como uma das suas características. Ao discriminar o perfil sociocultural como elemento constitutivo da favela, Silva et al (2009) ainda afirma, de acordo com a região em que a comunidade está situada, a população da favela é predominantemente negra ou indígena.

Discutir as Pedagogias de Favelas a luz de tais dados é dotar os sujeitos de informações, quase sempre omitidas pelo estado excludente. As Pedagogias de Favelas, segundo Arouca (2017) consiste em perspectivas pedagógicas que partam dos contextos favelares em que os processos educacionais estejam sendo desenvolvidos, discutindo de forma crítica suas demandas, trazendo seus processos históricos e personagens como protagonistas em sua constituição social, política, cultural e epistemológica. Neste sentido é fundante discutir as problemáticas sociais que emergem também nesses espaços. As Pedagogias de Favelas devem estar comprometidas com a luta pela equidade social, combatendo todo e qualquer processo de pressão e discriminação, se posicionando na luta antirracista e antisexistista. Reconhecendo de forma afirmativa e crítica as peculiaridades socioculturais das identidades favelares, pautando suas contradições e contribuindo para o reconhecimento dos sujeitos envolvidos nos processos educativos enquanto sujeitos históricos. Deste modo compreendemos as Pedagogias de Favelas como perspectivas educacionais de grande potencial emancipador.

A EDH parte de três pontos essenciais: “educação de natureza permanente, continuada e global [...]; é uma educação necessariamente voltada para a mudança [...] é uma inculcação de valores para atingir corações e mentes.” (BENEVIDES, 2000, p.1). As Pedagogias de Favelas e a Lei 10.639/03 servem também a estes propósitos. Faz-se necessária a defesa destas enquanto ferramenta de mudança de uma realidade em que a marginalização provocada pela exclusão dos sujeitos a partir da negação do acesso à educação de qualidade, saúde, segurança, moradia etc. reforçam um conjunto de violações dos Direitos Humanos.

Enegrecendo as Considerações

A Lei 10.639 se insere na luta por afirmação, uma das marcas da contemporaneidade. As políticas de ação afirmativas são de grande importância e necessidade, tendo em vista os injustos processos sociais segregacionistas e excludentes que herdamos em decorrência dos últimos séculos da nossa história.

O objetivo desse texto foi apresentar discussão teórica sobre a Lei 10.639/03, Pedagogias de favelas e a Educação em Direitos Humanos (EDH). Não há como desvincular tais categorias; estas estão vinculadas pela implicação com o acesso aos bens socialmente construídos, além de considerar que todos independente da raça, credo, orientação sexual, religião devem ter acesso a educação de qualidade, moradia digna, saneamento básico, alimentação, saúde, segurança pública isenta de qualquer julgamento, dentre outras.

É nesse sentido que as políticas de ação afirmativa vêm ao longo do século XX sendo utilizadas como caminhos para garantir o direito de grupos minorizados sistematicamente excluídos não só de lugares de decisão e poder, mas também de espaços que deveriam ser democraticamente dispostos sem distinção de raça, cor, gênero, religiosidade ou quaisquer outras diferenças, sejam elas culturais, regionais, fenotípicas ou de qualquer outra natureza.

Historicamente o Brasil nega assistência às comunidades mais pobres, favorecendo prioritariamente aos mais ricos. As comunidades favelares são assim destituídas de estrutura e serviços públicos e suas populações multiculturalmente diversificadas buscam alternativas cotidianamente para superar as adversidades diárias.

As escolas situadas nas comunidades de favela são lócus de privilégio para se desenvolver ações, programas e projetos pedagógicos voltados para as comunidades negras com a finalidade de reforçar positivamente a sua cultura, dando a esta o mesmo valor que a cultura eurocêntrica arraigada na sociedade. Isso se deve ao fato de que, apesar de serem espaços de maioria negra, são também espaços em que o racismo se manifesta, é reproduzido e condena diuturnamente jovens em todos os cantos do Brasil.

A lei 10.639/03 vem a ser uma possibilidade de mudança, por garantir a manutenção de conteúdos afirmativos das culturas negras dentro das escolas; por exigir a necessidade de formação para que o corpo docente se adeque às demandas afrobrasileiras; e definir a obrigatoriedade de estruturas e recursos para que a escola ofereça o serviço com a qualidade necessária ao desenvolvimento das comunidades negras no Brasil.

A lei 10.639/03 possibilita mudanças por garantir a manutenção de conteúdos afirmativos das culturas negras dentro das escolas, exigir a necessidade de formação do corpo docente em relação às questões afrobrasileiras e definir a obrigatoriedade de estruturas e recursos para que a escola ofereça o serviço com a qualidade necessária ao desenvolvimento

das comunidades negras no Brasil. A defesa das discussões sobre as questões raciais precisam ocupar local de destaque e as Pedagogias de Favelas atrelada à EDH, em conjunto com a Lei, podem possibilitar ambientes ricos nesses debates. Ter a compreensão de que é possível uma sociedade em que os sujeitos possam se respeitar e solidarizar independente de onde moram, sua etnia e condição socioeconômica, é uma forma de construir saberes e fazeres para uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

- AROUCA, M. J. Favelas Pedagógicas: Distanciamentos e aproximações entre a cultura escolar e a cultura da (o) educanda (o) de favela. 2017. 78 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia, Bahia. 2017.
- BENEVIDES, Maria Victória. Educação em Direitos Humanos: de que se trata. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm>. Acesso em: 03mai2019.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996, (2017), (Arts. 26-A; 78; 79; 79-B). Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf> Acesso em 09 mar. 2019
- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Ministério da Educação – MEC, 2004. Disponível em < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em 31 out 2018
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- MARICATO, E. Autoconstrução, a arquitetura possível. IN: MARICATO, Ermínia (Org.) A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. 71-93.
- SILVA, Jailson de S.; BARBOSA, Jorge L.; BITETI, Mariane de O.; FERNANDES, Fernando L. (Org). O que é favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.



APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O PROERD: LEITURAS POSSÍVEIS DE UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ E DIREITOS HUMANOS

Nivia Bomfim Queiroz Rodrigues¹
Nadilson Siqueira²
Naurelice Maia de Melo³

Eixo – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens Significativas Agência
Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O objetivo desse breve texto é apresentar o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), enquanto ferramenta para a prática da Educação para a Paz e Direitos Humanos (EDH), a partir dos pressupostos teóricos da Aprendizagem Significativa defendidos. Para tanto, será usada, como metodologia, a análise textual de redações produzidas por crianças do 5º ano de uma escola pública, localizada no bairro do Novo Horizonte, Salvador, Bahia. Para melhor compreensão do leitor, esse texto foi organizado com base em considerações sobre os aspectos teóricos da EDH, da Aprendizagem Significativa e do PROERD, além de apresentar, a partir do tratamento dos dados coletados ao final do curso oferecido aos estudantes do 5º ano, informações que legitimam a assertiva de que o currículo adotado, bem como a metodologia utilizada pelo Programa, refletem aspectos da Educação para a Paz e Direitos Humanos.

Palavras-chave: PROERD. Educação para a Paz e Direitos Humanos. Aprendizagem Significativa.

Introdução

Compreender a EDH na contemporaneidade nos leva a perceber que há uma necessidade de reelaboração de concepções forjadas por movimentos e história dos vencedores, que, na sociedade em que vivemos, não deveria ocupar espaço exclusivo. Precisa-se considerar os outros sujeitos, também partícipes do momento histórico, ouvindo-os

¹UNEB; Mestre; nbqr2006@yahoo.com.br.

²UNEB; Mestre; nadilsonarquiteto@gmail.com.

³UNEB; Mestre; naurelicemelo@gmail.com.

e legitimando oficialmente os seus discursos.. Os Direitos Humanos (DH), fonte inicial da Educação em Direitos Humanos, foram pensados enquanto princípios universais, indivisíveis e interdependentes (DUDH, 1948). Quando afirmamos serem universais, estamos corroborando que estes se estendam a todos, independentemente de credo, gênero, etnia, orientação religiosa ou qualquer outra diversidade; são indivisíveis, uma vez que temos direito a todos eles e, por fim, são interdependentes, porquanto um direito não existe sem o outro.

Entender que os Direitos Humanos são comuns a todos, sem distinção, ainda é tarefa complexa, e configura um dos grandes desafios de uma sociedade que vem cultivando o ódio em lugar do respeito à diversidade, o uso da violência como forma de obter respostas desejadas e a meritocracia como única forma de acesso aos bens culturais públicos, notadamente a educação, que representa a porta de entrada para o acesso a outros direitos.

Embora tenhamos o direito à uma vida digna, à segurança, a julgamento justo, à liberdade de expressão, a não ser preso sem motivos, a ir e vir, à educação, à saúde, à escolha da religião (DUDH, 1948), muitos se veem cerceados. Isto pode ser observado cotidianamente nas cidades pelas que vivemos, nos diferentes países que visitamos e nas histórias de muitas crianças, jovens, idosos em diversas partes do mundo.

A EDH, e sua prática cotidiana nas escolas, pode potencializar valores positivos, superar obstáculos e anos de negação de direitos, construir ambientes favoráveis à reflexão das práticas dos sujeitos em qualquer ambiente em que estejam, construindo assim uma cultura de paz. Isto posto, já se afirma que, conforme defende Monteiro (2000, p.1) a EDH é:

essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. Portanto, a formação desta cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados – os quais devem se transformar em práticas.

Podemos afirmar que a EDH é uma ato educativo para mudança, uma vez que a reflexão deve ser o ponto de partida das suas ações. A ideia de reflexão e mudança representa exatamente o cerne da educação em segurança pública defendida e difundida pelo PROERD no currículo do 5º ano, através do Modelo de Tomada de Decisão PROERD (MTDP).

Como já sinalizado, neste trabalho o Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD representa uma ação de EDH e cultura da paz. Originalmente conhecido como

DARE (Drug Abuse Resistance Education) desenvolvido inicialmente no Distrito Escolar de Los Angeles/EUA, em conjunto com o Departamento de Polícia norte americano, no ano de 1983. Atualmente, o Programa está presente nos Estados Unidos da América, bem como em mais de 60 (sessenta) países, incluindo o Brasil, onde foi implantado em 1992 pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. (D.A.R.E, 2017).

Trata-se de um programa socioeducacional, preventivo, que consiste em uma parceria entre Polícia Militar, escola e família, com o objetivo de promoção de reflexão sobre ações do cotidiano que valorize uma cultura de paz e, conseqüentemente, prevenir o uso de substâncias psicoativas e da prática da violência entre crianças, adolescentes, jovens etc.

Metodologia

O Programa é realizado em Unidades Escolares e espaços educacionais não formais e os currículos desenvolvidos têm, como função, a construção de saberes e fazeres educacionais que possibilitem o desenvolvimento de habilidades e competências que possibilitem a tomada de decisões acertadas para fins de resiliência, respeito, afetividade, dentre outras. O cumprimento da missão constitucional das Polícias Militares perpassa pela segurança preventiva e o PROERD, além de possibilitar a imersão na ação principal das PM, qual seja, a segurança pública, promove também uma política de aproximação junto à sociedade e, conseqüentemente, maior confiabilidade nas instituições responsáveis pela segurança pública.

O currículo PROERD do 5º ano, “Caindo na Real”, aplicado em uma escola pública da cidade de Salvador, foi pensado com base na Teoria de Aprendizagem Socioemocional (Socio-Emotional Learning Theory-SEL). Essa teoria “busca identificar habilidades básicas e fundamentais para o processo de desenvolvimento do indivíduo [...] incluindo: a) autoconhecimento e autogerenciamento; b) tomada de decisão responsável; c) alteridade; d) habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal; e) habilidade de lidar com desafios e responsabilidades. (DARE, 2013).

Resultados e Discussão

As leituras dos textos produzidos pelos “proerdianos” na turmas do 5º ano do ensino fundamental, em uma escola do bairro do Novo Horizonte, em que foi realizado o Programa possibilitaram afirmar que o PROERD representa uma ferramenta da Educação em Direitos Humanos e promoção da cultura da paz. É possível também afirmar que houve aprendizagem significativa dos conteúdos apresentados, uma vez que o participante LJ, afirma “não sabia

quanto o cigarro e o álcool fazia mal. Descobri com as aulas do PROERD. Não quero usar nenhuma droga”. Em mais um relato, uma estudante afirma que: “sempre vejo pessoas usando drogas e com arma...vou continuar estudando, quero fazer faculdade e ajudar as pessoas”. Outra estudante corrobora: “ eu agora acredito que se as pessoas ajudarem outras pessoas, não usarem drogas, o mundo será melhor”.

Destacamos parte da redação premiada pelo Programa, que, de forma irrefutável, representa o que Ausubel destaca como aprendizagem significativa, bem como aquilo que definimos como EDH.

Bom, eu pretendo usar tudo o que eu aprender no PROERD no meu futuro. Eu aprender que devemos respeitar os outros, independente de como eles sejam, que eu devo respeitar as leis também. Eu irei usar o MTDP em todo o momento da minha vida, ou seja no meu cotidiano.

Eu planejo usar o que eu aprender no PROERD por toda a minha vida, para que eu possa fazer escolhas boas e saudáveis [...] eu não vou romper esse compromisso com o PROERD. Eu vou usar o que eu aprender para mi tornar uma boa cidadã e cumprir com os meus direitos e obrigações. (EFC, 2018).

A leitura do fragmento do texto da estudante aponta importantes elementos dos quais podemos dispor para a afirmação de que o Programa Educacional de Resistência às Drogas representa uma ferramenta de Educação em Direitos Humanos e de promoção da cultura da paz. Aprender significativamente, numa perspectiva da Educação em Direitos Humanos, está além da decodificação de saberes, de cumprir conteúdo, de lembrar um tema trabalhado em classe. A EDH busca uma mudança de atitude, uma percepção de que o mundo precisa de novas ações pautadas nas decisões responsáveis, resiliência, respeito, afetividade. Para lidar com tais questões no cotidiano é preciso que as escolas possam continuar o trabalho educativo pelo viés da democracia, do compromisso social, das liberdades de pensamento e, sobretudo, da formação para o exercício da cidadania, fim esse que deve ser reforçado em todas as etapas formativas dos sujeitos. (BENEVIDES, s.d).

A ideia de educação como proposta para mudança, que representa um dos princípios da EDH, está presente nos textos dos estudantes, nas seguintes falas: “quero ajudar as pessoas”, “eu não vou romper esse compromisso com o PROERD”, “Eu vou usar o que eu aprender para mi tornar uma boa cidadã e cumprir com os meus direitos e obrigações”.

O PROERD, no seu currículo do 5º ano, se compromete a construir, partindo do Modelo de Tomada de Decisão PROERD (MTDP), uma proposta reflexiva de situações do cotidiano dos sujeitos que, ao serem expostos aos problemas propostos possam, de forma acertada e usando os conhecimentos adquiridos no Programa, ajudar a construir uma sociedade mais pacífica e acolhedora.

Conclusões

Este texto parte da ideia inicial defendida em estudo de doutoramento em Educação e Contemporaneidade e alinhada ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade que defende a perspectiva do Programa Educacional de Resistência às Drogas, enquanto ferramenta de EDH e cultura da paz.

Na construção deste texto buscou-se referências voltas para EDH, cidadania e cultura da paz. Para tanto, foi traçado, como objetivo, apresentar o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD) enquanto ferramenta para a prática da Educação para a Paz e Direitos Humanos (EDH), a partir dos pressupostos teóricos da Aprendizagem Significativa defendidos David Paul Ausubel. Foi escolhido como instrumento de coleta de dados, as redações elaboradas por crianças do 5º ano do ensino fundamental, quando apresentaram suas reflexões sobre o Programa.

A partir da leitura das redações apresentadas pelos estudantes-autores desenvolvidas com base na proposta de aprendizagens contida no currículo *Caindo na Real*, para o 5º ano, e das interlocuções com os textos estudados sobre DH, EDH e PROERD, é possível afirmar que possibilitam aprendizagens sobre EDH e cultura da paz.

REFERÊNCIAS

D.A.R.E. Teaching students decision making for safe & healthy living. <https://dare.org/education/>. Acesso em 15 mar 2019.

D.A.R.E. Currículo para crianças do 5º ano do ensino fundamental: Caindo na real/D.A.R.E America. Trad. Tiago Silas, Soraya Matoso: Belo Horizonte, 2013.

SOARES, Maria Victória de Mesquita Benevides. **Cidadania e Direitos Humanos.** disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/benevidescidadaniaedireitoshumanos.pdf>. Acesso em: 23 abr 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2019/04/dudh.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2019.



EDUCAÇÃO EM MUSEUS: ASPECTOS DE CARTOGRAFIA PARA ESCOLARES DESENVOLVIDAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Maria Auxiliadora Ribeiro Silva¹
Mateus Santos Souza²

VI Simpósio de Cartografia para escolares - SIMCAES

Resumo

O texto trata do estudo sobre a relação educacional entre museu, alunos e escola e de aspectos que abrangem o acesso à aquisição e difusão do conhecimento e desenvolvimento de novas competências a partir da experimentação e de pesquisas pela visita à organização espacial e ao espaço geográfico. Verifica-se a implicação na relação, que dentre os vários fins, volta-se para o desenvolvimento de um cidadão crítico reflexivo e, que por sua vez se coaduna com objetivo da escola. Para tanto, o estudo utiliza de pesquisa qualitativa com base em procedimento bibliográfico, documental e de estudo de caso. Ressalta-se que os espaços educativos são ambientes dinamizadores de suas práticas educativas e, que o conhecimento de acervo e objetos, de seus espaços geográficos e da disposição local dos museus auxiliam na divulgação do patrimônio material e imaterial em sua comunidade, além de promover o fortalecimento da identidade da comunidade. Assim o aluno-visitante, se torna conhecedor e difusor de conhecimento cultural, social, não somente pelos estudos e pesquisa desenvolvidos na visita; mas principalmente, pelo desenvolvimento da cidadania e do entendimento de preservação do seu patrimônio histórico cultural.

Palavras-chave: Museu. Aluno. Escola. Prática Pedagógica.

Introdução

As aprendizagens se processam em diferentes espaços e cada um deles desperta saberes diferentes que ampliam o capital cultural dos sujeitos (BOURDIEU, 2003). É importante que diferentes espaços de aprendizado sejam acessados para que a formação integral do sujeito possa ocorrer.

Sob esta perspectiva, encontramos numa fase em que ações governamentais vêm sendo desenvolvidas em prol do entendimento da relação entre o museu, à educação e seus espaços

¹UNEB; Professora; dodora.ribeiro@hotmail.com.

²UNEB; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC; teutato1@gmail.com.

educativos e que contribuem significativamente para que às instituições museais deixem de ser reconhecidas apenas como um local de apreciação estética.

Atualmente, o Estado brasileiro tem motivado a educação museal, termo que surge a partir de discussões incentivadas pela Unesco, na década de 1950, no Brasil, quanto ao papel educativo do museu, ganha força a partir da década de 1980, com a terminologia “educação patrimonial”, anos depois passa a adotar a pedagogia museal ou educação museal (SOARES et al , 2018). De lá pra cá, o governo vem empreendendo esforços em políticas públicas através da Política Nacional de Museus. Em 2018, lançou o Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), o qual vem sendo construído no campo da educação pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) desde 2010, a ser observado pelas instituições museais, que se utiliza de valores, conceitos, saberes, práticas e tem como objetivo final o desenvolvimento do visitante.

A partir daí, inovações e novos paradigmas começaram a serem instituídos no que se refere à educação, passando a considerar o museu como espaço propício para os processos educativos não formais. Para Gohn (2016), a educação não formal trata de um processo com várias dimensões e onde se sobressaem os diversos espaços em que desenvolvem as atividades de educação não formal, ou seja, em espaços educativos de interação com a comunidade.

Segundo Soares *et al* (2018), a educação museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade e seu foco está na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Soares *et al* (2018) aponta que, mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a educação museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la, pelo reforço a identidade da comunidade.

Sob esta ótica, existe uma profunda relação com o pensamento freiriano quando remete a relação entre museu, os alunos e a escola pelo desenvolvimento de pesquisa, aprendizagem e ensino, quanto à formação crítica e autônoma do sujeito e, que transita entre diferentes espaços de aprendizagens, de educação formal para o não formal e vice versa.

O mapeamento e o roteiro de visita a diversos museus do Centro Histórico de Salvador realizado por uma escola do Subúrbio de Salvador advêm de uma pedagogia ativa e autônoma, em que as práticas inovadoras levam o aluno-visitante, não só ao acesso à organização espacial do museu e ao conhecimento do seu patrimônio cultural e histórico, mas a sua formação como ser integral pela possibilidade de interação com novos saberes e nas relações entre os sujeitos envolvidos no fazer pedagógico, possibilitando o desenvolvimento de competências de aluno-pesquisador e difusão desse conhecimento em sua comunidade.

Assim este texto reflete a seguinte pergunta: De que maneira as pistas da cartografia para escolar auxiliam as práticas pedagógicas? E, na busca de resposta para a questão surge o objetivo geral: Identificar aspectos de cartografia para escolares que auxiliam as práticas pedagógicas em visitas aos museus. E, especificamente: a) Descrever a relação entre o museu, escola e aluno, evidenciando seu papel socioeducativo; b) Analisar aspectos da cartografia para escolar que permeiam as práticas pedagógicas desenvolvidas em visita aos museus do Centro Histórico do Pelourinho.

Neste contexto, a relação museu-escola permite ir além, no sentido de que diferentes espaços educativos promovam diferentes saberes, colocamo-nos na posição de pensar nas diferenças e semelhanças existentes entre elas. Contudo, sobretudo e principalmente, o debate nos levará para discussão de pontos de convergência, considerando que o processo educacional é integral e o desenvolvimento social envolve diversos atores.

Metodologia

Esta seção menciona o caminhar metodológico da pesquisa. As opções destacam a pesquisa qualitativa com abordagem documental como método. Além disso, anunciando os procedimentos de coleta dos dados que envolvem a análise documental e o instrumento de coleta por meio das atividades pedagógicas interdisciplinar, semestral – Projeto de Visita ao Museu, que envolveram visitas de alunos do ensino fundamental de uma escola privada, localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador aos museus indicados no projeto Rota de Museus. Tais ações resultam no desenvolvimento e consecução da investigação.

Resultados e Discussão

No Brasil, a crescente conscientização a acerca da importância da função social dos museus têm se traduzido na valorização de sua natureza educativa e, atualmente na Bahia não tem sido diferente. E dois fatores vêm contribuindo fundamentalmente no que tange a relação com a sociedade; o patrimônio sociocultural e, particularmente em Salvador para os alunos, as escolas e aos museus encontrados no seu Centro Histórico.

Por um lado, os investimentos realizados pela Secretaria da Cultura do Estado da Bahia (Secult) através do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac) no que se referem à recuperação e manutenção dos museus, são empreendidos não somente pela crescente pressão para justificar sua existência, como também; pela necessidade de divulgação, difusão

da sua memória sociocultural e valorização do patrimônio histórico material e imaterial de Salvador.

Por outro lado, os investimentos focam as ações voltadas à atração de público e o reforço ao papel educativo dos museus baianos, a exemplo no programa de Dinamização de Museus, pela realização de novas exposições, ampliação de acervos, promoção de palestras, peças teatrais e shows musicais, além da efetivação de campanhas fixas. Desde 2016, o Ipac lança vídeos intitulados Rota dos Museus, que dentre os propósitos; propõe um roteiro de visitas gratuitas aos principais museus de Salvador, bem como tem o intuito de divulgar serviços educativos, dentre outros como as exposições permanentes (BAHIA, 2018).

Sendo assim, induz a pensar sobre as potencialidades educacionais entre a escola e o museu, entre elas, a visita de museus por grupo escolares, que vai muito mais além do que a promoção do turismo cultural, de lazer, devido a sua abertura e a interação com as escolas e os alunos de sua comunidade, implicando na possibilidade de divulgação do saber do seu patrimônio, permitindo o aluno a experimentação e experiência além do livro.

Apreciando o entendimento dos museus, como um espaço de interação propício para o desenvolvimento de atividade interdisciplinar, a escola estudada leva em consideração, o contato, a interação, a experimentação e o desenvolvimento de estudos e de pesquisas. Assim, a escola do ensino fundamental do Subúrbio Ferroviário realiza seu projeto interdisciplinar e, apresenta com base no conhecimento da disposição espacial dos museus no Pelourinho, em meio ao seu meio e contexto geográfico, a sua história sociocultural.

Além de ter como objetivo, a sensibilização da valorização do patrimônio sociocultural, alicerce de memória e, da necessidade de preservação em virtude da aquisição de conhecimentos e difusão junto à comunidade, onde “as interações dos alunos com o seu ambiente (espacial, social, temporal e cultural) assim como suas experiências vividas, devem ser levadas em consideração” (BONFIM, 2016, p. 02).

Deste modo, a atividade interdisciplinar realizada pela escola em estudo, permitiu o acesso e a apropriação de conhecimento sociocultural, material e imaterial e a difusão da própria cultura e da cultura de outros locais e de povos diversos ali guardadas pela visitação com base numa rota de localização dos museus. Vale ressaltar que vale o conhecimento do espaço geográfico em que estão inseridos os museus facilitam a compreensão da cultura, dos bens e objetos, de suas memórias pela interação com os educadores com os envolvidos na atividade.

As atividades planejadas e executadas sob a perspectiva científico-pedagógica na relação museu-escola se valeu da interação e realização em um agente dinâmico, a serviço da comunidade e, considerado pela escola numa perspectiva ampliada que vai além da função

social, de lazer e de turismo, mas que possibilita a promoção do desenvolvimento da competência do pesquisador ao aluno-visitante designado em seu projeto escolar.

Conclusões

A relação museu, alunos e escola requer uma interação com base em práticas pedagógicas que englobe não somente a visita a seus espaços, mas que promovam para os envolvidos a dinamização e mobilização de suas práticas pedagógicas, permitindo a aquisição de novos e diversos saberes, bem como o desenvolvimento do aluno.

A visita empreendida por uma rota e mapa de museus localizados no espaço geográfico do centro Histórico de Salvador, traduzida em aspectos da cartografia para escolar, além de tornar o aluno conhecedor da disposição geográfica dos museus pelo conhecimento de sua localização e do acesso ao seu patrimônio histórico material e imaterial com base nas visitas e interações, o torna também um pesquisador e multiplicador de conhecimento cultural para a sua comunidade, criando um sentimento de cidadania, refletido na conscientização da preservação e zelo do patrimônio sociocultural e de sua memória.

REFERENCIAS

- FREIRE, PAULO R. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- BOMFIM, N. R. CORREIA, S. L. Representações Sociais do Espaço e Ensino da Geografia. Caminhos de Geografia revista online <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> Acesso: 03 de mai. 2019
- BOURDIEU, P. et al. **O amor pela arte — Os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo/Porto Alegre, Edusp/Zouk, 2003.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal.
- GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições Sociais. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615>
- SOARES, Ozias; COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene. **Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso: 01 de mai. 2019.



ENCONTROS ENTRE O BRINCAR E A MULTITERRITORIALIDADE DO ESPAÇO ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosângela Bastos Oliveira¹
Naurelice Maia de Melo²

Eixo – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens Significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar o encontro entre o brincar e a multiterritorialidade do espaço escolar na Educação Infantil; referente às associações entre resultados da pesquisa “A Construção Simbólica na Criança: contribuição para uma Proposta Pedagógica Inovadora” e perspectivas em torno dos debates sobre territorialidade. Os procedimentos metodológicos contaram com participação de 08 professoras de Educação Infantil e 44 crianças cujos pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo de ambos os sexos, e de faixa etária de 5 a 6 anos, dos Grupos 5A e 5D, respectivamente, dos turnos matutino e vespertino. Os episódios de interações socioespaciais foram analisados a partir de algumas categorias definidas a priori pela obra de Piaget (1970) em Epistemologia Genética, que são: Faixa etária, gênero, composição grupal, tipo de interação interpessoal, tipos de interação espaciais (Estilo: solitário, independente, assimétrico, complementar) e (Caráter social: agnóstico e pró-social). Evidenciou-se que o espaço escolar necessita ser reconhecido como um aliado às práticas pedagógicas por ser de fundamental importância para a aprendizagem das crianças; neste artigo, atribuindo destaque ao brincar e à multiterritorialidade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Multiterritorialidade. Espaço Escolar.

¹ Pedagoga, pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Mestre do Programa de Mestrado profissional em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: robastocal73@hotmail.com.

² Licenciada em Filosofia, pela Universidade Católica do Salvador. Pedagoga, pela Faculdade regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, pela Universidade Salvador. Doutoranda em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia. Docente em Instituições de Ensino Superior e Professora Formadora da Unidade de Educação a Distância da Universidade do Estado da Bahia. naurelicemelo@gmail.com

Introdução

No Brasil os números de estudos sobre o brincar são bastante significativos, é possível justificar pela importância desse ato para as crianças. Esse avanço vem ocorrendo porque cronologicamente o olhar sobre a criança no Brasil se tornou mais intenso a partir do século XX com a chegada das creches. Com isso é possível entender os avanços sobre a criança e o brincar, gerando cada vez mais a necessidade de conhecê-los melhor.

Nos últimos anos vem despontando alguns estudos sobre o território escolar na EI, mas fazem necessários mais estudos sobre essa temática para melhor compreensão da importância do território no processo de desenvolvimento físico e cognitivo da criança. O brincar no território escolar é uma ação de qualquer criança de educação infantil EI.

Nesse sentido a pesquisa foi desenvolvida a partir dos conceitos de Piaget (2014), Wallon (2010) e Vygotsky (2000), por considerar que os estudos deles nos aproximam da criança do brincar e da relação com o território.

Quanto ao território, este escrito associa a pesquisa realizada sobre a “Construção Simbólica na Criança: contribuição para uma Proposta Pedagógica Inovadora” à perspectiva de que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” proposta por Milton Santos (2005, p. 138) e tecendo encontro entre esta e a perspectiva de Rogério Haesbaert (2006b, p.135): “território [...] envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço, nas diversas escalas espaço-temporais”.

Nas duas perspectivas a respeito do território, este é apresentado em consonância às relações que constituem o espaço sem que sejam desconsideradas as circunstâncias políticas, sociais e o âmbito simbólico-cultural. Portanto, próximo às elaborações do brincar, do jogo, do lúdico e das implicações destes sobre regras, bonificações, expressões de si, do outro, interações, espontaneidades e, ao mesmo instante, atenções que as crianças têm ao externo e aos padrões manifestos nos combinados do brincar, nas relações de poderes (ainda incipientes) e nas autonomias que vão surgindo e sendo elaboradas na infância.

Haesbaert (2005, 2006^a, 2006b) esclarece que a relação entre território e poder não está restrita a significação concreta deste, mas na compreensão também simbólica do poder. A esse respeito, o autor cita Lefebvre e Milton Santos. O primeiro, para a diferença entre apropriação e dominação e o segundo para a distinção entre o território enquanto recurso e o território na qualidade de abrigo. Lefebvre estabelece a diferença entre apropriação (*possessão*) e dominação (*propriedade*), de acordo com Haesbaert (2005, p. 6774, 6775), “o primeiro [...] um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do ‘vivido’, do valor de uso, o segundo

mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca”.

Haesbaert (2005) afirma que Lefebvre trata do espaço e não exatamente do termo “território”, contudo, a proposta é de compreensão do espaço com seu teor processual e socialmente construído, de modo que a relação entre dominação e apropriação precisa ser constante, ocasionando o reconhecimento e a efetivação real da apropriação. Mas, a lógica do mercado transforma também o espaço em mercadoria, bem como faz prevalecer o poder do, conforme chama o autor, “aparato estatal-empresarial”.

É possível então compreender que o sentido de apropriação se aproxima da realidade vivenciada, constituindo o próprio espaço habitado e significando-o, portanto, de modo múltiplo com seus também múltiplos elementos. Nessa perspectiva Haesbaert (2005) segue com considerações em torno de perspectivas tais como a de “desterritorialização”, “reterritorialização” e “multiterritorialidade”.

Em linhas gerais (ficando claro que a proposta nesta escrito não é a de tratar cada uma das perspectivas mencionadas no parágrafo acima, mas apenas a título de alusão aos seus significados) não é concebida, em Haesbaert (2005, 2006a), a perda de territórios; uma vez que no lugar desta são encontradas as possibilidades dos processos de reterritorialização, sendo estes não exatamente o retorno às condições originárias de dado território, mas a aproximação aos sentidos complexos e articulados entre si que culminam na compreensão da multiplicidade, convidando também à multiterritorialidade, aqui, vinculada à Educação, à Infância e às possibilidades de encontro entre as diversas “territorialidades” na socioespacialidade da escola e na “multiterritorialidade” do brincar.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa do tipo exploratório-descritivo, onde o uso da videogravação foi baseado na metodologia de Carvalho, Alves e Gomes (2005), com as crianças em situação de rotina pedagógica, no grupo focal com entrevista não estruturada com as professoras.

A coleta de dados foi dividida em três etapas. O registro fílmico nos grupos 5A e 5D seguindo o roteiro da sequência cronológica da rotina de sala de aula caracterizou-se como primeira etapa. Onde a gravação ocorreu por 5 minutos a cada atividade desenvolvida na rotina pedagógica computando um total de 25 minutos de gravação por grupo.

Quanto a segunda e terceira etapas foi estruturado pelo grupo focal. A técnica do grupo focal, segundo Cavazza (2005) consiste em uma entrevista não estruturada aplicada em um grupo sobre um tema preciso. Já na segunda etapa o grupo de professoras puderam assistir

alguns momentos da videogravação e passaram a dialogar sobre as representações socioespaciais infantis e a construção simbólica na criança.

A terceira etapa foi elaborada algumas questões: conceito de práticas pedagógicas inovadoras, percepção do currículo escolar da Educação Infantil, mudança na sua rotina pedagógica após visualização do videografia, relação entre crianças da comunidade do entorno da escola e sua construção simbólica.

A pesquisa foi permeada pelas expressões das crianças, dentre outras, junto ao ato de brincar no cotidiando, socioespacial, da Escola, culminando em propostas de práticas pedagógicas inovadoras abraçando também espaços virtuais (também socioespacialmente elaborados).

Resultados e Discussão

Os resultados foram separados por momentos e o 1º momento foi observado às imagens, a organização e ocupação do tempo e do espaço pelas crianças, suas ações e reações diante das propostas feitas pelos adultos. Logo depois veio o 2º momento com as filmagens registrando, o que era proposto pelo adulto e as ações e reações das crianças expressadas de diferentes formas.

A proposta constituiu-se em agrupar os dados resultantes da observação das cenas de cada atividade individual dando início ao 3º momento. Os dois grupos escolares, tiveram em comum as cenas de interações e apropriação do território. Foi possível observar que elas assumem uma autonomia em escolherem o seu lugar, seu território, seus objetos e seus grupos.

Utilizou-se da gravação em áudio como instrumento para registro de todas as impressões colhidas durante as reuniões e discussão no grupo focal. Após os dados revelados pelas videograções ocorreu a segunda etapa do grupo focal. Logo depois foi transcrita as falas em consonância com as categorias de análise dos registros fílmicos e transferido para uma planilha. O método estatístico foi utilizado no conteúdo, para elaboração de tabelas e analisados pelo método de análise do conteúdo do discurso Bardin (2009).

Com isso foi possível apresentar os resultados da análise e interpretação dos dados que contribuiu para a Proposta Pedagógica Inovadora na Educação Infantil e o desenvolvimento da Plataforma Virtual. As professoras explicitaram como necessidade em levar as crianças para explorar o entorno da escola; mobilizar encontros com os pais a fim de proporcionar discussões e reflexões com eles sobre a importância do brincar para as crianças, neste momento, de forma

atenta à multiterritorialidade e com ela aos encontros entre o brincar, as diferenças, as autonomias e emancipações.

Conclusões

As crianças conquistam autonomia, se apropriam dos seus espaços, escolhem seus objetos e em qual grupo irão interagir. Existe uma complexidade nessas ações das crianças, existe pertencimento e constam caminhos para a convivência com o diverso e para a emancipação, sobretudo, mediante o brincar. Expressando a feitura de multiterritorialidades que, para serem efetivas, requerem o encontro tanto subjetiva quanto objetivamente com a comunidade e as vivências fora da Escola.

O desejo de mudança das professoras foi imprescindível para a elaboração de uma Proposta Pedagógica Inovadora que contou com uma Plataforma Virtual. Esta, pautada em interações e socializações de vivências e conhecimentos,

Mediante a feitura da pesquisa, suas análises e os encontros entre seus resultados e as perspectivas em torno dos debates sobre território foi possível vislumbrar novas ações e convite à novas pesquisas atentas ao brincar e à multiterritorialidade da qual este ato pode estar imbuído.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BOMFIM, Natanael Reis. **Représentations sociales de l'espace et l'enseignement et l'apprentissage de la géographie scolaire** : le cas des élèves favelados d'une ville du nord-est du Brésil. Tese (Doutorado em Educação). Canadá: Universidade do Quebec em Montreal, Montreal, 2004.
- CARVALHO, Ana. M.; Alves, M. M. F. & Gomes, P. L. D. **Brincar e educação**: concepções e possibilidades. Psicologia em Estudo. 2005.
- CAVAZZA, N. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Loyola, São Paulo, SP, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005. p. 6774-6792.
- _____. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a. 400p.
- _____. **Territórios Alternativos**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2006b.
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. 176p.
- PIAGET, Jean. **Formação do Símbolo na Criança** – imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2014.
- VIGOTSKY, S. Levy. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS JUVENTUDES E A (RE)CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL

Jamille Santos de Araújo¹
Miliane de Lemos Vieira²
Tassio Simões Cardoso³

Eixo – Representações Sociais, ensino e aprendizagens significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho busca discutir a (re)construção do espaço social através das práticas educativas das juventudes em Cajazeiras, Salvador/BA. O objetivo principal é identificar como desenvolvem-se aprendizagens significativas no território de Cajazeiras e como elas impactam na construção e/ou reconstrução do espaço social. Para isso, compreende-se espaço social a partir da concepção de Lefebvre (2006), sendo ele produto da sociedade e ao mesmo tempo produtor dela. Justifica-se de extrema importância esse trabalho pela necessidade social de apresentar propostas pedagógicas promotoras de mudanças sociais, muitas delas oriundas das classes invisibilizadas. A pesquisa foi qualitativa, com uma abordagem participante, fundamentada em Brandão (1987), e teve como instrumentos de coleta a entrevista semi-estruturada e o Mapa Situacional, esse último oriundo da cartografia afetiva. Percebeu-se com essa pesquisa, que as práticas sociais das juventudes de Cajazeiras, carregadas de um caráter pedagógico, constituem-se em motores para (re)construção do espaço social. Para ajudar no debate sobre espaço social o texto articula também uma nova roupagem sobre territorialidade, Bomfim (2009) e propõe que esse movimento que tem acontecido em Cajazeiras promove uma outra perspectiva de desenvolvimento fortalecendo a dimensão local.

Palavras-chave: Espaço Social, prática pedagógica e territorialidade

Introdução

Esse trabalho aponta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado realizada em Cajazeiras, Salvador-BA. A contemporaneidade está marcada por várias contradições, a medida que a educação vem se forjando nos espaços formais de ensino como mais um meio de manutenção da sociedade vigente, ela também tem emergido fora dos muros das escolas, pautada em princípios sintonizados com a luta por direitos sociais e a transformação social consolidando assim aprendizagens significativas. Esse advento tem sido promovido por

¹UNEB; Faculdade São Salvador; Mestre em Educação e Contemporaneidade; Email: jamilleasbs@gmail.com

²UFBA; Mestre em Educação; Email:

³UNEB; Doutorado do PPGEDU; EMail: tassioeducacao@gmail.com

inúmeros grupos sociais, dentre eles a juventude, ela tem sido propulsora da construção de espaços de diálogos e conseqüentemente tem (re)produzido o espaço social ao redor, muito perceptível isso em Cajazeiras, conforme nos apresenta os resultados da pesquisa.

Metodologia

E função do caráter político a que se destinou a pesquisa, a abordagem foi participante, pois é o tipo de pesquisa que rompe a neutralidade, que tradicionalmente o método positivista proliferava. Tem a ver com as relações humanas estabelecidas no ato de pesquisar que levam em conta a própria subjetividade do sujeito. O que a difere de outros métodos tradicionais é o lugar que o sujeito ocupa na pesquisa, ele deixa de ser entendido como o “objeto” da pesquisa e assume o lugar de protagonista. (BRANDÃO. p. 224; 1987)

Essa pesquisa foi qualitativa, teve como Locús a comunidade de Cajazeiras, e tiveram como sujeitos da pesquisa jovens, militantes, com idade entre 15 e 29 anos, em conformidade com o Estatuto da Juventude e moradores de Cajazeiras, que foram selecionados através da Técnica de amostragem, conhecida aqui no Brasil como “Bola de neve”, e internacionalmente como *snowball*. Consiste numa técnica metodológica não probabilística, que faz uso de cadeias de referências. Tem sido muito utilizada para pesquisas onde não há precisão sobre a quantidades de sujeitos ou grupos partícipes (VINUTO; 2014)

Os métodos de colheita de informações foram a entrevista Semiestruturada e o Mapa Situacional, oriundo da Cartografia afetiva. A partir daí fez-se uso da análise de conteúdo de Bardim (2016).

Resultados e Discussão

A concepção de espaço social tem sido utilizada de inúmeras formas pelas diversas áreas do conhecimento, causando uma confusão quanto a sua especificação. Depois de um número significativo de formas diferentes de analisar e explicar o espaço, Lefebvre (2006) propõe pensa-lo como produto e não como fato da natureza. Busca fazer isso através de uma análise aprofundada das questões urbanas e dos efeitos desastrosos da modernidade, que modificaram a relação cidade-campo a nível mundial, determinando ao primeiro o espaço do progresso, da invenção, por isso o centro de tudo. Para Lefebvre (2006) *o espaço é produto e produtor*, por tanto suporte de relações econômicas e sociais, ou seja, o espaço é resultante do modo de produção e reprodução social. Ele reúne o mental, o cultural, o social e o histórico. Pode ser o lugar da descoberta, da produção e da criação, ou pode ser marcado pela reprodução das

dimensões da modernidade: homogeneidade-fragmentação-hierarquização, ocultando assim as relações “reais” e os conflitos. À escala mundial, contudo, um novo espaço *tende* a se formar, integrando e desintegrando o nacional, **o local**. Processo cheio de contradições, ligado ao conflito entre uma divisão do trabalho à escala planetária, no modo de produção capitalista, e o esforço em direção a uma outra ordem mundial mais racional. (LEFEBVRE. p.09. 2006)

Sobre esse poder local, Dowbor (2007) afirma que quanto mais se desenvolve o processo de globalização mais tem surgido experiências de desenvolvimento local, constituindo cidadãos ativos no processo de transformação social, econômica e política. Isso se gestiona também num novo modelo de educação que favorece as novas gerações a se apropriarem do espaço onde vivem, como uma forma de se detectarem os conteúdos curriculares de forma mais qualitativa e não por obrigação. Por isso ele afirma que “a educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la” (DOWBOR. P.16. 2007)

Promover o desenvolvimento local não significa voltar as costas para os processos mais amplos, inclusive planetários: significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade. Dowbor (2007), assim como Bomfim (2007) propõe uma concepção de relação com o território diferenciada, onde os sujeitos o conhecem, o constroem, e o definem, resistindo as formas de vida pasteurizadas que lhes tem sido imposta.

Diante das mudanças abruptas e rápidas do mundo moderno, a noção de território vem sendo ressignificada, onde, segundo Bomfim (p.17. 2009) emergem “novas territorialidades” ou “novas solidariedades”. Essa emergência implica numa forma diferente e inédita de conceber os espaços sociais e daí, afirma que “dessas emergências (às vezes bem sucedidas), nascem o desejo de uma sociedade singular para valorizar sua identidade e controlar seu próprio desenvolvimento”. Bomfim (2009) faz uma análise crítica sobre o uso do termo território, e da forma como ele tem sido discutido, com pouca significação ou como sinônimo de espaço e lugar. Segundo ele, (p.17. 2009), se o território é uma produção social, podemos então pensar que a reconstrução desses espaços tem, em sua origem, o sentido que os sujeitos dão ao território em questão. O território é a manifestação objetiva das subjetividades que no tempo e no espaço passam a constituir simbolicamente uma identidade, por tanto existe uma dimensão Psicossocial do território que tem sido historicamente desconsiderada na Geografia. Existe um jogo dinâmico que é constituído a partir das complexas relações que são estabelecidas, isso constitui o território. Por isso quanto mais o sujeito constrói sua identidade territorial, mas ele é capaz de defende-lo. A relação entre educação e produção do espaço social é bem clara, na

teoria de Lefebvre (2006), e reafirma-se na fala de Freire (1979) quando diz que a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai *temporalizando os espaços geográficos*. Faz cultura. Para o autor, a dinâmica das relações sociais, num movimento constante de criação e recriação, dinamiza a produção geográfica, ou seja, as práticas sociais cotidianas são produtoras de uma nova forma de relacionar-se em sociedade.

Kwane Nkrumah percebe o JACA como um espaço educativo de formação por que “*o JACA tenta construir ações que não sejam autoritárias, ou que tenham algum grau de espontaneidade, ou mediação da autonomia*”, ou seja, o coletivo constrói atividades que não exigem muito das pessoas, não impõem nenhum papel, não são constrangidas a nenhuma ação, fazem aquilo que se sentem livres e motivados a fazerem. Freire (1979) confirma não só o caráter cultural e político da educação, e propõe uma pedagogia que junto com os sujeitos seja possível pensar as amarras que os oprimem nessa sociedade capitalista. Para ele, a educação é uma prática libertária e se dá em todos os espaços pelo povo e com o povo, não para o povo. É uma libertação das potencialidades de cada ser humano, é uma libertação de toda a capacidade humana de criar, de, como ele chama, “**SER MAIS**”.

As atividades do JACA são libertárias, apesar de ser um termo mais vinculado a teorias europeias anarquistas, do que as propostas pedagógicas freirianas, encontram-se em sintonia por desvendarem a realidade cruel e fria a qual a juventude se insere na modernidade. Eles fomentam a produção de sujeitos protagonistas, e não telespectadores, propõem sujeitos autônomos, não apáticos, sujeitos políticos, não inconscientes. Sujeitos transgressores, não acomodados. Isso gera um impacto na forma como sua territorialidade vai sendo construída, não só pelas forças externas, mas pelo despertar de forças internas que se coagulam e se reinventam cotidianamente. Impactos que localmente, interferem não só na realidade de Cajazeiras, mas na sociedade como um todo, pelo tramitar de uma ingenuidade para uma criticidade.

Para Senghor o Sarau da Bica é um espaço educativo de formação por que trabalha dentro da base, atua para que a poesia e as demais artes passem a fazer parte do cotidiano de vida da comunidade. O Sarau torna-se um espaço educativo de formação por que ao resgatar e

aglomerar artistas da comunidade, desperta nos demais o interesse por produzir arte, que consequentemente os levam para outro patamar de consciência.

Para Aimé Cesaire, o Cursinho Pré Vestibular Quilombo do Orubu constitui-se num espaço educativo de formação, pela *horizontalidade* que se desenvolve a gestão e o ensino no grupo. “O espaço do quilombo do Orubu também, não só construiu pessoas para pensar assim, ele pega a pessoa que pensa assim e abre as portas e diz assim – pois é eu vou construir esses pensamentos e tô aqui pra a gente **dialogar**”. Mas uma vez e emerge na colheita de informações, o dialogar, como uma metodologia presente na cotidianidade das práticas sociais da juventude de Cajazeiras.

Conclusões

Concluimos que as juventudes de Cajazeiras, Salvador-BA promovem espaços educativos de formação através de suas práticas sociais e essas consolidam o espaço social e a territorialidade local. Dentre os resultados emergidos na pesquisa destaca-se que esses espaços educativos de formação são marcados por uma dialogicidade e além de desvendarem a realidade social opressora do mundo capitalista, também são carregados de uma capacidade de identificação, pertencimento e politização da vida cotidiana. Assim, conclui-se que o espaço social de Cajazeiras tem sido resignificado por essas juventudes, que diferente do que vem sendo imposto pela globalização mundial, propõem pensar uma nova perspectiva de desenvolvimento local através das aprendizagens significativas são protagonistas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BOMFIM. Natanael Reis. **Noção social do território: em busca de um conceito didático em geografia a territorialidade**. Editus editora da UEFS. Ilhéus-Bahia. 2009.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues (ORG). **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª Edição. Editora brasiliense. São Paulo-SP. 1987.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e Desenvolvimento local**. Revista de Administração Municipal- Municípios – IBAM. Ano 52. Nº 261. 2007.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2013.

LEFEBVRE. Henri. **A produção social do espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Serguo Martins. (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006



PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES

Ana Cristina Leal Ribeiro¹
Aurelielza Nascimento Santos²

SIMCAES – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância dos saberes produzidos nas periferias para as práticas educacionais emancipatórias, buscando a descolonização dos saberes, por meio das educações não formal e popular. Por meio de revisão bibliográfica, tecemos diálogos sobre a relevância dos saberes contra hegemônicos para a construção de práticas educacionais que visem a transformação social com base na equidade. Ao final concluímos que se faz necessário o reconhecimento das histórias, das lutas, e dos saberes produzidos nas periferias no desenvolvimento de modelos educacionais emancipadores e descolonizadores.

Palavras-chave: Educação não formal. Educação popular. Educação emancipatória. Ecologia de saberes. Descolonização dos saberes

Educação e a importância da descolonização dos saberes

Muitas políticas de ações afirmativas foram implementadas a partir dos anos 2000 no sistema educacional brasileiro que possibilitaram o acesso à educação da população negra, quilombolas e indígenas, sujeitos invisibilizados, marginalizados e excluídos na nossa sociedade. Porém, apesar dos avanços conquistados, ainda é necessário refletir sobre como práticas educacionais podem contribuir para uma educação que promova a inclusão e a valorização efetiva desses sujeitos, bem como promova a descolonização do conhecimento.

O contexto da educação formal no Brasil reflete um modelo de educação e produção de conhecimento construído a partir de uma herança colonial que nos deixou, além de um legado de desigualdades, injustiça e exclusão social, a valorização de saberes, de culturas e de ciência a partir de um pensamento eurocêntrico. Para Quijano (2005; 2010), o surgimento da

¹ Universidade Federal da Bahia – UFBA, Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, ana.clribeiro@yahoo.com.br.

² Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Licenciada em Geografia, Especialista em Educação EAD, Mestranda em Educação e Contemporaneidade, aurelielzasantos@gmail.com.

modernidade, numa concepção a partir da produção do conhecimento Europeu Ocidental como o conhecimento legítimo e universal, trouxe uma ideia de humanidade a partir da polarização entre superiores e inferiores, por meio das raças e da distinção delas a partir dos seus fenótipos.

A teoria do pensamento abissal, apresentada por Santos (2010), nos ajuda a compreender quem são os sujeitos marginalizados e invisibilizados e o que os definem. Este pensamento é característico do pensamento moderno ocidental, e divide a realidade social, por uma linha imaginária, em um sistema entre visíveis e invisíveis. De um lado da linha, o Norte, representado pelo sistema dominante, mantido pela articulação entre o capitalismo, colonialismo e heteropatriarcado, os considerados humanos, e do outro lado da linha, o Sul, os colonizados, subalternizados e oprimidos, considerados não humanos. Essa linha abissal, então, torna invisível, nega as diversidades e os saberes de quem está do lado Sul (SANTOS, 2010).

Deste modo, as relações de dominação foram naturalizadas e, também, a hegemonia europeia da cultura e do conhecimento, e o que é produzido por esses sujeitos e/ou em uma perspectiva diferente do conhecimento eurocêntrico não é considerado válido. É importante, conforme aponta Dussel (2016), atentarmos para as culturas e os saberes que não são legitimados pela cultura hegemônica e os reconhecermos tão válidos quanto as hegemonias epistêmicas. Neste sentido, é fundamental a interculturalidade, o diálogo entre as diferentes epistemologias, de forma horizontal, numa perspectiva de descolonizar.

As culturas consideradas periféricas, por sua vez oprimidas e invisibilizadas pela cultura hegemônica, para Dussel (2016), são o próprio ponto de partida na promoção dos diálogos entre epistemologias. Ele considera a cultura popular como libertária e emancipatória. Os diálogos interculturais, para Santos (2008), possibilitam reconhecer a presença de uma diversidade de saberes, que se contrapõem aos hegemônicos, ao mesmo tempo que refletem como os sujeitos estão presentes e são no mundo. Numa perspectiva de descolonizar o conhecimento científico como o único saber possível, nasce a ecologia de saberes, que preconiza a substituição da monocultura do saber científico pela relação dos diversos conhecimentos, saberes e experiências, tornando visível as práticas e os saberes subalternizados (SANTOS, 2008; 2010).

É pensando nestas produções diversas de conhecimento que discutimos como as práticas e vivências educacionais e o seu contexto de atuação podem ser ferramentas na promoção da valorização destas epistemologias, bem como se contrapor ao sistema de educação hegemônico. Neste sentido, a educação não formal e a educação popular podem trazer relevantes contribuições.

A educação não formal, para Gohn (2014), se designa como um processo de educação cidadã, onde aprendemos por meio das partilhas e vivências cotidianas em ações e espaços

coletivos. Para Gadotti (2012) definir a educação não formal como um contexto extraescolar, em oposição a educação formal, limita o conceito deste contexto, que “ultrapassa os limites do escolar, do formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia tanto da criança quanto do adulto” (2012, p. 15).

A educação popular, compreendida a partir de Freire (2014), Brandão (2016) e Gadotti (2012), é uma perspectiva comprometida com a transformação social, a partir do conhecimento e do cotidiano do/com os sujeitos, por meio de problematizações que objetivam a formação crítica dos envolvidos. Por valorizar experiências, saberes prévios e culturas das pessoas na construção de novas epistemologias, dialoga para a promoção das ecologias dos saberes, potencializando práticas educacionais emancipatórias. As práticas libertárias, conforme aponta Freire (2014), devem contribuir para a formação crítica e o empoderamento dos atores que, ao assumir protagonismo frente às demandas cotidianas, reconhecem-se como sujeitos históricos.

A educação não formal e a educação popular então convergem para a produção de conhecimentos e saberes, em contraposição ao sistema hegemônico que desvaloriza as diversidades, nos convidando a refletir sobre como desenvolver práticas que contribuam para uma educação emancipatória, possibilitando a formação crítica, o empoderamento e a emancipação dos sujeitos, a partir do diálogo horizontal.

Uma educação emancipatória, compreendida a partir dos diálogos com Freire (2014) e Santos (2008; 2010), deve considerar a vivência dos sujeitos em sociedade, suas diversidades e relações, as formas de dominação, sejam elas econômica, cultural e/ou social, impostas pelos sistemas dominantes, valorizar as experiências, saberes prévios e culturas na construção de novas epistemologias, contribuindo para uma formação política, descolonizada, voltada para a valorização das identidades.

Diante do exposto, este texto tem como objetivo discutir a importância dos saberes produzidos nas periferias para construção de práticas educacionais emancipatórias, buscando a descolonização dos saberes, por meio das educações não formal e popular.

Os caminhos...

O presente trabalho aborda, por meio de discussões teóricas e revisão bibliográfica a importância dos saberes contra hegemônicos, conforme propõe a ecologia de saberes (SANTOS, 2008; 2010), produzidos e situados nas culturas periféricas para a emancipação e descolonização por meio de práticas educativas na educação popular (FREIRE, 2014; GADOTTI, 2012; BRANDÃO, 2016) e na educação não formal (GOHN, 2014; GADOTTI, 2012). Para tanto, discutiremos a importância dos saberes produzidos nas culturas periféricas

na perspectiva da descolonização e sua relação para a construção de práticas educadoras emancipatórias (FREIRE, 2014; SANTOS, 2008; 2010) no campo da educação popular e não formal. Por fim, traremos as considerações da discussão abarcada.

Saberes Periféricos e Práticas Emancipatórias

A perspectiva hegemônica de produção de saberes e cultura propicia a invisibilização e a subalternização dos saberes dos povos periféricos em função daqueles que mais se alinham à perspectiva eurocentrada. Contreras (1999) ao trazer a lógica da projeção do olhar eurocêntrico sobre o mundo, produzindo o não europeu como outro, construindo uma relação de inferioridade, nos provoca a repensar os saberes que os espaços educacionais priorizam e quais são reduzidos à negação, à não existência, à marginalização.

A importância da valorização das culturas outras, contra hegemônicas, dialogam com a perspectiva trazida por Santos (2002) ao apresentar-nos a sociologia das ausências. Para o autor, há uma produção de ausências que conduzem à não existência que se dá por meio da desqualificação, invisibilização, ininteligibilidade, tratando determinada entidade como descartável.

A invisibilização dos saberes dos povos periféricos aponta também para a invisibilização dos problemas presentes em seu cotidiano. Para a realização de intervenções e atividades educacionais é importante reconhecer o percurso histórico das sociedades brasileiras e o cenário de exclusão, atravessado por problemáticas de raça, classe, gênero e geração, que influencia na construção das baixas autoestimas das populações oprimidas e marginalizadas. A reflexão sobre estas questões, em um cenário permeado de opressões múltiplas, exige esforços individuais e coletivos. E é necessário pensar intervenções que contemplem corpos, identidades e afetos como ferramentas na luta antirracista e no combate às desigualdades e às discriminações.

Diante do exposto, compreendemos que práticas emancipatórias são aquelas que, partindo do reconhecimento desses saberes, culturas e identidades, por meio de leituras críticas dos processos históricos, valorizam os potenciais e problematizam as contradições, objetivando a construção de alternativas aos problemas encontrados no cotidiano. Elas não são definidas previamente, mas a partir da vivência do/com os sujeitos. Neste sentido, é necessário reconhecer que os movimentos sociais podem ser, conforme aponta Arroyo (2012), importantes atores no desenvolvimento destas práticas. Gadotti (2012), Brandão (2016) apontam, ainda, a necessidade da participação dos movimentos sociais na construção curricular das escolas, discutindo as demandas sociais dentro dos espaços de educação formais e não formais.

Freire (2014), Gadotti (2012) e Brandão (2016) defendem que a educação popular nasce das demandas, e deve estar imbricada, na causa social, na luta pelo combate às opressões e desigualdades tão gritantes na contemporaneidade. É neste ponto que os saberes periféricos e a educação popular são elementos fulcrais na luta pela emancipação e descolonização em educação. Os saberes produzidos pelos povos periféricos e pelos movimentos sociais como alternativas contra hegemônicas, imbricados na luta pela equidade social podem contribuir para a construção de novos modelos educacionais propondo outros caminhos formativos, visando a construção de sujeitos históricos críticos do sistema social excludente, conscientes da necessidade de transformação social, tendo como foco a busca por equidades e o fim das opressões.

Conclusões

O reconhecimento da história, cultura e saberes produzidos fora da hegemonia eurocentrada é de grande importância nas discussões no campo da educação popular e da educação não formal. Pensar a educação emancipadora passa necessariamente pelo reconhecimento dos povos subalternizados como sujeitos produtores de saber em igual valor aos demais saberes produzidos na sociedade.

Por serem perspectivas pedagógicas comprometidas com a necessidade da luta pela transformação social, estas precisam tomar por base o chão em que está situada. Reconhecer a história de exclusão e negação de direitos que originam e mantêm as desigualdades sociais é preponderante para superar as opressões engendradas em um sistema que privilegia hegemonias em detrimento dos subalternizados.

A descolonização e a emancipação dos povos periféricos perpassa pelo reconhecimento de suas lutas tanto quanto a elucidação crítica da contínua necessidade de luta. Neste sentido, as práticas educacionais com bases na educação popular e não formal são profícuas para o desenvolvimento de modelos educacionais que, sendo construídos em diálogo com o povo, possa apresentar alternativas para as próprias demandas vivenciadas cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos R.; FAGUNDES, Maurício C. V. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**. Educar em Revista, Curitiba, n. 61, jul./set., 2016, p. 89-106.

CONTRERAS, Joan P. **La construcción social del subdesarrollo y el discurso del desarrollo.** IN: BRETÓN, Victor; GARCÍA, Francisco; ROCA, Albert (org). Los limites del desarrollo: modelos, ‘rotos’ y modelos ‘por construir’ em América Latina y África. Barcelona: Içaria, 1999.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e interculturalidade:** interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n .1, janeiro/abril, 2016, p. 51-73.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 5, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária:** conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. In Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, dezembro, 2012, p. 10-32.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos.** Revista Investigar em Educação, v. 2, 2014, p. 35-50.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social.** SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 73-116.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

SANTOS, Boaventura S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das Emergências.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, p. 237-280, Outubro, 2002.

SANTOS, Boaventura. **A ecologia de Saberes.** In: SANTOS. Boaventura. A gramática do tempo: para um a nova cultura. São Paulo: Cortez, 2008, p. 137-165.

SANTOS, Boaventura de S. **Para além do pensamento abissal:** das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2010, p. 23-71.



REPRESENTAÇÕES DE SER ADULTO E SER CRIANÇA A LUZ DOS PAIS E FILHOS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO MUNICÍPIO DE LAURO DE FREITAS

Miliane de Lemos Vieira¹
Renata de Castro Lima²
Tássio Simões Cardoso³

Eixo – Representações Sociais, Ensino e Aprendizagens Significativas.

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre as representações sobre ser criança e adulto dentro de uma escola particular do Município de Lauro de Freitas e algumas possíveis implicações destas representações. A Instituição desenvolve trabalho com crianças de Educação Infantil e Fundamental I, período em que as crianças estão desenvolvendo ideias iniciais de identidade e de representações sobre si e sobre o mundo. Nesta fase, o trabalho entre família e escola é fundante para haver um alinhamento de princípios educacionais entre estas duas instituições. Para isso, encontros formativos são organizados na modalidade presencial e temas demandados pelas famílias e instituição são debatidos e aprofundados. Antes do primeiro encontro formativo de 2019, as crianças e pais foram entrevistadas sobre o que é ser criança e o que é ser adulto. Na Escola, a entrevista foi feita entre sujeitos de 4 a 9 anos cujas respostas foram registradas pela professora escriba ou feitas em forma de desenho. Os pais responderam a um questionário com as mesmas perguntas. Os dados avaliados sugerem uma representação diferenciada para estas duas fases, situando o ser adulto, na maioria das vezes, como fase em que o deleite quase não aparece. As respostas possibilitam refletir sobre o que pais e filhos entendem acerca de seus universos apontando para o cuidado que devemos ter com a mensagem que estamos passando para as crianças sobre o mundo adulto e sobre a importância do tempo e a qualidade dedicada as relações, bem como um distanciamento do prazer e do brincar.

Palavras-chave: Educação. Representações. Infância. Adulto.

1Villa Criar – Escola e Centro de Estudos; Graduada em Psicologia e Mestra em Educação - Ufba; e-mail: milianetahira@hotmail.com

2Villa Criar – Escola e Centro de Estudos; Graduada em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa, Especialização em Neuropsicologia pela Ufba (em fase de conclusão); e-mail: renataclbueno@gmail.com

3 Universidade do Estado da Bahia; Doutorando em Educação e Contemporaneidade; e-mail: tassioeducacao@gmail.com

Introdução

Família e Escola são interdependentes dentro do processo educacional, sobretudo nas séries iniciais em que a formação identitária do indivíduo está em sua fase inicial de desenvolvimento e aprendizagem e a Instituição Familiar assume função primordial na forma com que o sujeito se relaciona com o mundo. Segundo Oliveira (2010), a família é a primeira agência educacional do ser humano, sendo de responsabilidade dessa o papel de educação primária. Por isso, é importante estabelecer um trabalho de formação continuada com os agentes familiares favorecendo uma aproximação entre os entes educacionais envolvidos, desenvolvendo uma aproximação conceitual entre os princípios existentes nestes dois ambientes educacionais, facilitando a formação da criança no que diz respeito a construção de sua identidade, autonomia e os conceitos que se estruturam a partir do seu desenvolvimento integral enquanto sujeito. Assim, na Villa Criar – Escola e Centro de Estudos, uma das funções da Orientação Educacional é estabelecer Diálogos com a família, com a finalidade de estreitar conceitos, procedimentos e atitudes que facilitem a construção da criança sobre si e o seu mundo.

A Teoria das Representações Sociais foi trazida por trazida por Moscovici (1978) ampliando a concepção de representação coletiva trazida por Durkeim (*apud* MOSCOVICI, 1978). O autor percebe representação para além da dimensão puramente social do fenômeno, ampliando também para uma caracterização individual. O autor concebia que determinados assuntos, temas ou significados são apropriados por meio de um construto social dentro de um grupo específico a partir de opiniões, e comportamentos dos indivíduos revelando condutas e valores que perpassam também a construção psíquica. Moscovici considera que as comunicações interpessoais tem papel preponderante na construção das representações.

Vigostki (2001) situa significados e sentidos sobre prismas diferentes e complementares. Significados estariam articulados com um arcabouço coletivo em que um grupo denomina a função ou propriedade de algo. Sentido seria o caráter individualizado do objeto, um construto mais particular do sujeito sobre o que está situado também por suas experiências particulares.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as representações trazidas sobre ser criança e sobre ser adulto na Escola Villa Criar pelos estudantes e pais desta Instituição, bem como algumas implicações destas representações na formação da criança. Para isso, cabe

traçar como foi desenvolvida esta pesquisa, bem como analisar os dados e refletir sobre eles, visto que trazem uma representatividade de um grupo e possíveis desdobramentos a partir deles.

Metodologia

Para a viabilização do primeiro encontro de Diálogos entre Família e Escola estabelecemos um planejamento que consistia em entrevistar as crianças acerca do que estas compreendiam sobre ser criança e sobre ser adulto..

Foram entrevistadas crianças de 6 a 9 anos da Villa Criar – totalizando 17 participantes do Ensino Fundamental e 8 crianças dos grupos 4 e 5 da Educação Infantil (Vide Tabela I). As crianças do Fundamental e do Infantil foram entrevistadas pela professora durante o horário de parque ou na rotina da sala de aula, dando respostas orais a pergunta formulada, sendo registradas por ela.

Sistematizadas, as falas foram organizadas por slides para que fossem projetadas em um encontro com as famílias, sem citar o nome dos autores. Os questionários com as mesmas perguntas foram distribuídos para os pais que responderam antes de ver a resposta das crianças. Apesar da relevância das repostas dadas pelas famílias, para este trabalho nos centraremos nas respostas das crianças, visto que trouxeram uma problematização maior para o nosso trabalho.

As respostas das crianças (tabela 1), sobretudo sobre a representação delas acerca do mundo adulto estão detalhadas a seguir com a discussão acerca dos dados trazidos.

Resultados e Discussão

A representação sobre ser criança e ser adulto pelas crianças e pais da escola nos fez pensar em como estas crianças estavam construindo suas aprendizagens sobre sua própria infância e sobre a etapa que estaria sendo projetada no seu futuro: ser adulto, tal como os que as cercam e de quem elas incorporam dizeres sobre este mundo, falados, observados ou sentidos. Vejamos as respostas das crianças e dos adultos sobre estas duas etapas do desenvolvimento.

Tabela 1 - Períodos dos processos de inscrição e submissão:

	CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL	CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
--	--------------------------------	-------------------------------

O que é ser adulto para você?	<p>Criança 1: “É uma coisa muito boa que pode ter filhos e animar as crianças.”</p> <p>Criança 2: “É ser independente”</p> <p>Criança 3: “É pagar contas”</p> <p>Criança 4: “É trabalhar”</p> <p>Criança 5: “É trabalhar”</p> <p>Criança 6: “Pagam muito”</p> <p>Criança 7: “Os adultos não brincam, só trabalham”</p> <p>Criança 8: “Não sou um adulto”</p> <p>Criança 9: “Trabalhar”</p> <p>Criança 10: “Trabalhar”</p> <p>Criança 11: “Trabalhar, ganhar dinheiro”</p> <p>Criança 12: “Entediante, quando tem filhos é legal”</p> <p>Criança 13: “Ser responsável”</p> <p>Criança 14: “Não sei, não sou”</p> <p>Criança 15: “Ter responsabilidades”</p> <p>Criança 16: “É uma pessoa que quando já foi criança aprendeu a ser bem responsável”</p> <p>Criança 17: “Também é ser responsável”</p>	<p>Criança 1: “É poder assistir filme de terror e comer pipoca”</p> <p>Criança 2: “É poder dirigir carro”</p> <p>Criança 3: “É ter muitos e ser muito grande”</p> <p>Criança 4: “É fazer reunião e trabalhar”</p> <p>Criança 5: “É trabalhar, passear e dar comida para o bebê filho”</p> <p>Criança 6: “É ser pai, é brincar comigo”</p> <p>Criança 7: “É trabalhar”</p> <p>Criança 8: “É cantar e cuidar dos filhos, fazer reunião”</p> <p>Criança 9: “ Ir trabalhar e fazer comida!”</p>
O que é ser Criança para você?	<p>Criança 1: “Ser criança é muito bom, é brincar”</p> <p>Criança 2: “É se divertir”</p> <p>Criança 3: “É se divertir, é algo que não tem como voltar atrás”</p> <p>Criança 4: “É algo divertido, é algo que marca na cabeça.”</p> <p>Criança 5: “Para mim ser criança é brincar, correr, fazer marmelada.”</p> <p>Criança 6: “É legal porque a gente pode brincar e fazer um monte de coisas”</p> <p>Criança 7: “Legal, a gente brinca”</p> <p>Criança 8: “É brincar, se divertir na sala de aula e também ficar estudando dentro de casa.”</p> <p>Criança 9: “Eu gosto de ser criança pra brincar de várias coisas”</p> <p>Criança 10: “É brincar”</p> <p>Criança 11: “É pular corda, brincar”</p> <p>Criança 12: “Legal, divertido”</p> <p>Criança 13: “É brincar e tere amigos”</p> <p>Criança 14: “É brincar e ser feliz”</p> <p>Criança 15: “Ser feliz”</p> <p>Criança 16: “É você ter tempo para se divertir e ir aprendendo a ser adulto.”</p> <p>Criança 17: “É ser bem responsável”</p>	<p>Criança 1: “ Ser criança é ser pequeno”</p> <p>Criança 2: “ É se divertir, correr, escrever e estudar muito”</p> <p>Criança 3: “ É não precisar lavar louça”</p> <p>Criança 4: “ É ser criança grande, de 10 anos, para usar o telefone”</p> <p>Criança 5: “ Criança pode jogar bola, tomar sorvete e pular corda”</p> <p>Criança 6: “ É cantar e dançar”</p> <p>Criança 7: “ É viver cheio de flores”</p> <p>Criança 8: “ Ser criança é poder brincar com o meu irmão”</p>

Fonte: Registros da Orientação

Observamos que dentro do grupo entrevistado do fundamental a representatividade sobre ser criança foi pautada em torno do brincar, se divertir, ser feliz; no segmento da educação infantil houve caracterizações de tamanho, possibilidades (fazer ou não fazer) e também deleites, encantos e diversões. A representatividade sobre ser adulto para o Fundamental foi trazida em torno do trabalho, responsabilidade e pagar contas. As crianças situadas na educação infantil destacaram possibilidades de fazer coisas que ainda não fazem, o caráter quantitativo, caracterização de medidas, mundo do trabalho.

Nas respostas dos pais apareceram visões diferenciadas sobre ser criança e adulto, mas aqui nosso objeto de análise se deu a partir das respostas das crianças pelo excesso de respostas ao mundo adulto articulado ao trabalho, pagar contas, preocupações.

Estas respostas nos geraram outras perguntas e uma necessidade de ampliar a pesquisa, pois a respostas das crianças, revelam construtos que chegaram até ela por meio do mundo em que estão situadas, combinadas com outras percepções que estão tendo e construindo. Desta forma precisamos investigar de que forma as condutas, ações, relações com o mundo do trabalho e tempo para vivenciar as relações parentais estão sendo exercidas.

Conclusões

Entendendo a relevância da construção do pensamento infantil e o papel da Escola e da Família diante do desenvolvimento de uma infância saudável, entendemos a necessidade de continuar um percurso investigativo acerca da construção do universo adulto para as crianças com as quais trabalhamos. O adulto é a referência da criança pela qual se pauta para a construção da sua identidade, valores, princípios. Se a representação deste universo está sendo vista pela criança de uma forma enfadonha, mecanizada e sem deleite, até que ponto as referências identitárias para a criança estão se construindo de uma forma solidificada?

Além disso, será que as relações estão se construindo em uma esfera de valores afetivos, ou a cultura capitalista tira os pais deste universo de relação para materialização?

REFERÊNCIAS

FINI, Lucila D.T. Análise do Desenvolvimento Moral em Kohlberg. Campinas: UNICAMP-FE, Dissertação de Mestrado, 1979.

MOSCOVICCI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de. MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. 2010.

PIAGET, J. O Julgamento Moral Na Criança, Paris, Franc ~ Presses Acadêmicos, 1973 (original de 1932).

VYGOTSKY, L. S. A Construção do Pensamento e Linguagem. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo, 2001



UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosângela Bastos Oliveira¹
Mateus Santos Souza²

Eixo – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens Significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo refere-se à comunicação de um dentre os conteúdos conquistados mediante pesquisa qualitativa voltada à análise sobre a Construção Simbólica na Criança: contribuição para uma Proposta Pedagógica Inovadora. O conteúdo comunicado neste artigo, está centrado na utilização do espaço escolar na Educação Infantil. A coleta de dados foi realizada em três etapas; os participantes da pesquisa foram 08 professoras de Educação Infantil e 44 crianças cujos pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo de ambos os sexos, e de faixa etária de 5 a 6 anos, dos Grupos 5A e 5D, respectivamente, dos turnos matutino e vespertino. Os episódios de interações socioespaciais foram analisados a partir de algumas categorias definidas a priori pela obra de Piaget (1970) em Epistemologia Genética, que são: Faixa etária, gênero, composição grupal, tipo de interação interpessoal, tipos de interação espaciais (Estilo: solitário, independente, assimétrico, complementar) e (Caráter social: agnóstico e pró-social). Evidenciou-se que o espaço escolar necessita ser reconhecido como um aliado às práticas pedagógicas por ser de fundamental importância para a aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Socioespacial. Espaço Escolar.

Introdução

A Educação Infantil vem avançando em vários contextos, onde os olhares no momento veem se voltando aos poucos aos espaços físicos. Os espaços são feitos dos olhos das pessoas, das ações, das vivências e dos valores, gerando em cada espaço físico a sua cultura, possibilitando especificidades únicas de cada lugar.

É importante apresentar o conceito de território como espaço de uso que é demarcado, gerando afetividade, relações de trocas e formando identidade (LOPES; VASCONCELLOS,

¹ Pedagoga, pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Mestre do Programa de Mestrado profissional em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: robastocal73@hotmail.com

² Mestrando em Educação e Contemporaneidade no programa de Pós-Graduação em educação e Contemporaneidade, PPGEduc, pela Universidade do Estado da Bahia. teutato1@gmail.com

2006). Este conceito é de extrema importância para compreender que as crianças, de diferentes territorialidades, adquirem suas características sociais, culturais e emocionais, elaboradas a partir daquele contexto.

Embora em pauta, o espaço escolar na Educação Infantil, por vezes encontra dificuldades quanto ao reconhecimento de seu devido valor. Durante a pesquisa foi buscado apresentar quais são as suas relevâncias no contexto escolar, sabendo que o espaço físico tem o papel de limitar as práticas pedagógicas e serve também para orientá-las.

Quais as responsabilidades que tangem às relações nos espaços físicos na Educação Infantil? São responsabilidades de acolher a criança e de proporcionar o acesso da criança para que possa explorar, criar, experimentar o cotidiano escolar e as aprendizagens. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) cada espaço físico tem sua marca, ritmo, dinâmica, cada espaço físico é único. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) evidencia a importância dos espaços físicos internos e externos que precisam ser estruturados com o propósito de proporcionar o desenvolvimento e aprendizagem, adequando-os a faixa etária da criança.

Assim como cada espaço físico é único, o espaço escolar também apresenta suas especificidades e subjetividades, sendo merecedor de atenção do reconhecimento de seus encontros com os processos de melhor compreensão dos sujeitos imbricados com o cotidiano escolar e com as características dos atores que ali transitam. A escola é um espaço complexo e de criatividade no qual emergem os processos formativos, as aprendizagens (espera-se que significativas) e a necessária atenção às suas sutilezas.

Os autores Carvalho e Rubiano (1995, p. 109), destacam que ao falar sobre a utilização dos espaços em diferentes ambientes, a fim de proporcionar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, os espaços construídos para crianças precisam atender as necessidades relativas ao desenvolvimento infantil.

Para Piaget (2014), o espaço é construído na criança a partir dos dois anos no estágio sensório-motor, uma conquista de inteligência das mais importantes, sendo um processo progressivo. É fato que a escola, como espaço social contribui, em parte, para o desenvolvimento de competências no ser humano, desde a fase de criança, passando pela adolescência até a maior idade.

Nesse sentido, segundo Bomfim (2004), a constituição social do sujeito se estrutura nos diversos espaços sociais como: família, escola, trabalho e lazer, por meio de suas relações e práticas socioespaciais. Logo, mais que um espaço de compromisso com a aprendizagem

formal, a escola tem como diretriz auxiliar na constituição de sujeitos críticos, reflexivos e criativos na, com e para além da escola.

Diante do exposto, foi possível questionar: como as imagens simbólicas construídas pelas crianças, nas suas interações socioespaciais, da educação infantil, podem contribuir para a reflexão e mudança de práticas na rotina pedagógica de professores?

Com isso, tornou-se um trabalho relevante sobre a construção simbólica no espaço escolar e oportunizou aproximações com as práticas pedagógicas da criança, por exemplo, no momento do brincar (tema de outros escritos a partir desta mesma pesquisa), atento e sensível às vivências das crianças.

Metodologia

De acordo os conceitos de Piaget (2014), Wallon (2010) e Vygotsky (2000), uma vez que os estudos deles nos aproximam da criança e manifestam com profundidade a construção simbólica na criança, o presente estudo contou com um modelo de investigação do tipo exploratório-descritivo, utilizando a videogravação, conforme metodologia de Carvalho, Alves e Gomes (2005), com as crianças em situação de rotina pedagógica, no grupo focal com entrevista não estruturada com as professoras.

O trabalho de coleta de dados se dividiu em três etapas. Na primeira etapa houve o registro fílmicos nos grupos 5A e 5D seguindo o roteiro da sequência cronológica da rotina de sala de aula. Levando um tempo de gravação de 5 minutos a cada atividade computando um total de 25 minutos de gravação por grupo. Foi desenvolvido na segunda e terceira etapas, a técnica do grupo focal.

A técnica do grupo focal, segundo Cavazza (2005) consiste em uma entrevista não estruturada aplicada em um grupo sobre um tema preciso. Na segunda etapa, alguns momentos da videogravação foram apresentados às professoras, estas passaram a discutir sobre as representações socioespaciais infantis e a construção simbólica na criança.

Quanto à terceira etapa foram feitas cinco questões sobre: conceito de práticas pedagógicas inovadoras, percepção do currículo escolar da Educação Infantil, mudança na sua rotina pedagógica após visualização do videografia, relação entre crianças da comunidade do entorno da escola e sua construção simbólica e sugestões de práticas pedagógicas inovadoras.

Resultados e Discussão

Através da observação das filmagens iniciou-se o 1º momento, considerando a organização e ocupação do tempo e do espaço pelas crianças, suas ações e reações diante das propostas feitas pelos adultos. No 2º momento: transcrição das filmagens registrando, simultaneamente, o que era proposto pelo adulto e as ações e reações das crianças comunicadas de diferentes formas.

Já no 3º momento: A proposta constituiu-se em agrupar os dados resultantes da observação das cenas de cada atividade individual. Nos dois grupos escolares, as cenas que evidenciam as interações socioespaciais, mesmo com a presença da professora e sua marca de intervenção no processo de mediação de atividades pedagógicas, mostram que as crianças assumem uma autonomia em escolherem o seu lugar, seu território, seus objetos e seus grupos.

Assim após os dados revelados pelas videograções ocorreu a segunda etapa do grupo focal. Sendo adotada a gravação em áudio como instrumento para registro de todas as impressões colhidas durante as reuniões e discussão no grupo focal. Em seguida foram transcritas as falas em consonância com as categorias de análise dos registros fílmicos e registrados em uma planilha. O conteúdo foi tratado pelo método estatístico e foram analisados pelo método de análise do conteúdo do discurso Bardin (2009).

Assim foi possível apresentar os resultados da análise e interpretação dos dados que contribuiu para a Proposta Pedagógica Inovadora na Educação Infantil e para o desenvolvimento da Plataforma Virtual. As professoras apontaram como necessidade levar as crianças para explorar o entorno da escola; mobilizar encontros com os pais a fim de proporcionar discussões e reflexões com eles sobre conteúdos que emergem das formas de utilização do espaço escolar na Educação Infantil, a exemplo, das relações como brincar.

Conclusões

Foi possível identificar que as crianças assumem uma autonomia, se apropriam de territórios, de seus objetos e seus grupos, e os professores apresentam dificuldades em compreender essa construção como uma marca do comportamento ou como uma atitude da criança no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

As professoras deixaram claro o desejo de mudança resultando na elaboração de uma Proposta Pedagógica Inovadora e assim proporcionou em seguida a criação de uma Plataforma Virtual. No intuito de possibilitar as professoras um espaço virtual de trocas de

experiências de professores de Educação Infantil de todo o mundo, sendo (o virtual) também socioespacialmente elaborado.

De acordo com a análise dos resultados fez-se necessário uma transformação de dentro da escola para fora, cabendo aos professores convidar os pais às reflexões sobre a importância da exploração dos espaços escolares. Valorizando a utilização do espaço escolar como um componente importante no desenvolvimento integral da criança, abraçando a comunidade escolar e a comunidade local, a fim de possibilitar as crianças uma educação voltada para elas.

REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, Hélène Gratiot. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Coleção Educadores –MEC 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 24. fev. 2016.

BOMFIM, Natanael Reis. **Représentations sociales de l'espace et l'enseignement et l'apprentissage de la géographie scolaire : le cas des élèves favelados d'une ville du nord-est du Brésil**. Tese (Doutorado em Educação). Canadá: Universidade do Quebec em Montreal, Montreal, 2004.

CARVALHO, Ana. M.; Alves, M. M. F. & Gomes, P. L. D. **Brincar e educação: concepções e possibilidades**. Psicologia em Estudo. 2005.

CAVAZZA, N. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Loyola, São Paulo, SP, 2005.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, p.80-101, 2013. Disponível em: portal.mec.gov.br/docman/abril.../15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf. Extraído em 24 nov 2016.

PIAGET, Jean. **Formação do Símbolo na Criança** – imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2014.

VIGOTSKY, S. Levy. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



Representações socioespaciais,
educação e sustentabilidade



A TESSITURA DA REDE DE PESQUISA CIENTÍFICA, EM REGIME DE COAUTORIA, DO GESTEC.

Autor¹: Evaldo Simões

Eixo – Educação (Pesquisa em Rede)

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A elaboração de uma cartografia dos grupos de pesquisa do GESTEC, buscando entender a dinâmica atual de interação entre seus integrantes e os fatores que contribuem para uma possível articulação em rede, faz parte de um estudo preliminar que tem como principal objetivo a Potencialização de Pesquisas e Produção de Conhecimento Por Meio de Redes Colaborativas de Informações em Educação. Para isso, tendo a Plataforma *Lattes* como principal fonte de dados, a partir de técnicas de análise de redes sociais, *web scraping* e análise exploratória de dados, conseguimos verificar o grau de densidade da rede de produção científica, em regime de coautoria, do Gestec. Como resultado observamos que a rede de produção científica, em regime de coautoria, do Gestec, mostrou-se particionada em pequenas comunidades, embora ainda tenhamos um núcleo que congrega uma significativa quantidade de nós. Contudo, a maioria desses nós pertencem a um mesmo grupo de pesquisa, o qual poderíamos caracterizá-lo como um grande *hub*. Este é um dado significativo, do ponto de vista da validação do conhecimento, desde quando a literatura aponta que artigos escritos em relação de cooperação, tem maior visibilidade científica. A imagem do pesquisador isolado faz parte do passado, pois atualmente o processo de produção científica requer associações, negociações e estratégias de alianças para que possamos compartilhar recursos, combinar competências e habilidades, afim de gerar conhecimento.

Palavras-chave: Análise de Redes Sociais. Pesquisa em Rede. Rede colaborativa de pesquisa. Educação

¹Universidade do Estado da Bahia - UNEB; MSc. Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação/ Bacharel em Ciências Estatísticas; e-mail: evaldosimoes@gmail.com.

Introdução

Vivemos num mundo conectado em redes. Granovetter (1973) define redes sociais como um conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. Um laço ou relação entre dois autores tem tanto força quanto conteúdo (Granovetter, 1973, p. 219).

Barabasi (2002) apresenta a sensação de que vivemos em um mundo pequeno, onde tudo e todos estão conectados, alguns com vínculos mais fortes do que outros. Essa sensação nos permite pensar em redes sociais como uma estrutura que identifica os caminhos pelos quais os elementos estão ligados a outros. Esta estrutura incorpora características, particularidades e desenvolvimentos, inerentes ao tempo e ao espaço em que ocorrem (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005, p. 08).

A Análise de Redes Sociais (ARS) é uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender as relações sociais, suas estruturas e papéis por meio de medidas específicas e utilização de diagramas. Os primeiros registros de utilização do termo ARS foram observados nos estudos de Jacob Moreno, na década de 1930. Ao criar o sociograma – que é uma representação diagramática da rede – o pesquisador apresentou uma imagem de uma rede social na qual os atores sociais são apresentados como os nós da rede, e suas conexões sociais que foram representadas pelas linhas que unem esses nós, compondo, desta forma, estruturas complexas. O interesse de Moreno era medir as relações dos grupos, compreendendo como esses conjuntos de atores eram estruturados a partir de interações e de associações várias (RECUERO, 2017).

Recuero afirma que essas relações são estabelecidas por interações e associações e vão conferir aos atores determinadas posições nas suas redes sociais, que vão sendo modificados por essas mesmas ações. A posição desses atores é, ao mesmo tempo, produto e produtora de interações, ou seja, a rede influencia e é influenciada pela posição de seus usuários (RECUERO, 2017, EBOOK).

Metodologia

Compreender a estrutura dessas relações, como esses atores “entram em rede” e como constroem suas conexões pode ser uma possibilidade interessante para conceber alguns dos caminhos da produção acadêmica atual, no que tange ao trabalho coletivo de investigação. E, é nesse sentido, que este estudo, preliminar, aprofunda alguns estudos sobre Análise de Redes Sociais – ARS – entre grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). Para isso, tomando por base o levantamento da

produção e da colaboração científica entre os pesquisadores (docentes, discentes e demais colaboradores) que integram os grupos de pesquisa, do referido Programa, analisamos suas produções bibliográficas, em regime de coautoria, intra- e intergrupos de pesquisa do GESTEC.

Vale salientar que nesta fase da pesquisa tivemos a Plataforma *Lattes* como principal fonte. Mais especificamente, o currículo *lattes* de cada pesquisador, considerando o quadriênio 2015 a 2018 como a referência temporal para a coleta dos dados. Vale salientar que expurgamos da análise aqueles que estavam com seus currículos *lattes* desatualizados a mais de 6 meses.

Como suporte metodológico para o processo de coleta e extração dos dados da referida Plataforma, aplicamos técnicas de *web scraping* que permite transformar dados não estruturados, extraídos da internet, em dados estruturados, passíveis de tabulação, compilação e análise.

Outra ferramenta utilizada neste processo de leitura dos dados da Plataforma *Lattes* foi o *software ScriptLattes*. O aplicativo permite a extração e exploração de grandes volumes de dados, normalmente utilizados para identificar ou evidenciar possíveis padrões e/ou relacionamentos entre aqueles que integram o contexto de análise. Além disso, descarrega informações dos currículos de um grupo de pessoas de interesse, removendo dados duplicados, compila as listas de suas produções bibliográficas, produções técnicas, produções artísticas, orientações, projetos de pesquisa e redes de coautoria (MENA-CHALCO; CESAR-JR, 2013).

Resultados e Discussão

Como resultado de leitura e extração dos dados da Plataforma *Lattes*, para os 16 grupos de pesquisa, previamente identificados, levantamos todas as produções realizadas por eles, no período de 2015 a 2018. Neste processo, 333 currículos/pesquisadores foram identificados e analisados. Os resultados preliminares nos mostram que 220 pesquisadores realizaram algum tipo de produção, independente se em regime de coautoria ou não. A maioria deles, cerca de 48%, produziram até três itens no interstício analisado, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1: Produções no GESTEC, 2015 - 2018.
Resultados Preliminares

Número de produções no período	Nr Pesquisadores	%	Média anual por Pesquisador
Entre 1 e 3	104	47,3%	0,5
Entre 4 e 5	30	13,6%	1,1
Entre 6 e 10	31	14,1%	2,0
Entre 11 e 20	31	14,1%	3,5
Entre 21 e 50	17	7,7%	7,0
Acima de 50	7	3,2%	18,8
Prod Bibliográficas	220	100,0%	2,3
Nenhuma produção	107		

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Ainda em relação a tabela 1, dos 24 pesquisadores que registraram mais de 20 produções no período, 60% deles faz parte do corpo docente do GESTEC. Em relação aos sete pesquisadores que realizaram mais de 50 produções no período, quatro deles foram discentes do GESTEC e continuam atuando em seus grupos de pesquisa. A figura 1 nos permite confirmar esta informação, quando observamos que em seu miolo é que se concentram os pesquisadores com mais conexões.

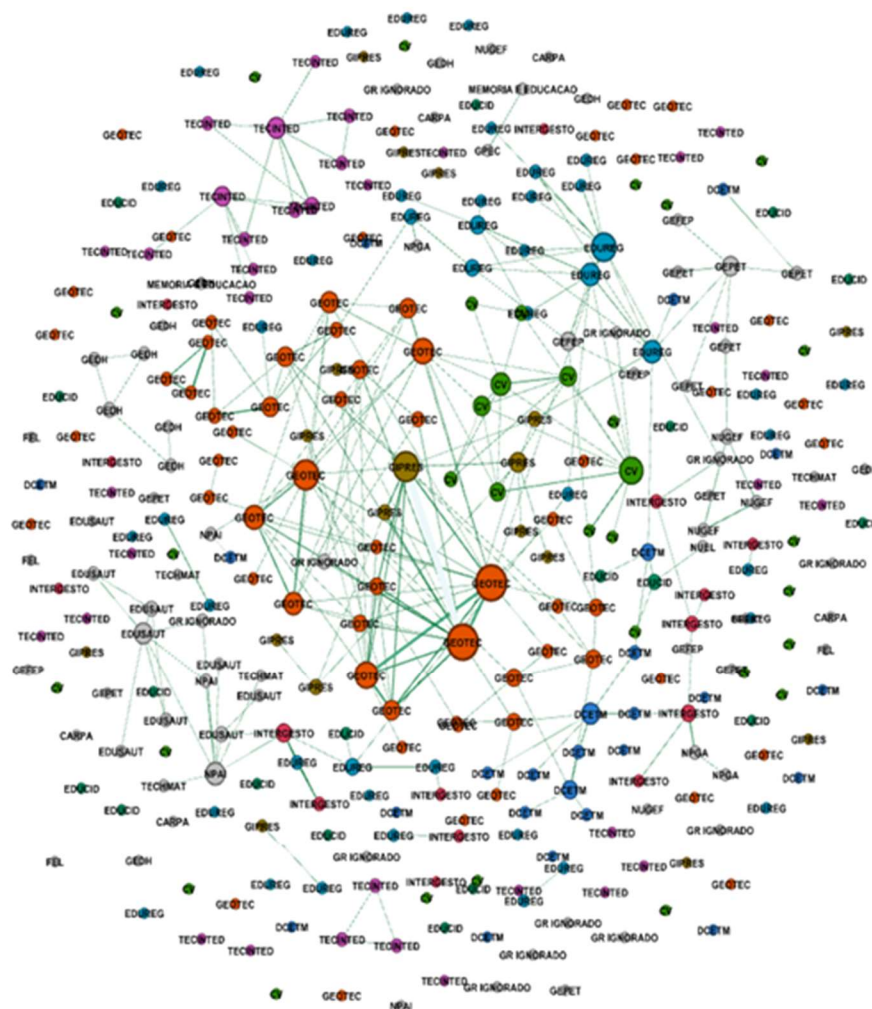


Figura 1: Tessitura da Rede de Pesquisa do Gestec – Visão Geral

Fonte: Sítio do GESTEC; DGP-CNPQ; Plataforma *lattes* (Elaborado pelo Autor)

Na análise da figura 1, podemos perceber um significativo número de pesquisadores sem qualquer conexão, mostrando baixa densidade da rede. Vale salientar que, neste caso, a baixa densidade, ou pouca conexão entre os nós, significa ausência de produção em regime de coautoria. O cálculo da medida de densidade da rede, corrobora com a análise visual, e nos

mostra o quão pouco densa ela está, uma vez que seu resultado foi de 0,005, lembrando que quanto mais próximo de 1,00 o resultado, mais densa é a rede analisada.

Conclusões

Ao aplicarmos algumas técnicas de ARS e analisar a rede de produção acadêmica do GESTEC, nossos resultados preliminares são de que a rede se mostrou particionada, em pequenas comunidades, embora ainda tenhamos um núcleo que congrega uma significativa quantidade de nós. Contudo, a maioria desses nós pertencem a um mesmo grupo de pesquisa – GEOTEC –, o qual poderíamos caracterizá-lo como um grande *hub* da rede de produções do GESTEC.

Esses resultados nos remetem a reflexões quanto ao tempo de associação que os pesquisadores levam até conseguirem construir laços fortes e interesses comuns entre seus pares, uma vez que foi possível constatar que aqueles que “produzem mais” possuem maior tempo de associação a seus grupos de pesquisa. Este cenário nos remete à necessidade de aumentarmos o tempo de permanência desses pesquisadores em seus respectivos grupos, de preferência realizando e desenvolvendo atividades de integração com aqueles que possuam maior experiência nas atividades do grupo.

Neste sentido, acreditamos que um ambiente virtual para aqueles interessados em investigações, envolvendo as categorias alinhadas aos eixos temáticos dos grupos, pode propiciar à comunidade acadêmica, prioritariamente aos interessados no campo da Educação e, principalmente, já que este é o nosso interesse, para os grupos de pesquisa do GESTEC, a intensificação das produções em regime de coautoria, viabilizando tanto o fomento de novas conexões, quanto a ampliação daquelas que já existem.

REFERÊNCIAS

BARABÁSI, A.-L. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life.** 2003 Penguin Group, 2002.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties.** *American journal of sociology*, v. 78, n. 6, 1973.

MENA-CHALCO, J. P.; CESAR-JR, R. M. **Prospecção de dados acadêmicos de currículos Lattes através de scriptLattes.** São Carlos: Pedro & João Editores., 2013.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online.** [Ebook] EDUFBA, 2017.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; CHIARA, I. G. D. **Das redes sociais à inovação.** *Ciência da Informação*, v. 34, n. 2, 2005.



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: OS NOVOS ESTIGMAS

Nadilson Ribeiro de Siqueira¹
Maria Auxiliadora Ribeiro Silva²
Marta dos Santos Moreira³

Eixo – Representações Socioespaciais, Educação e Sustentabilidade

Resumo

O objetivo desse breve texto é apresentar o atual panorama marginalizador dos Movimentos Sociais, entre eles, o do Movimento de Luta por Moradia (MLM). Para tanto, será usada, como metodologia, a análise das Representações Sociais sobre Educação Popular do MLM em comparação às declarações do atual Presidente da República. Para melhor compreensão do leitor, esse texto se organiza em breves considerações sobre a relação Movimentos Sociais-Governo, em dois momentos distintos: sob a vigência de um Governo de esquerda e a implantação do Programa Minha Casa Minha Vida e, atualmente, sob as novas diretrizes propostas pelo atual Governo Federal.

Palavras-chave: Movimento de Luta por Moradia. Educação Popular, Representações Sociais.

Introdução

Em 2003 foi criado o Ministério das Cidades possibilitando um maior debate sobre as políticas habitacionais brasileiras, já que uma nova estrutura possibilitava a atuação mais direta dos Movimentos Sociais. O Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS), o Fundo de Arrendamento Residencial, (FAR), o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, (FNHIS), o Conselho Nacional das Cidades (CONCIDADES) e uma série de leis decorrentes da nova proposta de gestão do espaço urbano criaram um marco importante para o enfrentamento do déficit habitacional, e acenaram com a possibilidade de, em pouco tempo, reduzir para patamares admissíveis, a grande quantidade de famílias sem imóveis para

¹UNEB; Mestre; nadilsonarquitecto@gmail.com.

²CAIRU; Mestre; dodora.ribeiro@hotmail.com

³UNEB; Especialista; mmpedagoga@hotmail.com

morar, ou em condições sub-humanas de moradia: o objetivo do Ministério das Cidades era o de zerar esse déficit até 2023 que, segundo a Revista Brasileira de Habitação (2011), alcançou um total de 7,2 milhões de moradias em 2007 (Figura). Entretanto, o Censo Demográfico de 2010 e dados do Ministério das Cidades mostraram que, a despeito dos avanços neste campo, ainda persistiam números preocupantes.

O PMCMV passou a representar o caminho de acesso à casa própria para os Sem-teto, alinhados ou não com o Governo, criando uma nova etapa na discussão a respeito do direito de morar e à cidade. Esta estrutura administrativa passou a contemplar o entendimento de déficit de moradia dos Sem-Teto, não circunscrito apenas à capacidade de aquisição de uma unidade habitacional, mas também outros direitos do cidadão urbano, como serviços essenciais a sua permanência nos locais da nova habitação. De fato, as novas propostas para a habitação popular do Governo Federal também criaram instrumentos para ampliar a participação do povo nos debates a respeito da cidade e da moradia, por meio de eventos municipais, estaduais e federais, como fóruns e Conselhos, que trouxeram elementos como a segurança, transporte e educação para a pauta. A nova moradia tende a ser distante dos centros abastecidos por serviços essenciais e equipamentos urbanos, posto que o custo do solo é mais baixo e impacta significativamente no lucro final do construtor, encarregado da entrega dos espaço construído. Para Campos (2011, p. 23):

A maioria dos empreendimentos está localizada ao ermo, desligado do cotidiano urbano, são conjuntos isolados, não só pela distância do centro, mas pela ausência de elementos caracterizantes de cidade: comércio, vida noturna, postos de trabalho, lazer. São por isso núcleos residenciais isolados, fragmentos de bairro, são assim espaços não urbanos, negação à Cidade.

Uma preocupação constante do MLM sempre foi o de se fazer representar por membros capazes de articularem as demandas dos movimentos com as decisões políticas, além de conscientizarem seus integrantes sobre a importância da participação nos debates e construção de políticas públicas. Com esse propósito, foi criado o Conselho das Cidades, pelo Decreto Nº 5.031, de 2 de Abril de 2004.

O então presidente do Conselho das Cidades, Olívio Dutra, destaca a importância da participação popular e denuncia privilégio dado pelo Estado às elites urbanas:

A participação da sociedade na formulação das políticas públicas rompe com o tratamento desrespeitoso, que foi dado até então, à população em geral, aos estados e

municípios e que produziram um Estado generoso às elites e perverso a milhões de pessoas, além de criar cidades desumanas – com famílias sem moradia, moradias sem endereço, saneamento e segurança, comunidades sem serviços públicos.(Cartilha do Conselho das Cidades, 2004)

É verdade que as discordâncias e divergências políticas-ideológicas preexistem e coexistem à luta pelo direito de morar e são frutos e as causas de tensões internas (dentro do grupo de Sem-teto) e externas (entre os Sem-teto e o Estado) florescidas e/ou potencializadas nas dinâmicas dos movimentos. Porém, com a mudança no cenário político a partir da saída da presidente Dilma Rousseff e a ascensão do Governo Liberal-Conservador do Presidente Jair Bolsonaro, não apenas esse diálogo ficou prejudicado, mas também pôs em marcha uma política de restrição ao debate e criminalização dos Movimentos Sociais.

Este trabalho apresenta as expectativas do MLM de Salvador no campo da educação, elaboradas com base nos integrantes deste importante movimento e, ao mesmo tempo, os discursos de marginalização que foram produzidos desde a campanha eleitoral de 2018. Este confronto tem, por objetivo, denunciar o desconhecimento de quem estigmatiza a luta por direitos, além de propor reflexões sobre o futuro dos movimentos sociais, da educação popular e das representações sociais sobre as reivindicações por moradia, trabalhadas no sentido de isolar ainda mais os já excluídos do espaço urbano.

Metodologia

Buscou-se identificar qual a Representação Social que as lideranças do Movimento de Luta por Moradia de Salvador, Bahia, bem como os seus liderados, possuem sobre Educação Popular. Como resultado, é possível ilustrar os principais pontos identificados nos três maiores grupos de associados do Movimento de Luta por Moradia, MLM, de Salvador, conforme figura abaixo (Figura 1):



Figura 1: Categorias do MLM para Educação Popular.

Fonte: Pesquisa, 2016.

O MLM estruturaram suas associações, desenvolvendo ações em Educação Popular capazes de fortalecer o grupo social por um interesse comum (geração de emprego e renda, educação de jovens e adultos, história e política) e manter os sujeitos conscientes de seu papel político. Como afirma o líder de uma das associações pesquisadas, Manuel Faustino:

“Educação Popular é o eixo e o pilar principal da nossa ação política. Por quê? Porque a gente trabalha consciências. Não dá pra você trabalhar consciências sem você partir de um processo educativo. A gente quer educar as pessoas na perspectiva, primeiro: de que ela se sinta sujeito desse processo educacional. Segundo: esse sujeito tem que ser um sujeito transformador. E essa educação, necessariamente, precisa ser contra hegemônica.” (SIQUEIRA, 2016, P 73)

Em outro polo, podemos perceber a desvirtuação de conceitos constitucionais como Direito à Moradia, Função Social da Propriedade e dignidade humana nas palavras do atual presidente da República, em passagens circulantes. Em palestra ocorrida na Associação Comercial do Rio, o então deputado Jair Bolsonaro e pré-candidato do PSL à Presidência, foi ovacionado por cerca de 300 empresários ao se manifestar contra os movimentos sociais (MST e MTST) com frases como: “marginais que devem ser tratados como terroristas”. “A propriedade privada é sagrada. Temos que tipificar como terroristas as ações desses marginais. Invadiu? É chumbo!” (AGÊNCIA ESTADO, 2018).

Resultados e Discussão

Percebe-se um amadurecimento dos Movimentos Sociais no sentido de uma autonomia organizacional, de uma diversidade de reivindicações e de um posicionamento político definido. Dessa forma, a relação Movimentos Sociais e a Educação Popular, mesmo com formatos diferentes daqueles originais, atuam na formação do sujeito, tornando-o participante ativo das decisões de sua vida, da vida dos outros e na luta pela manutenção dos ideais populares e democráticos. A educação informal, o meio-ambiente, acessibilidade e os relacionamentos sociais estão presentes nas práticas de Educação Popular, mostrando a existência de uma dinâmica para além do ato de reivindicar políticas públicas de moradia.

Por outro lado, fica evidenciada a agressividade com que o discurso do atual Presidente trata sobre os direitos sociais, desconsiderando análises mais agudas e menos apressadas. Em curso, o Governo se aparelha no sentido da desconstrução das organizações populares, buscando assim, enfraquecer bases políticas que possam reerguer a esquerda

política e, assim, ameaçar o poder atual. Trata-se de criar uma representação social dos Movimentos sociais fortemente estruturadas em torno das ideias de oportunismos e saques.

Conclusões

A partir dos dados apresentados pelas lideranças dos Movimentos Sociais, entende-se que as primeiras sementes plantadas na década de 50, em processos de alfabetização de jovens e adultos, com bases nos ideais freirianos de emancipação e de luta contra-hegemônica, e que contribuíram para a Educação Popular, renderam impactos na estrutura social e política do Brasil. Atualmente, o Movimento Social apresenta uma diversidade de bandeiras e de formas de lutas. É inegável que o pensamento crítico e o nível de consciência histórica adquiriram impactaram os grupos populares excluídos, como os Sem-Teto. Historicamente, tiveram apoio nas formas de se organizarem mesmo que suas reivindicações não tivessem atendimento satisfatório.

Entretanto, cerrar os diálogos, excluir ainda mais os já excluídos e, pior, criar uma Representação Social marginalizadora sobre um grupo carente que tenta ter direitos legais atendidos e sofrimentos minimizados, não pode ser entendido como prática de Governo democrático. Estas posturas têm sido reveladas pelas recentes manifestações da presidência da República e políticas públicas propostas, com o aval de um grande número de apoiadores.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, W. M. **A promoção estatal da habitação e o direito à cidade: o PMCMV e a produção habitacional na Bahia.** Seminário Urbanismo na Bahia - Direito à Cidade, Cidade do Direito – UFBA 2011. **Anais...** Salvador: UrbBA, 2011.
- BRASIL, **CARTILHA DO CONSELHO DAS CIDADES**, Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/cartilha-conselho-das-cidades.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2019.
- SIQUEIRA, N.R. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCAÇÃO POPULAR: contribuições de uma plataforma virtual colaborativa para o movimento de luta por moradia de Salvador.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Salvador, 2016. Disponível em: < <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2018/09/Mestrado-de-nadilson-final.pdf> > Acesso em 05 de abril 2019.
- VEJA RIO. **BOLSONARO DEFENTE ATAQUES À BALA EM PALESTRA NO RIO.** 2018. Disponível em < <https://vejario.abril.com.br/cidades/bolsonaro-defende-ataques-a-bala-a-movimentos-sociais-em-palestra/>> Acesso: 04 de maio de 2019.



Realização:



Apoio:

